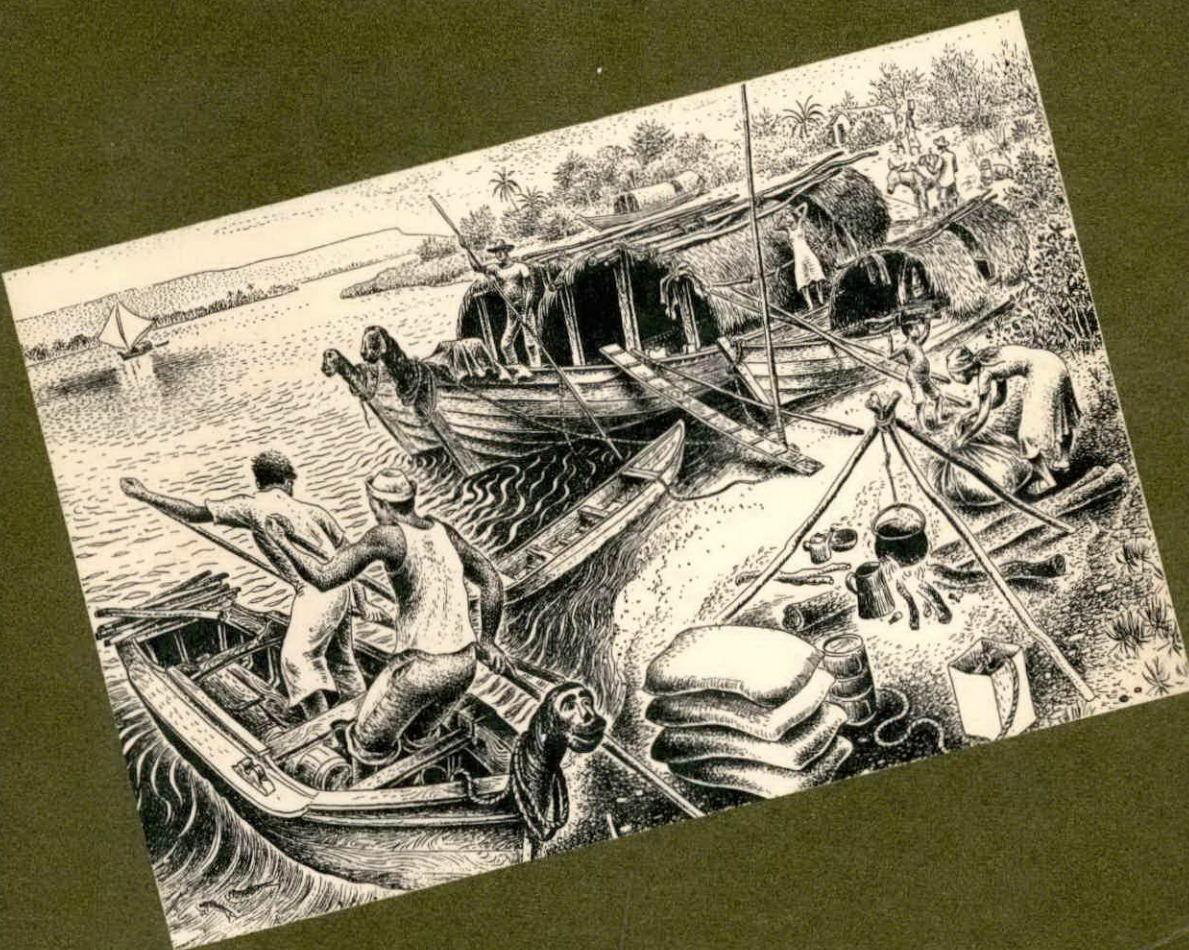


DONALD PIERSON



# O HOMEM NO VALE DO SÃO FRANCISCO

tomo III



MINISTÉRIO DO INTERIOR

**SUPERINTENDÊNCIA DO VALE DO SÃO FRANCISCO (SUVALE)**

RIO DE JANEIRO, 1972



ALGUNS DADOS SOBRE  
O AUTOR

Nascido em 1900 na cidade de Indianapolis, Estado de Indiana, o autor passou grande parte de sua infância no Estado de Kansas, para onde seus pais haviam transferido residência. Nesse Estado fez os treze anos dos cursos primário e secundário, graduando-se, em 1927, Bacharel em Artes Liberais (AB) pelo *College of Emporia*, com especialidades em psicologia, literatura e história. Então, ingressou no curso de pós-graduação da Universidade de Chicago, onde, após cinco anos, recebeu o grau de Mestre de Artes Liberais (MA) em 1933, e depois o de Doutor em Filosofia (Ph.D) em 1939, com especialização em sociologia e antropologia social. Dentre seus notáveis mestres estavam os conhecidos professores Robert E. Park, George Herbert Mead, A. R. Radcliffe-Brown (Inglaterra), Ernest W. Burgess, Robert Redfield, Herbert Blumer e William F. Ogburn. Para a conquista desses títulos, o Prof. Donald Pierson teve que trabalhar para custear seus estudos, como empregado de laboratório, e depois, como professor. Em 1929 casou-se com a Sra. Helen Joy Batchelor, dedicada companheira e assistente, que, desde então, tornou-se sua devotada secretária.

Sob os auspícios da Universidade de Chicago, em 1935, foi com sua esposa à Bahia, onde pesquisou relações raciais, do que resultou a publicação, em 1942, de seu livro "*Negroes in Brazil: A Study of Race Contact at Bahia*", que recebeu o prêmio Anisfield como "o melhor livro científico do ano no campo de relações raciais". Em 1945 a Cia. Editora Nacional o publicou no Brasil, com o título de "*Branços e Pretos na Bahia, Estudo de Contacto Racial*", saindo a segunda edição em 1971.

De 1937 a 1939 deu, com seu antigo mestre Robert E. Park, um curso da especialidade na Universidade de Fisk, Nashville, Estado de Tennessee. Em 1939 foi convidado a trabalhar na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, onde permaneceu 16 anos lecionando sociologia e antropologia social. Fez pesquisas na capital e no interior, supervisionou a tradução de artigos e livros para uso didático, e depois, para a "Biblioteca de Ciências Sociais", da Livraria Martins, que dirigiu durante vários anos. Também organizou e dirigiu o Departamento daquelas ciências e a Divisão de Estudos Pós-Graduados, talvez a primeira em ciências sociais criada no Brasil; dirigiu a revista *Sociologia* e deu aulas no Rio, em Belo Horizonte e outras cidades.

De 1945 a 1952 dirigiu junto à Escola de Sociologia e Política de São Paulo, o programa de pesquisas do Instituto de Antropologia Social da *Smithsonian Institution de Washington*, do que resultou a publicação de novo livro "*Cruz das Almas: A Brazilian Village*" publicado em inglês, por aquele Instituto, em 1951, e depois,



**BIBLIOTECA GERALDO ROCHA**

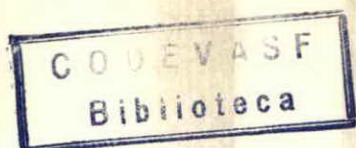
Código: 920

Tombamento: 80014849

Patrimônio:

0: 23 1 043.003.00





# O HOMEM NO VALE DO SÃO FRANCISCO

Por DONALD PIERSON

Com a colaboração de Alceu Maynard Araújo, Alfonso Trujillo Ferrari, Esdras Borges Costa, Fernando Altenfelder Silva, Levy Cruz, Octávio da Costa Eduardo e outros.

308(282.281.5)

P624h

t.3

(Em 3 Tomos)

Tomo III

Tradução  
de  
Ruy Jungmann

Rio de Janeiro — 1972

CODEVASF  
Biblioteca

REG.

104

Data

11-03-75

CFFI-376



## TÁBUA DE MATÉRIAS

|                        | Página |
|------------------------|--------|
| Lista de Quadros ..... | VI     |
| Nota Preliminar .....  | VII    |

### A. SOCIEDADE E CULTURA

|                                           |     |
|-------------------------------------------|-----|
| I. Etiqueta .....                         | 5   |
| II. Família, Parentesco e Compadrio ..... | 29  |
| III. Rituais, Cerimônias e Crenças .....  | 67  |
| IV. Comportamento Político .....          | 245 |

### B. CICLO VITAL DO INDIVÍDUO

|                                                    |     |
|----------------------------------------------------|-----|
| V. Nascimento e Infância .....                     | 295 |
| VI. Preparação Formal e Informal para a Vida ..... | 321 |
| VII. Namoro, Casamento e Paternidade .....         | 403 |
| VIII. Morte, Funerais e Luto .....                 | 433 |

### C. SUMÁRIO E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

|                                            |     |
|--------------------------------------------|-----|
| IX. O Homem no Vale do São Francisco ..... | 445 |
|--------------------------------------------|-----|

### D. APÊNDICE

|                                                     |     |
|-----------------------------------------------------|-----|
| Algumas Sugestões sobre o Planejamento Social ..... | 471 |
| Bibliografia .....                                  | 479 |
| Índice Analítico .....                              | 489 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                                                                         | Página |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|
| 1. Número e parentesco de membros de uma família conhecidos da informante, Estado da Bahia, 1950 .....                                  | 53     |
| 2. Pessoas de 5 anos ou mais que sabem ler e escrever, distribuídas por sexo e lugar de residência, município de Cerrado, em 1950 ..... | 343    |
| 3. Crianças de 5 a 14 anos de idade que sabem ler e escrever, município de Cerrado, 1950 .....                                          | 344    |
| 4. Percentagem de analfabetos, por grupos de idade, vilarejo de Cuscuzeiro, 1953 .....                                                  | 346    |
| 5. Distribuição, por grau de curso e sexo, de 1.980 escolares em seis cidades, Vale do São Francisco, 1950 .....                        | 348    |

## NOTA PRELIMINAR

No Tomo I deste estudo dedicamos atenção ao caráter físico do Vale do São Francisco e lhe esboçamos, em rápidas pinceladas, o passado histórico, do qual deriva o presente. Foram igualmente descritos em detalhes cinco pares de localidades estudadas, pelo sistema de amostragem, por nossos pesquisadores. No Tomo III passamos em revista as características gerais da população, bem como outros aspectos da ecologia, incluindo os meios de subsistência. No presente Tomo, estudaremos certos aspectos básicos da ordem social e da cultura, não esquecendo o ciclo vital do indivíduo.

Os dados empíricos em que se apóiam estes Tomos foram coligidos em duas viagens de pesquisas realizadas pelo Vale, das cabeceiras do rio até o mar, a primeira no início de nossos estudos e, a segunda, oito anos depois, mais ou menos na época da preparação dos vários manuscritos. Durante o intervalo — conforme delineado em maiores detalhes no Tomo I — pesquisa sistemática foi realizada nos cinco pares de localidades mencionadas acima: o primeiro na região do Alto São Francisco; o segundo no Planalto Ocidental da Bahia, na parte superior do curso Médio; o terceiro na região inferior desse imenso Médio São Francisco; o quarto na Seção Norte das Corredeiras; e o quinto no vasto Baixo São Francisco, não muito distante do mar. Em cada par de localidades, uma foi escolhida porque nela a vida continuava em moldes muito semelhantes aos de décadas passadas; a segunda, em virtude da incipiente mudança social. Em todas as localidades, observações sistemáticas e entrevistas foram realizadas durante pelo menos seis meses, em alguns casos em épocas diferentes, distribuídas num período de um a dois anos.

Esta série de monografias, por conseguinte, é produto de um empreendimento conjunto, norteador por duas finalidades: em pri-



meio lugar, a realização efetiva da pesquisa; e, ao mesmo tempo, o treinamento ulterior de pessoal sob a direção de pesquisadores mais amadurecidos que haviam sido anteriormente preparados, ou completavam o treinamento na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Houve, igualmente, colaboração em dois outros aspectos. Enquanto a referida escola, sob a esclarecida direção de Cyro Berlinck, contribuía com instalações burocráticas e os serviços de diversos jovens professores, assistentes de pesquisas e datilógrafas, e o Instituto de Antropologia Social da Instituição Smithsonian — que na ocasião realizava, sob a supervisão do autor, um programa conjunto de pesquisas e treinamento em pesquisas na Escola, custeava-lhe os serviços e as despesas, a antiga CVSF, organismo do Governo Federal brasileiro, responsabilizava-se ou contribuía para o custeio das despesas de nossos pesquisadores e, com espírito de generosidade, chamava a si a publicação das monografias que viessem a ser preparadas em conexão com estes estudos.

Por grande parte dos dados constantes destes três tomos, o autor manifesta sua gratidão ao quadro de pesquisa, cumprindo mencionar o Professor Esdras Borges Costa e os alunos que trabalharam sob sua supervisão em Cerrado e Retiro; o Professor Levy Cruz e seu grupo de pesquisas em Rio Rico e nos Gerais; o Professor Fernando Altenfelder Silva e seus pesquisadores em Pesqueira e Marrecas; o Professor Octávio da Costa Eduardo e seus auxiliares em Sertão Novo e Ilha do Toré; e o Professor Alfonso Trujillo Ferrari, cujas atividades se desenrolaram em Cuzcozeiro. Entre outros colaboradores deste projeto, conforme indicado em maiores detalhes do Tomo I, figuraram os professores Cândido Procópio Ferreira de Camargo, da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, William D. Hohenthal, Jr. do San Francisco State College, e João Dornas Filho, de Belo Horizonte. No que interessa aos presentes volumes, contudo, somente o autor é responsável por qualquer inadequação ou imprecisão que o leitor porventura venha a notar.

No tocante a esta série de estudos, será talvez útil destacar dois fatos que, infelizmente, nem sempre são bem compreendidos. Em primeiro lugar, o cientista social busca tão-somente descrever e analisar a realidade social e, às vezes, se possível — o que constitui empreendimento muito mais difícil em virtude do caráter ainda pioneiro de nossa disciplina — explicá-la. Ao contrário de

outros especialistas, que usam procedimentos próprios e talvez inteiramente legítimos, o cientista social, para seguir fielmente os cânones de sua profissão, nem aprova nem desaprova, nem admira nem critica, nem elogia nem reprova, nem enaltece nem condena. Ao contrário, retrata simplesmente, de modo tão simples e compreensível quanto possível, o que parece ser a realidade social sob observação.

Em segundo lugar, a fim de expor mais vivida e, às vezes, mais dramaticamente ao leitor a realidade descrita e analisada, são citadas as palavras realmente pronunciadas pelos informantes. Deve ficar claro, no entanto, que isto se faz meramente para esclarecer um ponto. De modo algum a citação de determinada observação indica ter ela merecido a aprovação ou desaprovação do cientista social. Procura ele apenas, tanto quanto humanamente possível, ser um repórter imparcial.

Demais disso, não se deve generalizar com excessiva ligeireza a partir da maior parte dos dados aqui apresentados. Conquanto a vida no Vale seja, predominantemente, a de folk rural e se imponha, em consequência, descrever-lhes em detalhe as atitudes e comportamento coletivo, é preciso compreender que aspectos de caráter mais urbano e sofisticado existem também, aqui e ali na região, e talvez agora, de forma crescente.

DONALD PIERSON

O HOMEM NO VALE  
DO SÃO FRANCISCO



# A — SOCIEDADE E CULTURA

## capítulo I

### ETIQUETA

Segundo uma definição, a etiqueta consiste “nas normas de conduta observadas em sociedade polida ou no intercâmbio profissional ou oficial; ou formas de comportamento exigidas pela boa educação ou pela convenção.”<sup>1</sup> Da forma aqui usada, a etiqueta prende-se mais ao último significado, isto é, refere-se aos atos esperados de pessoas, em *todas* as camadas da população local, no que interessa à cortesia, polidez, civilidade, “refinamento de maneiras,” e capacidade de mostrar-se obsequioso e atencioso para com os demais, da forma como tais características são definidas localmente.

Muito embora poucos estudos da etiqueta tenham sido feitos por analistas competentes, trata-se de uma das formas mais poderosas de controle social. Isto porque comportar-se o indivíduo de modo a impressionar seus companheiros como possuidor de “bom bêrço” — ou, conforme se diz no Vale e em outras regiões do Brasil, ter “boa educação” — é motivo de elogios quase gerais. E não fazê-lo — ou, como se diz, manifestar “falta de educação” — enseja condenação quase completa.

De um ponto de vista funcional, a significação social da etiqueta reside no fato de permitir ao indivíduo agir com relação a outras pessoas não apenas de maneira aceitável, mas efetiva, e, sobretudo, quando trava conhecimento com elas, ou quando, por outro motivo, não sabe como agir. Reciprocamente, a ignorância da etiqueta local pode tornar o estranho socialmente ineficaz a ponto de ser expulso do grupo, como ocorreu em São Paulo em um caso que o autor teve oportunidade de observar (ver Pierson: 197-199).

A “boa educação” consiste em saber a maneira de comportar-se em determinadas situações da maneira prescrita pelo grupo, e de agir de acordo com ela. *Algumas* dessas expectativas são mais explícitas do que outras e mais rigidamente exigidas pelos associados do indivíduo. Mas são todas levadas em conta quando se

1. *The Winston Simplified Dictionary.*

conclui se determinado indivíduo é “bem educado” ou não. As expectativas variam também um pouco de acordo com os subgrupos da população local. No Vale, porém, seus elementos são geralmente esperados de todos na comunidade. Em toda a população, conforme observado, por exemplo, em Cerrado, na bacia do Alto São Francisco, as pessoas consideradas “bem educadas” desfrutam de mais prestígio do que as julgadas “mal educadas”, ou “caipiras”, como são também chamadas depreciativamente, sendo as segundas submetidas ao ridículo e mesmo a atos de oposição de parte dos que se consideram ofendidos pela “falta de educação.”

Básica ao esperado comportamento a este respeito é a demonstração de genuína cortesia e polidez em todas as relações pessoais, incluindo aquelas com pessoas de status inferior e com estranhos. Este padrão, como de resto todas as expectativas de comportamento,<sup>2</sup> talvez nem sempre seja observado e, conforme indicado, varia algo com a classe e, até certo ponto, com os indivíduos. Mas é de modo geral evidente no Vale com notável clareza e, entre os mais cuidadosos a esse respeito, até mesmo o que algumas pessoas poderiam considerar uma forma extrema.

A cortesia e polidez levadas a uma extensão que alguns poderiam considerar extrema constituem meramente “a transposição para a etiqueta do respeito pela dignidade pessoal,” que Bertrand Russell notou entre os chineses, relacionando-se muito de perto com o “salvar as aparências.” De fato, parece que cabe muito bem a respeito dos habitantes do Vale do São Francisco o que Russell escreveu sobre os chineses há algumas décadas: “Todos possuem uma “aparência”, até mesmo o mendigo mais humilde. Há humilhações que, em hipótese alguma, podemos infligir-lhes se não quisermos ultrajar o... código ético. Se falarmos a um chinês de um modo que transgride o código, ele ri por que as nossas palavras terão que ser tomadas como em tom de brincadeira, pois de outra forma seriam consideradas como ofensas.”

“Certa vez,” prossegue Russel, “pensei que os alunos a quem dava aula não eram tão diligentes como deveriam e disse-lhes exatamente isso nas mesmas palavras que teria usado com estudantes ingleses em idênticas circunstâncias. Logo depois, porém, descobri que cometera um erro. Todos riram a contragosto, o que me surpreendeu até que percebi o motivo. A vida chinesa, mesmo entre os mais modernizados, é muito mais polida do que aquilo a que qualquer de nós (nas Ilhas Britânicas) estamos acostumados.”<sup>3</sup>

2. Ver “Expectativas de Comportamento”, Capítulo XVIII, Pierson, 1957:237-46.

3. Poder-se-ia dizer ainda dos habitantes da Bacia do São Francisco o que Russell disse ainda dos chineses há alguns anos: “Isto, naturalmente, interfere na eficiência e, igualmente (o que é mais grave) na sinceridade e na verdade nas relações pessoais” (ver *Selected Papers of Bertrand Russell*, New York: Modern Library, 1927:231-32).



Embora haja e tenha havido algumas pequenas variações em diferentes partes do Vale, este padrão de cortesia e polidez foi geralmente observado no passado. St. Hilaire, por exemplo, consigna (1944:135-36) que durante sua estada em Sabará em 1817, os "principais moradores" eram "de uma polidez perfeita e tinham modos distintos."

### *Hospitalidade*

Estreitamente relacionado com o padrão de cortesia e polidez nota-se alto grau de hospitalidade das pessoas do Vale (como, de fato, em todo o Brasil), lembrando as tradições árabes introduzidas há muitos séculos na Península Ibérica. Wells, por exemplo, fazendo o levantamento do baixo Paraopeba em 1873, escreve que (I:266) "fui em toda parte recebido com civilidade, sendo-me geralmente oferecido logo em seguida um café ou uma tijela de leite." Registrou também (II:2, 3, 4) que ao chegar à fazenda Mocambo, nas proximidades de Januária, encontrou na "varanda agradavelmente sombreada" da casa de dois andares da fazenda, "um velho cavalheiro vestido de roupão... sentado numa cadeira de balanço." Solicitou permissão para falar com o proprietário, ao que o homem respondeu: "É o seu criado." Acrescenta Wells: "O idoso cavalheiro pediu-nos que desmontássemos e entrássemos... Corteizmente, desculpou-se por não se levantar da cadeira, dizendo, 'Sou muito velho e doente'... embora, com um bondoso sorriso, expressasse o prazer de receber-nos. Acrescentando que as pobres acomodações de sua casa estavam à nossa disposição, bateu palmas e ordenou aos escravos que levassem os animais. Como é comum na maior parte das melhores fazendas da região, tivemos permissão de pagar apenas o milho consumido pelos animais."

Este padrão de hospitalidade era característico da época, como ainda hoje, mesmo entre as famílias mais humildes. Nas proximidades de Santa Quitéria, no Alto São Francisco, perdera Wells o caminho dois anos antes. Chegando à noite a um local onde o rio era atravessado por uma rústica barca, gritou para os moradores de uma casa na outra margem: "Por favor, ponham uma luz no vau." "Uma luz (logo) apareceu a alguma distância," escreve ele. "Seguindo em sua direção, encontrei um velho junto da passagem. Depois de cruzar o rio, expliquei-lhe que não conseguira encontrar a estrada. Sem outra palavra, o velho cavalheiro levou minha mula até a porta, segurou-me o estribo e pediu-me para 'apear e honrar sua pobre residência com minha presença'... Do lado de dentro, acocorada sobre uma pele ao lado de um fogo de gravetos no chão da casa, encontrava-se a esposa do velho, a qual, ao ver-me, levantou-se e fez-me uma mesura, como se eu entrasse em sua sala de visitas. O Senhor Inácio obrigou-me gen-

tilmente a entrar enquanto se encarregava da mula, tirava-lhe os arreios, punha-a no laço e dava-lhe milho. Desculpei-me com a velha senhora pela intrusão e manifestei a esperança de que não lhe causaria grande incômodo se descansasse um pouco sobre o couro ao lado do fogo. 'Ah, Senhor Doutô, o senhor chegou a casa de um homem pobre, mas o senhor é muito bem-vindo a tudo que ela tem,' disse a velha, acompanhando as palavras com outra medida. O velho entrou logo em seguida e depois de manifestar o prazer e a satisfação que sentia ao receber-me, iniciou profusas desculpas pela pobreza da residência e, em seguida, o que foi melhor, dispôs-se a arranjar-me algo para comer."

"Não tinha muito a oferecer, apenas um pedaço de carne seca enfiada num espeto e assada sobre o fogo, algumas raízes de mandioca colocadas entre os tições, uma grande cabaça de leite, e farinha. Mas foram oferecidos com bondade e hospitalidade tão francas e autênticas que, por isso mesmo, foram ainda mais apreciadas."<sup>4</sup>

Atualmente, em Passagem Grande, no Baixo São Francisco, uma prova de atenção especial e de gentileza dada ao recém-chegado à comunidade consiste em convidá-lo para uma refeição em casa ou, de parte dos abastados, para visitar-lhes a fazenda, desde que a distância delas da cidade geralmente implica a necessidade de passar a noite como convidado do proprietário. Se alguém almoça na presença de outra pessoa, espera-se que ofereça uma parte do que come, embora, neste caso, ao contrário do convite mais formal, não constitua insulto se o outro declina, contanto que o faça com cortesia ou outra forma de respeito. Ao receberem dois homens o oferecimento de um lanche certo dia, um deles aceitou e o outro declinou. O segundo, porém, disse com evidente sinal de cortesia: "Agradecido, senhor!"<sup>5</sup>

Uma pessoa em Passagem Grande considerada "bem educada," e no particular também, em outros locais, geralmente convida para entrar o amigo que por acaso passa em frente de sua casa. Correspondentemente, o amigo em questão, se espera ser consi-

4. I:184-85. Este costume, contudo, é ocasionalmente mais observado na forma do que na substância. Ao chegar a Santa Rita, na região noroeste do Vale, consignou Wells: (II:84-85): "Visitei o Juiz de Direito, a quem entreguei uma carta de apresentação. Encontrei esse cavalheiro em *deshabillé*... numa rede armada na sala da frente de tijolo, que tinha ainda como mobília um sofá de junco e duas inevitáveis cadeiras do mesmo material colocadas em ângulos retos com o sofá em cada extremidade, outras cadeiras de junco, duas mesas, uns poucos vasos de vidro, e uma pequena biblioteca de trabalhos legais e franceses. O doutor... levantou-se cansadamente, e bocejando pediu-me que sentasse 'a seu gosto' enquanto lia minha carta. 'Sim, Senhor, tudo que eu puder fazer pelo senhor será um prazer. Estou às suas ordens'. Tendo dito isso, recaiu no cansaço e na rede, evidentemente pensando ter feito tudo que era necessário. Em resposta a meus pedidos de informação sobre vários assuntos, simplesmente bocejou desanimado e disse nada conhecer a respeito, embora sugerisse um ou dois homens na cidade que poderiam informar-me. Pensei que seria melhor aliviar o doutor de minha perturbadora presença e das perguntas aborrecidas e sem interesse, e lhe disse: 'Adeus!' O seu 'Adeus!' foi pronunciado com um suspiro de alívio pela minha partida." Wells poderia ter considerado, contudo, que a letargia do homem talvez fosse devida à malária ou outra doença.

5. O outro, depois de comer, disse: "Deus lhe pague".



derado "bem educado," não deixa de, pelo menos, parar um pouco na rua para uma rápida conversação. As frases usadas em Cerrado e outras localidades nesses casos incluem: "Vamos entrar!" "Entre, Fulano!" e "Vamos acabar de chegar!" Em Passagem Grande as palavras "Cheguei!" e "Apeie!" foram ouvidas entre a parte mais pobre da população, a última se o amigo estivesse montado. Em ambas as localidades e em outras do Vale, é também considerado gesto cortez convidar amigo, conhecido, ou mesmo estranhos a fazer uma refeição em casa. O dono da casa procura oferecer uma refeição tão farta quanto possível e, igualmente, mandar prepará-la com o maior esmero. Festas de casamento e aniversários são julgadas pelo volume dos doces e bebidas oferecidas e outras provas da liberalidade do dono da casa, de acordo, naturalmente, com seus meios econômicos.

Constituem provas semelhantes de hospitalidades o convite a amigos e conhecidos para beber rum, cerveja, outras bebidas alcoólicas, ou um cafezinho num bar ou outro local público; ou oferecer-lhes cigarros. Espera-se em Cerrado e em outros locais que o indivíduo convidado a tomar uma bebida ou a quem se oferece um cigarro sinta-se honrado com esta reafirmação de amizade. Em certas ocasiões, contudo, o convite ou o oferecimento não precisam ser aceitos. Observou-se em Cerrado, por exemplo, que se um homem entra num bar ou local público e encontra um amigo no ato de beber um copo de leite ou fazer uma refeição ligeira, pode declinar polidamente do convite que ele, de acordo com as expectativas locais, deve sempre estender-lhe. Por outro lado, se é claro que o convite foi feito como expressão especial de amizade, como geralmente ocorreria no caso de convite para beber rum, cerveja ou outras bebidas, ou um cafezinho num bar, a recusa poderia ser considerada grave ofensa.

Em Passagem Grande, como provavelmente em todo o Vale, o convite a amigos e conhecidos para ajudar a beber um copo de cachaça, ou uma "quente," como chamada no local, assume uma forma prescrita, ritualística. Ao convite, vários homens se reúnem numa "roda"<sup>6</sup> em torno do balcão da bodega enquanto o bodegueiro, a pedido do indivíduo que fez o convite, enche o copo até a borda. O autor do convite recebe o copo do bodegueiro e derrama um pouco no chão enquanto diz: "Este é pra os santo!" Passa o copo em volta do círculo, tomando cada pessoa um gole e entregando-o ao vizinho. Como se espera que ninguém, em qualquer ocasião, recuse um convite desse tipo, um desentendimento pode surgir se alguém o fizer, especialmente se o indivíduo que oferece está um tanto quanto sob a influência do álcool. A resposta às vezes ouvida, "Já tomei meu gole," talvez não dissipe a suspeita de que há intenção de menosprezo.

6. Cf., no tocante à outra zona do Brasil, Pierson, 1951:122.



Na ocasião da formação de um "batalhão" (ver *Agricultura*, Tomo II) em Passagem Grande ou, menos comumente, nas festas, podem ser esperadas de cada participante loas à cachaça à medida em que o copo ou cuia circule pelo grupo. As loas são elogios em verso à cachaça,<sup>7</sup> improvisados ou não na ocasião. Espera-se que ao receber o copo e tomar um gole, o indivíduo recite uma loa antes de passá-lo ao vizinho, que deverá fazer o mesmo.<sup>8</sup>

Em Passagem Grande, igualmente, logo depois do encontro na rua, um deles, como gesto de amizade, tira do bolso uma pequena lata ou recipiente de chifre contendo rapé e oferece-o ao amigo. Este tira uma "pitada" entre o polegar e o indicador e aspira-a, primeiro por uma narina e, em seguida, pela outra. Ao reunir-se um grupo numa pequena "roda de bate-papo" é considerado "muito gentil" tirar-se a boceta do bolso e oferecê-la em volta. Para que seja considerado "bem educado" o homenageado deve fazer alguma observação sobre a "boa qualidade" do "torrado," como é chamado, ou dar outra prova de apreciação. O oferecimento de uma pitada de "torrado" é tão comum no local que se diz de pessoa considerada "sovina, miserável:" "Ele é tão 'ridico' que nem mesmo torrado oferece prôs outro."

### *Saudações*

Wells descreve o padrão da hospitalidade, o comportamento e os cumprimentos que eram esperados de um estranho, em 1875, pelo menos entre a classe superior, no seguinte relato (II:44-46) relativo à área do Médio São Francisco:

"Foi-me mostrada uma 'casa nobre' próxima, indicada como residência do Senhor Comandante Coronel. Fui informado em voz baixa que ele era uma 'pessoa graúda,' 'muito rico' e 'muito importante.' Resolvi 'comprimentar' esse evidente 'manda-chuva' da cidade. Consequentemente, entrei na porta-entrada aberta e bati palmas.

"Uma voz fanhosa respondeu: 'Quem é?'"

7. Ritual semelhante pode ocorrer também no caso da maconha. Às vezes, a mesma loa é oferecida em ambos os casos, embora algumas sejam preferidas para a cachaça e outras para a maconha.

8. Em certa ocasião, um homem, ao tomar o primeiro gole numa "rodada" de três, recitou:

Do copo eu não recuso,  
e nem eu deixo de bebê;  
Bebe eu, bebe você,  
Bebe Dão Pedro Segundo.  
Vem do começo do mundo,  
e não é defeito o bebê.

O homem continuou em mais onze estrofes, anotadas por um de nossos pesquisadores. O segundo, ao receber o copo, repetiu a estrofe. O terceiro, após o último gole, recitou 32 versos.

“‘Seu criado’... respondi, à moda ortodoxa.”

“Mais uma vez, a desconhecida voz fanhosa fêz-se ouvir: ‘Quem é?’”

“Desta vez, respondi: ‘Gente de fora’...”

“Uma velha negra desleixada... abriu a porta e pestanejou para mim, meio carrancuda, meio espantada.

“‘O Senhor Coronel está em casa?’... — perguntei.”

“‘N’hor sim.’”

“Diga-lhe que ‘um homem de fora’... quer vê-lo.”

“Esperei pacientemente durante alguns minutos na entrada calçada de tijolos até que uma voz estentória gritou do alto de alguns degraus: ‘Quem é?’”

“Respondi: ‘De fora.’”

“‘Suba’... — respondeu a voz.”

“Subi a escada e encontrei um homem robusto, de meia idade, e, pela aparência, um cavalheiro brasileiro. Perguntei se tinha a honra de dirigir-me ao ‘Coronel.’

“‘Seu criado,’ — foi a resposta, acompanhada de uma curvatura.”

“Entreguei-lhe meu cartão e expliquei-lhe em curtas palavras que, sendo estrangeiro e viajante, aproveitara a oportunidade para visitar um dos mais ilustres residentes da ‘beira rio...’

“Ele pôs o pince-nez, leu o meu cartão, e examinou-me a aparência de viajante, coberto de pó da cabeça aos pés.”

“Entre, e faça-nos companhia no jantar. famos sentar-nos agora mesmo.”

“Pedi-lhe desculpa por minha aparência desalinhada.”

“‘Não faça cerimônia!’... — foi a hospitaleira resposta e, imediatamente, fui levado à presença de seu círculo familiar.”

“Encontrei-me novamente em sociedade civilizada; uma moça... bonita, de uns vinte anos, vestida de musselina branca, com o cabelo preto enfeitado de angélica doce (*Cape Jessamine*) recebeu-me cortezmente; dois jovens médicos da Bahia, recentemente ‘formados’... deram-se ares algo superiores. Minha aparência desarrumada e o ajôjo plebeu, de cuja chegada haviam sem dúvida sido informados, não tinham, segundo pensavam, a dignidade compatível com um ‘doutor’. Depois de algum tempo, contudo... tornaram-se mais amáveis e, finalmente, ofereceram-me fumo ‘Best Bristol Bird’s Eye.’ O ‘Coronel’ ficou evidentemente satisfeito com minha respeitabilidade e insistiu em que eu pernoitasse em sua casa.”

Dois anos antes, no Alto São Francisco, notara Wells (I:134, 184) que ao aproximar-se de uma casa esperava-se que chamasse: “Ó de casa!” e que repetisse a frase até que respondessem, “Ó de



fora!" ou aparecesse alguém perguntando "Quem é?" ou "O que é?". Observou também a frequência dos apertos de mão, 'pois neste país livre, onde todos os homens valem tanto como os vizinhos, todo mundo troca um aperto de mão com o estranho, e mesmo com um trabalhador em busca de emprego."

Notou igualmente (I:302) no Alto São Francisco, como de resto em outras zonas, que quando duas pessoas se encontravam, os cumprimentos eram imediatamente seguidos por perguntas sobre as respectivas saúdes e das famílias, e que, se todos estivessem bem, a pessoa cumprimentada devia responder: "Estou bem, e todos estão bem, graças a Deus e à Santíssima Virgem." Observou Wells (ver I:100) que a expressão "S'cris!" usada por escravos e seus filhos ao dirigirem-se aos "senhores ou superiores" era uma maneira formal de cumprimento "em todas as Minas." Forma abreviada de "Jesus Cristo," que por seu turno era condensação de frase mais longa, "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!", provocava uma resposta invariável: "Prá Sempre." Observou ainda que as formas de cumprimento na região variavam de acordo com o status social. Escreve ele (I:217): "Estamos à porta de uma grande venda e, à medida que a multidão desfila, cumprimenta os nossos amigos, cada um de acordo com sua classe: Os fazendeiros com um aceno de mão e um 'Como está? Como passou?'... os pequenos agricultores com um 'Bão dia, Senhor,' e o chapéu erguido, e os trabalhadores com a mão estendida pedindo a bênção e murmurando 'S'cris,' com as cabeças descobertas." Verificou também mais tarde no tributário Rio Grande (ver II:33n) que "É costume de todas as embarcações do rio — barcas, ajôjos e grandes canoas — conduzir uma grande corneta de lata a fim de que as últimas saúdem as duas primeiras ao passarem umas pelas outras, saudação esta que é imediatamente correspondida. Se isto não fôr feito... uma tempestade de insultos em linguagem baixa ou expressões de ridicularia partem da tripulação das barcas, como protesto pela quebra da etiqueta do rio."

Observou um de nossos pesquisadores em Cerrado que não se esperam de estranhos encontrados nas ruas da cidade que falem, mas que, no interior, fora do perímetro urbano, e especialmente nas zonas onde são raros os encontros entre pessoas, há clara expectativa de que assim se faça.<sup>9</sup> Um estranho de uma cidade consideravelmente maior situada a alguma distância considerou esquisito que seus amigos não o apresentassem aos conhecidos que encontravam.<sup>10</sup> Não obstante, na cidade de Cerrado e no in-

9. Antes de sentar-se certa noite num banco numa praça pública em Juazeiro, onde o autor, um estranho, estava a sós, um homem cumprimentou-nos com um: "Boa Noite!" Amiúde, o autor era apresentado a outras pessoas durante suas viagens pelo Vale.

10. No momento em que um de nossos pesquisadores chegou à casa de um morador de Couro de Porco, nos Gerais, no Planalto Ocidental da Bahia, o guia, morador também dos Gerais e conhecido do dono da casa, não o apresentou. Nem o fez ao ir em à casa de outro homem na vizinha Sucuriú, que conhecia também.



terior em volta, a maneira mais comum de duas pessoas travarem conhecimento é serem apresentadas por uma terceira. Esta dá o nome do outro, acrescentando alguma explicação como "meu primo," "o filho de Fulano de tal," ou ainda "o proprietário da Fazenda Tal." Geralmente, as pessoas apresentadas apertam-se as mãos dizendo: "Muito prazer!", "Prazer!", ou "Satisfação."

Em todo o Vale e, de fato, em todo o Brasil, o abraço constitui uma das formas mais comuns de manifestar-se alegria com o encontro de um parente ou amigo íntimo. Parece ser usado mais comumente por homens do que por mulheres ou por pessoas de sexo diferente. E é talvez mais comum por ocasião do cumprimento ao noivo nos casamentos, em chegadas após longa ausência, ou nas despedidas, especialmente quando uma das pessoas está prestes a iniciar uma longa viagem. Consiste de um cordial amplexo, seguido, no caso dos homens, mas aparentemente não no caso das mulheres, de palmadas nas costas. Entre adultos é dado de modo vigoroso, especialmente quando as pessoas não se viram durante considerável período de tempo.

Observou-se em Cerrado que além de certas variações que revelam se a pessoa, segundo os padrões locais, é "mais" ou "menos bem educada," ocorrem outras variações nos cumprimentos segundo as diferenças de sexo, idade, e grau de intimidade. A maneira mais comum de cumprimentar consiste em pôr a mão sobre o ombro da pessoa que é cumprimentada ao que se chama de "abraço incompleto." Homens e mulheres se cumprimentam dessa maneira, embora, geralmente, os primeiros não o façam com as mulheres, nem estas com os homens, exceto em casos de grande intimidade. Em vez disso, os dois sexos geralmente se cumprimentam com um aperto de mão ou apenas verbalmente. Dois amigos íntimos do mesmo sexo que estiveram separados durante algum tempo cumprimentam-se mais efusivamente, cruzando os braços e dando leves palmadas nas costas enquanto dizem palavras de alegria pelo reencontro. Não obstante, quando os encontros são diários, ou quase diários, espera-se somente um aceno de mão ou um monossílabo. Ao encontrarem-se na rua ou na estrada, os interlocutores podem dizer simplesmente: "Ei!" ou "O que é que há?" A primeira forma parece ser preferida pelas mulheres: a segunda, pelos homens. São usados também "Bom dia!" e "Boa noite!"<sup>11</sup> O "Boa tarde!" é usado entre o meio dia e o crepúsculo e, o "Boa noite," mais tarde.

Para mostrar que é "bem educada" a pessoa deve responder com civilidade a um cumprimento. Estender a mão esquerda é considerada "falta de educação," bem como não levantar-se ao cumprimento de alguém, especialmente nos casos de homem que

11. As duas últimas frases são usadas também nas despedidas.

cumprimenta uma mulher ou um mais jovem com relação a um mais velho. Ao mesmo tempo, o indivíduo que faz o cumprimento procura minimizar o incômodo que o outro pode estar experimentando e diz no caso de pessoa sentada e que começa a levantar-se: "Esteja à vontade!", ou "Não se incomode!"<sup>12</sup>

Em Retiro, na bacia do Alto São Francisco, quando um de nossos pesquisadores visitava certa tarde uma fazenda em companhia de um membro da família do fazendeiro, aproximou-se um menino de 12 anos que lhe estendeu a mão e disse: "Boa tarde." Outra criança, uma menina, contudo, meramente disse, "Boa tarde!" sem estendê-la. Homens que trabalhavam nas proximidades, ao serem cumprimentados, responderam, "Boa tarde!" e continuaram a trabalhar. Ao ser cumprimentada por um estranho, uma mulher de Chiqueiro, nos Gerais, retribuiu o cumprimento e acrescentou: "Vamo apeando!" Um morador, ao ser perguntado como ia passando respondeu: "Vô indo!" e, ao ser repetida a pergunta um pouco depois, disse: "Vô pelejando!"

Em Pesqueira, na parte inferior do Médio São Francisco, ao chegar para uma visita a parentes ou amigos ao fim da tarde, sentar-se e conversar um pouco sobre as experiências do dia, o visitante estende a mão direita e toca com as pontas dos dedos a mão direita de cada um dos presentes, enquanto diz, "Boa noite!", perguntando, em seguida, pela saúde da pessoa cumprimentada.<sup>13</sup> Oferece-se uma cadeira ao visitante e a conversação já em andamento com outros parentes e amigos prossegue com pouca interrupção. Em Pesqueira, igualmente, um menino de 4 anos, ao ser chamado pela bisavó para cumprimentar uma de nossas pesquisadoras, uma estranha, beijou-lhe a mão.

Em Sertão Novo, na Seção Norte das Corredeiras, observou-se que algumas pessoas, ao se cumprimentarem, apertam-se as mãos e repetem o nome próprio do cumprimentado; alguns, depois de apertarem as mãos, tocam-se nos ombros; outros, após o aperto, estendem a mão direita, tocam em primeiro lugar no punho do interlocutor e, em seguida, no cotovelo, no que é chamado "etiqueta de sambar," ao passo que outros, após o aperto de mão, estende-a e aperta o braço do interlocutor acima do punho, a não mais do que a metade do antebraço. Segundo um informante local, o toque no ombro após o aperto de mão é mais comum. Uma forma comum de cumprimento entre amigas íntimas, como aliás em outras localidades, consiste em segurar a mão direita da interlo-

12. Da mesma forma que não se espera que amigos não se cumprimentem ao se encontrarem, tampouco se espera que pessoas que se consideram "inimigas" troquem qualquer cumprimento. De fato, a etiqueta entre pessoas antipáticas entre si constituiria um interessante assunto para estudos ulteriores.

13. Este ligeiro toque de dedos da mão direita nos cumprimentos lembrou ao nosso pesquisador a posição de mão em oração. Os dedos não se fecham. Roçam-se apenas ligeiramente.



cutora e, uma após outra, levá-la aos lábios e beijá-la. Especialmente no caso de moças, mas às vezes no de mulheres, beijam-se também na face.<sup>14</sup> Da mesma forma que a observada por Wells no Alto São Francisco em 1873, algumas pessoas na localidade, ao se encontrarem, ainda dizem, "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!", sendo a resposta esperada: "Para sempre seja louvado a Santíssima Virgem Maria!" Um participante da cerimônia do toré, na Ilha do Toré, nas proximidades de Sertão Novo, na Seção Norte das Corredeiras, ao ser cumprimentado, respondeu: "Deus te crie prô céu" (isto é, "Deus te ajude a viver para que depois de morto subas ao céu").

Em Passagem Grande, observou-se que ao se encontrarem duas pessoas de status desiguais, a que se considera inferior espera o cumprimento da outra. Quando uma pessoa do mesmo status passa pela casa de um conhecido, espera-se que seja a primeira a cumprimentar. O uso do "Adeus!" como *cumprimento* é comum entre os mais humildes da população, especialmente entre os que nunca estiveram fora da comunidade.<sup>15</sup> Não se ouvem expressões como "Bom dia!", "Boa tarde!" ou "Boa noite!" entre esta camada da população, como são usadas pelos "mais cultos" e "mais viajados." Assim, uma mulher que volta do trabalho nos arrozais, ao aproximar-se da casa de uma conhecida, grita de longe, "Adeus!" ao que a conhecida, talvez à porta ou à janela, responde: "Adeus!"<sup>16</sup> Quando velhos conhecidos assim se encontram dispensa-se toda a formalidade. Não há apertos de mão e sim, meramente, o cumprimento: "Adeus!" ou palavra semelhante. Alguns rapazes na cidade, contudo, ao se encontrarem ou cruzarem-se na rua, cumprimentam-se com um "Ó!" enquanto outros preferem: "Épa... o que é que há!" Nos casos em que mãe e filha crescida que estiveram separadas durante longo tempo se encontram, apertam a mão direita, levam-na aos lábios e beijam-na.

Está hoje quase extinto o uso outrora comum em Passagem Grande de usar versos nos cumprimentos e nas despedidas de amigos íntimos. Não obstante, um de nossos pesquisadores, ao voltar à comunidade um ano após sua primeira visita, foi cumprimentado por um idoso cavalheiro ainda a uma distância considerável. Tirou ele o chapéu, parou, permaneceu imóvel, e disse:

14. Ao chegar um de nossos pesquisadores à pensão na sua segunda visita a Sertão Novo, um amigo da cidade cumprimentou-o efusivamente, abraçou-o calorosamente, e "carregou-o nos ombros". Ao entrar na pensão, o proprietário e os empregados deram sinais de estarem "muito alegres" com a sua volta e perguntaram insistentemente pelos outros pesquisadores, que não haviam ainda chegado. Um destes últimos escreveu mais tarde: "Pareceu-me estar em casa novamente, depois de férias mais ou menos prolongadas. Receberam-me com satisfação, como se eu fosse já um elemento do grupo; e continuamente perguntaram-me pelos outros".

15. Um informante sabe que "este velho e tradicional costume de invocar a presença de Deus é de origem arábica".

16. Os dois tiram um dedo de prosa, depois do que o visitante diz: "Vou chegando; Adeus!", ou simplesmente: "Até".



Adeus! amigo querido!  
Lembre-se sempre de mim!  
um firme amô qu'eu te tenho,  
só por morte terá fim.

Depois de mais duas estrofes, uma de quatro e outra de seis versos, aproximou-se e abraçou-o, continuando a recitar outros versos, num total de vinte linhas. Esses versos, disse ele, "eram comuns nos bons tempos." Mais tarde, ao despedir-se nosso pesquisador de certa senhora de 70 anos de idade, recitou ela:

Chorei vinte e um dia,  
trinta noite e duas horas;  
Tive treis dia sem fala  
Quando meu bem foi imbora.

Quando meu bem foi imbora,  
foi me apertando a mão,  
Eu fiquei sem coração.  
Ai Jesus, que me matou...

Chorei porque sentia  
Uma dô no coração;  
Pedi logo confissão,  
Com pena de meu amô... <sup>17</sup>

Em ocasião semelhante, uma velha rendeira abraçou um de nossos pesquisadores e recitou:

Regale-se e passe bem!  
Divirta-se se achar com quem;  
Só peço que não se esqueça,  
De quem tanto te quer bem.

### *Expectativas quanto às Características Pessoais e Sociais*

Ligadas ao padrão de hospitalidade e outras formas de etiqueta local, certas características sociais e pessoais são comumente esperadas do indivíduo em todos os contatos. Conforme indicado ou deixado implícito acima, a cortesia, a polidez, a hospitalidade e a liberalidade alinham-se entre as virtudes locais mais respeitadas. Reciprocamente, a descortesia, a falta de polidez, de hospitalidade e a avareza são em toda parte ridicularizadas e condenadas. Ao mesmo tempo, espera-se de modo geral, e é geralmente encontrada, a manifestação de modéstia. Toma ela usualmente a forma, por um lado, de depreciar-se o indivíduo e, de

17. Houve treze versos mais.

outra, de elogiar a outra pessoa.<sup>18</sup> Dando um exemplo, quando se diz a um possível hóspede em Cerrado, "Fique para pousar!", deve o possível hospedeiro acrescentar, "Para passar mal hoje conosco!" Ao ser servida uma refeição, especialmente na roça, mas frequentemente também na cidade, o dono da casa diz ao convidado, "Vamos pegar o feijão!" em vez de usar uma frase considerada pretenciosa como "Vamos jantar!" porque tais palavras sugerem uma mesa carregada de alimentos bem preparados. Em Passagem, os sitiantes, alguns dos quais possuem 40 ou mais alqueires de terra, ao convidarem um de nossos pesquisadores a visitar-lhes as fazendas, disseram, de conformidade com o costume usual: "Venha conhecer nosso cercado."<sup>19</sup> É pequeno mas lá nós o esperamos de braços abertos!" Em Couro do Porco, nos Gerais, na ocasião em que nossos pesquisadores conversavam com o dono da casa e seus companheiros, ele e eles riam gostosamente de cada frase dos convidados e referiam-se a si mesmo como "gente feia," "negrada," e "gente cabeluda."

Ao ser elogiado um indivíduo por seu trabalho, espera-se que ele responda de maneira auto-depreciativa. Ao dar uma opinião ou fazer um comentário sobre assunto em discussão, deve iniciar as observações com uma frase auto-depreciativa como, "Eu sou analfabeto, mas penso que..." De modo geral, há expectativa de manifestação de atenção, consideração e verbalização efusiva de elogios dirigidos a todas as pessoas, *exceto* à pessoa que fala. E, conforme observado em Cerrado, quanto mais modesta a pessoa, com maior frequência ela provavelmente receberá atenção, consideração e elogios de parte de outros.

Similarmente, certos atos são proscritos em Cerrado, como de resto em outras localidades, porquanto se considera que demonstram falta de consideração, como, por exemplo, tomar uma cadeira num grupo em conversação com as costas voltadas para um ou mais dos presentes ou dar as costas a outra pessoa quando de pé durante uma conversação, numa festa, ou outra reunião. Em Pirapora, um preto velho, antigo vaqueiro, encontrado a cavalo numa estrada pelo autor e seu companheiro numa estrada, parou para conversar um pouco, em primeiro lugar desculpando-se e desmontando para ficar no mesmo nível com as pessoas com quem conversava.<sup>20</sup> Viajando de Belo Horizonte a Cerrado, depois de passar algum tempo em São Paulo, um pesquisador natural do Norte notou um traço comum "revelado na voz e na maneira de encarar e tratar os estranhos," que lhe recordaram o Norte e que descreveu como "meiguice."

18. Nas cidades, notam-se mudanças a esse respeito. Luiz Martins, por exemplo, chama de "vício nacional" o que se poderia descrever como uma "inflação de elogios", isto é, barateando-se adjetivos encomiásticos" (*Estado de São Paulo*, 26 de maio de 1955).

19. A propriedade menor possível (Ver "*Fazendas, Sítios, e Propriedades Semeilhantes*").

20. Durante a conversação, dirigiu-se ao autor, com uma demonstração visível de cortesia, chamando-o de "Coronel".



*Visitas*

Em Cerrado e outras localidades, quase ninguém deixa de agir de certa maneira por ocasião de visitas, sob pena de ser considerado "mal educado." Geralmente, o motivo da visita consiste simplesmente no prazer de rever e conversar com o visitado, embora este motivo possa ocasionalmente ser reforçado por outros, como, por exemplo, o desejo de felicitar um amigo ou parente por ocasião de seu aniversário, parabenizar os pais e manifestar votos de felicidade pelo nascimento de uma criança, mostrar pesar pela doença de alguém ou dar os pêsames pela morte de parente, ou algum outro infortúnio. De qualquer modo, espera-se que o principal objetivo seja expressar amizade. Consequentemente, a visita de um desafeto nunca é vista, como se diz, "com bons olhos."

Conforme sugerido acima, ao chegar alguém à porta de uma casa, há um ritual prescrito para anunciar a presença, ritual este que pode variar um pouco em diferentes regiões do Vale. Em Cuscuzeiro, no Baixo São Francisco, nas proximidades de Passagem Grande, por exemplo, a pessoa não bate à porta, como nas cidades, nem bate palmas. Em vez disso, chama em voz alta: "Oh! ... de casa!" sendo a resposta esperada: "Oh! ... de fora! ... Entre!"

A pessoa visitada em Cerrado, como, aliás, em toda parte no Vale, deve mostrar, pelo seu comportamento, satisfação com a visita. Tão logo o visitante se anuncia, espera-se que o dono da casa mande-o entrar, ofereça-lhe uma cadeira e converse com ele sem manifestação de pressa ou impaciência. Os primeiros momentos são dedicados geralmente à troca de informações sobre a saúde de cada um e de membros das respectivas famílias. Depois de algum tempo de conversação — não um período muito curto, contudo, que dê a impressão de que se deseja evitar uma visita demorada demais, ou longa demais que sugira que o visitado não vai servir bebida ou comida ao visitante — o dono da casa oferece geralmente café, licor, vinho, ou um doce. Uma das expectativas mais frequentemente notadas a esse respeito é que o visitante aceite uma segunda xícara — mas apenas uma segunda — de café, vinho ou licor a fim de demonstrar devida apreciação pela hospitalidade do dono da casa. Espera-se, também, que o visitante manifeste seus agradecimentos pelas gentilezas, faça um esforço para procurar, sem muita insistência, poupar-lhe os incômodos que tais gentilezas acarretam e, igualmente, procure partir imediatamente depois de servido.

Da mesma forma que nas terras muçulmanas, os moradores do Vale raramente convidam estranhos para conhecer as esposas, embora este costume aparentemente quase geral esteja, ao que

tudo indica, sendo dissolvido, especialmente nas maiores cidades e entre as classes superiores em toda parte.

Nas visitas comuns entre amigos em Pesqueira, os homens geralmente as fazem sozinhos. As mulheres procedem da mesma maneira com as amigas. A visita feita conjuntamente por marido e mulher assume aspecto mais formal e, entre as classes mais baixas, ocorre somente em casos excepcionais. Neste caso, os sexos se separam em dois grupos de conversação. As crianças raramente participam dos grupos, a menos que a tanto sejam encorajadas por uma das pessoas mais idosas presentes.

Ao chegar sozinho, o homem deve dizer às mulheres presentes que sua esposa está ansiosa para visitá-las e que o fará mais tarde, em alguma ocasião conveniente. Como ele geralmente faz a visita somente em fins da tarde ou à noite, após o dia de trabalho, e uma vez que no clima local é agradável sentar-se ao lado de fora no frescor da noite, o visitante amiúde encontra o dono da casa sentado à porta, onde lhe oferece uma cadeira. Às vezes, o hóspede é convidado a entrar, realizando-se a conversação à luz de uma lamparina de querosene ou, nas residências dos mais abastados, de luz elétrica até 11 horas, quando é suspenso o fornecimento de energia até a manhã seguinte. Se o visitante é convidado a entrar, costuma-se também em Pesqueira, exceto nas residências dos mais pobres, oferecer-lhe uma bebida, comida, uma xícara de café, uma umbuzada, um licor-de-jenipapo, ou um doce-de-leite.

Convidado em Sertão Novo para "bater um papo" após o jantar, um dos nossos pesquisadores foi recebido à porta pelo dono da casa, a esposa, e a filha mais velha, esta última professora no Grupo Escolar Estadual. Foram convidados a sentarem-se em poltronas e, mais tarde, tomaram café servido em pequenas xícaras numa bandeja pela empregada. Somente os convidados e o dono da casa, contudo, foram servidos. Em seguida a uma animada conversa de mais ou menos meia hora, nossos pesquisadores foram convidados pelo dono da casa para visitar a casa de outro morador onde, disse ele, "costumam reunir-se à noite os amigos." A residência era uma casa grande de construção antiga, onde os convidados se sentavam em confortáveis cadeiras na varanda e conversavam até tarde.

Por ocasião da primeira visita a essa cidade, dois anos antes, enquanto o autor e seus companheiros conversavam com o chefe político local, outras pessoas, uma por uma, apareceram para escutar e participar da conversação. Finalmente, a sala bastante pequena ficou congestionada com cerca de onze pessoas. Observou-se que era bastante comum o costume do aparecimento informal de amigos e conhecidos em todas as cidades visitadas no Vale. A



conversação é geralmente animada. Certa vez, o autor notou quatro homens falando ao mesmo tempo durante uma conversação. Os gestos, contudo, eram graciosos e eloquentes.

Logo que está prestes a partir, diz o visitante em Cuscuzeiro: "Vou chegando..." A essas palavras, o dono da casa deve responder com cortesia, característica de todo o Vale e, realmente, de todo o Brasil: "Ainda é cedo!" Em meados do século passado, notou Burton que "como no Oriente Próximo" uma "escolta de cortesia" fazia parte em todo o interior do Brasil das despedidas a um convidado das classes superiores. Referindo-se a um hospedeiro (I:99) escreveu que "acompanhou-nos a cavalo durante algumas milhas e senti-me triste ao despedir-me dele." Em Formosa, consigna Wells (II:111) que uma frase comum em despedidas era, na ocasião: "Adeus, até a volta!" ou "Até a vista!" A resposta esperada nesses casos era: "Se Deus quiser!" Ao despedir-se um de nossos pesquisadores nos Gerais, uma senhora idosa disse apenas: "Até logo!" Não se levantou. Numa residência na vizinha Couro do Porco, contudo, a esposa do dono da casa ensaiou um abraço, batendo com a outra mão nas costas do convidado. Outra mulher disse: "O senhor vai embora deixando saudades!"

A adoção de novas técnicas, contudo, pode trazer alterações nas formas de despedidas. Em Sertão Novo, por exemplo de 8:30 às 10 da noite, eram irradiadas pelo alto-falante local músicas de despedidas dedicadas por compadre e amigos a um morador e sua mãe, que iam viajar na manhã seguinte.

O indivíduo visitado fica na obrigação de pagar a visita em ocasião justificável e relativamente cedo. Se não o fizer, o dono da casa pode deixar de visitá-lo — fato este que pode conduzir a um afrouxamento dos laços de amizade ou mesmo a um rompimento.

### *Bênçãos*

Em Sertão Novo e em outras localidades, embora o costume pareça estar desaparecendo entre a elite local, é ainda comum que os mais jovens "peçam" a bênção aos mais velhos, sejam aparentados ou não e, especialmente, de pais, avós, tios, tias e padrinhos. Ao "pedir" a bênção, a criança ou o adulto, mas especialmente as crianças, estendem a mão direita aberta na direção da pessoa, mantendo o braço geralmente colado ao corpo, e diz, "A bênção!", acrescentando-se as palavras "padrinho" ou "madrinha". A pessoa abordada deve repetir o mesmo gesto e responder: "Deus lhe abençoe!" Na Ilha do Toré, foi observado um jovem de 18 ou 20 anos de idade juntar as mãos e paixar a cabeça ao "pedir a bênção". A criança deve também não apenas "pedir a bênção" à mulher que serviu de parteira no seu nascimento, mas chamá-la também de "mãe".

Em Pesqueira, notou-se que ao encontrar parentes mais velhos ou o padrinho, o indivíduo “pede-lhe a bênção”. Costumeiramente, as crianças pedem a bênção ao pai de maneira bastante formal, aproximando-se em primeiro lugar deste e, em seguida, da mãe. Beija-se nesses casos a mão dos pais e, em numerosos casos, também a da criança, embora entre as classes mais baixas o gesto raramente seja completado. Em vez disso, estendem ambos as mãos até se tocarem e, em seguida, o mais jovem e, logo depois, o mais velho, elevam-nas até certa distância dos lábios. Na vizinha Marrecas, os próprios adultos, ao receberem a bênção de pai ou do padrinho, fazem um ligeiro movimento de flexão do joelho direito, costume este que se diz ter sido comum no passado em Pesqueira, embora tenha agora desaparecido.<sup>21</sup>

O autor observou também em Pesqueira um padrinho beijar a mão que o afilhado lhe estendia. Embora ambos os gestos fossem curtos, foram feitos com cortesia e evidente sinceridade.

Em Passagem Grande, o filho ou a filha, ao verem pela primeira vez os pais pela manhã, ou quando o afilhado encontra o padrinho na rua ou na estrada, costuma elevar a mão direita em frente ao rosto, com o polegar quase tocando os lábios e os demais dedos erguidos e dizer: “Bença, meu pai!” (ou “mãe”, “padrin” ou “madrin”, conforme o caso), ao que o pai ou padrinho deve responder: “Deus lhe abençoe!” ou “Deus o faça feliz!” ou ainda “Deus te faça crescer para o bem!” O costume é rigorosamente observado por filhos, filhas, netos e afilhados, sejam estes “de batismo” ou “de fogueira” (ver *Família, Parestesco e Compadrio*). Não é comum no local, contudo, no caso de tio ou tia, que o “pedido de bênção” seja mesmo obrigatório para as “crianças-de-fogueira” do que de sobrinhos e sobrinhas. Ao se encontrarem afilhado e padrinho mais de uma vez durante o dia, a “bênção” é “pedida” e “dada” apenas uma vez, por ocasião do primeiro encontro. Em ocasião subsequente, o afilhado, depois de tirar o chapéu, se adulto, diz simplesmente: “Ó, meu padrin!”

Similarmente em Cuscuzeiro, espera-se que o “pedido de bênção” a um parente mais velho seja obrigação diária durante toda a vida. Algumas mudanças estão ocorrendo, contudo, e a “bênção” não é mais “pedida”, como outrora, a irmão ou irmã mais velhos. O ritual consiste em parar em frente da pessoa “em atitude de respeito quase religiosa”, como escreveu um de nossos pesquisadores, e dizer: “Bença, meu pai!” (outra palavra no caso de relação diferente). A resposta esperada no local, e em outras localidades é, “Deus te abençoe” ou, se dada por um dos pais, “Deus te faça feliz!” Este ritual, contudo, está sendo substituído por outras formas de cumprimento ou despedida.

21. Uma mulher idosa em Manga, na parte alta do Médio São Francisco, respondeu a um menino que lhe pediu a bênção: “Deus te dê boa sorte!”



*Termos de Tratamento*

Em Passagem Grande e outras localidades observou-se que “você” é uma palavra que reflete, conforme o caso, intimidade ou distância social. É usada entre pessoas de igual *status* se as relações são íntimas ou quando a palavra é dirigida à pessoa considerada de condição social inferior. Os pais, por exemplo, usam “você” quando falam com os filhos. Os últimos, porém, como indicação de respeito, devem usar “Senhor” ou “Senhora”. Similarmente, os mais jovens geralmente se dirigem aos mais idosos com essas mesmas palavras, como fazem também compadres ou comadres ao conversarem.<sup>22</sup> O uso do familiar “tu” é considerado prova de “falta de respeito”. Ao falar alguém com um parente, o nome ou apelido é pronunciado antes, como sinal de respeito, com uma palavra que indica a relação em questão. O estranho, ao lhe ser perguntado o nome, dá-lo, acrescentando: “Seu criado”, devendo a pessoa que faz a pergunta dizer: “Criado de Deus”. Antes de ser conhecido o nome de uma pessoa, os moradores, ao lhe dirigirem a palavra, dizem geralmente, no caso de homem, “Seu Zé”, ou “O seu Zé” e, se mulher, “Dona Menina”, ou “Dona Menininha”. Se, contudo, pensa-se que a pessoa tem um “aspecto venerável”, é idosa, ou por outro motivo parece merecer respeito, dizem “Seu Mestre”, acrescentando o nome, se conhecido. Pessoas mais velhas usaram “Vosmicê”, “Vossemeceê”, ou “Mecê” ao dirigir-se ao nosso pesquisador, honrando-o com a evidência de um *status* muito superior. Ao referir-se a uma pessoa falecida, os moradores, também como “marca de respeito”, antecedem o nome ou o apelido com a palavra “Finado”.

Similarmente em Cuscuzeiro, pessoas de *status* inferior, incluindo também as mais moças, empregam, ao dirigir-se a outras de condição social mais alta e como prova de respeito e distância social, as palavras “Senhor”, “Doutô”, ou “Coronel” antes do nome da pessoa. Nos casos de mulheres de *status* superiores, as palavras “Senhora” e “Dona” precedem o nome. O “Doutô” é às vezes usado com uma palavra que identifica a ocupação da pessoa nos casos em que isso lhe confere prestígio, como, por exemplo, “Doutô Guarda”, ou “Doutô, Seu Guarda”, ao dirigir-se a um guarda do Serviço de Malária. A palavra “Coronel” é geralmente reservada, contudo, quase com exclusividade, aos fazendeiros. O seu uso está também em declínio no local, simbolizando a queda de prestígio da classe. É amiúde substituída por “Senhor”, exceto nos casos de pessoas idosas. Aparentemente torna-se mais comum, quando uma pessoa mais idosa dirige-se a uma mais jovem, usar a palavra “Seu”, geralmente seguida pelo nome ou apelido. A palavra é também comumente usada entre pessoas de idade e *status* semelhante, sendo agora raro o uso de “Você” nessas circunstâncias. Ao falar com um filho, os pais dizem geralmente o nome da criança e, ao referir-se a

22. Às vezes embora raramente, é empregado “Mecê” nesses casos.

ele numa conversação com um visitante, chamam-nos de "Meu filho" ou "Minha filha", frequentemente acrescentando o nome. Ou dizem simplesmente "Meu garoto" ou "Minha garota". Embora os filhos chamem geralmente os pais de "O senhor" e "A senhora", podem usar "Papai" e "Mamãe", ou "Meu pai" e "Minha mãe". O parente ou compadre é referido com a palavra denotativa da relação, precedida por "Meu" (ou "Minha", como, por exemplo, "Meu pai", "Minha mãe", "Meu padrinho Chico", ou "Minha comadre Zita").<sup>23</sup> Referindo-se a uma pessoa de *status* semelhante e que se encontra ausente, o indivíduo pronuncia-lhe o nome, precedido pelo artigo definido.

Observou Wells (I:397n) em Minas há um século que os maridos dirigiam-se às esposas chamando-as de "Filhas" e que a mulher raramente chamava o esposo de "Marido", preferindo "Compadre" ou "Primo".

### *Presentes*

Observou também Wells no Alto São Francisco em 1874 que se esperava da pessoa que pedia um favor que, inicialmente, desse um presente. Escreveu (I:298) que "Com frequência, recebo visitantes em meus ranchos que geralmente me trazem alguma bagatela — frutas, verduras, ovos, galinhas ou caça pequena. Segue-se uma longa prosa, que sei muito bem que constitui apenas um preliminar para o pedido, geralmente um empréstimo ou alguns mil réis para a inevitável pessoa doente em casa ou para a compra de algum remédio".

Em Passagem Grande, atualmente, é muito comum dar presentes ou "agrados", como são geralmente conhecidos, especialmente em pagamento de um "favor", e não como Wells observou, como preliminar para solicitá-los embora isso ocorra às vezes. Espera-se também que dar presente provoque idêntico gesto do contemplado. Às vezes, ao perguntar-se a uma "pessoa mais simples" o preço de algum serviço prestado, ela responde: "Isso não é nada. Com qualquer agrado eu me contento". Os presentes consistem geralmente de frutas, ovos, galinhas e, sobretudo, mel e cajus, sendo os últimos usados como "agrados" por todas as classes. O presente pode ser trazido numa cesta, vasilhas ou prato. Ao ser devolvido o recipiente, nunca vai vazio, levando também um outro presente, como um coco verde, algumas espigas de milho assadas, ou mangas.

Em Passagem Grande, igualmente, costumeiro na Sexta-Feira Santa que o afilhado leve ovos, galinhas e presentes semelhantes aos padrinhos. Ao chegar, ajoelha-se e diz: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!" O padrinho, ao retirar a mão que estendeu

23. Quando esse homem vai à rua, em quase toda parte por onde passa, crianças e adultos se ajoelham e lhe pedem a bênção.



ao afilhado para beijar, responde: "Para sempre seja louvada Nossa Mãe Maria". Em seguida, o afilhado "pede" e "recebe" a "bênção". Nas Sextas-Feiras Santas, a casa de Camões, um indivíduo que tem numerosos afilhados, tanto de "batismo" como de "fogueira", transforma-se, como disse um de nossos pesquisadores, "numa verdadeira romaria".

Em Cerrado são comuns os presentes aos recém-nascidos, aos casais no dia do casamento, e aos aniversariantes. Em Pesqueira, observou-se que era comum a troca de presentes de frutas silvestres, como o umbu e o murici, favos de mel e pequenos pratos de doce mesmo entre a parte economicamente menos capaz da população a fim de assegurar "boas relações". Nos Gerais, ao presentear nosso pesquisador uma família de Couro de Porco com um pouco de fumo, a mulher da casa enviou imediatamente uma menina à roça para apanhar algumas raízes de mandioca que lhe ofereceu, juntamente com um prato de farinha. Por ocasião de nosso principal período de pesquisas, contou o prefeito de Sertão Novo que no dia em que assumiu o cargo recebeu como presente o seguinte: uma gravata, um par de sapatos, uma caneta-tinteiro, uma garrafa de cachaça, e um estojo de charutos "muito finos", que não havia tido ainda a "coragem" de fumar porque custava 50 cruzeiros em 1953.

Os nossos pesquisadores receberam com frequência presentes nessa localidade e em outras. Um marido e mulher da Ilha do Toré, por exemplo, ao visitar um deles e pedir remédio para uma dor de cabeça, levou-lhe de presente um litro de mel. Dos moradores da Ilha do Toré e da cidade de Sertão Novo foram recebidos presentes como cajus, umbus, melancias, bananas, ovos de ema, galinhas, queijo, canjica, bolachas, beijos, doce-de-leite, mel-de-engenho, batida-de-rapadura, rendas-de-bilro, aves canoras e outros artigos.

Espera-se que a pessoa contemplada com o presente mostre-se satisfeita e grata, mesmo que ocasionalmente possa sentir-se desgostosa. O líder político local de uma cidade do Médio São Francisco, por exemplo, disse ao autor a respeito de um de seus dois cães: "Um homem chegou de Carinhanha e eu lhe arranjei uma casa. Ele me deu o voto e tudo estava perfeito. Certo dia, porém, ele me trouxe o cachorro e disse: "Olhe só o pequeno presente que trouxe para o senhor". Oh, que presente infeliz! Mas foi dado de boa vontade e eu naturalmente, conservei-o".

Deve também uma pessoa que faz uma viagem levar em nome de amigos presentes para outras pessoas que moram na cidade que vai visitar. No dia em que uma informante de Rio Rico, no Planalto Ocidental da Bahia, fez uma viagem a Salvador, por exemplo, levou presentes que uma amiga enviava a um homem e a sua empregada. Incluíam uma lata de mel e um saco de sementes de coentro para o homem e uma pedaço de fumo à empregada. Mas, como em viagem o mel derramou-se acidentalmente, teve de substituí-lo por uma das latas que ela mesmo levava como presente para as próprias



amigas. No dia em que os entregou choveu torrencialmente em Salvador. Disse também que todas às vezes em que vai a Salvador leva "uma porção de encomendas", incluindo cartas e mensagens orais. Na última viagem, levou 12 cartas que ela mesmo selou antes de entregar porquanto, disse, "não ficaria bem" se não tivessem selos. Nessa ocasião, foi obrigada a deixar algumas roupas em Salvador para que a cunhada as levasse quando a fosse visitar, tal era o número de encomendas para levar de volta a Rio Rico. Rindo, disse: "Minha cunhada terá também de *me* trazer uma encomenda. Eu já escrevi a ela pedindo".

### *Outras Expectativas*

Entre os rapazes e mulheres que tomam parte em bailes ou festas, observou-se em Passagem Grande e Cerrado, e de resto em outras localidades, uma preocupação evidente com o sexo oposto, de acordo com expectativas comuns em tais casos, ou do "como se deve". Assim, com exceção de casos de muita amizade ou namoro, é sempre o rapaz que tira a moça para dançar nos bailes, e nunca o contrário. E sempre se espera que o faça "com delicadeza". Em Passagem Grande, por exemplo, o jovem aproxima-se da moça, ou "dama", como é chamada neste caso, inclina a cabeça e convida-a a acompanhá-lo na dança. A dama deve sempre aceitar. A moça raramente deixa de fazê-lo, mesmo que não esteja "muito entusiasmada", conforme se diz, com o "cavalheiro".

Observou-se em Cerrado que a moça perde prestígio quando se faz de rogada. O mesmo acontece com o rapaz que não se mostra delicado nos bailes, é tímido demais, ou não dança bem. O jovem, ou o "cavalheiro", como é chamado nesses casos, guia a dama nos passos. Ao fim da contradança, o par se separa com gestos corteses, fazendo uma ligeira mesura recíproca, simplesmente se entreolhando com um sorriso ou murmurando agradecimentos ou desculpas. Às vezes, embora nem sempre, os casais conversam durante a dança.

Em Passagem Grande, contudo, os casais e, no particular, em outras localidades também, mesmo que forem namorados, não dançam colados.<sup>24</sup> Nos intervalos, os sexos são segregados, sentando-se as moças e permanecendo os homens de pé, em pequenos grupos próximos à orquestra ou à porta. A mulher casada dança geralmente apenas com o marido, embora o marido possa dançar com a filha ou outra mocinha. Nos bailes dados nos salões de elite local, os homens devem comparecer de paletó e gravata. Estas expectativas, como todas as demais, ficam sujeitas a sanções negativas de ridículo e perda de prestígio se não observadas.

24. Em um baile durante a festa do padroeiro, no ano de nossa pesquisa, um rapaz que dançava de maneira considerada "demasiadamente unida" foi solicitado a desistir pelo presidente da sociedade. Repetindo, foi segurado pelo braço e retirado do salão.



Notou-se em Passagem Grande e Cuscuzeiro que uma forma comum de mostrar afeto, substituindo ou reforçando um beijo, é o "cheirinho". Consiste em tomar-se na respiração forte próxima ao corpo de outrem, especialmente o pescoço, amiúde sem tocá-lo. Geralmente, pais e mães pedem e dão um cheirinho nos filhos mais jovens, bem como nos filhos dos irmãos e irmãs mais moças. O uso do "cheirinho" é também frequente entre namorados, embora realizado de maneira reservada e fora de vista de outras pessoas.

Em Passagem Grande, igualmente, o espirro às vezes provoca, de parte pelo menos de algumas pessoas, um "Deus te salve!" ou "Deus te favoreça!" Na maior parte das vezes contudo, não se dá atenção ao fato. Nos Gerais, ao espirrar um de nossos pesquisadores, uma moradora disse: "Deus que lhe ajude!" Em Sertão Novo verificou-se que é comum em tais circunstâncias dizer, "Ave Maria!", louvando assim "Nossa Senhora".

Conforme indicado no capítulo intitulado *Família, Parentesco, e Compadrio*, espera-se amiúde que as crianças se abstenham, por questão de respeito aos pais, de certos atos, como fumar, especialmente em presença do pai. Em Passagem Grande, por exemplo, um homem casado de trinta anos não fuma na presença do pai. Certa ocasião, foi ouvido pedir licença ao pai antes de tomar uma pitada de rapé. Tais restrições ao comportamento, contudo, são mais comuns na cidade do que na área rural, onde alguns filhos são frequentemente vistos fumando na presença dos pais.

Em Passagem Grande e em outras localidades o uso de bilhetes é considerado forma respeitosa de dirigir-se a uma pessoa, especialmente quando se pede um empréstimo em dinheiro ou favor semelhante, muito embora o pedido já tenha sido feito oralmente. Se a pessoa é analfabeta, pede a outra que escreva em seu nome.

Em Cerrado e outras regiões do Vale, é considerado "falta de educação deixar de agradecer um serviço prestado ou "gentileza" semelhante, bem como deixar de esperar, antes de iniciar uma refeição, a volta de uma pessoa que foi obrigada a retirar-se da mesa por algum motivo depois de os demais estarem sentados e à espera de serem servidos. Ouviram-se também críticas aos maneirismo de um cantor visitante que passava o tempo todo ajeitando a gravata e batendo no braço do interlocutor.

Wells, em 1873, notou (ver I:215) nas proximidades de Taboleiro Grande, no Alto São Francisco, que homens de prestígio sempre vistiam paletó preto em ocasiões cerimoniais, tais como receber um estranho de prestígio, embora um robe, ceroulas e chinelos fossem usados quando estavam à vontade. O mesmo acontece hoje em outras grandes áreas do Vale, embora o uso do paletó neste clima geralmente quente seja, conforme indicado acima, aparentemente menos comum em certos casos do que outrora (ver *Vestário, Higiene e Outros Hábitos Corporais*, Tomo II). Em Sertão Novo,

observou-se que ao entrarem em pensões e outras casas, os homens geralmente conservam-se cobertos. No mesmo local, em todas as três missas observadas, duas ou três mulheres, geralmente idosas e de cor, foram vistas sentadas no solo, de pernas cruzadas para trás. Nenhuma das mulheres da elite local, contudo, senta-se dessa maneira.

Na área de Passagem Grande e em outras localidades, os mendigos pedem esmolas com as seguintes palavras: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Um pobre cego pede uma esmolinha". Mesmo a despeito de precária situação econômica, a maioria dos habitantes nunca deixa de atender ao apelo tanto quanto pode. Em caso de morte, parentes e amigos da família procuram os "mais chegados" do falecido e apresentam pêsames, dizendo: "Aceite meu pêsame". A resposta é: "Obrigado". Abraços não são dados nessa ocasião, como em circunstâncias semelhantes em outras partes do Brasil. Em uma das cidades da Região das Corredeiras, observou o autor que, embora o rádio da pensão fosse ligado muito alto às seis da manhã e assim permanecesse até mais ou menos 11 da noite, foi desligado pelo proprietário durante dois dias ao saber da morte de um amigo.



## capítulo II

### FAMÍLIA, PARENTESCO E COMPADRIO

No linguajar diário no Vale a palavra "família" é usada em três sentidos: 1) refere-se a um pequeno grupo, composto de marido, mulher e filhos solteiros, biológicos ou de criação, morador em determinada residência, ou o que os especialistas conhecem como a família "nuclear"; 2) denota um grupo mais numeroso, composto de membros de uma dada família nuclear e seus parentes próximos, ou o que é chamado de 'família numerosa'<sup>1</sup> e 3) descreve um grupo ainda mais numeroso, incluindo todos os parentes conhecidos, ou grupo de parentesco.

A família nuclear, a numerosa e os grupos de parentesco não apenas constituem as unidades sociais básicas em todo o Vale, mas são também tradicionalmente superiores a todos os demais. Nos casos em que o sistema de compadrio, com características e funções semelhantes, alia-se a eles, estas formas de associação aglutinam em alto grau de interdependência, de controle social e de apoio mútuo, grandes segmentos de cada comunidade.

#### *A Família de Tipo Conjugal*

O estabelecimento da família nuclear é geralmente realizado por meio de casamento formal ou outro meio socialmente sancionado (ver abaixo). As funções a que servem são semelhantes em todo o Vale às observadas em Cruz das Almas (ver Pierson, 1951: 128), no sentido de os membros da família proporcionarem-se geralmente entre si a satisfação de necessidades biológicas, psicológicas e sociais fundamentais. Destarte, as crianças que nascem

1. Embora não haja unanimidade a este respeito, alguns especialistas preferem designar por essa palavra o grupo de parentesco.

no grupo familiar, mesmo entre os menos privilegiados economicamente, são providas, até certo ponto pelo menos, de alimentação, abrigo e outras necessidades indispensáveis da vida, bem como da satisfação dos desejos básicos de segurança, de reconhecimento e desejos de reconhecimento, o que lhes dá um sentimento de integração, de serem objeto de afeição e de possuírem valor social e pessoal válido. As relações sexuais entre os cônjuges são regularizadas e, na sociedade predominantemente rural do Vale, parte considerável da herança cultural, incluindo os conhecimentos e ofícios usados para ganhar a vida e os padrões e normas do grupo, são transmitidos pela geração antiga à nova mediante persistente interação dentro do grupo familiar (ver *Preparação Formal e Informal para a Vida*). Especialmente nas áreas isoladas, esta instituição proporciona também ao indivíduo a maior parte de sua experiência recreacional.<sup>2</sup>

Economicamente, a família nuclear é unidade mais importante do que a família numerosa. Isto ocorre, por exemplo, na área em volta de Pesqueira, na parte baixa do Médio São Francisco, no tocante à criação de gado bovino, cultivo da terra, coleta de palha nos carnaubais locais, e na extração de cristal de rocha. A pesca de rede, no entanto, constitui ocasional exceção. Atividade cooperativa que envolve uma série de tarefas correlatas, da coleta e preparação do caroá ao tecimento da rede, uso na pesca e o subsequente destino dado ao pescado, requer ela os serviços de grande número de pessoas. Em consequência, muito embora, às vezes, uma das grandes redes usadas no processo possa ter sido fabricada por um único indivíduo, contanto que tenha os necessários recursos, geralmente dois ou mais pescadores, um dos quais é via de regra, o chefe de uma família, podem reunir-se para fazê-la e usá-la. Embora os pescadores nem sempre sejam aparentados, biologicamente ou pelo casamento, é muito comum que irmãos e seus filhos trabalhem dessa maneira. Um indivíduo na vizinha Marrecas, por exemplo, que usa a rede com maior regularidade do que os demais durante todo o ano, trabalha com a ajuda dos filhos crescidos e dos genros e filhos destes.

Geralmente, os membros mais jovens da família nuclear são consanguíneos, embora isso nem sempre ocorra, sendo considerável o número de crias (ver abaixo), muitas das quais sem relação biológica ou de casamento com o chefe da família ou sua esposa. Habitualmente, também, a família nuclear é patriarcal, sendo

2. Em Cuscuzeiros, por exemplo, especialmente à noite, ao terminar o trabalho do dia, pais e outros membros da família brincam com os filhos mais jovens, "dançam" com eles nos braços, para cima e para baixo, ou os levam em volta, cantando ou assoviando. Se as crianças já são bastante crescidas para compreender, contam-lhe façanhas de sua mocidade, estórias de seres misteriosos ou outros interessantes contos.



relativamente completa e incontestada a autoridade e controle exercidos pelo marido e pai. A rigidez de tal organização, contudo, é amiúde muito reduzida pelos laços de sentimento e afeto que se formam ordinariamente entre os cônjuges e entre pais e filhos, próprios ou adotados, bem como pelas variações psicológicas e sociais entre os diversos membros do grupo.

De modo geral, o casal recém-casado estabelece residência longe dos pais de ambos os cônjuges. Todavia, verifica-se pelo menos em alguns casos em cada comunidade, aquilo que os especialistas conhecem como "famílias ligadas". São matrilocais ou patrilocais, dependendo do conjunto de circunstâncias envolvidas. Na área em volta de Passagem Grande, por exemplo, no Baixo São Francisco, especialmente nas grandes propriedades, casais recém-casados podem morar nas terras de um ou outro dos pais, frequentemente na dos pais da esposa. As três filhas da família dominante local, por exemplo, cujo pai possui várias fazendas, trouxeram os maridos, em seguida ao casamento, para morar nas terras paternas, onde os esposos subsequentemente ajudam na supervisão do plantio e colheita de arroz e cocos.<sup>3</sup> De idêntica maneira na vizinha Cuscuzeiro, um jovem do vilarejo que casara enquanto trabalhava como funcionário público em Ilhéus, no Estado da Bahia, ao voltar à terra foi morar com a esposa na fazenda do pai dela, que lhe deu 30 tarefas de terra para cultivar. Conforme a necessidade, pede-lhe ocasionalmente dinheiro emprestado, sem juros.

Embora os casais depois do casamento não costumem geralmente morar com os pais de um ou outro cônjuge, isto ocorre às vezes, sobretudo se o filho ou a filha, ou os pais dele ou dela, estão ligados por laços muito fortes de afeto. Um rapaz em Cuscuzeiro, por exemplo, levou a esposa para morar na casa do pai, onde continuou a ajudar no plantio e colheita do arroz que o pai explorava a meias; uma moça, depois do casamento, continuou a morar com o marido na casa do pai, onde ela e o esposo ajudavam o chefe da família nos campos de arroz.<sup>4</sup> Em Rio Rico, no Planalto Ocidental da Bahia, observou-se que depois de ter-se casado de acordo com a forma de cerimônia religiosa conhecida como "ligeira" (ver abaixo), o casal pode ir morar na casa do pai da noiva ou do noivo até que aprontem a própria residência. Não obstante, esses casos são relativamente pouco numerosos.

3. A respeito de duas filhas solteiras, disse um informante "Qualquer dia arranjam um boiote e é mais um camarada para administrar as muitas propriedades do Sr. Pimpão." Os filhos deste último frequentaram a escola na capital estadual e, ao se formarem na faculdade, lá permaneceram.

4. Em ambos os casos, as pessoas implicadas eram da parte menos privilegiada da população, a primeira da mais baixa e a segunda da camada mais alta.

A atitude comum a este respeito reflete-se no dito comum ouvido em toda parte no Vale: "Quem casa, quer casa." Uma moça em Cuscuzeiro, por exemplo, disse: "Uma coisa que a gente não deve fazê é morá com sogra." Não obstante, mesmo que estebeleça o lar numa casa própria, como geralmente ocorre, o casal geralmente continua a manter as mais íntimas e cordiais relações com os membros do grupo familiar mais vasto.

*Composição dos lares.* Conforme indicado acima, a maioria dos lares no Vale é composta meramente da família nuclear, isto é, o homem, a mulher e os filhos. Em alguns casos um ou mais avós, ou um ou mais tios e tias dos pais, incapazes de trabalhar como antes, mas ainda capazes de cuidar da casa e das crianças quando os pais estão fora (em Passagem Grande, por exemplo, quando trabalham nos arrozais), moram também, na mesma casa um tio ou tia sozinhos ou um ou mais parentes próximos. Informações obtidas entre 405 escolares em onze cidades do Vale indicaram que, em 33 das 405 famílias envolvidas, moravam com elas 42 primos, geralmente um em cada caso, mas às vezes três (em 2 casos). Existiam de uma a quatro famílias desse tipo em cada uma das onze cidades. Em 12 famílias em 6 das cidades, com as crianças entrevistadas residiam sobrinhos ou sobrinhas, variando o número de 1 a 6 em cada caso; numa família existiam dois sobrinhos e um primo.

Entre as 405 famílias, 213 ou 52,8 por cento, compunham-se apenas de pai, mãe e filhos; em 10, ou 2,5 por cento, além de um ou mais filhos, havia apenas o pai e, em 25, ou 6,2 por cento, somente a mãe. Dois padrastos foram encontrados e cinco madrastas na amostragem; e, em quatro casos, as crianças moravam com um avô e uma avó. Em dois casos, o único adulto da família era a avó da criança, embora em caso algum houvesse apenas uma avó. Em um caso, o único adulto era o tio da criança; e, em dois, somente a tia ou tias. Não obstante, existiam 34 outros lares nos quais vivia a avó das crianças, juntamente com os pais; 5 na qual morava o avô; 8 com as quais moravam o avô e a avó; e 2 em que morava com ela a bisavó. Com 42 famílias residiam uma ou mais tias das crianças; e, em 21, um ou mais tios.<sup>5</sup> Em um lar, havia uma tia e 5 filhos e, em outro, um tio e quatro filhos. A composição adulta de outros lares incluía, em um caso, mãe e madrinha e, em outro, padrinho e madrinha.

O número de crianças em todas as 403 famílias variava de 1 a 15, com uma média de 5,2 e um modo de 5. Era a seguinte a distribuição:

5. Se das crianças ou dos pais, não foi especificado.



| <i>Crianças por família</i> | <i>Número de famílias</i> |
|-----------------------------|---------------------------|
| 1                           | 28                        |
| 2                           | 35                        |
| 3                           | 39                        |
| 4                           | 52                        |
| 5                           | 53                        |
| 6                           | 51                        |
| 7                           | 36                        |
| 8                           | 27                        |
| 9                           | 18                        |
| 10                          | 15                        |
| 11                          | 6                         |
| 12                          | 1                         |
| 13                          | 5                         |
| 14                          | 0                         |
| 15                          | 1                         |
| Total                       | 367 <sup>a</sup>          |

<sup>a</sup>Não existiam dados em 38 casos.

Muito embora o número de pessoas num dado lar varie bastante, com uma faixa nesta amostragem especial de 2 a 17, a média parece consideravelmente pequena em todas as localidades estudadas.

Em Pesqueira, por exemplo, o recenseamento federal de 1950 consignou, na "zona urbana", 3,9 pessoas por prédio; na "suburbana", 4,1; na "rural", 4,3, ou uma média para a cidade de 4,1. No censo pessoal realizado no local pelos nossos pesquisadores em três bairros habitados inteiramente por famílias de baixa renda, apurou-se um número médio de pessoas por prédio de 4,7 e um modo de 4. O censo federal de 1950 consignou para a vizinha Marrecas cifras apenas ligeiramente mais altas.<sup>6</sup> Em Cuscuzeiro, no Baixo São Francisco, um censo pessoal efetuado pelo nosso pesquisador indicou uma média de 4,9 pessoas em cada lar, com uma variação de 2 a 12 e um modo de 4.

A contradição entre o número bastante baixo de pessoas nos lares locais e as taxas de fertilidade relativamente altas (ver *Fertilidade*, Tomo II) deve-se a duas circunstâncias: alta taxa de mortalidade infantil (ver *Mortalidade*, Tomo II) e ao fato de alguns dos filhos mais velhos terem deixado o teto paterno para estabelecer famílias próprias ou migrar para outras áreas, especialmente para o Sul.

*A formação de uma família do tipo conjugal.* Outrora, o estabelecimento de uma família nuclear era controlado com bastante rigidez pelos membros das unidades pré-existentes de onde provi-

6. No tocante a todo o distrito de Marrecas, 4,7 pessoas por prédio.

nham os cônjuges. Não obstante, esse controle tende a diminuir consideravelmente em gerações mais recentes, sobretudo nas cidades.

Um informante de Catolé, nos Gerais, zona do Planalto Ocidental da Bahia, que tem uma filha núbil, disse que o pai da moça ainda pede ao rapaz que se case com ela e que, se houver concordância, falará com os pais do possível noivo, e que "o casamento é combinado". O informante acrescentou que falou com um rapaz sobre o casamento com sua filha, mas que não recebeu ainda uma resposta. E disse que se o rapaz não responder favoravelmente, "tem outro rapaz em vista".<sup>7</sup>

Na cidade de Rio Rico, disse um informante: "Esse pessoal antigo era assim: a filha sempre casava com quem eles queriam." Às vezes, a moça conhecia o marido apenas no dia do casamento. Na noite anterior, dizia-lhe a mãe: "Você tome um banho, se apronte, que amanhã vamos levar você no comércio para casar." Na área rural em volta de Rio Rico, o costume ainda predomina e, nos Gerais, o pedido é feito pelo pai da moça. "O rapaz não pode escolher entre várias filhas", disse um informante. "Tem que aceitar ou não a moça que o pai quer casar; casam primeiro as mais velhas. As moças não se incomodam. Elas querem é casar".

Apesar disso, na própria cidade de Rio Rico, o padrão está se dissolvendo e numerosos casamentos ocorrem por iniciativa dos próprios jovens. Uma moça local, por exemplo, recusou-se a prosseguir com a cerimônia organizada pelos pais dizendo: "Não quero." E casou-se com outro rapaz que estava à espera na igreja. Muito embora o pai "tivesse feito barulho e lhe fechado as portas durante oito dias", disse outro informante, finalmente deu uma festa de casamento ao casal. Nada obstante, os pais ainda exercem um papel muito ativo na escolha dos companheiros dos filhos. Uma informante, por exemplo, em virtude da insistência da mãe, uma viúva, que apreciava o genro em perspectiva e o considerava "muito trabalhador", estava prestes a casar-se por ocasião de nossa pesquisa com um homem de quem não gostava muito.

Em Pesqueira e na vizinha Marrecas, é ainda extensa a influência da família na escolha do companheiro dos filhos, embora aqui também esteja se desenvolvendo aos poucos a tendência de deixar que filhos e filhas tenham maior liberdade no assunto. Defende-se a influência da família com o argumento de que a moça casa com tão pouca idade, ou pouco depois da puberdade (ver *Idade no Casamento*, Capítulo VII) e também com o fundamento óbvio de que, por intermédio do casamento, as famílias

7. Os casamentos dos moradores são geralmente celebrados numa cidade à margem dos Gerais, "numa ocasião em que o padre está lá", disse ele. Ocasionalmente, um padre penetra na zona e chega a Catolé, onde celebra missa numa residência local e efetua casamentos.



envolvidas tornam-se interrelacionadas e daí possuem interesses inerentes no estabelecimento de nova unidade familiar. Nos casos de séria discordância entre filho ou filha e os pais no tocante ao casamento, os amigos geralmente intervêm e promovem a reconciliação. Em Marrecas, contou uma informante que casou contra a vontade "só prá obedecer ao pai". A irmã casou-se da mesma maneira, "por imposição paterna, com lágrimas nos olhos"<sup>8</sup>

Na Ilha do Toré, na Seção Norte das Corredeiras, um pai que é talvez de pura ascendência ameríndia, ficou furioso quando a única filha viva que "anoiteceu, mas não amanheceu", tendo fugido com o que ele chamou de moço "safado", que cometera um crime e que, além disso, continuou, "possuía ainda duas mulheres". O pai em causa nunca mais deu a bênção à filha e, de fato, não a considera mais como tal. Se alguém lhe pergunta se tem filhos, responde: "Não, minha família é composta apenas de duas pessoas: eu e minha mulher."<sup>9</sup>

Em Cerrado, na bacia do Alto São Francisco, contudo, o controle dos pais nesses assuntos não é tão forte como outrora, embora ainda aconteça que os pais amiúde sugiram a um filho alguém que consideram um "bom partido". Numerosas pessoas acreditam ainda também que o pai da moça, em primeiro lugar, mas até certo ponto também a mãe, tem responsabilidade clara na escolha de um bom partido para a filha.<sup>10</sup> Amiúde, também, os pais intervêm na escolha feita por filho ou filha, manifestando aprovação ou desaprovação em termos que não deixam dúvida.<sup>11</sup>

O aparecimento de novos meios de independência financeira de moças que não trabalham em casa, juntamente com a maior facilidade espacial de movimentos, contribuiu para a mudança nos antigos controles sobre o casamento de filhos e as atitudes em que se baseavam. Um informante em Cuscuzero, por exemplo, noivo de uma moça que os pais "havião arranjado", e que resolvera casar-se com outra, depois de informar aos pais da noiva da mudança de seu planos, deixou a localidade e foi trabalhar na Ilha

8. Embora o informante mantivesse tais expectativas no caso da filha mais velha e lhe proibisse o casamento com o rapaz que ela escolhera, veio a arrepender-se da decisão. "Não deixei ela casá com quem queria e por isso casô com o primeiro rapaz que encontrô. Hoje ela tá viúva e mora comigo." No tocante à filha mais moça, o informante tencionava agir de modo diferente. Aconselhou-a a escolher quem quisesse. Ela concordou e ele diz agora: "Se der certo na quadra de todos gostarem, muito bem! Senão..."

9. Devido à atitude do pai, a filha, mesmo que more próxima a ele na ilha, não procura visitá-lo e evita os lugares onde ele provavelmente será encontrado. Não obstante, envia às vezes a filha pequena a casa do avô para visitá-lo. E ele deu-lhe a "bênção" porque, como disse, "ela não tem culpa do que a mãe fez."

10. Refletindo essa expectativa, um morador local observou jocosamente para um amigo: "Sua mulher se casou com você porque não tinha pai."

11. Um trabalhador da roça namorava certa moça e lhe fazia uma visita por semana até que o irmão dela lhe disse que a pessoa "responsável", o avô, não aprovava o casamento. Os seus próprios pais opunham-se também à união. Embora o rapaz tivesse deixado temporariamente de namorar a moça, observou na ocasião que tencionava insistir no casamento, acrescentando: "A gente pede licença (aos pais) por obrigação, mas se eles não quiserem deixar, a gente casa assim mesmo."

das Salinas como mensageiro de escritório. Lá permaneceu quatro anos, juntou gradualmente dinheiro suficiente para voltar a Cuzcozeiro, plantar seu próprio arrozal e casar-se com a moça de sua escolha.

Indubitavelmente, porém, a escolha de um companheiro é ainda influenciada com frequência, em toda parte, pelos tipos de relações existentes entre as famílias do noivo e da noiva. Demais disso, em Cerrado como em outras localidades, os casamentos raramente transpõem as linhas de classe. Em Passagem Grande, por exemplo, observou-se que as famílias que moravam no "Quadro", ou centro da cidade, onde reside a elite local, não permitem que os filhos casem com "uma qualquer menina que mora lá, na Ponta da Várzea", indicando uma parte menos desejável da cidade, ocupada por famílias de *status* social mais baixo e situação econômica baixa. E insistem com os filhos que "não se embeicem pela beleza da menina de pé rapado, sem eira nem beira".<sup>12</sup> Especialmente entre as famílias possuidoras de meios consideráveis, os casamentos são amiúde combinados no local, como de resto em outras localidades, entre os parentes próximos com a finalidade de conservar as propriedades na família.

Mais ou menos há um século, referindo-se a Minas, escreveu Burton (I:397): "Os casamentos de parentes consanguíneos, tais como tios e sobrinhas, não são incomuns." Atualmente, contudo, parece que são raros os casamentos entre pessoas estreitamente relacionadas biologicamente, embora as sanções negativas a este respeito sejam bastante débeis. Em Rio Rico, por exemplo, apurou-se um único caso de casamento de tio com sobrinho, no caso um antigo político de considerável *status*. Acredita-se de modo geral, na localidade que filhos de "primos carnis" são mental e fisicamente defeituosos e que, consequentemente, "casamentos entre primos carnis não presta".<sup>13</sup>

Os cônjuges são amiúde naturais de diferentes comunidades. Numa amostragem de 405 crianças em idade escolar realizada em onze cidades do Vale do São Francisco, por exemplo, somente em 128 casos, ou 31,6 por cento do total, o pai e a mãe haviam nascido na mesma comunidade, seja na que moravam na ocasião (61 casos) seja em outras localidades (67 casos).<sup>14</sup>

12. Apesar de tudo, quando uma moça da parte menos favorecida da população torna-se professora ou funcionária pública, sua desejabilidade como esposa é consideravelmente aumentada.

13. Um caso de incesto foi observado na zona rural do município. Um irmão, que havia passado quinze anos em São Paulo, teve, ao voltar, relações sexuais com uma irmã mais moça. Ao descobrir a mãe que ela estava grávida, o irmão levou-a a São Paulo para fazer um aborto. Os dois moram agora na casa dos pais. Nas festas, a moça não dança porque houve uma briga certa vez entre o irmão e outro homem, "devido ao ciúme dele."

14. Entre os 223 pais, um ou mais dos quais haviam nascido na comunidade onde os filhos frequentavam na ocasião a escola, 118, ou 52,9 por cento, eram mulheres, e 105, ou 47,1 por cento, homens.



Durante longo tempo não houve virtualmente no Vale barreiras religiosas ao casamento. Não obstante, o aparecimento relativamente recente de cultos protestantes em Pesqueira, Sertão Novo (Seção Norte das Corredeiras), e Passagem Grande, colocou a questão nessas localidades, como também num crescente número de outras. Observou-se em Passagem Grande um caso de noivado desfeito porque "o moço trocara de religião", como se diz por aqui, "tornando-se protestante".

Em casos de sedução ou relações sexuais anteriores ao casamento e especialmente se ocorre gravidez, o casamento é, de modo geral, forçado ao casal se o homem e a mulher são da mesma camada social,<sup>15</sup> ou, em caso contrário, o pai da moça pode exigir, e receber, do jovem ou da família, uma compensação em forma de dinheiro ou terras para cultivar. Embora o número de casos de defloração em Pesqueira, por exemplo, dando origem à intervenção da Polícia seja relativamente grande, a maioria dos casos é resolvida por ajustes amistosos entre as famílias em questão. Observou-se em Cuscuzeiro que alguns jovens procuram evitar a "reparação", fugindo para outras comunidades. Se voltarem, contudo, continuam ainda sujeitos à profunda reprovação. A fim de reduzir a possibilidade de que alguma infelicidade ocorra à filha, os pais procuram aqui, como, aliás, em outras localidades, casá-las tão cedo quanto possível.

*Formas de casamento.* São três os principais meios pelos quais é estabelecida uma família nuclear: por meio do "casamento na igreja", como é chamado ou, como mais comumente conhecido, "casamento no padre"; pelo casamento civil; ou pelo que é conhecido nos Estados Unidos como "casamento consuetudinário", ou simplesmente vida em comum (ver abaixo). A primeira forma tem como ministrante um padre<sup>16</sup> e é aprovada por quase todo mundo. O casamento civil, outrora pouco conhecido mas agora mais comum, especialmente quando um ou ambos os esposos possuem propriedades, é realizado em alguns casos em aditamento ao religioso, mas só em casos raros isoladamente. A vida em comum é a forma mais comum nas áreas mais rurais e, igualmente, entre a parte menos favorecida da população nas cidades, tal como em Passagem Grande, por exemplo, a formada por pescadores, trabalhadores braçais das lagoas de arroz, descascadores de cocos, e homens de ganho.

15. Não obstante, tais casamentos são às vezes de curta duração. Quando uma moça de 18 anos de Passagem Grande e o namorado foram casados "à força", o casal passou a viver em Penedo. O marido, segundo se diz, começou a beber muito e a brigar constantemente com a mulher. Finalmente, ligou-se a uma prostituta numa cidade vizinha e partiu com ela para ir morar no Rio, abandonando esposa e filho, que voltaram a morar com os pais.

16. Ou, num relativamente limitado, mas crescente, número de casos, por um pastor protestante.

Além dos três principais meios de estabelecimentos da família nuclear, contudo, ouve-se ocasionalmente falar de outros arranjos. Um caso de casamento "de contrato" por exemplo, foi observado em Rio Rico, embora fosse concretizado fora da comunidade, em outra cidade do Vale do São Francisco. Aparentemente, a união foi estabelecida mediante redação de um contrato escrito entre as duas partes interessadas, sendo a escritura subsequentemente lavrada em tabelião.

Embora a existência do chamado "casamento no Uruguai", ou novo casamento de pessoas em país estrangeiro onde o divórcio, ao contrário do Brasil, é legal, fosse conhecido de algumas pessoas nas localidades estudadas, nenhum caso real foi apurado pelos nossos pesquisadores. Uma mulher de Rio Rico, que se separara do marido, resolveu fazer tal casamento, mas teve a intenção vetada pela mãe, especialmente, segundo se disse, quando descobriu que o marido em perspectiva já era casado e pai de filhos.<sup>17</sup>

Uma forma inortodoxa, mas não rara, de "casamento na igreja" nas comunidades onde não existe padre residente é a conhecida em Rio Rico como casamento "ligeiro", ou "improvisado". Geralmente realizado na ocasião de uma festa religiosa, quando um homem e uma mulher decidem subitamente aproveitar a presença temporária de um padre no local, mesmo sem enxoval ou outros preparativos, é realizado inesperadamente, amiúde sem que outras pessoas tenham conhecimento de que o casal tencionava casar ou, pelo menos, casar cedo. Embora alguns casais possam estar já noivos, em certo número de casos isto não ocorre. Segundo se diz, houve grande número de tais casamentos em Rio Rico.

Em alguns casos de casamentos "consuetudinários", praticam-se certos atos públicos que lembram, talvez, costumes ameríndios ou africanos. Em Passagem Grande, por exemplo, sobretudo nas áreas rurais, o homem, depois de obtido o consentimento dos pais da moça, pode providenciar certas necessidades à vida, tais como um rancho de palha, uma nova esteira, um pote, duas ou três panelas de barro, um cutelo para a cozinha, uma garrafa de azeite de dendê, uma tijela para o sal e pelo menos duas outras para o café etc. No dia aprazado, dá uma pequena festa, servindo aos convidados mungunzá, cuscus de milho ou arroz, pé-de-moleque, e algumas garrafas de cachaça, depois do que leva a moça para o rancho e passam a viver como marido e mulher. Um descascador de cocos de um sítio local chamado Jônio, foi num sábado

17. Embora dados mais precisos não fossem apurados na pesquisa, é provável que o "casamento na fogueira" mencionado por um indivíduo nos Gerais, e que se diz ter sido mais frequente no passado, seja uma subforma do casamento consuetudinário, embora se revista indubitavelmente de algumas das funções do casamento legal porquanto acarreta, pelo menos, certa dose de aprovação pública.



falar com o pai de sua namorada, morador no povoado de Lagoão, sobre um casamento desse tipo. Ele não queria casar "na igreja" nem no "civil".

Simbólico da seriedade e permanência relativa desse tipo de casamento, contudo, é o costume local de dizer dos que entram em tais uniões que "se casaram na igreja verde",<sup>18</sup> isto é, no mato, onde o padre raramente se é que alguma vez, aparece. Além do mais em muitos desses casos os casais costumam finalmente legitimar a união, aproveitando a vantagem da rara visita do padre à comunidade ou uma viagem a uma cidade em que reside um sacerdote ou missionários viajantes visitam a área até mesmo vinte ou trinta anos depois e casar o casal segundo os ritos da igreja. Em Cuscuzeiro, esse tipo de união costumava ser muito comum. Segundo se sabe, a missão católica enviada à comunidade em 1952 casou, de acordo com os ritos da igreja, numerosos casais que viam em comum.

No estudo dessas diferentes formas de estabelecimento da família nuclear caberia recordar que o atual complexo associacional e cultural no Vale deriva de quatro fontes primárias: a existente na área por ocasião do contato europeu, variando algo com os diferentes grupos ameríndios; a introduzida pelo europeus que chegavam, quase inteiramente portugueses, embora neles se incluíssem também alguns naturais de outros países europeus; a trazida pelos africanos, forçados a migrar para o Brasil; e a derivada da interação de membros desses grupos raciais e culturais nas circunstâncias de um novo meio geográfico para dois deles e, para todos os três grupos, novos conjuntos de relações raciais, econômicas, políticas e pessoais. Alguns elementos culturais adicionais foram acrescentados em anos mais recentes, especialmente por imigrantes espanhóis e italianos na parte Alta do Vale, sobretudo nas maiores cidades e em Belo Horizonte, e por libaneses e sírios em algumas cidades menores, como, por exemplo, Pirapora e Juazeiro. Os atuais costumes relativos ao casamento e a outros fatos de relacionamento familiar provavelmente refletem, até certo ponto pelo menos, a origem variada desses elementos associacionais e culturais.

De qualquer modo, é encontrado hoje, sobretudo entre os menos favorecidos econômica e socialmente, um número bastante grande desse tipo de uniões informais, chamados em linguagem erudita de "mancebia," muito embora a palavra não seja usada pelos participantes de tais uniões e seus amigos. Em vez disso, o verbo "amigar" e o adjetivo e particípio "amigado" são usados popularmente para descrever o ato da união e a condição dele

18. Similarmente, diz-se de pessoas casadas pelo padre que se "casaram na igreja amarela", isto é, na matriz da cidade, onde oficia o vigário.

resultante. As uniões, conforme indicado acima, podem ser não apenas estáveis e relativamente permanentes, mas assim reconhecidas pela maioria, se não por todas as pessoas da comunidade.

O *status* de um homem e uma mulher em Retiro, na área do Alto São Francisco, por exemplo, que viveram juntos durante uns vinte anos sem realização de um casamento civil ou religioso não parece ser de forma alguma diminuído pela não-legalidade do arranjo. A filha mais velha do casal está agora casada e os outros seis filhos estão sendo criados como quaisquer outros de famílias de classe mais baixa na área. Não se observa na comunidade discriminação com referência às crianças ou aos pais. Algumas uniões desse tipo, contudo, podem ser bastante informais e temporárias, amiúde tendo sido iniciadas por um rapaz da elite local antes do casamento<sup>19</sup> e, em muitos casos, por homens após o consórcio.

Em Cerrado, um homem casado, conhecido de nosso pesquisador, mantém outra mulher e os filhos numa casa separada. Embora a esposa legal tenha conhecimento da segunda união, "aceita a situação," como se diz. Mais frequentes, porém, são os casos de homens casados na cidade que mantêm relações maritais temporárias ou mesmo permanentes com prostitutas. Em todos esses casos, considera-se o homem como tendo geralmente uma única família: a constituída com a esposa legal. O outro arranjo é mencionado apenas "à meia voz."

Em Pesqueira, onde o homem nunca "peca," segundo a opinião local, se tiver relações sexuais fora do casamento, parte considerável dos indivíduos casados, comunicou um de nossos pesquisadores, se a condição econômica permite, mantém uma ou mais ligações amorosas permanentes além da com a esposa socialmente reconhecida. "O comum aqui é que todo homem casado tenha uma rapariga," disse um morador. "Alguns, têm só para si; outros, não. Até pobre tem sua rapariga. As esposas não gostam, mas não dizem nada." A vista da evidência, parece que o homem que tem mais de uma mulher não provoca, em si mesmo, sanção negativa na comunidade.

Em Passagem Grande alguns homens que se casaram de acordo com a lei civil e a religiosa e que "não conseguiram dar-se bem com as esposas," "recolhem uma mulher" como se diz localmente. Outros, que continuam a morar com as esposas, depois de casados no civil ou no religioso, ou em ambos, e que possuem meios financeiros, mantêm também uma ou mais mulheres nas "pontas das ruas," como se diz, ou numa propriedade rural. Parecem estar envolvidos, no particular, homens de duas classes locais, os "ricos"

19. Em Pirapora, por exemplo, um jovem solteiro tinha uma "amiga" com quem convivia havia quatro anos e de quem, dizia com uma considerável dose de orgulho, tinha um filho de três anos. Disse que gostava muito dele e dela. Não gastava, contudo, dinheiro algum no sustento do filho.



e os "pobres," como são chamados, embora, especialmente no último caso, pareça haver também a tendência de morar com uma única mulher de cada vez.<sup>20</sup> No dia em que se "amigou" um morador, observou casualmente: "Tomei a minha por enquanto." "Recolhi uma mulher em casa, vivi com ela dois anos," disse um membro de um dominante grupo de parentesco, "mandei embora e agora recolhi outra." "A mãe dessas 14 crianças, vivi com ela 30 anos antes dela morrer," disse Jacinto, um preto de recursos modestos. "Minha mulher legítima ainda vive, só que eu não consegui fazer vida com ela." Embora a companheira de 30 anos tivesse morrido trinta dias antes, já havia "recolhido" outra. Que tais arranjos têm o peso do costume e foram há muito tempo sancionados pelo mores local, mesmo que combatidos pelas autoridades religiosas, é confirmado pelo fato de que os moradores que mantêm outra mulher em seus sítios ou "têm uma rapariga por conta nas pontas de rua." acompanham as esposas à missa aos domingos, dando, observou o nosso pesquisador, "a impressão de que há em casa uma permanente harmonia."

Um dos resultados da mancebia observada em Passagem Grande, contudo, é que a mulher embora outrora tivesse uma vida sexual mais regular, pode mais tarde, depois de desfeita a união, "ir para o meretrício." Isto ocorre também ocasionalmente no caso da mulher abandonada pelo marido em troca de outra mulher. Uma moça local, por exemplo, que casara "na igreja" à idade de dezesseis anos, foi abandonada pelo marido antes do nascimento do primeiro filho. "Meu marido," disse ela, "nem quis conhecer o filho." Vendeu os poucos bens pessoais que podia e começou a trabalhar nos arrozais. "Aqui é muito pouco o que uma mulher pode fazê," disse ela. "Eu vivo muito mal. Não quero que meu filho sofra e por isso quero ir prá Aracaju prá ser solteira (prostituta) lá. Sou ainda de pouca idade, e não sou tão feia."

Variam as opiniões concernentes à mancebia. Em Cerrado, por exemplo, parece haver tendência crescente para evitá-la, especialmente entre as classes superiores, mas também até certo ponto entre as camadas mais baixas da população. Esta atitude parece ter também característica da vizinha Retiro. Procurando explicar o fato, disse um morador de Retiro que os fazendeiros locais há longo tempo procuram evitar que vivam em suas fazendas casais sem "regularizar" a união, pelo menos num "casamento religioso." Na opinião de algumas pessoas em Passagem Grande, especialmente entre moradores da cidade, o casamento religioso é o único meio legítimo de estabelecer uma família. O casal que estabelece outra maneira sofre sanções negativas. Para algumas pessoas, sobretudo as que possuem terras ou algum pecúlio, o ca-

20. Disse um informante nos Gerais a respeito de um vizinho que "tem duas mulheres: "Nem com uma a gente quase que num pode, como é que vai podê com duas?"



samento civil é considerado também indispensável. Para o padre local, como para a igreja em toda parte, o casal casado apenas "no civil" vive "amancebado" e no pecado.<sup>21</sup> Especialmente na zona mais rural do município, contudo, a opinião dominante, talvez derivada até certo ponto de ancestrais ameríndios, africanos, ou de ambos, é que nem o civil nem o religioso são essenciais.

Em todo o Vale, com algumas exceções, talvez, nas cidades maiores e, sobretudo em Belo Horizonte, o casamento na igreja é muito mais comum e goza de muito maior prestígio do que o civil. Um morador de Cuscuzeiro, por exemplo, disse certa vez: "Casamento civil não é casamento; não tem a bênção de Deus. Um morador dos Gerais, por sua vez, observou: "Casamento no sirva (civil) num presta, não. Casamento é só no padre." Tais preferências são provavelmente comuns em todo o interior do Brasil, pois o casamento civil não é considerado importante pela maioria da população rural e por muitos moradores das cidades, que ignoram as vantagens legais que encerram, ou o ligam mentalmente à distribuição dos bens possuídos por um, ou ambos os noivos, julgando-o necessário apenas quando possuem propriedades. Por outro lado, o casamento religioso deriva natural e espontaneamente de mores tradicionais, fato este refletido na lei. Demais disso, observou-se em Cuscuzeiro, assim como em outras localidades, que é mais fácil arranjar um casamento religioso desde que no vilarejo e em numerosos outros há carência de um servidor que possa efetuar a cerimônia civil. Numerosos casais em Cerrado dizem que casaram "só no religioso," porque não "conseguimos encontrar as certidões de nascimento." Em Rio Rico, nosso pesquisador notou "mais burocracia" no caso de casamento civil, sendo quase sempre exigido pelo serventário da justiça pelo menos a divulgação em local público de edital antes do casamento. Nas ocasiões de "desobrigas" ou festas religiosas locais, por outro lado, não há necessidade de ir à sede do município para casar no religioso. O casal precisa apenas dizer ao padre sua intenção, fornecer as informações necessárias a respeito de possíveis relações biológicas entre os noivos, e o casamento pode tornar-se e, de fato amiúde se torna, parte importante da própria festa, como, por exemplo, na de São Sebastião, num povoado no interior do município durante nosso período de trabalho de campo, onde 9 desses casamentos foram solenizados na mesma ocasião.

Em Retiro, informantes dizem que provavelmente não existem famílias casadas apenas no civil. Em Rio Rico, nos 20 anos transcorridos de 1932 a 1951, inclusive, houve no município apenas 558 casamentos civis, ou uma média de 28 por ano, ao passo que

21. Um alfaiate local comentou com grande amargura a recusa do padre local de dar a extrema unção a um colega de profissão na hora da morte porque, ao chegar para ministrar o sacramento, perguntou ao homem se era casado, ao que ele respondeu: "Sim, no civil." "E na Igreja?" perguntou o padre. "Não, seu padre."



durante os 3 anos para os quais existiam dados completos de casamentos religiosos por ocasião de nossa pesquisa, ou seja, em 1937, 1938 e 1939, realizaram-se nesta comunidade, que, conforme indicado, passa sempre tempos sem ter um padre residente, 536 casamentos na igreja, ou quase tantos durante apenas os três anos como todos os casamentos civis no período de 20 anos de 1932 a 1951. Entre 9 casais entrevistados nos vizinhos Gerais, numa área raramente, se é que algum dia, visitada por um padre, todos haviam casado "na igreja."

O casamento religioso era o comum e a única forma jurídica até o advento da República e a separação entre Igreja e Estado. É, por conseguinte, apenas natural que o mores original desenvolvido séculos antes em Portugal tenha continuado a prevalecer em áreas essencialmente rurais como o Vale, embora, a pouco e pouco, o casamento civil tenha começado a fazer seu aparecimento, geralmente em uniões, conforme já indicado, em que estão envolvidos consideráveis interesses de propriedades.

Não obstante, logo depois que as consequências a respeito da propriedade começaram a ser compreendidas, algumas pessoas começaram também a entrever a possibilidade de dissolver, de fato, mesmo que o divórcio seja ilegal no Brasil, a união contratual do casamento religioso. E muito embora o abandono do lar e o estabelecimento de uma nova família sejam geralmente condenados no mores, não existem consequências civis. O casamento civil, por conseguinte, veio a ser considerado por algumas pessoas como "também casamento," pelo menos mais do que a mancebia. Entrementes, a mobilidade, especialmente no caso de homens que migraram da área para o Sul, Goiás e outros Estados (ver *Mobilidade*, Tomo II), facilitou o estabelecimento de novas famílias e o abandono da esposa e filhos deixados na comunidade.

Assim, a pouco e pouco, um crescente número de pessoas veio a contar com a existência de dois tipos de casamento e tirar vantagem da situação legal para obter um divórcio de fato, negado pela lei civil e canônica, ou regularizar até certo ponto relações polígamas e, especialmente, políginas. Em numerosas localidades no Vale notou-se que, em muitos casos, especialmente naqueles em que o marido migrou para o Sul, Goiás, e outros Estados, o resultado consiste na permissão de um segundo casamento por ocasião da separação ou deserção. Igualmente, em muitos outros, um homem casa com uma mulher no civil e com outra no religioso e mantém relações permanentes com ambas na mesma comunidade.

Em Passagem Grande, por exemplo, um homem casado na "igreja verde" (ver acima) aos 17 anos de idade, mudou-se mais tarde para o Rio de Janeiro onde se fez fuzileiro naval e aprendeu a ler. Ao voltar à comunidade, casou-se com outra mulher "na igreja amarela," como se diz também, com a qual teve três filhos. Durante a II Guerra Mundial, porém, foi novamente trabalhar no Sul durante certo tempo. Mais tarde, trouxe a Passagem Grande uma moça de ascendência italiana, conhecida localmente como "a galega bonita," com quem casara no Sul "no civil." Refletindo certa hostilidade contra uma estranha e, especialmente, de origem estrangeira, outro morador observou: "O homem casou-se na igreja verde, na amarela, e no civil. Mas o único que vale é o civil. Um dia ele morre, e quem vai ficar com o que ele tem? Somente os filhos da italianinha paulista é que serão seus herdeiros."

Especialmente em anos mais recentes, a iniciativa em tais casamentos tem sido tomada pelas mulheres, embora também pelos homens. Em Pesqueira, por exemplo, uma moradora casou-se duas vezes. "a primeira vez no padre," como ela mesma diz, "e, a segunda, no civil." O primeiro marido abandonou-a, conta, "se foi presses mundos e nunca mais tive notícia dele." Falando de uma nora, viúva, que pretende casar novamente, observou um morador: "Mas somente no religioso, a título de experiência. Caso não desse certo, poderia ainda casar-se no civil. Se o caso desse certo, porém, poderia oportunamente casar-se também no civil com o mesmo marido."

Em todo o Vale, todavia, a maioria dos casais casa provavelmente no religioso meramente em obediência ao mores local e sem motivos ulteriores como esses. Mas, aparentemente, as atitudes estão mudando em crescente número de pessoas que não apenas tendem a aprovar a existência de casamentos civil e religioso, mas tenciona também tirar vantagem do fato. Em consequência, outros entre os mais informados e prudentes estão começando a perceber que é vantajoso casar "no padre" e "no "juiz," como dizem.

### *Crias*

É muito comum o costume de criar crianças que não nasceram da união do casal. Conhecidas com "crias," são às vezes filhos ilegítimos do pai com outra mulher, geralmente, mas nem sempre, nascidos antes do casamento. Com maior frequência, contudo, são sobrinhos ou sobrinhas do pai ou da mãe, netos, parentes ou, como ocorre em numerosos casos, afilhados, ou ainda, meramente crianças infelizes sem relação biológica, conjugal ou de compadrio.



Em Sertão Novo, por exemplo, o prefeito local e sua esposa, por ocasião de nossa pesquisa, estavam criando uma menina que lhes fora levada pela mãe quando tinha apenas um mês de idade. Estava com eles havia oito anos. Perguntado se outra criança de mais ou menos seis meses que a mulher tinha no colo era sua, respondeu o prefeito negativamente, acrescentando que era filho de uma mulher que enlouquecera e "tratava a criança desumanamente, enterrando-a na areia até o pescoço, deixando-a exposta ao vento e sem alimento." Em Sertão Novo, igualmente, uma família que criava a filha de um compadre aceitara também para criar o bebê de uma prostituta local.

Em alguns casos, mas não absolutamente numa grande porcentagem de todos os casos, o marido e a mulher que resolvem educar a "cria" não têm filhos. Outro casal em Sertão Novo, por exemplo, que aceitara criar uma menina de mais ou menos seis anos, não tinha filhos embora estivesse casado havia dez anos. Um mecânico local e a esposa, que criavam duas crianças, um menino e uma menina, também não tinham filhos próprios. Os pais de uma das crianças, uma das quais prima de sua esposa, haviam morrido; a mãe do outro, também prima da esposa, era uma viúva em situação difícil. "Para os que não têm filhos," disse o pai de criação, "o remédio é criar os dos outros."

Não parece ser grande, contudo, o número real de "crias". Em apenas 11 das 405 famílias de escolares entrevistados no Vale, e que deram informações a respeito, por exemplo, havia irmãos de criação, uma criança em cada caso, num total de 11,7 dos quais eram rapazes. Seis, ou mais da metade dessas 11 famílias, residiam em Manga e, as demais, em Pirapora, Propriá e Penedo. Em 4 dos 11 casos, havia 7 outras crianças na família, todas elas irmãos e irmãs; em um caso, 9 outras crianças, todas as quais irmãos e irmãs; em outro caso, 11 crianças, incluindo 10 irmãos e irmãs e um primo; e, em cada um de dois casos respectivamente, 5 irmãos e irmãs e 4 irmãos e irmãs. Em um único caso havia "cria," um menino, a única criança.

### *Filhos Naturais*

O status dos filhos naturais no Vale parece ser, em todas as características essenciais, semelhante ao descrito no tocante a outras áreas do país.<sup>22</sup> Devido, em parte, ao fato de a Igreja ter sempre considerado "ilegítimo" os filhos de pais não casados segundo a lei canônica, mesmo que tivessem contraído núpcias no

22. Ver, por exemplo, Pierson, 1951:139-40; 1943:327-28.

civil, e de o Estado igualmente considerar há muito tempo "legítimos" os filhos não decorrentes de cerimônia civil,<sup>23</sup> é muito leve o estigma vinculado a tal situação. Em Pesqueira, por exemplo, entre as 151 crianças cujos nascimentos foram registrados em 1952 até a ocasião de consulta dos registros locais, 80 delas, ou 52,9 por cento do total, aparecem registradas pelas autoridades civis como "ilegítimas." Significava isto meramente, que os filhos nasceram de pais que não haviam casado em cerimônia civil ou no religioso com efeitos civis.

A atitude comum a este respeito provavelmente reflete também o mores original português levado para o Brasil e reforçado por tradições ameríndias e africanas, bem como as circunstâncias da colonização.<sup>24</sup> Ao serem entrevistadas as crianças do Grupo Escolar em Passagem Grande, diversos meninos e meninas deram "com a maior naturalidade," segundo disse nosso pesquisador, os nomes das respectivas mães e de um pai comum, o Sr. Pimpão, membro do grupo de parentesco dominante que tem "filhos naturais" em número considerável na comunidade.<sup>25</sup> Um deles, filha de uma conhecida prostituta, é pajem da família de um dos seus filhos legítimos, que ocupa também uma posição de destaque na comunidade. A menos que legalmente reconhecidos pelo pai, contudo, os filhos naturais não têm geralmente o mesmo sobrenome. Uma moça local, por exemplo, que não apenas conhece a identidade do pai, mas o visita ocasionalmente, tem o sobrenome de "da Glória", que é o nome próprio da mãe.

Conforme indicado acima (ver *Crias*) alguns filhos naturais são criados por casais bondosos, especialmente quando não têm filhos próprios. Um homem e a esposa em Passagem Grande, por exemplo, não os possuindo, passaram a criar a filha de uma prostituta que, segundo um informante, "ia lançá-la no rio."<sup>26</sup>

### *Viúvas*

De uma população total de 3.426.846 pessoas residentes nos municípios situados inteiramente dentro do Vale, foram listadas, no censo de 1950, um total de 108.610 viúvas, ou seja, 1 em cada

23. Uma lei relativamente recente (N.º 1.110, de 23 de maio de 1950), legaliza do ponto de vista do Estado, o que se conhece como "casamento religioso com efeitos civis." É redigido um documento legal antes da cerimônia religiosa, no qual se declara que o casamento será realizado em tal ou qual igreja por tal ou qual padre.

24. Ver Freyre, 1946; Pierson, 1942 e 1955a.

25. Ele é ocasionalmente chamado no local de *Pai d'Égua*.

26. Os padrinhos são brancos e a criança escura.



9 pessoas do sexo feminino de mais de 15 anos de idade e 1 em cada 18 da população geral de mais do que aquela idade.<sup>27</sup> Não obstante, observa-se variação considerável por municípios: no de Alagoinha, na Bahia, por exemplo, o número de viúvas era de 1 em cada 14 pessoas do sexo feminino de mais de 15 anos de idade, ao passo que em Propriá, em Sergipe, a proporção subia de 1 para cada 7 da mesma idade.

Algumas viúvas casam novamente, especialmente as que são relativamente jovens ou possuem propriedades em seu nome.<sup>28</sup> Se não casam, ou até que o façam, são ajudadas financeiramente pelos membros da família na extensão possível, sobretudo se são abastados. Em caso contrário, poderão, como em Passagem Grande, trabalhar como parteira e benzedeira, ou nos arrozais. Se a renda não fôr suficiente para sustentar-se e aos filhos, poderá aceitar, nas ocasiões em que não precisar trabalhar nas lagoas (ver *Agricultura*, Tomo II), outras tarefas remuneradas, tais como tecer chapéu de palha de ouricuri, fabricar esteiras de piripiri, lavar roupas, fazer croché, fazer e vender o que é conhecido localmente como "bagana," isto é, bolos e farinha, arroz doce, pés-de-moleque, ripiona, cuscus de arroz ou milho, pamonhas, e doces caseiros, utilizando os filhos como vendedores ambulantes,<sup>29</sup> ou cortar e vender pessoalmente roletes de cana à noite nas proximidades do cinema local. Entrementes, especialmente se for jovem e pertencer à camada menos abastada da população, pode receber propostas amorosas de parte dos moradores.

A viúva pode, igualmente, ir residir com um filho ou filha casados. Ou, se não os possui nesse estado, tão logo o filho cresça e estabeleça família, ele pode, como em casos conhecidos em Passagem Grande, continuar a residir com a mãe e sustentá-la, juntamente com a esposa e filhos. A viúva, enquanto isso, cuida dos netos ou, se ele se estabelece em outra localidade, poderá pelo menos levar os irmãos e irmãs mais jovens para criar. Uma viúva local, além do que ganha como parteira benzedeira, recebe ajuda da filha, conhecida como "a moça mais trabalhadora da cidade,"

27. Havia aproximadamente um quarto mais de viúvas, ou 27,460.

28. As atitudes, no particular, refletem-se nos seguintes versos populares ouvidos em Passagem Grande:

Viúva nova, bonita e esperta... porta aberta,  
Ou viúva moça, sem compromisso, quero isso;  
Viúva velha, com dinheiro, mau petisco, mas... arrisco;  
Viúva velha, pobre, carregada de filhos... arrenego,  
O cão a carregue.

29. De manhã cedo ou ao entardecer, pode-se ouvir com freqüência a voz de um menino anunciando as mercadorias nas ruas da cidade.

pois costura, corta o cabelo e raspa as axilas de amigas, dá injeções, escreve cartas para analfabetos e realiza trabalhos análogos. Filhos que emigraram para o Sul antes da morte do pai enviam dinheiro para o sustento da mãe quando podem ou, eventualmente, convidam-na para ir residir com eles. Algumas viúvas, especialmente as relativamente jovens por ocasião da morte dos maridos, mudaram-se para o Sul por iniciativa própria. Algumas suplementam a renda pedindo esmolas e, ocasionalmente, morrem na miséria.

### *Solteirões e Solteironas*

De modo geral, um chefe de família desfruta de *status* mais alto do que um solteirão, mesmo que este último seja mais velho. Em Cuscuzeiro, os homens casados são considerados "sérios" e, daí, pessoas merecedoras de confiança, ao contrário do solteirão, podem ser solicitados a trabalhar como "cabo eleitoral," ou contratar um "arrendamento de lagoa." Se precisam de crédito, geralmente o conseguem com maior facilidade do que o solteiro.

Analogamente, a mulher casada tem *status* mais alto do que a solteira em qualquer idade e, especialmente, se a última passou da idade casadoura (ver *Idade no Casamento*, Capítulo VII). De fato, ser solteirona é uma situação altamente indesejável. "Ficar velho sem se casar é triste," disse um informante em Passagem Grande, "e, muito mais, é ficar velha solteira."<sup>30</sup> A mulher que ultrapassou em dez anos a idade casadoura sem ter encontrado companheiro, provavelmente será considerada "no barricão,"<sup>31</sup> sendo a sua situação comentada em termos desfavoráveis. No local, como em numerosas outras localidades do Vale, contudo, é considerável a migração de rapazes, sendo também, em consequência, muito alto o número de solteironas.

As solteironas residem geralmente com os pais até a morte destes e, em seguida, passam a viver com algum outro parente. Ou, se não os possuir, talvez tenham que trabalhar na residência de uma conhecida para pagar o sustento, em virtude da falta de outras ocupações femininas, vivendo, como se diz no local "encostadas," ou "de favor." As solteironas, contudo, tendem a conservar um papel significativo na manutenção do mores local. "Por qualquer coisa elas se escandalizam e vão contar ao padre," queixou-se um morador de Passagem Grande. Outro comentou: "Para meter a tesoura na vida alheia, é só elas."

30. Observou-se em Passagem Grande que mulher solteira nunca é chamada como tal, desde que essa palavra veio a significar aqui "prostituta". Em vez disso, é chamada de "moça solteira".

31. Diz-se também jocosamente a respeito das solteironas que elas "vão vendê vinagre no inferno", ou de solteirões que eles "também são vendê fumo lá".



*Relações Dentro da Família*

*Relações entre os cônjuges.* Em numerosos casos de casamento podem ter, obviamente, entrado considerações econômicas, familiares, políticas e religiosas, quando não de *status* individual. Na maioria dos casos, contudo, existe pelo menos afeto até certo ponto entre os cônjuges que, em alguns casos, pode ser profundo. De fato, parece que o motivo romântico vem ganhando importância há algum tempo, situação que se reflete, por exemplo, na tendência bem clara de permitir que o filho ou a filha escolham o companheiro (ver acima). "O único motivo para o casamento," disse uma moradora de Cerrado, "deve ser o amor. Outras coisas não bastam."<sup>32</sup>

Na maioria dos casos em Cerrado, como, de resto, em todo o Vale, espera-se que o marido e pai proporcione à esposa abrigo, alimentação, vestuário, tratamento em caso de doença e a satisfação de outras necessidades básicas. Se rico ou possuidor de meios, será chamado de "desumano" se não se desincumbir da principal responsabilidade a esse respeito, ou de "parasita" se à incapacidade de desempenhar tais obrigações se somar uma incapacidade evidente de assumir e manter outros aspectos do seu papel de homem casado.

O marido espera geralmente que todos os interesses e atividades da mulher gravitem em torno das crianças, do lar e dele mesmo. Raramente a esposa forma até mesmo um grupo de amigos sem sua aprovação e vigilância. Ele, porém, não precisa necessariamente conformar-se à mesma conduta. Ao contrário, frequentemente "ilude o controle" da esposa e não são raros os casos, conforme indicado acima, em que o marido tem aventuras amorosas fora do lar na extensão dos seus recursos econômicos.

De modo geral, contudo, as relações entre marido e mulher parecem bastante harmoniosas, desde que ela habitualmente se dedica aos interesses e atividades domésticas e é submissa à vontade do marido. Além disso, numerosos maridos, se não a maioria, tendem a ceder aos interesses e desejos da esposa no que diz respeito ao lar e às crianças. Numerosas esposas, e talvez a maior parte, desenvolvem formas sutis de controle das atitudes e conduta do marido que lhes permitem desempenhar papel importante e,

32. Dizem outras pessoas, contudo, que "só o amor não basta. Precisa de haver compreensão entre eles."

ocasionalmente, dominante, nos assuntos familiares. Não obstante, às vezes são maltratadas.

*Relações entre pais e filhos.* Em todo o Vale as crianças geralmente recebem dos pais, e retribuem, um alto grau de afeição e estima. Conforme indicado acima, as crianças não apenas são recebidas como "um presente de Deus" mas também como novos componentes do grupo familiar que, caso sobrevivam, lhes garantirão a continuação no futuro e o cuidado na velhice. "Uma das maiores indicações de desumanidade é a expressa falta de afeição dos pais para com os filhos," observou um morador de Cerrado, e acrescentou: "Os filhos devem sempre ser gratos aos pais." De fato, um alto grau de afeição entre pais e filhos parece ser uma atitude mais apreciada do que qualquer outra e, reciprocamente, uma briga entre pais e filhos é considerada uma das maiores tragédias que pode acontecer a uma família.

Os laços mútuos de afeição transparecem em Cerrado e em todo o Vale nos carinhos, especialmente quando a criança é pequena, e na preocupação constante com a saúde e a felicidade recíproca. São simbolizados pelo uso por parte dos filhos dos diminutivos "paim" e "maim" quando a eles se dirigem, e pelo tratamento, também com diminutivos, dos nomes dos filhos, no pedido de bênção aos pais, embora pareça que este costume esteja desaparecendo em algumas comunidades (ver *Etiqueta*).

É geralmente esperada obediência da criança e, igualmente, a observância de certas proibições, tais como não fumar na presença dos pais, não falar com eles em termos de igualdade,<sup>33</sup> e não conversar com eles, ou na presença deles, sobre assuntos considerados irreverentes ou pornográficos.

Antes do casamento e, em alguns casos, mesmo depois, espera-se que as crianças não apenas acatem tais proibições, mas façam tudo que os pais determinarem. A obediência e observância devem ser completas e inequívocas mesmo em assuntos que possam envolver violência.<sup>34</sup> Qualquer desobediência ou indicação de falta de respeito aos pais são consideradas em Cerrado, por exemplo, como em todo o Vale, ofensa tão grave como um sacrilégio ou uma blasfêmia. Pensa-se, igualmente, que tal conduta atrairá para a criança desobediente ou desrespeitosa castigos de

33. Como, por exemplo, nunca elevar a voz em conversação com eles.

34. Um jovem de Sertão Novo fugiu da comunidade e permaneceu longe durante seis meses porque "deu num sujeito", por ordens do pai, em virtude de questões de família. Diz também que brigou com o "tenente", ou delegado local, "porque ele quis bater no meu pai".



origem sobrenatural, além do controle do homem, incluindo doenças e "má sorte."

Considera-se no local o castigo da criança, como de resto em outras localidades, com um "direito" exclusivo dos pais ou de quem porventura os tenha substituído na família, tais como um padrinho ou um parente. E o maior castigo que o pai pode aplicar ao filho, segundo se observou em Pesqueira, é negar-lhe a bênção, lançando assim sobre ele sanções sociais e sobrenaturais. Temerosos de que o pai, em especial, "lhe negue a bênção," numerosos atos são evitados, incluindo amiúde, o casamento sem o consentimento paterno.

Não obstante, castigos não são aplicados com frequência nas localidades estudadas, pois a obediência e o respeito estão tão profundamente radicado no mores e a sua aceitação é tão geral que somente em casos raros, se é que alguma vez, os filhos os consideram pesados. Consequentemente, as proscricções raramente impedem o desenvolvimento normal e contínuo da afeição entre filhos e pais. Além disso, observou-se entre parte da população de Cerrado uma evidente preocupação de parte de alguns pais para que os filhos tomem decisões próprias, preocupação esta que levou alguns a se mostrarem muito tolerantes com eles. Este fato indica pelo menos a ocorrência de alguma mudança nas expectativas comuns a respeito da autoridade paterna. De modo geral, igualmente, o comportamento do rapaz em toda parte é controlado com menos rigor do que o da moça. Em algumas famílias, embora as moças não fossem, por exemplo, comparecer a bailes, os rapazes, especialmente de 18 anos ou mais, gozam de completa liberdade a esse respeito, bem como em outros assuntos.

As relações entre crias e os pais adotivos variam muito pouco, se é que o fazem, das existentes entre filhos e pais biológicos. Uma antiga cria, agora homem feito com família própria nos Gerais, por exemplo, como a maioria de casos idênticos conhecidos pelos nossos pesquisadores, é grato aos pais adotivos e quer criar os filhos, disse, como ele mesmo foi criado. Acrescentou que o pai adotivo deu exemplo à família com sua operosidade e que "fez todos nós trabalhá e nunca passamos fome." As relações que envolvem "filhos naturais" foram comentadas acima.

*Relações entre irmãos.* Irmãos e irmãs estão geralmente ligados por fortes laços afetivos que perduram por toda a vida. Os mais velhos, especialmente as moças, mas, às vezes, também os rapazes, ajudam com frequência a mãe a cuidar dos irmãos e irmãs mais moços. Ao atingir a idade de assumir tal responsabilidade, o irmão

mais velho talvez substitua o pai falecido na criação dos irmãos, agindo inclusive como pai para a irmã no tocante ao noivado e casamento. Uma informante dos Gerais, por exemplo, contou que antes do seu casamento, o irmão, substituindo o pai falecido, "falou com o rapaz lá em Veredão."

### *Grupos de Parentesco*

Muito embora a família nuclear constitua a principal unidade social, responsável pelo abrigo, sustento, vestuário e outras necessidades básicas dos seus membros, bem como o treinamento da criança, o grupo de parentesco amplia de modo considerável o apoio e proteção dados ao indivíduo com referência a outros grupos, proporcionando-lhe conselhos de parentes mais idosos e um alto grau de sociabilidade. O grupo de parentesco tende a desempenhar, por exemplo, um papel dominante na solução dos problemas mais sérios que a família nuclear enfrenta, como unidade menor, no desempenho de obrigações do sistema de vingança, observado na área, e em ocasiões sociais como preparativos e celebrações de aniversários e casamentos.

Os grupos de parentesco costumam ser amiúde muito numerosos. Entre os tributários Jacaré e Verde do São Francisco, no Estado da Bahia, por exemplo, e especialmente nas cabeceiras do primeiro, conhecida como *Vareda*, vivem entre 4.000 e 5.000 pessoas, segundo se calcula, que não apenas têm o mesmo sobrenome (Autran<sup>35</sup>), mas se consideram membros do mesmo grande grupo de parentesco. Uma cidade da área e a terra que medeia entre ela e outra é de propriedade exclusiva de pessoas do mesmo sobrenome. Segundo o presidente da Câmara desta última, também Autran, mais ou menos um terço da população do município tem esse nome. A proporção costumava ser maior, segundo se diz, não fosse o fato de, em anos recentes, numerosas famílias da Paraíba, Pernambuco, Piauí, e Alagoas terem se mudado para essa parte do Estado. Uma mulher que casou nesse grande grupo, ao ser solicitada a escrever os nomes de pessoas vivas da família que conhece pessoalmente, deu ao autor uma lista de 990 indivíduos, especificando em cada caso o nome, a relação exata com ela, e o local de residência. Acrescentou que conhecia ainda "mais ou menos umas quatrocentas e cinquenta pessoas mais," embora não pudesse lembrar-se no momento de seus nomes próprios. Esses indivíduos, segundo o grau de parentesco com a informante, constam do Quadro I.

35. Esse nome fictício foi sugerido ao autor por um membro deste grupo de parentesco.



## QUADRO 1

*Número e parentesco de membros de uma família, conhecidos da informante, Estado da Bahia, 1950*

| <i>Relações com a informante</i>      | <i>Número</i> |
|---------------------------------------|---------------|
| Filhos                                | 5             |
| Filhas                                | 4             |
| Noras                                 | 1             |
| Netos                                 | 5             |
| Netas                                 | 4             |
| Irmãos do marido                      | 7             |
| Irmãs do marido                       | 6             |
| Cunhados do marido                    | 3             |
| Cunhadas do marido                    | 7             |
| Tios do marido                        | 2             |
| Tias do marido                        | 7             |
| Primos do marido, de diferentes graus | 361           |
| Primas do marido, de diferentes graus | 442           |
| Sobrinhos do marido                   | 63            |
| Sobrinhas do marido                   | 73            |
| Total                                 | 990           |

Nesta área, entre o Jacaré e o Verde, costumavam ser poucos os sobrenomes diferentes de Autran, constituindo uma das exceções outro grande grupo de parentesco que se diz descender do bandeirante paulista Matias Cardoso, com cujos membros os Autrans vêm se ligando por casamento há gerações. Tão dominante, contudo, foi o grupo Autran no passado que outros sobrenomes que surgiram ocasionalmente na área desapareceram após a segunda ou terceira geração de acordo com o costume, também aqui vigente, de os filhos tomarem o nome da linhagem da mãe, especialmente se o seu grupo de parentesco tem maior prestígio do que o do pai. Os Autrans recordam-se mesmo de um homem, João Fulano, que tendo chegado à zona procedente de outra parte do Brasil, logo depois de casar-se no grupo passou a chamar-se de "João Autran".

Os membros do grupo atribuem a sua ascendência a um certo Capitão-Mor de Urubu, que chegou ao Brasil vindo de Portugal, presumivelmente do Vale do Rio D'Ouro, estabelecendo-se inicialmente em Caitité. Ele e uma preta tiveram uma filha que se casou com seu sobrinho. Em 1730, seus descendentes estabeleceram-se em 20 léguas quadradas de terra ao longo do Vareda, que fora comprada ao Conde da Ponte, trazendo com eles escravos africanos para cuidar do gado e lavar os algodais.

Seus descendentes vivem ainda principalmente da agricultura plantando algodão de forma muito parecida com a dos ancestrais, e criando gado. Em épocas mais recentes, alguns indivíduos começaram a deixar a área, especialmente em busca de educação mais avançada do que a fornecida localmente, não mais voltando. Em consequência, membros desse grupo de parentesco estão hoje espalhados por grande parte do Brasil, havendo-os mesmo no Rio Grande do Sul.<sup>36</sup>

36. Um deles era vereador em Manga, na parte alta do Médio São Francisco, por ocasião da visita do autor à cidade.

O relativo isolamento de grande parte do Vale até época relativamente recente favoreceu o desenvolvimento de alto grau de parentescos cruzados. Em Cerrado e Retiro, por exemplo, ouvimos dizer que "é perigoso falar mal de alguém, havendo pessoas por perto, porque estas podem ser parentes, ainda que remotamente, da pessoa visada, e ficarão ofendidas". Uma moradora de Rio Rico disse, a propósito: "Aqui era uma família só. Quando chegava gente de fora, quando ia falar de uma pessoa, precisava perguntar se era parente". Similarmente, disse um membro da elite local de Pesqueira: "Aqui, quase todos nós somos parentes. Quem briga com um ganhador corre o risco de brigar com a cidade toda".

Em Pesqueira, as palavras "tio" e "tia" são ampliadas para incluir os irmãos e irmãs dos avós paternos e maternos do indivíduo. Segundo o vigário local, as palavras são também empregadas, em parte do município, com referência ao sogro ou sogra, um fato que, observou um de nossos pesquisadores, talvez reflita um padrão muito comum de casamento entre primos, tanto cruzados como paralelos na área. O adjetivo "carnal" é usado para distinguir o grau de relação entre irmãos e primos. A expressão "irmão carnal, por exemplo", é aplicada ao filho do mesmo pai e mãe, indicando que a relação em causa não existe entre filhos do mesmo pai, mas de mães diferentes, ou da mesma mãe, mas de pais diferentes, ou ainda entre filhos adotados e biológicos. Já o "primo carnal" é usado para designar um primo, paralelo ou cruzado do primeiro grau, filho de um "irmão carnal" dos pais do indivíduo, distinguindo-o assim de primos mais remotos, que são conhecidos como "colaterais". Esta mesma distinção foi observada nos Gerais.

E também como em Pesqueira e outras localidades, os filhos usam os sobrenomes das famílias do pai e da mãe. Com frequência, o do pai é usado em último lugar, precedido pelo da mãe. A ordem pode ser invertida, contudo, em virtude do maior status desfrutado localmente pela linhagem da mãe ou um ou outro não serem usados em virtude do status inferior dessa família. O mesmo acontece em Cerrado, embora, em algumas famílias, os filhos usem o sobrenome da mãe e, as filhas, o do pai. Em alguns casos, quando os cônjuges são parentes, o marido e mulher talvez decidam dar aos filhos um, dois, ou mesmo mais sobrenomes que não usam, pertencente a um ancestral comum, vivo ou não. Alguns pais, especialmente entre os grupos de status mais baixo, registram os filhos com sobrenomes escolhidos ao acaso, que não são nem seus nem de seus antepassados. Entre as classes mais pobres de Passagem Grande e outras localidades, o sobrenome "Santos" ou "dos Santos" é muito comum, refletindo, provavelmente, o antigo status de ancestrais ameríndios ou africanos. "O pobre aqui, se não tem sobrenome, então, é Santos", disse um morador. "Ôvi dizê que lá pelo Sul, quando o cabra não tem sobrenome, é Silva. Nós aqui é "dos Santos".



Entre os sobrenomes de escolares entrevistados em seis cidades do Vale aparecem os seguintes, quase todos eles de origem portuguesa:

| <i>Pirapora</i><br>(Minas Gerais) | <i>Lapa</i><br>(Bahia) | <i>Juazeiro</i><br>(Bahia) |
|-----------------------------------|------------------------|----------------------------|
| Barbosa                           | Alencar                | Alves                      |
| Barros                            | Almeida Magalhães      | Amarante                   |
| Benevides do Nascimento           | Araujo                 | Assis Bandeira             |
| Borges                            | Cardoso                | Barbosa                    |
| Brandão                           | Ferreira               | Barbosa Santos             |
| Braga                             | Ferreira Lima          | Belfort da Cruz            |
| Campos Valadares                  | Genzaga                | Bonfim                     |
| Castro                            | Guimarães Cezar        | Carvalho                   |
| Duarte de Oliveira                | Lopes Piaui            | Carvalho Miranda           |
| Ferreira de Oliveira              | Magalhães              | Cardoso                    |
| Gonzaga Macedo                    | Magalhães Fonseca      | Castro                     |
| Lima                              | Magalhães Lisboa       | Cunha                      |
| Machado                           | Miranda                | Dias                       |
| Malard                            | Moreira de Castro      | Dias Mesquita              |
| Melo                              | Passos                 | Dourado                    |
| Nunes                             | Passos de Araujo       | Duarte Oliveira            |
| Oliveira                          | Pereira de Araujo      | Evangelista Ribeiro        |
| Paixão Brant                      | Pimenta de Castro      | Evangelista de Souza       |
| Pereira Diniz                     | Pereira Dias           | Feitosa                    |
| Ramos de Oliveira                 | Ramos                  | Fernandes                  |
| Ribas Andrade                     | Ribeiro Galvão         | Ferreira                   |
| Rocha                             | Santos                 | Gonçalves                  |
| Rodrigues                         | Soares                 | Guerra                     |
| Rodrigues Lima                    | Souza                  | Lima Novas                 |
| Santos                            | Souza Guimarães        | Limoeiro Santos            |
| Silva Leite                       | Torres                 | Luna                       |
| Soares Santos                     | Xavier                 | Martins                    |
| Socorro Alves                     |                        | Marques                    |
| Socorro Campos                    |                        | Militão                    |
| Souza Lima                        |                        | Modesto                    |
|                                   |                        | Morais                     |
|                                   |                        | Neves                      |
|                                   |                        | Nunes                      |
|                                   |                        | Nunes Pereira              |
|                                   |                        | Oliveira                   |
|                                   |                        | Oliveira Pires             |
|                                   |                        | Passos Silveira            |
|                                   |                        | Ramos dos Santos           |
|                                   |                        | Rodrigues                  |
|                                   |                        | Rodrigues Cunha            |
|                                   |                        | Santiago                   |
|                                   |                        | Santos                     |
|                                   |                        | Silva Pires                |
|                                   |                        | Souto Freire               |
|                                   |                        | Souza                      |
|                                   |                        | Souza França               |
|                                   |                        | Souza Lima                 |
|                                   |                        | Teixeira                   |
|                                   |                        | Viana                      |
|                                   |                        | Viana Damasio              |

| <i>Penedo</i><br>(Alagoas) | <i>Propriá</i><br>(Sergipe) | <i>Petrolândia</i> <sup>37</sup><br>(Pernambuco) |
|----------------------------|-----------------------------|--------------------------------------------------|
| Almeida                    | Andrade                     | Alves Bezerra                                    |
| Alves                      | Bezerra Santos              | Araujo Leite de Sá                               |
| Alves Silva                | Conceição                   | Barbosa da Silva                                 |
| Assis                      | Colming                     | Campos da Silva                                  |
| Araujo                     | Cunha Cabral                | Cruz                                             |
| Baeta Gomes                | Dantas Vieira               | Gomes Lisboa                                     |
| Barbosa                    | Dias Guimarães              | Gomes de Menezes                                 |
| Campos                     | Dias dos Santos             | Gomes da Silva                                   |
| Carvalho                   | Guimarães Lima              | Lima de Menezes                                  |
| Costa                      | Lopes                       | Lopes Sobreira                                   |
| Costa Lima                 | Lopes Prado                 | Lopes Sobrena                                    |
| Diniz Santos               | Martins                     | Malta Delgado                                    |
| Guimarães Minas            | Martins Brito               | Menezes Cabral                                   |
| Leite                      | Melo Freire                 | Monteiro de Araujo                               |
| Lessa Lemos                | Melo Santos                 | Rodrigues                                        |
| Lima                       | Menezes                     | Rodrigues de Almeida                             |
| Lisboa Castro              | Menezes Dantas              | Sá                                               |
| Matias                     | Passos Almeida              | Sales de Oliveira                                |
| Menezes                    | Pereira                     | Silva                                            |
| Menezes Nascimento         | Pereira Araujo              | Silva Delgado                                    |
| Morais                     | Pereira Campos              | Soares                                           |
| Pacheco                    | Queiroz                     | Sobreira                                         |
| Rodrigues                  | Rocha                       | Souza                                            |
| Santos                     | Recha da Silva              | Souza Santos                                     |
| Silva                      | Rodrigues                   | Valgueiro Barro                                  |
| Siqueira Lima              | Rodrigues Santos            |                                                  |
| Souza Santana              | Sampaio Siqueira            |                                                  |
| Souza                      | Santana                     |                                                  |
| Tavares Santos             | Santos                      |                                                  |
| Tavares Silva              | Silva                       |                                                  |
| Vieira Almeida             | Soares da Silva             |                                                  |
| Vieira Silva               | Souza                       |                                                  |
|                            | Tavares Oliveira            |                                                  |
|                            | Terres Santos               |                                                  |
|                            | Vieira de Aragão            |                                                  |
|                            | Vieira Silva                |                                                  |

Os laços de parentesco são geralmente mais fortes do que quaisquer outros nas comunidades da região. O grupo de parentesco, em consequência, tende a ser mais coeso do que qualquer outra forma de associação humana. É tenaz, por exemplo, a coesão do grande grupo Autran. Em todos os casos em que uma das famílias enfrenta um problema sério, mesmo uma crise como a ordinariamente representada por casos de perda de virgindade, os membros “cerram fileiras” e resolvem-no. Certa vez, por exemplo, em seguida a uma dissensão política, os membros de outro grupo com quem a família Autran se chocava frequentemente enviaram um tropeiro para estuprar a filha de um deles. “Todos os parentes se comunicaram imediatamente e revidaram como uma única pessoa”, lembra um membro do grupo, “e a moça foi casada com um pri-

37. Outrora, em diferentes ocasiões, conhecida como Jatobá e Itaparica.



mo". Por outro lado, um caso mais recente de perda de virgindade da mesma comunidade, cujos membros não fazem parte da família, deu origem, como geralmente ocorre nessa cultura, a uma situação social de tal ordem que "não puderam suportar mais a vergonha, tendo caído tanto de posição social", disse um morador, "que todos se foram para Salvador, a despeito dos prejuízos econômicos que isso acarretava". Nos casos em que é forte a coesão social, o mesmo acontece com o controle social. Em mais de 70 anos, disse um de nossos informantes, um prefeito que faz parte do grupo Autran, sabe-se de apenas um crime cometido por um de seus membros. O prefeito, Tio Zeca, que é médico, como os dois irmãos, orgulha-se muito do fato de que, como dizem ele e outros, "nenhum Autran é analfabeto", e todos os seus sete filhos, "são formados".<sup>38</sup>

Em Cerrado, igualmente, embora seja claro que os membros de um grupo de parentesco podem ocasionalmente discutir entre si, em todas as ocasiões em que um dos mais tradicionais, há muito tempo residente na área, é atingido de fora, todos se sentem ofendidos "e revidam a injúria, olho por olho". A vingança por agressões ou assassinatos envolvendo um membro da família é considerada uma obrigação inalienável de todos. E em todos os casos em que existe uma presumida ameaça ao prestígio, é exigida absoluta fidelidade e vingança retaliadora. Embora os atos extremamente cruéis nos casos de vingança sejam hoje condenados, e ridicularizada ocasionalmente a "braveza" de certos grupos a este respeito, a solidariedade no caso é sempre prestigiada e mesmo louvada. Embora o cerradense desaprove o que considera o "exagero da valentia" de certo grupo de parentesco local, acrescenta geralmente com uma demonstração de grande admiração: "Mas os Oliveiras são muito unidos".

Dois grupos locais em Cerrado, compostos de várias famílias nucleares, estão em luta constante ou intermitente há muitos anos. Durante nosso período de pesquisa ocorreu um tiroteio em uma das ruas da cidade, envolvendo membros dos grupos, por motivos considerados por outros moradores como triviais.<sup>39</sup> O proprietário da linha de ônibus que transporta diariamente passageiros do município até uma cidade vizinha suspendeu temporariamente as viagens com receio de que um membro de um dos grupos tomasse o veículo e, assim, pusesse em perigo a vida dos demais passageiros em virtude de ser provável que membros do outro grupo armassem uma emboscada na estrada.

A ação grupal nesse caso, escreve um dos nossos pesquisadores, consiste, em primeiro lugar, em fazer com que o adversário com-

38. Pensa-se no local que os casamentos consanguíneos dentro deste grupo de parentesco são responsáveis pela existência de numerosos membros cegos, surdos, débeis mentais e aleijados.

39. Os cerradenses não gostam de uma situação de antagonismo que chega a ponto de agravar-se e haver ameaças de tiroteios. Consequentemente, a opinião pública tende a combater tal conduta. Nosso pesquisador falou também de "certo sentido de vergonha", observável no tocante a tais atos. "Não há realmente coisa alguma aqui", disseram, defensivamente, moradores locais. "Em Abaeté é pior".



preenda o poder que se opõe a ele em número de pessoas, quantidade de armas, recursos financeiros, e grau de solidariedade; e, em segundo, em agir coletivamente para aplicar tais recursos e, ao mesmo tempo, esconder da Polícia o membro da família que abertamente transgredir o código penal.

A coesão dos grandes grupos, bem como das famílias nucleares que os compõem, é devida aos fatos de os contatos entre os membros serem geralmente primários, e somente em casos raros secundários, as relações habitualmente informais, e não formais, espontâneas e nunca premeditadas, pessoais e não impessoais, sentimentais e não meramente racionais, completas e não fragmentárias, relativamente permanentes e não transitórias e um fim em si mesmas, e não meramente um meio para um fim. Em outras palavras, no grupo o indivíduo geralmente encontra simpatia, afeição, amor, lealdade e dedicação. Tendem a assumir os papéis recíprocos e, dessa forma, identificarem-se entre si e compartilhar não apenas das experiências de cada um, seja de alegria seja de tristeza, sucesso ou fracasso, mas também das esperanças e aspirações comuns. O comportamento que se espera de cada pessoa é não apenas claramente definido, mas invariavelmente aceito. Os membros podem, assim, agir como uma unidade no tocante a componentes de outro grupo.<sup>40</sup>

O *status* geralmente elevado dos membros mais antigos constitui também elemento importante na solidariedade do grupo. Em Retiro, por exemplo, observou-se que o comportamento aceito é mantido, e os desvios de parte dos mais jovens limitado, pelo respeito que sentem pelos membros mais velhos do grupo, o proprietário de uma das maiores fazendas locais. Os seus filhos crescidos, bem como os agregados que residem em suas terras, seguem qualquer curso de ação a fim de agradar, ou desistem dela a fim de evitar aborrecer o indivíduo conhecido respeitosamente como "o velho", mesmo que, em certas ocasiões, sem rancor ou desrespeito, considerem-no "caduco" ou implicante.

O mesmo respeito estende-se também aos antepassados mais remotos. Os que constituem, conforme indicado acima, parte considerável da população atual, têm profundo orgulho dos ancestrais, refletido este fato no apreço que sentem por lembranças, incluindo objetos, como relógios de ouro e utensílios de prata, e também pelos de valor puramente sentimental como roupas ou fotografias que pertenceram aos avós, bisavós ou antepassados ainda mais distantes. Toma-se cuidado para evitar que alguém difame o nome de um ancestral, ressaltando-se aquelas qualidades que se consideram "boas". O grupo, por conseguinte, tende a unificar-se em torno desses indivíduos, tidos em toda parte em alta estima e cujos atos são universalmente imitados.

40. Ver Pierson, 1957, Capítulo XI, "Isolamento e Contato".



Dentro do grupo mais numeroso, porém, existem subgrupos que não apenas variam com referência à extensão e intensidade da interação entre indivíduos, mas que, quase sem exceção, são mais coesos do que o aglomerado maior de que fazem parte. Um garoto em Cerrado, por exemplo, ao ser perguntado a que grupo de parentesco pertencia, respondeu: "Sou um dos Fernandes". E acrescentou imediatamente: "Mas não desses Fernandes briguentos". Além disso, os laços de sentimento e integração tendem a ser mais fortes e mais duradouros quanto maior o laço de parentesco, fato este refletido, por exemplo, nos costumes do luto (ver *Luto*).

Nas cidades e vilarejos da área ocupada pelo grupo Autran, mencionado acima, os membros mais relacionados biologicamente vivem geralmente mais próximos uns dos outros. Dando um exemplo, os Marques Autran moram na cidade de Autran e num vilarejo próximo; os Silva Autran em outra cidade; os Castro Autran em uma terceira; e os Costa Autran numa quarta.<sup>41</sup> Embora em todos os casos de casamento entre os membros mais proeminentes ou abastados do grupo maior, os participantes dos vários subgrupos se reúnam, viajando outrora a cavalo e permanecendo no local dois ou três dias após a cerimônia, os que moram mais próximos o fazem geralmente de modo regular nos dias de cerimônias religiosas especiais ou em ocasiões de doença grave.

Alguns dos subgrupos são bastante grandes. Um homem em Passagem Grande, por exemplo, que se diz "filho de escravo", e que aos "80 anos de idade mais ou menos", disse um amigo, "é ainda firme como um jupi", tem 11 filhos vivos, "uns 70" netos e "mais ou menos 20" bisnetos.<sup>42</sup> Outro morador conta 63 pessoas na "família", além de "dois irmãos que se mudaram para o Sul há trinta anos e dos quais nunca teve notícias". Um terceiro homem da cidade, cinco de cujos irmãos "foram para o Sul", onde pensa que "casaram e agora têm filhos",<sup>43</sup> mencionou 28 pessoas de sua "família" ainda residentes em Passagem Grande, incluindo ele mesmo, a esposa, 11 filhos, a avó, tias solteiras, e outros parentes.

Observou-se em todo o Vale que as linhas de parentesco amiú-de cruzam as de classe. No grupo de parentesco mais numeroso, e econômica e socialmente dominante em Passagem Grande, por exemplo, composto de algo mais de cem pessoas, existem duas subdivisões, conhecidas respectivamente como "os parentes ricos" e os "parentes pobres". Em Pesqueira, notou-se que esta interrelação das camadas econômicas e sociologicamente superior e inferior se deve, em diferentes casos, ao empobrecimento, por uma variedade

41. Membros do grupo de parentesco Cardoso predominam entre os habitantes de outra cidade da área.

42. "Às vezes, um pretinho pára na rua ou na feira e me pede a bênção e eu não sei bem o certo, pois é uma criança de cara toda igual, que eu não sei diferenciar. Penso comigo, deve ser algum neto meu, e vou logo pedindo a Deus que o faça feliz."

43. Desde que, disse ele, "Lá, no Sul, há tantas mulheres, filhas de italiano, que querem se casá."

de circunstâncias, de um ou mais ramos do grupo, outrora prósperos, ao desenvolvimento de linhas ilegítimas, e a um ocasional casamento entre pessoas de diferentes níveis econômicos e sociológico. Os "parentes pobres" do grupo são descendentes de um irmão do atual chefe da família, que morreu há alguns anos deixando os filhos ainda muito jovens.

Em todo o Vale, igualmente, observou-se que o papel do parentesco influenciou fortemente outrora — e ainda o faz em extensão considerável — a formação e manutenção de outros grupos na comunidade, especialmente os de natureza política e administrativa. A coesão das parentelas em Cerrado, por exemplo, tem sido decisiva em disputas políticas e jurídicas. Nestor Duarte (ver Duarte, 1939) descreveu com alguns detalhes a maneira como as lealdades ao grupo de parentesco se chocaram na Bahia com o desenvolvimento da lealdade para com o Estado. Nessas circunstâncias, autoridades policiais e judiciárias, todas as quais em Cerrado vieram de fora da comunidade, incluindo o juiz de direito e o chefe do destacamento militar, devem agir cautelosamente e com grande tato para não provocarem um ultimato ameaçador e, finalmente, serem forçadas a deixar a área sob ameaça de assassinato. Recentemente em Cerrado, por exemplo, na ocasião em que um homem idoso, membro mais velho de um grupo composto de filhos, genros, noras e netos foi chamado ao juizado local para prestar depoimento, o juiz de direito disse ou fez algo que o ofendeu e aos demais membros do grupo. Comentários e boatos começaram a voar pela comunidade. Finalmente, o juiz de direito, a conselho de terceiros e temendo, como se disse, "represálias violentas de parte dos filhos do velho", reuniu a família e deixou a cidade. Algum tempo antes, a autoridade policial, um "tenente", foi obrigado também a partir em virtude de atos ameaçadores de um grupo de parentesco que procurava vingança pelo que considerava injustiça e perseguição do tenente contra um de seus membros.

A competição local pelo controle administrativo e judicial ocorre principalmente entre grupos de parentescos num esforço para garantir a um ou outro o domínio em matéria de status. Embora haja agora algumas exceções, espera-se ainda na política local que o compromisso com determinado partido seja hereditário (ver *Comportamento Político*). Em assuntos econômicos, contudo, as lealdades familiares e de parentes são menos rigorosas, ou como diz um velho ditado: "Negócios à parte".

### *Compadrio*

Em todo o Vale, o sistema de relações entre padrinhos e afilhados, conhecido em círculos eruditos como "compadrio", parece ser idêntico em suas características essenciais ao existente em Cruz das Almas e descrito em outro contexto (ver Pierson, 1951:142-43),



embora as maneiras pelas quais o indivíduo possa a vir dele participar sejam mais extensas em algumas localidades do que em outras. Em todos os casos, contudo, este sistema de relações, envolvendo ocasionalmente pessoas sem ligação por descendência ou casamento, e reforçado como é por sanções sobrenaturais, intensifica e amplia as relações de família e parentesco a um ponto tal que toda a comunidade pode ficar enleada por obrigações e responsabilidades mútuas como se todos, ou quase todos os indivíduos, fossem membros de um único enorme grupo de parentesco. Capaz de relacionar até mesmo a família mais humilde da comunidade à de status mais alto, constitui um poderoso meio para estabelecer e manter a solidariedade social.<sup>44</sup>

São estabelecidos dois conjuntos de relações mútuas entre o padrinho e o afilhado e, talvez de igual importância, entre os pais da criança e os padrinhos. O padrinho e a madrinha são, com frequência, considerados "pai" e "mãe espirituais" da criança, tendo como principal responsabilidade substituir os pais em caso de morte ou se de outra maneira eles não cumprirem as obrigações da paternidade. Assim, espera-se que estejam sempre prontos, em todas as ocasiões, para proporcionar cuidados e proteção porventura necessários à criança, como fariam os pais, ou mesmo com maior empenho.<sup>45</sup> Devem estar sempre dispostos a exercer, em relação à criança, o presumido "poder espiritual" do padrinho, "abençoando-o" ocasionalmente, dar-lhe não somente a assistência física que se imponha, mas, também, em todas as circunstâncias da vida, apoio moral, sem faltar-lhe com conselhos, e se julgado necessário, mesmo repreensão severa, com o que os pais geralmente concordam, desde que sabem que visa aos melhores interesses da criança.<sup>46</sup> Se os pais passam necessidades e os padrinhos são bem situados financeiramente, podem mesmo adotar e criar o afilhado.

Estas obrigações têm sanção tanto grupal quanto sobrenatural. Enjeitar um afilhado em Cerrado e Retiro, por exemplo, acarreta imediata perda de status, sustentando-se geralmente que tal ato é um "pecado" e, portanto, condenado por Deus.<sup>47</sup> Correspondentemente, acredita-se que são recebidas "recompensas grandes"

44. O sistema de compadrio, embora evidentemente de origem européia, foi provavelmente reforçado na área por atitudes e costumes de origem ameríndia. Pinto consigna (1956, págs. 127-28), por exemplo, a respeito dos Fulniós de Águas Belas, cuja reserva situa-se no Vale que, antes de um casamento, um parente ou membro da família da sipe da noiva pergunta ao futuro pai: "Se você tiver um menino, ele será meu amigo?" O pai não pode recusar tal pedido. No dia do nascimento da criança, por conseguinte, este membro da sipe da noiva leva aos pais da criança presentes de mel, fumo, café e artigos semelhantes. Desse dia em diante chamará a criança de *i-mti*, que Pinto traduz como "Meu amigo". A palavra referente ao homem (*i-sdó*), segundo o antropólogo Boudin, significa etimologicamente, "uma pessoa do grupo da mulher", isto é, escreve Pinto, "da sipe, por seus deuses benéficos, o protetor da família."

45. "Aqui, os padrinhos às vezes 'puxam' mais pelas crianças do que os pais", disse um informante em Retiro, referindo-se à educação de uma criança. "O meu padrinho me 'puxou' muito mais ainda do que meu pai."

46. "Veja só como o compadre se interessa pelo Padrinho!" disse uma moradora de Passagem Grande. "Hoje ele passou um pito nele."

47. A maneira prescrita de redimir-se de tal pecado é "pedir sete afilhados", isto é, submeter-se sete vezes às obrigações do estado de padrinho.



pelo cumprimento adequado das obrigações. Diz-se em Cerrado e Retiro, por exemplo, que "uma pessoa que tem sete afilhados de apresentação tem um couro<sup>48</sup> no céu".

Em Pesqueira e outras localidades, ao afilhado cumpre a obrigação de manifestar respeito pelos padrinhos e de demonstrá-lo "pedindo-lhes a bênção" todas as vezes em que os encontrarem, prestando-lhes o serviço que puderem, escutarem-lhes e seguirem-lhes os conselhos e obedecerem-lhes até o ponto de acompanhar o padrinho em sua filiação política, "dando-lhe" o seu voto. (ver *Comportamento Político*). Observou-se que o senso de obrigação de parte do afilhado é algumas vezes, se não amiúde, mais forte do que o que ele sente em relação aos pais ou outros parentes.<sup>49</sup>

Em Pesqueira e outras localidades, observou-se não haver ocasião determinada para a escolha dos padrinhos. Podem ser escolhidos imediatamente antes ou depois do nascimento da criança, ou mesmo apenas antes do batismo ou outra cerimônia religiosa que exija a presença de um padrinho. As pessoas escolhidas o são geralmente, contudo, por laços pré-existentes entre amigos íntimos, parentes, ou vizinhos. Em numerosos casos em Pesqueira, por exemplo, são amigos íntimos dos pais e, em numerosos outros, dos avós da criança. Não obstante, entre a parte menos favorecida da população, economicamente falando, observou-se, como também em Passagem Grande, e em outras localidades, que a procura de um padrinho para o filho amiúde reflete o desejo de melhorar a condição econômica ou o status social pela escolha de uma pessoa de considerável posição ou amplos meios. Conta-se que, no passado, os capangas mais competentes e de confiança do chefe político de Passagem Grande eram seus compadres e que, por seu lado, podiam cometer qualquer crime e continuarem impunes porque, "por um compadre é preciso fazer qualquer coisa", como disse um morador.

*Ocasões em que uma relação de compadrio pode ser estabelecida.* Em Retiro são nove as ocasiões em que um homem ou uma mulher podem tornar-se padrinho ou madrinha de uma criança. Sem dúvida alguma a mais comum, não apenas aqui mas em todo o Vale é o batismo, começando a relação assim estabelecida no momento em que o convite é feito pelos pais. A cerimônia é invariavelmente seguida de uma festa, dependendo sua extensão dos meios dos pais ou dos padrinhos. Como símbolo da relação de proteção assumida, os padrinhos dão pelo menos um pequeno presente ao afilhado na ocasião.

48. Um lugar para dormir.

49. Em Passagem Grande certo dia, um jovem reuniu-se a um grupo que, sob uma árvore num desembarcadouro do rio, conversava e fumava. Ao surgir e entrar no grupo um tio, um homem de cerca de 50 anos de idade, ele continuou a fumar e a contar anedotas picantes. Um pouco mais tarde, ao aproximar-se o padrinho, lançou fora o cigarro, tirou o chapéu e "pediu-lhe a bênção". E embora continuasse a contar histórias, nenhuma das que contou depois era "apimentada", conforme se diz, nem fumou novamente enquanto o padrinho esteve presente. Quando, no curso da conversação fácil, ia dizer alguma coisa que poderia ser considerada um "impropério", voltava-se para o padrinho e dizia: "Com licença de meu padrim e dos senhores todos..."



Outra ocasião é o crisma da criança, cerimônia na qual ela é acompanhada por um homem que subsequentemente se torna seu padrinho e, no caso de uma menina, pela mulher que será sua madrinha. Além de estarem presentes, o padrinho ou a madrinha participam do ritual prescrito e pagam as despesas. O compadrio por meio de crisma, contudo, é menos comum do que pelo batismo desde que, pelo menos por uma coisa, nem sempre há oportunidade, em numerosas comunidades relativamente isoladas, para a administração do sacramento. O comportamento esperado dos participantes, contudo, é o mesmo.

O terceiro evento em que a relação de compadrio pode ser estabelecida é o casamento, ocasião em que o noivo e a noiva convivam, quase sempre entre amigos das duas famílias, um homem e uma mulher para servirem como "testemunhas" da cerimônia. Embora não se tornem compadres dos pais do noivo e da noiva, tornam-se padrinho e madrinha do casal. O fato de terem participado da cerimônia indubitavelmente os relaciona de modo mais íntimo, mais tarde, com as duas famílias envolvidas. As responsabilidades, contudo, são menores do que as assumidas pelos padrinhos por ocasião do batismo ou do crisma, desde que a criança transformou-se em adulto. Os padrinhos pagam pelo menos parte das despesas da cerimônia do casamento.

Além das relações de compadrio que podem ser estabelecidas no batismo, crisma e casamento, é também encontrado em Retiro, Pesqueira, Marrecas, Passagem Grande, Cuscuzeiro e outras localidades do Vale, o sistema de padrinho e afilhado-de-fogueira, embora estas sejam mais comuns nas áreas mais rurais e entre os grupos de baixo status na cidade. Em Passagem Grande, durante as festas juninas, por exemplo, uma criança e um adulto de qualquer dos sexos, frequentemente pai e filho, ou tio e sobrinho que sentem profunda amizade mútua, podem combinar tornarem-se afilhado e padrinho. Na véspera de São João, fazem o seguinte juramento: "Eu juro por São João, São Pedro e São Paulo, e todos os santos da corte do céu, que senhô (ou voce) vai sê meu padrim (ou afilhado) e eu vô sê seu afilhado (ou padrinho), que São João mandô."<sup>50</sup> A medida em que repetem o juramento, criança e adulto saltam sobre a fogueira, armada, na maioria das casas nessa noite, depois do que o afilhado repete três vezes: "Vai sê meu padrim" (ou madrim), ao passo que o padrinho (ou madrinha) repete três vezes: "Vais sê meu afilhado (ou afilhada)". Pelo menos em Pesqueira, essa relação pode ser estabelecida em qualquer ocasião do ano, contanto que algumas cinzas da fogueira da véspera do Dia de São João precedente tenham sido guardadas para tal finalidade.

50. Este juramento é ouvido em Pesqueira da seguinte maneira: "Eu juro por São Pedro, São Paulo, São Felipe, Santiago e todos os santos do céu e da terra, como fulano (ou fulana) é meu padrinho (ou madrinha, afilhado, ou afilhada)".



Desta maneira, aumenta muito a possibilidade do compadrio mesmo nas áreas raramente visitadas pelos padres durante suas desobrigas anuais. Embora menos formal e algo menos respeitado do que o compadrio estabelecido com sanção eclesiástica, a relação assume aos olhos do morador um caráter definitivamente sagrado em virtude do juramento feito e, também, em virtude da fogueira.

Em Retiro e outras localidades observam-se duas outras maneiras através da qual a pessoa pode tornar-se padrinho com sanção sobrenatural: servindo de "madrinha (ou padrinho) de apresentação", ou como "madrinha (ou padrinho) de consagração". Embora o costume não seja tão comum como outrora e, às vezes, desperte oposição dos padres,<sup>51</sup> nota-se ainda em cerimônia de batismo, além do padrinho e madrinha habituais, uma pessoa, geralmente mulher, conhecida como "madrinha de apresentação", que segura a criança nos braços durante o ritual. Analogamente, a "madrinha de consagração" pode ser também escolhida pelos pais para tomar parte na cerimônia do mesmo nome.

Em Retiro, igualmente, homens e mulheres tornam-se relacionados como compadres ou comadres de três outras maneiras muito menos sérias, em consequência das quais passam a ser conhecidos, respectivamente, como "compadres-de-Sexta-feira-da-Paixão", "compadres-de-boneca", ou meramente de "compadres". Na Sexta-Feira Santa, a pessoa apanha diversas tiras de palha de milho e, dobrando-as para formar um pequeno feixe, segura-as na mão de maneira a ocultar os vértices e expor as pontas. Os vários "candidatos" ao compadrio tiram uma palha. Ao ser aberta a mão, ele se tornará "compadre-de-Sexta-feira-da-Paixão" da pessoa que tem a outra extremidade da mesma tira. Neste caso não há, contudo, uma relação padrinho-afilhado. Os "batizados de boneca" são ainda comuns aqui e em outras localidades. Duas crianças, que desempenham os papéis de "pais da boneca", escolhem os "padrinhos" para a "filha", enquanto um colega age como padre. Embora este último costume seja considerado uma brincadeira, os compadres assim arranjados geralmente desempenham mais tarde pelo menos algumas das obrigações inerentes à relação de compadrio. Acredita-se também que se uma pessoa chama a outra de "compadre" ou "comadre" três vezes, a relação é automaticamente estabelecida.

*Relações entre compadres.* Na ocasião em que os padrinhos participam com o afilhado de uma cerimônia religiosa como o batismo,<sup>52</sup> com toda probabilidade um relacionamento tão relevante, como entre eles e a criança se estabelece entre eles e os pais. Imediatamente os padrinhos e os pais em Cerrado, por exemplo, e em outras localidades, começam a chamar-se de "compadres" e a agirem como tais nas relações entre si, isto é, como co-participantes nas responsabilidades da paternidade com sanção sobrena-

51. Contudo, não pelo atual vigário.

52. Os padrinhos não são tratados como compadres antes desta cerimônia.



tural. Embora o parentesco nem sempre implique amizade, o compadrio o faz. Geralmente, os pais que convidaram outras pessoas para batizarem o filho continuam mais tarde a manifestar consideração e preferência afetiva pelo compadre e a comadre, enquanto estes dão repetidas mostras de apreciação pelo fato de terem sido "preferidos entre muitos". Dessa maneira, frequentemente, uma relação de amizade entre pessoas não apenas surge, mas é reforçada pelo compadrio. Em casos de batismo ou crisma, especialmente do primeiro, as obrigações são mais numerosas e rigorosas.

Quaisquer que tenham sido as circunstâncias em que a relação foi estabelecida, contudo, as obrigações de compadres e comadres incluem apoio,<sup>53</sup> ajuda e respeito mútuos. Se o homem ou mulher não recebem a assistência e o apoio de parentes em ocasiões de necessidade, por exemplo, espera-se que os seus compadres e comadres lhes forneçam aquilo de que necessitam. Em seguida à morte do marido, uma viúva em Passagem Grande, por exemplo, geralmente recebe conselhos e orientação de um compadre mais experimentado. Em alguns casos, ele cuida de todos seus assuntos comerciais até que ela case novamente ou alguns de seus filhos cresçam para "assumir a direção da casa".

Similarmente, certas proibições são impostas pelo mores local aos atos de compadres e comadres. Em Retiro, por exemplo, não devem brigar nem casar, pois tal união é considerada incestuosa, nem ter relações sexuais em qualquer circunstância.<sup>54</sup> "Podem casar primo com prima,<sup>55</sup> ou tio com sobrinha", disse um homem em Retiro, "mas não pode casar compadre com comadre, pois eles são de muito respeito". E acrescentou: "Se um compadre chega a casar com uma comadre, isto é pecado mortal e eles serão amaldiçoados por Deus, viram mesmo pedra ou murundu".<sup>56</sup> Tal casamento, disse um homem nos Gerais, "é do cão, e não de Deus".

A relação continua mesmo que o afilhado morra. "Uma vez compadre, toda vida é compadre", explicou um morador de Passagem Grande, que continuou a chamar o pai verdadeiro de "compadre" após a morte do afilhado. "Foi na frente do padre que 'nóis arrecebemos o compromisso; agora só a morte de um de nós é que o termina'. Algumas pessoas de Retiro acreditam mesmo que 'depois de mortos, só podemos conversar com os compadres'".

53. Diz-se que, no passado, os capangas mais competentes e capazes do chefe político local de Passagem Grande eram seus compadres, e que, por seu lado, podiam cometer qualquer crime e ficar impunes desde que, por um compadre "é preciso fazer tudo", disse um morador.

54. Este comportamento esperado foi aproveitado por uma senhora de Passagem Grande para livrar-se das atenções não provocadas e não desejadas de um moço dado a conquistador, ao convidá-lo para batizar seu filho. Após a volta da cerimônia batismal, um amigo, refletindo idéias locais a respeito disse: "Vê lá se ele vai querê que ela vire mula sem cabeça quando morrê. Cruis, Credo! Se ele gosta mesmo dela, não vai querê que ela vire João da Lavinia, Cruz, Credo! Compadre com comadre, tá besta m'ermão virá fogo corredô!"

55. Algumas pessoas, contudo, se opõem a casamentos entre primos.

56. Esses casamentos, contudo, ocorrem. Dois casamentos desse tipo, conhecidos de nossos pesquisadores em Passagem Grande, eram comentados e severamente condenados. Um dos casos era de "Compadre de fogueira" (ver acima).

Conforme indicado acima, o indivíduo pode tornar-se padrinho não apenas no batismo e crisma de criança, mas também de diversas outras maneiras. Mas somente no batismo e crisma os pais e os padrinhos se tornam automaticamente compadres. Apesar disso, em Pesqueira e outras localidades, a relação de "compadres de fogueira", como são chamados, semelhante a de "padrinho e afilhado de fogueira", pode ser estabelecida se dois homens, ou um homem e uma mulher sentem forte amizade mútua e, na véspera do Dia de São João, aproximam-se de uma fogueira e, depois de repetir um juramento, apertam-se as mãos ou enlaçam os braços, rodeiam a fogueira e saltam sobre ela três vezes em forma de cruz. Em Passagem Grande, observou-se que o juramento é semelhante ao feito em conexão com o ritual que envolve o padrinho e o afilhado de fogueira.<sup>57</sup>

57. Ao pular a fogueira, as pessoas dizem:

"São João dormiu,  
São Pedro acordô,  
vamo sê cumpadre,  
que São João mandô."

Os versos são repetidos três vezes. Ocasionalmente, o ritual é cumprido também no dia de São Pedro, caso em que os versos são mudados para:

São Pedro dormiu,  
São João acordô,  
vamo sê cumpadre,  
que São Pedro mandô."



## capítulo III

### RITUAIS, CERIMÔNIAS E CRENÇAS

Na ocasião em que a canoa-de-toldo em que o autor e seus colegas viajavam, descendo a grande extensão do Baixo São Francisco, concluiu uma curva acima de Pão de Açúcar, surgiu gradualmente a distância uma estátua de Cristo, erguida numa ilha do rio. Essa estátua simboliza muito dos pensamentos e comportamento coletivos da região, como também o fato de, em Sertão Novo, na Seção Norte do Vale e em outros locais, o homem que pronuncia o nome de Deus, de Jesus, da Virgem Maria ou de um dos santos levar, quase sem exceção, a mão ao chapéu, se está coberto ou, se sentado, levantar-se da cadeira, em sinal de respeito, como se estivesse cumprimentando alguém.

Pelo menos no que interessa a ritual e cerimônias, esta terra é essencialmente cristã. Mas assim se tornou em virtude do tenaz imperialismo cultural do português, ao qual o autor teve oportunidade de referir-se em outro contexto (ver Pierson, 1951:3). Isto porque os colonizadores originais europeus desceram sobre povos nativos praticantes de vários sistemas religiosos. E muito embora entrassem algumas vezes em conflito com esses povos indígenas e, mesmo em certas ocasiões, procurassem exterminá-los, coabitaram também e, ocasionalmente, casaram-se com eles. Mais tarde, os escravos africanos que os colonizadores europeus e seus descendentes importaram para a região trouxeram também consigo idéias, atitudes, crenças, rituais e cerimônias de outros sistemas religiosos diversos, desta vez da África. Não obstante, embora exista ainda hoje em numerosas comunidades, especialmente entre os menos educados e, de outras maneiras, a parte menos favorecida da população, restos de crenças e, menos comum, de rituais e cerimônias de origem ameríndia e africana, ocorre há longo tempo na região um inexorável processo de assimilação ao grupo da cultura portuguesa. O processo atingiu tais proporções que mesmo os sistemas religiosos praticados pelos poucos restos raciais ame-

ríndios e alguns cultos restantes de origem predominantemente africana estão em vários estágios de desintegração ou de fusão com o sistema dominante, de extração européia.

Conforme sugerido previamente, diversos estudos detalhados poderiam ser efetuados com proveito dos processos de miscigenação, assimilação e fusão cultural que tiveram lugar nos últimos quatro séculos ou mais nesta região, envolvendo, como o fizeram, indivíduos provenientes das três raças básicas da humanidade. Escreveu St. Hilaire (1938b, II:50) a respeito dos parcialmente assimilados Macuní, que conheceu em 1817 em Alto dos Bois, na região nordeste de Minas, que eles eram ouvidos recitando no interior de suas choupanas orações em língua portuguesa. No tocante a pessoas residentes numa fazenda das proximidades de Curvelo, às margens do tributário Rio das Velhas, disse Burton (II:69) em 1867: "Após as refeições, todos se levantavam com as mãos cruzadas e rezavam, terminando por fazer o sinal da cruz. Como é costume na velha Minas, os escravos que serviam a mesa fizeram a mesma coisa. . . Durante a noite, os membros da família e os trabalhadores do campo cantaram um longo e alto hino e recitaram a doutrina cristã."

Os rituais, cerimônias e crenças inicialmente introduzidos na região pelos portugueses, contudo, mesmo antes de ocorrida a fusão, em alguns casos, com formas culturais ameríndias e africanas, incluíam amiúde elementos de folk que variavam consideravelmente das formas urbanas ortodoxas. Durante longo tempo, também, as paróquias das áreas foram, com muita frequência, grandes e muito distantes dos centros de controle administrativo e pelo menos partes da região não contavam com sistemática atenção religiosa, o que acontece ainda hoje. Em 1756, por exemplo, uma paróquia criada ao norte de Sertão Novo estendia-se por uma centena de léguas. E antes de sua criação, como ocorreu também depois, passaram-se frequentemente anos sem que os colonizadores muito dispersos dessa vasta área vissem um padre, fossem à missa ou recebessem um sacramento. Por ocasião de sua visita ao Médio São Francisco, notou St. Hilaire (1938b( II:255n) que a extensão das paróquias de Salgado, Barra, Itacambira e Morrinhos era, respectivamente, de 40, 45, 80 e 100 léguas. A paróquia de Santo Antonio de Curvelo, ao longo do Rio das Velhas, na parte alta do Vale fazia, na ocasião, parte do Arcebispado da Bahia, cuja sede se localizava em Salvador a mais ou menos 1.100 quilômetros de distância pelas rotas de viagem da época (*ibid.*, pág. 364). A comarca de Paracatu, situada na parte sul da região média do Vale, era controlada de Recife, a cerca de 2.000 quilômetros de distância (St. Hilaire, 1937:I:202). Em épocas mais recentes, numerosos padres têm sido estrangeiros que, às vezes,



não falam bem a língua local. E são muito numerosas as localidades sem padre residente, ocorrendo a visita de um deles à comunidade apenas a intervalos, ou talvez nunca.

Não obstante, em todo o Vale, o sistema dominante de rituais, cerimônias e crenças é atualmente, como em Portugal, católico romano. O sistema conta não apenas com o apoio, mas com frequência, com a participação de pessoas de prestígio de cada localidade. Em cerimônias seculares importantes em Cerrado, na parte alta da bacia do São Francisco, por exemplo, incluindo festas escolares e cívicas, o vigário local é um convidado de honra, sentando-se ao lado dos principais servidores públicos da cidade, incluindo o juiz de direito, o prefeito, e o promotor público. Conforme será comentado em maiores detalhes no capítulo sobre *Nascimento e Infância*, pais e mães tomam geralmente grande cuidado para que os filhos sejam batizados na igreja católica romana. Impedir de alguma maneira esse ritual acarreta fortes sanções negativas. O casamento na igreja, nesta localidade como em outras, é geralmente considerado mais importante do que a cerimônia civil e, para numerosos maridos e mulheres, é a única cerimônia que tiveram ou quiseram. Não merecer a extrema unção e não ser enterrado em terra santa implica virtualmente ser excluído da comunidade. A excomunhão é considerada castigo tão sério que a pessoa envolvida é completamente banida da sociedade. Nas ocasiões em que uma procissão católica romana passa pelas ruas, as casas comerciais fecham em sinal de respeito.

Segundo o censo federal de 1950, a filiação religiosa das pessoas que vivem nos 156 municípios situados inteiramente no Vale era a seguinte: <sup>1</sup>

| <i>Afiliação</i>   | <i>Número</i> | <i>Porcentagem</i> |
|--------------------|---------------|--------------------|
| Católica romana    | 3.359.294     | 98,03              |
| Protestante        | 24.416        | 0,71               |
| Espírita           | 23.433        | 0,68               |
| Judaica            | 1.049         | 0,03               |
| Grega ortodoxa     | 366           | 0,01               |
| Muçulmana          | 59            | (*)                |
| Budista            | 44            | (*)                |
| Outras             | 3.120         | 0,09               |
| "Sem religião"     | 9.636         | 0,29               |
| Dados inexistentes | 5.429         | 0,16               |
| Totais             | 3.426.846     | 100,00             |

\* Em cada caso, aproximadamente, uma insignificante percentagem estatística, de 0.001.

1. Fonte: VI Recenseamento Geral do Brasil — 1950, Série Regional: Vol. XVII, *Censo Demográfico do Estado de Pernambuco*, Tomo I, 1955, págs. 76-79; Vol. XVIII, *Censo Demográfico do Estado de Alagoas*, Tomo I, págs. 70-71; Vol. XIX, *Censos Demográfico e Econômico, Estado de Sergipe*, 1956, pág. 70; Vol. XX, *Censo Demográfico do Estado da Bahia*, Tomo II, 1955, págs. 82-87; Vol. XXI, *Censo Demográfico do Estado de Minas Gerais*, Tomo I, 1954, págs. 112-127.

Entre os católicos romanos, 51,5 por cento eram mulheres e, entre os protestantes, 51,6 por cento. Não obstante, em todos os demais grupos, inclusive o mencionado como "sem religião", havia mais homens do que mulheres, fato este claramente ilustrado no município de Belo Horizonte, em Minas Gerais — que nisto, como em numerosos outros aspectos, difere do resto do Vale — onde a percentagem de homem era, em cada caso, a seguinte: muçulmanos, 71 por cento, grega ortodoxa, 58 por cento, budistas, 58 por cento, judaica, 54 por cento, espírita, 53 por cento, "outras", 54 por cento, e "sem religião", 64 por cento.

Entre as 1.049 pessoas listadas como pertencentes à fé judaica, 944, ou 90 por cento, viviam no município de Belo Horizonte e no vizinho município de Betim (13 pessoas). Entre os outros 105, mais da metade residia em apenas três municípios: São Gonçalo de Abaeté (29), Montes Claros (20) e Sete Lagoas (15), todos os quais no Estado de Minas Gerais. A outra metade residia em 17 municípios com não mais de 6 pessoas em cada um, contudo,<sup>2</sup> e geralmente apenas de 1 a 3. Residiam apenas 12 em Alagoas, 1 na Bahia, 1 em Pernambuco, e nenhum em Sergipe.

No tocante às 366 pessoas mencionadas como integrantes da fé grega ortodoxa, 91,8 por cento residiam no município de Belo Horizonte e, o restante, em 15 municípios, com apenas 1 a 2 pessoas em cada, com três exceções: 6 no município de Caeté, em Minas Gerais, 6 no de Juazeiro, na Bahia, e 4 no de Sertânia, em Pernambuco. Não os havia em Sergipe ou Alagoas, ou pelo menos nas partes desses Estados que se situam no Vale.

No que diz respeito aos maometanos, 34, ou 57,6 por cento, viviam no município de Belo Horizonte. O restante distribuía-se da seguinte maneira: 7 no município de Luz, em Minas Gerais, 4 no de Juazeiro, na Bahia, 3 no de Carmo do Cajuru, em Minas, e de 1 a 2 em cada um dos 10 municípios restantes. Somente 1 foi mencionado no Estado de Alagoas (em Pão de Açúcar) e nenhum nos Estados de Pernambuco e Sergipe.

Todos os budistas, menos 12, residiam no município de Belo Horizonte (19), no vizinho município de Betim (8) e no de Sete Lagoas (5), não muito distante. Em apenas 9 outros havia budistas, geralmente de 1 a 2 por município, exceto num caso (Itabirito, em Minas Gerais), onde residiam 3 deles. Nenhum morava nas zonas de Pernambuco e Sergipe situadas no Vale e apenas 1 nessas partes dos Estados de Bahia<sup>3</sup> e Alagoas.<sup>4</sup>

Pessoas que se identificaram como "sem religião" espalham-se por todo o Vale, com apenas 16 entre os 156 municípios sem uma pessoa que assim se considerasse. Do total, 4.823 ou 50,1 por cento,

2. Em um único caso: Nova Lima, em Minas Gerais.

3. Em Juazeiro.

4. Em Traipu.



residiam no município de Belo Horizonte, 78 no vizinho município de Betim, 299 no de Divinópolis, no mesmo Estado, 415 no de Xique-Xique, 290 no de Senhor do Bomfim, ambos no Estado da Bahia, e 351 no de São José do Egito, em Pernambuco. Contudo, havia 53 municípios, ou aproximadamente 34 por cento do total, nos quais não mais de 10 pessoas foram assim listadas. No tocante à informação adicional a respeito da distribuição de protestantes e espíritas no Vale, ver as seções "Protestantes" e "Espíritas", abaixo.

Em Cerrado, segundo os censos de 1940 e 1950, não havia pessoas no município que se identificassem como pertencentes às fés judaica, muçulmana, grega ortodoxa e budista. No que diz respeito à filiação religiosa, os habitantes dividiam-se da seguinte maneira: <sup>5</sup>

|                   | 1940         | 1950         |
|-------------------|--------------|--------------|
| Católicos romanos | 12.434       | 12.703       |
| Espíritas         | 110          | 138          |
| Protestantes      | 5            | 21           |
| Outros            | 7            | 1            |
| "Sem religião"    | 2            | 19           |
|                   | <hr/> 12.558 | <hr/> 12.882 |

Como se evidencia por essas estatísticas, a maioria dos moradores de Cerrado, como de resto em todo o Vale, é constituída de católicos romanos. Não existem no local igrejas protestantes e foram poucas as tentativas feitas por pessoas estranhas à comunidade para realizar serviços religiosos protestantes na área. A maioria dos habitantes considera o protestantismo e o espiritismo como crenças estranhas e bizarras e, com grande frequência, indesejáveis, e mesmo "perigosas". Algumas pessoas, contudo, mantiveram contato com protestantes de outras localidades e podem ter adotadas algumas de suas crenças. Nenhuma menção foi feita de quaisquer vestígios de rituais, cerimônias e crenças ameríndias ou afro-brasileiras nesta e nas comunidades vizinhas, muito embora as respostas de prefeitos a um questionário enviado pelo autor em 1950 indicassem a existência de candomblés (ver abaixo) em Cordisburgo e Paraopeba. O autor e seus colegas encontraram este culto durante o período de pesquisas em Juazeiro e Passagem Grande e é possível que seja também praticado em outras localidades.

De acordo com o recenseamento federal de 1950, 96,8 por cento da população do município de Pesqueira, na parte baixa do Médio São Francisco, eram listados como católicos romanos, bem como 96,9 por cento da população do município de Sertão Novo. Em ambos os casos, os dados indicam uma ligeira queda percentual

5. Foram excluídos os casos nos quais não houve entrega de informações.

na década anterior, porque o censo de 1940 menciona a percentagem de católicos romanos no município de Pesqueira como de 98,3 por cento e, em Sertão Novo, como de 97,6 por cento. Em um recenseamento pessoal feito no vilarejo de Cuscuzeiro, no Baixo São Francisco, todas menos uma pessoa identificaram-se como católicas romanas.<sup>6</sup>

No município de Águas Belas, em Pernambuco, 640 indivíduos, ou 1,2 por cento da população total, foram listados no censo de 1950 na categoria de "Outras religiões", refletindo a presença na área de restos de grupos ameríndios residentes numa reserva sob a supervisão do Serviço de Proteção aos Índios (ver *Raízes no Passado*, Tomo I). Outros grupos com pelo menos restos de formas religiosas ameríndias existem em reservas em alguns outros pontos do Vale, tais como Rodelas, na Bahia, Tacaratu, em Pernambuco, Porto Real do Colégio, em Alagoas e, conforme indicado em maiores detalhes abaixo (ver *Toré*), são observados remanescentes também em Passagem Grande, no Baixo São Francisco, e na Ilha do Toré, nas proximidades de Sertão Novo, na seção Norte das Corredeiras, embora, em cada caso, seja duvidoso se os indivíduos implicados não se consideram também católicos romanos. Em algumas outras localidades são encontrados ainda remanescentes de formas religiosas afro-brasileiras, como, por exemplo, em Juazeiro, conforme indicado, e em Passagem Grande (ver *Candomblé*). É duvidoso, contudo, que os indivíduos que participam deste sistema de rituais, cerimônias e crenças não se consideram também católicos romanos.

### *Dias Sagrados e Lugares Sagrados*

*Dias sagrados.* A convicção de que o domingo é sagrado e que ninguém deve trabalhar nesse dia sob pena de infelicidade pessoal constitui uma tradição de longa data.<sup>7</sup> Evita-se, em especial, o trabalho nos campos. Não trabalhar, contudo, é o mínimo que os moradores exigem de si mesmos. Nos casos de numerosas pessoas em todas as localidades estudadas pelos nossos pesquisadores, ir à missa no domingo constitui uma obrigação e procuram sempre cumpri-la, se possível.<sup>8</sup> O dia é igualmente dedicado ao descanso, a passeios e visitas.

Os moradores de Sertão Novo, em especial, mas não exclusivamente os que vivem na área de caatinga em volta da cidade, geralmente não trabalham em nenhum dos dias da Semana Santa, desde que "Jesus morreu nessa semana", observou certo indivíduo.

6. Um homem, que diz que "não tem religião."

7. Ver, por exemplo, Wells, I:287.

8. Nas fazendas de gado em Cerrado a ordenha é feita no domingo de manhã, como nos demais dias da semana. Alguns moradores não se abstêm absolutamente do trabalho do domingo, incluindo os negociantes, o dono do cinema e seus auxiliares, para quem este dia é geralmente o mais movimentado da semana.



Outrora, "todo mundo fazia jejum", disse um informante, "especialmente na quarta, quinta e sexta-feira dessa semana". Recentemente, num vilarejo vizinho, algumas pessoas recusaram-se a comer um melão oferecido por uma pessoa de São Paulo, dizendo que estavam "de jejum durante a Semana Santa" e que somente podiam alimentar-se "durante a hora do café, almoço e jantar", declaração esta que nos lembra os costumes muçulmanos durante os jejuns de Ramedan. No dia anterior, na própria cidade de Sertão Novo, o farmacêutico recusou líquido que lhe foi oferecido, dizendo que "não podia beber coisa alguma durante a Semana Santa". No passado, e igualmente nesta área, não apenas ninguém trabalhava na "Sexta-feira Maior", como é chamada, ou Sexta-feira Santa, mas nem "mesmo fazia um ruído que pudesse ser evitado". "O silêncio reinava no local". A água para o uso da família era "botada" e pisado o milho no dia anterior. Ainda hoje, numerosas pessoas, especialmente as que vivem na caatinga vizinha, não apenas não comem carne ou bebem leite na Sexta-feira Santa, mas tampouco tomam banho, penteiam o cabelo, ou montam a cavalo nesses dias. Essas proibições, porém, não são hoje tão observadas na cidade como outrora.

Em Pesqueira, igualmente, é costume jejuar na Semana Santa seja por questão de princípio seja em virtude de promessa feita no ano anterior. O jejum é considerado de obrigação toda especial das pessoas que servem como Guardas ao Santíssimo na igreja. De forma aqui definida, o jejum consiste em nada beber até a ocasião do almoço, nada comer até a hora do jantar e, depois deste, não se alimentar até meia noite. Na hora do almoço, disse um informante que costuma repetir: "Eu ofereço este jejum pela Santa Paixão e Morte do Nosso Senhor Jesus Cristo." Em seguida, reza o Bendito Louvado Seja. Na Sexta-feira Santa não é realizada a feira, como nas outras sextas-feiras, "pois ninguém recebe dinheiro nesse dia".

Consigna Antonio Osmar Gomes (págs. 174-75) que no interior do município de Santana de Ipanema, em Alagoas, os moradores tampouco tomam banho durante a Semana Santa porque, dizem, "Jesus estava tomando banho quando os judeus começaram a procurar ele para matar." No dia da Páscoa, contudo, banham-se juntos "nas águas dos riachos que Nosso Senhor abençoou, e assim nenhum mal sucederá durante o ano inteiro".

Conta-se na região a história de um homem que fez uma novena que, por acaso, terminou na Sexta-feira Santa. "Desabusado, achou que devia arrematar a novena com um banho no riacho e uma festa bem animada", escreve Gomes. A esposa opôs-se violentamente, contudo, suplicando-lhe "que... respeitasse o dia da morte do Nosso Senhor Jesus Cristo". Ignorando-lhe as súplicas, o homem não apenas foi tomar banho, mas mandou chamar um indivíduo que tocava harmônica "e não tardou a entrar no samba".



De súbito, caiu, aparentemente morto. Notícias sobre o que acontecera espalharam-se rapidamente e as pessoas das vizinhanças se reuniram para passar a noite de sentinela (ver *Morte, Funerais e Luto*) em sua casa. No dia seguinte, porém, para espanto geral, o homem levantou-se do caixão e disse que, de fato, morrera, que a morte fora um grande castigo que lhe aplicara o Nosso Senhor, que passara a noite inteira no inferno, e que, ao chegar lá, a primeira pessoa que encontrara fora o homem que tocara harmônica para ele dançar. Notou-se, então, que o tocador de harmônica havia desaparecido da comunidade, sem que pessoa alguma tivesse notado. Os circunstantes ficaram convencidos por este fato e pelas observações de “ressuscitado” que o tocador fora o próprio demônio em forma de homem “que viera tentar o dono da novena para desrespeitar a Semana Santa, mesmo no dia da Sexta-feira da Paixão”.

Em Cerrado os dias do ano considerados provavelmente mais sagrados são os da Semana Santa, Corpo de Deus, São Sebastião, Santa Cruz, Santo Antônio, São João e São Pedro. O mais sagrado de todos é a Sexta-feira da Paixão, a Semana Santa entre todas, e a Quaresma de todos os períodos do ano. Um informante da vizinha Retiro, ao ser perguntado quais eram os principais “dias santos” na área, mencionou em primeiro lugar, a décima segunda noite, acrescentando: “De 25 de dezembro<sup>9</sup> a 6 de janeiro a gente aqui mexe com a Folia de Reis,<sup>10</sup> e se a folia é por promessa, e a promessa for de ‘tirar com a Folia durante mais de 13 dias’, precisa começar antes do dia 25”. Mencionou ainda o “Dia da Santa Cruz”, o “Dia de Santo Antonio”, o “Dia de São João”, o “Dia de São Pedro”, o “Dia do Corpo de Deus”, o “Dia de São Sebastião”, o “Dia de São José”, o “Dia de Nossa Senhora da Piedade”, no dia 15 de agosto, quando é realizada uma festa na sede do município e “vai muita gente daqui — quase não fica ninguém em casa”, e o “Dia de Nossa Senhora da Conceição”, ocasião em que é realizada a festa da padroeira de Cerrado.

No que interessa aos habitantes de Retiro, contudo, há uma certa gradação na “santidade” dos dias. Embora geralmente não trabalhem nos domingos, tendem ainda mais a observar a proibição num dia dedicado a determinado santo. A observância do domingo pode tornar-se uma questão de mera rotina, enquanto que, no dia dedicado a determinado santo, os moradores, como pessoas de outras localidades, tendem a recordá-lo e a renovar sua devoção a ele, especialmente se nascerem “no dia do santo”, como dizem, e lhe receberam o nome. No que interessa a todos os moradores, contudo, as épocas mais importantes do calendário religioso são

9. “Na Sexta-Feira da Paixão,” disse outro informante, quem comer carne vermelha vira capeta.” E acrescentou que, “no dia 25 de dezembro, também vira capeta.”

10. Arrecadação de contribuições para a Igreja, feita de casa em casa, enquanto se cantam os versos da Folia.



a Quaresma e a Semana Santa, sendo maior do que em quaisquer outras atividades religiosas o número de pessoas presentes todos os anos aos rituais e cerimônias ligados às mesmas e à extensão dos sacrifícios que estão dispostas a fazer para comparecer. Durante a Quaresma, da quarta-feira de Cinzas à Semana Santa, disse um morador de Retiro que se “pode tocar viola ou cantar, mas não fazer festa. Quarta-feira de Cinzas é jejum e durante a Semana Santa não se toca viola, nem se canta, nem se bate sino. Só se toca matraca,<sup>11</sup> nas encomendações das almas (ver abaixo). Não se mata na quarta e sexta-feiras.<sup>12</sup> Mesmo os santos ficam cobertos com um pano”.

Em Sertão Novo, os moradores não trabalham nos dias em que a “folhinha é vermelha”, como dizem, isto é, quando o calendário, por uma diferença de côr, indica que determinado dia é “dia santo”. E, em especial, não trabalham no dia 6 de janeiro, ou “Dia dos Reis”, 25 de janeiro, “Dia de São Paulo”, 29 de junho, “Dia de São Pedro”, 6 de agosto, “Dia do Bom Jesus da Lapa” (ver *Santuários e Romarias*, abaixo), 8 de dezembro, “Dia de Nossa Senhora da Conceição”, 13 de dezembro, “Dia de Santa Luzia”, e 25 de dezembro, que é naturalmente o Natal. Um fazendeiro morador na cidade observou que certo ano, no dia 6 de agosto, os homens que trabalhavam na sua roça não compareceram naquele dia “porque é o dia da festa de Bom Jesus da Lapa, que todos consideram como feriado religioso”. E acrescentou que havia sido realizada na noite anterior, a umas duas léguas da cidade, como se faz todos os anos, uma festa em honra do Bom Jesus da Lapa. Acredita-se que trabalho “no Dia de Santa Luzia” produza cegueira.

Em Passagem Grande, além dos “dias santos” mencionados acima, os moradores respeitam também como especialmente sagrados o “Dia do Bom Jesus dos Navegantes”, que cai normalmente no dia 3 de janeiro, embora a festa alusiva ao santo possa ser realizada até mesmo em março, o “Dia de Nossa Senhora das Candeias”, em 2 de fevereiro, o “Dia do Bom Jesus da Misericórdia”, no dia 22 de fevereiro no ano de nossa pesquisa, mas com data móvel, ocasião em que se realiza também uma festa num dos vilarejos do município, o “Dia de Nossa Senhora do Carmo”, em 16 de julho, celebrando-se missa cantada na igreja local, o “Dia de Nossa Senhora de Santana”, em 26 de julho, quando são realizadas numerosas festas familiares, o “Dia da Assunção de Nossa Senhora”, em 15 de agosto, o “Dia de Nossa Senhora Mãe dos Homens”, em 28 de setembro, em observância do qual uma semana inteira é dedicada à festa religiosa (ver *Festas Religiosas*,

11. Um instrumento de madeira formado por tabuinhas movediças que se agitam para fazer barulho.

12. “Se a gente xingar uma pessoa na Sexta-Feira da Paixão,” disse outro informante em Retiro, “a gente está xingando Deus; se bater numa criança, bate em Deus; se matar um piolho, está matando Deus.”



abaixo), o "Dia de São Francisco de Borja", em 10 de outubro, e o "Dia da Volta de Nossa Senhora Mãe dos Homens", de Passagem Grande até seu santuário em Areia Solta, talvez no dia 31 de dezembro, embora possa ser mais cedo ou mais tarde, dependendo de certas circunstâncias.

Da mesma forma que em Sertão Novo, acredita-se também na localidade, que ficará cega a pessoa que trabalhar no "Dia de Santa Luzia". Ninguém come peixe nesse dia, "com medo de engasgo, enquanto que nos três dias de novena que o precedem, interrompe-se o trabalho, cedo". No "Dia de São Pedro", ou 29 de junho, são realizadas numerosas festas familiares, acendendo-se fogueiras. No "Dia do Menino Jesus", ou Natal, em 25 de dezembro, o trabalho é interrompido durante uma semana inteira enquanto se realizam festas nas casas das famílias.

No "Dia de São Sebastião", ou 20 de janeiro, é realizada uma importante festa num vilarejo situado na foz do São Francisco. Os jangadeiros que ali vivem consideram santos numerosos outros dias, quando não saem para pescar, embora em janeiro, no período do "vento de safra", ocasião em que há possibilidade de boa pesca, eles ocasionalmente o façam aos domingos. A primeira segunda-feira de agosto é "respeitosamente guardada". Afirma-se, em geral, que a jangada que sai naquele dia "nunca mais volta".

*Lugares sagrados.* Os locais sagrados no Vale incluem oratórios, igrejas e capelas, as áreas em volta de cruzeiros e cruzeiros à margem da estrada, cemitérios, os terreiros do candomblé e do toré, e um ou outro lago ou extensão de água.

*Oratórios.* Conforme indicado no Tomo I (ver *Mobiliário*), notou St. Hilaire em 1817 (1938b, II-352) o uso geral do oratório caseiro, no qual era conservada uma pequena imagem ornamentada com flores ou outros enfeites e diante da qual rezavam os membros da família. Por informações recolhidas atualmente entre velhos moradores da mesma área geral e comentários a respeito de velhos oratórios, parece claro que, em Cerrado e na vizinhança de Retiro, o culto doméstico foi muito importante no passado.

Na fazenda do Pequi, em Retiro, por exemplo, o oratório mede um metro de altura. É tratado com respeito por todos os membros da família, embora não desempenhe agora em suas vidas um papel tão importante como outrora nem mereça o cuidado que a esposa do fazendeiro, ora falecida, costumava dedicar-lhe. Em Pesqueira, parte considerável das adorações da comunidade é feita nesses modestos oratórios privados, nos quais há usualmente uma pequena imagem "de vulto", muito respeitada por seu poder de conceder graças e atender a pedidos. Na área em volta de Sertão Novo, os oratórios familiares são tão numerosos que, segundo um informante, "não acabam mais". Em Passagem Grande, igual-



mente, é raro encontrar uma das casas antigas e mais bem construídas na parte principal da cidade que não tenha reservado um cômodo especial para o oratório. São vistos também nos quartos de dormir pequenos oratórios com um altar e três ou quatro esculturas de santos em barro ou madeira, ocupando geralmente a imagem de especial devoção, do marido e pai, o lugar mais central e destacado, juntamente com "santos estampados", "em registro", ou como se diz também, "em quadro", e, quase sem exceção, uma fotografia do Padre Cícero Romão Batista, de Juazeiro, Ceará.

Em uma das casas do vilarejo de Cuscuzeiro há um altar de grandes proporções, cuja função parece ser intermediária entre a de um modesto oratório caseiro e a de capela. Nele é mantida uma imagem do Bom Jesus dos Navegantes e imagens menores ou litografias emolduradas de outros santos, inclusive São Benedito. Nos preparativos para a festa do Bom Jesus dos Navegantes, santo considerado no local como "muito milagroso" e grandemente reverenciado na área, o altar é limpo com cuidado e decorado com esmero, aí se realizando uma missa. Em outras ocasiões do ano, os moradores trazem ocasionalmente flores e velas para colocar no altar.

*Igrejas e capelas.* Algumas das grandes igrejas coloniais localizadas nas cabeceiras do tributário Rio das Velhas, são, como as de Congonhas do Campo, Ouro Preto e Sabará, de arquitetura refinada e detalhada e levaram, em alguns casos, de 20 a 30 anos para serem construídas (ver Vasconcelos, *apud* Taunay, IX:352). Muitas delas datam do período da extração de ouro na área, época em que homens ricos construíam igrejas que hoje figuram entre os mais notáveis exemplos da arquitetura barroca na América do Sul. Em 1817, St. Hilaire conheceu (ver 1938b, I:133-35) duas igrejas paroquiais em Ouro Preto, sendo a dedicada a Nossa Senhora do Pilar conhecida popularmente como "Antonio Dias" em honra do homem que a constituiu e, a outra, dedicada à Nossa Senhora da Conceição e geralmente chamada, em virtude da corrente que flui nas proximidades, de "Igreja do Rio d'Ouro Preto", bem como "de quinze a dezessete" capelas. Desde que a palavra *capela* é usada no Brasil, conforme notou St. Hilaire, para referir-se a "todos os templos que não são igrejas paroquiais", muitas delas rivalizam em tamanho e decoração interior com as matrizes. Em todas estas últimas, St. Hilaire calculou a distância da entrada ao altar principal em "cerca de 55 passos".

Em 1867, notou Burton (I:355-56) que a igreja de Ouro Preto, dedicada à Nossa Senhora do Pilar, era construída de "pedra caiada e areia, com pilastras de arenito cinza-amarelado e capitéis de cor de chocolate". A respeito do seu interior, escreveu que "o teto, de trabalho antigo de madeira, é entalhado e dourado, pintado, e com afrescos; uma... caixa... pendurada perto do



coro, contém o órgão. Há dois belos púlpitos, e quatro lâmpadas de prata diante dos seis altares laterais; estes últimos são de gosto antigo, entalhados em ângulos com outras... imagens... O santuário, um bloco de madeira entalhada e dourada, tem quatro tributos; entre os seus afrescos vê-se a Última Ceia no teto e círios queimam em grandes candelários de prata à frente do Santíssimo Sacramento. O Altar-Mor conta com um trono para a Santíssima, sendo colocada na parte superior em ocasiões comuns uma estátua da Padroeira, Nossa Senhora do Pilar, sobre cuja cabeça dois anjos sustentam uma coroa; ela é adequadamente apoiada por São Pedro e São Francisco de Borja".

Entre outras casas de culto, em Ouro Preto menciona Burton (I:356 e segs.) uma dedicada à Nossa Senhora do Rosário, que fora outrora "muito rica em prata", mas que "agora desapareceu", outra também dedicada à mesma santa, em frente da qual havia uma fonte e uma cruz de pedra, outra a Nossa Senhora do Carmo, "a maior igreja da 'Cidade Imperial de Ouro Preto'", uma quarta a São Francisco de Paula, de cujos degraus "tem-se uma bela vista da zona oeste" da cidade, uma quinta a Nossa Senhora da Conceição, "certa ocasião a igreja mais rica do local" mas "agora... um longo edifício caiado e dourado, pobre e sem gosto, e outras dedicadas a Nossa Senhora das Dores, Bom Jesus do Matozinhos, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora das Mercês dos Perdões e São José, e, finalmente, uma dedicada a São Francisco de Assis, sobre a qual escreveu: "A parte externa é bela... Em cima da entrada vêem-se esculturas em esteatita do infatigável 'Aleijadinho',<sup>13</sup> mostrando uma visão do Padroeiro e, acima, uma cruz. As portas amarelas são de madeira maciça, entalhadas com os habituais alto relevos. No interior são encontrados os habituais seis altares laterais, e uma profusão de imagens nas paredes caiadas; um... balcão do coro, um grande afresco no teto de Santa Maria cercada por anjos, e a Trindade em estátuas em tamanho natural de madeira pintada. Os púlpitos à entrada da sacristia são de pedra sabão, bem trabalhados".

Na cidade de Sabará, encontrou St. Hilaire (ver 1944, pág. 133) "5 igrejas principais e algumas capelas". A Igreja do Carmo era "de pedra, bonita no interior, muito limpa, ornada de muitos dourados e muito clara." A matriz, e a que parecia a mais antiga, localizava-se em Vila Velha e era dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Pensava St. Hilaire que estas e outras igrejas de Minas eram "mantidas mais asseadas do que as nossas" (isto é, do que na França na ocasião). A respeito da matriz de Nossa Senhora da Conceição escreveu Burton (I:430) que "no passado, era folheada a ouro, bateado no rio, sendo as necessárias alfaías enviadas de Portugal". Burton menciona também a "pequena e despretensiosa" Igreja das Mercês, a de São Francisco, "preta e

13. Ver "Mecas," abaixo.



inacabada (em 1867), “a pequena Santa Rita, na Rua Direita, a de Nossa Senhora da Ó, e a do Hospício e Convento de São Francisco de Assis, num local elevado, ao norte...” Notou Gardner (ver pág. 461) em 1840 em Diamantina que “a cidade possui três ou quatro belas igrejas”, uma das quais, a de Nossa Senhora do Rosário, construída “por negros da costa da África”, tinha no altar-mor a “imagem de uma Virgem negra”.

Pelo menos já existia em 1680, dedicada a Santo Antônio, uma capela em Urubu, cidade que veio a ser conhecida como Rio Branco e, agora, como Paratinga, localizada nas terras de Antonio Guedes de Brito (ver *Raízes no Passado*, Tomo I). Afirma Segura (pág. 28) que era a mais antiga casa de culto existente não apenas no Médio mas também no Alto São Francisco, mais antiga ainda do que a famosa igreja construída por Matias Cardoso em Morrinhos e dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que Burton notou, em 1867, que caía lentamente em ruína. “É um “*delubrum mirae magnitudinis*”, de grande reputação”, escreveu ele (II:272-73), “e que leva o estrangeiro a perguntar-se como veio parar aqui... O templo, voltado um pouco para o noroeste, eleva-se de uma plataforma de belos tijolos, com um arco de 4 dedos de comprimento e 2 polegadas de espessura; o edifício é construído destes tijolos e de reboco. A fachada tem o habitual frontão, protegido por beirais com três fileiras de telhas, numa tentativa de iluminação, fechada com janelas de venezianas e ripas em cima e em baixo. Entre estas duas últimas abre-se um portão, com portas maciças, reforçadas por grandes cravos de cabeça redonda... As torres são maciças, encimadas por pirâmides caiadas como as de São Bento, no Rio de Janeiro... Nos lados norte e sul vêem-se fragmentos de claustros, arcos apoiados em seis grandes pilares quadrados; terminam em direção ao leste nos aposentos que se destinavam às sacristias... As capelas de quatro faces no corpo da igreja lembram oratórios portáteis. Um ousado e bem construído arco, revestido de bela madeira e ripas de jacarandá lavrado, conduz ao altar... Embaixo, estende-se uma lápide quebrada de ardósia de Malhada, com a inscrição:

AQUI JÁS  
JANUARIO  
CARDOZO DE  
ALMEIDA

A data havia sido esquecida e o sacristão pôde apenas informar-nos que falecera recentemente em Morrinhos um homem, à idade de 113 anos, que dissera que a sepultura ali já existia quando nascera.”<sup>14</sup>

14. Uma outra igreja também bastante imponente em Remanso estava praticamente abandonada e caindo em ruínas por ocasião da primeira visita ao Vale do autor e seus companheiros.

Outros suntuosos edifícios foram construídos na parte Média do Vale. A respeito de Barra, em 1867, escreveu Burton (II:320-21): "O povo resolveu (construir) uma igreja magnífica dedicada a São Francisco... O Governo da Província forneceu £400, que esmolas e contribuições elevaram para £2,400. Mandou-se buscar na Bahia um projeto e um arquiteto; a escolha recaiu num alemão, Herr Heinrich Jahn, que trouxe consigo a família. A primeira pedra foi lançada no dia 4 de outubro de 1859. O edifício tem, ou melhor, terá, 100 pés de comprimento por cinquenta de largura, com duas torres e um clerestório. Usa-se tijolo e calcário sobre uma fundação de cantaria. A fachada tem as habituais três entradas e cinco janelas".

Um edifício imponente que não pareceria deslocado em grandes cidades como o Rio de Janeiro ou São Paulo foi construído em anos recentes na cidade de Petrolina, em Pernambuco, em frente a Juazeiro, na outra margem do São Francisco. Na verdade, é um dos mais imponentes edifícios religiosos vistos pelo autor no Brasil. Construído sob a supervisão do Bispo de Petrolina, um franciscano natural da França, com recursos reunidos no Brasil e na Europa, possui altaneiros arcos góticos, belos vitrais coloridos que se elevam altos ao longo de ambos os lados do edifício no sentido do comprimento e, igualmente, em cima do altar. A coxia central mede aproximadamente 100 pés de comprimento. O altar, em arquitetura, côr e acessórios, é bastante harmonioso. Um candelabro pende de uma longa corrente de um teto alto de muitos arcos. Os bancos, de durável jacarandá, proporcionam assentos mais largos e confortáveis do que os demais que o autor conheceu em outras zonas do Vale.<sup>15</sup>

Falando de Penedo, no Baixo São Francisco, escreveu Gardner (pág. 117) em 1838 que "existem nada menos de seis grandes e bem construídas igrejas, uma das quais conta com um convento de frades franciscanos, chamada de Nossa Senhora da Corrente". A Igreja de São Francisco, no local, data de 1751. Na sua primeira visita ao Vale, o autor verificou que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário era limpa e bem posta no interior, com paredes recentemente caiadas, e com uma impressionante iluminação para uma missa vespertina. As toalhas do altar havia sido arranjadas com gosto e o próprio altar estava ornamentado com flores. Executou-se música de órgão durante a missa. Existem atualmente pelo menos dois outros grandes edifícios religiosos na cidade.

Embora as igrejas católicas romanas e uma ou outra igreja protestante existentes nas localidades, estudadas pelos nossos pesquisadores sejam muito menos imponentes, não deixam, por isso, de ser importantes como centros de rituais e cerimônias religiosas. A matriz da cidade de Cerrado, por exemplo, localiza-se

15. Numa das praças principais desta cidade pequena, mas em rápido crescimento, nota-se também o edifício bastante grande de uma Igreja protestante.



no centro da cidade, simbolizando assim o significativo papel que desempenha na vida da comunidade. O cidadão por cuja iniciativa foi construída é lembrado como "um grande benfeitor". Durante nosso período de pesquisa pareceu óbvio que os consertos que na ocasião eram feitos no edifício por iniciativa do atual sacerdote, que apelara para os paroquianos pedindo contribuições para repintar as paredes, embelezar os altares e realizar outros melhoramentos, constituíam motivo de orgulho local.

Além da Matriz, existe na cidade uma velha e geralmente abandonada capela, conhecida como "Capela Velha", localizada a dois quarteirões da Matriz. Uma segunda capela, usada somente por ocasião da Festa da Santa Cruz (ver *Festas Religiosas*) ergue-se sobre um outeiro nas proximidades dos arrabaldes da cidade. Uma terceira, situa-se a alguma distância na estrada na direção sul, nas proximidades das ruínas de uma velha casa grande que, no passado, foi sede de uma grande fazenda em cujas terras ergue-se hoje a cidade. Os responsáveis pela conservação deste último templo são membros das mais antigas e tradicionais famílias da área. Existe também uma capela em Pau Terra, um vilarejo de mais ou menos 300 pessoas, localizada na estrada de Cerrado a Retiro e outra num pequeno aglomerado de habitações nas proximidades desta última cidade.

Informantes de Couro do Porco, Garrafão e outras localidades visitadas nos Gerais, no Planalto Ocidental da Bahia, nas proximidades de Rio Rico, desconhecem a existência de capelas na área. Em Rio Rico, a igreja católica romana ocupa lugar de destaque na cidade que, de fato, cresceu em volta dela, como ocorreu também com a igreja católica de Pesqueira, um edifício de construção sólida, capaz de resistir aos embates das grandes cheias, em torno de cuja antecessora cresceu também originariamente a cidade no mesmo local. Como a própria cidade, é consagrada ao Senhor do Bonfim, em cuja honra foi erigida a primeira capela, anterior à presente igreja. Segundo a tradição oral, transmitida por um morador que se diz ser "pessoa muito interessada em nossa história", a origem desta primeira capela em Pesqueira foi a seguinte:

"Certa vez, quando viajava com uma tropa de burros por aqui, um viajante teve, certa manhã, a tropa espalhada, faltando-lhe um dos animais. Ao encontrar o burro desgarrado, o qual transportava consigo uma imagem do Senhor Bom Jesus do Bonfim, estava o animal deitado no local onde atualmente se encontra esta cidade. Foi, então, o viajante acometido de terrível dor de cabeça. O viajante teve então uma inspiração e prometeu ao Senhor que, se passasse a dor de cabeça faria uma capela no lugar onde encontrara o burro perdido, e deixaria ali a imagem do Senhor do Bonfim. Logo após fazer a promessa, passou a dor de cabeça.



Compreendeu então o viajante que o Senhor do Bonfim não desejava sair daquela região. Construiu uma capelazinha, e nela colocou a imagem milagrosa”.

Na vizinha Marrecas, além da igreja do vilarejo, que é aberta apenas durante a visita de um padre à localidade, talvez uma vez por ano, há uma pequena capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, semelhante talvez a numerosas outras encontradas no Vale. Mede mais ou menos 5 metros de comprimento por 3 de largura e é construída de pau-a-pique. No interior, uma mesa coberta com uma toalha branca serve de altar, onde é conservado um oratório azul com enfeites de rosas pintadas. No interior do oratório vê-se uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, de mais ou menos 30 centímetros de altura e, de cada lado, outras de tamanho semelhante, de São Francisco de Assis e de São João Batista. Próxima à porta do oratório há uma imagem de São Benedito. A parede por trás do oratório é coberta de chita vermelha e dela pendem dois crucifixos, um dourado e o outro preto, e quadros de Nossa Senhora do Carmo e do Senhor do Bonfim. No chão, ao lado do altar, eleva-se uma cruz de madeira, de mais ou menos um metro de altura, que é conduzida em via sacra durante as lamentações (ver abaixo). Uma toalha sobre seus braços forma a letra “M”. A capela permanece fechada durante o dia mas é aberta à noite para rezas.

Em outro vilarejo no mesmo município há outra pequena capela também dedicada a Nossa Senhora da Conceição, na qual são feitas orações durante a noite. Em outro vilarejo, não muito distante, é encontrada outra capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, onde são lidas periodicamente as orações de um livro de rezas por uma rezadora. A pequena igreja de ainda outro vilarejo do município é dedicada a Santa Terezinha, embora nela exista também no altar uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Em Sertão Novo, além da modesta igreja ora em uso, as ruínas de outra maior, construída no local da velha cidade, e destruída na cheia de 1919 (ver Tomo I) são vistas a cerca de 500 metros dos atuais limites da cidade. Sobre a porta lê-se a data de 1844, e, sobre o portão de um velho cemitério abandonado próximo, outra data — 1860. O edifício, de mais ou menos 50 metros de comprimento por 15 de largura, como as capelas de Marrecas e de outras localidades da área, era dedicado a Nossa Senhora da Conceição. Conta-se que outrora a imagem da padroeira possuía anéis e brincos de brilhantes, uma coroa dourada presenteada pela Princesa Isabel,<sup>16</sup> e uma corrente, também dourada, doada pela Princesa Teresa Cristina, outra filha de Dom Pedro II. Ao lado das ruínas vê-se uma capela cujas portas, segundo se diz, nunca

16. A coroa é conservada na casa de um dos cidadãos mais importantes da cidade. Quanto aos demais ornamentos, conta-se que foram roubados.



foram alcançadas pelas cheias. Contou um informante que embora o local da cidade ficasse tão coberto pelas águas em 1906 que ao morrer na época sua irmã “não havia terra seca nas proximidades da cidade onde ela pudesse ser enterrada”, e muito embora uma cheia da mesma magnitude ocorresse em 1919, a capela “resistiu inexplicavelmente, continuando onde estava e ainda está hoje”.<sup>17</sup>

A capela da vizinha Ilha do Toré foi construída em 1903 com os tijolos da velha igreja de missão local, atualmente em ruínas. As imagens de Nossa Senhora da Conceição, São Francisco, São Gonçalo e São Jorge, bastante grandes e pintadas segundo o estilo encontrado em numerosas igrejas construídas no Brasil no século XVIII, vieram também da velha igreja.

A matriz da cidade de Passagem Grande mede mais ou menos 35 metros por 18 de largura. Erigida mais ou menos entre 1660 e 1670 por um membro da Família Lins, originária de Portugal, e subsequentemente ampliada, a sua parte mais antiga é de taipa de pilão e a mais nova de tijolos. É dedicada a São Francisco de Borja. No interior, a luz natural é tão pouca que a igreja, sem a iluminação artificial fornecida por duas lâmpadas 50 velas e uma de 60, vive quase na penumbra. O teto central é forrado, embora a pintura seja pobre e carcomida. As partes laterais são de telha vã. O chão da parte central da nave é ladrilhada e, o restante, assoalhado. Há um altar principal com imagem e dois laterais. Os bancos são rústicos, ligados ao genuflexório.<sup>18</sup> Uma escadaria, bastante estragada, conduz ao coro. Nas paredes estão sepultados os corpos de diversas pessoas das famílias mais ricas, costume este apenas recentemente abandonado (ver *Morte, Funerais, e Luto*).

Em algumas das casas grandes das fazendas mais antigas das vizinhanças de Passagem Grande, o observador encontra um aposento reservado como capela e usado em cerimônias de casamento, batismos e encomendação dos mortos. Em todos os povoados da área, com uma única exceção, existem pequenas capelas, geralmente de alvenaria, situadas em local proeminente e dedicadas, respectivamente, a Nossa Senhora da Conceição (em dois casos), Bom Jesus dos Navegantes (também em dois), Bom Jesus da Misericórdia, Santa Cruz, São João Batista, Santa Luzia e Santo Antônio. Em um dos vilarejos, contudo, onde é conservada a famosa imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens (ver *Festas Religiosas*) ergue-se uma capela mais suntuosa, construída de tijolos, com um altar ricamente decorado e bancos bem feitos.

Em Cuzcuzzeiro, a capela do vilarejo foi erigida por um dos mais abastados fazendeiros locais na ocasião em que construiu

17. O informante acrescentou que isso se devia provavelmente ao fato de que o seu construtor, “tinha o corpo fechado” (Ver *Doenças e seu Tratamento*, Tomo II).

18. Algumas famílias em Rio Rico possuem uma cadeira-genuflexório que, nos dias de missa, são levadas e usadas na igreja local. Em vez de serem inteiriças como as de madeira comum, o assento tem uma parte móvel, de modo que, para ajoelhar, basta o ocupante levantar essa parte.



também dois depósitos de cocos. De tijolos e cimento mede cerca de 14 metros de comprimento por 5 de largura e 6 de altura. Ao lado, nas proximidades da estrada principal um sino foi suspenso de uma barra de ferro, cravada na parede. Há também um terreno plantado de coqueiros e outras árvores que lembra um pequeno adro. As paredes interiores da capela foram revestidas com gesso e pintura. O altar principal, onde são conservadas imagens de Nossa Senhora da Conceição, São João, e Santo Antonio, é de construção simples. Numa pequena sala próxima são guardados os paramentos e outros objetos usados nas cerimônias. Devido ao pequeno tamanho da capela, numerosas pessoas que vão à missa permanecem de pé à porta ou do lado de fora.

Em numerosos pontos do Vale são encontradas igualmente igrejas protestantes, muito embora entre as localidades estudadas pelos nossos pesquisadores fosse encontrada apenas uma em Pesqueira (ver *Protestantes*). Geralmente, são edifícios muito modestos, usados inicialmente como residências particulares.

*Cruzeiros.* O cruzeiro, ou grande cruz, geralmente de madeira, erguido do lado de fora da igreja ou capela, ou mesmo isoladamente, talvez num outeiro, nos limites de um vilarejo ou cidade em várias partes do Vale, constitui objeto de reverência e, para numerosas pessoas, de culto, em especial devido ao seu presumido poder miraculoso. É ocasionalmente enfeitado com objetos que recordam as circunstâncias da morte de Jesus, incluindo espinhos, martelo, cravos, lança, esponja, uma pequena escada de madeira, e um galo, geralmente talhado em madeira. Em frente à Igreja do Rosário, em Malhada, notou Burton (II:277) em 1867, por exemplo, “uma grosseira cruz preta, tendo entre os instrumentos da Paixão um galo rústico.” Na cidade de São Francisco, na parte alta da região Média do rio, observou Sampaio em 1879 (1906, pág. 76) que o embarcadouro era “dominado por um alteroso cruzeiro, onde se exibem todos os símbolos do martirológio”. Esta grande e antiga cruz, com uma coroa de espinhos, a lança e a escada, ergue-se no adro da atual igreja.<sup>19</sup>

A respeito de um grande cruzeiro de madeira que ocupava o cocoruto de um morro nas proximidades de Bairro Alto, às margens do tributário Paraopeba, escreveu Wells em 1873 (I:264): “Meus homens desmontaram, tiraram o chapéu, caíram de joelhos e beijaram... a base da cruz... Pediram-me algumas moedas de cobre (para serem colocadas na caixa de esmolas). Eu não as possuía. Os homens observaram que papel-moeda serviria igualmente, mas, não estando minha religiosidade à altura do pedido, continuei na minha marca. Os homens garantiram-me que eu seria perseguido pelo infortúnio, desde que ninguém passava por aquela

19. Como também outro cruzeiro de origem mais recente, feito de cimento, com uma pequena cruz de metal no alto.



cruz sem pôr alguma coisa na caixa, pois, de outra maneira, seria vítima do azar. A convicção concretizou-se no meu caso, pois, mais tarde, descobri que perdera um valioso e útil canivete que possuía vários instrumentos e acessórios. “Nós dissemos ao senhor, nós dissemos ao senhor”, responderam em coro os homens quando lhes falei do prejuízo.

No ponto mais alto de um morro nos limites da cidade de Cerrado, uma capela dedicada a Santa Cruz abriga uma delas, onde no “Dia da Santa Cruz” virtualmente todos os moradores e numerosas pessoas da área vizinha se reúnem (ver *Festas Religiosas*). Existem quatro cruzeiros na cidade de Rio Rico, onde, durante o nosso período de pesquisas, um cortejo de quatro mulheres e dez crianças se reuniu na igreja da cidade certo dia. Depois de se ajoelharem e rezarem, saíram cantando para “visitar” todos os cruzeiros da cidade, numa “prece para pedir chuva”. Encabeçava a procissão um menino conduzindo uma pequena cruz e uma toalha franjada pendendo-lhe dos braços. As mulheres conduziam uma pequena imagem caseira ou um quadro de santo e, as crianças, uma garrafa na cabeça. Ao chegar o grupo ao cruzeiro localizado nos limites da cidade, nas proximidades da ponte sobre o rio, as garrafas foram enchidas de água, que foi levada e derramada sobre o cruzeiro enquanto os membros do grupo se ajoelhavam e oravam. O cortejo continuou cantando em direção ao cruzeiro da Rua do Riacho, ao terceiro e, finalmente, completando o círculo, ao da Praça da Matriz. A prece é feita durante nove dias consecutivos.

Em frente a uma igreja diminuta no centro da grande praça de Irecê ergue-se um enorme cruzeiro de madeira, mais alto do que o próprio templo. Em conexão com um cruzeiro, que se diz ser “muito milagroso”, e localizado num vilarejo não muito distante são feitas penitências envolvendo o transporte de pedras na cabeça de distâncias até de uma légua, a serem depositadas aos pés do monumento. Em seguida, é rezado um ofício a Nossa Senhora.

Nas proximidades de Sertão Novo, conforme descrito com maiores detalhes na seção intitulada *Promessas e Oferendas Votivas* abaixo, ergue-se um cruzeiro que um informante disse ali estar “há mais de 100 anos”, à margem da estrada onde uma viajante morreu de súbito, aparentemente de um ataque cardíaco. Numerosos moradores consideram-no também “muito milagroso”, tendo se acumulado em volta um número considerável de ex-votos. Uma moradora da cidade disse que “conseguiu obter ali várias graças”. Outra contou que “obteve também ali a graça de fazer meu filho, que foi envolvido num processo e teve de ir a Salvador, voltar para mim”.

Numa ilhota conhecida como Ilha do Ferro, que se projeta do Rio São Francisco nas proximidades de Bom Sucesso em Sergipe,<sup>20</sup> um cruzeiro coroa a parte superior de uma pequena capela branca; em Passagem Grande, existe outro no centro do cemitério da cidade, onde são realizados rituais. Pouco antes de iniciada nossa pesquisa, um grupo de "frades pregadores", que viajava em "Santa Missão", insistira com os moradores para que o erigissem, e, posteriormente, o pintassem. Em Cuscuzeiro, um "Santo Cruzeiro", como é chamada, de mais ou menos quatro metros e meio de altura, foi erigido sobre uma colina no centro do cemitério, de onde domina o vilarejo.<sup>21</sup> Num altar em frente, velas são amiúde acesas e oferecidas orações pelas almas dos mortos.

Em todo o Vale, o cruzeiro pode ser também construído ocasionalmente à entrada da sede de uma fazenda como símbolo da fé do proprietário e garantia de proteção para ele e a família. E, conforme sugerido acima, costuma-se também marcar com um cruzeiro "o lugar de um acontecido", isto é, o local ao lado da estrada ou outro onde morreu alguém sem ter recebido a extrema unção. De um simples cruzeiro, após lhe terem sido atribuídos alguns milagres, pode ele transformar-se numa Santa Cruz, como a de Sertão Novo mencionada acima, ou a igual à localizada numa estrada não muito distante da cidade de Passagem Grande. Pode ser construído um abrigo grosseiro para protegê-lo do sol e do vento, e onde, mais tarde, orações são rezadas sob a liderança de "rezadores". Até mesmo um padre pode officiar ali algum dia, de modo que, eventualmente, o local pode transformar-se em capela.

*Cemitérios.* Conforme indicado no capítulo intitulado *Doenças e Seu Tratamento*, o cemitério local é considerado lugar sagrado não apenas pelos mais ortodoxos da fé católica romana, mas também pelos membros do candomblé e do toré. Neles geralmente se penetra com uma atitude de reverência e numerosas pessoas tiram os sapatos e deixam fora armas de fogo que porventura estejam conduzindo. No caso de ter uma ferida, o indivíduo não passa pelo portão do cemitério.

*Outros lugares sagrados.* Os edifícios, outros abrigos, o terceiro em frente ou em volta em que são realizadas, respectivamente, as cerimônias de candomblé e toré, constituem também lugares sagrados para numerosos moradores do Vale (ver *Candomblé e Toré*, abaixo). Certas extensões de água são também julgadas sagradas. A respeito de um lago nas proximidades de Sabará, de umas três milhas de circunferência, escreveu Casal (1945, 387n) em princípios do século XIX, que "merece o nome de Lagoa Santa" por ser

20. Há um vilarejo com o mesmo nome em frente a este povoado na margem alagoana do rio.

21. Outro cruzeiro, que pode ser visto nos limites do vilarejo, nas proximidades de um caminho que se dirige para uma das fazendas, está coberto de mato denso, aparentemente abandonado.



“útil nos casos de certos ataques (doenças).” Em Lapinha, no município de Irecê, os moradores vêm no contorno de certas formações rochosas nas proximidades do vilarejo, onde cavernas, ou como se diz no local, “salões”, foram cortados pela erosão, esboços do “Menino Jesus”, “um Cristo com os braços abertos”, uma “Nossa Senhora” e “um padre de costas”. Segundo uma lenda local, havia outrora água neste local, de natureza tão miraculosa que “curava todas as moléstias dos olhos”.<sup>22</sup>

### *Funcionários Sagrados*

Nas localidades estudadas pelos nossos pesquisadores a liderança ativa com referência ao sistema dominante de rituais, cerimônias e crenças é exercida pelo padre, um ou outro vigário, o bispo visitante, e figuras leigas como acólitos, sacristãos, zeladores, chefes de ramos locais de irmandades religiosas, os capelães, os festeiros (ver *Festas Religiosas*, abaixo), ou pessoas escolhidas pelos colegas ou que tomam por si mesmas a iniciativa de dirigir o comportamento religioso local.

Há alguns anos, um padre tornou-se famoso em Cerrado pela sua diligência, capacidade administrativa e influência pessoal na área. “Foi ele quem ensinou o nosso povo”, observou um rapaz, “a saudar os pais e os padres com respeito dizendo, ‘Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo’”. Outro morador lembrava-se de que, certa vez, quando o padre celebrava missa, um dos presentes, “um homem rico, poderoso e orgulhoso”, começou a fumar na igreja. Quando o padre lhe pediu que não fumasse durante a missa, o indivíduo não lhe deu atenção. Insistindo o padre, o indivíduo levantou-se e saiu. Algum tempo depois, continuou o informante com evidente reverência, “apareceu uma ferida nos dedos desse homem — os dedos que estavam segurando o cigarro no dia do incidente. E a chaga tomou a mão, o braço, e o homem morreu por causa dela”. “Padre quando dá para ser santo”, acrescentou o informante, “é muito poderoso. Eu não quero encrencas com essa gente, não”.

Atualmente, há um vigário em Cerrado. Além de assumir o papel central em todos os rituais da missa, prega um sermão, lê os proclamas de casamento, informa a congregação a respeito de objetos perdidos e achados, anuncia atividades religiosas vindouras de caráter coletivo, comenta ocorrências importantes na vida da cidade e faz advertências. Ao contrário de um antigo padre de quem se dizia, talvez exageradamente, que “visitava apenas duas famílias da cidade”, o vigário mantém contato frequente com todos os níveis da população local. Mora sozinho na casa paroquial, mas é amiúde visto na rua, conversando com um paroquiano, indo

22. “Mas umas mulheres tomaram banho nela,” segundo se diz, “e a água secou.”



da casa de um a outro, de sua casa para a igreja, ou meramente passeando, quando não na matriz dizendo missas, rezas e realizando outras cerimônias e sacramentos religiosos, bem como supervisionando a realização de melhoramentos no edifício, ou em lugares públicos como a Prefeitura, Correios, Foro ou Coletoria tratando de assuntos da Igreja.

Alguns moradores, principalmente dos níveis inferiores da população, cumprimentam o vigário com o tradicional "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!" expressão esta que equivale a pedir-lhe a bênção. Falando a respeito do vigário, moradores frequentemente dizem que ele "estudou" e que sua cultura "portanto, é maior do que a da maioria dos homens". A maioria, incluindo pelo menos alguns dos de maior prestígio na comunidade, considera, de fato, indisputável e indispensável a "autoridade" do padre em assuntos morais. Algumas pessoas se orgulham de ter um parente padre ou que estuda num seminário para ordenar-se. Um número considerável de pessoas acredita que certos padres, que chamam de "virtuosos", têm um poder sobrenatural especial. O atual vigário de Cerrado, contudo, parece resolvido a ser "igual aos outros", como diz e, por questão de consciência, reprova expectativas ou desejo de parte dos paroquianos de que desenvolva o poder de fazer milagres ou outros atributos extra-terrenos.

Pessoas que se declaram abertamente irreligiosas adotam, de modo geral, atitudes de antagonismo em relação aos padres em geral, sendo a principal queixa, não sabemos se fundamentada ou não, de que "os padres são gananciosos". Citam casos de sacerdotes que, segundo se diz, "recusaram sacramentos" a pessoas que "não podiam oferecer uma esportula", "padres que não cumprem os votos de castidade", que às vezes procuram por-se a salvo dos controles sociais a que outros homens estão sujeitos, "não demonstram respeito por famílias constituídas", como diz a frase<sup>23</sup> ou, de parte dos que "não gostam de padre", geralmente homens, afirmam que os sacerdotes "violam o sigilo do confessorário".

Não há padre residente em Retiro e embora um deles costumasse visitar com maior frequência as fazendas locais, no momento passa-se às vezes um ano sem uma visita. Os moradores da área, contudo, estão sob a influência de três paróquias vizinhas, dizendo-se do vigário de uma delas que é mais ativo e que goza de mais prestígio do que o de Cerrado. "Ele já é santo", observou de certa feita um retirense. "Acreditamos que já fez milagres".

Conquanto não exista padre em Rio Rico e raramente, se é que alguma vez, um deles chegou à zona dos Gerais visitada pelos nossos pesquisadores, a influência do Bispo de Barra, que ocasio-

23. Essas acusações, contudo, pareceram ao nosso pesquisador serem menos graves do que as dirigidas a comportamento semelhante de parte de leigos e refletiram mais injúria pessoal do que indignação moral.



nalmente visita a cidade,<sup>24</sup> é muito forte na área. Os relatos de suas boas obras são espontâneos e numerosos. A população local agradece-lhe especialmente o estabelecimento de duas instituições de assistência na cidade — o Posto de Tracoma e a Maternidade.

O vigário de Pesqueira é um líder capaz e eficiente. Nos períodos da desobriga anual viaja também pela área vizinha. A freguesia é muito extensa e ele faz mais de uma saída, ou “giro”, por ano. Mas, ainda assim, nem todos os povoados da área podem ser visitados e nos que o são, o vigário não pode permanecer mais de um ou dois dias, no máximo, de cada vez.

Informantes de Sertão Novo dizem que a igreja local ficou fechada durante vários anos por falta de um sacerdote. O atual padre, de 72 anos de idade, pensa que “no passado era melhor: o povo era mais religioso”. Diz que “leva uma vida de sacrifício”, sendo a paróquia grande e difíceis os transportes. Acrescenta que vai tentar conseguir um novo padre para substituí-lo e que “irei acabar meus dias na minha propriedade”, um trecho de terra nas proximidades da cidade que, embora pequeno, “é suficiente para me manter”, e que enquanto lá viver continuará a dizer missas e visitar como sacerdote as fazendas vizinhas. O padre de uma cidade próxima é um holandês que fala ainda mal o português e não é bem compreendido pelos parquianos.

Em Sertão Novo, como em outras localidades da área, é ainda viva a recordação do Padre Cícero, de Juazeiro, no Estado do Ceará, ouvindo-se com frequência relatos de fatos de sua vida, amiúde de caráter lendário. O sacerdote local diz, por exemplo, que “Padre Cícero teve uma vez um sonho que dizia que ele seria missionário, milionário e revolucionário. E, realmente, ele foi as três coisas: missionário, pregando a milhares de pessoas; milionário, pois teve terras e casas; e revolucionário, quando se revoltou contra o governo cearense chegando a construir em volta da cidade de Juazeiro verdadeiras trincheiras que impediram a entrada de qualquer elemento hostil a ele”. O padre acrescentou, com evidente respeito: “Ele era absolutamente honesto com referência à castidade”.<sup>25</sup> Uma mulher da cidade contou também que, certa vez, uma beata na igreja de Padre Cícero, “quando tomava a hóstia, soltava sangue que, dizia ela, ser o sangue de Jesus. O Padre Cícero, recolhia este sangue em três toalhas e guardava-o no sacrário. Certo dia, a imagem de Cristo soltou lágrimas dos olhos. Igualmente, Padre Cícero guardou-as numa toalha. Mas o Papa pediu-lhe que lhe

24. Certa tarde durante nosso trabalho de campo, por exemplo, o bispo veio à cidade e falou na Igreja, conforme prometido, sobre uma recente viagem à Europa, incluindo uma escala em Dakar e uma visita a Roma e ao Vaticano, onde compareceu às cerimônias de canonização de três santos. No seu sermão, destacou o tamanho, os pilares, o acabamento e a limpeza das igrejas de Roma. Estiveram presentes cerca de 180 moradores, a maioria mulheres. Muitos prestaram pouca atenção, contudo, provavelmente não conseguindo, pensou nosso pesquisador, compreender o bispo.

25. Histórias de incontinência de parte do padre de Sertão Novo e dois outros padres residentes no passado são comuns na comunidade.



mandasse as toalhas à Roma. O exame lá realizado deu negativo e ele foi suspenso pelo Papa.<sup>26</sup> Quando ele morreu — foi em 14 de julho de 1934, lembro-me bem — quase houve uma revolução porque os bispos e autoridades quiseram enterrá-lo e o povo não queria”.

No passado, Passagem Grande esteve também algumas vezes sem padre. O atual, que um membro da irmandade local considera “muito enérgico”, procurando evocar uma conduta de conformidade com o mores, chegou à paróquia mais ou menos um ano antes do início de nossa pesquisa. “Já está botando freio no pessoal aqui”, disse o informante, acrescentando: “De um padre assim é que nós precisamos”. Contando apenas 36 anos, robusto, enérgico, com gestos vivos e uma tendência para a obesidade, o padre não adquiriu ainda, o *status* do seu antecessor imediato, homem mais idoso e muito prestigiado. Nos sermões, procura fomentar maneiras, traços e costumes identificados como “católicos” e obter a supressão dos considerados mundanos. Duas vezes por mês visita o vilarejo próximo de Cuscuzeiro, onde diz missa e realiza casamentos e cerimônias de batismo. Um dos fazendeiros locais envia sempre um cavalo para ir buscá-lo. No caso de chegar ao vilarejo antes do dia da missa, hospeda-se na casa do fazendeiro, muito seu amigo. Há concordância geral, contudo, de que “ele não foi ainda bem sucedido” no vilarejo. Alguns moradores queixam-se do choque que o padre teve com o povo de outro povoado da área a respeito de elementos seculares da festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens (ver *Festas Religiosas*). Um morador diz com grande reprovação que o padre “anda com um revólver à cinta”, ao passo que outro sente pena do cavalo que ele monta, dizendo: “Pobre cavalo! Fica sangrando de espora!”.

Durante a missa em Passagem Grande o padre é auxiliado por dois homens e um rapaz que atuam como acólitos. Os homens são membros da irmandade e mostram muito orgulho de seu papel religioso. O menino, de mais ou menos 11 anos de idade, contou que espera ser padre e que a família está interessada em mandá-lo para um seminário em Aracaju ou Maceió. O padre é ajudado também por zeladores e por um sacristão. Na sua ausência, a reza do terço é realizada uma vez por semana, geralmente na noite de sábado, na residência de uma das pessoas mais religiosas da comunidade, e dirigida por um dos três capelães. Outras rezas podem ser dirigidas por um capelão em outras ocasiões. Os capelães visitam também os doentes e se esforçam para que os que vão morrer sem a presença do padre rezem pela salvação de suas almas. Os moradores tendem a mostrar considerável respeito pelos capelães.

26. Deve ficar claro que estamos citando aqui comentários meramente para ilustrar histórias correntes na área, e não que necessariamente apresentem informações sobre os fatos como realmente aconteceram. Do ponto de vista sociológico, o significado de qualquer evento é aquele que ele tem para as pessoas em questão.



Em Cerrado, o papel do sacristão não é atualmente importante. "Houve padre que gostava de ter sacristão sempre ajudando", diz o farmacêutico, que ajuda o padre nos rituais e cerimônias. "Até quando ele saía de viagem, o sacristão ia junto. Eu ajudo quando posso, mas só nas missas". No passado, e mais do que no presente, a liderança religiosa na área rural em torno de Cerrado era exercida pelos membros das famílias dos fazendeiros. Ouvem-se frequentes histórias de finadas matronas cujo cumprimento fiel das obrigações religiosas estimulava a conduta de outras pessoas de suas famílias e dos trabalhadores da fazenda e seus dependentes.

Em Retiro, as duas professoras primárias dão aulas de catecismo às crianças da escola. Em Sertão Novo, uma classe de catecismo, cuja matrícula é feita de casa em casa e que conta com 110 crianças de menos de 5 anos de idade, é realizada pelas professoras locais. As crianças se reúnem na escola durante uma hora, às 3h30 da tarde, uma vez por semana. No dia em que a classe foi visitada, estavam presentes 50 crianças, incluindo 28 meninas e 22 meninos. A professora manda-os repetir o Padre-nosso, fazer o sinal da cruz e recitar a oração da Santíssima Trindade. As reações indicavam memorização bastante intensa. As professoras organizam periodicamente festas para o grupo, incluindo algumas a levantarem recursos para a primeira comunhão de crianças cujas famílias não podem arcar com a despesa.<sup>27</sup> São mantidas folhas de frequência às aulas. Na segunda falta consecutiva, a criança é visitada por uma das auxiliares da professora, nove ao todo, constituídas de crianças mais adiantadas, de 10 a 12 anos de idade.

Poder-se-iam considerar também como funcionários sagrados os "rezadores" que cuidam da saúde da comunidade, compreendendo pessoas, animais e plantas (ver *Doenças e Seu Tratamento*, Tomo II). Conforme indicado acima, além de providenciar rezas para o tratamento ou prevenção de doenças, essas pessoas podem usá-las para suplicar o desaparecimento de uma praga. Pode ser igualmente considerado especialista sagrado o "imaginário" de Passagem Grande, um homem que se dedica a fazer pequenas imagens "em vulto" de madeira ou barro, a serem colocadas em oratórios caseiros, ou obras escultóricas que são usadas em conexão com "promessas" ou supostos "milagres", talvez para serem depositadas aos pés da Santa Cruz local. Outros especialistas sagrados são mencionados nas seções sobre *Protestantes*, *Espíritos* e *Candomblé* e *Toré*, abaixo.

### *Confrarias Religiosas*

Em numerosas igrejas das cidades e vilarejos do Vale existem uma ou mais irmandades religiosas. Em Pesqueira, por exemplo,

27. Em uma festa em 1953 foram levantados mais ou menos 500 cruzeiros e, em outra, metade dessa soma.



duas organizações, a da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus e a da Pia União das Filhas de Maria, são responsáveis pelo estímulo ao comparecimento regular a missas e rezas e ornamentação da igreja nesta e em outras ocasiões. Na matriz da cidade de Passagem Grande, igualmente, funciona a Irmandade do Santíssimo Sacramento, fundada em 1847, a que pertencem 40 homens e mulheres, um Apostolado da Oração, fundado em 1916, com 190 membros, também incluindo homens e mulheres, a Pia União das Filhas de Maria, fundada em 1944, atualmente com 22 moças, a Congregação Mariana, fundada no mesmo ano, com uma filiação de 30 rapazes,<sup>28</sup> e uma Cruzada Eucarística Infantil, fundada em 1947, com 32 membros de ambos os sexos. Segundo o padre local, a "ordem de importância" dessas organizações é a seguinte: a Irmandade do Santíssimo Sacramento, o Apostolado da Oração, a Congregação Mariana, a União das Filhas de Maria e a Cruzada Eucarística Infantil.

No vilarejo de Cuscuzeiro funciona uma Irmandade do Sagrado Coração de Jesus, composta de homens e mulheres, uma Congregação Mariana para rapazes, e a Pia União das Filhas de Maria para moças. As Filhas de Maria e os membros da Congregação Mariana pagam uma pequena soma mensal para custear os arranjos e alfaías de igreja, as espórtulas do padre, e a manutenção da instituição a que pertencem, ao passo que os membros da Irmandade do Coração de Jesus contribuem para as mesmas finalidades, cada um de acordo com suas posses. A iniciação de novos membros dessas organizações, durante a qual o padre lhes entrega os emblemas que usarão posteriormente em cerimônias religiosas, tem lugar em seguida à missa. Os membros da Irmandade do Coração de Jesus usam fitas vermelhas; as Filhas de Maria e os membros da Congregação Mariana, fitas azuis e pequenos alfinetes em forma de escudos azuis com uma cruz branca, a serem usados na lapela ou no vestido. A apresentação é geralmente seguida de comunhão. Durante a cerimônia para os membros da Irmandade do Sagrado Coração os homens se colocam de um lado e as mulheres de outro.

Nos casos em que a presença do padre na comunidade não coincide com o primeiro domingo do mês, ou aquele em que os membros da Congregação Mariana têm obrigação de se reunirem na missa, vão geralmente à igreja na sede do município onde reside o padre. Na capela, há um local reservado aos membros da irmandade. Espera-se que, para ocupar esses assentos, contudo, eles estejam "devidamente vestidos", isto é, de paletó, se homem ou rapaz e calçados, qualquer que seja o sexo.

Em Cerrado, no entanto, são escassas as pessoas na comunidade, além do padre, que exercem qualquer forma de liderança religiosa, poucas as irmandades e outras confrarias e reduzidos

28. Este grupo possui uma pequena biblioteca.



os membros e as atividades. A Conferência de São Vicente providenciou duas salas para os 36 indigentes que tem aos seus cuidados. Mas embora os recursos sejam insuficientes para sustentá-los, pouco se fazia na ocasião de nossa pesquisa para aumentar o número de contribuintes ou o volume das contribuições. Com referência ao Apostolado da Oração e Pia União das Filhas de Maria, uma das mulheres mais operosas nas atividades religiosas observou: "O padre diz para a gente fazer a reunião. Mas, sem o padre, não se pode".

### *Santos*

As idéias, atitudes e práticas a respeito de santos, difundidas no Vale por funcionários eclesiásticos, geralmente não variam no essencial das ortodoxas da Igreja Católica Romana. E não são poucos os indivíduos que procuram, de maneira sistemática, seguir tais prescrições. Não obstante, as concepções, atitudes e comportamento de numerosos outros indivíduos — de fato, com toda probabilidade, da maioria em todas as comunidades — divergem consideravelmente das normas oficiais.

A concepção ortodoxa, por exemplo, de que a pessoa reza a um santo para que ele interceda junto a Deus e que o atendimento vem realmente dele é conhecida por algumas pessoas. "Tem gente que diz que quem come carne no dia de São Pedro não entra no céu", observou uma mulher em Cerrado. "Bobagem, isso! São Pedro não manda!" Outra mulher presente concordou com tais palavras, acrescentando: "Quem manda é Deus. Se ele manda entrar, a gente entra. São Pedro tem que obedecer".

Apesar de tudo, o comportamento observável em numerosos casos, não apenas nessa localidade mas em outras do Vale, deixa implícito que a intervenção é direta, feita pelo próprio santo. Uma mulher em Pesqueira, para dar um exemplo, disse que embora seu santo predileto fosse "muito milagroso", ele "também castiga logo, de modo que tenho muito medo dele". Um morador de Sertão Novo, depois de observar que Santo Antonio do Pambu é "muito milagroso, e que todos que se apegam com ele, é válido", recordou que o prefeito local, "que não acreditava que o santo podia fazer milagre", ao passar de barca no São Francisco nas proximidades de Pambu, ouviu um companheiro manifestar o desejo de "visitar o santo". O prefeito, contudo, recusou a sugestão. Alguns metros mais adiante, a barca virou inesperadamente, sendo os viajantes salvos "apenas por milagre de Santo Antonio do Pambu". "O santo deu-lhe um castigo e embora não permitisse que ele se afogasse, tudo que levavam — farinha de mandioca, açúcar, bolachas — tudo se perdeu".

"Nossa Senhora Mãe dos Homens não falha", disse um morador de Passagem Grande expressando uma atitude comum na

área. "Pedi, ela faz, mas é preciso pagar a promessa. Se não pagar, na outra vez ela não faz!" Em ocasiões de calmaria no rio, o homem surpreendido num barco à vela volta-se para o lado de onde quer que sopra o vento e apela a São Lourenço gritando: "Ó, São Lourenço, barba de vento, cara de fogo, me manda vento que rasgue estes panos". Confirmando os fatos, um informante lembrou-se que certa vez "um barqueiro pediu vento e veio tanto que só ficou uma árvore seca".<sup>29</sup> Ao desgarrar-se um animal ou perder-se um objeto, os moradores fazem um apelo a São Longuinho, colocando mesmo, às vezes, uma pequena moeda sob sua imagem.<sup>30</sup>

Muito embora, se especificamente interrogada, a maioria das pessoas faça uma distinção entre imagem e santo, é bastante geral a tendência para agir como se os dois fossem idênticos. Assim, quase que sem falta, ouve-se determinada imagem ser chamada de "santo". Uma mulher de Sertão Novo, sem dúvida alguma referindo-se a uma delas, observou: "Meu santo é muito antigo, não deste século, mas do tempo de meus avós". Isto é, a imagem fora feita muito tempo antes.

Demais disso, são tratadas, pelo menos por algumas pessoas, como se fossem vivas. Numa recepção em honra de Nossa Senhora de Fátima, em Petrolina, segundo um informante de Sertão Novo, certa mulher, que desenvolvera algumas dúvidas, aproximou-se da imagem com um alfinete "para ver se ela era realmente de carne e osso, como diz o povo". Em Sertão Novo, Passagem Grande e outras localidades, algumas imagens são ocasionalmente castigadas, em especial a de Santo Antonio por moças doidas para casar, desde que há a crença geral de que ele é "casamenteiro" e que "atende rapidamente a todos os pedidos desse tipo".<sup>31</sup> O Jesus-Menino pode lhe ser tirado dos braços ou a imagem pendurada de cabeça para baixo por trás da porta de um quarto "até que o namorado volte para fazer as pazes". Em Sertão Novo, uma informante que deu toda a aparência de acreditar implicitamente no seu relato, conta a história de uma moça que "queria muito casar com certo rapaz", e que "suplicou a Santo Antônio que lhe obtivesse essa graça". Na ocasião, contudo, em que o rapaz noivou com outra, "a moça pôs a imagem no pilão, quebrou-a, misturou os restos com água, e bebeu-a. No dia do casamento, foi à igreja. No meio da cerimônia", continua a informante, "o padre recebeu notícias que tornou desaconselhável prosseguir com o casamento. Mais tarde, a moça outrora frustrada casou-se com o jovem de sua escolha, depois do que disse: "Santo Antônio, mesmo pisado ainda faz milagres".

29. Para os pescadores locais, a expressão "árvore seca" significa mastro de barco depois de arrancadas a vela ou as velas pelo vento.

30. Em outras localidades, em circunstâncias semelhantes, o apelo pode ser dirigido a Santo Antônio.

31. Afirma-se que São José também "possui esse poder." Em Sertão Novo, diz-se que ele "demora um pouco mais do que Santo Antônio, mas sempre arranja bons maridos."



Um retirante hospedado num "albergue" em Pirapora contou a história de certo homem abastado de seu conhecimento que fez uma promessa por seu filho mais novo. E quando, a despeito disso, a criança morreu, bateu com a imagem no oratório da casa, quebrando-a em pedacinhos. "Pouco tempo depois", acrescentou o informante, refletindo a concepção a respeito da ação direta do santo mencionado acima, "a mulher dele morreu e todos os outros seis filhos. Ele não conseguiu criar um único, pois o santo o castigou e ele agora, além do mais, está meio louco".

Em alguns casos de seca prolongada, uma imagem pode ser roubada do nicho costumeiro e levada para outro local até que, "desgostoso de estar longe de seu oratório habitual", pensa-se, e "desejoso de voltar", "o santo faz com que caia a chuva". Um informante de Sertão Novo, por exemplo, disse que "roubar santo" de casas particulares "a fim de fazer chover" costumava ser comum, especialmente na caatinga vizinha. E lembrava-se de que "toda vez que um santo era roubado, caía chuva forte". Acrescentou ainda que o dono da imagem, notando-lhe o desaparecimento, não se preocupava, pois "ao contrário de dinheiro ou objeto que é roubado, ela sempre volta". Pouco antes de nosso trabalho de campo, a viúva que dirige a pensão na cidade e a avó de outra informante "roubaram um santo" durante uma longa seca, devolvendo-a mais tarde depois da chuva à casa de onde fôra tirada, acompanhada de uma grande multidão, estampidos de foguetes, repetição de rezas e vivas ao santo. Tais concepções estão também implícitas no comportamento concernente a outras "procissões para pedir chuva" (ver *Missa, Reza e Novena*, abaixo).

Embora seja conhecida a concepção ortodoxa de que podem haver diferentes imagens, de conformidade com as várias manifestações, que representam o mesmo ser, é geral a tendência de tratar cada aparição como entidade separada. Pensa-se, por exemplo, que Nossa Senhora do Bom Parto é pessoa diferente de Nossa Senhora de Fátima ou de Nossa Senhora da Conceição.

Da mesma forma que ocorre em Cruz das Almas,<sup>32</sup> pensa-se de maneira geral que Jesus, Maria e o Divino Espírito Santo são santos de categoria similar, se não idênticos, a Santo Antonio, São Bento, Santana e outros. O cruzeiro, conhecido popularmente como a Santa Cruz, tende também na mente de muitos a ser personalizado e, conforme sugerido acima, é considerado também capaz de conceder graças e mesmo de executar "milagres próprios". De mais disso, o cruzeiro, o Espírito Santo, numerosos santos, e as várias concepções de Jesus e Maria costumam na mente popular formar um panteão de divindades, todas de caráter, *status* e poder relativamente iguais, ponto este muito diferente de concepção ortodoxa.

32. Ver Pierson, 1951, págs. 147-48.



Todas as cidades do Vale e todos os vilarejos que possuem igreja ou capela têm um padroeiro, geralmente, mas não sempre aquele cuja imagem ocupa o lugar central no altar principal do templo, ou, se há mais de uma igreja, na matriz. O padroeiro de Cerrado, por exemplo, é Nossa Senhora da Conceição; de Rio Rico, Nossa Senhora da Glória; de Pesqueira, o Senhor do Bonfim; de Passagem Grande, São Francisco de Borja; e de Cuscuzeiro, Nosso Senhor dos Navegantes. Em São Francisco, na região alta da parte Média do rio, a padroeira é Nossa Senhora do Carmo e, da cidade de Igreja Nova, no Baixo São Francisco, São João Batista.

As pessoas religiosas podem, contudo, conforme sugerido acima, ter um santo predileto que será ou não o padroeiro local. O Senhor Bom Jesus da Lapa, por exemplo, cuja festa supera a todas no Vale, é talvez o santo da predileção de mais pessoas do que qualquer outro. Na festa da época, em agosto, os peregrinos vêm "visitá-lo", como dizem, não apenas do próprio Vale, mas até mesmo de Mato Grosso (ver *Mecas e Peregrinações*, abaixo). "Eu tenho muita fé no Bom Jesus da Lapa", disse uma mulher de Rio Rico. "Toda vez que me pego com ele, tenho sido válida". Outro informante lembra que certa vez dois homens brigaram e que um deles recebeu sério golpe no pescoço, abrindo-se um grande corte. "Mas quando ele pediu ao Bom Jesus da Lapa que lhe valesse, e puxou a faca e prometeu-a levá-la de presente ao santo, ficou bom". Mais tarde, a faca foi levada à Lapa "para ser mostrada a todo mundo".

Um homem de Garrafão, nos Gerais, ao ser perguntado qual era seu santo predileto, respondeu que "gostava de todos eles", mas que sentia "preferência pelo Divino", uma imagem que herdara do pai e conservava em casa.<sup>33</sup> O guia de nossos pesquisadores nos Gerais, natural de Caculé, dizia que seu favorito era São Sebastião. Em Pesqueira, os de maior devoção, depois do Bom Jesus da Lapa, parecem ser o padroeiro, o Senhor do Bonfim, e, em seguida, Nossa Senhora da Conceição. Em Sertão Novo, contudo, Santo Antonio do Pambu, cuja imagem é conservada no vilarejo do mesmo nome à margem do rio, é de "mais devoção" do que a padroeira local, Nossa Senhora da Conceição. Informantes da cidade mencionaram também como santos prediletos São João, São Pedro, São Sebastião, São Cosme e São Damião, São José, Nosso Senhor Morto, Nosso Senhor dos Passos, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora Aparecida.

Entre os moradores de Passagem Grande, cuja maioria sai diariamente de canoa pelas águas do São Francisco e muitos dos quais são pescadores, São Pedro é o favorito, embora não seja clara a extensão em que o santo, tendo sido também pescador, influenciou a preferência. Durante as festas de junho em honra de Santo Antonio, São Pedro e São João, o segundo é mais reverenciado lo-

33. Ele não conhece outras imagens na área.



calmente, mesmo que, na véspera de São João, diga-se que o ruído dos foguetes em honra deste último seja "ensurdecedor". São Pedro "tem mais fogueiras" do que Santo Antônio, que é o menos venerado localmente dos três "santos juninos" (ver abaixo). Santana é também bastante cultuada, dizendo-se com grande frequência na localidade: "O que faltar, Santana intéira". Os demais santos principais de "devoção" no local incluem Nossa Senhora Mãe dos Homens, cuja festa, conforme dito acima, é a principal da região, Bom Jesus dos Navegantes, Santo Antonio "da Bola",<sup>34</sup> São José, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora das Dores, Santa Teresinha, o Padrim Cirço".<sup>35</sup> Entre outros santos menos invocados contam-se Santa Luzia, São Bento, e São Sebastião, considerados "protetores" de capelas nas áreas rurais das proximidades da cidade. Um santo também muito mencionado localmente é Santo Heleno, chamado de "Santo Lenho" pelo "curador de mordidas de cobras" Zé das Cobras (ver *Doenças e Seu Tratamento*, Tomo II).<sup>36</sup>

O atual padre de Passagem Grande procura desenvolver a devoção pelo padroeiro. Queixa-se de que "muitas pessoas" não lhe "sabem o dia", nem que nosso "rio foi tocado pela primeira vez no dia dele". Encomendou em Penedo uma nova imagem para entronizar antes do "próximo dia do padroeiro".<sup>37</sup>

São contadas lendas a respeito de várias das principais imagens existentes nas igrejas do Vale no tocante à sua "descoberta" ou outra ocorrência fora do comum ligada à sua colocação no templo em questão. Isto é verdade, por exemplo, no caso do Bom Jesus da Lapa (ver *Mecas e Peregrinações*), da principal imagem da igreja da cidade de Pesqueira (ver *Lugares Sagrados*) e de Santo Antônio do Pambu. Conta-se que esta última foi encontrada por um vaqueiro sobre uma pedra à margem do rio, perto do local onde se ergue hoje a igreja do mesmo nome. Trata-se de uma declaração de fato provavelmente exata, considerando-se as cheias que no passado levaram periodicamente partes ou mesmo cidades inteiras construídas às margens do rio (ver *Cheias*), e, as dificuldades de comunicação na área durante séculos, que teriam tornado improvável que algum rio abaixo soubesse que determinada imagem desaparecera de uma capela ou igreja, levada a alguma distância rio acima.

Segundo o relato corrente na área, o vaqueiro, ao descobrir a imagem, embrulhou-a cuidadosamente num pano e levou-a para

34. Assim chamado porque a imagem do Menino Jesus, nos braços da imagem de Santo Antônio na Igreja local, empunha uma esfera, como símbolo do mundo.

35. Padre Cicero (ver acima *Mecas e Peregrinações*).

36. Ao tratar um paciente, diz Zé das Cobras, por exemplo, ao lhe entregar uma cruz: "Agarre o Santo Lenho com fé."

37. A presente imagem foi dada em testamento à igreja, após sua morte, por uma mulher proprietária de um antigo engenho na cidade e tia-avó do atual prefeito.

casa. Algum tempo depois, contudo, descobriu que a imagem desaparecera. Voltando ao local onde a achara, encontrou-a novamente. Apavorado pela estranha ocorrência, procurou três amigos, todos irmãos, e contou-lhes o fato. Voltaram eles em sua companhia ao local, apanharam a imagem, levaram-na para casa e colocaram-na num alforje. Tempos depois, contudo, encontraram-na vazio e, ao irem procurá-la, encontraram-na mais uma vez no mesmo lugar. Uma igreja foi, então, construída no local.<sup>38</sup>

Ocasionalmente, compra-se uma nova imagem para uma igreja, como ocorreu recentemente em Pesqueira, onde contribuições foram angariadas por uma lista de assinaturas levadas de porta em porta por toda a cidade, de donativos que variam de 1 a 100 cruzeiros, e que são dados geralmente nestas e em ocasiões semelhantes, segundo se diz, "até mesmo pelos que pertencem a religiões diferentes". Às vezes, a imagem, ou "o santo", como é popularmente conhecida, é levada de porta em porta pedindo esmola. Em Passagem Grande e outras localidades tais imagens são conhecidas como "Caminhantes". Um de nossos pesquisadores, durante seu período de residência na comunidade, teve oportunidade de observar "5 Santo Antônio e 1 São José, Caminhantes".

Conforme indicado (ver *Lugares Sagrados*), pequenas imagens são com frequência mantidas em oratórios caseiros. Nas paredes de numerosas casas são vistas estampas coloridas de santos, algumas das quais emolduradas, com vidro.<sup>39</sup>

### "Mecas" e Peregrinações

Existem duas "mecas", ou pontos de peregrinações no Vale: a Igreja de Bom Jesus do Matosinhos, em Congonhas do Campo, ao longo do tributário Paraopeba do Alto São Francisco, e a igreja de Bom Jesus da Lapa, em Lapa, no Curso Médio do rio. Embora localizada fora do Vale, a igreja do Juazeiro, no Ceará, uma cidade muito conhecida na região simplesmente como "Juazeiro de Padre Cícero", onde viveu outrora o famoso padre do mesmo nome, exerce igualmente forte influência sobre grande parte da sua população, especialmente na Seção Norte das Corredeiras e na parte Baixa do Rio.

A Igreja de Congonhas do Campo, dedicada ao Bom Jesus do Matosinhos em princípios do século XIX, era para a região onde se localiza, escreveu Luccock, o que a igreja de N. S.<sup>a</sup> do Loreto re-

38. Outro informante conta a estória com virtualmente as mesmas palavras, com a única modificação de o vaqueiro que encontrou inicialmente a imagem levou-a duas vezes para casa, a segunda vez "dentro de um alforje."

39. Uma informante em Sertão Novo recebeu uma carta durante nosso período de pesquisa que, ao ser aberta, foi identificada como "da corrente de Santo Antônio." Seguindo as instruções, ela tirou 13 cópias e enviou-as pelo correio juntamente com um cruzeiro cada, em 13 envelopes, a 13 amigas desde que, disse: "fiquei com medo daquela peste e não quis quebrar a corrente."



presentava na ocasião para a Itália.<sup>40</sup> Fundada por um eremita português, Feliciano Mendes, e hoje transformada em Missão Redentorista, tem sido alvo de peregrinações anuais, em setembro, desde 1786. A igreja conserva a imagem de madeira de Jesus Morto, altamente renomada pelo seu caráter milagroso, na cruz original usada pelo fundador. Num dos lados da igreja ergue-se a "Casa dos Milagres", com ex-votos (ver *Votos e Oferendas Votivas*, abaixo). Na escadaria externa vêem-se doze profetas esculpidos em pedras sabão uma substância que, como se sabe, é mole quando extraída mas que endurece ao ser exposta ao ar. São trabalhos do primeiro famoso escultor brasileiro, Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como "Aleijadinho", filho de um carpinteiro português e de uma escrava negra, que cresceu em Ouro Preto durante o período de extração de ouro na área (ver *Raízes no Passado*, Tomo I). Inicialmente como carpinteiro e mais tarde como arquiteto e escultor, o Aleijadinho trabalhou nas igrejas construídas pelos ricos garimpeiros de Ouro Preto e outras cidades da área até que, no auge da carreira, contraiu uma doença que se pensa ter sido lepra, que era relativamente comum na ocasião em Minas. Homem resolutivo, rebelou-se com as frustrações que a moléstia lhe trouxe e, de acordo com um relato:

"À medida que os dedos dos pés e das mãos começaram a murchar, diz-se que ele amputou diversos deles em paroxismos de dor e raiva. Para ocultar as sobranceiras... e o rosto inflamado, usava um capuz, e um chapéu de abas largas. Quando não podia mais andar, era carregado nas costas largas de seu escravo Januário. Para ocultar-se dos olhares curiosos... do mundo armava uma tenda em torno de si quando trabalhava. Certa vez, o governador de Minas Gerais ousou enfiar a cabeça no interior da tenda. Aleijadinho... agarrou o martelo e o cinzel e cobriu Sua Excelência de lascas de pedra. Estava bem adiantada a doença quando lhe encomendaram o trabalho que seria a coroação de sua vida, a decoração da Igreja do Bom Jesus do Matosinhos. Para a escadaria, escolheu como tema não a elegância curvilínea de querubins e serafins que o fizeram famoso, mas os ásperos profetas do Velho Testamento. Neles encontrou fúria, compaixão e inspiração que se equiparavam às suas. Esculpiu-lhes, as figuras atarracadas em bizarros trajes orientais, contorcidos e atormentados... Antes de ter terminado o último, em 1805, o Aleijadinho trabalhava com o malho e o cinzel amarrado aos cotos das mãos aleijadas".<sup>41</sup>

40. *Notes on Brazil*, pág. 520, citado por St. Hilaire, 1944, pág. 167.

41. *Time*, 26 de setembro de 1955. Entre as figuras destacam-se as de Jonas, "em pé, em movimento suspenso, como uma figura de proa e os olhos erguidos," e uma pequena baleia aos seus pés; Isaías, que "olha rancoroso por baixo do capuz," com a mão apontando para um pergaminho que conta como "o serafim queimou os lábios com brasas ardentes". Naum, tendo nas mãos um pergaminho e profetizando "a queda de Ninive e a destruição de toda a Assíria;" Ezequiel e Oseas, também portando pergaminhos; Daniel e o leão.



A meca mais famosa, contudo, e sem dúvida a mais antiga do Vale, é a de Bom Jesus da Lapa, cuja imagem aí colocada no século XVII, há muito é conhecida em grande parte do interior do Brasil como possuidora de "milagroso poder". E é a mais visitada por pessoas do próprio Vale. Alega Macedo (pág. 62), que "não há mesmo esse que vivendo nas margens do São Francisco deixe de ir pelo menos uma vez à cidade da Lapa para orar aos pés do Bom Jesus", muito embora essa declaração fosse talvez mais verdadeira na época em que ele escreveu do que agora.

Bom Jesus da Lapa localiza-se no Médio São Francisco a 622 quilômetros abaixo de Pirapora, numa viagem de 3 a 5 dias de barco, o único meio de transporte até tempos relativamente recentes (ver *Transporte*, Tomo II). Usando-se o mesmo meio de transporte, consomem-se de 5 a 7 dias numa viagem de 749 quilômetros a partir de Juazeiro, navegando contra a corrente. Até poucos anos, os que iam à Lapa procedentes da capital do Estado, Salvador, a apenas 550 quilômetros de distância em linha reta, eram obrigados a fazer uma volta por Juazeiro, numa viagem de 1.324 quilômetros no total.<sup>42</sup>

Neste ponto do Rio São Francisco, uma formação calcária rochosa isolada ergue-se "alta e abrupta," como diz Burton (II: 287) cerca de 90 metros sobre a planície circundante, relativamente plana. A sua base, de mais ou menos 400 metros de largura, situa-se num braço do São Francisco, estreito mas profundo, que se estende do rio até ela. Do São Francisco, ao aproximar-se da área, o morro lembra muito ao viajante uma enorme, alongada e perfurada rocha plantada por mão gigante sobre a parte superior de uma imensa mesa plana. Discorda tanto da planície circundante que, como Burton (II:287), Sampaio (pág. 57) e outros observaram, indubitavelmente produz forte impressão sobre pessoas que de muitos quilômetros de distância em todas as direções, depararam-na pela primeira vez, em especial depois de ter vivido toda a vida em terreno relativamente plano. "A (sua) novidade," escreveu Burton (II:287), "elevou-a à santidade."

"É notável," acrescenta Burton, "pelas linhas perpendiculares que se erigam no ar, com costelas que lembram remates ou pináculos. Os lados, desgastados e serrilhados como arcobotantes flutuantes de um templo gótico, são cortados em ângulos salientes e afiados pela ação dos elementos. Tem mais clivagem do que estratificação e profundas fissuras pretas em altitudes que variam de dez a trinta pés, e que correm horizontalmente, formando gigantescos veios de alvenaria... A extremidade sul-ocidental é

42. Conforme indicado no capítulo sobre *Transporte*, no Tomo II, há agora transporte aéreo de Salvador para o Leste, e de Pirapora ao sul, e de Juazeiro ao norte, duas vezes por semana.



um precipício vertical, com uma longa e larga faixa amarela, onde a pedra foi removida. A cor da massa é, em geral, cinzento-ardósia, puxando a azul, com cristais finos do mais branco calcário."

A aparência bastante estranha dessa formação rochosa sugeriu várias imagens àqueles que dela se aproximaram. "Visto de longe pelo lado do Norte," escreveu Segura (pág. 37), "a... enorme sinfonia de pedras com cúpulas, minaretes e agulhas, como notas de maravilha,... tem a forma de um leão gigante, com juba de vegetação exuberante, descansando em meio da planície verdejante, como a mesa de um altar no retábulo do firmamento". Mais ou menos nos mesmos termos, viu-a Burton como "uma esfinge decapitada, ou um leão agachado," acrescentando (II:287) que este último era, por ocasião de sua visita à Lapa, em 1867, "a comparação popular." A Sampaio, pareceu (1906, pág. 58) "um desses imensos pagodes indianos, em ruínas..." "Quem contempla o Morro, de longe, recortado no fundo do horizonte," escreveu outro autor, "tem a impressão de que está vendo uma procissão de monges, com seus longos buréis, de capuzes enormes, marchando lentamente em torno da imagem sagrada,"<sup>43</sup> enquanto outro observador notava "até cruzeiros vistas a distância, uma das quais, por uma disposição especial de duas pedras, representa no alto uma bem feita cruz com uma estrêla no centro, formada por uma abertura que deixa ver a claridade do horizonte."<sup>44</sup>

No interior da formação calcária a infiltração pela rocha porosa de considerável quantidade de água de chuva, no passado, abriu uma gruta com estalactitas. Há uns 275 anos passados, um sacerdote ambulante colocou no interior da gruta uma imagem e construiu uma modesta capela, que foi iluminada por lâmpadas elétricas somente a partir de 1935. As estalactitas, que com o passar do tempo haviam caído, tinham sido recolocadas no lugar, fixadas com cimento, por ocasião da primeira visita do autor. No lado de fora, na base da formação, construiu-se em 1915 e pintou-se de branco um modesto templo, a Capela de Nossa Senhora do Carmo. Nela são rezadas missas nas épocas em que as chuvas pesadas tornam a gruta impraticável em virtude da infiltração de água pela rocha. Em 1935, foi construída de concreto armado na parte superior do morro uma imagem de 12 metros de altura de Jesus na cruz, aparecendo os braços do Redentor estendidos "em uma bênção ampla," como escreve Segura. Em um dos pontos mais altos, igualmente, construiu-se em anos recentes um farol que serve de orientação para os aviões. À noite, pode ser visto a uma

43. Prado Ribeiro, "Bom Jesus da Lapa", *O Imparcial* (Salvador) 14 de fevereiro de 1936, apud Segura, pág. 37.

44. Durval Vieira de Aguiar, *Descrições práticas da Província da Bahia*, apud Segura, idem.



distância de 5 ou 6 léguas à medida em que gira, "um símbolo das graças," observa Segura (pág. 40) "que o Bom Jesus derrama a mãos--cheias pelos quatro cantos do Brasil."

São diversas as lendas a respeito da origem da imagem do Bom Jesus da Lapa. Dizem alguns que foi descoberta por vaqueiros e outros por crianças. Em sua versão, que aparentemente se baseia em fontes fidedignas, declara Segura (págs. 41-120) que um rapaz português de família humilde, de nome Francisco de Mendonça Mar, chegou a Salvador em fins do século XVII, à idade de 20 anos, em busca de saúde. Trabalhando no ofício de ourives e também como pintor, acumulou finalmente dinheiro suficiente para comprar seis escravos, dois homens "para o carreto" em um palanquim, muito usado na ocasião em centros relativamente opulentos como Salvador, "outros dois para alugar e um par de mucamas para serviço doméstico." Não obstante, cerca de dez anos depois de sua chegada, aparentemente sentindo remorso por uma vida dissoluta, e impressionado também pelos urgentes conselhos de arrependimento e penitência feitos em sermões pelo célebre Padre Antonio Vieira e outros eclesiásticos em Salvador por ocasião de uma grave epidemia de febre,<sup>45</sup> que dizimou parte considerável da população local, deu alforria aos escravos, distribuiu suas posses entre os pobres e, vestindo as roupas mais simples, despediu-se dos amigos e deixou a cidade para vagar por lugares ermos e desabitados. Conduzia, contudo, uma imagem de Nossa Senhor e outra de Jesus na Cruz, de três palmos de altura, "a quem pediu luz para que todos os seus passos fossem dirigidos para sua maior honra e glória..." Penetrando a pé no interior, passou por numerosas fazendas onde poderia ter permanecido, não fosse "uma voz misteriosa, suave e cristalina que lhe dizia: "Busca o Calvário na gruta!"

"Sem se deixar atemorizar por mosquitos, jaguares, ameríndios e répteis venenosos," escreve Segura, continuou a adentrar-se pela desolada região, "intocada salvo por uma ocasional trilha de índios ou restos da passagem de um bandeirante." Após visitar e rejeitar diversas cavernas, finalmente chegou, em 1695 ou 1696, segundo se diz, ao Rio São Francisco, a cerca de 550 quilômetros quase em linha reta de Salvador, num ponto em que o Morro domina a paisagem. Entrando na caverna da pedra, que verificou possuir a forma de uma cruz, compreendeu que encontrara finalmente o que vinha procurando e, caindo de joelhos, pediu "perdão, perdão para os meus pecados!"

Passando em seguida a viver como eremita na caverna, dedicada a maior parte das horas de vigília a orações e penitências, comia frutas silvestres, raízes e ervas e, ocasionalmente, tratava

45. Conhecida na ocasião como "bicha", doença cuja origem era desconhecida.



dos doentes ou praticava outros atos de piedade, pois nas proximidades havia uma aldeia ameríndia e, a uma légua de distância, um curral da Casa da Ponte (ver *Raízes no Passado*, Tomo I), aos cuidados de portugueses e africanos.

Gradualmente, os viajantes que por ali passavam — garimpeiros, mascates e vaqueiros — ouvindo falar do esquisito eremita e da interessante gruta com a imagem do Bom Jesus nesse estranho morro, começaram a parar ali e orar, a render graças por terem escapado da morte e de perigos ao longo do caminho, por descobertas e outros sucessos, ou para fazer uma promessa. Finalmente, chegou a palavra a Salvador e a outras cidades da costa de que, “no coração do sertão, na linha gruta de um morro sem semelhante, havia um homem extraordinário, que fazia vida de santo. Congregava fiéis, tratava dos enfermos, asilava os crentes que corriam de todos os pontos ínvios das brenhas agras, assim como os que ali chegavam pela correnteza do grande rio, descendo-os uns e subindo-o outros...”<sup>46</sup> Ao saber disto, o Arcebispo de Salvador pediu aos seus visitantes oficiais, na ocasião em missão regular à cidade de Urubu, situada a apenas 14 léguas, que fossem ao local e lhe apresentassem um relatório sobre o mesmo e o eremita. Finalmente, a gruta foi aceita pelas autoridades eclesiásticas como lugar sagrado e construída, uma capela, chamada originariamente de “Bom Jesus e Nossa Senhora da Soledade,” nomeando-se o eremita seu capelão.

Com o desenvolvimento subsequente muito grande da mineração de ouro no Sul, em Minas, numerosos garimpeiros do Norte, que a caminho haviam parado na gruta para pedir êxito em suas empreitadas, voltaram finalmente e deram belos presentes, “em gratidão ao santo.” O eremita, contudo, que havia renunciado à toda riqueza, continuou pobre. Os presentes, porém, foram gastos na capela. Mais tarde um inventário listava um sacrário de prata, encrustado de ouro, um turíbulo de prata, quatro coroas de ouro para as imagens, 19 grandes castiçais de prata, um lampadário em forma de estalactita, feito em relevo com duas arrobas de prata e, pendurado no centro da gruta, numerosos cálices de ouro e outros objetos de prata e ouro.

Entrementes, o eremita, agora conhecido como Frei Francisco da Soledade, estendeu suas ministrações por longas distâncias pelas margens do São Francisco até as colinas de Minas, ao Sul, e, a despeito da falta de estradas, muito para o interior a Oeste entre o Corrente e o Carinhanha, tributários do São Francisco até os morros da fronteira de Goiás. Buscou as aldeias ameríndias nessas áreas, captou a confiança dos seus habitantes e batizou-os e catequizou-os a despeito do fato de muitos que viviam nas colinas, se-

46. Braz do Amaral, Conferência, *apud*, Segura, pág. 90.



gundo se diz, serem dirigidos por um aventureiro,<sup>47</sup> que atacava os garimpeiros e seus correios que desciam o São Francisco carregados de ouro. Entre esses ameríndios o eremita veio a ser conhecido como o "Filho do Grande Espírito."

Nas proximidades da gruta, Frei Francisco construiu uma enfermaria, com "as únicas lavouras daquele sertão," onde "os doentes e os pobres eram tratados com muita caridade." Entrementes, crescia a fama da gruta, que se transformou não apenas em centro de serviços religiosos, ministrações aos necessitados e base de atividades missionárias numa vasta região de pioneiros, mas também ponto focal de peregrinações. Neste santuário, verificou Sampaio (1906, pág. 57) em 1879 que "a barca do comerciante... jamais passa sem aportar, como a embarcação mais humilde do remeiro que vem de longe de toda parte". Euclides da Cunha, em seguida a sua visita a Canudos (pág. 220), chamou a Gruta da Lapa, com a imagem do Bom Jesus, "a meca dos sertanejos." E consigna que (pág. 221), era na ocasião o "objetivo predileto" de romarias não apenas de todo o Estado da Bahia "mas também dos mais longínquos lugares de Sergipe, Piauí e Goiás." Braz do Amaral, em discurso pronunciado há alguns anos, disse que peregrinos ali chegavam procedentes de Mato Grosso, São Paulo, e Ceará (ver Segura, pág. 178).

Entrementes, outras lendas, além das referidas, começaram a surgir, lendas que merecem fé e que são contadas hoje na área, tal como a de uma criança de meses que caiu no São Francisco de uma janela da gruta "e não afundou, antes ficou sentadinha, brincando com as águas até que veio uma canoa para o apanhar." Alega-se também que "um ladrão protestante" procurou certa vez roubar o templo, mas que "por mais esforço que fizesse não conseguiu aproximar-se do cofre das esmolas." Enquanto era capturado, um de seus captores foi acidentalmente ferido no abdômen e "apesar dos sintomas graves de perfuração do intestino, salvou-se por milagre," segundo se diz (ver Proença, pág. 153).

Embora os peregrinos possam vir e ainda venham à meca de Bom Jesus da Lapa em qualquer ocasião do ano, o período em que ocorre a maioria das romarias começa geralmente em maio, aumentando gradualmente seu número até atingir o auge durante a Novena e a Festa do Bom Jesus, terminadas no dia 6 de agosto, declinando depois até chegar ao ocaso novamente em setembro. Verificou Valverde que as embarcações do rio que transportavam passageiros não conseguiam dar vassão ao movimento e que numerosos romeiros faziam a jornada pelo rio em canoas e paquetes, que eram ancorados no porto e usados como habitações durante a estada em Bom Jesus da Lapa. Outros peregrinos chegavam a

47. Em 1730, forças do governo capturaram este aventureiro que foi exilado para Angola.



pé, a cavalo e, se abastados, de automóvel, percorrendo trilhas muito difíceis. Consigna Valverde (1944 b, pág. 523) que conheceu um homem, mulher e filho em Inhumas que se encontravam no sexto dia da viagem de volta, a cavalo. Muitos faziam a peregrinação com grande sacrifício financeiro e pessoal, carregando os pais às vezes os filhos pequenos, alimentando-se mal a família durante a jornada e dormindo sem cobertas em qualquer abrigo que pudesse ser encontrado quando a noite os surpreendia ou, amiúde, ao ar livre. Os mais devotos entravam de joelhos na gruta ou com os braços em cruz.

Segundo o livro do tombo existente na gruta, o número de pessoas que compareceram às festas anuais em diferentes anos foi de "2 mil," "5 mil," "8 mil," "15 mil" (em 1935) e "20 mil" (em 1936). Embora a população do município de Lapa tenha sido dada no censo federal de 1940 como de apenas, 13.752, em 1943, segundo o pároco local, cerca de 60.000 romeiros chegaram nos três meses que precediam e incluíam a Festa do dia 6 de agosto. Nos dias 5 e 6 de agosto daquele ano, "15.000 forasteiros se encontravam na cidade" (ver Valverde, 1944, b, pág. 522). Na sua primeira visita ao Vale, o autor foi informado pelo vigário local e pelo presidente da Câmara que o número de romeiros durante os dias na festa anual em agosto do ano anterior (1950) alcançara de "20 a 30 mil," calculando o primeiro número em "80 a 100 mil" durante todo o ano. Embora essas estimativas sejam, provavelmente, algo exageradas, não há dúvida de que essa festa é, em todos os sentidos, a mais conhecida e frequentada do Vale.

Escreveu Ségura (pág. 179-80) que por volta de 6 de agosto, "o espetáculo é impressionante. No porto, centenas de canoas, barcas e campanhas no porto, uma multidão bivacando à margem do rio... uma fumaça de fogos em que as mulheres cozinham o jantar do dia elevando-se em elegantes espirais, vozes e gritos chamando, rezas e benditos, cachorros latindo, meninos chorando, jumentos carregados com barris de água trotando, vendedores ambulantes apregoando o seu mercado, gente que vai e vem acotovelando-se, as ruas superlotadas, as lojas cheias de fregueses com as prateleiras claras de mercadorias;... as ruas, belas com a policromia dos vestidos, convertidas em formigueiro de gente que fala com o sotaque dos diversos Estados...; automóveis e caminhões nas portas dos hotéis, cada um dos quais parece uma Babel de confusão...; perto da Capela duas fileiras compridas de mendigos...;<sup>48</sup> na casa paroquial, as Bandeiras Brasileira, verde e ouro, e a Papal, branca e amarela, desfraldadas ao vento que as enlaça; a Capela repleta de devotos que confessam e comungam;

48. Valverde encontrou nos ajuntamentos (1944b, pág. 523) "uma multidão de mendigos," mostrando "todos os tipos de misérias, doenças e aleijões," e numerosos leprosos e tuberculosos.

na Gruta, embelezada com vestidos de festa, muitas luzes, continuamente renovadas, ardendo no candelabro, fileiras intermináveis que se sucedem umas às outras como as vagas do mar, depositando aos pés do Bom Jesus suas súplicas ardentes, seus ex-votos, promessas e suas esmolas..."<sup>49</sup>

"A impressão causada... foi tão funda," recorda-se um soldado (ver Proença, pág. 152) nos seus colegas, a maioria das quais constituída de mineiros, que visitaram a Gruta em 1926, "que jamais uma cidade os viu tão comportados e silenciosos, deixando mesmo de cantar aquelas modas caipiras, tão de agrado dos sertanejos de Minas."

A respeito de outro grupo de 13 homens que havia chegado à Gruta Sagrada, comenta Macedo (pág. 62) que "vinham todos a pé... Uns estavam descalços, outros traziam enormes e pesadas sandálias. A poeira cobria-lhes as roupas baratas e rasgadas. Estavam muito sujos, desgrehados, e a barba era de vários dias... Todos traziam um ou dois sacos às costas. Avizinham-se da porta do templo. Ajoelharam-se. O mais velho acendeu uma veia e avançou de joelhos em direção ao altar. Seguiram-no os demais todos ajoelhados e rezando... Em frente ao altar, levantaram-se. Aproximei-me. O caboclo sertanejo perguntou-me:

— Onde é o cofre do Bom Jesus?

Apontei-lhe a fenda do cofre... Ele procurou depositar ali qualquer coisa que eu divisei: algumas cédulas capeadas por uma de Cr\$ 200,00 suja e vermelha de terra.

— Mas voce, meu amigo, vai pôr aí todo esse dinheiro? É oferta do povo de seu bairro?

— Não sinhô. Esse dinheiro é só meu. É 431 cruzeiros."<sup>50</sup>

Três peregrinações fora do comum são lembradas pelos moradores de Lapa. Em junho de 1888, pouco depois da proclamação da emancipação pela Princesa Isabel, "uma imensa multidão de escravos, vinda de todo o sertão "escreve Segura (pág. 177) reuniu-se na Gruta "para dar graças ao Bom Jesus, pelo benefício da alforria, demorando oito dias, cantando benditos religiosos, rezando, dando vivas ao Gabinete de João Alfredo, tocando maracás, tam-

49. Visto que Lapa se localiza numa área sem adequadas reservas de alimentos, os problemas que os peregrinos enfrentam para obtê-los por ocasião da festa de agosto é igualado apenas pelo de obtenção de alojamentos. As poucas pensões ficam congestionadas. As grutas na formação rochosa da extremidade oposta da Gruta, onde algumas famílias vivem durante todo o ano, enchem-se por completo. Abrigos temporários de folhas de palmeira e tendas de lona são erigidos, enquanto as embarcações fluviais, conforme indicado acima, servem também como abrigo para centenas de pessoas.

50. Uma soma considerável para a época, considerando-se a pobreza geral da área. Escreveu Orlando Carvalho em 1937 (pág. 117) que no encerramento da festa, "uma comissão de notáveis do lugar," abre a caixa do centro, que se destina aos pobres. Contém de 15 a 20 contos, ao passo que a destinada ao Bom Jesus rende de "80 a 200 contos."



bores, pandeiros, cabaças com milho, etc.”<sup>51</sup> No dia 10 de julho de 1903, uma nova imagem do Bom Jesus, chegada recentemente de Salvador, foi abençoada e levada em procissão (ver *Festas Religiosas*) através das ruas da cidade, ‘em meio de um entusiasmo delirante, por entre aclamações e os estampidos de milhares de foguetes...’ Na festa de 1923, figuras políticas “de toda a área do São Francisco e do interior do Sertão” estiveram presentes, bem como o governador do Estado, José Joaquim Seabra.<sup>52</sup>

É muito grande o número de romeiro que vão a Bom Jesus da Lapa procedentes das áreas de Rio Rico, Pesqueira e vizinhanças. Alguns vão a pé, pedindo esmolas ao longo do caminho e uns poucos fazem a viagem todos os anos. De seis a dez pescadores de Pesqueira fazem sempre a romaria subindo o São Francisco por ocasião da festa anual, pescando durante a viagem e destarte combinando ganho com a romaria. Os que partem da vizinha Marrecas geralmente levam peixe seco e outras provisões para vender em Lapa. Uma promessa comum (ver seção abaixo) feita em ambas as áreas consiste em “ir visitar o Bom Jesus da Lapa” e levar um presente de tantos cruzeiros, ou comprar velas, de conformidade com a situação econômica do promitente.

Em Forquilha, nos Gerais, por exemplo, nossos pesquisadores conheceram dois homens, um de mais ou menos 60 anos, o outro de uns 40, e um rapaz de 15 anos, que haviam partido de Goiás 6 dias antes a caminho de Lapa para cumprir a promessa. Havia esperado alcançar uma cidade nos limites externos dos Gerais no dia seguinte, mas o guia de nossos pesquisadores dissuadiu-os, dizendo que isso não era possível, pois a cidade ficava a tantos quilômetros de distância. Possuíam quatro animais, três de montaria e um de carga. Um homem de Garrafão, também nos Gerais, fora duas vezes a Lapa, a primeira vez dez anos antes de nossa visita e uma vez 6 anos antes. Em todas as romarias fizera-se acompanhar de amigos “para ver o Bom Jesus,” como disse, “e pagar minha promessa”. Na volta, contam aos parentes, amigos e conhecidos as peripécias da romaria, dizendo alguns que viram em Lapa “as pegadas que o Bom Jesus deixou quando andou pelo mundo”.

No dia 14 de agosto de um dos anos de nossa pesquisa em Passagem Grande, diversas lanchas, caminhões e ônibus conduziram pessoas da cidade até Penedo, em Alagoas, onde iam assistir

51. Segundo o frade franciscano Tomar Kochmeyer, que o autor conheceu em Salvador em 1935, e que conhecia intimamente os centros de culto afro-brasileiros locais, o Bom Jesus da Lapa era na ocasião conhecido, pelo menos em alguns desses centros, como “Lenimbe, Furáme,” e venerado sob a forma de uma rocha.

52. Em 1938, foi inaugurado o “Abrigo dos Pobres Bom Jesus da Lapa”, num edifício que fora construído como orfanato. Nele eram atendidos às vezes de 16 a 26 pessoas, que recebiam alimentos, abrigo, alguns cuidados médicos e de enfermagem, bem como atenção pastoral (ver Segura, pág. 181n).



a chegada da imagem da Virgem Peregrina de Fátima, vinda de Portugal. Tão grande foi o número de romeiros, segundo se diz, que "a cidade parecia desolada". Disse o padre local, após a volta: "Foi um verdadeiro delírio. Diz-se mesmo que foi um fato indescritível. Jamais se verá tal espetáculo, ou pelo menos tão cedo, não veremos.

Em Sertão Novo, alguns dias depois, diversas pessoas saíram de camionetas para Petrolina, em Pernambuco, a fim de assistir a festa realizada nessa cidade em honra da Virgem Peregrina de Fátima, em visita ao Brasil. Outra família seguiu de caminhão, bem como o padre, num segundo, e, num terceiro, uma das professoras e três moças que moram com ela. Ao longo do caminho numa cidade próxima, os da camioneta encontraram outros romeiros em dois caminhões e numa camioneta com o mesmo destino. Um viajante que encontraram depois da volta de Petrolina informou-os de que "veio gente de todo o sertão". Mais pessoas da área fizeram essa peregrinação, segundo se informou mais tarde, do que as que compareceram ao Congresso Eucarístico, realizado na mesma cidade em 1947.

Decorou-se extensamente a cidade para receber a Virgem Peregrina de Fátima. De árvores e postes ao longo das ruas pendiam bandeiras e havia dísticos e dizeres, alguns de pano e outros escritos em luzes elétricas suspensas de um lado a outro. Em diversos pontos eram vistas folhas de palmas cruzadas. Na praça em frente à catedral (ver *Lugares Sagrados*) fora erigido um pórtico de entrada, de cuja parte superior adejavam bandeiras. Entre as duas torres da igreja haviam sido suspensas luzes elétricas formando a palavra "Salve N. S. Fátima". Sobre a porta principal fora pendurada uma fotografia da imagem juntamente com as palavras: "Maria, o mundo te aclama. Petrolina te ama." De cada lado da entrada erguiam-se três colunas com dizeres, alguns em luzes elétricas.

Em Passagem Grande, uma romaria anual à Areia Solta para buscar a imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens, levá-la a Passagem Grande e transportá-la de volta tem sido acontecimento importante, segundo se sabe, "desde a cheia de Januária" (ver *Festas Religiosas*, abaixo).

Aproximadamente doze moradores locais, a maioria dos quais composta de cearenses que fugiram de secas anteriores no Estado natal, fazem todos os anos a romaria a "Juazeiro de meu Padrin Cirço", como é conhecida localmente a cidade em que o Padre Cícero Romão Batista viveu e pregou. Um dos professores de Cuscuzeiro, natural de outra comunidade e bem conhecido por sua religiosidade, quando era moço fez também a peregrinação a Juazeiro, no Ceará. Para informações adicionais a respeito de romarias, ver a seção abaixo.



*Votos e Oferendas Votivas*

Os votos ou compromissos solenes assumidos com um ser sobrenatural, prometendo-lhe executar determinado ato ou série de atos em troca de um favor solicitado, têm sido comuns há muito tempo no Vale, como de resto no Brasil (ver Pierson, 1951: 173-75). O homem que acompanhou St. Hilaire na visita à famosa igreja de Matosinhos, em Congonhas do Campo em 1817, e que conhecera antes em Ubá, "conduzindo uma tropa de Coroados", fizera a promessa de servir a essa igreja se fosse curado de uma "grave doença dos pés". Ao sararem as pernas, deixou a casa e viajou 60 léguas, uma distância considerável nesses dias, a fim de cumprí-la. Gardner, viajando em 1840 nas proximidades do Urucuia, tributário do São Francisco, conheceu (ver pág. 45) uma mulher branca e idosa, "viva e ativa," como a descreveu que, acompanhada pelo filho, fazia uma viagem de cinco dias para cumprir uma promessa feita a Santo Antonio durante uma doença. No dia em que um rapaz em Sertão Novo, depois de contar ao nosso pesquisador uma promessa que seu pai fizera e cumprira, foi perguntado se conhecia outras pessoas na localidade que as tivessem feito também, respondeu que "conhecia tantas que uma caderneta não seria suficiente para anotar todos os nomes."

Embora as promessas possam ser feitas a Deus, são quase invariavelmente feitas a um "santo", incluídos entre os quais, de conformidade com as concepções de Folk comuns mencionadas acima (ver *Santos*), figuram Jesus e Maria nas suas diferentes manifestações. As promessas podem ser feitas pela própria pessoa que sente a necessidade ou em seu nome por um parente ou amigo. O ato é geralmente particular, mas pode ser também público. Na igreja de Pambu, por exemplo, no momento em que um homem e a esposa oravam certo dia, fazendo uma promessa, foguetes foram disparados ao lado de fora, "em sinal da solene promessa que está sendo feita."

As necessidades e problemas que levam às promessas são talvez tão numerosos como as necessidades e problemas das pessoas que os fazem. Talvez com maior frequência, contudo, sejam feitas pela preocupação sentida pela pessoa com a saúde, de um membro da família, um amigo, ou mesmo um animal.<sup>53</sup> Mas as promessas conhecidas nas localidades estudadas pelos nossos pesquisadores incluíam também algumas que haviam sido feitas para obter sucesso numa dada empresa, tal como a pessoa assegurar o bem-estar de um filho convocado para o exército, proteger um parente que

53. Depois de seu cavalo ter ficado bom de uma doença, um homem e a esposa em Cuscuzeiro, de acordo com a promessa que haviam feito, foram rezar o terço dentro da capela local e soltaram meia dúzia de foguetes à porta.

fora preso,<sup>54</sup> dar à luz uma criança, evitar o parto, obter a recuperação de um animal desgarrado ou objeto perdido,<sup>55</sup> e proteger campos e outras plantações. Podem ser cumpridas em casa, na igreja ou na capela das vizinhanças da residência da pessoa, em frente a um cruzeiro próximo, como o existente no cemitério de Cuscuzeiro, ou numa igreja, capela ou cruzeiro em local distante.

Os atos prometidos variam consideravelmente, de acordo com o impulso, conhecimentos e julgamento do autor. Geralmente, contudo, são atos que se pensa que agradarão ao ser sobrenatural, cuja ajuda se invoca. Dando um exemplo, uma romaria a uma meca como Bom Jesus da Lapa (ver *Mecas e Peregrinações*, acima) “para visitar o Santo”, como se diz. Em Rio Rico, as promessas anotadas pelos nossos pesquisadores, juntamente com a ocasião em que foram feitas, incluíam as seguintes:

— levar velas a Bom Jesus da Lapa (a uma distância considerável de Rio Rico) se o promitente ficasse bom de uma febre “que quase me matou”, disse;<sup>56</sup>

— ir a Lapa e rezar aos pés do Bom Jesus, vestindo as roupas usadas na ocasião — limpas ou sujas — se o promitente pudesse subitamente voltar a andar;

— mandar fazer uma imagem de cera da própria cabeça e levá-la a Bom Jesus da Lapa e, igualmente, “visitar o Bom Jesus”, em todos os anos seguintes, caso uma doença de olhos que quase a cegou melhorasse;

— ir a Lapa e oferecer ao Bom Jesus uma imagem de cera da perna do promitente se as dores cessassem;

— levar a Bom Jesus da Lapa a faca com que o homem em questão fora gravemente ferido numa briga, caso ficasse bom;

— acompanhar um irmão numa “visita” a Bom Jesus da Lapa e carregá-lo para dentro do santuário se ele, cuja perna fora quebrada, “não ficasse aleijado.”<sup>57</sup>

— vestir luto durante um ano, ir a pé a Lapa e tirar o luto “aos pés do Bom Jesus”, se a mulher em questão não tivesse mais filhos;<sup>58</sup>

54. Uma mulher de Sertão Novo, depois de ter o irmão assassinado um homem em Minas “por questões de dinheiro” e sido trancafiado na prisão, prometeu a Santo Antônio do Pambu que, “se ele o defendesse e protegesse”, “iria a pé a Pambu, soltando rojões e rezando terços.” Tão logo soube que o irmão fora solto, cumpriu a promessa.

55. Um homem em Sertão Novo disse que certa vez, ao perder um carneiro, alguém lhe sugeriu que fizesse uma promessa às “almas empurronas”, o que fez, prometendo rezar três “Padre Nossos”. Logo depois, encontrou o animal perdido. (Mas ao ser solicitado a identificar as “almas empurronas”, não pôde fazê-lo.)

56. Mais tarde, a mulher em questão cumpriu a promessa fazendo uma viagem muito difícil a pé, embora estivesse grávida de quatro meses na ocasião.

57. Numa ocasião a área que não contava com serviço médico adequado.

58. Como “a graça não foi alcançada pela mãe,” disse ela, a promessa não foi cumprida.



- fazer uma romaria a pé a Lapa.<sup>59</sup>
- ir a pé a Lapa, juntamente com uma filha, se esta ficasse boa de uma doença;
- ir a pé com toda família, a Lapa se a mulher do promitente se recuperasse de uma doença;
- ir a pé à capela do Bom Jesus dos Aflitos, em Brejo dos Aflitos, a várias léguas de distância;
- “erguer um cruzeiro à Santa Cruz”;<sup>60</sup>
- construir uma capela para São Lázaro com fundos “angariados” pela promitente se uma ferida na perna sarasse;
- vestir luto durante três meses, em honra de Santa Rita, se a mulher em questão se recuperasse de uma doença;
- vestir luto por três meses, em honra de Santa Rita, se a mãe da pessoa, gravemente doente, ficasse boa (2 casos);
- servir como Alferes-da-bandeira (ver *Festas Religiosas*, abaixo) na Festa de São Sebastião se uma doença fosse curada;
- mandar dizer uma missa especial;
- disparar dois foguetes em honra de certo santo.

Algumas das promessas feitas em Rio Rico, como de resto em outras localidades, são de caráter parcial ou inteiramente negativo, como, por exemplo, não cortar o cabelo de um filho até que completasse 9 anos se se recuperasse de uma doença,<sup>61</sup> não cortar os cabelos de uma criança até os três anos e, em seguida, tirar uma fotografia dela e ir oferecê-la a Nossa Senhora se a criança se curasse de uma doença, e nunca fazer um bordado para si mesma, promessa esta feita por uma bordadeira e que obviamente envolvia um alto grau de abnegação.

Um homem de Sucuriu, nos Gerais, ao adoecer, fez uma promessa de “visita o Bom Jesus da Lapa e sortá uma dúzia de fogos na porta da igreja”, caso ficasse bom. Diversos informantes em

59. Oito mulheres, um homem, e uma criança de 5 anos fizeram posteriormente a viagem, indo a criança a cavalo e os demais a pé.

60. Em frente à capela local de São Lázaro existem também duas cruzeiras de madeira, uma de mais ou menos 5½ metros e a outra de cerca de 10 de altura. Disse o sacristão que foram ali colocadas “há muito tempo, quando esta cidade começou,” por uma mulher que fizera uma promessa. Os cruzeiros foram outrora cercados por uma grade de madeira em forma de quadro. O espaço interior está ainda ladrilhado.

61. Este tipo de promessa parece menos comum hoje do que antigamente, sendo menos apoiado pelo mores por ter às vezes resultados psicológicos infelizes. Geraldo, um garoto cuja mãe fez uma promessa a São Geraldo há alguns anos de não cortar-lhe o cabelo até a idade de 9 anos, não gosta de cabelos compridos. Disse um vizinho que Geraldo é “um menino diferente, não brinca com os outros da idade dele, brinca sozinho, debaixo de uma árvore perto de casa, só com os irmãos mais novos. Tem muito carinho.” Certa vez, quando foi a um cinema na cidade do Bonfim, onde a família residia na ocasião, outros garotos “puxaram-lhe as tranças” e levaram-no ao ridículo. Ao voltar naquele dia, disse à mãe que nunca mais sairia de casa até que seu cabelo fosse cortado. Embora o pai tivesse chegado a falar com o Bispo, pedindo que outra penitência fosse designada, pois a criança “se sentia tão humilhada,” a mãe não quis mudar a promessa. Quando, mais tarde, ao ser levado a Sítio do Mato, conheceu ali outro garoto com cabelos compridos, “ficou excitado e satisfeito,” disse, “porque nunca vi um menino de cabelo igual ao meu.”

Pesqueira fizeram também, e cumpriram, promessas de ir a pé “visitar” o Bom Jesus da Lapa. São igualmente feitas às vezes em Pesqueira e outras localidades promessas de acompanhar a bandeira do Divino Espírito Santo numa romaria para angariar fundos destinados à Festa do Divino (ver abaixo), rezar orações a Nossa Senhora ou ao Bom Jesus, fazer o culto de determinado santo, ou da Santa Cruz,<sup>62</sup> organizar uma festa para certo santo “no seu dia”, transportar pedras na cabeça durante procissão e depositá-las aos pés do cruzeiro local, entrar num grupo de Penitentes e, durante a Semana Santa, armados de meios de flagelação, supliciarem-se até verter sangue (ver abaixo).

Certo dia em Sertão Novo, uma moça de mais ou menos 13 anos, acompanhada pela irmã de cinco, ambas descalças e maltrapilhas, entraram num armazem da cidade e pediram: “Uma esmola, pelo amor de Deus, e para o Filho de Deus.” Depois de receberem-na, acrescentou: “Deus lhe dê saúde e felicidade!” As meninas vinham de Garanhuns, em Pernambuco, de volta de uma viagem a pé para “visitar” o Bom Jesus da Lapa, onde foram “pagar promessa”, como se diz, tendo partido um ano antes. Um pai em Sertão Novo, uma das filhas do qual enlouquecera, fez uma promessa a Santo Antonio do Pambu de que se ela melhorasse “ele iria àquela igreja e mandaria soltar muitos fogos”. Uma moça local, que na ocasião de nossa pesquisa tinha cerca de 14 anos, dançava apenas com as colegas, recusando cavaleiros, porque prometera “não dançar com rapaz ou homem durante 50 anos.” Outras promessas conhecidas pelos nossos pesquisadores em Sertão Novo, além das diversas mencionadas acima e feitas em outras localidades, incluíam as de comparecer a uma das “melhores e mais frequentadas” missas vestida com os “mais velhos vestidos e patos” que a promitente possuía, levar um lenço cheio de areia diariamente para a construção de uma igreja, oferecer um ex-voto à Santa Cruz, “roubar” a imagem de uma casa, porque na ocasião havia na área grande necessidade de chuvas, e levar a imagem para o próprio lar, com a promessa adicional de que, no dia em que chovesse, o promitente iria à casa do dono da imagem e marcaria um dia para sua devolução, acompanhado de “muitas pessoas, de rezas e queima de rojões” (ver *Santos*, acima).

Em Cuscuzeiro, promessas são, com frequência, feitas a Nossa Senhora Mãe dos Homens num vilarejo situado a muitas léguas de distância e, da mesma forma que em Rio Rico ao Bom Jesus da

62. Este último requer a ornamentação do grande cruzeiro que se ergue nos limites da cidade e a repetição, diante dele, de orações e versos como o seguinte:

Bendita louvada seja  
No céu a sagrada cruz!  
E nós que estamos na terra,  
Louvamos a Santa Cruz.

Isto é feito no dia consagrado à Santa Cruz, ou terceiro dia de maio, precedido, às vezes, por uma novena (ver adiante).



Lapa, seu cumprimento pode envolver uma romaria à igreja onde é conservada a imagem. Outras promessas locais, além das mencionadas acima, incluíam a de dar o nome de um santo a um filho, pedir esmolas e pagar a missa em honra de certo santo, acompanhar uma procissão em louvor de um deles, especialmente de Nossa Senhora Mãe dos Homens e Bom Jesus dos Navegantes, não usar rouge (feita por uma moça), e não ir ao cinema (também feita por outra moça).

O não cumprimento de uma promessa, de parte de homem ou mulher, moços ou velhos, é muito rara. E quando ocorre, deve-se geralmente a circunstâncias além do controle da pessoa ou pessoas em questão. Refletindo uma concepção geral, uma mulher em Rio Rico disse que até que a promessa seja cumprida, "fica devendo". E se a pessoa morrer antes de cumpri-la, acredita-se que "ficará tentando as pessoas prá cumpri a promessa prá gente". Outra mulher de Rio Rico recordava-se que quando estava à morte, sua mãe reuniu os filhos e disse: "Olhem, meus filhos, vou morrer e não quero que minha alma pene por causa desse voto que não cumpri; quero que vocês cumpram". A filha disse à mãe para não se preocupar, que a cumpririam. "Talvez não seja possível este ano, nem no outro, mas um dia hei de cumprir". No ano anterior à pesquisa, a filha fôra a Lapa e cumprira a promessa mandando dizer uma missa "em honra do Bom Jesus", tendo sido a viagem de ida e volta, juntamente com o custo das velas, pagos por diversos irmãos e irmãs, casados e solteiros.

Conforme indicado acima, o cumprimento de uma promessa pode incluir a fabricação de uma imagem, depois de efetuada a cura, da parte do corpo afetada<sup>63</sup> e a sua colocação num lugar sagrado. Este pode ser cruzeiro, capela ou igreja. Em alguns santuários, podem-se acumular tantas imagens desse tipo que uma sala, conhecida como "Sala dos Milagres", pode ser reservada especialmente para tal fim. Com grande frequência, a imagem é feita de cera, barro ou madeira, mas há casos em que se usa pano. Em muitos casos, contudo, uma fotografia, quadro ou desenho pode ser oferecido, não da parte doente, mas da pessoa que faz a oferenda votiva. Numerosos outros objetos, incluindo cachos de cabelo, peças de roupa, jóias de fantasia, muletas abandonadas, cruzeiros e outros, todos os quais conhecidos como "ex-votos", podem ser depositados no santuário do santo a quem foi feita a respectiva promessa. Se não tem meios de comprar uma imagem de cera feita nas lojas que se especializam em artigos religiosos, e que amiúde se localizam nas proximidades do principal santuário ou comprar

63. As vezes, a imagem não é da parte doente do corpo, mas da cabeça porque, como se diz em Passagem Grande, "fica localizada na cabeça a vontade de trabalhar, que fica abolida quando a gente está doente."



uma imagem esculpida por um artista do folk local,<sup>64</sup> o indivíduo como aconteceu em Passagem Grande, por exemplo, talvez faça pessoalmente a peça, sobretudo em área onde há abundância de madeira mole como a de mulungu, cajazeira e árvores semelhantes, ou, se não tem habilidade suficiente para tanto, oferecer em substituição algum outro objeto, como uma fita ou flores de papel.

Na "Sala dos Milagres" em Bom Jesus da Lapa, por exemplo, são vistas grande número de figuras, muitas das quais esculpidas em madeira, representando varias partes do corpo: mãos, pés, cabeças (algumas com olhos muito realistas), pernas, bem como uma cama e um boi. Observam-se também muletas, bengalas, caixões de defunto, tranças de cabelo, a "espada" de um peixe-espada, e centenas de fotografias, algumas das quais foram ampliadas e emolduradas antes de serem oferecidas. Existe também uma placa na qual foram representados "os enfeites de um caixão de defunto preparados para um moribundo que, contudo, escapou da morte graças ao Bom Jesus da Lapa," outra na qual está consignada "uma promessa feita por uma cigana presa e acorrentada em São Paulo "e um mapa ferroviário em cor, de mais ou menos 7 pés de comprimento de 20 polegadas de largura, emoldurado, oferecido ao Bom Jesus da Lapa por um engenheiro, juntamente com a seguinte declaração: "Embora enfrentando sérios obstáculos, consegui, fortalecido por Teu poder, atingir honestamente meus objetivos. Em testemunho de minha humilde gratidão, ofereço-te este perfil, que sintetiza minhas preocupações, sacrifícios, e vitória final".

"No interior deste santuário uma bala varou o ventre de Adolfo José dos Santos, perfurando o intestino," diz uma placa com a data de 31 de agosto de 1933. "Vários dias depois, já curado, ele comungou nesta gruta em ação de graças ao Bom Jesus da Lapa. Mora na Rua do Pé do Morro." Há também um tambor, deixado por um homem que, diz o vigário local, "era um vagabundo, não queria trabalhar, só queria viver na malandragem". Certo dia, porém, ele fez uma promessa ao Bom Jesus da Lapa de "deixar a malandragem e tornar-se um homem produtivo." O tambor que usava nas suas brincadeiras foi mais tarde trazido como ex-voto para a Sala dos Milagres. São encontradas também no local várias cartas, uma das quais emoldurada. Escrita a tinta, com a data de 4 de setembro de 1930, é endereçada ao Padre de Lapa e assinada pelo autor. "Arrastado por uma tentação," diz, "penetrei na milagrosa gruta de Nosso Sr. Bom Jesus com o intuito de fazer o que nunca pensei na vida: 'roubar'. Graças ao nosso Senhor Bom Jesus, fui apanhado em flagrante, sem que minhas mãos tocassem sequer de leve em coisa alguma ali existente. O! Meu Sr. Bom

64. Um artista de folk em Passagem Grande recebe encomendas para fazer cabeças de barro cosido.



Jesus, quanto arrependimento! Confiado no vosso bondoso coração de sacerdote, Ó! Padre, venho pedir a Vossa Reverendíssima que se compadeça de minha fraqueza e me ajude a implorar, ao nosso Bom Jesus, perdão para este pobre fraco que se arrepende sinceramente”.

Na igreja de Santo Antônio do Pambu, na Seção Norte das Corredeiras do São Francisco, são vistos numerosos ex-votos, incluindo representações de cabeças, braços, mãos e pés, também em madeira e, mais ou menos a 4 quilômetros de Sertão Novo, em um cruzeiro à margem da estrada para um vilarejo próximo, numerosos outros ex-votos, incluindo representações de cabeças, braços, mãos, pernas e pés e, ocasionalmente, dinheiro.<sup>65</sup> Muito embora o padre de Passagem Grande, por ordem do bispo, segundo se diz, tenha proibido “a representação de milagres por meio de figuras e pinturas na igreja local” os moradores depositaram numerosos ex-votos na igreja vizinha de Areia Solta, onde é conservada a famosa imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Em um cruzeiro conhecido como “Santa Cruz dos Ciganos”, localizado no caminho para Areia Solta, o viajante encontra também numerosos ex-votos, a maioria esculpida em madeira, embora estejam começando a aparecer agora alguns de barro, feitos sob encomenda.

Se a promessa precisa ser cumprida num local distante e se, por algum motivo, o promitente não consegue fazer a necessária viagem, pode tomar medidas tais como lançar o ex-voto ou outras oferendas votivas no rio ou outro curso de água cuja corrente, espera-se, levá-los-á em segurança ao desejo local (ver também *Mecas*). Um dos homens que acompanhavam Burton em 1867 apanhou, pouco abaixo de Carinhanha, um pé de cera que havia sido lançado no São Francisco, mas que “permanecera no local, a caminho de Bom Jesus” (Burton, II:285).

Orlando Carvalho cita (1937, pág. 117) como prática comum entre os mateiros de Abaeté e outros afluentes do Alto São Francisco há alguns anos o uso do que era chamado no local de “cabaças do Bom Jesus. Pessoas incapazes de ir pessoalmente à Lapa para agradecer ao Bom Jesus por “mercês alcançadas do céu por seu intermédio,” lançavam nas águas do rio oferendas votivas de dinheiro em cabaças fechadas, que eram levadas rio abaixo até a cidade. Pessoas que, por acaso, encontrassem essas oferendas poderiam abri-las por curiosidade, mas verificando que eram “do Santo”, fecha-la-iam “respeitosamente e as lançariam na corrente de novo”. Conta-se que um imigrante italiano que não pôde fazer a peregrinação à Lapa colocou a oferenda numa cabaça e lançou-a num rio, que pensou ser afluente do São Francisco, mas que na verdade era o Sapucaí, que corre para o Paraná, de onde suas

65. Nesses dias, logo arrecadado pelos malandros, segundo se diz.

águas alcançam o Prata e, finalmente, o Atlântico, nas proximidades de Buenos Aires. Não obstante, a oferenda, no valor bastante alto para a época de 7.500 mil réis, foi recuperada "andou de mão em mão até ser lançada no São Francisco e foi descendo, descendo, quando ao passar em frente ao templo, derivou pelo braço que vai ao pé do santuário, sendo apanhada (ver Proença, pág. 153)".

### *Missas, Reza e Novena*

A missa, um dos principais atos coletivos do sistema dominante de rituais, cerimônias e crença, ocupa um lugar proeminente na vida religiosa de todas as cidades, vilarejos e povoados do Vale onde existam igreja, capela e um padre. Na missa realizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Penedo, por exemplo, observou-se certo domingo que o número relativamente grande de bancos estava inteiramente ocupado. Entre os presentes foram notados numerosos homens. As mulheres, com poucas exceções, estas principalmente moças, usavam véus brancos ou pretos. A reação da congregação à liderança do padre no ritual pareceu espontânea e sincera.

Em Cerrado, na outra extremidade do Vale, observou-se que a crença no sofrimento expiatório de Jesus se refletia mesmo em declarações de natureza não religiosa e que pessoas, mesmo com pouca instrução doutrinária, viam na missa a representação ritualística desse sacrifício. Duas missas são realizadas todos os domingos, a primeira às 7 da manhã e a segunda às 9h30. Outras podem ser realizadas durante a semana especialmente em dias de festa. Conforme indicado acima, a maioria dos moradores considera obrigatório o comparecimento à missa em todos os domingos e dias santos; e também a missas especiais celebradas em outras oportunidades.<sup>66</sup> A igreja da cidade, que tem capacidade para 300 pessoas, fica quase totalmente cheia nos domingos e dias de festa e também nas missas especiais realizadas em outras ocasiões. O comparecimento é geralmente maior, contudo, na missa de 9h30 do que na realizada mais cedo.

Homens e mulheres, como em outras partes do Vale, sentam-se em partes separadas da igreja, ocupando os primeiros três ou quatro bancos ou, em dias de muito comparecimento, permanecendo de pé ou ajoelhados dos lados, entre os primeiros bancos e o altar, enquanto as mulheres e crianças sentam-se nos bancos restantes ou, se necessário, ocupam a galeria do coro. Raramente é vista exceção a essa distribuição espacial. Algumas mulheres cobrem a cabeça com um véu branco ou preto. Geralmente, um

66. Não raramente, contudo, as missas rezadas em dias da semana, com exceção das festas, têm comparecimento menor do que as rezas (ver abaixo).



pequeno coro de moças que se reúne durante a semana, amiúde após as rezas, para ensaiar, canta em certas passagens durante a missa de 9h 30m nos domingos e em missas especiais, acompanhadas por uma harmônica. A congregação levanta-se quando o sacerdote lê o texto bíblico e permanece sentada durante o sermão. Poucos dos presentes, contudo, acompanham a missa lendo o missal.

Ocasionalmente, um dos fazendeiros de Retiro toma a iniciativa de mandar dizer missa nesta área rural, sendo convidado para officiar o padre da cidade. É improvisado um altar em uma das salas da residência e mandado aviso do dia e hora às três fazendas da zona. O fazendeiro paga as despesas envolvidas, incluindo o oferecimento feito ao sacerdote em reconhecimento pela missa, bem como providencia o transporte do padre, que considera seu convidado. Um informante de Garrafão, nos Gerais, disse que, uma vez por outra, um dos homens da área consegue ir à missa quando vai à cidade, em Goiás, a Oeste, ou próximo ao Rio São Francisco, a Leste, mas é mais difícil às mulheres fazerem o mesmo.

Em Pesqueira, igualmente, são rezadas duas missas no domingo, a última, contudo, às 10 da manhã. O comparecimento varia de acordo com a época do ano, sendo maior durante a Semana Santa e a festa do padroeiro. Com exceção destas e outras festas especiais, como o "mês de Maria" (maio), a Festa do Divino, ou as Festas Juninas, contudo, o comparecimento no local é pequeno e composto principalmente de mulheres e crianças. Na missa de um domingo em março, no ano de nossa pesquisa, por exemplo, estavam presentes cerca de 15 homens, 60 mulheres e 70 crianças e, na primeira missa do Domingo de Ramos no mesmo ano, talvez 30 homens, 150 mulheres e 100 crianças. Uns poucos homens muito devotos sentam-se perto do altar, ao passo que um número maior se posta próximo à entrada e às portas laterais. O maior número permanece fora da igreja, nas proximidades da entrada, conversando em voz baixa. As mulheres e crianças ocupam geralmente as duas carreiras de bancos no centro da nave. Algumas senhoras da elite local e de *status* intermediário trazem seus próprios genuflexórios, enquanto as demais se apertam nos bancos coletivos muito cheios.

Em Sertão Novo, igualmente, duas missas são rezadas pela manhã nos domingos em que o padre se encontra na cidade, a segunda, porém, às 9 da manhã. Em certo domingo durante nosso período de pesquisas, foram realizadas três missas às 6:30, 7 e 8 da manhã, respectivamente. Numa missa, as mulheres, com apenas duas exceções, cobriam a cabeça com echarpes ou outras cobertas e tomavam o cuidado de assim permanecer durante toda a cerimônia. Em uma cerimônia realizada mais tarde no mesmo dia, todas as mulheres usavam véus de filó nas cores azul, rosa, branco, preto ou lilás, enfeitados com renda nas bainhas ou apli-



cação de bordados espaçados. Se uma mulher que não possuía véu se ajoelhava ao lado de uma que o possuía, esta última estendia uma parte do seu próprio véu sobre a cabeça da companheira. Mais ou menos meia dúzia de pessoas estavam descalças; todas as demais usavam alpercatas, se mulheres, e sapatos de couro, se homens. Nesta última missa do dia as mulheres, mais ou menos 80, ocuparam a parte central da igreja, sentando-se em bancos de madeira. Algumas haviam trazido genuflexórios de madeira, cuja parte de ajoelhar era coberta de pano de algodão grosso, com estofado. No tocante aos homens, cinco permaneceram em frente à igreja, ao lado do altar, três nos fundos, perto da porta, e mais ou menos vinte do lado de fora, ajoelhando-se em frente à porta principal. Uma moça tocou órgão, sendo acompanhada por oito outras, que compuseram o coro.<sup>67</sup> Uma menina de mais ou menos 12 anos fez a coleta, usando para esse fim uma pequena bolsa de tricô com zipper. O padre leu a parábola do fariseu e do publicano, depois do que pregou um sermão exortando os paroquianos, ou como os chamava, os "irmãos", a seguir o exemplo do publicano que, em suas humildes preces, pediu perdão pelos seus pecados, enquanto o fariseu "exaltava seus méritos pessoais".

O atual padre de Passagem Grande rezou missa todos os dias às 6h 30m da manhã e às 6 30 e 10 nos domingos e dias de festa. De um total de 2.026 pessoas que compareceram em 13 domingos de julho a novembro do ano de nossa pesquisa, 32 por cento eram do sexo masculino e 68 do feminino, com 46 por cento de adultos, 13 por cento de adolescentes, e 41 por cento de crianças.<sup>68</sup> Entre estas últimas notava-se uma percentagem algo maior de meninas (56 por cento do total) do que de meninos. Entre os adultos, mais ou menos  $\frac{3}{4}$  eram do sexo feminino e, entre os adolescentes, aproximadamente 80 por cento.<sup>69</sup>

No local, como também em outras localidades, a primeira missa da manhã é chamada de "missa dos pobres" e, a última, de "missa dos ricos (ou grandolas)". A frequência à primeira é composta quase exclusivamente de mulheres idosas do grupo de status inferior da cidade, ao passo que o comparecimento à última, que é cantada, conta sempre com mais gente, estando geralmente presente a elite da cidade, a maioria das mulheres idosas que compareceram à primeira missa (desde que costumam permanecer na igreja entre as missas) e pessoas de ilhas e povoados próximos. Em uma missa de 10 horas, por exemplo, estiveram presentes o chefe político mais importante da zona, que se sentou bem em frente, os membros da irmandade do Santíssimo, que ocuparam

67. Em outra missa, o órgão foi tocado por um menino de 13 anos.

68. O comparecimento das crianças, exigido pela diretora do grupo escolar, é mais ou menos regular.

69. É bastante estável a composição do grupo de moças, onze das quais são cantoras do coro.



o centro da nave, diversos vereadores locais, os dois coletores, o escrivão e outras pessoas de prestígio na comunidade. A igreja encheu-se, sendo ocupados todos os bancos.

Em Petrolina, durante a festa especial em honra de Nossa Senhora de Fátima mencionada acima, foi rezada uma missa exclusiva para homens com a finalidade de chamar a atenção para o fato, disse o Bispo, de que embora as mulheres, "em virtude de sua religiosidade natural e de disporem de algo mais de tempo serem capazes de manter maiores contatos com a igreja, a igreja interessa-se também pelos homens." Tendo notado, em suas visitas a Sertão Novo, "certa indiferença" para com a igreja de parte dos homens, tomara a si durante a visita encontrar-se com eles em particular, "a fim de discutir problemas religiosos e sociais".

Com muita frequência, os devotos comungam durante a missa, embora o número deles, com exceção das maiores festas, seja geralmente pequeno. Entre aproximadamente 80 pessoas presentes a uma missa realizada cedo em Sertão Novo, por exemplo, 13 mulheres, um adolescente e diversas crianças comungaram. Na missa realizada mais tarde no mesmo dia, com o comparecimento de 41 mulheres, 12 homens e 28 crianças, somente uma mulher comungou. Durante a festa de Nossa Senhora de Fátima, em Petrolina, disse o bispo, "cerca de 1.200 pessoas" comungaram. Na missa de sábado à noite apenas para homens, fizeram-no 320 dos 420 que encheram a igreja.

Para a mente popular, o uso de foguetes constitui uma parte desejável e virtualmente indispensável do ritual no tocante à missa, sobretudo nos casos daquelas rezadas em conexão com as festas religiosas mais importantes.

Numa missa matutina realizada em Juazeiro, durante a primeira visita do autor ao São Francisco, por exemplo, seis grandes bombas e vários grupos de foguetes maiores que haviam sido postos em armações em postes enfiados na areia da praça em frente à igreja, foram disparados. Em uma das igrejas de Propriá, segundo o fogueteiro (ver *Divisão do Trabalho*, Tomo II), costuma-se soltar foguetes no início da missa, no Kirie, na Glória, na Ave Maria, no Credo (ocasião da incensação) na elevação do cálice, na da hóstia, e ao fim. Disse ainda o fogueteiro que quando há mais foguetes, outros podem ser disparados "nos intervalos", embora ele mesmo nunca tenha feito isso. O número disparado em qualquer ocasião específica, contudo, é invariável segundo informou: 12 pequenos foguetes e 1 maior, conhecido como "foguetão", para coroar a explosão.<sup>70</sup> O foguetão contém certo número de cargas menores, seguidas de uma mais forte. Os que foram ouvidos num sábado de junho produziram 4 "tiros" leves e 1 mais poderoso.

70. Ocasionalmente, contudo, dois foguetões são disparados em vez de um.



*Rezas.* A palavra reza é usada no Vale em três sentidos diferentes, referindo-se, em primeiro lugar, à determinada oração oral, escrita ou impressa, falada, lida ou cantada;<sup>71</sup> em segundo, ao próprio ato de oração privada em casa, na igreja ou em qualquer outro lugar; e, em terceiro, à cerimônia religiosa realizada na igreja, capela, residência privada ou cruz à beira da estrada, na qual a oração constitui aspecto proeminente, mas quando não está presente um padre nem é rezada missa. A cerimônia é dirigida por um ou mais capelães ou outras figuras leigas, incluindo, ocasionalmente, elementos de folk não considerados ortodoxos pelas autoridades eclesiásticas.

Em Cerrado e em outras localidades, as rezas na igreja são feitas geralmente à noite e constituem o tipo mais simples de cerimônia. Em algumas ocasiões, é rezado apenas o terço e, em todos os casos, são dirigidas por um leigo, tal como o organista, que foi educado num colégio religioso. Geralmente, participam mais mulheres do que homens e, com muita frequência, apenas as primeiras. Ao entrarem na igreja, os homens tiram o chapéu e algumas mulheres cobrem-se com um véu. No momento em que cruzam a linha central da nave, homens e mulheres dobram os joelhos, baixam a cabeça de frente para o altar e fazem o sinal da cruz. Depois de se sentarem costumam focalizar a atenção no altar-mór e, em especial, no crucifixo e no Santíssimo. Com algumas exceções, as orações são feitas de joelhos ou em pé. Enquanto rezam, geralmente mantêm os olhos abertos e fixos no altar, muito embora, em momentos de contrição especial, possam baixar a cabeça.

A uma reza no local, estiveram presentes 14 pessoas, entre as quais 8 mulheres, três das quais de meia idade e as demais de 20 a 25 anos de idade. Ao chegar, o vigário pôs o chapéu no púlpito e ajoelhou-se em frente ao altar. O sacristão apanhou a campainha e começou o terço. Foram repetidos o Credo, o Padre Nosso, três Ave Marias e a Glória ao Padre, seguidas por um segundo Padre Nosso, mais dez Ave Marias, as jaculatórias de cada um dos cinco mistérios e uma Salve Rainha. Ao terminar o terço, foram rezados um Padre Nosso e uma Ave Maria pelas almas do purgatório, um Padre Nosso e uma Ave Maria pela conversão dos pecadores e, no fim, uma Glória ao Padre. Imediatamente depois, os participantes permaneceram silenciosos durante alguns momentos, pois é costume cada um continuar a rezar em silêncio após as orações coletivas — bem como antes delas — depois do que, um a um, levantam-se e deixam a igreja.

71. Uma mulher de Sucuriu, nos Gerais, disse que sabia certo número de rezas, duas das quais cantou. Cantou também "benditos", ou "rezas" começando com a palavra *Bendito*. A informante, contudo, tomou cuidado para não parar com 7 versos "porque isso faz mal." Uma mulher de Couro do Porco, também nos Gerais, recitou de memória uma reza que chamou de "ofício das almas," e que se alongava por 48 versos.



Em certas ocasiões, como, por exemplo, na "procissão do terço cantado", a reza adquire caráter mais elaborado. Em julho, o ano de nossa pesquisa, por exemplo, o vigário começou a reza do primeiro mistério do terço às 5h 30m da tarde, depois do que os participantes deixaram a igreja em procissão, formando duas linhas paralelas, com a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no centro, levada num andor ornamentado (ver *Procissões*). Enquanto caminhavam, cantavam numa toada religiosa de poucas notas, um Padre Nosso e uma Ave Maria. Estiveram presentes cerca de 60 pessoas, como participantes ou espectadores. Ao voltar a procissão à igreja, o vigário, de pé em frente ao altar-mór, fez uma série de explicações doutrinárias do catecismo, terminando a cerimônia com a bênção do Santíssimo Sacramento. Um informante disse que o terço cantado é geralmente realizado apenas em cumprimento de uma promessa (ver *Votos e Oferendas Votivas*), acrescentando que "existem às vezes tantas promessas acumuladas que um terço cantado é realizado todos os domingos."

Na fazenda do Lobo, em Retiro, costuma-se ouvir a reza do terço na hora do Angelus. As pessoas presentes permanecem sentadas em atitude de respeitosa atenção, sem conversar. Se um dos presentes deseja conversar, espera-se que deixe a sala e se dirija à cozinha ou saia da casa.

No vilarejo de Marrecas, o qual, conforme dito acima, o padre visita apenas uma vez por ano, o terço é rezado nos domingos, seguido de alguns cânticos. Rezas são feitas também aos sábados, com um ofício cantado de Nossa Senhora, seguido às vezes pelo terço. Mulheres, acompanhadas dos filhos, participam quase que exclusivamente. Em Sertão Novo e Passagem Grande, nesta última cidade com rezas todas as noites, o comparecimento é também quase exclusivamente feminino. Durante os cinco principais meses de nossa pesquisa em Passagem Grande, por exemplo, entre o sexo masculino estiveram presentes apenas o padre, o sacristão, e dois meninos.<sup>72</sup> Em seguida às rezas, o padre ouviu confissões.<sup>73</sup> Em Cuscuzeiro, a reza do terço pode ser solicitada por qualquer pessoa interessada em substituição da "missa do sétimo dia", ou a "missa do trigésimo dia" por uma pessoa falecida. Dois irmãos, por exemplo, ao voltarem do enterro do pai no município de Traipu, pediram a uma capelã local "a reza do terço pela alma do defunto", o que ela fez, no cemitério de Cuscuzeiro, depois de colocadas flores e acesas três velas no altar da capela. A reza, à qual estiveram presentes 3 homens, 13 mulheres e 8 crianças, continuou durante meia hora.

72. Ao deixar uma reza certa noite, um de nossos pesquisadores foi abordado e ouviu a seguinte pergunta: "Sr. Doutor, o senhor desmente o que ouvi dizer, que todo mundo formado não quer nada com religião? Mas o senhor nunca perde uma reza. O senhor não acha que as rezas são para mulheres que não têm o que fazer?"

73. Nos dias de festa ouve também confissões pela manhã, começando às 5 horas.



*Novenas.* Embora o significado ortodoxo de *novena* seja uma reza repetida durante nove noites consecutivas, esta palavra no Vale, bem como em Cruz das Almas (ver Pierson, 1951:155) e em outras localidades é amiúde usada como descritiva de uma série de rezas consecutivas realizadas em honra do mesmo santo, qualquer que seja o número de dias, bem como de qualquer uma destas rezas e também de outras incomuns, especialmente aquelas para "pedir chuva", mesmo que haja apenas uma.

Ao serem realizadas nove rezas consecutivas, isto acontece amiúde como preparativo para uma festa religiosa importante. Neste caso, contam com o comparecimento de maior número de habitantes do que as demais. As efetuadas nos dias que antecedem imediatamente a festa assumem caráter festivo, especialmente aquelas em que um "terno de zabumba", como são chamados (que como a pequena banda, consiste de três músicos, incluindo o tocador de bumbo, que foi visto praticando certo dia em Curralinho, no Baixo São Francisco) toca "salvas e rezas", costume este que só recentemente foi abolido em Passagem Grande.<sup>74</sup>

Novenas são realizadas com muita frequência todas as noites durante o mês de maio em honra de Nossa Senhora. Em Sertão Novo, por ocasião de nossa pesquisa, foram efetuadas e, as despesas, pagas durante 11 noites por diferentes indivíduos; em 14 outras noites, por dois homens, que se alternavam e, numa noite cada, pelas viúvas da cidade, as moças solteiras, os rapazes solteiros, as crianças, os "pobres", e os militares. Os que atuavam como líderes, ou "noiteiros", sentavam-se na parte da frente da igreja, ao lado do altar. Na quinta noite do mês, em que o noiteiro foi o farmacêutico, estiveram presentes cerca de 100 pessoas, incluindo aproximadamente o mesmo número de homens e mulheres. Na novena do dia 8 de maio, que coube a outro indivíduo de destaque da cidade, estiveram presentes cerca de 80 pessoas.

Algumas novenas, contudo, são de caráter algo diferente. Em uma delas realizada em Irecê, a leste do Médio São Francisco na Bahia, e patrocinada pelos escolares, por exemplo, uma menina de mais ou menos dez anos, usando um robe vermelho escuro e "asas" brancas, sentou-se tranquilamente no altar, quase imóvel, com as mãos bem apertadas contra o peito durante toda a cerimônia. Sua expressão era paciente, séria, algo pungente. De cada lado do altar permaneciam de pé outras crianças vestidas de "anjo", e duas outras em frente do altar. Em volta delas reuniam-

74. O padre de Passagem Grande proibiu certa vez o terno de zabumba de um vilarejo próximo de tocar no interior da igreja. Indignados com a proibição, os moradores recusaram-se a obedecê-la. A luta entre eles e o padre terminou apenas quando este último deixou Passagem Grande. A jeitosa estratégia do atual padre consiste em colocar bancos fora da igreja, junto à porta, para uso dos membros do terno. "Tá veno, nós ficuemo aqui fora," disse um deles mais tarde, "mais nós tá dijunto cós grandola, no mesmo arre-servado."



se meninos e meninas em uniformes escolares, levando as últimas também véus brancos na cabeça. As crianças cantaram e recitaram versos de temas religiosos. A igreja estava à cunha.

Em Retiro, no Alto São Francisco, ao intensificar-se a seca, os moradores organizam o que chamam de uma "novenas para chover". São apanhadas pedras e colhidas flores, todas elas levadas em procissão ao pé do cruzeiro existente na zona, onde são depositadas, borrifando-se com água a cruz, na expectativa de que chuvas possam ser obtidas para as safras sedentas. Enquanto caminham e borrifam o cruzeiro,<sup>75</sup> os participantes rezam oral ou musicalmente. Às vezes, o quadro de um santo é conduzido na procissão. Os atuais sacrifícios das acompanhantes incluem andar descalço e ajoelhar-se sobre pedras aquecidas pelo sol.

Disse um informante local que quando "foram fazer reza" no cruzeiro, encontraram um velho que lhe disse que podiam voltar para casa, "que não precisava rezar, bastava que lhe dessem para beber a água que levaram para jogar na cruz." Atenderam-no e voltaram para casa. "Logo começou a chover", disse o informante, "e a minha mãe voltou depressa para o cruzeiro para ver o velhinho. Mas só encontrou o molhadinho da água que ele jogou no chão quando acabou de beber." E acrescentou o informante: "Nós achamos que era Nosso sinhô que tava lá." Novenas semelhantes são realizadas em Cerrado em conexão com os dois cruzeiros lá existentes e, durante os meses de outubro e novembro, em Pesqueira.

Além das "novenas para pedir chuva", os retirantes as realizam também ocasionalmente em numerosas residências, indo buscar em procissão uma pequena imagem de Nosso Senhor do Bonfim pertencente à paróquia de Abadia, um município vizinho, e julgada geralmente "milagrosa" na região. Nas casas escolhidas a imagem é, por sua vez, entronizada no oratório da família e cercada de flores de papel. Numa cerimônia, os homens se reuniram na sala e na cozinha e as mulheres no quarto, rezando ajoelhados o terço. Após cada conjunto de um Padre Nosso e dez Ave Marias, rezava-se a seguinte jaculatória:

"Coração de Jesus,  
Doce, terno, ansiado,  
Quer na vida, quer na morte,  
Cada vez mais abrasado."

75. No momento em que a cruz é borrifada, disse um informante, estes versos, entre outros, são cantados:

Santa Maria Madalena,  
Eu peço a senhora  
Que chova na terra;  
Dê-nos chuva que nós móie,  
Dê-nos pão que nos conçoie,  
Que nós somo pecadô  
Sinhô Deus, misericórdia!

Em seguida ao terço, foram rezadas Ave Marias em intenção de certas pessoas, algumas das quais falecidas. Alguns participantes beijaram a fita que pendia da imagem enquanto a líder cantava outro verso, respondido em coro. Imeditamente depois, foram soltados foguetes fora da casa.

Trezenas, ou rezas ditas durante treze dias consecutivos, são também ocasionalmente realizadas. Em certa ocasião em Petrolina, mais ou menos dez meninas ajoelharam-se em frente a um altar dedicado a Santo Antônio numa residência particular e cantaram as rezas. O autor foi informado de que "a trezena numa casa particular, uma vez começada, deverá ser levada até o fim ou o dono morrerá."

### *Festas Religiosas*

Entre todos os meios para desenvolver e manter a coesão social nas localidades estudadas, talvez nenhum, exceto a família e o compadrio, tenham maior importância do que a festa religiosa. A própria missa, no particular, é subordinada a ela. Grande parte das populações locais e, às vezes, pessoas estranhas à comunidade a ela comparecem, de modo que os contatos são geralmente mais numerosos e a comunicação mais intensa do que em qualquer outra ocasião. Laços de parentesco e amizade são reforçados e formadas novas amizades. São recordadas antigas experiências comuns e traçados planos para o futuro. Desde que são criadas oportunidades para que os jovens se encontrem e se conheçam melhor, estimulam-se os processos de namoro e estabelecimento de novas famílias. Uma festa importante, à qual são atraídos indivíduos de outras localidades, contribui também para desenvolver nos moradores o sentido de integração no grupo. Conforme foi observado em Cerrado, por exemplo, organizar uma festa considerada "boa" e com grande comparecimento, providenciar instalações julgadas incomumente amplas e belas, música animada, alimentos e diversão variados, foguetes espetaculares, e a realização dos rituais do dia com alto grau de solenidade constituem meios importantes de angariar prestígio para a localidade aos olhos de visitantes e, conseqüentemente, meio de estimular em cada morador o sentido de grupo e do próprio valor. Demais disso, a focalização da atenção geral sobre determinado santo homenageado e a participação efetiva do indivíduo em atos comuns constituem meios básicos de aumento da solidariedade.

Embora sejam realizadas nas localidades estudadas, como de resto em todo o Vale, festas seculares e sagradas, as últimas predominam talvez ainda em toda parte. Em algumas áreas mais isoladas são virtualmente as únicas, exceto as associadas à família, ao casamento, e ao mutirão (ver *Agricultura*, Tomo II).



Não quer isto dizer, contudo, que todas ou a maioria das festas religiosas tenham caráter exclusivamente sagrado. Ao contrário, em todas em que há participação popular costumam insinuar-se numerosos elementos seculares. Em Passagem Grande, por exemplo, a distinção entre profana e secular é muito menos clara para os moradores do que nos centros mais desenvolvidos, inclusive para as autoridades eclesiásticas. E não é absolutamente estranha (ver abaixo) a idéia de associar a práticas religiosas diversões de cunho popular.

Conforme indicado acima, as festas são realizadas em honra de determinado santo, geralmente no dia consagrado à sua memória. De acordo com o grau de prestígio do santo, algumas festas são mais afamadas do que outras, localmente ou em toda região atraem maior número de participantes e sua realização é feita com mais pompa e cerimônia. Geralmente, contudo, os atos incluem uma ou mais missas e, às vezes, uma reza, ou mesmo novena ou trezena, que pode precedê-la. Às vezes, há também um leilão de prendas, oferecidas pelos paroquianos com a finalidade de ajudar a custear as despesas.<sup>76</sup> Em todas as festas, um ou mais moradores, conhecidos como "festeiros", são indicados pelo padre ou, na ausência deste, assumem pessoalmente a liderança de sua preparação e realização. Espera-se que demonstrem considerável competência no planejamento e execução do programa bem como zelo em pedir aos demais paroquianos ajuda para as despesas.

As festas no Vale que atraem maior número de participantes, conforme referido acima, são duas: a de Bom Jesus do Matosinhos, realizada na cidade de Congonhas do Campo, em Minas, na extremidade sul da bacia do São Francisco, e local de romaria anual no mês de setembro desde 1786, e a de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, objeto também de peregrinações, especialmente durante os três dias que terminam em 6 de agosto de cada ano. Conforme visto também, esta é a principal para a grande população que vive não somente na área imediata mas em toda a região. No último dia, o bispo geralmente comparece acompanhado de vários sacerdotes. Forma-se uma procissão em fins da tarde e a imagem do Bom Jesus é conduzida nos ombros dos devotos, "entre nuvens de incenso aromático", escreve Segura (pág. 182), "e canto dos benditos, as notas metálicas da banda de música, o estampido das baterias, o bimbalar dos sinos e o silêncio religioso daquela massa imponente de milhares de pessoas..." Às 7 da manhã do dia seguinte, é rezada a missa de despedida dos romeiros. Ao partirem da cidade, levam, como consigna Segura (pág. 183), "medalhas,

76. Em Cerrado, por exemplo, a realização de leilões onde são vendidos pequenos animais, quitutes, brinquedos e outras prendas é um velho costume. Comentando uma festa em Contendas, um pouco mais abaixo no Vale, consignou Wells (I:391-92), em 1875, que "depois... do serviço ali realizado... seguiu-se um leilão dos... presentes da congregação... tais como bolos, ovos, queijos, frutas etc. O padre pediu lances."



rosários e pequenas imagens de gesso; outros, água do milagre da cova do monge; umas, pedrinhas da Gruta; aquelas, quinquilharias baratas para os filhos, irmãos e amigos que não tiveram a felicidade de fazer a romaria..."

Em todas as localidades, com as exceções de Bom Jesus da Lapa e Congonhas do Campo, as principais festas são, talvez, as realizadas na Semana Santa, período de grande solenidade em muitas delas (ver *Lugares Sagrados*). No Domingo de Ramos em Pesqueira, por exemplo, parte considerável da população revela nos trajes predominantemente pretos, nas atitudes e no comportamento geral, uma preocupação séria com a ocasião. Os próprios vapores que aportaram na cidade nesse dia no ano de nossa pesquisa o fizeram em silêncio, sem os apitos habituais. Na Sexta-Feira Santa grupos de crianças percorrem as ruas, pedindo esmolas.<sup>77</sup>

Entre as numerosas festas realizadas anualmente nas localidades estudadas pelos nossos pesquisadores, talvez a principal a assumir, ou que se esforce para tanto, um caráter algo regional seja a de Nossa Senhora Mãe dos Homens na área em volta de Passagem Grande. Atraindo grande número de participantes todos os anos, é agora, de longe, a mais importante da zona, e mesmo de todo o Baixo São Francisco. Começando normalmente logo depois da colheita do arroz em setembro, envolve uma tradicional romaria, na qual pessoas de Passagem Grande e área vizinha se dirigem à capela do vilarejo de Areia Solta a sete léguas de distância a fim de ir buscar a imagem, conhecida como a "Imagem Santíssima", considerada pelo povo como possuidora de caráter milagroso, e levá-la à Igreja de Passagem Grande. Depois de lá permanecer durante várias semanas, a imagem é acompanhada mais uma vez na volta ao seu nicho habitual. Tradicionalmente, a volta é feita no último sábado do ano, realizando-se uma festa em Areia Solta. Numerosos romeiros fazem a viagem de ida e volta de Passagem Grande a pé ou a cavalo, cantando hinos religiosos. No meio de cada jornada é feita uma parada durante o auge do calor do dia para repouso e tomada de refrigerantes.

Vêm a esta festa não só os habitantes de paróquias vizinhas, mas também pessoas que moram longe, incluindo cavaleiros da outra margem do São Francisco, em Sergipe. Costumam os participantes fazer, na ocasião, oferenda a Nossa Senhora Mãe dos Homens, cumprindo na oportunidade numerosas promessas a ela feitas. Os moradores de Passagem Grande preparam-se com grande antecipação, aprontando trajes e oferendas, comprando foguetes na feira, e talvez providenciando o empréstimo de uma montaria.

77. Esta prática, contudo, parece ser nova na área, tendo substituído a antiga "troca de mantimentos," tornada necessária pela ausência de feira durante a Semana Santa.



Um antigo prefeito disse que a festa cresceu de significação “depois de os engenhos e banguês perderem importância” na região. Antes dessa época, “Nossa Senhora Mãe dos Homens era pouco lembrada”, disse, “pois a sua festa acontecia em setembro, justamente por ocasião da botada”, ou começo da moagem, quando cortadores, amarradores, cambiteiros, carreiros, e vigias estavam ocupados na faina agrícola. Afirma-se também que a ocasião da festa coincide com a “dominga dos negrinhos bahianos, quando os antigos escravos da região encerravam a colheita com alegres cantos.”

No ano de nossa pesquisa foi escolhido o último domingo de setembro para a “busca”. Durante algum tempo, o assunto fora tema geral de conversação em Passagem Grande. No dia anterior, a feira mostrou-se, como se diz, “fraca”, sendo poucas as pessoas que compravam e vendiam. Pouco depois de meio dia na manhã seguinte, partiram os que iam a cavalo, ao passo que esperaram um pouco que diminuísse o calor, os que fariam a pé. Foram encontradas muitas pessoas no caminho, indo na mesma direção, a pé ou a cavalo. Moças enfeitaram o cabelo com flores; alguns cavaleiros usavam fitas ou barras nos chapéus de palha e alguns cavalos foram ornamentados com flores. Nessa noite foi realizada uma reza na capela de Areia Solta. O templo estava à cunha. Não pôde entrar a maior parte da multidão, calculada numas 4.000 pessoas. “Veja como o pessoal daqui está triste porque a Santa vai embora”, disse uma pessoa de Passagem Grande, “e ficará triste de agora até a volta dela. Festão é por aquela ocasião — não agora. Eles estão tristes demais.”

Numerosas pessoas dormiram naquela noite em torno do altar, onde nem uma polegada do chão de madeira ficou desocupada. Outros o fizeram nos bancos ou nas tábuas que servem como genuflexórios, ao passo que fora da capela, sob uma lua quase cheia, outros se estendiam sobre os pelegos e baixeiros de suas alimarias, alguns em esteiras no chão e outros na própria areia. Em frente à capela, uma pequena fogueira queimou durante toda a noite.

Bem cedo na manhã seguinte, os sinos começaram a tocar e a detonarem os foguetes. Pouco depois a capela encheu-se de pessoas que vinham à missa matutina. Na hora da bênção, alguns dos presentes fizeram um gesto como que pedindo-a, estendendo a palma da mão à imagem e dirigindo-lhe palavras ininteligíveis. A imagem foi, em seguida, retirada do altar muito decorado,<sup>78</sup> e colocada num caixão. Trazido o andor, iniciou a multidão em meio de vivas e disparo de foguetes a jornada para Passagem Grande. Alguns moradores de Areia Solta choraram ao se “despedirem da Santa”.<sup>79</sup>

78. Apoiado sobre dois enormes peixes esculpidos e artisticamente entalhados.

79. Os oferecimentos feitos pelos participantes da missa totalizaram 2.500 cruzeiros, uma soma considerável quando se leva em conta a grande pobreza da região.



Outrora, a festa mais importante na zona de Passagem Grande era a do Bom Jesus dos Navegantes. Atualmente, segunda principal do ano, é geralmente realizada em janeiro, quando não em fevereiro ou mesmo no início de março. Outras, importantes, incluem as da Semana Santa, Natal e Reis, no fim do velho ano e começo do novo, e a do padroeiro, São Francisco de Borja, no dia 10 de outubro. Em algumas casas são erguidos presépios todos os anos, vistos de 25 de dezembro a 6 de janeiro. São visitados por pastorinhas que dançam em frente a eles, em honra do Deus-Menino (ver *Bailes pastoris*, abaixo). Os presépios são simples, contando apenas com as imagens de Maria, José, o Menino Jesus e os três Reis Magos, conservados durante o resto do ano nos oratórios familiares, mencionados acima.

As principais festas religiosas de Cerrado na outra extremidade do Vale, incluem as da Semana Santa, São Sebastião, Santa Cruz, Corpo de Deus, Nossa Senhora da Conceição, a padroeira, e as religiosas-seculares (ver abaixo) de Santo Antônio, São João, e São Pedro. Os moradores da vizinha Cidade de Retiro comparecem à outra, a de Nossa Senhora da Piedade, realizada num município vizinho, na outra margem do São Francisco, no dia 15 de agosto de cada ano.

São Sebastião é considerado "o santo dos fazendeiros". Como se o considera especialmente receptivo aos pedidos dos donos de fazendas de criação, durante muito tempo foi comum em Cerrado e em outras localidades, como ainda acontece hoje em certa medida, que os fazendeiros lhe fizessem promessas a fim de proteger os animais contra calamidades.

No ano em que se iniciou nossa pesquisa sistemática na localidade, a festa de São Sebastião foi realizada em princípios de outubro e, no ano seguinte, na primeira semana de agosto. Mais de um mês antes da data, o vigário escolheu os festeiros e deu início aos preparativos. Foi impresso em papel colorido e distribuído na cidade, outras partes do município e mesmo em municípios vizinhos, um programa contendo a lista dos atos religiosos durante o dia da festa e em conexão com rezas preparatórias e outros acontecimentos especiais a serem realizados na semana que precedia o dia. Novenas e bênçãos do Santíssimo Sacramento foram realizadas todas as noites no primeiro dia dos anos mencionados acima, do terceiro ao décimo primeiro dia do mês e, no dia 12, ou dia da festa, no início da manhã, uma alvorada, com missa às 7 horas, seguida por comunhão, missa festiva às 9h 30m, acompanhada por um leilão de bovinos e suínos, ritos batismais às 14 horas e, às 18 horas, sermão e bênção do Santíssimo Sacramento.

No ano seguinte, além das cerimônias mencionadas acima, houve missa e comunhão às 7 horas no dia anterior ao do santo, às 19 horas do mesmo dia em seguida à novena final, uma "colos-



sal" fogueira, segundo disse um de nossos pesquisadores e, no dia da própria festa, catecismo às 12 horas e, às 17, uma Procissão Solene, seguida de sermão e bênção do Santíssimo Sacramento. Durante o mês de preparativos, houve repetidas conversações sobre a festa em lares, ruas, na cidade, armazéns e no trabalho. Os festeiros visitaram os paroquianos não apenas na cidade mas nas fazendas vizinhas pedindo contribuições em dinheiro ou produtos agrícolas a fim de custear as despesas da festa, bem como para o patrimônio da igreja.

A festa da Santa Cruz, que é realizada nas vizinhanças da capela do mesmo nome, no alto do Morro Doce, nos limites da cidade, parece ser a segunda mais importante de Cerrado. Os participantes incluem moradores da cidade, da área rural próxima e de municípios não muito distantes. O vigário local celebra uma missa no altar da capela. Uma procissão serpenteia em seguida em torno do cume do morro, percorrendo uma área bastante plana de pouco menos de um quarteirão, depois do que os participantes comem e bebem juntos numa barraca. Há também um pequeno "footing", durante o qual jovens, incluindo namorados, passeiam ou conversam. Embora não seja realizada nesta festa um leilão de prendas, parece que nos demais aspectos não há, especialmente no que diz respeito à sua preparação e direção, muita diferença entre ela e a de São Sebastião.

Em Passagem Grande, como em outros locais, é festivo todo o período que transcorre do Natal até o "Dia de Reis", em 6 de janeiro, sendo realizada uma missa especial com grande comparecimento à meia noite da véspera do Natal e também na véspera das Folias de Reis. Nos domingos e dias santos de maio é realizada aqui, como em numerosas outras localidades, uma cerimônia conhecida como "Coroação de Nossa Senhora". As moças que dela participam são, sem exceção, das famílias da elite local. "As coroações daqui são muito bonitas", disse uma participante. "Gente que vem de Belo Horizonte tem dito que lá não há coroações tão bonitas como aqui".

Em uma delas, participaram 30 moças de idades entre 8 e 12 anos. Em seguida a uma reza, descerrou-se uma cortina, aparecendo em luz mortíça as moças, em vestidos brancos longos, com diademas e enfeites brancos, agrupadas em torno da imagem de Nossa Senhora. Algumas das pessoas da platéia levantaram-se. As meninas começaram a cantar hinos, encarregando-se dos solos uma delas, possuidora de voz forte e afinada. Em dado momento, de conformidade com as palavras cantadas na ocasião, uma menina ergueu as mãos e colocou uma coroa na imagem, depois do que outra depôs aos seus pés as palmas que segurava, jogando logo depois todas elas pétalas sobre a santa. Nesse momento, aumentou a iluminação no estrado onde se encontravam as moças, um acó-



lito tocou a campainha e parte da platéia ajoelhou-se. Às vezes, além das palmas, é posto um véu sobre a imagem. "As coroações antigamente eram ainda mais bonitas", disse um morador.

As principais festas do ano em Sertão Novo e vizinhanças, segundo um morador, são as de Santo Antônio do Pambu, no vilarejo do mesmo nome, no dia 6 de janeiro, a de São Felix, realizada na ilha desse nome<sup>80</sup> no Rio São Francisco, em janeiro, a de São José, numa cidade na margem oposta, na Bahia, no dia 19 de março, as do mês de Maria, com rezas todas as noite, em maio, as de São João, Santo Antônio e São Pedro em junho, a do Coração de Jesus, em julho, a da Assunção de Nossa Senhora, no dia 15 de agosto, e a de Nossa Senhora da Conceição, padroeira local, no dia 8 de dezembro, com missa e procissão em seguida a uma semana de novenas.

A festa de Santo Antônio do Pambu começa igualmente com uma semana de novenas, incluindo um ritual no qual os participantes, levando ramos nas mãos, fazem um círculo em volta da igreja e, no último dia, há missa e procissão. Delas participam grande número de pessoas de ambas as margens do rio na Bahia e em Pernambuco.

Uma festa em honra de Nossa Senhora da Assunção, conhecida também no local como Nossa Senhora Mãe dos Anjos, é realizada anualmente na Ilha do Toré no dia 15 de agosto. Nove dias antes, um alto mastro, com uma bandeira de mais ou menos 40 ou 20 centímetros, é erguida nas proximidades do Cruzeiro que se situa em frente à pequena capela da ilha, com acompanhamento do canto de hinos. Realiza-se uma reza nessa noite e em todas as outras até o principal dia da festa. Com invariável atenção respeitosa, a novena é sempre cantada por mulheres, a líder das quais é uma ameríndia que participa também do toré e "se encarna" (ver *Toré*). No último dia são rezadas duas missas, uma às 5:30 da manhã e outra três horas depois.

O promotor da festa contou que, embora seu pai tivesse sido negro, ele "descende dos caboclos Caburés". É ajudado por moiteiros que se apresentam voluntariamente, inclusive nos aspectos financeiros. Os participantes são principalmente da Ilha do Toré, embora, no último dia, alguns venham das margens baiana e pernambucana do São Francisco e de uma distância de sete ou oito léguas. A maioria é composta de lavradores de limitados recursos financeiros. A festa é realizada neste local desde 1905, ano em que foi construída a atual capela. Antes desse ano, tinha lugar na chamada "Igreja Velha", parte de cuja sacristia e um dos grandes e altos muros ainda existem. Nas proximidades existe um velho cemitério ameríndio.

80. Pronunciado na localidade como "São Fel."



Aparentemente, mas ao que parece não com frequência, a principal festa religiosa é a do padroeiro. Entre dez prefeitos das partes Alta e Média superior do Vale que responderam a um questionário, somente um citou como principal a do padroeiro — neste caso, São Sebastião. Nas sedes dos nove municípios restantes os respectivos padroeiros e santos em cuja honra se fazia a principal festa são os seguintes:

| <i>Padroeiro</i>         | <i>Santo e festa principal</i> |
|--------------------------|--------------------------------|
| N. S. do Patrocínio      | São Sebastião                  |
| N. S. do Pilar           | N. S. da Conceição             |
| N. S. do Loreto          | São Sebastião                  |
| N. S. do Carmo           | N. S. do Rosário               |
| N. S. da Conceição       | (a)                            |
| Santo Antônio            | Santa Helena                   |
| São Gonçalo              | (a)                            |
| Sagrado Coração de Jesus | N. S. do Rosário               |
| N. S. da Conceição       | Bom Jesus do Matosinhos        |

(a) — Principal festa local: a da Semana Santa

Conforme indicado acima, com muita frequência é realizada uma procissão por ocasião da festa, como a Procissão dos Passos, por exemplo, um dos principais atos da Semana Santa e, em algumas localidades, de cada semana da Quaresma. Em Cerrado, por exemplo, ao chegar a hora marcada para a Procissão dos Passos no ano de nossa pesquisa, os sinos das igrejas começaram a tocar. Diversas pessoas, quase exclusivamente homens, incluindo o prefeito, o vigário e um padre visitante, juntamente com membros de uma banda de música, começaram a chegar a uma casa nos limites da cidade para onde, no dia anterior, a imagem do Senhor dos Passos fôra levada da igreja, e onde seria deixada até o dia seguinte. Ao completar-se o grupo, o andor foi erguido por quatro homens e levado para a matriz, ao acompanhamento da banda, que tocava uma marcha fúnebre, dos padres, dois meninos, um levando o turíbulo e o outro a naveta com incenso, um grupo de pessoas, algumas portando velas e outras, especialmente mulheres, desfiando as contas do rosário. Ao passar a imagem, ajoelharam-se algumas pessoas que se encontravam em frente de suas casas. Alcançando-se o primeiro dos sete altares erigidos em frente às casas a fim de representar os sete passos da Via Sacra,<sup>81</sup> ou as sete palavras da cruz, a face da imagem era voltada para ele, os padres e as duas crianças aproximavam-se e um dos sacerdotes incensava a pequena imagem sobre o mesmo, rezando em voz baixa. A procissão continuou até três outros altares, diante de cada um dos quais rituais semelhantes foram

81. As quatorze estações que, segundo a tradição ortodoxa, marcavam a rota ao longo da qual Jesus carregou a cruz do tribunal de Pilatos até o Calvário, foram reduzidas a sete nos costumes folk.

realizados, chegando finalmente ao centro da cidade, onde numerosos outros moradores haviam se reunido por essa ocasião, a fim de esperar que chegasse da matriz uma segunda procissão, conduzindo a imagem de Nossa Senhora das Dores, acompanhada por meninas que cantavam.

Aproximando-se a segunda procissão, a imagem de Nossa Senhora das Dores foi virada para a do Senhor dos Passos. O vigário, após ler em latim e em português o relato bíblico da Paixão e Morte de Jesus, pregou para a multidão, descrevendo o encontro de Maria com Jesus a caminho da Cruz e exortando os paroquianos a adotar um comportamento religioso. Concluído o sermão, as duas procissões se fundiram numa única, com os homens à direita e as mulheres à esquerda, encabeçados pelos dois andores. As colunas recém-formadas seguiram, lentamente, pela rua central da cidade em direção à praça da matriz, parando ao longo do caminho diante de três outros dos sete altares, o último dos quais, a mais ou menos um quarteirão da matriz, fora erigido em frente à residência do prefeito. Ao chegar à matriz, a procissão entrou, sendo os dois andores conduzidos pela nave e colocados entre o altar-mor e a congregação. O padre visitante subiu ao púlpito e fez o sermão do Calvário.

O mesmo ocorre em Pesqueira e Sertão Novo: em uma procissão durante a Semana Santa num dos anos da pesquisa houve encontro entre o Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores. Em Sertão Novo, o primeiro deixou a chamada "igreja velha", conduzida por homens, e a última a denominada "igreja nova", transportada por mulheres. Participaram cerca de 250 pessoas, inclusive crianças. Em Pesqueira, notou-se na subsequente procissão da Ressurreição realizada mais tarde na mesma semana, em que tomaram parte, em filas paralelas, mais ou menos 200 homens, 900 mulheres e 150 crianças. À frente da procissão era conduzida uma cruz de metal ladeada por tochas acesas, seguida por crianças, mulheres e homens, nessa ordem. Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus ajudavam a manter em fila a multidão.

Em Propriá, durante nossa primeira visita ao Vale, em fins da tarde do "Dia de Santo Antônio", em seguida a uma missa rezada pela manhã na igreja, cujo padroeiro é o santo do mesmo nome e durante a qual os sinos tocaram e foguetes foram disparados, formou-se uma procissão, a mais longa que o autor até então vira no Brasil. Em aproximadamente o primeiro quarto de sua extensão foram contadas 1.143 pessoas, incluindo grande número de crianças. Além da imagem principal, que como seria de esperar era de Santo Antônio, foi conduzida também uma imagem de tamanho médio de São Benedito.

*Elementos seculares.* Conforme indicado acima, numerosos elementos seculares estão encrustados em numerosas festas religiosas, fato este há longo tempo característico da área. O grau



em que isto se aplica, contudo, varia em grau considerável com a festa e também de localidade a localidade e, sobretudo, na extensão dos esforços feitos pelas autoridades eclesiásticas para dissociar o secular do sagrado. Em Passagem Grande, por exemplo, esforços vigorosos têm sido feitos pelas autoridades religiosas para eliminar o conteúdo secular da festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens. A separação do secular do religioso, contudo, no que são essencialmente festas populares de longa tradição, somente é conseguida lentamente e, não raro, com grande dificuldade.<sup>82</sup>

Em Sertão Novo, por exemplo, além das missas e rezas durante a festa de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira local, "o povo", disse um informante, "dança e se diverte". A festa de Pambu mencionada acima continua durante toda a noite, comendo, bebendo, soltando foguetes e divertindo-se num carrossel os participantes. O padre presente no ano de nossa pesquisa advertiu os seus paroquianos dizendo: "O santo não quer o que vocês estão fazendo, isto é, divertindo-se no carrossel e bebendo, mas, sim, as suas orações e penitências." Um dos participantes, contudo, observou: "O povo não dá muita importância a essa advertência."

Na sede de um município vizinho, onde, até dois anos antes do nosso principal ano de pesquisa,<sup>83</sup> os festejos foram "muito animados e concorridos", com ruas cheias de gente (incluindo "muitos matutos de fora", disse um informante) numerosas roletas, onde se "jogava muito", foram instaladas, bem como várias barraquinhas para venda de alimentos e bebidas.

Em todas as novenas realizadas por ocasião da festa de Nossa Senhora da Conceição na Ilha do Toré, um pequeno grupo de quatro músicos, composto de um tocador de zabumba, um de caixa e dois de pife,<sup>84</sup> tocam sempre e são soltados foguetes. Na última e mais importante noite, foram disparadas 21 dúzias deles. A música cadenciada nas noites de novena, juntamente com as batidas rítmicas da zabumba e da caixa, lembraram o baião a um de nossos pesquisadores. Numerosos artigos são vendidos nas barracas localizadas nas proximidades da igreja, incluindo alimentos como bode assado, queijo assado, cerveja, cachaça e conhaque, e prendas como brincos, braceletes, perfumes, sabonetes, linhas e brinquedos. Os festejos da última noite continuam até o amanhecer, quando termina o samba organizado numa das barracas e onde é considerável o acúmulo de gente.

82. Algumas pessoas em Passagem Grande, por exemplo, disseram antes da festa em honra de Nossa Senhora Mãe dos Homens, no ano de nossa pesquisa, que não iam comparecer a ela, a despeito do fato de o terem feito sem exceção durante todos os anos de suas vidas, "porque o padre proibiu dança lá em Areia Solta." "Se não houve dança, como é que nós vamos passá a noite?" perguntou um deles, acrescentando: "Esses padre de primeira viagem (o padre local não estava havia muito tempo em Passagem Grande) fazem o fracasso de nossa festa."

83. A seca, que na ocasião era severa na região havia cinco anos, tivera "graves consequências para a vida dos matutos dessa área," disse um informante.

84. Conhecido na localidade como pife, ou pifano, um instrumento de sopro parecido com a flauta, embora menor do que ela e de som mais agudo.



Em Areia Solta, no Baixo São Francisco e nas proximidades de Passagem Grande, na festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens no ano de nossa pesquisa, foram notadas algumas mesas de jogo, entre elas uma de barrufo. Na praça do Quadro, ao lado da capela, bebidas e alimentos eram vendidos em talvez 20 mesas e, à esquerda, sob uma amendoeira, cachaça, cerveja, caldo de cana e guaraná, bem como mungunzá, bolos e macazadas em outras mesas e três barracas. Um terno de zabumba muito harmonioso foi ouvido à porta da igreja na noite da festa, terminada com uma salva no interior do templo. Os membros do terno, contudo, queixaram-se de que "o padre não nos paga para tocar enquanto levamos a santa à Passagem Grande". Pouco depois do término da missa matutina, contudo, no momento em que membros da platéia começaram a deixar a capela, o padre "ficou furioso", disse um observador, e gritou que proibia a saída de quem quer que fosse antes que desse ordem e lhe ouvisse as recomendações. Repetindo as palavras, os que estavam de saída pararam e permaneceram onde estavam. Disse o padre na ocasião que não queria "nem orgias nem bebedeiras no acompanhamento da santa".

As festas religiosas às quais se apegam mais os elementos seculares são talvez as realizadas em junho em honra dos chamados santos "populares", ou Santo Antônio, São João e São Pedro, a festa de São Gonçalo, que pode ter lugar em qualquer época do ano, e a do Divino Espírito Santo.

*Festas Juninas.* No passado em numerosas localidades, bem como em algumas ainda hoje, quase todo o mês de junho é reservado às celebrações em honra de Santo Antônio, cujo "Dia" cai em 13 de junho, São João, em 24 de junho, e São Pedro, em 29 do mesmo mês. Há muito tempo constitui tradição erguer um mastro<sup>85</sup> em honra de cada santo e prender a ele um catavento de mais ou menos 50 centímetros quadrados, ou moldura leve em volta de um pedaço de pano onde se pinta uma imagem do santo. Especialmente na véspera do "Dia" de São João, mas ocasionalmente também durante as celebrações dos dois outros santos, arma-se uma fogueira em frente de cada casa, sobre a qual saltam jovens e velhos em meio a grande alegria<sup>86</sup> (ver também *Formas de Casamento*).

No "Dia" de São João em certo ano em que nosso pesquisador se encontrava em Cerrado não houve cerimônia religiosa. Predo-

85. Todos os mastros de São João que viu em Minas em 1867, escreveu Burton (I:148n), eram "um tronco de árvore alta e fina, às vezes deixada crescendo e meramente aparada; com maior freqüência... derrubada, podadas e replantadas. Isto é geralmente feito uma semana mais ou menos antes do festival." Acrescentou Burton que esse 'mastros' lembra o viajante inglês de nosso 'shaft', ou Maypole."

86. Disse Burton (I:148) que frequentemente perguntou a padres europeus, "sem sucesso", sobre a origem da fogueira, e recorda (I:148n) que "Os equinócios bem como os solstícios eram celebrados com festivais de fogo, como por exemplo, o Dia da Páscoa, ou Dia de Maio, o Holidia India, o La Beal teinne irlandês, e também o All-hallow-een."



minou uma atmosfera de divertimentos e camaradagem. Nas fazendas em volta da cidade foram realizadas festas e acesas à noite muitas fogueiras. Na mesma ocasião houve festa no Grupo Escolar, "a única época do ano em que coisa alguma é séria e fazem-se apenas brincadeiras", disse uma professora. O clube local deu um baile especial. O dono de um dos principais bares da rua principal mandou acender uma fogueira à noite, continuando até mais ou menos às onze horas as brincadeiras com foguetes e buscapés. Um morador contou que esse dia costumava ser mais celebrado do que hoje e que havia "fogueiras maiores e engenhosos fogos de artifício". E acrescentou que o atual vigário não encoraja festejos populares como os que são comuns no Dia de São João.

Em Retiro, na véspera de São João são acesas também numerosas fogueiras. Os moradores "tiram a sorte do casamento", conforme se diz, tentando em adivinhações semi-sérias descobrir o nome dos futuros cônjuges. De acordo com um informante, procuram também "andar descalços em cima de brasas" à meia noite sem queimar os pés. No "Dia" de Santo Antônio, igualmente, fogueiras são armadas, realizando festas as pessoas que têm o nome do santo. Atualmente é também realizada uma festa no "Dia" de São Pedro. Em Pesqueira, as cinzas de numerosas fogueiras de São João são usadas em rituais de proteção das lavouras. Aqui, como em numerosas outras localidades, embora Santo Antônio e São Pedro sejam também festejados não gozam da popularidade de São João.

*Festa de São Gonçalo.* À parte o fato de ser dada geralmente em cumprimento de uma promessa, de ser oferecida em honra de um santo, e de entre as canções existirem algumas que se referem a Deus e a Nossa Senhora, a festa de São Gonçalo do Amarante, ou o "casamenteiro das velhas", como é chamado, reveste-se principalmente de caráter secular. Para ela é preparado na Ilha do Toré uma bebida chamada de "aluá". Toma-se uma variedade de mandioca mansa, conhecida como "sutinga". Descascada e cortada em pedaços é posta numa vasilha com água e deixada em repouso durante dois dias. Também faz-se com arroz, milho e abacaxi. Pedaços de rapadura são acrescentados e mexido o líquido antes de ser bebido.

No dia 3 de março de um dos anos de nossa pesquisa foi realizada uma festa de São Gonçalo na ponta da Ilha do Toré em pagamento de certa promessa. Começou cedo pela manhã e durou até a noite. No dia 26 de agosto do mesmo ano, outra festa para o mesmo santo foi dada na ilha em frente à casa de um dos líderes do Toré, no terreiro onde o próprio toré é dançado (ver *Toré*, abaixo) situado entre a casa e um cruzeiro existente no pátio, a uns 10 ou 12 metros de distância. No domingo precedente, o homem cuja família reside na casa, juntamente com um dos líderes das danças, ou "rodas", e outras pessoas foram até a capela

da ilha buscar a imagem de São Gonçalo e levá-la para a casa, revezando-se em transportá-la, levando-a sempre no braço. A distância, de mais ou menos três léguas e meia, foi percorrida a pé. Durante a ida e a volta, cantigas comuns às rodas de São Gonçalo foram cantadas, soltados fogos e dados vivas ao santo. Ao chegar o grupo à casa, a imagem foi colocada na sala da frente numa mesa próxima à parede e coberta com uma toalha branca bordada. As mulheres que entraram subsequentemente na sala ajoelharam-se diante da imagem e disseram uma prece ligeira, persignando-se ao se levantarem.<sup>87</sup>

Embora no dia marcado a dança devesse ser iniciada às 6 da manhã, não começou realmente até mais ou menos 9 horas, ocasião em que um grupo de mulheres, que entrementes se reunira na casa, entrou na sala e uma delas, uma moça de uns 25 anos de idade e uma das líderes da dança, levou a imagem para o lado de fora e colocou-a numa mesa junto à parede. Enquanto a imagem era transportada, as mulheres cantaram:

“Lá se vai São Gonçalinho,  
Lá se vai São Gonçalinho,  
Fora do seu oratório,  
Fora do seu oratório,  
Acompanhado de anjo,  
Acompanhado de anjo,  
Também de Nossa Senhora,  
Também de Nossa Senhora.”

No momento em que a imagem foi colocada sobre a mesa, cantaram:

“Na hora de Deus, amém!  
Na hora de Deus, amém!  
Padre, Filho, Espírito Santo!  
Padre, Filho, Espírito Santo!  
Aaaaá, aaaá, aaaá  
Padre, Filho, Espírito Santo!”

Sobre a mesa havia sido erigida uma cobertura consistindo de um cobertor, uma toalha branca e cordas para “dar a impressão de um altar”, como disse um observador. A imagem foi novamente coberta com uma toalha bordada, colocando-se numa mesa próxima uma vela, que foi acesa em “pagamento” de uma promessa a São Gonçalo.

Após se reunirem os participantes, todos os quais pareciam gente pobre, formaram em duas filas dirigidas por um homem

87. Não foi observado homem algum fazendo a mesmo coisa.



chamado de “guia de roda”, um dos quais conduzia e tocava uma viola e o outro, um pandeiro. Atrás dos guias postaram-se as dançadeiras, conhecidas como “contra-guias”, cada fila encabeçada por uma moça que iniciava e dirigia o canto. As mulheres usavam os melhores vestidos, de seda berrante, mas barata. Tinham o cabelo cuidadosamente penteado e algumas o enfeitaram com uma fita. Os homens vestiam roupas do diário: calças, paletó, camisa e alpercatas. O paletó, ao aumentar o calor com o transcurso da manhã, contudo, foi logo abandonado. Todos os participantes tiraram os sapatos para a dança. O guia que tocava o pandeiro era atarracado, de cerca de 40 anos, e gago. Filho e sobrinho de dois outros guias de São Gonçalo, fora líder de rodas realizadas na Ilha do Toré desde 1942. O outro, um homem também de uns 40 anos, mora no lado baiano do São Francisco. Disse que aprendera a dançar cinco anos antes. As dançadeiras eram principalmente moças de 20 a 25 anos, embora houvesse uma menina de mais ou menos 12, algumas talvez de 30, duas de mais de 40, e duas de mais de 50. Uma das mulheres, que dançou quase do início ao fim, estava visivelmente grávida.

Ao começar a dança, 12 mulheres formaram uma linha. O número, porém, aumentou logo depois e, mais tarde, variou durante todo o dia entre 26 e 32.<sup>88</sup> Algumas dançaram apenas algumas rodas, ao passo que outras participaram de todas. Embora os homens dances ocasionalmente, o grupo local, com exceção dos guias, constituía-se quase exclusivamente de mulheres. Nessa ocasião, dançou apenas um homem além dos dois guias.

Durante o dia, três mulheres “pagaram uma promessa” a São Gonçalo ajoelhando-se com a imagem nos braços e segurando-a nessa posição durante uma roda completa, numa façanha difícil porquanto a roda dura mais ou menos meia hora. Uma ajoelhou-se sobre um cobertor dobrado e as duas outras sobre o chão duro. Duas das três dançaram a maioria, se não todas as outras rodas.

A coreografia de todas as rodas foi idêntica no início e no fim, mas de outra maneira variaram entre si, às vezes apenas em alguns detalhes — um passo ou um trejeito — ocasionalmente de caráter geral. Eram identificadas pela coreografia, chamando-se a primeira, por exemplo, de “roda no centro”. Como as demais, começou com os dois guias tocando durante poucos instantes seus instrumentos em frente ao altar improvisado, enquanto se ajoelhavam para “saudar o santo”. Em seguida, levantaram-se e voltaram-se em passos rítmicos ao som de seus instrumentos, cada um para seu lado e um pouco para fora da fila e dirigiram-se para as dançadeiras, enquanto dançavam para a retaguarda, um

88. A respeito das dançadeiras, nosso pesquisador considerou 16 como pretas, 4 como brancas e as demais mestiças, algumas das quais pareciam de ascendência ameríndia.

pouco além do cruzeiro. Em lá chegando, os guias voltaram-se para dentro da fila. O padrão foi repetido duas vezes. Entrementes, cantaram:

“Puxa a roda por diante,  
Puxa a roda por diante,  
E vamo vê a luiz do dia,  
E vamo vê a luiz do dia.

Eu vi tanta gente junta,  
Eu vi tanta gente junta,  
Procurei o que seria,  
Procurei o que seria,  
Arrependeu um devoto,  
Arrependeu um devoto,  
É São Gonçalo Gracia,  
É São Gonçalo Gracia!”

Na quarta evolução, em vez de passarem por fora para virem até os fundos como nas três vezes anteriores, seguiram por dentro e voltaram por fora da fila, procedimento esse repetido duas vezes. Uma vez mais em frente ao altar, começaram as evoluções peculiares a esta roda, no que ela se distinguia das demais. É chamada de “roda no centro” porque os guias e as dançadeiras, dançando em pares, cada um com o parceiro da outra fila, rodam um em torno do outro, formando a figura de um 8.

Os guias, em seguida, voltaram-se e dançaram em direção um ao outro, encontraram-se no meio, dançaram até o lugar ocupado antes pelo colega, deram a volta, encontraram-se novamente no meio e voltaram aos seus lugares iniciais. Este padrão foi repetido duas vezes. Na terceira vez em que os guias voltaram para as posições iniciais, deram a volta e dançaram atrás da mulher seguinte na fila e, enquanto ela e sua companheira da outra fila dançavam em frente ao altar, continuaram tocando e dançando até que cada par dançou até o altar e voltou dançando até a retaguarda, quando as duas linhas dançaram juntas até a frente.

Esta evolução foi repetida duas vezes, depois do que as duas filas dançaram até os fundos, onde a quarta evolução, semelhante à anterior, foi iniciada e repetida duas vezes, depois do que as filas se formaram novamente, enquanto os guias permaneciam em frente ao altar. Voltaram-se, então, os participantes de cada fila para dentro. Esta evolução foi repetida três vezes. Com os guias à frente do altar, as duas filas tomaram posição uma em frente à outra, olhando as mulheres para as companheiras na outra fila e dançaram para dentro até se encontrarem no meio,



depois do que dançaram para trás até os lugares anteriores e, mais uma vez, até o meio. Com batidas fortes dos pés, terminaram a roda cantando os versos seguintes:

É a 1.<sup>a</sup> cantiga,  
É a 1.<sup>a</sup> cantiga,  
Que a São Gonçalo eu canto!  
Aaaá, aaaá, aaaá.  
Padre, Filho, Espírito Santo!

As filas se dissolvem durante alguns minutos antes do início da rodada seguinte. As danças continuam até que uma dúzia ou mais de diferentes rodas são dançadas.

Uma moça de cerca de 25 anos disse que a dança de São Gonçalo "permaneceu a mesma desde que era criança". Outros informantes contaram que seus avós dançaram também as mesmas danças e que conheciam "a vida toda" a festa de São Gonçalo, tendo estado presentes a uma ou mais delas todos os anos. Uma disse que quando a festa é dada em pagamento de uma promessa, "não é permitida a venda de doces e coisas assim", pois "o santo castigaria se a pessoa fizesse isso".<sup>89</sup>

No dia de São João, em Pesqueira, há longo tempo vem sendo realizada a mesma festa, precedida por uma novena onde são cantadas preces. Durante muitas semanas os dançarinos praticam os passos para que na festa "possam fazer bonito", como dizem. Homens e mulheres participam no local, observando as evoluções fixas com ajuda de arcos de cipó, ao ritmo de uma caixa e de um pandeiro. O chefe do grupo, muito numeroso, é um pescador. A dança é amiúde patrocinada por um ou mais líderes da comunidade em virtude do espetáculo coreográfico que proporciona. De conformidade com o dia, são acesas fogueiras. Depois de extintas as chamas, assam-se batatas nos braseiros.

*Festa do Divino.* Entre todas as festas com pelo menos alguma significação religiosa, contudo, a do Divino Espírito Santo, que nas localidades onde ainda se realiza é, em seguida às da Semana Santa e, às vezes, à do padroeiro, uma das principais, se não a maior, tende a revestir-se de talvez maior número de elementos seculares. Em Pesqueira, depois de ter sido omitida durante vários anos,<sup>90</sup> a festa estava sendo renovada no ano de nossa pesquisa.

89. O informante recordou que uma mulher que vivia na Ilha morreu pouco depois de, sem saber, permitir tal venda. Certo dia, algum tempo depois, a alma da mulher "apareceu ao filho, pedindo-lhe que organizasse nova festa em que as vendas não fossem admitidas," porque "estava sofrendo porque não havia pago devidamente a promessa agindo daquela maneira." O informante lembrava-se também de outra mulher que morara na Ilha e que tivera de repetir a festa pelo mesmo motivo.

90. Em seguida a uma desinteligência, segundo foi informado o autor, entre um antigo padre e um morador que servira certo ano como principal figura da festa.

Geralmente realizada aqui no sétimo domingo após a Páscoa, foi celebrada nesse ano, por questão de conveniência, no último dia de maio durante o "encerramento solene" do mês de Maria (ver acima). Da mesma forma que em outras partes do país, os papéis tradicionais da festa incluem os do "Alferes da Bandeira" (ou Porta-Bandeira), do "Capitão do Mastro" e do "Imperador".

Ao Alferes da Bandeira cabe providenciar para que um estandarte, conhecido como a "Bandeira do Divino", seja levado numa viagem antes da festa, durante a qual são recolhidas contribuições para custear-lhe as despesas. Os acompanhantes da bandeira talvez façam a jornada, iniciada muito antes do dia da festa, e que se espera que inclua visitas a todos os lugares habitados da área vizinha, em cumprimento de uma promessa, por um sentido de obrigação, ou meramente pelo prazer do ato. A Bandeira é inicialmente levada aos locais mais distantes a serem visitados. Deixa-se a viagem pelas ruas da cidade ou vilarejo onde a festa será realizada para a própria véspera do acontecimento. A "visita" da Bandeira a determinada casa é considerada uma bênção. Espera-se que as pessoas que nela residam ou ali estejam na ocasião aproximem-se do estandarte, beijem-no e discretamente entreguem aos membros do grupo acompanhante uma contribuição para as despesas. É considerada um privilégio especial "receber" a Bandeira do Divino num pernoite durante a jornada. Espera-se também que o dono da casa onde ela pernoite dê uma festa aos que a acompanham.

O Capitão do Mastro dirige um grupo na construção do mastro ao qual será içada a bandeira durante a festa. No dia marcado, supervisiona-lhe o transporte até as vizinhanças da igreja e a sua colocação no local. O Imperador do Divino é responsável por todos os festejos.

No ano de nossa pesquisa, porém, o indivíduo escolhido como Imperador, membro da elite local, aparentemente antipatizando com a continuação da festa, forneceu carne aos participantes e deixou a cidade para sua fazenda. Por isso mesmo, o caráter da festa nesse ano foi influenciado pelo desejo dos participantes de assegurar-lhe a repetição no ano seguinte. As festividades do dia começaram com uma Missa Cantada na igreja, ao som de uma orquestra formada de clarineta, trombone e um violino, além do harmônio da igreja.

Após a missa, realizou-se o sorteio dos festeiros que assumiriam a responsabilidade pela festa do ano seguinte. A inclusão do nome de uma pessoa na lista a ser sorteada era considerada entre os participantes como um sinal de distinção. Tantos pedaços de papel quanto de nomes havia na lista, três dos quais traziam escritos os títulos de "Imperador", "Alferes" e "Capitão", foram postos num pequeno saco. À medida que o nome de cada homem era lido, um pedaço de papel era retirado até saírem os que traziam os títulos. Os nove festeiros do ano seguinte foram escolhidos graças a um processo semelhante.



A tarde, enquanto os sinos tocavam, foguetes eram disparados, ergueu-se o mastro, fazendo em seguida os participantes da festa uma visita às residências dos três líderes do ano seguinte. Em frente do grupo caminhavam três meninos, um dos quais levava a bandeira do Divino Espírito Santo, que seria deixada depois na residência do novo Alferes da Bandeira, um segundo levando um raminho de flores como símbolo do mastro a ser usado no ano seguinte pelo novo Capitão, e o terceiro transportando a coroa que seria entregue ao novo Imperador. Em seguida, marchavam o vigário e outros participantes, enquanto, à frente, partia um grupo de rapazes que, ao fragor de foguetes, “anunciavam” a chegada do cortejo. Ao aproximar-se o grupo da casa do novo Alferes, ele também soltou foguetes num duelo de estrondos com a comitiva. Os participantes reuniram-se em torno da entrada da residência, fazendo-se a “entrega solene” do estandarte. Foram servidas bebidas. Em seguida, a comitiva dirigiu-se à casa do Capitão do Mastro, onde se executou ritual semelhante envolvendo a entrega do ramo simbólico, seguida de outra rodada de bebidas. Finalmente, o grupo seguiu para a casa do Imperador para o ritual da entrega da coroa. Na última parada ouviram-se curtos discursos, nos quais foram destacadas as responsabilidades do cargo. O novo Imperador manifestou sua aceitação e fez promessas relativas ao ano seguinte. Refrescos, incluindo cerveja, foram servidos a todos os presentes.

Entre os onze prefeitos nas partes Alta e superior Média da bacia do São Francisco que responderam a um questionário pouco depois de nossa primeira visita ao Vale, cinco disseram que a festa do Divino era ainda realizada na ocasião e em um município — Estrela de Indaia — “com entusiasmo”. Em um quinto município foi realizada “até há alguns anos”, informou o prefeito.

*Cavallhada.* Embora a cavallhada possa fazer parte de outras festas religiosas, por tradição é realizada durante a Festa do Divino. Na primeira visita e de seus companheiros ao Vale, verificou o autor que a cavallhada era parte integral da Festa do Divino em Lapa e que não apenas contava com ativa participação, mas era dirigida por pessoas de prestígio na comunidade. Pelo menos nessa área, por conseguinte, constituía ainda parte inerente da cultura local e não assumira ainda o caráter de folclore.

A cavallhada comemora as longas lutas, na Idade Média, entre os cristãos da Europa e os maometanos do Oriente Próximo e Norte da África, em especial as batalhas que com os invasores mouros travaram os exércitos de Portugal (e da Espanha), batalhas que perderam no século VIII. Os mouros foram detidos na invasão da Europa, apenas na França em 732 pelos francos austríacos sob a liderança de Charles Martel na Batalha de Tours. Esta batalha é amiúde citada pelos historiadores como uma das decisivas do mundo. Finalmente foi vencida, após o reinício da



luta no século XI e a continuação, a intervalos, até que Portugal foi inteiramente libertado. Em princípios do século XVII, os últimos mouros foram expulsos da parte espanhola da Península Ibérica e voltaram para o Norte da África.

Conforme observado pelo autor em Lapa, a cavalhada consiste de um torneio simulado no qual lutam dois grupos de homens montados, o primeiro representando os cristãos e o segundo os mouros. Conduzindo cada um deles uma longa vara que lembrava a lança da Idade Média, os homens formaram duas filas nas extremidades de um campo aberto. Em seguida, dispararam para a frente, passaram para o lado oposto, refizeram a formação e atacaram novamente.

Em Passagem Grande, costumava ser realizada uma cavalhada no dia 8 de dezembro de cada ano, por ocasião da festa em honra de Nossa Senhora da Conceição. Participavam de 30 a 40 cavaleiros, incluindo a elite da cidade. Um dos "mais entusiásticos", segundo se soube, era um homem que havia casado com a filha natural de um antigo padre, ele, também entusiasta do torneio. A cerimônia era realizada no Quadro, ou parte central da cidade. Havia também duelos à espada e jogos de destreza, incluindo os conhecidos como "Tirar Argolinha", "Atirar de Cabeça de Turco", e "A Parte da Embaixada".

Um retirante de Caculé, na Bahia, cidade localizada não muito distante dos limites orientais do Vale, disse que na sua comunidade a "cavalhada é muito comum por ocasião das festas mais importantes, que duram uma semana, duas, ou mais". Um retirante de Bocaiúva, em Minas, informou que durante a festa do Bonfim nessa cidade é realizada anualmente uma cavalhada, incluindo "Tirar Argolinha". Neste caso, os cavaleiros, um por um, lançam seus cavalos de corrida a todo galope por um longo beco e através da praça local para tirar as argolinhas. O que junta o maior número na ponta da "bengala" é proclamado vencedor. O informante recordou também que "nem todo cavalo servia nem todo homem podia participar. Precisava ser muito destro e ser convidado pelos festejos".

*Bailes pastoris.* Segundo Nascimento de Almeida Prado (págs. 67-68), os "bailes pastoris", conhecidos também simplesmente como "Bailes", ou "Bales" eram tradicionais em certas zonas da parte Média do Vale há pouco tempo e talvez ainda sejam, como, por exemplo, nas áreas em volta de Januária e Bom Jesus da Lapa — onde foram talvez mais observados — e também em Macaúbas, Riacho de Sant'Ana, Cana Brava dos Caldeiras e — no limite oriental da parte Média — em Caitité. Em Lagoa Clara, um vilarejo de umas 100 casas, situado a 8 léguas de Macaúbas, por exemplo, uma família forneceu durante muitos anos os grupos de tocadores e cantores, "os seus ancestrais para o lado de ambos os chefes de família transmitindo aos descendentes esse piedoso costume..."



escreve Nascimento de Almeida Prado (pág. 69). Embora os bailes pastoris fossem outrora característicos de outras áreas da região,<sup>91</sup> parecem ter sido pouco conhecidos em outras regiões do Brasil (ver *idem*, págs. 158-159).

Em numerosas residências na área, como aliás em outras, um presépio é armado na época do Natal, geralmente num canto ou ao longo de uma parede da sala principal. Sobre ele talvez seja construído um arco de taquara, que é coberto com uma toalha branca e de onde pendem fitas de papel crepe ou seda. No fundo, um pedaço maior de papel mais pesado, geralmente de cor azul, pode ser colocado, nele se prendendo estrelas. Em todos os presépios são encontradas geralmente imagens de Maria, José, o Menino Jesus, pastores e os Reis Magos, imagens tão refinadas quanto permitam a situação financeira e o capricho do dono. Às vezes, pendura-se em cima uma grande estrela e um ou mais anjos.

Os bailes pastoris comemoravam o nascimento do Menino Jesus. Eram apresentados do Natal até a Décima-Segunda Noite por grupos de tocadores, cantores e dançarinos que, acompanhados por uma multidão, iam à noite de casa em casa cantar ou declamar, com acompanhamento musical, nos presépios armados nas casas e, igualmente, encenar dramas e danças. Em todos eles eram representados pastores, pastoras e um ou mais figurantes encarregados de papéis especiais. Eram tradicionalmente escolhidos pelo líder para o papel de conformidade com o sexo, idade e especial habilidade, todos instruídos pessoalmente por ele, de início sozinhos e, depois, em grupos. Alterava-se algo o vestuário em cada drama, usando o pastor ou a pastora uma fantasia simples de conformidade com o "baile". A linguagem em prosa e verso era bastante erudita e a música diferente da comum à área, especialmente entre o povo. Segundo velhos residentes, as palavras e a música foram originariamente aprendidas em Salvador e impressas em livros e panfletos. Os instrumentos geralmente empregados incluíam pandeiros, castanholas, um bandolim, um cavaquinho, uma caixa, uma rebeca (quando alguém sabia tocá-la), três violões e também uma harmônica, que eram tocados quando o grupo chegava a uma residência.

Ao chegar o grupo à casa para a qual havia sido convidado, eram tradicionalmente soltados foguetes e cantada uma canção conhecida como "Reis", depois do que o dono abria a "porta de fora" para recebê-lo, enquanto um deles berrava: "Viva o dono da casa!" Todos respondiam: Vivaaaa! E, novamente, "Viva o Santo Reis!" Ao que todos respondiam: "Vivaaaaa!" O grupo entrava e

91. Diz Nascimento de Almeida Prado que eles aparentemente eram também conhecidos em Minas, nas proximidades da fronteira com a Bahia. Em 1947, uma notícia recente de Montes Claros sugeria que haviam quase desaparecido da área, "havendo um ou outro que dão esses bailes, mas sem capricho e sem grande interesse." (pág. 158-159).



cada membro ia beijar o presépio. Se o grupo visitava uma fazenda fora do vilarejo, era oferecida uma ceia aos membros antes da apresentação dos bailes.

Enquanto os artistas se vestiam para os diferentes dramas, nos quais toadas eram cantadas com acompanhamento musical e dançados certos passos, os músicos tocavam valsas, chorinhos, e marchas na sala grande. O primeiro a aparecer em cada "baile" era conhecido como o "guia". Os demais artistas, pastores e pastoras entravam depois de conformidade com seus papéis, dançando com passos peculiares aos mesmos e assim iam até o presépio, onde faziam suas "reverências" ao Menino Jesus e tomavam seu lugar em frente ao mesmo, de acordo com a ordem de entrada.

Na maioria dos "bailes" os passos da entrada e a música e cantos de acompanhamento eram mais ou menos os mesmos até que o artista fosse dançando até certo ponto do canto da sala, onde ele ou ela mudavam para os passos do bailado propriamente dito, com palavras e músicas diferentes. Os cânticos subsequentes eram apresentados sob a forma de solos, duetos, ou coros (Ver Prado, págs. 64-73).

Os "bailes" tinham nomes e eram, em geral, apresentados na ordem seguinte: "Baile das Flores", "Baile do Carneiro", "Baile do Meirinho", "Baile do Filho Pródigo", "Baile da Cachaça" e "Baile do Despotismo". Ocasionalmente eram encenados outros como o "Baile da Caridade", montado até época recente em Cana Brava dos Caldeiras, um vilarejo situado nas proximidades de Lagoa Clara, o "Baile do Galego", de caráter burlesco, havendo nele um papel em que figurava "uma espécie de palhaço, comilão, usurário, egoísta", como escreve Nascimento de Almeida Prado, e que foi apresentado em Lagoa Clara até mais ou menos 1930,<sup>92</sup> e o "Baile das Quatro Partes do Mundo" talvez o mais antigo, encenado até mais ou menos 1927 em Bom Jesus da Lapa.<sup>93</sup>

Já há algum tempo esta festa perdeu na área diversos elementos que durante muitos anos lhe foram inerentes, incluindo a cavallhada, "com a corrida em círculo", o "tiramamento de argolinha", a "fuga, ou roubo da princesa", e a "marujada", na qual grupos vestidos de marinheiro, batendo espadas, tocavam e cantavam nas ruas.

Bailes pastoris em que 12 meninas representam vários autos são ainda encenados todos os anos em Passagem Grande, no Baixo

92. Almeida Prado observa (pág. 155) que o "Baile do Galego" contém palavras (por exemplo, "rapariga") que são usadas com um significado comum em Portugal mas não corrente agora no Brasil, bem como outras comuns em Portugal, mas não em outras partes do Brasil, salvo em certas partes de Minas e São Paulo (por exemplo, *andare*, *deverire*, *gostare*), bem como pelo menos uma frase ("la pança") comum nas regiões fronteiriças entre Portugal e Espanha. Outras indicações da idade deste "baile" transpiram em palavras como "el rei" "real fragata", e "fragata à vela."

93. Outro, conhecido como "Baile dos Astros," no qual eram representados o Sol, a Lua (ou *Diana*, como era também chamada no local), a Terra e certos planetas (incluindo Vênus, Saturno, Urano e Netuno) era conhecido em Montes Claros há diversas décadas (ver *ibid.*, pág. 159).



São Francisco. Ensaiaados sob a direção de uma moradora que gosta de apresentar pelo menos um novo auto cada ano, embora a sua mãe sempre insista que “os mais antigos são mais belos e de mais religião”, tem por acompanhamento apenas um violão. O instrumento é tocado por um veterano violeiro que “sabe no lírio”, como se diz, todas as melodias e insiste em que sejam cantadas corretamente desde que o ritmo é marcado com o bater dos cajados enfeitados das 12 pastorinhas.

*Malhação de Judas.* Um ritual menos complexo de caráter secular é a “malhação de Judas”, realizada ainda em algumas localidades durante as cerimônias da Semana Santa. Em Sertão Novo, por exemplo, prepara-se antes do Sábado de Aleluia, uma efígie de Judas. Geralmente ao amanhecer desse dia é pendurada de uma alta trave na praça. Homens e rapazes se reúnem com espingardas, rifles e revólveres e “Judas” é “morto”, como se diz, sendo a efígie repetidamente visada até cair ao chão, depois do que é esfaqueada. Foguetes são então disparados em meio a alegria geral.

Sob o posto de Judas, um “chiqueiro”, tal como é chamado no local, é construído, consistindo de um cercado dentro do qual são reunidas galinhas, porcos e mesmo cavalos “roubados” dos seus donos na noite precedente. Considerados a “herança de Judas”, são divididos simbolicamente entre os participantes da festa e “resgatados” mais tarde mediante pagamentos também simbólicos dos donos, utilizando-se a renda no custeio de uma festa.

Em Passagem Grande, uma efígie semelhante é pendurada de uma árvore no Sábado de Aleluia e objeto também de um bombardeio de espingardas e garruchas. Após o toque dos sinos da igreja para “anunciar a Aleluia”, a criançada a esfaqueia completamente. Em Pesqueira, também, uma efígie representando Judas é preparada, vestida com velhas roupas e queimada numa fogueira ou destruída de outra maneira. No passado era costume construir uma “quinta” de Judas, nome local, semelhante ao “chiqueiro” de Sertão Novo. Era também tradição ler na ocasião o documento conhecido como “testamento de Judas”,<sup>94</sup> no qual a distribuição da suposta herança por ele deixada era feita a diferentes pessoas da comunidade numa linguagem em que abundavam observações satíricas. Em Retiro, no Sábado de Aleluia, realiza-se também a “queima de Judas”, durante a qual uma efígie semelhante é destruída pelo fogo. Este costume, no entanto, parece estar em desaparecimento, pois um informante acrescentou: “Quando eles não têm um Judas, botam a vitrola e tocam também viola”.

94. Em 1936, o “testamento” usado em cerimônia semelhante em Salvador, e apresentado mais tarde ao autor, consistia de mais de uma dúzia de páginas escritas em rima por um poeta local, em cada uma das quais havia aproximadamente 50 versos em cursivo.

*Lamentação das Almas*

Embora apenas sob a forma de vestígios ou simplesmente de recordações do que parece ter sido uma cerimônia muito elaborada durante a Quaresma, uma delas conhecida como "lamentação das almas" existe em certas partes do Brasil.<sup>95</sup> O ritual conta ainda com a participação ativa de considerável parte da população em numerosas localidades pelo menos nas áreas Média e Norte das Corredeiras da bacia do São Francisco. Constituída de uma curta jornada feita em várias ocasiões durante a Quaresma ao longo de um caminho pré-determinado com sete paradas,<sup>96</sup> em cada uma das quais são oferecidas orações, é em parte semelhante, se não idêntica, à jornada ao longo da Via Sacra e às preces rezadas durante o período nos centros metropolitanos, exceto por serem cantadas em vez de faladas. Em determinados intervalos usa-se também uma matraca. Varia de outra forma, contudo, por estar inserida em concepções e crenças de folk a ponto de os objetivos e o caráter geral da cerimônia terem sido alterados.

Em vez de ser, na mente popular, a comemoração da Paixão de Jesus, veio a ser considerada um esforço da parte dos vivos para auxiliar as almas dos mortos no Purgatório ou, como são geralmente chamadas, as "almas santas benditas". Durante a Quaresma, época de jejum e penitência, presume-se que as almas venham solicitar de forma mais intensa aos vivos do que em outras ocasiões, rezas e sacrifícios pessoais para reduzir-lhes as penas no além. Pensa-se também que cercam os participantes durante a jornada de "lamentação" ao longo do curso pré-determinado e durante as sete pausas, quando são cantadas as rezas. Demais disso, estas últimas, ou "benditos" como são mais comumente chamados, embora geralmente entoados em louvor a Deus, Jesus, Maria, ou um dos santos, amiúde contém elementos inortodoxos. Na própria cerimônia os penitentes se submetem em algumas localidades à flagelação (ver abaixo).

Durante a Quaresma em Pesqueira, uma, duas ou mais vezes por semana, começando na Quarta-Feira de Cinzas e terminando na Sexta-Feira Santa, um grupo se reúne para a lamentação das almas. Refletindo, talvez, a fusão de diferentes concepções de folk e, igualmente, a alteração na forma de palavras que pode ocorrer quando analfabetos usam-nas de raro em raro num período de várias gerações, a lamentação aqui e em Sertão Novo é conhecida

95. Ver, por exemplo, Pierson, 1951, pág. 172.

96. O vigário de Pesqueira, num esforço para tornar a cerimônia mais compreensível a pessoas de fora da comunidade, disse que os 7 interlúdios são "o resumo das 14 estações da igreja." Sua explicação, contudo, está em desacordo com aqueles do povo que insistem em que 7 é sempre o número certo.



como "alimentação" ou, mais completamente, como "alimentação das almas santas e benditas". Num vilarejo próximo no mesmo município, uma cerimônia semelhante é realizada nas noites de segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira de cada semana da Quaresma e, no vilarejo de Marrecas, situado nas proximidades de Pesqueira, na Quarta-Feira e na Sexta-Feira da Semana Santa. Cerimônias parecidas são efetuadas durante a Semana Santa em todos os demais vilarejos do município, com a possível exceção de um para o qual faltam informações.

Em Pesqueira, igualmente, os sete locais onde os benditos são cantados incluem, nesta ordem, o novo cemitério, onde se reúne o grupo e onde tem início a procissão, o velho cemitério, uma terceira, quarta e quinta estações, todas localizadas ao longo das ruas por onde passa o cortejo enquanto se dirige até a cerca da cidade, em um ponto quase junto a ela, e em um cruzeiro que se ergue nas margens do São Francisco, onde os participantes talvez cheguem mais ou menos à meia-noite ou uma hora da manhã. As rezas são cantadas de joelhos, em cada um dos sete lugares, sendo um Padre Nosso "puxado", em cada caso, por três "tiradores". São cantadas rezas pelos que morreram sem batismo ou confissão, ou que faleceram no parto, acometidos de várias doenças, incluindo a "malária nas cheias do rio" e de disenteria,<sup>97</sup> os que morreram de velhice, os assassinados e acidentados, incluindo os afogamentos. As rezas por estes últimos são entoadas no último local, em frente ao cruzeiro à margem do rio.

Nas jornadas, é levada uma cruz de madeira, conhecida como "cruz da alimentação", de cujo braço horizontal geralmente pende uma toalha branca em forma de "M." A cruz, de cor preta, tem mais ou menos 1,80 m de altura, com um braço de cerca de um metro. Em Lapa e outras localidades é tocada matraca durante a movimentação do grupo.

Disse um informante que no princípio do século havia sempre dois grupos de participantes em Pesqueira, o primeiro composto inteiramente de mulheres e o outro de homens, característica esta, conforme indicado, também da procissão dos Passos em Cerrado. Os grupos reuniam-se inicialmente em frente ao portão do cemitério, onde se separavam tomando diferentes caminhos durante a jornada. Os homens rezavam a sétima parada em frente ao cruzeiro à margem do rio, onde a cerimônia termina ainda hoje e as mulheres à porta da matriz.<sup>98</sup> Não obstante, quando morreu a mu-

97. Um informante usou a palavra comum: *caganeira*.

98. O informante acrescentou que "muitas pessoas foram e que os homens, em especial, cantaram bonito."

lher que durante vários anos chefiara o grupo feminino e mudou-se o homem que liderava o masculino, os grupos fundiram-se. Atualmente não há separação de sexos na cerimônia.

Antes da Semana Santa no ano de nossa pesquisa em Pesqueira, de 200 a 300 pessoas participaram de cada lamentação. Durante a Semana Santa, o número aumentou muito até que, na véspera da Sexta-Feira, quando havia sido anunciado na cidade que cerca de 200 penitentes se flagelariam,<sup>99</sup> um observador calculou que de 600 a 700 pessoas, incluindo homens, mulheres e crianças, parte considerável dos quais pertencia à classe intermediária e alguns à elite local, participaram da cerimônia.

Um homem, conhecido como “chefe”, ou “dono da alimentação”, assume a responsabilidade de dirigir as cerimônias noturnas, tendo o atual líder recebido o “encargo” do seu irmão. A obrigação é assumida por período indefinido de tempo, geralmente até a morte da pessoa ou até que, por outro motivo, passe-a a outra. Nos intervalos entre as cerimônias a cruz da lamentação e a matraca são conservadas na residência do líder.

O indivíduo não deve interromper a participação na cerimônia, segundo se pensa, sob pena de desgraça nesta ou na outra vida, desde que se assume um compromisso com as “almas santas benditas”. “Quando a gente não vai, as alma vem chamá”, disseram os informantes. “Aparecem nos cemitérios pedindo oração, rezando, vê-se luz e almas rezando ali”.

Raramente é necessária esta sanção negativa, contudo, para que os participantes cumpram a obrigação porque vigem também sanções ativas. Pensa-se, por exemplo, que como recompensa pelas rezas oferecidas em intenção das almas pode-se contar com sua ajuda na obtenção de boas graças e proteções contra o mal nesta vida,<sup>100</sup> bem como uma “boa morte” e vida feliz no outro mundo. “Quem está com as almas, está bem”, disse um informante.

No fim da tarde, hora em que todos já regressaram do trabalho e cearam, um grupo conduzindo a cruz, a matraca e uma lamparina de querosene deixa a casa do líder e encaminha-se para o cemitério, “prá chamá os irmão que estão dormindo”, reunindo-se a outros no portão, já à espera, enquanto outros começam a vir ao ouvirem o som da matraca no ar vespertino. Entrementes, a cruz é levantada junto ao portão enquanto o grupo repete: “Acordai, quem está dormindo, as santas almas do purgatório”. Ao se reu-

99. Não obstante, apenas 40 penitentes compareceram. Os demais, temerosos de boatos infundados, de possível interferência da polícia “ou medidas do governo” em virtude da presença na cidade naquele ano de repórteres e fotógrafos de uma revista do Rio de Janeiro, retiraram-se para a caatinga em volta da cidade e lá fizeram as flagelações.

100. As almas são consideradas especialmente como advogadas de causas perdidas.



nirem todos, relatou nosso pesquisador, o líder começa a cantar, prolongando cada sílaba para adaptá-la à música entoada, repetindo os demais cada frase:

Louvado see-ee-ja, louvado see-ee-ja,  
A paixão do Ree-e-eden-too-or, do  
Ree-e-eden-too-or!  
Que desceu dos ceus à terra,  
Padeceu por nosso amor.  
Irmão que está dor-mi-ndo-oo,  
Que está dor-mi-ndo-oo,  
Vamos re-mi-i-i as bendita alma,  
As zalma do pur-ga-tó-rio-o, do  
pur-ga-tó-rio-o.  
Um Padre Nosso com a sua Ave Maria,  
Seja pelo amoo-or de Deus, amoo-or  
de Deus, amoo-or de Deus,  
Amoo-or de De-uu-u-us.

Ao fim do primeiro canto, a matraca é batida lentamente e um membro do grupo, homem ou mulher, afasta-se e entra no cemitério para "tirar um Padre Nosso". A voz é ouvida à distância, entoando-o, enquanto o grupo responde.<sup>101</sup> A matraca é batida novamente e o líder entoia: "Senhor Deus e misericórdia", "Senhor Deus e misericórdia", repetindo a frase os demais membros do grupo. Em seguida, começam a percorrer o caminho das sete paradas, ou "passos", como são chamados, cantando vários "beneditos," um após outro, alguns dos quais repetidos mais tarde. Ao chegarem à parada seguinte e em todas as subsequentes, é tocada novamente a matraca e, uma vez mais, um membro do grupo se afasta para "pedir um Padre Nosso" em favor de algum grupo de falecidos. Os sucessivos pedidos são variados numa tentativa de abranger todos os principais meios pelos quais pode ocorrer a morte. Após a frase final, "Seja, seja, seja pelo amor de Deus, amor de Deus", o grupo dirige-se para a parada seguinte entoando beneditos pelo caminho.

Ao completar as seis paradas e na volta à casa, o grupo canta outra reza, começando assim:

Deus vos salve,  
Cruz bendita!  
Madero Sagrado!  
Ele foi pendendo,  
A Deus o maná.

101. Certa ocasião, uma mulher entrou no meio do mato em um dos lados do cemitério "para entrar em contato mais estreito com as almas", disse um informante, e cantou três vezes entre outras coisas o seguinte: "Dê o reino da glória por esmola", e quando uma segunda mulher fez a mesma jornada até o outro lado do cemitério e cantou as mesmas palavras, o grupo cantou: "Jesus Cristo poderoso, filho de Deus glorioso, meu Jesus tão belo, pelo seu sangue precioso". Em seguida, todos se ajoelharam e cantaram: "Senhor Deus, misericórdia". Um homem cantou a frase sozinho três vezes e o grupo repetiu depois de cada vez.

A cruz usada durante a jornada é levada em seguida à casa, onde permanece geralmente. Depois de beijada por todos os membros do grupo, é guardada e termina a lamentação da noite.

### *Penitentes*

Ligadas à cerimônia da lamentação das almas, ocorrem ocasionalmente, conforme já indicado, atividades de penitentes. St. Hilaire, em 1817, consignou (193b, I-294) “uma procissão de penitentes” em Vila do Príncipe, “na maioria... mulatos e negros livres.” No Domingo de Ramos, após o anoitecer, a procissão deixa a Irmandade de São Francisco em duas filas, vestindo cada participante “uma espécie de alva branca que lhes cobria a nuca”, cantando “com voz um tanto elevada”. Todos os participantes levavam também, na extremidade de um bastão, uma vela dentro de “uma espécie de lanterna de papel em forma de cone invertido, aberto por cima”. Atrás deles vinha o andor conduzido por quatro homens, sobre o qual havia uma imagem de Jesus carregando a cruz e, atrás do andor, um sacerdote com o Santíssimo, seguido por “uma grande multidão de povo caminhando sem ordem...”

Aparentemente, os participantes não tomavam parte na flagelação, embora este fato não fique claro no relato. É bem possível que o que St. Hilaire viu fosse parecido com uma procissão que, segundo um informante de Sertão Novo, é realizada durante as lamentações das almas na Semana Santa em Bonfim, onde “a lamentação toma forma diferente” da realizada em Sertão Novo: os devotos não se flagelam, pondo meramente uma anágua, retirando-se para lugares ermos onde “rezam 7 Padres-Nossos e 7 Ave Marias” em cada uma das 7 paradas pelas santas almas benditas do purgatório”.

Em 1859, Euclides da Cunha consignou a existência (pág. 148) de “companhias de penitentes” nos “sertões do Cariri”, na mesma região geral,<sup>102</sup> ao passo que, por volta de 1920, Lourenço Filho falava (pág. 192) de cerimônias semelhantes no Ceará. Disse um informante em Juazeiro por ocasião da primeira visita do autor ao Vale, que em Salitre e em Corredor, localidades próximas a Juazeiro, os penitentes estavam acostumados a se flagelarem durante a Semana Santa. A notícia foi confirmada por um informante que o autor conheceu em Pesqueira. Por ocasião de nossa pesquisa sistemática nesta última cidade, a flagelação era costumeira em Remanso e Barra, cidades situadas rio acima a partir de Juazeiro. Dizia-se que os penitentes ali não somente faziam parte das classes menos privilegiadas da população, mas incluíam, em alguns casos

102. Escreveu Cunha: “... companhias de penitentes que à noite, nas encruzilhadas ermas, em torno das cruzeiras misteriosas, se agrupavam adoidadamente, numa agitação macabra de flagelantes, impondo-se o cilício dos espinhos, das urtigas e outros duros tratamentos de penitência”.



pelo menos, membros do grupo intermediário. Informantes falaram também de flagelação no Pajeú, Itacuruba e Belém, localidades situadas na parte pernambucana do Vale. Nossos pesquisadores foram informados de flagelação em Pilão Arcado e observaram-na em Sertão Novo, abaixo de Juazeiro, e em Pesqueira,<sup>103</sup> num braço do rio, acima. Na área imediata de Pesqueira a flagelação é também praticada pelo menos em outra localidade.

É fato sugestivo e digno de mais investigação que todos esses locais, como os em que vivem penitentes entre os descendentes de espanhóis e ameríndios na região sudoeste dos Estados Unidos (ver abaixo), localizam-se em regiões semi-áridas onde são difíceis as condições físicas de vida e a sobrevivência do homem depende, em grande parte, de forças fora de seu controle e de suas atividades. Lembramo-nos também que os chamados "deterministas geográficos", como Ratzel e Semple, talvez com demasiada exclusividade, mas ainda com certa dose de verdade, observaram há muitos anos que a maioria das grandes religiões universais, incluindo o judaísmo, o cristianismo e o islamismo tiveram origem em terras desérticas.

Embora a flagelação corporal sob alguma forma seja característica de outras religiões, especialmente do hinduísmo, no Novo Mundo parece ser em grande parte, se não inteiramente, de origem européia.<sup>104</sup> Já no século XI, confrarias de flagelantes foram organizadas em várias grandes cidades européias, cujos membros, em certos dias pré-estabelecidos, disciplinavam-se em reparação pelos pecados próprios e de outrem. Parece que a flagelação pública, comum antes da Renascença, existiu na Europa até o século XVII. Da Espanha e Portugal o costume foi levado às Américas.

Na ocasião em que colonizadores espanhóis, por exemplo, começaram a ocupar a área que hoje constitui o Novo México e o Colorado nos Estados Unidos, o primeiro líder a cruzar o Rio Grande, Don Juan Oñate, em 1598, segundo conta uma relato, "dirigiu-se a um lugar ermo onde se flagelou cruelmente, misturando lágrimas amargas com o sangue que manava de suas feridas". A prática

103. Segundo um informante desta cidade, contudo, as cerimônias em Pesqueira "não são tão impressionantes como as de Salitre, onde fazem como uma verdadeira religião tudo que é ordenado pela tradição desde o cativo. Na Sexta-Feira Santa todos podem ver no cemitério o sangue que os penitentes deixam nos túmulos, e mesmo cheirá-los".

104. Compare-se a esse respeito a "brincadeira" conhecida como "corrida de embu" entre os Pancarus, em Brejo dos Padres, nas proximidades de Tacaratu, Pernambuco. Nessa "festa das urtigas", como um informante a chamou na presença do autor, o cansaço é usado pelos dançarinos para esfregar uns nos outros enquanto dançam, na "época do embu", ou mês de fevereiro, em três domingos consecutivos. Certo número de moças sai pela manhã cedo para buscar o embu num ponto a umas três léguas de distância, voltando mais ou menos ao meio-dia, com os cestos na cabeça. Outros alimentos como laranjas, pão, queijo, melancias, jacas e mel podem ser acrescentados aos embus nas cestas. Os dançarinos dançam em pares, dependendo do número de cestos. Os rapazes vestem apenas calças e são pintados com massa de barro da cintura para cima e as moças levam os troncos pintados. Dançam todos com um feixe de cansaço no ombro esquerdo (se homem) e no direito (se mulher). Enquanto evoluem e dão voltas, o cansaço toca nas costas um do outro, queimando. A dança dura de meia hora a uma hora. Em seguida, cada caboclo compra o cesto da cabocla, dependendo a soma dos "enfeites", isto é, das frutas que nela estão.



aqui, como de resto em outros locais, foi provavelmente apoiada e mesmo estimulada pelas pregações dos missionários franciscanos, que salientavam fortemente os sofrimentos da paixão de Jesus e permitiam a autoflagelação como ato de fé. De qualquer modo, nos vilarejos isolados e montanhosos do Novo México e do sul do Colorado, a Hermandad de Nuestro Padre Jesus conta agora com 135 centros conhecidos como *moradas* e uma afiliação total calculada em 1.200 homens. Nas proximidades de cada morada há uma colina, chamada de "Calvário", onde geralmente se ergue uma cruz. Nas Quarta, Quinta e Sexta-Feiras da Semana Santa, os membros da irmandade, alguns nus da cintura para cima, vergados sob pesadas cruzes de 3 metros de altura, alguns com cactos espinhosos em torno do peito, outros se flagelando com folhas curtas de iúca até que o sangue lhes ensope as calças e terceiros rastejando sobre pedras agudas com os joelhos lacerados fazem uma procissão da *morada* ao Calvário. Todos recitam preces de penitência. As atividades da Irmandade incluíram outrora a crucificação — prendendo-se um penitente à cruz com cordas de crina de cavalo ou, às vezes, segundo se comunicou, mesmo com cravos. Durante muitas décadas reprimidas pelas autoridades da Igreja Católica Romana e as autoridades civis, as cerimônias foram realizadas clandestinamente até 1947, ocasião em que, após ter sido seu caráter um tanto minorado, permitiu-se que continuassem abertamente, embora as flagelações mais sérias, segundo se informou, ocorram apenas nas *moradas*.

Em Pilão Arcado, na parte baixa do Médio São Francisco, em ano recente segundo o líder do grupo na cidade, 38 penitentes flagelaram-se ou, como se diz no local, "cortaram-se" durante a Semana Santa. No mesmo ano foram aceitos no grupo 12 novos penitentes, variando suas idades dos 16 aos 20 anos. O chefe, conhecido por um de nossos pesquisadores, era um homem vigoroso de uns 58 anos, um mulato escuro, cordial e desembaraçado. Membro mais antigo do grupo, contou que começou a flagelar-se cerca de 40 anos antes. Embora ele, como outros penitentes (ver abaixo) acredite firmemente que "após os 7 anos de penitência a ida ao céu está garantida", ele e vários outros flagelaram-se durante todos os anos da vida adulta. Todos os penitentes locais, disse ele, moram na sede do município. A flagelação, ou "alimentação", como é chamada, aqui como em outras localidades, incluindo Pesqueira, está ligada à cerimônia da lamentação das almas. Começa no cemitério e continua em cada um dos sete passos da procissão alusiva. Em seguida, os penitentes entram na água ou saltam no Rio São Francisco e lavam as feridas, aplicando depois azeite doce sobre elas. O chefe disse que não deixa que ninguém, "exagere", isto é, corte-se demais, "caia e não possa terminar".

Não é claro quando o culto dos penitentes começou a funcionar na área em volta de Sertão Novo, na Seção Norte das Corredeiras do São Francisco. Aparentemente, houve um grupo na própria ci-



dade no início deste século e o culto pode ter existido em data anterior. Aparentemente, também, debandou com o aparecimento do grupo que hoje realiza os ritos na Ilha do Toré.

Um morador da cidade de Sertão Novo, de cerca de 45 anos de idade, disse que ouviu falar dos penitentes “desde que começou a se entender.” Uma mulher idosa recordou que, há muitos anos, quando era criança, um grupo de penitentes costumava percorrer as ruas da cidade, “cantando e rezando em altas vozes.” O pai pertencia ao grupo e, “como os outros, usava uma toga”. Não sabia, contudo, se era praticada a flagelação, fato que poderá ou indicar a ausência na época desses ritos dado o sigilo que geralmente os cercam. Outra mulher idosa disse que o grupo, durante a Semana Santa, costuma acompanhar às escondidas a procissão do Senhor Morto, que se reuniam no cemitério e na igreja agora em ruínas conhecida como Igreja Velha, onde subiam para o compartimento do coro e “com permissão do padre local, penitenciavam.” Acrescentou que embora nunca os tivesse visto, ouviu golpes de correias de couro, ou “disciplinas”, como eram chamadas. Lembrava-se também que quando deixavam a igreja, “sempre apagavam as velas e outras luzes que levavam para que outras pessoas não soubessem quem eram.” Um dos homens mais idosos da cidade disse que se lembrava de ter ouvido “pouco antes da cheia de 1919” que “Alexandre,<sup>105</sup> o velho pai de Joaquim, fazia trabalhos de penitente junto à Igreja Velha.” Outro indivíduo contou em Sertão Novo que os penitentes costumavam reunir-se “nesta cidade no tempo de João de Deus,” indicando um velho conhecido.

O pai de um dos dois líderes do grupo atual existente na vizinha Ilha do Toré chegou à comunidade em 1912 depois de ter sido penitente em Pajeú e Itacuruba, localidades não muito distantes, em Pernambuco. “Era difícil não ser penitente lá,” disse o filho, “fosse rico ou pobre.” Não obstante, quando seu pai chegou a Sertão Novo, disse o informante referindo-se à flagelação, “o mais véio aqui não usava ela e meu pai não quis usá ela sozinho.” Mas logo que o outro líder do grupo atual chegou à ilha, tendo morrido o pai no intervalo, o filho e o colega “começaram a trabalhar”, como disseram, adotando neste caso a mesma terminologia usada pelos membros do toré (ver abaixo), ao qual ambos pertencem. O segundo líder disse que os “trabalhos” na ilha começaram em 1938.

Um idoso residente de Pesqueira, na parte baixa do Médio São Francisco, disse que ouviu falar de reuniões de penitentes na cidade “já em 1860.” Outro informante, um “benzedô”, contou que “os penitentes aqui são de longa data,” declaração esta confirmada pelo vigário local por ocasião de nossa primeira visita ao Vale. Apesar disso, outro informante declarou que os penitentes apare-

105. Disse também esse homem que era “dançador de São Gonçalo”.



ceram em Pesqueira “apenas depois de 1904” e que antes “havia apenas lamentação das almas.” É possível que o sigilo em que são costumeiramente praticados os ritos seja responsável por esta impressão, ou mesmo que tenham desaparecido durante algum tempo.

Os penitentes da Ilha do Toré, segundo seus líderes, reúnem-se nas noites de segunda-feira, sexta e sábado durante o mês de maio, na primeira e segunda noite de novembro, nas noites de segunda, quarta e sexta das sete semanas da Quaresma, e “em todas as seis noites” da Semana Santa. Embora as reuniões ocorram muito depois do anoitecer, nem todos os membros do grupo se flagelam em cada ocasião. Em vez disso, fazem-no apenas dois ou três, seguindo-se a vez de número semelhante em cada sucessivo “trabalho”. Em Pesqueira, segundo o líder, os penitentes reúnem-se na Quarta-Feira de Cinzas e, novamente, na segunda, terça, quarta, quinta e sexta-feiras da Semana Santa. Os que se flagelam na Quarta-Feira de Cinzas fazem-no apenas na Sexta-Feira Santa, exceto nos casos em que o homem fez promessa de “cortar-se noutro dia”. O penitente, destarte, pode ter prometido flagelar-se todas as quartas-feiras durante a Quaresma, ou cada quinta-feira, e, “feito o voto, deve cumpri-lo”, como amiúde se ouve dizer nesta e em outras combinações. Nas demais noites da Semana Santa, ele simplesmente acompanha os flagelantes e ‘pratica’, segundo se diz, com pequenos ramos de árvores.

Os penitentes reúnem-se na Ilha do Toré e nunca na cidade de Sertão Novo, na margem norte do rio, próxima, “porque o povo da cidade é ignorante e não nos deixa trabalhá lá,” disseram os líderes. A flagelação é feita no patamar da capela, colocando-se areia no chão para que não fique manchado de sangue, no cemitério local, e nos vários cruzeiros da área imediata. Um dos líderes disse que “gosta muito de fazê na cruz.” O grupo costuma também visitar as casas dos que lhe pedem para cantar rezas e lá se flagelarem, embora os moradores não possam vê-los — mas apenas ouvir de outra sala.<sup>106</sup> As rezas são sempre entoadas com os penitentes de joelhos. Um dos líderes disse que quando alguém lhes pede “pelô amor de Deus para ir a sua casa”, sempre vão, “mesmo que seja noite de chuva” ou em quaisquer outras circunstâncias, “porque, sendo a palavra de Deus, a gente tem que ir.” Casas “com cruz” são também visitadas, “mesmo quando a pessoa não pede.” Em Pesqueira, no passado, a flagelação ocorria apenas em lugares ermos, inteiramente oculta dos olhos de leigos. Em

106. Um homem na Ilha do Toré que regularmente pede aos penitentes que incluam sua casa entre os lugares de visita, disse que a única vez que viu “mesmo as formas dos homens” quando eles se encontravam no interior de sua residência, foi uma vez em que ele e a família foram chamados para beijar a cruz durante o ritual. Ao entrar na sala com família, os penitentes estavam, sem exceção, de joelhos, com as mãos cruzadas no peito, em silêncio. Depois de se retirarem ele e a família, contudo, continuaram os cantos. Serviu-lhe água e café para beber, beijos e sal para “limparem os corpos depois que eles ‘disciplinarem’.



anos recentes, contudo, tem acompanhado a distância a procissão de lamentação das almas na Semana Santa. Os penitentes partem do centro da Rua dos Pescadores, vão até o cemitério e voltam pelo cruzeiro do mesmo bairro, onde havia uma capela. Da mesma maneira num vilarejo vizinho, os penitentes acompanham a alguma distância os devotos da lamentação.

Embora o grupo dos penitentes de Sertão Novo, por ocasião de nossa pesquisa, não contasse com mais de 30 membros, o de Pesqueira, informou o vigário a um dos colegas do autor na ocasião de nossa primeira visita ao Vale, possuía naquele ano "aproximadamente 200." O número havia aumentado nos anos imediatamente precedentes depois de passar por sucessivos períodos de apoio e estímulo de parte das autoridades locais, "não tendo havido mais de dez" alguns anos antes, segundo disse o vigário. No ano seguinte à nossa primeira visita, participaram 152 penitentes, segundo um informante ou, na opinião de outro, 170. No ano seguinte, quando foi feita a pesquisa sistemática, dizia-se que o número alcançava 198, incluindo os que haviam chegado à cidade vindos de vilarejos ou povoados vizinhos, bem como de Remanso, onde as autoridades haviam proibido a flagelação naquele ano.

Em Sertão Novo e Pesqueira participam apenas homens, embora se admitisse neste última cidade que uma mulher poderia fazê-lo para cumprir uma promessa. Notou-se também que uma ou outra mulher faz o voto de acompanhar o grupo, sem, contudo, flagelar-se. Em Pesqueira, a maioria dos penitentes é constituída geralmente de homens do local, embora haja, como foi informado o autor na sua primeira visita ao Vale, um número considerável de pessoas que vêm de zonas mais ao norte. Na Ilha do Toré e em Pesqueira o grupo é composto de pessoas do estrato mais baixo da população.

Em Pesqueira quase todos são pescadores ou lameiros, embora alguns noviços, no ano de nossa pesquisa, fossem jovens que trabalhavam nos armazéns locais. Mulatos e pretos relativamente puros predominam, mais ou menos na mesma proporção, como aliás no próprio grupo de baixo *status*. A participação, portanto, não constitui questão de raça ou cor. Na Ilha do Toré, contudo, os participantes são predominantemente pessoas de ancestralidade ameríndia ou africana, ou uma mistura de ambos e, ocasionalmente, de ascendência européia.

Conforme aludido acima, são dois os líderes do grupo de penitentes da Ilha do Toré, ambos conhecidos como "decuriões". Um deles é um barqueiro que transporta madeira e mercadorias de barco e, o segundo, lavrador. Um é preto e o outro um homem de ascendência ameríndia relativamente pura.<sup>107</sup> "Os mais antigos" e que conhecem melhor as rezas usadas no ritual, exercem certa

107. Ambos são "guias" da dança de São Gonçalo, descrita acima.



medida de controle social. Certa vez, por exemplo, depois de reunido o grupo, um dos decuriões criticou certos defeitos dos companheiros, incluindo o hábito de andarem armados durante o ritual. Reprovou também, de maneira suave e indireta, um dos mesmos que não havia comparecido.

Por ocasião de nossa primeira visita ao Vale dizia-se haver dois líderes, ou "donos", como eram chamados, na cidade de Pesqueira, ambos os quais até pouco antes de nossa chegada haviam chefiado grupos diferentes.<sup>108</sup> Contava-se que ambos tinham "alguma força política" e que eram muito respeitados pelos colegas penitentes. Pela ocasião em que a pesquisa sistemática foi iniciada, contudo, o grupo era dirigido apenas por um deles. Dizia-se que o antigo líder havia sido um homem chamado João Gato. Quando estava para morrer, "entregou" a liderança a Melquíades-por-Baixo que, quando faleceu, "entregou tudo" ao atual líder. Num vilarejo próximo, o líder na ocasião da pesquisa era um homem de uns 25 anos, que ensinava numa escola particular e era conhecido na zona pela sua habilidade em "disciplinar as crianças e fazê-las aprender." Não obstante, incapacitado durante a Semana Santa desse ano por uma doença que lhe afetou temporariamente a voz, entregou a direção dos ritos a outro jovem de mais ou menos a mesma idade.

Varia consideravelmente na Ilha do Toré a idade de ingresso no grupo, não havendo, ao que tudo indica, especificação de máximo ou mínimo a este respeito. Do grupo existente por ocasião da pesquisa, por exemplo, participavam dois meninos, um de 12 e o outros de 13 anos, bem como um de 9 anos. Em Pesqueira, a idade de ingresso varia, de modo geral, entre 15 e 40, embora entre os que se tornaram membros no ano da pesquisa a maioria fosse constituída de rapazes de 15 a 18 anos. Numa flagelação realizada num bairro próximo, todos os participantes eram rapazes entre as idades de 15 a 17 anos.

A fim de ingressar no grupo dos penitentes da Ilha do Toré a pessoa precisa, disse um dos líderes, apenas "mostrar que está interessada, falando com um dos decuriões," declaração esta apoiada, em outra conversa, pelo outro líder, que acrescentou que um dos decuriões, num dia de penitência, consulta outros membros "para ver se há alguma desavença pessoal," antes de dar uma resposta definitiva ao candidato. Se há contínua objeção a ele, não é aceito "porque é importante que sejam amigos todos dentro do trabalho."<sup>109</sup> Se aceito, o neófito recebe instrução dos decuriões a respeito de seus deveres e obrigações. Um dos líderes disse que o neófito "deve disciplinar-se (isto é, participar da flagelação) logo

108. Como os líderes da Ilha do Toré, eram ambos chefes da roda local de São Gonçalo.

109. O outro líder disse que se dois penitentes tivessem uma desavença, "teriam que terminar ou de deixar o grupo".



no primeiro serviço," a fim de evitar-se que, conhecendo os demais membros do grupo, "possa delatá-los." "Tem que ripá o ferro logo, porque... entrando logo no ferro, num conta," porquanto sua própria participação pode, neste caso, ser facilmente apurada.<sup>110</sup> O ingresso no grupo em Pesqueira, contudo, constitui geralmente resultado de uma promessa ou voto com referência à salvação e à proteção das almas do purgatório. No ano de nossa pesquisa sistemática havia 13 noviços entre os penitentes locais, alguns deles, conforme indicado, jovens que trabalhavam em armazéns e outros do interior do município. Na primeira quarta-feira da Quaresma, o grupo reuniu-se em segredo para instruir os iniciados.

Antes de começar a "se cortar", disse um penitente em Pesqueira, o noviço "treina" durante várias noites com a "disciplina". No dia em que vai comparecer a uma verdadeira flagelação faz um juramento solene na presença do líder enquanto se ajoelha diante da cruz dos penitentes e repete: "Eu juro pelo sangue de meu Senhô Jesus Cristo que como vois derramô por nois vosso santo sangue, eu também derramarei meu sangue em benefício das almas", depois do que repete um "Padre Nosso" por "todas as almas". Flagela em seguida as costas com ramos de árvore, preferivelmente de faveleira, e recebe também um "açote" de todos os demais penitentes.

Uma vez tenha início a devoção, não deve abandoná-la pelo menos durante sete anos sob pena, segundo se pensa, de sérias consequências de ordem sobrenatural. Em Pesqueira, por exemplo, diz-se que se o penitente não continuar durante sete anos, "as almas vem cortá". Em outras palavras, se o penitente não se flagela, como prometeu, as "almas santas benditas" realizarão pessoalmente o suplício. Contam penitentes que quando se "esquecem" de flagelar-se nas ocasiões marcadas, "na época certa começam a sentir uma coceira nas costas" que os obriga a cumprir a obrigação. E na ocasião em que um homem não acompanhou os demais, como costumava fazer, disse um informante, "as almas pegaro ele, quasi acabaro com ele, rasgaro até a roupa dele, e ele ficou doente."

Mesmo que se mude da localidade, espera-se que, no dia marcado, onde quer que esteja, pratique a flagelação. Em Salitre e em Pesqueira acredita-se que os que morrem antes de completar a flagelação durante sete anos "precisam voltá para completá." Um informante contou o caso de um rapaz que precisava ainda de três anos para completar com os sete quando morreu e que "voltou e pediu aos irmãos prá continuá com a penitência, por ele, para ele não mais sofrê..." Acrescentou o informante: "Isto é uma coisa muita séria, um grande sacrifício por amor de Deus." Depois de

110. Não obstante, um homem de mais ou menos 25 anos que era penitente havia cinco anos, disse que não "se disciplinou" logo na primeira vez, mas somente depois de estar presente com outros penitentes em alguns trabalhos. Outro penitente contou também que conhece um menino que depois de entrar no grupo aos 9 ou 10 anos de idade, "disciplinou-se" somente depois de dois ou três anos.



sete anos, acredita-se que o penitente "tem a salvação garantida," e pode desistir. Se, contudo, fizer um novo voto, precisa completar um segundo ciclo de sete anos.

Contou o vigário de Pesqueira por ocasião de nossa primeira visita ao Vale que os penitentes procuram fazer os sacrifícios na crença de que assim "estarão salvos espiritualmente," crença esta que não conta com sua aprovação. Parece também estar envolvida na mente do povo, conforme também sugerido, a possibilidade de garantir a ajuda sobrenatural das "santas almas benditas" em casos de doença e outros problemas pessoais. Um morador da Ilha do Toré disse que "sete anos nós oferecemos a Deus e aos santos como penitência e sacrifício pelos nossos pecados." Um segundo opinou que era "para descontar pecados" e, um terceiro, "levar metade de nossos pecados." Ainda outro residente, refletindo a tendência de um complexo cultural de continuar após esquecida sua finalidade original, observou: "É porque nós vimos que o mais veio assim, mas não sabemos o significado." Ainda outro, aparentemente refletindo certa confusão sobre o propósito original e mesmo presente, disse: "Acaba com os pecados. Leva o sangue ruim." Um dos líderes do culto na ilha, ao ser interrogado a respeito desta última afirmação, respondeu: "Pode ser. A pessoa pode tá com sangue grosso e afluí até o sangue." O outro líder, interrogado sobre o mesmo assunto, comparou a flagelação num dado momento a "tirá ventosa e os resultados benéfico." Indagado sobre a origem dos penitentes, disse que "não sabia bem," mas acrescentou que Padrin Cirço (Padre Cícero) ordenara aos romeiros que fizessem penitência, "embora eu não sei se era ou não a dos penitentes."

Um dos líderes contou que embora no Pajeú sempre tivesse usado um vestuário especial durante os ritos, e que "os mais véios sempre disseram que era assim também aqui," nenhum trajo especial, exceto um lençol, era usado quando chegou à ilha. Quanto ao presente costume, "foi eu que fiz mesmo, da minha cabeça."

Este costume consiste de uma batina e um capuz. A batina, feita de chita preta com bolinhas brancas, é usada dos ombros até os joelhos. No peito há um grande cruzeiro branco e, em cada um dos quatro cantos, uma pequena cruz. No centro das costas há uma cruz (não um cruzeiro) e em cada um dos quatro cantos, outras cruces, como na frente. Uma corda conhecida como "cinto", ou "Corda de São Francisco", como a chamam os penitentes, rodeia a batina. A cabeça é coberta com um capuz que cai até o peito para esconder o rosto. É também de chita, mas ao contrário da batina, branco com bolinhas pretas. Na parte superior do capuz há duas cruces pretas e, entre elas, uma bola, também preta. Na parte que desce até o peito existem duas cruces algo maiores, de igual tamanho e também pretas.<sup>111</sup> Quando não existe estranho em volta que

111. Disse o líder: "O preto vive com o branco e o branco com o preto".



possa reconhecer os penitentes, a parte que desce sobre o rosto é atirada para trás. Mas, tão logo ele se aproxima de uma casa ou está prestes a encontrar alguém na trilha, o capuz é puxado sobre o rosto.<sup>112</sup> Em Pesqueira, aqueles entre os penitentes que vão flagelar-se em determinada noite usam um saiote de pano branco, chamado de "anágua", da cintura até os joelhos, e um pano enrolado na cabeça. O resto do corpo permanece nu.

Conforme indicado, o segredo constitui característica básica do culto. Presume-se que a identidade de cada penitente seja revelada somente na hora da morte, quando é vestido com as roupas apropriadas e nelas sepultados. Espera-se que os companheiros compareçam ao enterro mas não se identifiquem, de maneira alguma. Somente os líderes são publicamente conhecidos, de modo que a pessoa interessada em ingressar no grupo sabe com quem falar porque, pelo menos na Ilha do Toré, constituem meio de contato entre os penitentes e outros indivíduos "que podem apreciar o serviço", como disse um dos líderes, "e gostam que sejam feitas rezas em suas casas."

Tão eficaz parece ser essa tentativa de sigilo na área de Sertão Novo que numerosos habitantes da cidade, situada do outro lado do canal do rio que a separa da Ilha do Toré, ou não sabem da existência dos penitentes na área ou têm apenas idéias vagas e difusas a respeito deles. Um cidadão bastante importante na cidade disse desconhecer que os houvesse na zona. Outro indivíduo, um dos líderes da cidade, informou que muito embora lembre-se de tê-los visto na própria Sertão Novo quando era rapaz, tendo eles "vindo a certas casas", onde rezavam e recebiam alimentos, "não há mais penitentes em lugar algum por aqui." Um dos principais líderes políticos da área disse que estava "absolutamente certo" de que não existiam nas ilhas das proximidades de Sertão Novo, acrescentando: "Algumas pessoas dizem que existem, mas estão enganadas." Outro morador acrescentou que, embora tivesse ouvido falar neles, nunca tentou vê-los nos seus trabalhos porque "se eu fosse descoberto, eles correriam atrás de mim e procurariam me dar um açoite."<sup>113</sup> Um dos líderes da Ilha do Toré esclareceu que embora sua esposa e filhos provavelmente saibam quando ele "está no serviço", não lhes diz quando sai: "vou trabalhar". Se alguém pergunta por ele nessas ocasiões, a esposa geralmente responde que "foi pescar".

Uma viúva que morou em Salitre disse que nessa localidade, mesmo quando a esposa desconfia que o marido é penitente, "nun-

112. Um dos líderes disse que deveria haver uma roupa diferente para cada dia, mas que só tinha meios para comprar aquela. Alguns penitentes, por ocasião de nossa pesquisa, estavam tendo dificuldades para arranjar mesmo uma e pediam esmolas para comprá-la.

113. Um dos líderes dos penitentes de Ilha do Toré disse que eles "nunca correm atrás de ninguém", embora quando vêem alguém espionando-os, façam zoadas para espantá-los" e que se em vez de ir embora, a pessoa continua a aproximar-se eles mesmos é que correm para não serem conhecidos.



ca fala de suas suspeitas a ninguém e faz o maior segredo.” E acrescentou que tinha certeza que seu marido fora penitente, tendo visto cicatrizes nas suas costas. O marido, contudo, havia-lhe dito que “não fica sinal, é uma coisa de Deus... Eu não sei...” Em Pesqueira, igualmente, o sigilo costumava ser uma das características principais do culto e as expectativas a esse respeito exercem ainda força considerável junto a numerosos participantes. Um informante disse que se uma pessoa vê por acaso cicatrizes nas costas de alguém e lhe diz, “Ah, você é um penitente!” o indivíduo interpelado nega o fato e talvez acrescente: “Eu caí numa macambira (espinheiro)”.

Durante nossa primeira visita ao Vale, o vigário de Pesqueira contou que a identidade dos penitentes locais, com exceção do líder, raramente é conhecida. Nesta cidade pensa-se também de modo geral que se uma pessoa aproximar-se demais e houver possibilidade de que a identidade de um ou mais deles seja descoberta, “dão uma carreira nele.”

Apesar de tudo, o ato de flagelação em Pesqueira por ocasião de nossa pesquisa sistemática havia-se tornado estreitamente relacionado, conforme indicado acima, com a cerimônia da lamentação das almas e, conseqüentemente, a atividade dos penitentes tornara-se bastante geral na cidade. Um antigo delegado de polícia disse que “viu-os, mas escondidos” em 1926 e, mais uma vez, em 1945, quando tentaram vir à praça em frente a igreja, mas que impediu tal ação. Sentindo-se apoiados, todavia, por pessoas de influência política na área, os penitentes começaram a estender seus desfiles cada vez mais em direção ao centro da cidade e, em 1947, chegaram às portas da matriz, onde outros moradores, pela primeira vez, observaram-lhes os trajes manchados de sangue. Não obstante, permanecem ainda separados dos participantes da cerimônia de lamentação das almas em pelo menos 20 metros, de modo que, em virtude da distância e da escuridão, é difícil, se não impossível, identificar qualquer dado indivíduo.

Certas proibições, estabelecidas pelos membros para seu próprio comportamento, não se aplicam aos demais moradores da comunidade. Durante os períodos de flagelação, em especial nas semanas da Quaresma, devem abster-se de relações sexuais, proibição esta comum pelo menos na Ilha do Toré, Salitre e Pesqueira. Durante tais períodos, “um penitente não deve beber, dançar, nada disso”, informou o líder do grupo na Ilha do Toré, “nem cortar o cabelo nem usar de vaidade.” Deve igualmente jejuar a determinados intervalos. Se não cumprir a proibição, bem como as prescrições comuns à comunidade em que vive, será expulso do grupo. Em Pesqueira, nenhum penitente, disse um deles, come coisa alguma que “padece morto” na quinta-feira da Semana Santa. Na noite desse dia toma café e, na Sexta-Feira Santa, ao meio



dia, come novamente a denominada "ceia do meio dia", a fim de preparar-se para a qual pede esmolas em cinco casas. Nenhum outro alimento é ingerido até 11 horas do dia seguinte ao seu ato público de penitência. Ao terminar o jejum, rezam: "Ó, meu Jesus! Adiante de vosso sacrifício, eu que sou filho de uma carne tão podre, é injusto receber o vosso benefício. Eu vos ofereço todos os sacrifícios que fiz por intenção de minha alma."

Na Ilha do Toré são usados nos ritos uma cruz de madeira, conduzida por um dos líderes e invariavelmente benzida com água benta, um búzio, feito de chifres de boi, perfurado, e grosseiramente trabalhado, "pra chamá os penitentes", como disse um dos líderes, "prá que eles saibam que os outros estão se reunindo," e um apito, semelhante aos dos guardas-civis das cidades, usado pelos líderes para anunciar de longe presença a outros penitentes. O búzio, que produz um som alto e grave é ouvido a grande distância. Geralmente, é emitida uma nota longa, seguida imediatamente por sons sincopados que poderão ou não terminar numa repetição da nota inicial longa. À medida que o grupo percorre a estrada e aproxima-se da casa de outro penitente, o búzio e, ocasionalmente, o apito, são usados para estabelecer comunicação com ele. A cruz, usada na cerimônia de lamentação das almas que se segue, tem idêntico uso em Pesqueira e num bairro próximo durante os ritos da flagelação. A que foi observada em uso aqui tinha a seguinte inscrição em letra de forma: "As almas santas benditas do purgatório", ao passo que a do bairro próximo dizia: "I.N.R.I. — Benditas Almas do Purgatório".

Os iniciados fazem a primeira flagelação com as folhas de uma planta espinhosa, geralmente a faveleira. São elas usadas também no início de atos mais sérios de flagelação posteriores por todos os penitentes. O ato mais sério, contudo, é realizado por meio de um instrumento cortante, geralmente chamado de "disciplina", embora também de faquinha" em Pesqueira. Na Ilha do Toré, consiste de 3 lâminas afiadas nos bordos e nas pontas presas a uma correia de couro. Normalmente, é guardada na casa de um dos líderes do grupo. Lâminas semelhantes, geralmente três em cada disciplina, são usadas em Pilão Arcado. Em Pesqueira, empregam-se de uma a quatro lâminas de faca, preparadas pelo ferreiro local. Cada lâmina tem cerca de cinco centímetros de comprimento. Quando existe mais de uma, são presas juntas e firmemente, paralelas entre si, num engaste de couro, de onde sai uma correia.<sup>114</sup> A disciplina usada num bairro próximo consiste de um pequeno

114. É possível que o número de superfícies cortantes seja ocasionalmente maior em cada caso. Compare-se, por exemplo, a descrição seguinte, publicada em *O Cruzeiro*, de 26 abril de 1952: "... de cuja extremidade (da disciplina) pendiam seis pequenas e afiadas navalhas".



pedaço de madeira, de onde pendem dois pedacinhos de faca, de mais ou menos dois centímetros de comprimento por um de largura e recentemente afiados. A madeira é presa a uma fita de matéria plástica tirada de um suspensório.

O ato de flagelação, ou "cortação", como é geralmente chamado pelos participantes, é efetuado na Ilha do Toré batendo-se nas coxas e nádegas com a disciplina, enquanto se cantam as rezas apropriadas. Ao serem perguntados os líderes porque batem nessa parte do corpo enquanto cantam,

Corta, corta, disciplina,  
Nas costas dos Penitentes,

explicaram que a flagelação costumava ser feita nas costas porque "naquele tempo os homens sempre usavam camisa quando trabalhavam e, assim, era fácil manter os segredos deles."

Ao chegar ao local da flagelação na Ilha do Toré, o líder pergunta se "por amor de Deus, há homens que vão se flagelá?" Os que fizeram promessa de fazê-lo naquela noite, tiram as roupas e, nus, ajoelham-se diante da cruz e, tomando a ponta do couro na mão, giram-no para a direita e para a esquerda, atingindo as nádegas. A penitência aqui e em Salitre é feita em grupos de duas pessoas e, à medida em que prossegue, uma reza inteira é cantada, podendo ela continuar durante vinte ou trinta minutos. Um de nossos pesquisadores, nas quatro ocasiões em que esteve presente, observou que ninguém dava descanso à disciplina até terminar a reza.

Conforme o explicado acima, o ato de flagelação é meramente parte de uma cerimônia especial que inclui também demorado canto de rezas. Em certa ocasião na Ilha do Toré, por exemplo, diversos penitentes partiram à noite por um caminho, com o líder à frente carregando a cruz, coberta por um pano preto, enquanto todos cantavam, recolhendo outros membros ao longo da marcha. O búzio era usado de tempos em tempos "para chamar o resto." Alguns cantavam mais alto e outros mais baixo. O líder informou mais tarde que, antigamente, costumavam cantar aos pares e que agora, quando dá vontade, "alguns alteram a voz" durante um curto intervalo. Ao chegarem a um lugar em plena escuridão, sob um juazeiro, pararam durante algum tempo enquanto esperavam que o resto do grupo se reunisse. Cada recém-chegado dizia "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!", respondendo os demais membros de idêntica maneira. Ajoelhava-se em seguida em frente à cruz e rezava o padre nosso ou o "Pela Hora", depois do que a beijava. Entrementes, os demais vestiam seus trajes cerimoniais.



Reunidos todos os membros do grupo, ajoelharam-se e, enquanto faziam o sinal da cruz, rezaram:

Pelo sinal da Santa Cruz,  
Livrai-me, Deus, Nosso Senhor,  
dos meus inimigos!

Repetia-se, então, o Credo da Igreja Católica Romana e era cantada outra "reza" de quatro versos, cuja primeira estrofe era a seguinte:

Pecador me confesso a Deus  
Todo Poderoso!  
Bem aventurado sempre  
Virgem Maria!  
Bem aventurado São João  
Batista!  
Bem Aventurado São Miguel  
Arcanjo!

Terminava a reza repetindo todos em uníssono:

Nosso Senhor Jesus Cristo!  
Amem!

Cantava-se, em seguida outra reza, cuja primeira estrofe era a seguinte:

Meu amado Jesus, José e Maria,  
Joaquim e Ana,  
Eu vos dou o meu coração  
E a alma minha  
Eu vos dou o meu coração  
E a alma minha!

Era, então, repetido, em coro, o seguinte:

Um "Padre Nosso" e uma "Ave Maria"  
oferecido ao Santo Cruzeiro  
intenção  
dos Penitentes, pelo amor de Deus!

seguido pelo canto de um "Padre Nosso" e uma "Ave Maria", depois do que palavras e rezas semelhantes eram dirigidas, por seu turno, a Nossa Senhora da Conceição, São Roque, São Sebastião, São Bento, Nossa Senhora do Desterro e à Santíssima Virgem.

Mudava-se depois a melodia, cantando os decuriões a estrofe seguinte:

Louvor a São Silvestre,  
Arcançou beirando Deus!  
As graças que arrecebemo  
Grande na terra e nos céus;  
As graças que arrecebemo  
Grande na terra e nos céus,

depois do que todos cantavam os dois últimos versos pela segunda vez.

Mais quatro (e diferentes) estrofes eram cantadas pelos decuriões, repetindo o grupo, depois de cada estrofe, os últimos dois versos, em seguida ao que, inicialmente os dois decuriões e, após, o resto do grupo, levantavam-se e todos os penitentes continuavam a andar pelo caminho, um deles carregando a cruz e todos cantando:

Alevanta pecadô!  
Vamo fazê oração,  
que é um remédio divino  
De um sagrado coração.

Enquanto caminhavam os penitentes, mais dez estrofes desta reza eram cantadas e, subsequentemente, outras, que fossem por acaso lembradas. Ao chegarem a um cruzeiro à beira da estrada, paravam e cantavam diversas rezas. Aproximando-se finalmente da casa onde iam executar o ato de flagelação, ou, como se diz algumas vezes, "realizar o trabalho", os decuriões cantavam:

Quedê, o senhô desta casa  
Que dentro dela entremo  
Conta os passos dum senhô  
Que aqui trazemo!

O grupo inteiro repetia a estrofe. Dez outras eram cantadas de maneira semelhante, depois do que a cruz era conduzida e colocada sobre uma mesa no cômodo principal da casa. Isolados ou em duplas, de cada vez, os penitentes ajoelhavam-se para beijar os santos da casa, que a família havia posto sobre a mesa, cantando-se em seguida várias rezas. Começava a flagelação, enquanto o grupo cantava:

Corta, corta, disciplina,  
Nas costas dos Penitentes!  
Irmão disse quem se corta  
não doi.



Interrompendo momentaneamente a flagelação, o grupo cantava:

Senhô Deus Misericórdia,  
Misericórdia ao Senhô  
Misericórdia vos peço,  
Esse grande pecadô!

Recomeçava a flagelação, cantando o grupo várias outras estrofes, entre elas as seguintes:

Valhei-me, Menino Deus,  
e a flore em que nasceu,  
e a hóstia consagrada!  
Vive a cruz em que morreu!  
Oferecemo esse bendito  
Ao Divino Redentô,  
intenção das alma toda,  
só não a do jogadô.

Terminado o ato de flagelação, com todos os penitentes ainda de joelhos, os líderes cantavam "como despedida" estas estrofes, as duas primeiras das quais eram:

Senhor Deus misericórdia,  
Misericórdia ao senhô,  
Misericórdia vos peço,  
Estes grande pecadô.

Ao padre nosso  
Com Ave Maria  
Oferecendo ao coração de Jesus  
Em tenção do dono da casa.

Os líderes, segurando a cruz, cantavam então:

Valha-me, a santa cruz da  
amargura!  
É tão alta e tão segura  
Que nos livre do inferno  
E a toda as criatura.

ao que os demais respondiam, repetindo três vezes os versos seguintes:

Piedade, Senhor!  
Piedade, Senhor!  
Piedade!  
Ai de nois pecadô!

Os penitentes deixavam em seguida a casa e formavam uma linha, com as cabeças cobertas. Um dos decuriões soltava um apito informando os moradores da casa que podiam sair do cômodo onde haviam estado durante os ritos e o grupo cantava:

Era uma hora;  
da cruz pendente  
Meu Deus amado  
dos penitente.

Era duas hora;  
da cruz pendente  
Meu Deus amado  
dos penitente.

E assim por diante em numerosas outras estrofes até que um dos decuriões soprava o apito. As pessoas da casa se retiravam e os penitentes voltavam à sala.<sup>115</sup> Encontrando esmolas junto à cruz, rezavam:

Bendito louvado seja  
O Divino São Vicente!  
Quem fô filho de Jesus  
Dê esmola aos penitente!  
Quem fô filho de Jesus  
Dê esmola aos penitente!

Concluía-se a cerimônia com a reza seguinte, repetida três vezes:

Valha-me a cruz Santa de  
Amargura!  
É tão alta e tão segura  
Que nos livre do inferno  
E a todas as criaturas.

Os penitentes deixavam, em seguida, a casa, continuando a cantar várias rezas ao longo do caminho. No caso de irem a outra casa, a cerimônia era repetida da forma descrita acima.

Em Pesqueira, ao contrário do que ocorre na Ilha do Toré, a flagelação, conforme indicado, acompanha a cerimônia da lamentação das almas, embora os penitentes, o que foi também consignado acima, permanecem sempre a certa distância dos demais participantes. A flagelação certa vez começou logo depois que o primeiro Padre Nosso foi rezado no velho cemitério e continuou até que essa estação fosse rezada. Depois de terem sido "tirados" os Padres Nossos, como se diz, e enquanto os devotos

115. Embora essa reza fora da casa possa ser, segundo se informou, "qualquer uma", em ambas as ocasiões em que ouvida foi pronunciada da maneira transcrita cima.



entoavam um "bendito", o líder da lamentação tomou a cruz que estava segurando nas mãos e levou-a para um dos lados, longe do grupo de cantores, pondo-a na esquina do muro do cemitério, do lado da caatinga que cerca a cidade. Entrementes, um assobio deu um sinal de aviso, os flagelantes saíram do mato, aproximaram-se da cruz e beijaram-na. Vez por outra, retiravam-se e flagelavam o corpo com ramos verdes da faveleira,<sup>116</sup> "para agitar o sangue", como disse um deles, enquanto saltavam, batendo com força no chão com os pés. Afirma-se que isso é feito "para aumentar a circulação do sangue, aflorando-o à superfície, com a vantagem de diminuir a dor dos cortes e aumentar a sangria".

Subitamente, os penitentes afastaram-se, saltando e flagelando-se, curvaram-se para a frente, e caíram no silêncio. Esta pausa, contudo, durou muito pouco e logo depois começou a flagelação com as disciplinas. A correia de couro da disciplina era enrolada na mão de tal maneira que os açoites podiam ser feitos sobre o ombro e por baixo das axilas para ferir a região dorsal. Acompanhando as palavras entoadas pelos cantadores na lamentação simultânea das almas, os penitentes davam pulos e batiam com os pés no chão, mas nem gritavam nem gemiam. Um penitente entrevistado mais tarde disse que "as disciplinas batem no corpo em ritmo harmônico com as palavras do 'Pai Nosso'. 'Pai Nosso' (corte e dá um passo) e que estais no céu" (corte e dá outro passo), e assim por diante". Diante deles, impassível o líder da lamentação das almas continuava a apresentar-lhes a cruz. Começaram a aparecer gotas de sangue nas anáguas de alguns penitentes.<sup>117</sup> No momento em que os acompanhantes da lamentação cantavam "Meu Deus, Piedade! Piedade!" a flagelação tornou-se mais intensa.<sup>118</sup>

A flagelação continuou nas proximidades de cada estação seguinte da cerimônia. Na sétima e última, ocorreu sob um pé de juá. Um membro do grupo acompanhante da lamentação ajoelhou-se diante da cruz e, abrindo um livro preto, semelhante ao usado na missa, leu, à luz de dois candeeiros, uma reza que, contudo, não era de caráter ortodoxo. Nela se faziam referências aos passos de Jesus a caminho do Calvário, aos espinhos de Sua cruz, aos açoites, ao sofrimento, às gotas de sangue e suor que caíram, e às suas feridas, para cada uma das quais eram dados os números exatos. Jesus era sempre chamado de "Meu Jesus". O grupo da lamentação das almas ajoelhou-se e uma ladainha, tampouco de caráter ortodoxo, foi "tirada", na qual se implorava

116. Muito embora, de acordo com um informante, os ramos usados possam ser os de qualquer arbusto espinhoso.

117. Contudo, um observador notou que o ruído das disciplinas indicava que os homens nem sempre estavam se cortando e que, ouvindo a flagelação a distância, a pessoa fica com a impressão de que é mais intensa do que na realidade.

118. Por ocasião de nossa primeira visita ao Vale, o vigário local disse que homens e mulheres costumavam levar água de beber aos penitentes durante a flagelação.



a Jesus pelas almas. A cruz foi levada aos flagelantes para que a beijassem novamente, depois do que eles foram banhar-se no rio.<sup>119</sup>

O líder das lamentações de um bairro vizinho, homem que sabe ler e escrever, introduziu algumas alterações no antigo ritual. Leva um livro de rezas e nele, antes dos Padres Nossos cantados em benefício das almas em cada estação, lê passagens relativas à Paixão de Jesus. Na última estação, todos os penitentes, seguindo o exemplo do líder, ajoelharam-se diante da cruz, fizeram o sinal da cruz, beijaram as pontas dos próprios dedos e tocaram na cruz enquanto todos cantavam, "Também vou beijar o meu Jesus", e, mais tarde, "Eu já beijei."

Conta-se em Salitre que a flagelação continua até o amanhecer, "quando o galo canta", enquanto, disse um informante, "de longe se sente o cheiro de sangue misturado com suor". Terminada a flagelação, os penitentes saem pedindo esmolas, "e todos dão", acrescentou o informante.

Ao fim da reza cantada durante o ato de flagelação na Ilha do Toré, as partes feridas do corpo dos flagelantes eram limpadas com couro. Na maioria dos casos, deixava-se que o sangue caísse no chão. Um dos líderes do grupo, contudo, disse que apanha o sangue que corre do seu corpo e o lança no Rio São Francisco, porque "não gosto que os outros vejam meu sangue e, além disso, se fosse enterrado, animais poderiam cheirar e desenterrá". Em todos os casos, toma-se meticoloso cuidado em não pisar por descuido em qualquer gota de sangue porventura caída no solo. "Num serve pisá no sangue de gente mesmo", observou um dos líderes. Um banco ou qualquer outro objeto grande é colocado temporariamente sobre o lugar. Mais tarde, os donos da casa onde teve lugar a flagelação se incumbem de raspá-lo. Em Pesqueira, alguns penitentes, durante pausas no ato, limpam o sangue de seus corpos com as próprias anáguas enquanto outros são ajudados pelos companheiros.<sup>120</sup> Um dos membros do grupo, nomeado "fiscal", verifica se "o sangue é demais". Em caso positivo, "manda arriá", como disse um informante. Um participante alegou que "o pano do penitente, sujo de sangue, é bom prá limpá os corte. Diz que faz pará o sangue". Ao fim da penitência, os homens banham-se juntos no rio e desinfetam os cortes com sal.<sup>121</sup> Em um bairro vizinho, os flagelantes enxugavam também com as "anáguas" o sangue que corria durante a penitência. Terminada a flagelação, as feridas eram banhadas com álcool comum ou canforado.

119. Em certa ocasião durante as lamentações no ano de nossa pesquisa, uma mulher vestida de branco, que fizera a promessa de vestir "mortalha" durante a Semana Santa e acompanhar os flagelantes, seguiu ao lado deles.

120. Nas iniciações, disse um penitente, os cortes dos iniciantes são enxugados com um pano e banhados com água fria e sal ou limão.

121. Disse o vigário local, por ocasião de nossa primeira visita ao Vale, que álcool é ocasionalmente usado para desinfetar os ferimentos.



Aparentemente, os casos de infecção nem são numerosos nem graves. O vigário de Pesqueira contou que, às vezes, um penitente local, "especialmente um dos novos, desmaia não somente em virtude dos cortes, mas também de ver sangue e da "atmosfera do momento". Outro morador disse que "um rapaz caiu desmaiado, e onde ele estava ficou uma poça de sangue", enquanto outro informava que "alguns criam até bichos nas feridas porque são mal tratadas". Um dos farmacêuticos de Pesqueira falou de dois "novos penitentes" cujos cortes infeccionaram de tal modo que o trouxeram para que ele os tratasse.

O funcionamento do culto é atualmente facilitado não apenas pela pressão de costume tradicional, mas também pela tradição de ter Jesus sofrido agonia na cruz, fato comemorado no ritual e nas cerimônias ortodoxas em Pesqueira pela Igreja, na mesma oportunidade em que ocorre a flagelação,<sup>122</sup> pelas repetidas missões católicas romanas que costumeiramente viajam pelo interior pregando o arrependimento e a penitência, bem como por sacerdotes locais que, não raro, dão ênfase semelhante em sermões e outros ensinamentos, pelo comportamento político na área, desde que para obter os votos dos pescadores e lameiros alguns políticos de Pesqueira apoiam o movimento, às vezes contra proibições da polícia,<sup>123</sup> e também pelos rigores do meio físico da região, onde a maioria dos participantes acostuma-se desde a infância aos sofrimentos, às privações e à dor física.

Um dos líderes dos penitentes da Ilha do Toré informou que "os padres de Sertão Novo num se importam, não", acrescentando que "em outros lugar, no primeiro dia da Quaresma, prá rezá o trabao o padre manda prá í; O padre assiste". Por ocasião da primeira visita do autor ao Vale, disse o vigário de Pesqueira que, quando chegara à cidade, "tinha estranhado o costume" e que julgou-o "um pouco esquisito", mas que quando perguntou aos penitentes porque eles "faziam aquilo que faziam, se aquilo era algum drama", a resposta fora que "faziam aquilo por fé, como penitência". Consequentemente, julgou que "não havia nada que eu pudesse fazer", porque "não me cabia interferir nas penitências de outras pessoas". Ao passar certo dia nas proximidades do quintal do fundo de sua casa, encontrou dois homens serrando madeira. Estando quente o dia, e tendo os homens tirado inteiramente a camisa, o vigário notou que ambos tinham "os sinais característicos da flagelação nas costas". Bateu-lhes nas costas, conta, e sorriu, "e eles sorriram também e nada disseram". Certa vez, deu uma nova matraca aos penitentes e, mais tarde, convidou-os a se flagelarem em frente à igreja.

122. Mas não na Ilha do Toré, onde a flagelação, conforme indicado, ocorre em outras ocasiões do ano.

123. Outros políticos, contudo, apoiam os que combatem a prática e chamam os flagelantes de "anticivilizados".



Por ocasião de nossa pesquisa sistemática em Pesqueira, época em que surgira considerável oposição a esses ritos de parte de numerosas pessoas (ver abaixo), o vigário, ao ser interrogado a respeito dos penitentes, elogiou-lhes muito a fé e recordou que "as disciplinas e os cilícios são também usados em algumas ordens religiosas". Embora soubesse que os cantos não eram os usados pela Igreja, disse, missionários franciscanos haviam comparecido à lamentação das almas e ficaram muito impressionados com "a harmonia das vozes e a beleza dos motivos melódicos dos 'benditos' cantados". Os que participam da lamentação e da flagelação também "têm irmãos, pais e filhos que ficam em casa rezando", disse ele. "Há nisso tudo um grande espírito de sacrifício." Disse que, como o observador mencionado acima havia igualmente notado, o ruído das disciplinas é enganoso, desde que "quando cortam, encontrando resistência da carne, não produzem ruído". E acrescentou que os penitentes "ferem apenas regiões do corpo protegidas por músculos". As anáguas parecem completamente "lambuzadas porque os penitentes limpam o sangue nelas". E a perda de sangue, disse o vigário, "não é tão grande como aparenta". Lamenta, contudo, as "crenças errôneas" de parte dos penitentes de que serão automaticamente salvos depois de sete anos de penitência, mas eles "não fazem mal a ninguém".

Conta-se que um delegado de polícia de Salitre procurou interferir nos ritos dos penitentes locais, mas sem sucesso, disse um informante, acrescentando que "quando os penitentes passam, as pessoas ficam encolhidas, com medo. Mesmo o barulho dos passos é esquisito, como se não pisassem no chão". Em Pesqueira, as atitudes tendem a variar parcialmente de acordo com a classe: nas mais baixas, embora aparentemente haja algum receio dos penitentes, ocasionado por incompreensão dos seus atos,<sup>124</sup> a maioria apóia-os, ao passo que nos grupos de *status* dominante e intermediário, embora algumas pessoas aprovelem o culto, são notadas claras atitudes de desaprovação e mesmo de repugnância. Alguns viam nos penitentes meramente uma manifestação extrema de piedade cristã, e criticavam-nos apenas por não se terem flagelado de maneira mais discreta no ano de nossa pesquisa, "como se fazia antigamente, protegidos dos olhos do povo". Outros membros da elite, contudo, consideram-nos fanáticos e dizem: "Eu é que num me cortava. 'Tá louco!' Ganhá a salvação dessa gente!",

124. Observou-se certa vez que um grupo de mulheres, andando por uma estrada, surpreendeu um grupo de penitentes num bairro de Pesqueira na ocasião em que se flagelavam e, não encontrando meio de desviar-se em virtude das altas cercas de paus fincados, que ladeavam a estrada, ficaram amedrontadas. Uma delas começou a choramingar e outra tentou subir na cerca, uma façanha difícil. Finalmente, tranquilizadas pelo nosso pesquisador, prosseguiram de cabeças baixas, rezando. Mais tarde, um homem montado num jegue, com uma mulher na garupa, apareceu na direção oposta. Ambos se amedrotaram. A mulher saltou do burrico e correu. O homem caiu também, deixando o chapéu ao correr.



ao mesmo tempo que membros deste último grupo, alguns alfabetizados e com hábito de ler os jornais das metrópoles, receavam que os penitentes prejudicassem a reputação da cidade aos olhos da parte mais sofisticada da nação. Embora algumas das autoridades políticas de Pesqueira tivessem, em diferentes ocasiões, procurado impedir ou mesmo exterminar a flagelação, os penitentes também contaram, conforme indicado acima, com forte apoio de outros, e mais influentes, líderes políticos. Na ocasião em que o prefeito tentou pôr um ponto final no rito, o líder político local, que é irmão do vigário, interveio, depois do que os penitentes dizem: "Não há nome na terra, depois do Senhor do Bonfim, que ele." Dois anos antes de nossa primeira visita ao Vale, o delegado de polícia, segundo o vigário, achou a flagelação "uma coisa esquisita" e procurou acabá-la. Os líderes comunicaram-se com o deputado federal eleito pelo distrito e este último telegrafou ao delegado, insistindo com ele "para não impedir a penitência".<sup>125</sup> "Às vezes, os delegados de polícia proíbe num ano", disse um informante, "mas vêm as alma, pede prá elas, e ele deixa de novo".

Ocorreram ocasionalmente choques em Pesqueira entre penitentes e participantes da lamentação das almas, de um lado e, do outro, pessoas da comunidade, especialmente das classes intermediárias e dominante. Certo ano, por exemplo, um rapaz, filho do prefeito na ocasião, embriagado, sacou de um revólver no meio da lamentação e tentou terminá-la. Os penitentes, contudo, como se informou, "cercaram o rapaz e quiseram bater nele". Outros, porém, intervieram e evitaram um conflito sério. Informou-se ainda que o rapaz procurou contratar um indivíduo "para acabar com as lamentações". O perturbador, contudo, foi capturado e "surrado e chicoteado com as disciplinas". Por ocasião de nossa pesquisa, moradores de Pesqueira insistiam com outros residentes da cidade, por meio do serviço local de alto-falantes, em que envidassem esforços para que os ritos fossem proibidos. Em Pilão Arcado parece ter havido também, na mesma época, especialmente entre a elite, ainda mais oposição do que em Pesqueira.

Dizem os líderes dos penitentes da Ilha do Toré que os membros do grupo eram, no passado, "mais unidos e convictos" do que agora e queixam-se de que, embora "costumasse trabalhá até o amanhecê, agora vão prá casa às duas ou três da manhã". Além disso, alguns dos atuais penitentes, dizem, não aparecem regularmente nas reuniões do grupo e "estão se acostumando em vez disso apenas a ficá em casa, sentado com as família, cantando as reza".

125. Em seguida à intervenção, embora entre os penitentes houvesse correligionários dos principais partidos políticos da área, os líderes se tornaram "como que cabos eleitorais desse deputado".



*Ermitões andarilhos*

Indivíduos que se desligam dos seus grupos, vivem sozinhos como eremitas, vagueando de um lado para outro, sem meios de sustento outros que as esmolas, são chamados comumente em Passagem Grande de "Penitentes", embora raramente, se é que algumas vezes, submetam-se à flagelação. Ocasionalmente, se não amiúde, parecem ser indivíduos psicóticos, cujos embates com as vicissitudes da vida conduziram à frustração crescente e, em alguns casos, pelo menos, a uma forma mansa de loucura. Há alguns anos, por exemplo, uma cheia levou parte de uma ilha nas proximidades de Passagem Grande, onde vivia um homem que trabalhava numa das lagoas de arroz e que perdeu tudo o que possuía. "Ficou meio lelé", disse um conhecido, "e o pobre homem saiu por aí, por este mundo de Deus, cantando reza, virou Penitente".<sup>126</sup> Um recifense que viajou extensamente pela área pernambucana da caatinga, disse que "continua a encontrar essas pobres criaturas" ao longo da estrada, "criaturas que outrora aprenderam um pouco de catecismo e que, quando a miséria aperta, se têm um parafuso a menos, metem a cabeça pelo mundo. A conversa é sempre a mesma: viajam para encontrar-se com Jesus ou dele receberem ordens para errar sem destino". "Sentimos pena deles", acrescentou, "e lhes 'matamos a fome'".

Ocasionalmente, um desses homens passa por Passagem Grande, com a barba intensa, cabelos grandes<sup>127</sup> e desgrehados, tendo como roupa uma túnica parecida com a dos frades, talvez em frangalhos, com uma corda em volta da cintura, um longo rosário pendente do pescoço, o olhar parado e a fala incompreensível. Vendo um homem assim de aparência tão estranha, as crianças correm para as mães e se agarram às suas saias. As mães, por sua vez, utilizam as vezes o medo evidente das crianças para ameaçá-las quando se comportam mal, dizendo: "Não faça isso, senão eu chamo um penitente prá pegá você."

Durante a estada em Passagem Grande, nossos pesquisadores viram ocasionalmente um homem conhecido no local como "Penitente." Um deles disse que sua "missão era preciosa", que a "Virxe Siora (Virgem Nossa Senhora) havia ordenado sua penitência; e que ele tinha recebido "ordem de se encontrar com Jesus no Santo Santuário". Ocasionalmente, usava palavras ininteligíveis que, disse, eram dos "apóstolos mortos sem passá pelo purga-

126. Um homem que mora numa roça nas proximidades da Passagem Grande considera-se "o Cristo Santos Reis". A sua conversação gira continuamente em torno de assuntos religiosos. Em noites de Lua pode ser visto às vezes numa esquina da cidade, rezando, peregrinando-se, e falando consigo mesmo. Nas feiras semanais, forma-se um círculo para ouvir-lhe as arengas, enquanto ele profliga os erros daqueles que "não querem ouvir a palavra mesmo que precisem fazê penitência". Depois de alguns dias volta à roça e trabalha normalmente. Não é considerado exatamente um penitente porque não viaja, nem vive na miséria e morto a fome. De fato, veste-se bem e alimenta-se bem.

127. Comentando pessoas que precisam muito de um corte de cabelo ou de fazer a barba, dizem os moradores: "Ele até parece um penitente".



tório porque o leite da Virgem tinha caído nos santos óleos (olhos)". Outro deles, ao aproximar-se nosso pesquisador, e aparentemente julgando-o um agente da polícia a ponto de fazer uma prisão, virou-se e correu, gritando sobre o ombro: "Aí vem o Cão<sup>128</sup> — o Cão em figura de gente! É o Judas que vem prá prendê um devoto, um Penitente da graça de Nossa Senhora!"

### *Protestantes*

Conforme indicado anteriormente, o número de protestantes no Vale por ocasião do último censo federal era de 24.416. Deste total, 6.855, ou 28,1 por cento, residiam no município de Belo Horizonte e, 1.415, ou 5,8 por cento, em um único município — o de Irecê, no Estado da Bahia. Entre outras principais concentrações incluíam-se 598 no município de Pirapora, 582 no de Montes Claros e 573 no de Nova Lima, todos em Minas Gerais; 570 no de Carinhanha, 516 no de Juazeiro, 426 no de Senhor do Bonfim, e 398 no de Glória, todos os quais, como o de Irecê, situados na Bahia; e 478 no município de Ipanema, em Alagoas. Cinco municípios não comunicaram absolutamente a existência de protestantes. Em cada um de 19 outros não mais de 10 protestantes foram mencionados no censo, de modo que havia um total de 24 municípios, ou mais de 15 por cento de todos os localizados no Vale, sem acusar mais de 10 protestantes cada.

Sabe-se que durante a ocupação holandesa da costa do Nordeste no século XVII, diversas tribos ameríndias que com eles se aliaram contra os portugueses tornaram-se protestantes, tendo sido abandonadas diversas missões católicas romanas anteriormente instaladas entre eles. Não obstante, parece que tais mudanças de afiliação religiosa não ocorreram em qualquer apreciável extensão na parte pernambucana do Vale, ou tiveram apenas caráter temporário.

Não existem igrejas protestantes nas vizinhanças de Cerrado ou Rio Rico, embora o censo mencione 21 protestantes, ou 0,16 por cento da população total, no primeiro desses municípios e 24, ou 0,10 por cento, no segundo. Um indivíduo entrevistado em Sucuriu, nos Gerais, "tinha ouvido falar nos protestantes, mas nunca vira um deles". Disse que fôra informado que "eles não acreditam em santos", mas que embora pense às vezes que eles "estão fazendo mal", não tem certeza e, portanto, "não diz coisa alguma a respeito deles porque pensá e sabê são duas coisas diferentes". Ao ser iniciada nossa pesquisa sistemática, um grupo de presbiterianos construía uma escola em Sítio do Mato, à margem do São Francisco, imediatamente abaixo de Bom Jesus da Lapa.

128. Palavra local para Satã. Soube-se depois que, tremendo de medo, o homem procurou cruzar o Rio São Francisco "para que aquele homem de pince-nez não prendesse um devoto mandado por São Severino dos Ramos".



O último censo atribui ao município de Pesqueira 389 protestantes, ou 1,2 por cento da população total. Na cidade do mesmo nome existem duas igrejas dessa fé, uma evangélica e a outra batista. A primeira, ao ser instalada como missão mais ou menos em 1940, foi apedrejada, tendo continuado suas práticas religiosas, segundo se diz, apenas graças ao apoio do promotor público local. Desde mais ou menos 1942, contudo, vêm funcionando sem problemas. Novas congregações foram também formadas em diversos vilarejos vizinhos de modo que, por volta de 1946, dizia-se haver 120 membros desta igreja no município. Devido à doença do pastor de Pesqueira, contudo, os evangelistas ficaram sem líder de 1946 a 1948 e, novamente, de 1950 a 1952, com o resultado de que, por ocasião de nossa pesquisa, haviam apenas cerca de 60 membros, disse o pastor. A Igreja Batista, organizada em janeiro de 1949, e com templo provisório consagrado em 1951, tinha 23 membros em 1952. Não havia conflito religioso visível na comunidade por ocasião de nossa pesquisa. Ao contrário, uma discussão teológica entre o vigário local e um dos pastores protestantes, estava sendo travada no sistema de alto-falantes "em clima de grande serenidade".

O prefeito de Irecê, por ocasião da primeira visita do autor ao Vale, disse que seu avô lembrava-se de um pastor presbiteriano dos Estados Unidos que, muitos anos antes, insistira com eles para "não destruir a mata e usar arados". Referindo-se ao centro religioso estabelecido muitos anos antes em Ponte Nova, não muito distante dos limites geográficos do Vale — no qual, à época da primeira visita do autor ao Estado da Bahia, em 1935, havia também uma escola e um hospital, este último dirigido pelo Dr. Wood, famoso em toda a região — o prefeito acrescentou que todos os membros de um grande grupo de parentesco da área, num total de quatro ou cinco mil pessoas e ao qual pertencia (ver *Grupos de Parentesco*) 'são gratos a esses missionários presbiterianos pela ajuda que deram em questões de educação e saúde'.

Por ocasião de nosso principal período de pesquisa, quatro famílias da cidade de Sertão Novo, num total de 12 pessoas, todas pertencentes a importantes grupos de parentesco da área, embora a maioria, talvez, fosse dos baixos níveis econômicos desses grupos, eram adeptos da fé batista. No município existiam 140 pessoas que se reuniam regularmente aos domingos num templo batista localizado na área rural, a 24 quilômetros de Sertão Novo, na fazenda de uma das famílias batistas da cidade. Quase todos os chefes das famílias rurais batistas são donos de pequenas propriedades agrícolas.

Em 1933, um homem chamado João Domingos pregou o primeiro sermão protestante em Sertão Novo. Mais ou menos uma década antes do início de nosso principal período de pesquisas,



pastores protestantes americanos, segundo se informou, pregaram também na cidade. O primeiro batista ativo da comunidade foi um alfaiate,<sup>129</sup> chamado por um dos líderes da cidade, católico, e provavelmente refletindo antiga situação de conflito, de "indivíduo estradeiro que tinha fama de caloteiro". A seu respeito dizia-se que "precisava procurar os fregueses no outro lado do rio, na Bahia, desde que o padre local suplicava ao povo, pelo amor de Deus, que não fizesse roupas com ele e lhe recusassem também vender coisas, salvo à vista, porque ele era do demônio". No dia em que ele e outros tentaram construir uma igreja na cidade, os principais cidadãos levaram o assunto ao bispo sob cuja jurisdição encontrava-se a igreja católica romana local. Os protestantes foram informados de que, desde que a terra sobre a qual a cidade é edificada pertence à padroeira de Sertão Novo, eles poderiam comprar uma casa, mas não terra. Um advogado consultado disse-lhes que "qualquer esforço ulterior será inútil". Todas as vezes em que o grupo tentava comprar ou alugar uma casa para reuniões, membros do grupo religioso dominante, segundo se diz, ofereciam mais dinheiro, "duplicando mesmo o preço". No dia em que o grupo pediu para usar o salão do clube local para reuniões religiosas, baseando o pedido no estatuto segundo o qual o clube fôra organizado, que declara que a sociedade "não patrocinará qualquer religião ou partido político", e observando que, em outras ocasiões, o mesmo salão fôra usado para novenas e outras cerimônias religiosas católicas, a permissão foi recusada. Embora no batismo e recebimento na Igreja Batista de um importante fazendeiro local e vereador, bem como da respectiva esposa, grande multidão estivesse presente, os sinos da cidade repicaram, "como se estivessem anunciando uma morte".<sup>130</sup>

Atualmente, embora os batistas locais raramente se reúnam na cidade de Sertão Novo, preferindo a igreja na fazenda mencionada acima, em todas as ocasiões em que um pastor protestante ou outra pessoa vem realizar cerimônias religiosas — um evento que geralmente ocorre duas ou três vezes por ano — os serviços são realizados numa residência privada. Num domingo de abril em um dos anos de nossa pesquisa, por exemplo, houve duas dessas reuniões na área rural, a primeira pela manhã, e a segunda à noite. Numa noite de sexta-feira no mês de fevereiro transato, uma reunião fora também realizada numa residência na cidade, à qual compareceram 8 homens, 10 mulheres, 4 meninos e 6 meninas de mais ou menos 7 a 10 anos de idade. Nesta última

129. Uma mulher que mora na cidade desde 1923 disse que fôra a primeira protestante de Sertão Novo, "tendo praticado o culto doméstico durante vários anos". Acrescentou que embora algumas pessoas soubessem que ela não era católica "não sofreu pressão alguma". Suas duas primeiras filhas, contudo, foram batizadas na Igreja católica".

130. Embora o indivíduo em questão tivesse sido expulso mais tarde da Igreja Batista devido a sua alegada "má conduta com mulheres", continuou a manter relações cordiais com os batistas locais e recebia em sua casa importantes líderes protestantes que visitavam ocasionalmente a comunidade.



ocasião, o grupo ouviu com muita atenção um seminarista do Maranhão que, segundo nossos pesquisadores, "falou com evidente convicção". Depois do serviço religioso, impressionou de forma especial os moradores ao ir à porta despedir-se uma a uma das pessoas que saíam.

Em outras ocasiões no mesmo ano, batistas de diversas localidades vizinhas vieram a Sertão Novo para a reunião anual da Associação Batista Sertaneja. Na primeira sessão, realizada na residência de um dos batistas locais, compareceram 10 homens, 21 mulheres e 5 crianças. Duas tardes depois, realizou-se um serviço ao ar livre em frente dessa mesma residência, formando-se um círculo de cadeiras, com as mulheres sentadas de um lado e os homens do outro. Ao fim do serviço, que teve lugar naquela noite na residência de outro batista, a casa encheu-se inteiramente, havendo cerca de 10 homens e 30 mulheres sentadas e, talvez, 30 outros adultos de pé do lado de fora, nas proximidades da porta. Eram predominantemente pessoas da camada menos favorecida da população economicamente falando, embora estivesse também presente o farmacêutico, que mais tarde disse ter ficado "muito impressionado com as vozes do coro da Igreja do Triunfo".

O templo batista na fazenda, mencionado acima, é o único da região. Construído por volta de 1940, mede mais ou menos 17 metros de comprimento por 9 de largura, sendo virtualmente idêntico em forma e construção às melhores casas da área, com a única exceção de possuir alicerces de pedra. No interior há um púlpito, uma mesa, um órgão, 5 bancos com encosto e 6 simples, cada um dos quais acomoda 5 pessoas, e 4 cadeiras de dobrar. O custo original do edifício e das instalações, incluindo o órgão, não passou de 12 contos.

Desde sua fundação, a igreja atraiu um total de 190 membros, 40 dos quais foram subsequentemente expulsos pela Assembléia, readmitindo-se 4 mais tarde. Dos 190 membros originais, 7 morreram e 20 outros foram transferidos por carta para outras congregações, sendo a filiação total, por conseguinte, de 127 membros. O pastor é formado pelo Instituto Bíblico de Triunfo.

Num domingo de agosto durante nosso principal período de pesquisas, estiveram presentes numa Escola Dominical 56 pessoas, incluindo 24 mulheres, 15 homens, 5 moças adolescentes e 12 crianças. As mulheres sentavam-se à direita da entrada do templo e os homens à esquerda. Após a reunião, o pastor pregou um sermão e realizou-se um serviço de comunhão. Na Assembléia que se seguiu, presidida por um Moderador, tomaram parte 12 mulheres, 11 homens, e 2 crianças. Em outro domingo, quando se comemorava a fundação da igreja, realizou-se uma sessão de orações às 5 da manhã, um serviço no domingo às 8, uma adoração



às 12 e outra às 8 da noite, seguida por declamação de poesias com temas religiosos e alguns curtos dramas sacros. Embora, durante o ano, apenas uma família de batistas da cidade compareça regularmente a esta igreja, diversas famílias da cidade estiveram presentes nessa ocasião. O grupo é multi-racial. Os três líderes do dia foram o pastor, um preto de cabelos lisos de 37 anos de idade, um mulato de mais ou menos 60, e um branco de cerca de 50.

Na área, os protestantes são geralmente chamados de "crentes" e o protestantismo de "religião crente". Os protestantes são conhecidos em Sertão Novo como pessoas que cumprem rigorosamente uma série de proibições de conduta pessoal, incluindo, em especial, o cuidado em evitar o uso de bebidas alcoólicas e o fumo, as danças, e as relações sexuais fora do casamento, reputação esta geralmente comum aos protestantes em todos os locais do Vale onde são bem conhecidos. Um morador da cidade disse que até os 20 anos de idade "gostava muito de cachaça e festas". Certo dia, embriagou-se muito. Ao recuperar a razão e notar que estava nu da cintura para cima e com as calças cobertas de vômito, "tomou-se de tal asco", disse, que jurou "nunca mais tomar uma bebida alcóolica novamente". Mais ou menos por essa época, igualmente, começou "a pensar seriamente na vida", disse. Ao ir a casa de um tio que era protestante, viu uma Bíblia sobre a mesa, apanhou-a e começou a ler, e "gostando do que li", comprou uma Bíblia, "e assim começou", prosseguiu, "a minha conversão".

Por ocasião de nossa pesquisa em Passagem Grande, dizia-se que aumentava rapidamente o número de protestantes em Penedo. Os batistas mantinham uma congregação no local e serviços religiosos estavam sendo irradiados por um sistema de alto-falantes <sup>131</sup> pela Igreja Pentecostal. Em Passagem Grande, dizia-se que a primeira família protestante apareceu na cidade por volta de 1930 e que desde essa época uma pequena congregação começou a reunir-se na sua residência. Uma segunda família transferiu-se para a cidade logo depois da última Guerra Mundial. Agora filiada à Igreja Batista de Penedo, o grupo, de que participam 4 homens e 4 mulheres, com 10 adultos e 8 crianças matriculadas na Escola Dominical, é dirigido por um dos seus membros mais velhos, descendente da família protestante original, proprietário de um dos armazéns e padaria, e famoso na comunidade porque não vende nem bebidas alcoólicas nem cigarros. Trata-se de pessoa muito respeitada na cidade e mesmo o padre é seu amigo. Disse ele que nunca houve conflito religioso em Passagem Grande e

131. Na ocasião, quatro serviços de alto-falantes estavam em atividades na cidade, incluindo o da Igreja Pentecostal, o da Igreja Católica Romana, um serviço comercial e o do cinema. Observou-se certo dia que o do cinema foi retirado e instalado num local privilegiado no telhado da catedral para abafar o da Igreja Pentecostal.



que todos os antigos padres foram seus amigos.<sup>132</sup> Eventualmente, um missionário protestante vem a Passagem Grande pregar, ocasião em que, segundo se diz, é considerável o comparecimento.<sup>133</sup>

Uma mulher em Sertão Novo pensa que "é a ignorância que faz uma pessoa tornar-se protestante". E continua: "Tudo que se precisa é estudar um pouco para ver como eles estão errados." Outra mulher pensa que "eles são todos safados e tudo que fazem é safado: negam a virgindade da Virgem Maria e a existência dos santos". Outra mulher, "ficou chocada", disse, ao saber que o novo governador do Estado, por ocasião de nosso principal período de pesquisas, era protestante. Embora tivesse sido convidada várias vezes "para passar para a religião deles", especialmente por uma de suas comadres, disse que "se eu fizer isso um dia, podem me amarrar no centro da cidade, porque estou louca". Uma palavra muito usada em Sertão Novo para designar os protestantes é "bode", cujo uso, segundo pensa um dos batistas da localidade, "teve sua origem na estória bíblica da separação dos carneiros dos bodes". Outros dizem, contudo, que o uso local da palavra data da ocasião em que um missionário da igreja dominante, pouco depois de ter aparecido o primeiro protestante na região, insistiu com os católicos romanos em que os chamassem por essa palavra. Um morador e sua esposa, que também usam a palavra, dizem que o fazem "porque a cantoria dessa gente nas reuniões parece berreiro de bode", declaração com a qual concordaram diversas pessoas.<sup>134</sup> A palavra é usada também a respeito de protestantes em Passagem Grande, onde, disse um informante, "o bode é o demônio". Outra pessoa, contudo, foi ouvida dizendo: "Eles não são bodes, são sapos. Você não se lembra do que o frade disse lá em Presepe: que precisavam perder este costume de chamar os protestantes de bode, pois de bode ainda se aproveita a pele e a carne; mas os protestantes são é sapo, bicho nojento, e que nada dele se aproveita."

À parte essa forma geralmente bem humorada de ridículo, contudo, e o fato de que, inicialmente, foram também feitas "zoadas" à porta da casa onde os batistas às vezes se reuniam para adoração, um seminarista informou que não existe em Sertão

132. Ao voltar mais tarde à comunidade, contudo, nosso pesquisador soube que o padre insistia agora junto aos católicos locais para que não comprassem ao homem coisa alguma, "pois não se deve ter negócios com essa gente". De início, algumas pessoas, com receio que lhes fosse negada a comunhão, deixaram de ir ao armazém e padaria. Mas, com o conflito posterior entre o padre e os fiéis sobre os elementos seculares da festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens (ver "Festas Religiosas"), ocasião em que "o povo brigou e xingou ele", numerosas pessoas, "prá fazê pirraça com ele", como disseram, fizeram questão de fazer compras no estabelecimento.

133. Certa ocasião, um pastor pentecostal de visita à cidade foi convidado a usar o alto-falante de sua igreja.

134. Disse um batista local que quando foi, como indigente, fazer uma operação numa cidade da região, a freira, sabendo que ele procedia da mesma localidade que outro homem, um protestante, que fôra tratado pouco tempo antes, perguntou-lhe se ele "era também bode". Ao que respondeu estar surpreso por ver uma pessoa que parecia instruída "comparar um homem com um ser irracional". Tendo a freira chamado-o de "miserável", teria acrescentado ele, segundo disse, "... de mim sem Jesus".



Novo hostilidade contra os protestantes "como em outras partes do Estado". Quando o indivíduo mencionado acima como líder da comunidade e protestante foi nomeado prefeito, outro dos líderes da cidade observou que não se sentia satisfeito com a nomeação "porque ele é protestante" e havia também receio entre outros moradores de que um templo protestante fosse construído na cidade. Contudo, isto não ocorreu. Ao ser um indivíduo importante perguntado se ser protestante prejudicava-o na comunidade, respondeu enfaticamente na negativa, dizendo: "As pessoas aqui separam as duas coisas: a religião e o trabalho."

Outra figura importante na cidade, um católico romano, admite que, de sua parte, "ficou certa vez em dúvida a respeito dessa outra religião". Certo dia, ao ser solicitado por um fazendeiro para ir buscar o padre para pregar na sua fazenda e ouvir confissões, foi tratado "com arrogância" pelo sacerdote. Ao encontrarem na estrada diversas senhoras idosas "com olhos suplicantes", o padre continuou "heráldico", disse "sem mesmo lhes dizer 'bom dia'". Ao passarem por um cruzeiro, notou também que o "padre não tirou o chapéu", como é costume local. "Tudo isso", continuou, "chocou meu espírito, que já estava perturbado por grandes dúvidas". Mais tarde, o padre perguntou a certas pessoas na fazenda: "Andaram por aqui alguns protestantes ultimamente?" E acrescentou: "Se andaram, vocês têm muitas varas por aqui, e eu não preciso dizer mais nada." Resolveu, então, "que ia aprender mais coisas a respeito desses protestantes". Com a ajuda de um deles, "comecei a ler a Bíblia e a estudar". Foi posteriormente convidado por um casal protestante, o homem e a esposa "muito bonita" a acompanhá-los aos serviços religiosos. Certo dia, contudo, "uma bomba explodiu", disse ele, "porque a mulher fugiu com um chofer, que era também protestante". Ficou atônito com essa conduta, em contraste com o que era geralmente esperado dos protestantes nos lugares onde são conhecidos. Foi conversar com o bispo, levando várias perguntas que outro protestante havia preparado "para que o bispo explicasse". Ao submeter as questões, ficou "inteiramente satisfeito com as explicações", disse.

Com exceção das crianças pequenas em Passagem Grande, bem como em outras localidades, os protestantes distinguem-se pela capacidade de ler, uma das razões no caso sendo a ênfase considerável colocada por todos eles na leitura da Bíblia pelos próprios indivíduos. "Esses protestantes são uma gente danada", disse um morador da cidade. "O sujeito vira para a religião deles, pode ser analfabeto, logo quer aprender a ler, para estudar a Bíblia". Este indivíduo, que é também político local, observou ainda: "Se aqui essa praga de protestante pegasse mesmo, ninguém mais poderia confiar no eleitor. Com eles não tem esse negócio de compadre (ver *Comportamento Político*) e é uma gente que ninguém sabe em quem vota, são os tais que dizem votar de acordo



com a consciência." Outro morador acrescentou que, certa vez, quando era funcionário eleitoral, encontrou um voto que supõe ter sido depositado na urna por um dos protestantes da localidade. Nele estava escrito: "Voto em Nosso Senhor Jesus Cristo, o único capaz de salvar o Brasil."

### *Maçons*

Existem maçons em vários pontos do Vale e, em virtude do fato de serem, com frequência, líderes políticos e comerciais de suas respectivas comunidades, a influência que exercem é desproporcional ao seu número. Ao contrário de algumas partes do mundo, contudo, onde a maçonaria é considerada uma ordem meramente fraternal, cujos membros nada mais fazem do que professar, e exercer em relação a cada um amor fraternal, caridade e ajuda mútua, pelo menos nesta parte do Brasil costuma ser considerada, principalmente pelos seus críticos, como uma organização religiosa, em concorrência — e frequentemente também em conflito — com o sistema religioso dominante.

Por ocasião da primeira visita do autor ao Vale, havia duas lojas maçônicas em Juazeiro, dizendo-se que uma delas fôra mais influenciada pelo ritual francês e a outra pelo anglo-americano. Um membro alegou que a "maioria" dos principais cidadãos da cidade era também maçônica. No ano anterior, essa loja, que possuía na ocasião 380 membros, recebera "77 novos associados". Acrescentou que embora houvesse na ocasião também lojas em Barra, Xique-Xique e Pirapora, Juazeiro era o principal centro maçônico da parte Média do Vale. A loja de uma dessas outras cidades, conhecida como "Loja Maçônica Fraternidade, Amor e Justiça", possuía na ocasião, segundo um informante da localidade, "cerca de 350 membros". Acrescentou que "de tempos em tempos, o padre diz alguma coisa contra a Maçonaria, mas nós não ligamos para isso."

O prefeito de Rio Rico na ocasião era também maçom e ia uma vez por ano a uma reunião em Salvador. O prefeito de Manga por essa época disse ao autor que havia 8 deles na cidade, "todos gente de prestígio." Disse que ele mesmo, ao contrário da atitude do padre, "considerava a maçonaria e a religião como coisas à parte." "Nem", prosseguiu, "tem a maçonaria quaisquer finalidades políticas." Não havia loja em Manga, contudo. Os maçons locais iam ocasionalmente a reuniões em Pirapora, como faziam também os da cidade de São Francisco, onde existiam diversos deles, mas nenhuma loja. No fim de um sermão durante uma novena, em uma dessas cidades, o padre observou: "É aos maçons que devo todos meus sofrimentos nos últimos anos. Eles não merecem nosso apoio. São inimigos de Deus e de sua Igreja." E após anunciar um



hino e ajoelhar-se, levantou-se abruptamente e disse numa voz tremula de emoção: "E agora vão dizer que eu ando fazendo comércio!" O dono de uma pensão, também maçom, disse que embora "eu goste do padre, trate-o muito bem, e faça tudo para agradá-lo," fica "ressentido por ele passar o tempo todo falando contra a Maçonaria." E acrescentou: "Apenas porque os candidatos às próximas eleições são, por acaso, maçons, ele fala na igreja daquele jeito, chegando mesmo a citar nomes de pessoas!"

A Loja Maçônica de Penedo, no Baixo São Francisco, cujo prédio estava ainda de pé e, em comparação com outros edifícios locais, era grande e majestoso, não funcionava havia 27 anos por ocasião do início de nossa pesquisa. Um morador disse que "tentou levantar as colunas novamente, mas que a pressão clerical foi forte demais."

### *Espíritas*

Inspirada até certo ponto pelos livros de Allan Kardec, da França, a Federação Espírita Brasileira foi fundada há três quartos de séculos. Os seus líderes, em 1959, calcularam que havia na ocasião cerca de 3.600 centros em todo o país. Em 1950, aproximadamente 900.000 pessoas consideraram-se no censo federal como "espíritas", 23.433 das quais, conforme indicado acima, residiam no Vale do São Francisco. Deste último total, 14.221, ou 60,7 por cento, residiam no município de Belo Horizonte e no vizinho município de Betim. No município de Pratinha, no mesmo Estado, existem 1.377 deles, ou mais do que um terço dos que se disseram católicos romanos. Havia ainda consideráveis concentrações em outros locais do mesmo Estado (Minas Gerais). Com as exceções dos municípios de Bomfim (com 151), Xique-Xique (com 146) e Juazeiro (com 182), contudo, o número de espíritas na parte do Vale que se situa na Bahia, bem como também nas partes de Pernambuco, Alagoas e Sergipe, é consideravelmente menor em proporção à população total. Existem 24 municípios no Vale nos quais ninguém se considerou espírita no último censo e 56 outros nos quais não havia mais de 10.

Disse um kardecista em Passagem Grande: "O espiritismo, para mim, é a religião do futuro. O povo brasileiro terá finalmente que se libertar dessas crenças e práticas medievais que a maioria da população possui. Para mim, o catolicismo é pagão: veja com que facilidade ele aqui se mistura com o candomblé e o toré! Observe uma sessão de candomblé e veja como ela e a missa têm muita coisa semelhante: numa e noutra há a campainha que toca, há o canto em tom monótono. Nós, os espíritas, fazemos questão que o povo leia, estude, e se liberte."

Apesar disso, não existe um centro ou organização espírita ortodoxa em Passagem Grande e são poucos os encontrados no Vale. Três pessoas em Passagem Grande, todas de certa posição social e amantes da leitura, comparecem ocasionalmente a sessões espíritas em Penedo. Entre os analfabetos, existem numerosas pessoas que, como ocorre em outras localidades, misturam crenças e práticas espíritas ortodoxas com outras doutrinas e comportamento, procedimento este deplorado pelos espíritas mais fiéis à religião, como o citado acima, que acrescentou à sua declaração a respeito de "ler, estudar e libertar-se", "isto é, nós kardecistas, e não aquela crença que é coisa rasteira, anterior a nós, que erradamente chamam de 'baixo espiritismo'. Isso não é espiritismo, mas uma mistura de candomblé e crenças católicas." Refletindo esse sincretismo, uma mulher disse certo dia numa sessão espírita: "O espírito de Frei Damião disse que no cemitério daqui havia mais gente enterrada por 'porcaria' <sup>135</sup> do que por doença."

Em Pesqueira, um "Núcleo Espírita Agostiniano" relativamente ortodoxo foi fundado em abril de 1933. Por ocasião de nossa pesquisa, contava, segundo se informou, com 415 membros. Desde que a participação nos rituais deste núcleo, exceto em alguns casos, não exclui necessariamente o indivíduo de participar de "outra religião", como disse um informante, parte apreciável dos membros se considera também católico-romana. Juntamente com o programa de Ave Maria na matriz à noite, durante o qual foram feitas orações em louvor da Virgem Maria, realizaram-se também, naquele ano, palestras e pregações de cunho espírita. Um pequeno grupo de pessoas da cidade, provavelmente não mais de dez, participa também dos rituais e cerimônias da Confederação Espírita da Umbanda, uma organização cujas práticas e crenças refletem uma fusão de concepções e práticas relacionadas com a "descida do espírito" no candomblé e no toré, com concepções e práticas similares das sessões espíritas. Não parecia haver, contudo, qualquer centro organizado da forma aparentada, a Quimbanda.

Em Sertão Novo, um grupo de cunho espírita bastante ortodoxo reúne-se ocasionalmente sob a liderança de um homem de 63 anos que, disse uma mulher de destaque da cidade, "é muito competente!" "Ele gastou uma fortuna <sup>136</sup> em livros para educar-se", acrescentou ela. Nascido no Ceará, chegou a Sertão Novo muitos anos antes procedente do Crato. Não aceita dinheiro pelos seus serviços como líder e médium.

135. Expressão popular para "magia negra" (ver *Doenças e Seu Tratamento*, Tomo II). Provavelmente empregado aqui em virtude da identificação errônea da magia negra com as cerimônias do candomblé por pessoas pouco conhecedoras do culto.

136. Apurado mais tarde que montou em Cr\$ 3.000, soma esta considerável em 1953 num meio onde a posse de livros é coisa relativamente rara.



Aqui, como em numerosas outras localidades, a principal função do culto espírita é reduzir as preocupações com a doença e outras formas de infelicidade pessoal, adivinhar-lhes as causas, e aliviar-lhes os sintomas. Às 8h 45m da noite, por exemplo, foi realizada uma sessão na sala desocupada (na ocasião) do Hospital, com o comparecimento do médium, do zelador do hospital, outro homem, a mulher e um filho de 2 anos, outra mulher casada, de 23 anos de idade, quatro outras mulheres, uma das quais de mais ou menos 50 anos, e três crianças de 2 a 5 anos. No Centro da sala fôra colocada uma mesa coberta por uma toalha branca. Sobre ela havia um candeeiro, uma vela, e dois copos de água com jasmims e folhas verdes. Cinco dos presentes, incluindo o médium, sentaram-se à mesa em banquinhos, tendo o último dois pequenos livros de orações espíritas ao lado. As demais pessoas sentaram-se no fundo da sala, também em banquinhos ou pequenos estrados de madeira.

Ao serem acesos o candeeiro e as velas, o médium levantou-se, fez o sinal da cruz e disse: "Em nome do Padre, do Filho, e do Espírito Santo, Amém!" As demais pessoas sentadas à mesa repetiram-lhe as palavras, depois do que, disse o médium: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!" provocando a resposta: "Louvado seja!" O médium apanhou então um dos livros de orações, abriu-o e, segurando-o numa das mãos e o candeeiro na outra, começou a ler. Ao todo, cinco orações, nas quais eram louvadas a verdade, a justiça e a caridade e pedia-se pela manifestação de "bons" espíritos e o afastamento de espíritos "maus" foram lidas neste e no outro livro. Duas das orações foram repetidas frase por frase pelos demais à mesa, parando o médium entre cada frase enquanto ela era repetida.

O médium sentou-se em seguida, soprou a luz do candeeiro, e "fez-se silêncio completo", disse o observador. Pondo as mãos espalmadas sobre a mesa, disse: "Se houver algum espírito bom que queira se manifestar, que dê o sinal batendo na mesa ou fazendo-a mover-se", pedido este repetido duas vezes. Fez-se silêncio novamente, não se ouvindo durante algum tempo o menor som até que o médium, nesta ocasião com a cabeça sobre a mesa, começou a mover a cabeça de um lado para o outro, respirar profundamente e a soltar um grunhido gutural. De tempos em tempos, esticavam-se também os músculos de seus braços. Alguns minutos depois, com as costas do dedo, deu uma batida seca na mesa e, levantando a cabeça, disse em voz alta: "Eu me chamo João Gonçalves — João Gonçalves Pontes. Estou cansado, muito cansado. Venho de Araripueira." Houve silêncio novamente durante um momento, quebrado por outro membro da mesa que disse: "Irmão, nós realizamos esta sessão em benefício desta mulher aqui. Pode dizer-nos o que ela deve fazer para ficar curada?"



O “espírito” diagnosticou a doença e receitou-lhe a “cura”, depois do que a segunda mulher sentada à mesa, timidamente e somente depois de estimulada pelo médium, perguntou se “meu marido vai voltar para casa.” O “espírito” respondeu que conhecia o marido e “que ele era muito namorador”, mas que se encontrava naquela ocasião em Recife, que voltaria finalmente para casa “e não se esquecia dela nem dos filhos.”

Outro homem à mesa perguntou ao “espírito” porque sua situação era tão má”, acrescentando que “não tinha nem mesmo dinheiro prá comprar remédio”, respondendo o “espírito”: “Isto é atraso, a inveja de colegas da arte.” O homem perguntou se deveria permanecer em Sertão Novo ou partir para São Paulo em busca de trabalho. O “espírito” respondeu que ele não se daria mal em São Paulo, mas que seria melhor se ficasse em Sertão Novo e que ali receberia a ajuda de pessoas de São Paulo.<sup>137</sup> O mesmo homem perguntou se sua mulher deveria continuar a tomar Emulsão de Scott. O “espírito” respondeu que não lhe fazia mal e que “era bom.”

O zelador, que dissera antes da sessão que desejava fazer pergunta a “qualquer espírito” que se manifestasse a respeito de maneiras de curar-se de uma doença de que sofria, permaneceu silencioso. O “espírito”, porém, dirigiu-se diretamente a ele, dizendo-lhe que remédio devia tomar. Encorajado, o zelador perguntou-lhe porque vivia sempre doente. Respondeu o “espírito” que era “por causa de inveja” e explicou que “existem doenças que são naturais, enviadas por Deus, e doenças que são sobrenaturais, devido à magia negra (ver *Doenças e Seu Tratamento*, Tomo II). Falou então de um homem em Juazeiro que “caíra vítima de uma poderosa feiticeira.” A mulher mais idosa sentada à mesa quis saber se os seus filhos, na ocasião em São Paulo, ainda se lembravam dela. O “espírito” respondeu afirmativamente, mas disse que a filha, que casara quatro meses antes, ia ser infeliz no casamento, a começar do sétimo mês.

Desde que não havia mais perguntas, após algum tempo o “espírito” disse que ia despedir-se, acrescentando: “Vou a Sobral e depois a Araripe.” O médium estalou os dedos, esticou a cabeça para trás, “livrou-se do estado de ‘possado’”, e pediu que o candeieiro fosse aceso novamente. Leu em seguida uma oração de graças a Deus e aos “bons espíritos” e a sessão terminou. Ao sair, cada pessoa levou uma flor tirada da mesa, para misturar com a água do banho, observando um dos presentes que “isso faz bem.”

Outro médium espírita, chamado Rodolfo Simões, aparece às vezes em Sertão Novo. É um homem extremamente capaz, de mais ou menos 35 anos de idade, residente em Garanhuns, de onde faz

137. Esta última declaração talvez tenha sido motivada pela presença de dois de nossos pesquisadores, naturais de São Paulo, e constituísse um sutil pedido de ajuda.



visitas periódicas à área da caatinga em volta de Sertão Novo. Realiza sessões espíritas, empregando um "aparelho" especial, como o chama, composto de várias bolas num arco. Um informante que esteve presente em três sessões e que insiste em que todos os que procuram esse médium em busca de curas "saíram-se bem", disse que se o aparelho por acaso cair no chão, "ninguém deve tocar nas bolas, ou suas mãos ficarão presas nelas até o fim da sessão."

Durante nosso período de trabalho de campo, Rodolfo Simões veio a Sertão Novo procedente de um vilarejo, onde passara cinco dias "trabalhando" em 11 casos. Informou que, na fazenda de uma viúva na área fizera uma sessão, "trabalho", ou "concentração", como as chamava, não apenas para saber se ela estava doente, mas também porque seu gado estava murchando e que descobriu que "eles" (agentes não definidos) "havam feito bruxaria." Disse à viúva que se alguém subisse numa cadeira, encontraria no batente da janela um crucifixo de cabeça para baixo sobre uma cobra e que se procurassem no curral, encontrariam também um buraco cheio de crucifixos, uma pata furada de animal, cruzada em terço, "e essas coisas." Pessoas da casa deram a busca e, de fato, conta ele, encontraram o que indicara, "exceto haver um lagarto em vez de uma cobra." Diagnosticou a doença da mulher como "sinusite e neuralgia."

Contou também que certa vez, dois anos antes, a filha de um homem em Sertão Novo viu próxima a uma goiabeira por onde passava uma mulher sentada de cócoras. Mas ao chamar a atenção de pessoas que a acompanhavam, contudo, elas não viram coisa alguma. Ao voltar para casa, no entanto, viu a mesma mulher novamente, sentada de cócoras como antes. A mulher que tivera a visão (aparentemente louca) finalmente lançou-se no rio e tentou afogar-se. Disse Simões que "fez um trabalho para ela" e que "ela ficou boa." Na mesma sessão, conta, "recebeu um aviso de um espírito, que disse que eu devia ficar aqui na quarta e quinta feira porque, na sexta e no sábado haveria derramamento de sangue entre as próprias autoridades." Foi procurar o sargento de polícia e contou-lhe o aviso que recebera, e "no sábado foi o próprio sargento que morreu." Em mais de uma ocasião em que nossos pesquisadores estiveram em sua companhia, Simões observou com evidentes sinais de convicção que "estas margens do São Francisco são terríveis, tal o número de espíritos maus", acrescentando que a Ilha do Toré, onde esperava "trabalhar durante todo o mês de agosto", era "um verdadeiro repositório de elementos maus."

Sobre a origem do seu interesse pelo espiritismo contou que anos antes era "magro como um pau." Consultou diversos médicos e eles não conseguiram "descobrir coisa alguma." Estava mesmo



pensando em suicidar-se quando certo dia, sozinho em casa, "um médium apareceu e, sem uma palavra, sentou-se a minha frente e ficou ali, silencioso, até que eu finalmente reuni coragem para perguntar a ele quem era." "Neste lugar, eu não posso dizer a você o que sinto ou o que você sente, mas vamos sair daqui e eu lhe direi o que você sente e o que eu sinto," respondeu o médium. Saíram e dirigiram-se para um lugar ermo. Ali encontraram "11 outros médiuns, todos os quais me aconselharam a ir a uma sessão, ou eu seria 'possado'".

Na mesa (sessão) subsequentemente organizada em Maceió, "24 outras pessoas" o acompanharam, continuou a contar, "na realização da concentração." E quando uma das pessoas "não se concentrou como devia", um dos médiuns voltou-se para ela e disse: "Deixe de pensar naquela feira de amanhã! Nós lhe arranjaríamos o dinheiro." Enquanto "todos continuavam a se concentrar", um dos médiuns pediu permissão "para tomar o lugar de Simões, como aparelho do espírito que o está dominando." "A reação foi tremenda", disse Simões. "Este homem foi lançado para muito longe da mesa e sua cabeça bateu numa estante de vidro e teve de ser substituído na mesa por uma mulher que serve também às vezes como aparelho." No ritual seguinte "tremeu como uma vara", lembra-se, e conseqüentemente os demais presentes consideraram-no "uma pessoa com força, que deve permanecer aqui no Centro, para ser instruída." Ganha 2.500 cruzeiros por mês, disse, "cuidando dos casos que o Centro me envia." Desde que se tornou membro do Centro, alega, "teve tal saúde que não sei mais o que é uma farmácia, nem ninguém de minha família."

Enquanto se encontrava visitando Sertão Novo, um morador da Ilha do Toré, chamado Antônio, veio buscá-lo para levá-lo a uma sessão que organizara em sua casa "para descobrir o que é que há com minha mulher." Após viajarem umas duas léguas e meia, chegaram à casa do homem, onde Simões conheceu "a doente", uma mulher chamada Rita, de mais ou menos 30 anos de idade, magra, mas bem disposta, e muito faladora. Estiveram também presentes uma mulher idosa, com vista fraca, uma mulher de talvez 25 anos de idade, e uma aleijada, cuja mãe é doida. "Durante muito tempo eu ouvi falar no senhor! Meus olhos vão melhorar?" perguntou a mulher. "O senhor pensa que meu caso tem cura?" perguntou outra. A ambas as perguntas, respondeu que "perguntaria ao guia (espírito) e descobriria."<sup>138</sup>

Mais ou menos uma hora após a ceia, da qual todos participaram, teve início a sessão. Disse Simões que não gosta de muitas pessoas em volta "porque a concentração se torna mais difícil." Recomenda também que a iluminação seja "a menor possível."

138. Para uso semelhante desta palavra, ver "Toré", abaixo.



Consequentemente, tomando a fraca lamparina que se encontrava na mesa da ceia, colocou-a na parte superior de uma parede divisória do cômodo e pediu, em vez disso, uma vela pequena. Em meio a profundo silêncio e evidente respeito, tirou o aparelho da caixa em que era guardado e montou-o. A um observador pareceu "um desses usados em teste de aptidão mecânica, em que a pessoa tem que montar bombas, balanças etc." Antes de montá-lo, Simões colocou as chapas, que lhe servem de base, para que os pólos positivos se repelissem, ato este repetido duas ou três vezes "como se para experimentar o aparelho", mas também para impressionar as pessoas analfabetas e inexperientes da casa. Pediu então aos presentes que observassem como, colocando um pino próximo à haste, esta última atrairia o pino. Sugeriu que uma pessoa segurasse o pino "para sentir a força da atração." Esse aparelho, explicou Simões, visava a duas finalidades: comunicar-se com o Centro Chagas, em Maceió, "informando-os de que havia uma sessão", desde que, disse, ele teria mais tarde "de comunicar os trabalhos e confirmar as anotações feitas lá", e evitar que "apareçam os maus espíritos", que surgem para se aproveitarem destas concentrações todas às vezes em que há um aparelho fraco", criando assim "dificuldade para o médium".

Fez algumas recomendações à platéia: que não se preocupasse com o que porventura acontecesse a ele ou ao aparelho, não apanhasse as peças que pudessem cair no chão,<sup>139</sup> e se "concentrasse apenas em Deus." Na semi-escuridão que caiu depois de apagada a lamparina, podiam-se distinguir os cotovelos de Simões repousando sobre a mesa e as mãos segurando fortemente a cabeça. Após alguns minutos de silêncio completo, Simões começou a respirar mais rápido, "como se lhe faltasse ar", notou um dos observadores. Finalmente, "chegou" o primeiro "espírito" que começou a falar através do médium, tornando-se a voz deste mais cavernosa e sua fala sincopada, devido a respiração rápida. "Eu sou Henrique Barbosa, morto há 18 anos", disse o espírito. "Eu estava passando e vim cumprimentar a todos que aqui se encontram. Estou a caminho de Campina Grande." E despediu-se.

Subitamente, porém, chegou um segundo "espírito", que disse: "Fazem agora 78 anos desde que fui para Goiás e fui tirado pelos bons guias para fazer esta caridade", e continuou a repetir seguidamente as mesmas palavras.<sup>140</sup> Falou em seguida da "maldade do mundo", acrescentando que "um coração feito de tédio e ódio não pode servir a Deus", que "o mundo está cheio de pecado", e que "o mal que estava aqui foi embora ontem e não voltou prá pegar vocês." "Deu então conselho", dizendo que "a casa devia ser

139. O chão da casa era de terra batida.

140. Exceto que o número de anos mencionados agora foi 74 em vez de 78.



defumada todas as quintas-feiras com jurema preta<sup>141</sup> e palha de alho, alecrim da serra e essência. Juntem tudo, ponham fogo e defumem todos quatro cantos no interior da casa. Rezem um Padre Nosso oferecido a Nossa Senhora e aos espíritos da luz!" Despediu-se, em seguida.

A seguir, um a um, outros "espíritos" apareceram e pediram permissão para falar, identificando-se, respectivamente, como "Tenente Mariano", "Coronel Teófilo" e "Padre Juvemario, de Juazeiro do Norte" depois do que o "guia de luz" do médium, Tupi Tapar, "chegou" e disse que queria "passar um remédio para esta pobre mulher, pois um mau espírito entrou nela e está agonizando ela." Identificou o "mau espírito" como "Antonio Braz." Como remédio, disse ela devia "tomar uma garrafa de vinho branco, duas meias garrafas de cerveja preta, um quarto de noz-moscada raspada, colocar tudo dentro de uma grande garrafa e enterrá-la durante dois dias na areia, depois do que a garrafa devia ser retirada e tomada um pouco de seu conteúdo, três vezes por dia, além de um "vidro (caixa) de injeções de Vitamina A, e dois vidros do Regulador Dona do Corpo." "Com isto, a sua situação fica salva" disse o espírito, "e deve continuar vigiando a casa." Acrescentou ainda que "o espírito mau que estava atormentando Dona Rita esteve aqui até ontem, mas foi agora para uma casa próxima", e aconselhou a todos a defumar suas casas "a fim de livrá-las dos maus espíritos."

Previu então a morte de uma conhecida pessoa de Sertão Novo, censurou a política "que só trás sangue e miséria", dizendo que "todos que podem deixar a política, devem fazê-lo." Prosseguiu dizendo que o Sr. Ademar de Palmos (sic) "será o Presidente da República", que seu gabinete será "composto de pessoas desconhecidas" e que o novo presidente "fracassará porque não evitará que enviem brasileiros para a boca dos canhões das Nações Unidas." Respondeu então a perguntas, dizendo à moça cuja mãe era louca: "Passei por tua casa. Tua mãe estava gemendo e coçando a perna. Não a envie para o lugar onde pensas em enviá-la.<sup>142</sup> Eu guiarei o espírito da luz a tua casa prá aliviá." No momento em que falou em sua mãe a moça chorou, embora, excluída essa interrupção "houvesse grande silêncio e atenção respeitosa", consignou um observador. O espírito passou então a responder à senhora idosa, quase cega, que lhe pedira "para me ensiná uma meizinha prá meus olhos." Se tu tivesse feito a consulta antes da velhice, podia arrumá. Agora, somente uma operação, mas tu tá velha demais para isso. Compra grão-de-bico e usa." Garantiu-lhe porém que "tu poderá pelo menos ver enquanto vivê." O espírito

141. Ver "Toré", abaixo.

142. Uma instituição pública.



respondeu a outras perguntas e passou outros remédios, incluindo “três tubos de estreptomicina.” Logo depois, pediu licença para retirar-se, alegando “que estava cansado.”

Desceu outro “espírito”, dizendo que fôra padre em Juazeiro e que viera “apenas dar a bênção em nome de Padre Cícero de Juazeiro, que não pode estar presente.” Logo depois, apareceu outro que disse que fôra uma moça de 16 anos de idade e muito bonita quando o bando de Lampião a capturou e que, no mesmo dia, “48 bandidos passaram por mim e depois enfiaram uma estaca no meu umbigo e me sacudiram no meio de moitas de xique-xique, onde fui comida pelos urubus.” E acrescentou que os pais “ainda não sabem o que me aconteceu.” Após sua partida e um intervalo, chegou outro “espírito”, este das trevas. A voz do médium alterou-se um pouco, tornando-se mais áspera.” “Solte-me! Bandido! Solte-me! Se fiz isso foi porque me enforcaram. Eu sou José de Madalena. Solte-me, bandido! Eu estou preso nesta desgraça. Passei três vezes por aqui e não fiquei porque botaram uma cruz empestada dentro da casa. Deixe eu ir embora desta casa infeliz. Deixe eu ir para a casa de Antonio Almeida <sup>143</sup> — ele é o meu patrão. Eu faço desgraça. Eu matei o irmão de Dulce. Todo dia estou na casa daquela bandida. Eu tenho pejeado para acabar com Antonio Almeida. Eu trabalho com a filha dele.” Em seguida, foi embora.

Chegou outro, que disse ser a filha de “Aristé que se afogou.” “Eu preciso falar com ele”, acrescentou. “Estou num bom lugar, mas só posso ir embora depois de falá com ele. Procuro sempre um tempo prá falá sozinha com ele.” Logo depois, voltou Tupi Tapar, o “guia” de Simões. Receitou para outra mulher “1 vidro de Emulsão de Scott, 3 tubos de Bocilina, usado para fraqueza geral, e 500.000 unidades de penicilina Squibb, para os pulmões”, e para um homem que sofria da vista, “mel de mandassaia com limão”, acrescentando: “É de não agüentá. Mas se agüentá, você fica mió. Use também a mesma coisa para tratá tracoma.” E despediu-se novamente. Apareceu em seguida o “espírito” de Lampião, que disse que fôra comerciante de ouro “em outros Estados” e que “viajara por Minas, São Paulo e Peru,” e que tinha “apenas fama, mas que era bom.” Simões “acordou então como se de um profundo sono”, registrou o observador, terminando a sessão.

É evidente o respeito em que Simões é tido nesta área rural. Durante a longa viagem até a casa, Antônio, o homem que viera buscá-lo, deu provas contínuas de ter completa confiança nele. Na casa, foi recebido “com alegria.” Mais tarde, os presentes ficaram aborrecidos quando souberam que ele deixaria a zona no dia seguinte. Mais tarde, Antônio deu-lhe os 500 que havia prometido

143. O farmacêutico de Sertão Novo.



pela sessão, dizendo sentir muito não poder dar mais, mas que "depois da colheita, eu lhe dou um bom presente." Parecia extremamente grato "pelo serviço feito." Outro indivíduo concordou depois em organizar outras sessões, tendo Simões lhe explicado que "cobrava 500 cruzeiros por consulta" (em 1953). Dizendo o homem que gostaria de "fazê uma sessão" mas que não tinha dinheiro, Simões perguntou-lhe se "não tinha algum criatório ou alguma coisa de igual valô", e sugeriu que esperaria três meses "quando toda colheita tivê sido feita", ocasião em que "passaria um mês inteiro" em Sertão Novo, na zona em volta, e na Ilha do Toré. Falando outras pessoas de um homem que "precisava muito dele", disseram também repetidamente: "Esse homem pode pagá".

Um morador da cidade contou que "não acreditava nessas coisas", mas que sua mulher tinha adoecido e "como nenhum médico podia curá ela", finalmente chamou Simões para uma sessão em sua casa. O médium colocou no canto da mesa um aparelho que, quando o "espírito desceu", foi lançado longe, disse, e "o médium bateu a cabeça com tanta força na mesa que deu um talho." "Mas quatro dias depois", insistiu o morador, "minha mulhé ficou boa".

A respeito ainda de Simões, conta-se no local que quando uma mulher lhe foi levada numa sessão espírita numa cidade vizinha, ele disse que ela "tava sofrendo de parti (parto)". O marido, porém, disse que isso não poderia ser possível desde que "nosso último filho já está grande e ela não tá esperando outro." No dia seguinte, contudo, enquanto ele se encontrava ainda nas vizinhanças da cidade, a mulher "foi obrigada a chamar uma parteira e expeliu um feto, provando assim o que Simões dissera", disse o convencido marido. Acrescentou que "a encrenca foi provavelmente feitiço que alguém botô nela." Simões insistiu em que ela voltasse para casa "e não tenha mais medo porque nada mais vai acontecê a você." A mulher ficou tão impressionada que "não teve hesitação em viajar todo o caminho de volta a casa, mesmo em seu estado, em lombo de jegue." Outra pessoa observou que "a gente daqui acredita em Rodolfo Simões por causa de coisas assim." Contou então a história de um menino que havia saído com uma carga num jumento certo dia e que caiu uma chuva tão forte que o riacho que passa pela área transbordou. O menino desapareceu (ver *A Base Física*, Tomo I). No dia seguinte, o jumento foi encontrado num lugar e a carga no outro. Mas, embora mais de doze dias fossem gastos à procura do menino, ele não foi encontrado. Finalmente, o pai do garoto foi procurar Simões e lhe disse que lhe daria um conto se "fizesse um serviço" para localizar o garoto. Simões concordou. "Orientado pelo espírito", conta-se, "revelou que encontrariam a roupa do menino em tal e tal lugar, sob uma cerca nas proximidades do riacho e, o menino, atolado, morto, sob a lama."



Verificou-se mais tarde que a previsão fôra correta. A médica local, contudo, descrente das alegações dos espíritos, disse que era lógico que Simões supusesse que a criança estava morta "porque houve um alarma geral e, se ele estivesse vivo, teria sido encontrado" e que "não era difícil sugerir o lugar e as condições da morte." Não obstante, um dos rapazes da cidade, dando voz a uma atitude geral, pensa que "sem conhecer o lugar onde o corpo foi encontrado e com 15 homens procurando em vão pelo menino", Simões "fez alguma coisa acima de nossas limitadas possibilidades humanas."

### *Seitas Incipientes*

Nas partes semi-áridas do Vale e áreas contíguas de solo e caráter climático semelhante, onde o homem fica amiúde dramaticamente consciente de sua insignificância cósmica e de sua dependência de forças naturais para sobreviver, uma ou duas pessoas se ligam às vezes, como discípulos, a um homem de personalidade religiosa incomum e compartilham com ele de uma vida religiosa errante. O que é inicialmente um pequeno grupo pode, às vezes, adquirir proporções consideráveis, entrando também seus membros, em virtude do apego fanático ao líder e conduta estranha dele, em conflito com outras pessoas da região e, em especial, com as autoridades policiais. Um deles foi Antonio Conselheiro do hoje legendário reduto de Canudos, na Bahia, não muito distante das fronteiras do Vale e que, embora nascido no Estado do Ceará, repetidamente cruzou e voltou a cruzar em companhia de seus sectários partes da Bacia do São Francisco. A respeito desse líder religioso, seus sectários e a resistência a controles impostos de fora, uma resistência eminentemente bem sucedida durante algum tempo até que, numa batalha violenta com as autoridades militares, o grupo foi virtualmente eliminado, deixou Euclides da Cunha (págs. 159-183) um vívido e detalhado relato.

O líder religioso que veio finalmente a ser conhecido como Antonio Conselheiro, chamava-se Antonio Vicente Mendes Maciel, tendo nascido em Quixeramobim, no Ceará, por volta de 1842. O seu pai, Vicente Mendes Maciel, teria sido um "homem irascível, meio visionário e desconfiado", mas, ainda assim, "de excelente caráter" e tal habilidade que, embora analfabeto, "negociava exclusivamente em fazendas, trazendo as contas dos devedores, tudo perfeitamente contado e medido na memória, sem mesmo ter escrita para os devedores".<sup>144</sup> Sob a disciplina deste pai ríspido, mas de proverbial honradez, Antonio cresceu e tornou-se um rapaz tímido "sem o entusiasmo feliz dos que seguem as promessas de escalar a vida", escreveu Cunha. Ao atingir a idade apro-

144. João Brígido, Crimes célebres do Ceará: *Os Araújo e os Maciéis*, apud Cunha, pág. 159.

priada, trabalhou diligente e conscienciosamente na casa de negócios do pai. Ao falecer ele, em 1855, tornou-se chefe da família e providenciou para que as três irmãs casassem antes de fazer o mesmo.

Talvez, contudo, ele e a esposa fossem incompatíveis. De qualquer modo, a sua "existência dramática", como a chama Cunha, data do casamento, pois, mais ou menos por volta de 1858, uma acentuada transformação começou a ocorrer na personalidade e conduta de Antonio. Os antigos hábitos regulares e sedentários começaram a desaparecer e nos anos seguintes morou em diversos diferentes povoados da área e trabalhou em várias ocupações. Foi inicialmente com a mulher para Sobral, onde trabalhou como caixeiro, mas apenas durante pouco tempo, antes de seguir para Campo Grande, onde serviu como escrivão do juiz de paz local. Dai seguiu para Ipú, onde foi solicitador, ou requerente do foro. Durante esse tempo, escreveu Cunha, parecia ter havido "um crescendo para profissões menos trabalhosas, exigindo cada vez menos a constância do esforço; o continuo despear-se da disciplina primitiva".

Certo dia, enquanto morava ainda em Ipu, a mulher deixou-o e fugiu com um policial. Profundamente humilhado, Antonio procurou "o recesso dos sertões, paragens desconhecidas, onde lhe não saibam nome". Ao passar por um local conhecido como Páus Brancos, localizado na "estrada do Crato", parou para visitar brevemente um parente a quem, durante a noite, por razão desconhecida, "feriu com ímpeto alucinado". Curtas investigações foram feitas pela polícia, mas interrompidas quando a própria vítima reconheceu "a não culpabilidade do agressor", segundo se disse. Antonio continuou a viagem à toa em direção a Crato, no Sul, e em seguida desapareceu até ser virtualmente esquecido pelos antigos conhecidos.

Pelo que disse a Cunha um velho aprisionado nos últimos dias da campanha de Canudos (ver abaixo) e que conheceu nos sertões de Pernambuco anos depois de ter ele partido do Crato, no Ceará, parece que mesmo nessa época, quando tinha cerca de 30 anos de idade, Antonio impressionava vivamente a todos os que o conheciam. "Vagueando numa penitência demorada e rude", escreveu Cunha, "sem destino fixo, errante, alimentando-se mal e ocasionalmente, dormindo ao relento à beira dos caminhos",... falando apenas em monossílabos ou curtas frases, coisa alguma dizendo sobre si mesmo e seu passado, parecendo "indiferente à vida e aos perigos", tornou-se objeto de respeito e, finalmente, de reverência, "para aquelas gentes simples". Ao aparecer numa rancharia de tropeiros, eles imediatamente paravam "os improvisos e as violas festivas". Em tempo relativamente curto, mesmo sem querer, em todos os locais onde parava por



algum tempo transformava-se para essas e outras pessoas da mesma grei no “árbitro incondicional de todas as divergências ou brigas, conselheiro predileto em todas as decisões”.

Nas suas perambulações, cruzou finalmente o São Francisco e entrou “nos sertões de Sergipe”, onde, vivendo de esmolas, “das quais recusava qualquer excesso”, continuou a buscar locais solitários para passar a noite, “não aceitando leito algum, além de uma tábua nua e, na falta desta, o chão duro”. O anacoreta sombrio, como o chama Cunha, mais ou menos dez anos depois de ter deixado o Crato apareceu no Estado da Bahia, caminhando com a ajuda de um cajado, “em que se apóia o passo tardo do peregrino”, com o cabelo “até os ombros”, barba inculta e longa, a face escaveirada e o olhar fulgurante. Usava um camisolão azul sem cinto, um chapéu de aba caída, sandálias e, sobre um ombro, um surrão de couro onde conduzia caneta, tinta, papel, e dois livretos intitulados, respectivamente, *Missão abreviada* e *Horas Marianas*.

Não viajava mais sozinho, pois seu prestígio crescia. E sem lhes pedir, os primeiros discípulos, espontaneamente, “felizes por atravessarem com ele os mesmos dias de provações e misérias”, já se haviam ligado a ele. Os primeiros companheiros eram geralmente “gente ínfima e suspeita, avessa ao trabalho, farândula de vencidos da vida, vezada à mandria e à rapina”, escreve Cunha. Um deles carregava “o templo único, então, da religião minúscula e nascente”: “um oratório tosco, de cedro, encerrando a imagem do Cristo.” Nas ocasiões em que Antonio e seus companheiros paravam para descansar à beira da estrada, o oratório era pendurado numa árvore. Ajoelhando-se, ele e seus sectários rezavam diante dele e, ao se aproximarem de povoado ou vilarejo, conduziam-no em procissão, “triunfantemente... num coro de ladainhas”. Já conhecido como “o Conselheiro”, encontrâmo-lo assim, em 1876, em companhia de duas professoras na vila de Itapicuru-de-Cima. Detinha-se agora para pregar em cada um dos povoados e vilarejos por onde passava e a dar conselhos às multidões que se aglomeravam ao seu redor, “onde lhe permitem os párocos”.

Em Itapicuru-de-Cima, contudo, acusado de ter assassinado a esposa infiel e, por acidente, a própria mãe, foi preso. Proibindo os correligionários de o defenderem de qualquer maneira, seguiu pacificamente para Salvador, onde sua estranha aparência — “face morta, rígida como uma máscara”, escreve Cunha, “sem olhar e sem risos; pálpebras descidas dentro de órbitas profundas; e o seu entrijar singularíssimo; e o seu aspecto repugnante, de desenterado, dentro do camisolão comprido, feito uma mortalha preta; e os longos cabelos corredios e poentos caindo pelos ombros, emaranhando-se nos pelos duros da barba descuidada, que descia até a cintura” — provocaram geral curiosidade e comentários. Em Salvador, ouviu tranquilamente as acusações e não respondeu, “re-



vestido de impassibilidade marmórea". E embora se soubesse mais tarde que os membros da escolta haviam-no espancado a caminho de Salvador, nenhuma queixa saiu de seus lábios.

Ao demonstrarem as investigações policiais serem falsas as acusações movidas contra ele, foi libertado. Voltou aos discípulos nos "sertões da Bahia", no dia que havia previsto, fato este considerado um milagre por essas gentes simples. E dessa forma, aumentou muito sua fama. Ele e os seus sectários continuaram a vagarear por locais na maior parte desabitados das proximidades do Rio São Francisco. Nas vizinhanças de Curaçá, detendo-se por algum tempo, em 1877, em Chorrochó, um vilarejo a cuja feira vinha "a maioria dos povoadores daquele trecho do São Francisco". Uma pequena árvore à entrada do povoado, sob cuja sombra descansou, veio a ser reverenciada, depois de ter ido ele para outras áreas, como "arbusto sagrado", dotado de propriedades curativas.

Durante o resto desse e dos anos que se sucederam, continuou a vagarear pelas áreas contíguas, visitando em diferentes ocasiões Alagoinhas, Inhambupe, Bom Conselho, Geremoabo, Cumbé, Mucambó, Massacará, Pomba, Monte Santo, Tucano e outros povoados, acompanhado agora por crescente número de peregrinos que conduziam cruzeiros, imagens e bandeiras do Divino Espírito Santo. Finalmente, chegou à costa, em Conde. À noite, terços e ladainhas eram entoados nas praças dos povoados por onde passava o grupo. Reunindo a multidão, Antonio, de olhos no chão e com poucos gestos, falava durante longos períodos, a sua fala cheia de excertos truncados das *Horas Marianas*, em frases frequentemente desconexas e com o significado, por isso mesmo, abstruso "um misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares de moral cristã e de profecias esdrúxulas..." Enquanto permanecia numa localidade, contudo, tornava-se para os moradores a "autoridade única", "eclipsando (mesmo) as autoridades locais". Em todas as localidades, igualmente, deixava alguma prova concreta de sua passagem: uma nova capela, uma igreja reconstruída, ou os muros novamente erguidos do cemitério.

Em 1882, consigna Cunha, o arcebispo da Bahia enviou uma circular a todas as paróquias da área proibindo a formação de grupos para ouvir Antonio. Cinco anos depois, tendo entretanto falhado tal providência, o arcebispo apelou para o governador da Bahia, que pediu ao governo federal que internasse Antônio no Hospício dos Alienados no Rio, tendo recebido a resposta de "não haver, naquele estabelecimento, lugar algum vago".

Entretanto, Antonio irritou-se com o costume das Câmaras Municipais do interior baiano de pregar, nas tábuas tradicionais usadas para divulgar notícias, editais a respeito da arrecadação de impostos. Certo dia em Bom Conselho, tendo o povo na feira reunido a sua volta, "entre gritos sediciosos e estrepitar de foguetes", ordenou-lhe que fizesse uma fogueira das tábuas no largo da cidade, o que foi feito. Ao chegar a notícia da ocorrência em Salvador,



enviaram as autoridades um destacamento de trinta soldados "para prender o rebelde e dissolver os grupos turbulentos". A tropa caiu sobre Conselheiro e seu bando, que, no entretempo, havia tomado a estrada para o norte em direção a Monte Santo, em Masseté, "um lugar desabrigado e estéril", como o descreve Cunha, entre Tucano e Cumbe, nas proximidades da Serra do Ovó. Embora o destacamento tivesse atacado "impetuosamente a turba de despreparados, certos de os destroçarem à primeira descarga", descobriram os soldados, escreve Cunha, que se haviam chocado "de frente com jagunços destemerosos". E "foram inteiramente desbaratados, precipitando-se na fuga, de que fôra o primeiro a dar exemplo o próprio comandante".

Antônio Conselheiro e seus seguidores continuaram a marcha, evitando, todavia, os povoados que haviam visitado anteriormente. "Certos do amparo da natureza selvagem" da área, escreve Cunha, "contavam com a vitória enterreirando entre as caatingas", sobre os reforços que logo chegaram — ao todo, oitenta soldados. Estes, contudo, desistiram da perseguição em Serrinha depois de ter Conselheiro, bom conhecedor do sertão, conduzido seu bando por trilhas ínvias que havia conhecido por vinte anos, e escaparam. Finalmente, contudo, chegaram a um vilarejo chamado Canudos, que se formara numa velha fazenda de gado à margem do Rio Vasa Barris. Houvera outrora "cerca de 50" capuabas de pau-a-pique no local. A velha sede da fazenda e grande parte do vilarejo, contudo, estavam em ruínas quando, em 1893, Conselheiro e seu bando chegaram e começaram a construir casas em volta da velha igreja.

Três anos depois, o vilarejo de Canudos foi atacado por um destacamento de uns 100 soldados enviados via Juazeiro. Após uma escaramuça de quatro horas de duração, contudo, os 1.000 defensores do vilarejo, munidos de armas bem antigas, dispersaram-se pela área circundante. Os soldados, sem adequado suprimento de alimentos e água e esgotados com as dificuldades da viagem pela região extremamente inóspita retiraram-se e voltaram para Juazeiro. Nos meses seguintes, duas outras expedições, uma de cerca de 500 soldados e outra de quase 1.300 dirigiram-se para Canudos a fim de destruir a localidade. Embora a superioridade em armas cobrasse um pesado tributo cada vez em mortos e feridos entre os defensores, a inclemência do meio físico e as dificuldades de abastecimento forçaram a expedição finalmente a dar volta e retirar-se como as anteriores.

Finalmente, porém, em abril de 1897, diversos batalhões e uma companhia de artilharia reuniram-se na vizinha Queimadas. Dirigindo-se a Canudos por Monte Santo, como as anteriores haviam feito, sitiaram a cidade, onde receberam posteriormente o reforço de mais soldados. Periodicamente irrompiam escaramuças, iniciadas pelos sitiantes ou defensores, estes últimos, entretanto, ajudados por amigos e parentes residentes na área circunvizinha, que atacavam ocasionalmente pela retaguarda, os soldados, de modo que, por volta de 10 de agosto, estes haviam sofrido,



segundo se diz, cerca de 2.000 baixas, incluindo mortos em combate, os que haviam morrido de ferimentos, sofrimentos, fome e doenças, os seriamente feridos e os gravemente atacados de beribéri e outros males.

Capturando ocasionalmente suprimentos dos sitiados, à vontade na região e acostumados a sobreviver em difíceis condições físicas, conseguiram os defensores resistir mais sete meses, até que os atacantes, depois de terem nivelado a maior parte do povoado com fogo de artilharia e dinamitando as trincheiras dos defensores, finalmente fecharam o círculo em volta da cidade. Entrementes, os defensores tinham perdido a maior parte dos seus homens em condições de lutar, incluindo o líder, Conselheiro, que gravemente ferido e atacado de disenteria morrera dias antes. Um ataque final transpôs as linhas de defesa e aproximadamente 300 pessoas, incluindo mulheres, crianças e velhos, mas poucos homens aptos, foram aprisionados. A cidade fôra inteiramente destruída, não sobrando de pé, escreve Cunha, uma única das suas 5.200 casas.<sup>145</sup>

O aparecimento de líderes religiosos desse tipo na região é talvez mais comum do que geralmente se pensa fora das áreas de sua atividade imediata, embora os seguidores, em todos os casos, tivessem sido menos numerosos, e os resultados finais muito menos dramáticos. Por volta de 1947 ou 1948, por exemplo, um homem que nascera também no Ceará começou a pregar em Casa Nova, na margem esquerda do São Francisco, acima de Juazeiro, e a atrair seguidores que, num tempo relativamente curto, chegaram a 200. O grupo foi finalmente dissolvido pela polícia local que, com a ajuda de reforços enviados de Salvador, dominou, como em Canudos, a resistência armada. Por volta de 1948 ou 1949, igualmente, um homem de aparência modesta iniciou pregações em Xique-Xique, durante as quais proclamava ser a encarnação do Messias. Começou logo a atrair seguidores, cujo número subiu gradualmente até um ponto em que as autoridades resolveram prendê-lo. Os adeptos procuraram interferir, mas ele os conteve, dizendo que não podia ser mantido na prisão, pois "as portas se abririam por si mesmas". Quando, em seguida à prisão, isto não ocorreu, contudo, e os seus seguidores estavam a ponto de atacar a cadeia, descobriram que o líder fôra levado para outra parte do Estado, de onde não mais regressou. Conta-se que no passado líderes semelhantes neste e em municípios vizinhos conquistaram seguidores, que chefiaram durante algum tempo. Quase ao fim de nossa pesquisa informou-se que, numa ilha do São Francisco nas proximidades de Pesqueira, um novo grupo surgira, dirigido por "um pregador de barbas longas, que celebra missas", obviamente sem a sanção da Igreja Católica Romana.<sup>146</sup>

145. Ninguém morou mais aí até 1912, quando uma nova cidade começou a crescer gradualmente em torno da velha praça (ver Rodrigues dos Santos, 22 de maio de 1955).

146. Dizia-se que durante a Semana Santa os membros desse grupo se abstinham de relações sexuais e evitavam tocar também nos órgãos genitais.



De caráter semelhante, embora de tipo mais especificamente messiânico, foi a famosa seita sebastianista que desenvolveu grande atividade sobretudo em princípios do século XIX. O nome derivava da crença profundamente enraizada, objeto de profunda convicção, e mesmo fanatismo, de que o Rei de Portugal, Dom Sebastião, desaparecido depois da derrota dos portugueses pelos mouros no Século XVI, na Batalha de Alcácerquibir, no norte da África, voltaria um dia à terra trazendo numerosas bênçãos. Em 1836, julgando iminente a volta de D. Sebastião, e inspirados pelas pregações de um líder que julgavam capaz de obrar milagres, alguns dos membros da seita ofereceram-se em sacrifício, nisto se fazendo acompanhar pelos filhos num local conhecido como Pedra Bonita, em Pernambuco, a alguma distância ao norte do Vale.

Gardner, viajando pela área do Baixo São Francisco dois anos depois, conheceu vários sebastianistas, que disse serem, na ocasião, "mais numerosos no Brasil do que em Portugal". Citou (pág. 219-220) uma carta enviada ao governador da (na ocasião) Província de Pernambuco por um juiz de paz da Comarca de Flores e publicada por um jornal local, onde se dizia que, "um homem... chamado João Antônio, morador do Sítio de Pedra Bonita, um lugar... cercado de matas, e nas proximidades das quais existem dois grandes afloramentos rochosos, reuniu o povo e disse-lhe que no interior daquelas rochas encontrava-se um reino encantado, que ele estava prestes a desencantar, e que imediatamente depois o Rei Dom Sebastião faria seu aparecimento à testa de um grande exército, ricamente adornado, e que todos os que o seguissem seriam felizes. Continuou a exaltar o local até o mês de novembro do ano passado, quando, por recomendação do Missionário Francisco José Correa Albuquerque, fez uma jornada até o sertão de Inhamon, de onde enviou um certo João Pereira que... à sua chegada a Pedra Bonita, proclamou-se Rei e começou a instilar... idéias na mente do povo, dizendo-lhe que para a restauração do reino encantado seria necessário o sacrifício de certo número de homens, mulheres e crianças; que em alguns dias todos eles se ergueriam novamente e se tornariam imortais; que riquezas abundariam entre todas as classes, e que os que eram pretos ou de cor escura tornar-se-iam tão brancos como a própria lua. Dessa maneira conseguiu levar muitos... do povo a acreditar em suas... asserções... e doutrinas, tanto, na verdade, que alguns pais entregaram os próprios filhos... No dia quatro deste mês, iniciou os sacrifícios e, no curso de dois ou três dias, nada menos de quarenta e dois seres humanos renunciaram à vida sob suas mãos, contando-se entre eles vinte e um adultos e vinte e uma crianças..."

"O resultado, contudo, foi melancólico para ele, pois Pedro Antonio, irmão de João Antonio, o disseminador dessas idéias, tornando-se impaciente... ou talvez tendo a ambição de tornar-se rei, resolveu assassiná-lo, o que fez na sexta-feira dezessete..."



Nesse dia os moradores, fugindo de um lugar para outro, deram notícia dos fatos ao Comandante Manoel Pereira da Silva, que imediatamente reuniu uma pequena força de vinte e seis soldados e gente do campo e, partindo no dia seguinte, surpreendeu Pedro Antonio cingindo uma coroa de trepadeiras floridas, tomada do seu antecessor, e acompanhado por um grupo de homens e mulheres que gritavam em altos brados: 'Venham, nós não os tememos, seremos ajudados pelas tropas de nosso reino'".

"Avançaram então com os porretes e as espadas que conduziam, mataram cinco soldados e feriram cinco outros. Sendo, porém, resolutamente atacados, vinte e seis homens e três mulheres foram imediatamente mortos, tendo sido aprisionados três homens, nove mulheres e doze crianças. O resto, muitos deles feridos, fugiu para a mata. Recebi notícia desses acontecimentos somente na noite do dia dezoito, ocasião em que imediatamente reuni quarenta homens e marchei à frente deles. Á minha chegada, contudo, descobri que o movimento havia sido reprimido da maneira descrita acima. Os prisioneiros foram trazidos por minhas tropas para esta cidade, e as doze crianças serão cuidadas até que cheguem ordens de Vossa Excelência a respeito delas". Gardner, posteriormente, conheceu e "conversou com parentes de algumas das pessoas que foram sacrificadas."<sup>147</sup>

### *Candomblé e Toré*

Ocasionalmente, notam-se sinais de atividade, especialmente no Baixo São Francisco e em cidades como Juazeiro e outras, do candomblé, o culto afro-brasileiro, bem como do toré, de origem ameríndia, tanto na Seção das Corredeiras como nas áreas próximas à foz do rio. A palavra "candomblé" é usada pelos que dele participam em Juazeiro, Penedo e Passagem Grande para referir-se ao culto, ao passo que a palavra "xangô" é empregada algumas vezes com o mesmo sentido por outras pessoas em Passagem Grande. A palavra "toré" na terminologia mais ortodoxa de centros ameríndios concentrados em Águas Belas, Tacaratu, Rodelas e Porto Real do Colégio (ver *Raízes no Passado*, Tomo I) é usada apenas a respeito de cerimônias públicas (ver abaixo). Na Ilha do Toré e em Passagem Grande, contudo, é empregada pelos participantes e por outros na comunidade que o apoiam, a ele são indiferentes, ou procuram reprimi-lo, com referência ao próprio culto.

147. Ver também o relato desses fatos em Francisco Augusto Pereira da Costa, "Folklore pernambucano", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo 70, Parte II(1907), págs. 3-641, e o romance realista da vida nessa área rural e relativamente isolada, com ação aproximadamente cem anos depois — *Pedra Bonita* (Rio de Janeiro, 1938), de José Lins do Rego, que dá uma visão das circunstâncias em que comportamento religioso de caráter tão extremo e mesclado de elementos seculares existia na região.



O candomblé e o toré possuem um panteão composto de certo número de divindades. Os "guias", ou espíritos dos mortos, são invocados no toré. As danças religiosas e o possamento constituem elementos básicos das cerimônias de ambos os cultos, ambos os quais são dirigidos por um especialista sagrado, geralmente homem, conhecido no candomblé como "pai-de-santo", às vezes (mas não sempre) auxiliado (e mesmo substituído ocasionalmente) por uma mulher chamada "mãe-de-santo", e, no toré, por um "caciue", ou "mestre", como é variadamente chamado.

No candomblé as dançarinas cerimoniais são quase sempre mulheres, conhecidas como "filhas de santo", todas elas chamadas por um dos orixás (ou inquices) e que passaram subsequentemente por um período de preparação para a função sagrada de servir como intermediário humano através da qual, no decorrer da dança sagrada, o orixá "manifesta-se" "baixando nela" e falando por seu intermédio — função esta que exercerá em seguida durante toda a vida. "Quando são tomados pelos inquices", disse um informante de Passagem Grande, "não são mais negros, brancos ou mulatos que dançam, mas as próprias divindades da África". Ocasionalmente, embora isto seja raro, um homem que passou por experiência pessoal semelhante é consagrado como "filho-de-santo" a um dado orixá e toma seu lugar entre as dançarinas cerimoniais para servir, como as filhas-de-santo, como meio pelo qual "baixa" o orixá durante uma dança cerimonial sagrada e "fala" aos crentes reunidos. Os dançarinos cerimoniais nos torés de Passagem Grande e da Ilha do Toré, contudo, são homens e mulheres, predominando estas últimas, que de modo idêntico servem, por meio de possessão, como instrumentos através dos quais falam os "guias", ou espíritos. As dançarinas cerimoniais do candomblé, especialmente as filhas de santo, vestem geralmente trajos que (no candomblé) lembram os usados na África. No toré, porém, somente os homens entre os dançarinos usam costume especial (ver abaixo). Em ambos, cantam canções sagradas enquanto dançam. Para dar ritmo às danças, e acompanhamento às toadas, são empregados três tambores no centro de culto do candomblé em Juazeiro, variando eles de tamanho, como ocorria também em Passagem Grande, muito embora, em virtude de repressão policial, inspirada segundo se diz pelo atual e antigos padres, o atabaque maior não seja mais usado e varia também o número dos mesmos, sendo às vezes dois, ocasionalmente três e pelo menos em um caso, um único. A fim de abrir as cerimônias do candomblé e, igualmente, às vezes, para acompanhar os tambores, usam-se um adjá ou agôgô, o último uma dupla campânula de ferro e o primeiro um idiofônio de percussão, de ferro. O instrumento usado quase exclusivamente para finalidades semelhantes nas danças cerimoniais do toré é o maracá (ver abaixo).



Em Passagem Grande, em virtude da repressão policial mencionada acima, as cerimônias do candomblé e do toré são realizadas em sigilo, geralmente em sítios muito distantes da cidade. O nosso pesquisador nada soube a respeito dos mesmos nas primeiras semanas em Passagem Grande. Após ganhar a confiança dos informantes, contudo, pôde finalmente visitar os principais centros de culto da área. Um deles localiza-se, surpreendentemente, nos próprios limites da cidade, outro num bairro próximo, alguns dentro de um raio de mais ou menos uma légua da cidade, e ainda outros em povoados vizinhos, num total de 6 candomblés e dois torés. Na Ilha do Toré, contudo, existe apenas um centro de culto, um toré, cuja função, por ocasião de nossa pesquisa, contribuía decididamente para criar e manter a solidariedade do grupo (ver abaixo).

Em Cuscuzeiro, onde aparentemente se conhece apenas o candomblé, os fazendeiros locais consideram esses "ritos africanos", como são chamados, como "anti-católicos", e não permitem que sejam celebrados no vilarejo. Um dos moradores disse que "os donos da terra não gostam dessas brincadeiras porque elas são tolices do Cão". Algum tempo antes de nosso período de pesquisas, uma mulher conhecida como "Maria Xangô", aparentemente mãe-de-santo, foi obrigada por um fazendeiro a deixar o vilarejo. Um rapaz, chamado "Zezé Dendê" fôra antes obrigado a partir, pelo mesmo fazendeiro. Foram ambos morar, contudo, numa ilha do São Francisco não muito distante.

O *candomblé*. Entre os líderes do Candomblé em Juazeiro existem pelo menos quatro pais-de-santo de grande prestígio. Dois, disse um informante, são "filhos daqui"; outro veio de Salvador muitos anos antes; e o quarto de Cachoeira, tendo chegado a Juazeiro apenas dois anos antes de nossa primeira visita ao Vale.

A casa de candomblé de um desses pais-de-santo localiza-se a cerca de 4 quilômetros da cidade, nas proximidades da estrada de ferro para Salvador, pouco depois do vilarejo de Pitanga (Ipitanga). Nas vizinhanças há um mastro de bandeira. A terra em volta é pedregosa, extremamente seca e esparsamente coberta com moitas de espinhos. A área em torno da casa do candomblé tem mais ou menos meio hectare de extensão e é delimitada por uma cerca de moitas. Em três dos seus quatro cantos erguem-se estruturas complementares: uma pequena casa "para as almas", uma choupana para o orixá a quem o pai de santo foi consagrado, e uma choça menor para Exú (ver abaixo). No vilarejo de Pitanga, o pai de santo construía por ocasião de nossa visita uma nova residência, casa muito melhor em comparação com as choupanas de pau-a-pique em volta, com paredes caiadas por dentro e por fora, chão de pedra áspera e telhas na cobertura.



O pai-de-santo é um preto retinto, com numerosas cicatrizes de varíola na face, e barba rala. "Consagrado" a Abaú,<sup>148</sup> o orixá da varíola, disse que foi "feito", ou dedicado há 31 anos e que "bate", ou dirige seu candomblé em Juazeiro há 21 anos. Parece ser um homem bondoso e de maneiras agradáveis e demonstra equilíbrio e respeito próprio. Fala de modo tranquilo e específico em voz clara, com segurança e animação, sobre assuntos que conhece a fundo e do qual se orgulha muito, "iluminando-se" os seus olhos quando fala. Sorri com frequência, parecendo sentir prazer em falar de sua religião e dar detalhes sobre as crenças e práticas. Não se nota evidência de ostentação pessoal, como às vezes ocorre entre líderes de candomblés em desintegração, indivíduos que, pelo menos em parte por esse motivo, são pessoas inseguras, nem tampouco sinais de reserva ou suspeita.<sup>149</sup> Por ocasião da entrevista, usava uma gongorra tecida com fio grosso, com um desenho na parte superior. Contou que somente quando usa esse ornato de cabeça pode exercer quaisquer das funções de pai-de-santo ou, como se diz, "fazer qualquer serviço". É casado e tem vários filhos.

Da mesma forma que outros pais-de-santo, disse que era católico romano, e, refletindo um considerável grau de sincretismo (ver abaixo) com as crenças da igreja dominante, que os nomes usados em seu candomblé são "meramente outros nomes para os mesmos santos". "Ogum, por exemplo", disse ele, "é apenas outro nome de Santo Antonio". Demonstrando ainda mais sincretismo, embora desta feita com referência a diferentes cultos africanos e ameríndios, disse também que "Queito, Nagô e Ige-sha são todos da mesma nação", e que, de idêntica maneira, "são da mesma nação cabocla, angola e congo" (ver Pierson, 1942:276). Uma das filhas-de-santo deste centro de culto, uma mulher de 30 anos de sorriso agradável e maneiras modestas, estava na ocasião para ascender à categoria de mãe-de-santo, após completar 7 anos de "feita". No ombro esquerdo tinha duas colunas paralelas de três cicatrizes cada, encimadas por uma cruz. Havia outras cicatrizes, disse ela, no braço esquerdo, seio esquerdo, e perna esquerda. Depois de feitas as incisões, disse o pai-de-santo, "passou-se pomba sobre elas", e elas "se alargaram somente no 7.º ano", mostrando assim que "o orixá aceitou-a inteiramente" e que ela "está agora pronta prá qualquer serviço".<sup>150</sup>

O centro de candomblé de Passagem Grande considerado o "mais puro" no que interessa a elementos culturais de origem africana é o conhecido como "Candomblé de São Jorge". Suas

148. Este nome na língua Queito, disse ele, equivale a Omolu em Nagô (Yoruba). Ver Pierson, 1942:279 e segs.

149. Talvez devido também até certo ponto à sua simpatia pelos convidados e pelas suas próprias experiências com candomblés de São Luis do Maranhão e Salvador.

150. Disse ainda que logo que as incisões foram feitas "o corpo ficou fechado" contra todas as doenças e males (ver *Doenças e Seu Tratamento*, Tomo II).



cerimônias são realizadas com frequência nas noites de sexta-feira, começando pouco depois do anoitecer. Depois de fazerem as compras ou vendas semanais na feira naquele dia, os membros do grupo, homens e mulheres, banham-se no rio em preparação para a entrada no lugar sagrado. Em fins da tarde, deixam a cidade, um a um, em direção ao centro do culto, ou "terreiro", localizado a alguma distância e discretamente oculto dos olhos da polícia. As filhas-de-santo que dançarão naquela noite nos ritos cerimoniais conduzem um embrulho na cabeça contendo as vestes especiais que usarão.

As cerimônias são realizadas num barracão de palha de coqueiro de mais ou menos 8 por 5 metros. Num canto à frente, há uma pequena mesa, conhecida aqui como "canzoal", coberta por uma toalha branca e muito engomada. No dia em que este candomblé foi visitado havia sobre a mesa duas pequenas estátuas de Janaína,<sup>151</sup> repousando sobre uma representação de ondas, com a parte inferior do corpo esculpida em forma de peixe prateado e a superior em forma humana e colorida para parecer-se com a pele humana, cabelo longo e esverdeado, seios nus, grandes e cheios, bem como um crucifixo de mais ou menos 15 centímetros de comprimento depositado entre as duas estátuas, um cálice dedicado a Xangô,<sup>152</sup> de madeira pintada de vermelho e, dentro dele, a "pedra de raio".<sup>153</sup>

Em uma das cerimônias observadas, o pai-de-santo vestia camisa branca e calças azul-marinho. Uma grande faixa verde havia sido passada por cima do seu ombro esquerdo e sob o braço direito. A mãe de santo, consagrada a Oxum-do-lá, como ela mesma disse, vestia uma saia amarela bem rodada, diversas anáguas e uma blusa conhecida como "bata", feita de cetim lamê branco, turbante azul, uma peça de fazenda como aquelas compridas comuns na Costa Ocidental da África e, por isso mesmo, conhecida nos candomblés como "pano da Costa", usada sob os braços e enfiada na cintura, numerosos colares, incluindo um de palha fina trançada com um pingente enfeitado e búzios, chamado de "quelê", outro de "fios de assentamento de Oxum",<sup>154</sup> uma pulseira, feita principalmente de pequenas conchas coloridas de caramujo e alguns berloques de prata, além de contragunzo, brincos e braceletes.

As danças cerimoniais contaram com 22 participantes, dois dos quais homens. As dançarinas usavam blusa, grandes saias

151. Conhecida também como Yemanjá, que em ambos os casos personifica a água.

152. Refletindo extenso sincretismo (ver abaixo), o xangô é conhecido aqui e em outros locais como "Santa Bárbara".

153. Xangô, no panteão do candomblé, personifica o raio e é representado por uma das chamadas "pedras de raio", que embora sejam, de fato, instrumentos de pedra usados outrora pelos índios e agora ocasionalmente encontrados na área, são julgados pelo povo como tendo sido criados pelo raio, que os enterrou sete palmas na terra, de onde sobem gradualmente até a superfície, um pouco de cada vez, até surgirem dentro de sete anos.

154. Oxum personifica a água potável.



rodadas bouffant, e uma faixa na cabeça, comum às filhas-de-santo, todas elas de côr e diferentes, apropriadas ao inquice (ou orixá) a que fôra consagrada: azul marinho para Ogum,<sup>155</sup> vermelho para Xangô, branco para Dona Janaina, verde para Locô, e amarelo para Oxum. Os homens usavam roupas comuns, embora também trouxessem colares de contas e pequenos búzios. Estavam todos descalços. Os três tocadores de atabaque também se vestiam de maneira comum, bem como o tocador de adjá que, sonolentemente, tocou o idiofônio de percussão indireta com um prego de caibro.

O pai-de-santo abriu a cerimônia com um “despacho” para Exu, que os informantes disseram ser o “criador de Xangô”, uma espécie de estafeta “que leva a Xangô os desejos das filhas-de-santo e de outros mortais”.<sup>156</sup> O pai-de-santo falou em sons ininteligíveis, usando, disse um informante, “a linguagem do Exú, pois ele só compreende isso. Nada mais serve”. Em seguida, tomou o cálice de Xangô, o agôgô retiniu, e os atabaques iniciaram um toque que o informante disse ser nagô. Os dançarinos formaram duas linhas, de frente para o pai e a mãe-de-santo e começaram a dançar, cantando o primeiro uma frase para iniciar uma toada sagrada, respondendo os demais. As canções eram em parte portuguesas e em parte o que os informantes identificaram como um dialeto africano, embora, provavelmente, o último (como o primeiro) tenha sido muito alterado por haver sido transmitido durante gerações a pessoas analfabetas, e amiúde usadas, especialmente em tempos recentes, por indivíduos para quem as palavras perderam em parte ou no total o significado original. O primeiro verso foi o seguinte:

“É um tátá  
que nos lê de um  
ora que nô zi lá de cô,  
é um tátá  
are de chê ca nê  
de um nenê  
que lê de cô”.

A dança e o canto de acompanhamento continuaram durante vários minutos até que a filha-de-santo “caiu”, como se diz, passando a um estado de semi-consciência que os devotos acreditam devido ao fato de ter sido ela “possada” por um orixá, que desta maneira se manifesta através de um intermediário humano.

Posteriormente, foram realizadas outras danças e cantadas outras toadas, uma após outra, mudando o ritmo das batidas de acordo com cada uma delas, à medida em que outros orixás eram invocados até que todos eles, um de cada vez, “desceram” e “pos-

155. Ogum personifica a guerra e o ferro.

156. Esta concepção diverge da que foi observada pelo autor em Salvador há alguns anos (ver Pierson, 1942:282, 307).

saram" uma ou outra de seus intermediários humanos. "Esse é um toque gegê: arrepare como eles vão pinoteá", disse um informante. "Esse que desceu é um inquice que gosta de pulá". Entrementes, aumentava a tensão entre o grupo e, em certa ocasião, o tocador do maior dos atabaques, dando ao observador a impressão de "estar possuído de uma excitação genésica", abraçou o instrumento.

A medida que cada orixá "baixava", ele ou ela eram saudados efusivamente. Numa ocasião, uma filha-de-santo que fôra "pos-sada", aproximou-se e cumprimentou os presentes, estendendo a mão de forma diferente da usual: palmas e palmas da mão se encontraram, depois ambos seguraram os polegares e, então, voltaram ao aperto de mão comum. Isto foi repetido três vezes. "Foi uma iabá que desceu", disse o informante. "Imelê, a mãe-de-Xangô". Todos se ajoelharam e beijaram a mão da filha de santo. Em seguida, baixou Dona Janaína, que chamou as filhas-de-santo de suas "tainhas", e uma sensação de euforia correu, especialmente entre os participantes femininos da cerimônia. Um dos versos cantados dizia:

Cosme e Damião  
sua santa chegou,  
veio do fundo do má,  
Janaína le mandô.

Subitamente, várias filhas-de-santo deixaram o círculo de dançarinas e, depois de terem a cabeça umedecida pelo pai-de-santo com água de uma quartinha sagrada, correram para as águas de uma lagoa próxima, considerada sagrada para Janaína.

Na época em que, durante nosso período de trabalho de campo, este pai-de-santo e a esposa deixaram a comunidade, de mudança para São Vicente, surgiram disputas e desentendimentos entre os que procuravam sucedê-los, o que eventualmente resultou na desintegração deste centro de culto. A ameaça de morte de um dos aspirantes levou duas famílias a se mudarem para Penedo. Alguns membros ingressaram em outros candomblés da área. Devido a esses fatos, nosso pesquisador não pôde presenciar outras cerimônias deste candomblé, talvez, conforme dito acima, o "mais puro" entre os seis de Passagem Grande no que interessa a elementos ou complexos culturais de origem africana, incluindo cerimônias tais como "fazer santo", "lavagem das contas", "dar comida à cabeça", "despachar o ebo", e "troca de cabeça".<sup>157</sup>

157. Para informações adicionais sobre o culto do candomblé ver, em inglês, o Capítulo X, págs. 275-317, em Pierson, 1942, e, em português, Nina Rodrigues, *O animismo fetichista dos negros bahianos* (Rio, 1935), Arthur Ramos, *O Negro Brasileiro* 2a. ed., São Paulo, 1939), o *Folklore Negro no Brasil* (Rio, 1935), *Culturas Negras no Novo Mundo* (Rio, 1937), Quinta Parte, "Brasil", págs. 281-371 "O Negro e o Folk-lore Cristão do Brasil", *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, XLVII (maio de 1938), págs. 47-48, Edison Carneiro, *Religiões Negras* (Rio, 1936), *Candomblés da Bahia*, Rio, 1954, Negros Bantus (Rio, 1937), "O Mito das Águas" *Estado da Bahia*, 19 de junho de 1936, e "Culto da Natureza entre os Negros Bantus", *ibid.*, 26 de fevereiro de 1936, Martiniano do Bonfim, "Os Ministros do Xangô", *ibid.*, 19 de maio de 1937, Padre Étienne Ignace Brasil, "Le fetichisme des negres du Brésil", *Anthropos*, II (1908), págs. 881-904, Gonçalves Fernandes, *Xangôs do Nordeste* (Rio, 1937).



O *toré*. Entre os remanescentes Fulniôs de Águas Belas, em Pernambuco, o *toré* é uma dança pública, com cantos, diz Pinto (1956:136), que conta com a participação de homens e mulheres. Pode revestir-se de significação religiosa, como quando dançado e cantado na cerimônia do ouricuri (ver abaixo) ou outras cerimônias em que presumivelmente participam o espírito dos mortos, ou talvez não tenha significação religiosa, como quando dançado e cantado em honra de algum membro do grupo ou outra pessoa viva. Em ambos os casos — o religioso e o secular — notam-se variações características nos meneios e entonações. Uma flauta, feita de taquara, casca de pau, pele de jacaré, ou barro, conhecida como “*toré*”, deu originariamente o nome à cerimônia,<sup>158</sup> embora os instrumentos atualmente usados em Águas Belas sejam a trombeta, o maracá e, às vezes, a zabumba.

A trombeta, um canudo feito de facheiro, dentro do qual é inserido um pífano composto de dois pedaços de taquara presos com cera de abelha, constitui o principal instrumento. Coberta com uma capa de flanela quase sempre vermelha e presa por laços de fita, tem dois diapasões diferentes, chamados “macho” e “fêmea”, motivo porque se diz que constituem um casal”. O maracá, feito de coité (cuia) contém caroços de periquito ou de mulungu.<sup>159</sup> A zabumba, quando usada, é feita de pau de tamboril-bravo. Sendo sagrados, esses instrumentos são sempre conservados sob a guarda dos Fulfulariôs de mais prestígio e passam de uma geração à outra. Dizem os Fulariôs que os empregados em *torés* públicos não são os mesmos que os usados em cerimônias menos públicas e mais sagradas.

Algumas das danças imitam os movimentos das aves, fato este refletido por seus nomes, como, por exemplo, “Asa Branca”, “Canindé”, “Meu periquitinho maracanã”, “Papagaio”, “Sabiá branco”, e “Urubu”, e, entre as demais, as conhecidas como “Cruzeiro do Sul”, “Dondozinha”,<sup>160</sup> “Passo de Cavalo” e “O Preto”.

Conforme indicado acima, cerimônias semelhantes são realizadas em duas das localidades estudadas pelos nossos pesquisadores; a Ilha do Toré, na Seção das Corredeiras, e em Passagem Grande, na parte baixa do rio. Em ambos os locais, contudo, a palavra “*toré*” é usada pelos participantes e pelo público em geral com referência ao próprio culto. Embora alguns participantes, especialmente os líderes da Ilha do Toré e de Passagem Grande, refiram-se também à dança cerimonial usando a mesma palavra,

158. Sampaio, págs. 274, *apud* Pinto, 137n. Também chamado *tolê*, *torém*, *boré* e *turé*, segundo Spix e Martius (1938b, III:183, *apud* Pinto, 137n).

159. Respectivamente, *Alternanthera paronichioides* e *Erythrina*, sp.

160. Entre os Shucurus, Dondozinha é, ou era, um espírito, ou “mestre”, do sexo feminino, filiado à “metade” Lua. É citada também nos cantos dos caboclos da Serra de Ararobá (ver Pinto, 1956:139).



esta é mais comumente conhecida pelos participantes de ambas as localidades como "trabalho", embora também se ouça em Passagem Grande a palavra "chamada", usada nesse sentido.

Este sistema de rituais, cerimônias e crenças assemelha-se em certos aspectos ao conhecido pelo autor nos "candomblés de caboclo" de Salvador (ver Pierson, 1945:275). Afirma-se também que se parece com os dos chamados "catimbós" de algumas das maiores cidades do Nordeste. Tem como seu núcleo a presumida interação com os espíritos dos mortos, constituindo função do cerimonial invocá-los de modo que eles "baixem", como se diz, e cada um deles "posse" temporariamente o corpo das dançarinas e, através desta intermediária humana, dirijam-se ao grupo. Neste sentido, o toré lembra o culto espírita e o candomblé, salvo no sentido, de neste último caso, pensar-se que o "possamento" é realizado não pelos espíritos dos mortos, mas pelos orixás, ou divindades.

Tais cerimônias públicas constituem obviamente um meio de divertimento. Ou como disse um morador de Sertão Novo, um homem que não fazia parte do grupo, depois de comparecer a uma cerimônia pela primeira vez: "Fiquei maluco por ela. Tem alguma coisa que atrai." Não obstante, a principal função do culto, inconsciente, naturalmente, assemelha-se a do candomblé, isto é, a de promover a solidariedade do grupo, fato este claramente observado na Ilha do Toré, onde os participantes descobriram constituir um poderoso meio para mobilizar-lhes as energias numa situação de conflito com os proprietários legais da terra que ocupam e reivindicam. Participando de rituais e cerimônias comuns, nas quais os ancestrais são reverenciados e, especialmente, do fenômeno do "possamento", os membros do culto sentem reduzidas as ansiedades e senso de frustração graças à ajuda que esperam desses ancestrais na consecução de um objetivo comum, neste caso a preservação de seus lares (ver abaixo) bem como a obtenção de conselhos sobre outros problemas pessoais urgentes, como doenças e seus tratamentos.

O culto, por conseguinte, não apenas desenvolve e mantém a solidariedade do grupo, mas contribui também para o senso de segurança de parte do indivíduo. Participando dos rituais e cerimônias e, em especial, desempenhando neles papéis importantes, o indivíduo obtém maior senso de integração, de reconhecimento e de reação. As relações sociais entre membros do grupo são igualmente fortalecidas ao reunirem-se periodicamente amigos e conhecidos que moram distantes uns dos outros.

Os participantes na Ilha do Toré consideram o culto como instituição antiga, que data do início do mundo. Disse o líder que Mané Luca "foi o primeiro mestre de aldeia, no mais remoto dos tempos, quando Deus fez o mundo", pois quando "o véio Deus existia, Mané Luca existia também, já sentado à mesa e traba-



lhando no toré". Certo dia, "os apóstolos de Nosso Senhor pediu para espia a mesa de Mané Luca, prá mode de conhecê". Deus disse que poderiam ir "se vortasse na hora das reza". Ao chegar a hora, contudo, eles "estava achando o toré tão bonito, que esqueceram o tempo e Deus teve que rezá só". "Era de fato bonito", acrescentou o contramestre, "tão bonito mesmo que, desse dia em diante, Mestre Luca ficou com o podê prá trabaia, podê sobre as tribos, Deus no ceu e Mané Luca na aldeia".

Além das próprias danças, de fundamental importância são as canções cerimoniais cantadas com cada uma delas; os instrumentos musicais usados no acompanhamento de cantores e dançadores; o rito da jurema e o cachimbo cerimonial; e as demais cerimônias, como as conhecidas, na Ilha do Toré como "sentar mesa" e "ceia dos antigos" (ver abaixo).

Na ilha do Toré e em Passagem Grande uma dança cerimonial é realizada regularmente todas as noites de quarta-feira e sábado, geralmente começando pouco depois do anoitecer. O local é chamado, em ambos os locais, de "terreiro", provavelmente porque realizada geralmente num terreiro (ver *Moradias*, Tomo II) na casa do líder, ao ar livre. Na Ilha do Toré, contudo, é conhecido também como "campo do índio". Existem três desses locais sagrados na ilha, incluindo o da residência do líder, entre a casa e um cruzeiro existente no pátio, o do principal ajudante também entre a casa e um cruzeiro, e um terceiro local, na ponta da ilha, como é chamada, onde o culto foi certa vez celebrado no passado (ver abaixo). Em Passagem Grande, antes da repressão da polícia, a dança era também realizada ao ar livre, num espaço entre a casa do líder e um cruzeiro. Agora, porém, tem lugar no interior da casa.

Aparentemente influenciado pelas práticas de candomblé e refletindo também sincretismo com certos elementos do sistema religioso dominante, os centros de toré de Passagem Grande, ao contrário dos da Ilha do Toré, possuem um altar. Consiste de uma mesa com um sobreco, localizado geralmente num canto do cômodo na casa onde os membros do culto se reúnem para as cerimônias, e é conhecido como "piana", ou "pianha". São postas sobre a mesa pequenas imagens, incluindo as chamadas de Malunguinho, Santo Antoninho de Lisboa, Santa Bárbara, São Jerônimo, Senhor do Bonfim, os gêmeos São Cosme e Damião, São Jorge Guerreiro, Santo Onofre, e Santa Tereza. Desde que a "piana" nunca deve ficar na escuridão, segundo se diz, é mantida nela queimando uma luz, às vezes também durante o dia.

Das cerimônias nos dois torés de Passagem Grande, segundo disse um informante, podem participar "apenas os que têm sangue índio". Nem brancos nem negros, segundo se informou, podem entrar em qualquer dos locais sagrados. Esta proibição, contudo,



obviamente não se aplica aos cruzamentos e é claro também que pessoas de ascendência africana relativamente pura nem são reconhecidas como tais nem excluídas. Na Ilha do Toré, embora o grupo alegue ser de ascendência ameríndia,<sup>161</sup> o líder informou que recebe com prazer “elementos de côr”, “contanto que tenham boa vontade”.

O líder, um homem chamado Mané Caboclo, é conhecido como “cacique de aldeia” e como “mestre”, e seu ajudante, homem também, como “contra-mestre”. Ambos parecem ser de ascendência ameríndia relativamente pura. Durante o período de nossa pesquisa, um homem da aldeia ameríndia de Rodelas, no Estado da Bahia, visitou a ilha durante alguns dias. A sua presença, disse um dos membros do culto, “tornou desnecessária a presença de Mané Caboclo”, aparentemente numa referência ao fato de que, entre os membros, os rituais e as cerimônias em Rodelas são consideradas mais “puras” de que os seus. Apesar disso, diz-se que o “cacique de aldeia”, ou “mestre”, “foi consagrado pelos antigos ao serviço que ele devia realizá”. “Dona Joaninha me levô a uma montanha”, disse ele, “onde havia duas portas e, do lado de dentro, um reinado. Aí eu fui consagrado”. Outro membro do culto disse, exageradamente, sem dúvida, mas sugerindo também o grau de sincretismo religioso característico da área, que “o mestre foi mesmo a Roma”. Em Passagem Grande, o líder é conhecido como “Presidente” e tem também assistente. Eles e outros membros masculinos do culto, nos dias imediatamente anteriores a um “trabalho” no “terreiro”, tomam certos banhos e evitam bebidas alcoólicas e relações sexuais, forma de conduta esta tornada necessária, explicou o líder, “prá pegá os encanto”, isto é, para fazer com que os espíritos apareçam na dança cerimonial.

É muito pouca a indumentária especial usada no toré da Ilha ou em Passagem Grande. Com exceção de dois rapazes que usavam um gorro com penas e uma saia feita de fibras pendentes de caroá, os participantes na Ilha do Toré vestiam roupas comuns, nus da cintura para cima. Em Passagem Grande, mas não na Ilha, o líder usa um cocar de penas conhecido como “capacete de índio”, com um enfeite, também de penas, a tiracolo. Os sapatos ou tamancos são tirados e, no caso da maioria dos homens na Ilha do Toré, a barra das calças comuns é dobrada até os joelhos. Todos os demais participantes usam um rosário a tiracolo, tomando cuidado para que haja apenas uma volta.<sup>162</sup>

161. Às vezes, tomam parte pessoas procedentes de reserva ameríndia de Rodelas, na Bahia. Em certa ocasião, por exemplo, a mãe e a tia de um dos moradores, que haviam chegado naquele dia de Rodelas, “aproveitaram a ocasião”, como disse um informante, para dançar na cerimônia daquela noite.

162. Disse um informante que o rosário de duas voltas “é para os nagô do candomblé e nós tomamos cuidado para dá uma só”.



O uso de uma infusão feita da entrecasca da raiz da jurema, árvore considerada sagrada pelos membros do culto e, segundo se diz, de efeito narcótico, é indispensável em todas as cerimônias importantes. É ingerida como parte de ritual a fim de invocar os espíritos e, também, "dar-lhes de beber" quando aparecem. "Todos os que dançam", disse um membro do culto na ilha, "precisam tomar jurema".<sup>163</sup> E é talvez ainda mais importante que os participantes em cerimônias sigilosas, como o "serviço de mesa" e "festa dos antigos", (ver abaixo) dela bebam.<sup>164</sup> Antes de beber um gole em uma pequena cuia, o líder na Ilha do Toré olhou atentamente para o líquido e pronunciou algumas palavras supostamente de origem ameríndia. Depois de bebê-lo, colocou as mãos sobre os olhos, curvou a cabeça, "e permaneceu como se estivesse rezando", notou um observador, durante alguns momentos.

Na preparação da jurema a casca é retirada, batida até transformar-se em polpa com uma pedra e posta a embeber na água durante algum tempo num aribé e, em seguida, defumada em forma de cruz com o cachimbo sagrado, depois do que a polpa é mexida durante algum tempo. Ninguém deve sentar-se sobre a pedra e o cepinho usado para pisar a polpa nem profaná-los de outra maneira, disse o líder, "mas serem colocados num lugar onde nada lhes aconteça".<sup>165</sup> A pessoa que prepara a bebida, disse, "é dirigida pelos espíritos dos antepassados", e se uma pessoa não escolhida quiser realizar tal função, ela "será castigada pelos espíritos". Além disso, pensa-se que "nem todo mundo" pode cavar a raiz da jurema, de que é feita a bebida. Na ocasião em que o membro indicado sai para desenterrar uma raiz, deve ter cuidado de localizar a árvore apropriada, porque "nem todas servem". "As que têm espinho não servem, precisa ser lisa". Localizando um pé, deve também cavar "apenas do lado onde nasce o sol" e se nenhuma

163. Não obstante, nas circunstâncias bastante penosas em que o culto é praticado na Ilha do Toré, torna-se às vezes difícil obter a jurema. Na verdade, nosso pesquisador compareceu a três cerimônias em que ela não foi usada. Quando o espírito que havia "possado" um dançarino dirigiu-se ao contramestre por meio de gestos e solicitou-a, este pediu perdão, explicando que "os tempos tá difícil". Segundo o informante, "o perdão foi concedido".

164. A respeito dos remanescentes Schucurus que residem nas bordas do Vale, não muito distante, escreve Hohenthal (1954:147) que "essencialmente o rito da jurema tem como finalidade a intervenção do pagé, em nome do povo, junto aos seres sobrenaturais do mundo dos espíritos".

165. A respeito da preparação da jurema entre Shucurus, escreveu Hohenthal (1954, pág. 149) que, "A casca é cortada com cuidado, tirada da parte da raiz da jurema e colocada sobre uma grande pedra chata para ser batida com atenção e lentidão com um seixo macio, de modo a não danificá-la. O espírito de jurema reside no interior da casca e não deve ser ofendido por tratamento áspero ou grosseiro. Depois de pisada a desfiada nos dedos até transformar-se em polpa, a casca esmagada é posta em uma grande meia cuia ou vasilha de barro contendo água tirada de um regato. A polpa é apertada suavemente nas mãos até sair o suco, que transforma a água clara em um líquido vermelho escuro, na superfície do qual flutua espuma branca. Esta espuma saponácea é cuidadosamente removida com movimentos da mão, levando um homem o líquido restante, com todo o cuidado, ao pagé, que o coloca reverentemente numa esteira áspera à sua frente".



raiz for encontrada desse lado, precisa procurar outro pé.<sup>166</sup> Antes de cavar, cumpre-lhe também "pedir permissão ao mestre (espírito) para tirá a jurema" e, em seguida, acender o cachimbo sagrado, ou "guia", como é também chamado, que foi trazido para essa finalidade, e defumar em cruz.

Caso a pessoa "não seja concentrada no serviço e num tenha muita fé", se chegar perto de um pé de jurema "começará a tremê e tê medo", e se parar no lugar, "logo depois começa a corrê dele". Analogamente, membros do culto em Passagem Grande dizem que o estranho ou um inimigo "não ousam" aproximar-se de um pé de jurema. A árvore é considerada, em especial, como fonte de "amarração" dos indesejáveis "espíritos brancos" (ver abaixo). Para os fiéis, contudo, é "um lugá de segurança", pois nela residem os "bons caboclos", os que "fazem apenas o bem, e que sabem receitá remédio bom quando a gente 'tá doente'". Uma casa situada perto de um pé de jurema não pode ser atacada por um "espírito branco", dizem os membros do culto. "Ai, daquele que toca um pé de jurema", exclamou um informante, "sem permissão do dono da casa"! Até mesmo um ramo da jurema é considerado meio eficaz de proteção,<sup>167</sup> e as folhas, quando secas, são usadas para fins de defumação. Afirma-se, contudo, que a jurema é benéfica "apenas para os que têm sangue índio".

Em Passagem Grande, a jurema não é preparada com água, como na Ilha do Toré, mas com cachaça. Além desta infusão outras são feitas com imburana-de-cheiro e juçá, igualmente com adição de cachaça. As três, depois de ficarem em descanso algum tempo, são misturadas, adicionando-se o sangue de uma galinha recentemente sacrificada para esse fim e um pouco de mel de abelha, o que constitui a bebida chamada de "jurubari", usada em cerimônias do culto para finalidades semelhantes às da Ilha do Toré. "É prá dá força ao trabalho", dizem membros do culto. "Os caboclo quando desce, bebe, e fica contente."<sup>168</sup>

166. Compare-se com o que Hohenthal encontrou entre os Shucurus (1954:148): "Quando o pagé resolve realizar uma cerimônia, anuncia o fato aos companheiros e diz que 'vai sair durante algum tempo', depois do que parte para procurar a jurema, seja a 'branca' (*Acacia jurema*, Mart.) ou a 'preta' (*Mimosa nigra*, Hub.), dependendo das preferências tribais. Ambos os tipos são considerados igualmente eficazes pelos Shucurus, ao passo que os Fulniô preferem a 'preta'. Uma vez escolhida a árvore, o pagé senta-se diante dela e fuma um cachimbo de barro cozido ou de madeira de jurema, onde é posto fumo forte e grosso, enquanto medita. O cachimbo é então virado na boca do pagé, com a haste apontando para a frente. Ele sopra cuidadosamente o fumo sagrado sobre a base do tronco de jurema. Feito isto, lentamente cava com um pau afiado e os dedos em torno do tronco até descobrir uma raiz lateral que se estende da base. A raiz deve sempre apontar para o norte. Uma parte, medindo talvez 12 ou 14 polegadas, é cortada com um facão e o buraco novamente enchido cuidadosamente de terra e alisado, para esconder qualquer sinal de perturbação. A seção da raiz é levada de volta à aldeia pelo pagé, que não a mostra a ninguém antes da cerimônia.

167. Uma crença semelhante no local, como em outras partes do Vale, é a relativa ao uso de uma palma. Se levada à Igreja no Domingo de Ramos e abençoada pelo padre, pensa-se que pode proteger a pessoa do raio, chuvas pesadas e outros fenômenos naturais, contanto que, quando um desses perigos é iminente, a palma benta seja tirada do oratório, onde é conservada e queimada.

168. Diz Hohenthal que "fui informado com segurança que cultos modificados da jurema são agora celebrados mesmo em cidades grandes como o Rio, principal mas não exclusivamente entre os negros".



O fato de que a elementos de origem ameríndia tenham sido acrescentados outros de derivação européia é ainda ulteriormente confirmado pela tradição corrente entre os membros na Ilha do Toré no tocante à árvore e ao rito da jurema. Diz a história que Jesus, fugindo da perseguição dos judeus, correu e escondeu-se durante algum tempo, "ficando inteiramente oculto" num pé de jurema. Contudo, estando "cheio de chagas", o Seu "sangue derramou-se todo sobre a árvore, penetrando nas raízes da jurema". Logo que pôde iludir os perseguidores, e continuar a fuga, Jesus chegou a uma aldeia e pediu aos moradores para ser escondido por eles. Mas eles tiveram medo e "assim Ele disse que se encantaria e vieram os soldados e não o viram". Jesus disse então aos caboclos que deviam beber o líquido da raiz da jurema porque era o Seu sangue. "Por isso", acrescentou nosso informante, "é que bebem jurema no toré".

Os instrumentos sagrados usados nas cerimônias na Ilha do Toré incluem o cachimbo, conforme indicado acima, o maracá, e o apito. O maracá<sup>169</sup> é usado não somente para marcar o ritmo nas danças mas também para invocar os antepassados, os "antigos", ou ainda, os "caboclos velhos", como são variadamente chamados. São de dois tamanhos, um maior e outro menor. Os maiores, disse o mestre, são usados pelos participantes "mais disciplinados" para fazer a "primeira chamada" de um antepassado falecido ou outro espírito qualquer numa dança cerimonial. As contas do maracá são contas-de-capim, chamadas de "lágrimas de Nossa Senhora", ou as conhecidas localmente como "turcos" (porque são tiradas de uma árvore conhecida como "turquia"). Os cachimbos, feitos de madeira de jurema, com uma ou duas cruzes cortadas em cada um deles, são denominados localmente de "cuaquis" (quakis), "guieros", ou mais frequentemente, "guias", desde que cada um deles é dedicado a certo espírito, ou "guia", como é conhecido, como, por exemplo, "Manuel do Mato", "Manuel Panema", "Navegante das Onda", "Capitão Matero", "Capitão Bernardino", "João Curá", "Sossego", todos os quais "foram mestres ou capitães", disse o informante. Têm todos forma cônica e neles é usado fumo misturado com certas sementes da mata. Disse o contramestre que os cachimbos "são as garantia dos caboclo". O apito, de metal, é usado durante a cerimônia para chamar o espírito de um membro do culto que, segundo a crença comum, talvez retarde sua volta de uma jornada enquanto o espírito de um caboclo falecido está ocupando seu corpo durante um "posamento". Depois das cerimônias, os participantes precisam guardar cuidadosamente os sagrados instrumentos. Nunca devem ser dei-

169. Os maracás usados pelos Shucuru são amiúde pintados com tauá vermelho, ou hematita, observa Hohenthal (1954:147).



xados no chão, como se tivessem sido abandonados, pois, se isso acontecer, "os antigo, os antepassado", continuou o informante, "pode ví a qualqué momento maltrará" a pessoa negligente.

Depois de serem preparados e antes de usados em cerimônia pública, cada maracá e cada cachimbo podem ser levados a uma especial cerimônia de iniciação ou "batizado", como dizem, embora isto não seja sempre feito na Ilha de Toré. Para esta cerimônia são sacrificadas ovelhas que ainda não pariram; e "neste momento do batismo, somente aqueles mais íntimos da tribo", isto é, "que têm mais pareença cabocla e se manifestam", segundo o mestre, são permitidos "trabalhar." A jurema é colocada em um alguidar de barro e o maracá ou cachimbo é nele imerso. Toda pessoa presente precisa permanecer calada durante este ritual. O maracá ou cachimbo é então lambuzado na gordura das ovelhas sacrificadas, que foi trazida e posta em um prato ao lado do mestre, enquanto ele repete certas palavras sagradas. O resto do prato é considerado "comida para os antepassados", levado e espalhado "no meio da mata." <sup>170</sup>

Os cantos sagrados entoados durante as danças a fim de facilitar na invocação a chegada dos antepassados são sempre chamados de "linhas". Os usados na Ilha do Toré, disse um morador de Rodelas que visitava o local, diferem dos empregados pelo remanescentes ameríndios desta última localidade, que têm "muitos sons guturais, como *raia roca*, desde que são cantados na linguagem dos antigos". Um dos membros do culto da ilha, procurando uma explicação lógica para o fato, observou que "cada grupo tem um toré diferente".

Não obstante, os cantos usados aqui obviamente refletem extenso sincretismo, envolvendo elementos não somente de origem ameríndia, mas também africana e, especialmente, européia. Entre as palavras que aparecem em uma linha, por exemplo, foram anotadas as seguintes: "Tuba", "aldeia", "os índios", "tribo", "Senhora Mãe d'água", "Deus", "Jesus", "Mãe de Deus", "Assunção", "palma", "encantado", "chefe", "rosa", "Alonso Pereira", "Derfonso Marcula", e "Mestre Turcá". Em outra linha mencionam-se "o sino da torre de Belém", "a Senhora Dona Joaninha", "a princesa coroada lá na aldeia como dona do reinado", "Mestre Mané Luca, um home curadô lá na aldeia, o primeiro dotô", "Jesus, nascido para nosso bem", e "esta linha de reis Calindé, donos do reinado". Numa terceira linha aparecem referências a "papaterra", "abeia-orusué" e "mor-da-saiá", três espécies de abelha, respectivamente, a papa-terra, a uruçú e a mandassaia. Em outras linhas referências são feitas ao "Caboclo Marcina", "o maracá", "jurema", "Coração de Jesus", "trono da Igreja", "Rainha das Fulô", "rosário", "Sansão", "Santa Catarina", "Nossa Senho-

170. Disse certa vez o contramestre que "trabalhou a noite inteira no batismo de um guia que recebeu o nome de *Viajeiro*".



ra", "a desencantada", "Rosa do Mundo", "Rainha Izabel", "Dom Pedro I", "General Rondon" (ver abaixo) e "Biana". A linha final em todas as cerimônias é dedicada ao "Velho Cá", que um informante identificou como "o Rei dos Índios", acrescentando que "é porque ele é rei que a última linha é em seu louvô."<sup>171</sup>

O contramestre disse que a linha "é tirada pela primeira vez de improvisação, sem que o tirador tenha consciência", acrescentando que "ele pode ter ouvido ela sê cantada quando 'tava dormindo, sentado, descansando, ou em outro momento". A respeito das suas experiências, confidenciou que "parece que o Véio Cá tava cantando, o Véio Cá com seu cabelo branco, carcundinho. Ele balançava o braço prá mim e cruzava o maracá. A camisa dele 'tava aberta e quando ele balançava o braço eu via a camisa balançar. Havia dois mestres na frente e duas ordenanças atrás. Apreendi a linha que o Véio Cá 'tava cantando. É a primeira linha do começo da mesa (ver abaixo)".<sup>172</sup>

Nas danças cerimoniais da Ilha do Toré participam geralmente de 10 a 40 dançarinas e de 10 a 12 músicos. As primeiras, todavia, não se consideram como tais nem são assim chamadas pelos demais participantes, mas, sim, "folgadoras de folguedo". São, na maioria dos casos, relativamente jovens, porque "apenas gente nova mesma", disse o líder, pode suportar o grande esforço físico exigido pelas danças. Embora possam vir de uma distância de muitas léguas e dancem durante toda a noite, ou a maior parte da noite, trabalham como sempre no dia seguinte. Quando um dos observadores manifestou surpresa com o fato, um dos rapazes explicou: "Mas nós fazemos isso prá Deus!"

Conforme sugerido acima, o fenômeno de possamento, ou possessão, é também básico do funcionamento do culto. Da mesma forma que nos candomblés conhecidos pelo autor em Salvador,

171. O uso de cantos fora das cerimônias é considerado perigoso. Disse o contramestre, e dois outros membros do culto confirmaram-lhe as palavras, que dois homens se encontravam numa canoa de volta da pesca quando um deles "tirou a linha da mãe d'água" e "ela subitamente ergueu-se do rio, parte do seu corpo saindo inteiramente da água, e desaparecendo em seguida". Ambos os homens a viram, disse o contramestre. O homem "tirou a linha" novamente e a "mãe d'água apareceu mais uma vez, saindo ainda mais o corpo da água — e mais uma vez desapareceu". "Quando o homem que tirou a linha levou a canoa à margem", disse o contramestre, "já tinha febre e morreu dentro de quatro dias". Mais tarde, uma de suas irmãs foi enramada pelo seu espírito (ver abaixo). "Ela ficou com tanto medo que não somente deixou o toré, mas também a ilha e foi morar em Jatiná".

172. Certas partes de uma linha, contudo, contêm indicações de terem sido improvisadas no momento, como, por exemplo, os versos seguintes cantados na última cerimônia a que compareceu nosso pesquisador:

O meu chefe vai se embora,  
e os índios ficam chorando,  
Fique ciente meu chefe,  
Que eu morro pela Ilha do Toré!

Entre a palma e a rosa,  
flores daquele jasmim,  
Quando se chegá lá no Rio,  
Chefe se lembre de mim!

bem como os existentes em Juazeiro e Passagem Grande atualmente, consiste num estado de transe, interpretado pelos membros do culto como evidência de visita de determinado espírito, "guia", "mestre", ou "encantado", como é variadamente chamado ou, como se diz também, um "antigo", ou "caboclo velho", que temporariamente toma posse do intermediário humano, ou "aparelho", como é conhecida a pessoa possuída. A possessão geralmente ocorre quando a cantiga, ou linha, do espírito em questão é entoada pelos membros do culto. Afirma-se que nessas circunstâncias, "ele sempre vem". Ou como disse o pai de uma moça possada por "Jurema", "tem que vir". A possessão, destarte, ocorre durante a dança cerimonial quando todos os membros do culto estão presentes, ou durante cerimônias especiais como a do "serviço de mesa" (ver abaixo) do qual participam apenas alguns escolhidos.

Não obstante, na Ilha do Toré e e em Passagem Grande o possamento ocorre com mais frequência durante as danças cerimoniais em meio de batidas rítmicas de pés, da agitação monótona dos maracás e canto agudo e demorado, estimulados pela ingestão da provavelmente narcótica jurema e, talvez ainda mais poderosamente, pelas expectativas dos participantes. Ocasionalmente, é também auxiliado por inalações copiosas da fumaça do fumo de rolo forte.

Na Ilha do Toré são reconhecidos dois tipos de possamento: "a possessão completa", conhecida como "enramação", e a "possessão incompleta", chamada de "sombreada". Na enramação, diz-se que o espírito da pessoa "vai para o encanto, onde estão os antigos, e os visitam durante algum tempo", não ocorrendo o mesmo com a pessoa meramente "sombreada". A respeito de um homem de cerca de 30 anos, com traços físicos ameríndios bem acentuados, e que foi "possado" três vezes numa dança cerimonial, disse o mestre que ele não estava enramado mas "apenas possuído por um espírito vagante" cuja visita "é rápida", não durando mais de alguns minutos.

Embora alguns afirmem que "os espíritos aparecem apenas nos que são realmente caboclos", ou se pressionado para darem uma explicação de um fato óbvio, "somente naqueles que, pelo menos, têm sangue caboclo", foi observado com frequência na Ilha do Toré que se "enramavam" não só indivíduos cujas características físicas eram acentuadamente negróides, mas que pareciam ser de ascendência africana relativamente pura. Se a enramação ocorre durante a dança, o "possado" aumenta durante algum tempo a rapidez e a intensidade dos movimentos. Ao terminar, esteja ele ou não num estado semi-consciente que torne necessário que um dos dançarinos mais próximos o ampare, continua a agitar os braços acompanhando o ritmo da dança e quase sempre grita "Vivas!" a personagens ou objetos como "Santo Antônio do Pambu!" (ver *Santos*, e também *Festas Religiosas*),



"Nosso Cruzeiro"; "o General"! <sup>173</sup> ou "o Imperial"! Conforme sugerido acima, pode manifestar o desejo de beber jurema e lhe ser servido um pouco. E segundo se diz, "há antigos que pedem jurema mais de uma vez".

Geralmente, a possessão não dura mais de dez a quinze minutos e termina antes que se inicie uma nova cantiga (ou linha) e uma nova dança. Em alguns casos, contudo, prolonga-se mais, mesmo durante ou além da dança seguinte e, ocasionalmente, dura tanto que medidas extraordinárias precisam ser tomadas (ver abaixo). Nos casos em que a possessão continua durante tempo mais longo do que o considerado conveniente, o mestre procura terminá-la tocando agudamente o apito "para chamar o espírito da pessoa, que está muito longe, e em cujo lugar está agora o espírito do antigo", disse o contra-mestre. Os braços são também erguidos "para deixar o espírito sair e alcançar as alturas", <sup>174</sup> entoando-se cantigas especiais não apenas para "chamá o espírito do encantado", mas também para "fazê ele se retirá". O processo pode ser também auxiliado pela repetição de rezas, defumação com fumaça de fumo forte do enramado e fricção com alho nos seus braços.

Durante a possessão, podem ser solicitados conselhos ao espírito a respeito de doenças ou outros problemas pessoais, ou mesmo pedida notícia de alguém que está longe. Neste último caso, o espírito pode responder que "não passou por aquele caminho" e que não sabe, pois se diz que os espíritos vêm de certas aldeias e daí conhecerem apenas os fatos que nelas ocorrem. Na Ilha do Toré, diversos espíritos "falaram" sobre o "levantamento da aldeia" local, assunto que preocupa muito os participantes do culto.

Numa dança cerimonial realizada na ilha pouco antes da conclusão de nosso trabalho de campo, as três primeiras pessoas a se "enramarem" foram mulheres: uma de cerca de 25 anos, outra de 22 e a terceira de 18. No momento em que a primeira vacilou e estava prestes a cair, foi segurada e subsequentemente amparada pelos dançarinos próximos até cessar a enramação. Entrementes, seu corpo foi sacudido por movimentos espasmódicos, tendo ela os olhos vidrados. A mais jovem das três permaneceu "enramada" por mais tempo. A assistente do mestre tocou o apito duas vezes no seu ouvido, fazendo-a gritar de cada vez, "Ai, meu

173. O General Candido Rondon, que na ocasião era muito lembrado pelos membros do culto local, devido à situação de conflito (ver abaixo) em que viviam e às expectativas de apoio de parte dele em vista de sua longa, conhecida e eficaz campanha como Chefe do Serviço de Proteção aos Índios em favor dos grupos ameríndios, entre os quais os moradores da Ilha do Toré tinham a esperança de serem finalmente classificados.

174. Em certa ocasião, foi observada que outra pessoa presente à cerimônia alisou os braços do enramado de baixo para cima "a fim de ajudá o antigo a sai".



Deus"! antes de passar o transe. Numa dança realizada três noites depois, um dos "antigos" demorou também mais do que o costumeiro em retirar-se do seu "aparelho", a mulher de um homem chamado Antônio José. Ainda enramada, continuou ela a falar sincopadamente e babar uma gosma grossa, que lhe caía da boca sobre o peito. Não conseguindo a defumação e as rezas repetidas dos membros do grupo fazer com que o espírito "se arretirasse", pedidos continuamente mais insistentes, entremeados de vivas a Deus e Jesus foram feitos, suplicando os presentes que "o encantado desocupasse o aparelho" e que a "arretirada" ocorresse. O "entrecantado", que se descobriu ser o irmão da mulher "possada", "disse" então que se retiraria logo que tivesse visto o irmão, também presente à cerimônia. No momento em que este foi chamado e disse, "Aqui estou", o espírito "deixou o aparelho".<sup>175</sup>

O contramestre, que agia como líder na ausência do mestre, que se encontrava doente, disse que havia conhecido casos de pessoas que permaneceram nesse estado "durante longo tempo" e que quando "o caso se torna complicado", é necessário chamar o mestre ou levar a pessoa a ele. "Logo que o enramado chega à presença do mestre", acrescentou, "e o mestre diz algumas palavras, o encanto vai sempre embora. Mas somente o mestre tem esse poder". Com frequência, disse ainda, o encantado demora "prá castigá uma pessoa desobediente e desacreditada" e que conheceu mesmo casos em que "o aparelho foi surrado, batendo

175. Numa dança cerimonial subsequente, contudo, a mulher foi novamente enramada. Foi inicialmente "possada" pelo "espírito das águas" que, segundo várias pessoas, é "a corrente mais forte". Disse o contramestre que "por esse motivo, o aparelho ficou aberto". Várias vezes, outras enramações ocorreram, fato este que obrigou o contramestre e um homem de Rodelas, que visitava a Ilha, a "fazerem serviços" em duas noites seguidas, sem poderem "livrá-la do espírito". Na terceira noite, a mulher descansava numa rede, "aparentemente calma", disse um observador, e a dança não havia ainda começado, quando foi enramada mais uma vez. À meia-noite iniciou-se um "trabalho" especial para "libertá o aparelho" e que durou até 7 horas da manhã seguinte. O homem de Rodelas "desceu até o fundo do rio", disse, "para buscar o eu de Lula", não podendo voltar até o amanhecer. A mulher passou o dia seguinte "um pouco mais calma", embora dissesse que não podia comer nem dar de mamar ao filho, que na ocasião tinha dois meses, "porque o espírito não deixa". Ocorreu então outra enramação. Uma das assistentes, mãe do morador de Rodelas, também de visita à Ilha, pediu "aos presentes que localizassem um pau-de-felício-brabo para fazer um remédio com um pouco de cachaça". Pediu também um rosário que tivesse sido "bento" e um cordão-de-São Francisco que fora usado por um penitente (ver "Penitentes", acima). Com o cordão "acochou" a cintura da mulher e bateu-lhe no corpo e no rosto com as pontas soltas. Disse o contramestre que quando se bate no aparelho com a "corda benta", o espírito "apanha fortemente" e que quando a corda é "acochada" pela cintura, "ele é obrigado a subi e cedê o lugá ao espírito do aparelho". Entremetidos, o mestre, na ocasião presente, "tirou" esta linha: "Adeus, meus índios, eu vou me arretirá. Recomende-me a Deus!" A mulher de Rodelas aconselhou então o contramestre a preparar um copo de água "com três pingos de jucá" e o aparelho foi também defumado em cruz. Não obstante, a dança cerimonial terminou com a mulher ainda enramada. Subitamente, porém, o espírito, falando por intermédio dela, informou que diria agora quem era. "Eu sou o espírito do Padre Antonio José, do Colégio Stalamar, e a Madre Superiora é Madre Rafaela". E "deixou" o aparelho. Era uma hora da manhã. Disse o contramestre que "isso acontece a pessoa de pouca fé, sem concentração no serviço, que não leva a sério". Em tais casos, explicou, "Quando o encantado vai embora, deixa o aparelho aberto e outros espírito, não da luz, que andam vagando, aproveita e usa o aparelho". Disse ainda que vira outros casos semelhantes, mas todos fora do toré, e que acredita que esse caso "vai dá muito trabalho" e que a "mulé pode adoecê e morrer".



o espírito com o maracá na cabeça dele". Existem também linhas de chamamento que são "mais poderosas do que outras" mas ele se abstém de tirá-las "porque podem provocá c̃asos mais complicados" que ele, sem a ajuda do mestre, "não teria podê prá resolvê", a menos que esse poder lhe fosse transmitido. "Quando o espírito sai", disse, "a pessoa não sente dô"!

Em Passagem Grande, a possessão ocorre também quando determinado espírito é "chamado" pelo canto de sua linha, ou como se diz aqui também, a sua "canto-linha". Geralmente, é um "espírito de caboclo, que está numa aldeia distante". "Quando é chamado lá na aldeia onde eles moram", disse um informante, "caem em sonolência prá podê comparecê onde foi chamado". No momento em que se manifesta, pensa-se, como também na Ilha do Toré, que o espírito do possuído "vai embora, fica de banda". Durante a cerimônia "não se pode trabalhá cum nada nos bolso e nem nada nos pé porque quando o caboclinho desce qué sê como era quando vivo, cum os pé descalço, e nós arregaça as calça também prá ela não assujá porque o caboclinho também não quer roupa, tano livre, fica enramado".

Embora nunca sejam invocados em Passagem Grande, conta-se que os "espíritos brancos" baixam ocasionalmente nas doenças. Pensa-se que é o espírito de um branco ou preto falecidos e que são invariavelmente de caráter nocivo.<sup>176</sup> Num esforço para evitar que surjam, flexas são mantidas nas pianas (ou "altares") nos centros do culto e os dançarinos tomam também a precaução de usarem um rosário em volta do pescoço "para não pegá os espíritos brancos". Não obstante, ocasionalmente um deles consegue penetrar. "Quando se manifesta em mim um espírito branco", disse um dançarino, "fico frio, mas quando arrecebo caboclo fico quente e até suar. Quando arrecebe espírito branco, a gente fica com os olhos fechado e o espírito juremado cum os olho aberto".

Os "juremados" constituem uma terceira ordem de espíritos que se pensa que estão "nos ares", isto é, "no tronco da jurema" porque "ao morrer estava sob uma juremeira" e é um espírito em processo de 'caboclimação'. Com a ajuda e o "trabalho" dos membros do toré, podem finalmente tornarem-se, segundo se pensa, "caboclos" ou "encantados", isto é, "espíritos benéficos".<sup>177</sup> Ocasionalmente, podem frequentar o centro sagrado do culto, baixando numa cerimônia de toré. Ao manifestar-se o juremado, não é repellido, celebrando-se, em vez disso, um rito "que o aperfeiçoará", isto é, que o ajudará no processo conhecido como "caboclicização". Afirma-se sempre que ele tinha sangue ameríndio

176. A identificação desse tipo nocivo de espírito como "Branco" provavelmente reflete a situação de conflito que os ameríndios da área experimentam há gerações (ver *Raízes no Passado*, Tomo I).

177. O sincretismo, no caso envolvendo a concepção de purgatório, do sistema de crenças dominante, é evidente.



em vida.<sup>178</sup> O branco ou o preto, mesmo que tenham tomado jurema em vida, nunca se tornarão juremados, segundo se diz.<sup>179</sup>

Nas proximidades da Ilha do Toré o viajante cruza um braço do São Francisco numa canoa, sobe a margem até uma choupana de pau-a-pique de uma família ameríndia, consegue um cavalo e atravessa a ilha por diversos quilômetros, passando por terras que parecem às vezes bastante férteis e, em outros locais, muito pedregosas, coberta de seixos, até a casa do contramestre do culto. A sua casa, também de pau-a-pique, localiza-se numa íngreme ladeira, não muito distante do rio, em terra dura e pedregosa. O chão é de terra e a cobertura de telha. Ao lado da casa e sob o mesmo telhado há espaço para fazer farinha de mandioca sobre um fogo de combustão lenta. No local, ao chegarem o autor e seus companheiros, raiz de jurema estava sendo pisada numa pedra e posta a embeber em água. A dez ou doze metros em frente à casa, um cruzeiro fôra erguido sobre um alicerce de um metro de altura.

Pouco antes do anoitecer, começaram a chegar os primeiros que iam tomar parte na dança cerimonial. Os adultos cumprimentaram os presentes com um "Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo"! recebendo de resposta o cumprimento, "Seja Louvado"! Entrementes, as crianças que chegaram com os pais "pediram a bênção" das pessoas mais idosas.

Do anoitecer até meia noite chegaram outros ilhéus, um ou dois de cada vez, ou em pequenos grupos de uma ou mais famílias, às vezes até de uma distância de cinco léguas. Um número considerável parecia de ascendência ameríndia pura, ou pelo menos contavam com numerosos antepassados dessa raça. Outros, contudo, eram de ascendência africana pura ou cruzada. E foram notados também alguns brancos relativamente puros. O mestre, um aleijado, chegou montado num jumento e desmontou com a ajuda de muletas. Formou-se uma roda para cumprimentá-lo. Em seguida, sentou-se num grande tronco num dos lados do terreiro, nas proximidades da porta da casa. Também perto da porta, à direita do mestre, sentou-se o contramestre num banco de madeira e, junto a ele, dois tocadores especiais. Todos os participantes haviam trazido seus maracás.

178. Ao serem feitas novas indagações, contudo, foi dada a explicação, como aliás na Ilha do Toré, de que devia ter "pelo menos um pouco de sangue índio".

179. Compare-se com a possessão entre os Shucurus, da forma descrita por Hohenthal (1954:142): "Parte essencial do catimbó consiste em aparições de... espíritos de grandes homens ou heróis índios, sobre os quais são entoados cantos, bem como outros seres que foram espíritos da floresta ou demônios, tais como Caapora, Juripari, Manicoré, Mussurana, e a mulher Iracema. Tais espíritos são chamados variadamente de 'santos', 'encantados' e 'mestres'. Embora muitos sejam de origem índia, a maioria parece ser africana, ainda que existam alguns 'mestres' brancos. A maioria... é de homens, mas há também algumas mulheres. Esses 'mestres' invisíveis manifestam-se... no corpo do 'mestre', ou médium, terrestre. Isto é feito mediante transe aparentemente induzido por auto-hipnose do médium e pelo uso de narcóticos. Os 'mestres' espíritos de tais cultos são amiúde famosos pelas suas propriedades curativas, que implementam através da intervenção dos médiuns".



Após reunido grande número de pessoas, o mestre levantou seu maracá e sacudiu-o. Formaram-se duas linhas de dançarinos em frente ao contramestre, encabeçados por dois rapazes musculosos. Fizeram uma invocação, agitando vigorosamente os maracás. O mestre "tirou uma linha", isto é, começou a cantar. Os dançarinos acompanharam-se e deram início à dança, movendo-se alguns passos à frente em formação e recuando em seguida, também em formação, virando-se lentamente para o lado em relação ao contramestre, cantando e batendo na terra em uníssono com os pés, e isto com tal força que ela parecia tremer com o ataque combinado. As duas linhas foram dançando lentamente até o cruzeiro em frente, onde uma fraca luz tremeluzia numa pequena lata que fôra enchida de querosene e nela colocado um pavio. Nas proximidades dos espectadores foi acesa uma pilha de galhos a fim de expulsar os enormes enxames de mariposas que se reuniam.

Os dançarinos eram de ambos os sexos, sendo a mais velha uma mulher de 35 a 40 anos de idade.<sup>180</sup> Na primeira hora, algumas crianças de ambos os sexos, uma delas de mais ou menos seis anos de idade, participaram da dança; mais tarde, em virtude do grande esforço físico requerido, apenas homens, mulheres e adolescentes vigorosos de 15 a 25 anos de idade. No início, foram contados 8 pares de dançarinos, ou 16 pessoas no total, aumentando mais tarde, gradualmente, o número para 24, 28, 32 e, finalmente, 40. De vez em quando, um ou mais dançarinos retiravam-se, sendo seus lugares ocupados por outras pessoas. Todos os rapazes estavam nus da cintura para cima. Alguns usavam saias de fibras pendentes e, os demais, calças enroladas até o joelho. Na cabeça levavam gorros com penas, conhecidos como "pujas". A maioria das mulheres e moças usava vestidos comuns, embora algumas vestissem uma blusa feita de fibra de caroa, conhecida como "tãuan". Estavam todas descalças.

Continuando a dançar, as duas linhas gradualmente fizeram a volta em torno do cruzeiro e começaram a voltar, lentamente, em direção à casa. Em vários pontos, de acordo com o ritual, sacudiram vigorosamente os maracás. Entrementes, o mestre permanecia sentado, tendo agora ao lado uma mulher idosa por quem os participantes demonstravam também grande deferência. Permaneciam sentados também o contramestre e outras pessoas que, em virtude de idade ou outra circunstância, não dançavam, mas todos os quais, a intervalos certos, erguiam e sacudiam os maracás, acentuando o ritmo. Uma lua quase cheia ergueu-se e iluminou a impressionante cena. A dança era vigorosa e dura e com pequenas pausas, segundo fomos informados, podia prolongar-se até o amanhecer.

180. Em estado de gravidez adiantado, essa dançarina mostrou-se muito ativa, distribuindo jurema e fazendo defumações em ocasiões certas durante a cerimônia.



As duas linhas paralelas voltaram gradualmente, dançando, à posição inicial em frente ao contramestre e outros líderes da cerimônia. Os musculosos jovens à testa das colunas continuaram a liderá-las numa evolução em frente ao contramestre. Em seguida, virando-se, cada dançarino moveu-se de início para dentro e, depois, para fora das duas colunas, dançando todos para a retaguarda novamente e mais uma vez em volta do cruzeiro. Diversas vezes, as duas colunas pararam no movimento para a frente, continuando os participantes a dança, contudo, enquanto permaneciam nas mesmas posições gerais. Os passos eram sempre os mesmos, dando um passo a frente para juntar-se ao outro pé, e saindo com o mesmo para a frente. Ocasionalmente, os dançarinos paravam e cantavam enquanto agitavam fortemente os maracás. Ao grito do mestre para baterem os pés, o ritmo da dança aumentou progressivamente, exigindo corpos jovens e vigorosos para manter os movimentos rápidos e cansativos.

O mestre ou o contramestre iniciaram cada nova linha sacudindo o maracá e entoando as primeiras palavras, depois do que o estribilho era cantado imediatamente pelos dançarinos e demais participantes. Similarmente, o mestre ou o contramestre deram o sinal do término de cada canto simplesmente deixando de agitar o maracá e cantando algumas novas notas. Os demais, de igual maneira, deixaram de agitar os maracás. As mesmas palavras em cada "linha" eram repetidas talvez vinte vezes.<sup>181</sup> Para terminar, bem como, às vezes, para iniciar uma linha, foram geralmente cantadas as palavras "Naê, Naê, Naê", dizendo um informante que isto é conhecido como "idetia".

Subitamente, a mulher de cerca de 60 anos que estivera sentada ao lado do mestre sacudindo vigorosamente o maracá, foi "possada" ou, como se diz também, "recebeu o espírito de um dos antepassados". Saltando do assento, entrou na dança com movimentos vivos e rápidos durante talvez dez minutos. Mais tarde, à medida que passava a noite e continuavam as danças sete outras mulheres, o mestre, e outro homem foram também "possados". Se dançava na ocasião, a pessoa inicialmente acelerava os movimentos e, em seguida, balançando-se e flexionando os joelhos, emitia sons explosivos e guturais que se informou serem pronunciados "na linguagem dos caboclos", ou fazia um "zumbido" com a língua, ao acompanhamento de numerosos "Vivas!" do grupo.

Amparada por um companheiro, que com um braço na cintura ou nas costas o impedia de cair, o "enramado" dançava em frente ao mestre ou contramestre e permanecia assim no mesmo lugar até terminar o canto que vinha sendo entoado. O contramestre ou outro líder do ritual encheram uma pequena cuia com jurema tirada de uma garrafa conservada ao lado e deram de beber ao

181. Sendo maior o número de vezes quando um ou mais dos dançarinos eram "possados" durante o canto.



enramado. Em seguida, alfazema foi colocada num caco de cabaça, acesa com uma brasa, e mantida por instante em frente ao rosto do indivíduo possado, que aspirou avidamente a fumaça. Logo depois, o recipiente com a alfazema ainda fumaçando foi passado de pessoa à pessoa, todas as quais, com evidente deleite, inalaram-na profundamente e “banharam” os braços e mãos na fumaça. De tempos em tempos, também, a esposa do mestre soprava fumaça do cachimbo cerimonial, no qual havia sido posto fumo picado e incenso, sobre os braços, peito e pés dos “enramados”.

Foi iniciado em seguida um canto, conhecido como “linha de despedida do mestre (espírito)”, recomeçando a dança, com os dançarinos novamente em colunas paralelas e o “possado” dançando à frente, amparado pelos outros. Inclinando-se para trás, o enramado ergueu os braços, cruzando-os no alto, esticou o corpo todo durante alguns momentos, e deixou os braços descer e, caindo de pés juntos no chão, produziu um baque surdo,<sup>182</sup> terminando o estado de possamento. Estremunhado, esfregando os olhos com as mãos e passando-as pela testa, aparentemente tonto, agachou-se. Logo depois, contudo, voltou a um estado mais normal e continuou a dançar.

Subitamente, o mestre, que conforme dito acima estava sentado em frente aos dançarinos, foi possado. Estirou-se para trás, e esticou as pernas, sendo amparado. Durante algum tempo nenhum som emitiu, permanecendo rígido e imóvel. Depois de respirar um pouco de fumaça da alfazema queimada, contudo, começou a cantar. Outro homem que foi possado mais tarde, um mestiço alto de indígena e branco, de mais ou menos 55 anos de idade, estava nessa ocasião ao lado do tronco onde se sentava o mestre, agitando o maracá e cantando.

Entre os espíritos baixados na ocasião e que foram identificados pelos participantes apareceram o “Caboclo Badu”, “Capitão Bernardino” (ver abaixo), “João Duardo, filho do Capitão Bernardino”, “Manoel da Obra”, “Mestre Manoel Lucá”, “Otaviano”, “Dona Lucinha” e “Dona Joaninha”. Geralmente, a pessoa que enrama recebe apenas um espírito, o “seu próprio guia”, isto é, aquele a quem é consagrado como “aparelho” para a manifestação. Pelo menos uma pessoa, contudo, foi possada duas vezes durante a dança cerimonial em questão, fato este que, segundo informações, não é raro. E a segunda possessão é sempre de autoria de um espírito diferente do primeiro.

Toda a cerimônia foi celebrada com seriedade e evidente sinceridade. Somente uma ou duas possessões deram algum indício de serem pelo menos parcialmente fingidas, como o autor viu ocasionalmente em alguns dos candomblés menos ortodoxos de Salvador. Especialmente ao ser o mestre possuído, grande interesse

182. Às vezes, ao despedir-se, o espírito diz em português que vai embora.



foi manifestado pelos demais membros do grupo, reunindo-se muitos deles em torno do tronco onde ele se inclinava em transe. Do lado de fora da casa e ao longo das paredes externas ou mesmo mais próximas do local das danças, sentavam-se mães com crianças pequenas, cobertas da cabeça aos pés para protegê-las da friagem da noite de junho. A presença de crianças e a participação de jovens, moças e adolescentes aumenta a probabilidade de continuação do culto. Gradualmente, as crianças adormeceram enquanto a dança continuava até as primeiras horas da manhã.

Em outra dança cerimonial realizada no mesmo local cerca de dois anos depois, foram basicamente celebrados os mesmos rituais. A frente dançaram dois rapazes fortes e musculosos, nus da cintura para cima, descalços e de tanga, seguidos por outros rapazes e moças, em pares, sempre rapazes com rapazes e moças com moças, exceto nos casos impossíveis de evitar, quando havia um de menos. Esta cerimônia durou de 8:30 da noite às 4 da manhã seguinte. Segundo um membro do culto, as danças continuam muitas vezes "até o galo cantar". Embora o comparecimento fosse reduzido nessa ocasião, pois transcorria "a época da farinhagem", cerca de 80 pessoas estiveram presentes, incluindo aproximadamente 20 dançarinos.

Em outra ocasião mais tarde, compareceram cerca de 100 pessoas, incluindo 30 dançarinos. No chão em frente dos dançarinos foi colocada uma esteira de palha de carnaúba coberta por uma toalha branca. Em torno da esteira sentaram-se o contramestre (desde que o mestre estava também doente nessa ocasião), outro homem, uma cabocla idosa, outra mulher velha de ascendência predominantemente africana, e 5 ou 6 outros adultos. De maracás na mão, essas pessoas dirigiram as danças, "tirando as linhas". No centro da esteira foram colocadas algumas pequenas imagens de santos, um candeiro, uma vela acesa, uma cabaça com jurema e outros recipientes contendo fumo picado e incenso e, num círculo em torno desses objetos, os cachimbos cerimoniais que haviam sido usados no "serviço de mesa" precedente (ver abaixo).

O grupo começou a cantar, invocando o nome de Deus, Nossa Senhora, e diversos santos. Foram dados vivas a Deus, à Lua, ao Sol, e à Estrela do Mar. A primeira pessoa a tornar-se enramada falou muito, de maneira ininteligível, ao mesmo tempo que os músculos de seus braços e mãos se tornavam rígidos e a saliva caía-lhe da boca em grande quantidade. Durante a cerimônia, quando uma menina na platéia foi possada e não respondeu às perguntas do líder mesmo depois de ter sido tocado o apito junto ao seu ouvido e passado alho nos braços, ficou entendido que "ela não tem ordem prá falá", fazendo-se um esforço para "desocupar o aparelho". Em seguida a várias defumações e apitos adicionais, passou o estado. Disse uma cabocla que os espíritos que se mani-



festam em meninas e “procedem assim” (isto é, não falam) são “espíritos de pagãos”. A cerimônia terminou mais ou menos às 5 da manhã.

A certas cerimônias somente os líderes do culto podem comparecer. Conhecidas na ilha como “as particulares”, são duas: “sentar mesa”, “serviço de mesa”, ou “trabalho de mesa”, como é variadamente conhecida a primeira, e a “ceia dos antigos” ou “batismo dos guias”, como chamam a segunda.

A cerimônia de “sentar mesa” é realizada para resolver um problema difícil: adivinhar a causa de uma doença ou outro infortúnio, e descobrir ou “trabalhar”, um remédio para o caso, ou, especialmente na Ilha do Toré “obter os pensamentos e a ajuda dos caboclos a respeito da aldeia sobre a qual nós caboclos pensamos tanto”, disse um informante. “Toda a ‘ciência’ que os caboclos têm,<sup>183</sup> disse o contramestre, “vem deste trabalho”. “Com muita frequência somos avisados do que vai acontecer”, acrescentou, “e assim nos preparamos para o caso”, e somente os remédios receitados pelos “antigos”, ou “caboclos velhos”, como são amiúde chamados, são julgados úteis em casos de doença.

“Sentar mesa” é um “trabalho antigo”, dizem os membros do culto. O contramestre lembrava-se de tais reuniões, realizadas “há muitos anos”, envolvendo “caboclos da antiga geração”. Pode ser realizado em qualquer dia, menos sexta-feira, sendo desconhecida dos membros atuais o motivo dessa proibição. Na Ilha do Toré geralmente também não é realizada nos dias em que há danças cerimoniais. Embora participem adultos de ambos os sexos, “não podem tomar parte quem não seja caboclo”, sustentam os líderes. As crianças tampouco participam porque, disse um líder, “algum espírito pode entrá nelas e elas pode permanecê muito tempo como se estivessem mortas, e mesmo morrer”. “Como entre nós”, explicou o líder, “existem entre os antigos os bom e os mau, e um mau pode tomá posse de crianças, e dos adultos, também. Minha mulher e minha filha caíram sob a ação deles e foi preciso muito trabalho para livrá elas”.<sup>184</sup>

Numa cerimônia de “sentar mesa” realizada para “aliviá” uma mulher do “espírito do irmão que a vinha dominando desde quarta-feira (ver acima), foi estendida uma esteira no chão na sala de entrada da casa do contramestre e colocada sobre ela uma toalha branca. Colocou-se no centro da toalha uma cabaça bastante grande de jurema,<sup>185</sup> juntamente com os cachimbos sagrados que seriam usados, estes de pé.<sup>186</sup> Nos quatro cantos

183. Isto é, conhecimentos.

184. Contudo, nosso pesquisador compareceu a uma cerimônia de “sentar mesa” em que estiveram presentes também crianças.

185. A jurema deve ser sempre colocada sobre uma toalha branca. Se uma vermelha fosse usada, diz-se, “a mãe d’água aparecia pois ela é afeiçoada ao vermelho. E quando ela vem so qué carregá a gente”.

186. Os cachimbos são, na dança cerimonial, dispostos em duas linhas e, em outras ocasiões, em círculo.

da esteira foram dispostos recipientes com fumo picado e, em cada um dos dois lados, uma vela e uma cabaça de barro, uma delas muito maior do que a outra. A cabaça maior continha jurema, "o ajucá", ou "cura", como é chamada, que segundo o contramestre "serve para dar força e proteção". Se passada "com fé na testa, costas, peito e punhos do doente", depois de cantada "a linha de João Cura, o home curadô", e for defumada a pessoa, "quarquê enxaqueca que ela tem desaparece". É também usada imediatamente antes do fim do "sentar a mesa", para que "todos os presentes possa ficá forte". A cabaça menor continha outro líquido, feito de raspas da "quebra-faca"<sup>187</sup> ou do "marmeleiro", embebidas em cachaça, juntamente com alguns dentes de alho. Disse o contramestre que isso "servia para aliviá o efeito da jurema", pois a "jurema faz algumas pessoa vomitá". Uma cuia de barro era usada como recipiente das cinzas dos cachimbos que, em seguida à cerimônia, são recolhidas e enterradas num "pé de pau onde ninguém passa". De qualquer modo, não se deve pisar nelas, "pois não é preciso respeitá toda essa serventia"? perguntou o contramestre.

Pouco depois de meia noite, os participantes, inclusive um residente na aldeia indígena de Rodelas, sentaram-se em torno da esteira, formando dois círculos. Foi traçada uma cruz com a fumaça dos cachimbos sobre a cabeça contendo a jurema, num ritual conhecido como "cruzeiros da jurema". Disse o contramestre que a jurema "deve ser puríssima" e que a fumaça "num pega" se não for ("nem pegará em qualquer outro líquido".) Um pouco da jurema foi dada a todos os participantes, inicialmente aos que compunham o círculo interno, considerados "os índios mais concentrados" e, em seguida, aos demais, passando-se o líquido, em ambos os casos, da esquerda para a direita, "de acordo com o sinal da cruz". O mestre fez o sinal da cruz duas vezes com o cachimbo sobre a xícara que continha sua parte de jurema enquanto repetia certas palavras em voz baixa.

A linha foi tirada pelos mestres e os demais começaram a cantar e a sacudir os maracás, enquanto o primeiro "procurava concentrar-se". Após dois ou três cantos, tornou-se subitamente "como se não estivesse presente", notou o observador, completamente imóvel, o maracá silencioso numa mão e o cachimbo na outra. Tinha partido "numa viagem", afirmou-se mais tarde, "em busca do espírito de Luiza", a mulher cuja enramação durara além do que se considerava período normal. Depois de terem os demais participantes continuado a cantar e a agitar os maracás durante talvez uma hora, um dos homens levantou um cachimbo e soprou fumaça sobre o mestre ou, como se diz, "defumou-o". Ele recuperou a consciência, sacudiu-se, emitiu alguns sons semelhantes aos

187. Conhecido também como "caatinga-branca".



pronunciados por pessoas enramadas e começou a cantar uma nova linha, voltando gradualmente ao estado anterior de imobilidade. Tal processo foi repetido três vezes. Certa ocasião, quando o cachimbo do mestre caiu no chão, foi levantado pelo participante mais próximo e colocado em sua mão porque, como disse mais tarde o contramestre, "é como um guia prá mostrá a ele o caminho e não deixá que ele se perca".

Ao "retornar" o mestre pela terceira vez, queimou-se incenso e Luiza, presente e ainda enramada, foi "defumada" com a fumaça do cachimbo sagrado. O mestre levantou-se do lugar onde estivera sentado e fez o sinal da cruz diversas vezes sobre a cabeça dela, enquanto repetia algumas palavras em voz baixa e ininteligível. Inesperadamente, Luiza se desenramou. Pondo-se na ponta dos pés com os braços erguidos e cruzados nos punhos e os músculos tensos, exalou um forte suspiro, que geralmente acompanha o fim da possessão, "abandonando-a" o espírito em meio de alívio geral.

Em Passagem Grande esta cerimônia é chamada de "serviço de mesa", ou "trabalho de ciência". E da mesma forma que na Ilha do Toré, somente "os mais adiantados no trabalho" dela participam. Em certa ocasião em que um dos nossos pesquisadores estava presente, contudo, foi realizada em seguida à dança cerimonial.

A "ceia dos antigos", na qual novos maracás são "batizados", é considerada a "mais reservada" de todas as cerimônias do culto. Um velho da Ilha do Toré recordava-se de que Maria Caboclo, conhecido membro do culto, morta há muitos anos, realizava idêntica cerimônia "na caatinga, longe dos olhos mesmo dos outros membros do toré" e que nessa ocasião, como atualmente, "eram poucos os que podiam ir". Segundo o contramestre, só podem comparecer atualmente apenas 11 pessoas, incluindo o mestre e ele mesmo. São todas consideradas "pessoas do sangue índio puro". Nem mesmo certo indivíduo que é amigo íntimo do mestre pode comparecer, nem ele nem os demais membros podem aproximar-se mais do que até a porta da casa onde a cerimônia está sendo realizada. Nos cinco anos em que "trabalha" no culto, o atual contramestre participou de apenas três "ceias dos antigos".

Em uma delas compareceram apenas seis pessoas, além do mestre e do contramestre. Fora da casa, contudo, numerosos membros do culto se reuniram. O mestre sentou-se no chão na extremidade de uma pequena esteira, coberta com a toalha branca apropriada para a ocasião, no centro da qual havia um aribé de barro com jurema. O contramestre postou-se à sua frente. Ao lado deste último ficaram os maracás que iam ser "batizados", todos juntos e, em volta deles, os cachimbos cerimoniais de outros membros que os haviam "enviado para estarem presentes à cerimônia". Do outro lado do aribé foram postos três pratos, um



deles contendo farinha misturada com fumo bem pisado e, os dois outros, carne de vitela não nascida, a chamada "comida de cerimônia", a ser usada no ritual de "batismo". Em cada extremidade da esteira foi colocada e acesa uma vela.

Pouco antes de começarem os "trabalhos", dois assistentes sentaram-se perto do contramestre: um deles para levantar pela ordem cada novo maracá a ser "batizado", juntamente com um prato da comida, e para colocá-los em frente ao contramestre; e o segundo para defumar o mestre com um cachimbo cerimonial em certas ocasiões. Os membros começaram a cantar e a agitar os maracás. Pouco depois, os "antigos" começaram a manifestar-se. O contramestre apanhou os maracás, um após outro à medida que lhe eram entregues e, após mergulhar três ramos verdes de maquenho na comida, passou-os, em forma de cruz, sobre o maracá. O maracá recebeu então um nome, fornecido pelo espírito de um "antigo" por intermédio de um dos participantes, que entrementes fora "possado".<sup>188</sup> Depois de batizados todos eles, o contramestre ergueu-se e dirigiu-se aos membros do culto que se encontravam do lado de fora com as palavras "Estão prontos?" Sendo afirmativa a resposta, levantaram-se todos os participantes da mesa, saltaram no ar e, ao descenderem, bateram fortemente no chão três vezes com os pés, em uníssono com os que se encontravam do lado de fora, batendo as mãos diversas vezes, também em uníssono. "Quando todos batem no chão", disse o contramestre, "a gente fica alegre por dentro. É o ponto alto da ceia". O contramestre fez, em seguida, "o despacho da comida na encruzilhada", isto é, apanhou o prato de comida usado no batismo e os três ramos e saiu "para oferecer comida aos espíritos". Procurando locais ao longo de um caminho onde outros o cruzavam, ou tocavam, lançou em três encruzilhadas, com ajuda dos ramos, uma parte da comida, mais ou menos a mesma quantidade em cada lugar, deixando também um ramo de cada vez. Voltou em seguida ao grupo com o resto de comida e distribuiu-a entre os presentes, todos os quais deviam pelo menos comer um pouco. Realizou-se logo depois uma dança cerimonial, "coroando assim a ceia dos antigos e o batismo dos maracás".

Os maracás, que a partir daquele momento "ficavam com força prá trabaia", foram deixados juntamente com o cachimbo usado na cerimônia sobre a esteira, ou "mesa", e entregues aos seus donos no dia seguinte. Pensa-se que a cerimônia agrada especialmente ao espírito dos antepassados que "gostam de ver os maracás junto do aribé de jurema". Se um maracá for usado sem passar primeiro por essa cerimônia, "o espírito manifesta seu aborrecimento fazendo ele vibrá sem que ninguém toque nele".<sup>189</sup>

188. Entre os nomes havia "Navegante das Águas" e "Guia Viajeiro".

189. Nem todos os maracás usados nas danças na Ilha do Toré foram, porém, "batizados". Entre os excluídos da cerimônia estão os que pertencem a pessoas que embora participem das danças, "não fazem parte realmente do grupo de caboclos", disse o contramestre, "e não a seguem atentamente".



Em Passagem Grande, uma cerimônia especial semelhante, conhecida como “banquete dos maracás”, ou “festa dos antigos”, é realizada uma vez por ano. E somente “os antigos podem cumê”, disse um informante, “os provados frequentadores, filhos dos filhos das aldeias”. O alimento usado, contudo, diferia do empregado na Ilha do Toré, não levava mel nem havia “coisa alguma que possa fermentá”.

Embora a instituição do toré seja de origem antiga na ilha e com danças cerimoniais que retroagem ao passado remoto, na sua forma atual e no caso da maioria dos atuais membros representa uma revivescência cultural relativamente recente. Conforme sugerido acima, isto ocorreu no contexto de uma situação de conflito, envolvendo membros do culto, por um lado, que tendem a se considerarem “caboclos”, ou índios e, do outro, o grupo econômica e politicamente dominante local, chamado de “rico” ou “branco”. O reinício das atividades do culto em tais circunstâncias revela claramente sua função sociológica e psicológica.

Uma cabocla de cerca de 60 anos, partidária do culto, informou que, até mais ou menos 1916, quando casou e deixou a ilha, o toré era dançado no local e que as danças eram as “mesmas, exceto que se enramavam *antes* da dança, quando punham a mesa”, isto é, enquanto os líderes, afastados dos demais sentavam-se no chão em torno de uma esteira, fumando os cachimbos cerimoniais. Outro membro do culto atual, um homem de ascendência índia aparentemente pura, nascido em 1881, disse que conheceu “diversos caboclos do seu tempo” que dançavam o toré e citou-os: Martin Caboclo, Dona Nanuta, Benzoto, Zé Coco, Martin Coco, Joaquim, Rosa, João Pedro e Zé Gomes. Lembrava-se também que “a cabocla velha, Maria Ineis”, que os demais chamam de “Maria Cabocla”, e também de “Maria Capivara”, “nunca deixou de dançar o toré até a semana antes de morrer”. Recordava-se que quando ela estava doente e incapaz até mesmo de cantar, “trabalhou no toré”. Falava ainda do “caboclo Otaviano”, que mandou construir uma casa grande “*pru mode fazê serviços ocultos*”, dos quais participavam apenas alguns caboclos”.<sup>190</sup> Outra cabocla, de 68 anos de idade, disse que quando era criança “dançavam o toré na ponta da ilha, onde fica hoje a casa do contramestre”, e que conheceu Maria Cabocla, que “morreu com 107 anos de idade” e que sempre “dançava o toré”. Outro indivíduo, também de ascendência ameríndia aparentemente pura e que conheceu Maria Cabocla, disse

190. Presumivelmente, cerimônias semelhantes às de sentar mesa e ceia dos antigos de hoje (ver acima).

que ela “sabia cantá muito bem” as linhas, ou cantos cerimoniais, e que uma delas era a seguinte:

Você bebeu Jurema,  
Você se embebedô,  
Alevanta, forga em pé,  
A fulô do véio juá!  
Reina, reina, reina, reina, rô! <sup>191</sup>

Outro participante confirmou que Maria Cabocla, que ajudou a enterrar, “nunca deixou de dançar o toré até morrer”. Mas disse que os “trabalhos velhos” na ilha desapareceram “com a morte dos antigos”. Outro caboclo, de mais ou menos 66 anos de idade, contou que se lembrava dos seus pais e dos “antigos” dançando o toré até 1906, mas que viajou depois e que, em seguida à cheia de 1919, nunca mais ouviu coisa alguma a respeito dele até que o atual líder começou a reviver as danças. Outro membro, de cerca de 50 anos, disse que aprendeu a dançar o toré “somente depois que Mané Caboclo começou”, referindo-se ao líder atual, e que ouviu falar do “Caboclo Honorato” e da “Cabocla Velha” (Maria Cabocla) mas que isso “foi há muito tempo, no tempo dos antigos, antes da cheia de 1919, muito antes”.

O atual contramestre, que parece ser de ascendência ameríndia relativamente pura disse que, segundo sabe, “um caboclo chamado Capitão Bernardino passou a direção da aldeia a outro caboclo, o Capitão João Duarte”, mas que este último, “aborrecendo-se com outros caboclos resolveu largá a aldeia, comprou terra na outra margem do São Francisco, na Bahia, e mudou-se para lá”. Disse ainda “que desde aquele tempo os caboclos ficaram sem chefe antes do atual, que é sobrinho de João Duarte”. Os descendentes de João Duarte “ainda moram nas terras dele na Bahia”, e que “João Duarte tem também parentes entre os caboclos de Rodelas”. O informante era apenas um rapaz no “tempo do Capitão Bernardino”, mas lembrava-se bem de João Duarte, um “homem alto, vermelho, bom e carmo, que usava um chapéu da cor de rapé e que tinha sempre um capote no braço”. Morreu por volta de 1909, conforme calculado de acordo com a própria idade do informante. A época em que tinha cinco anos, seus pais mudaram-se para a ilha, onde “o caboclo Norato” ensinou-lhe a dançar da forma como é feita no toré, embora “não entendesse coisa alguma da dança” e que, após a morte de Norato, só dançou quando tinha 12 ou 14 anos, quando “o caboclo Livino”, que falava português estropiado, dançou o toré com ele à noite em outra ilha próxima. “Isso foi em 1919, no ano da cheia grande”. “De 1920 a 1940”, prosseguiu dizendo, “um grupo dirigido por Maria Cabocla

191. Ouvia-se mais tarde um visitante da reserva ameríndia de Rodela cantar os mesmos versos, sem variação. Disse ele que é a “linha das aldeias das águas”.



dançou o toré na ponta *baixa* da ilha". Os que viviam na *alta* sabiam da existência do toré, "mas poucos iam", e que entre estes figuravam seus irmãos mais velhos, Chico e Pedro, ora falecidos, e outro irmão que, como ele, é membro do culto atual. Em 1940, casou-se e mudou-se para a ponta baixa da ilha, onde reside atualmente, e começou "a trabaia com a Maria Cabocla", ou a "Cabocla Véia", como era chamada.

Muito embora essas recordações de gente do povo praticamente analfabeta, destituídas de registros escritos, obviamente variem em certos detalhes, sobretudo no tocante à ocasião em que o culto anterior deixou de funcionar, e se funcionou ou não apenas periodicamente durante certo tempo, parece claro pelo que disseram este e outros informantes que o toré constituiu outrora uma instituição vigorosa na ilha e que, antes da atual revivescência, entrou em colapso pelo menos durante alguns anos.

Entrementes, a questão de propriedade das terras da ilha agravou-se seriamente entre os que a haviam comprado à Igreja e que há longo tempo têm título legal a ela, e os que parecem ser posseiros, alguns dos quais descendem diretamente de índios que viveram no local na época colonial, mas muitos dos quais não têm a mesma ascendência e são, conforme dito acima, parcial ou mesmo predominantemente de ascendência africana ou européia. O conflito em causa parece ter sido a causa de "o caboclo Bernardino", mencionado acima, ter "entregado a tribo," como diz o contramestre, ao Capitão Duardo. "Quando a questão da terra ficou mais apertada e os caboclos se tornou desobediente, ele resolveu deixá tudo e í prá Bahia". "Três vezes a gente pediu a ele que fosse ao Rio tratar da questão da terra, mas ele não quis ir."

Em 1945, segundo o contramestre, o atual líder, Mané Caboclo, adoeceu seriamente. "O médico em Sertão Novo mandou ele ver o médico em Petrolina e o médico de lá mandou ele prá uma junta médica e depois ele voltou, esperando morrer". Depois de ficar doente durante muito tempo, "ficou doido", como se diz. "Sacudiu pedra na mulé e nos fio, ficou rolando na cama, sem comê nem bebê, até que a mulher disse finalmente: 'Mané Caboclo tá na última! Mané Caboclo tá na última!'" Não obstante, certo dia, após muitos meses de sofrimento, teve subitamente "uma revelação", tendo-lhe sido dito que "ficaria bom apenas se o toré fosse dançado novamente". Reuniu um grupo e começou a realizar as danças cerimoniais, cumprindo assim "a lei dos seus avós", disse o contramestre.

Certa noite, disse o próprio mestre, quando estava "em ato de morte pros que 'tavam junto comigo'", o Capitão Duardo, "o antigo chefe dos caboclos, surgiu na parede". Na ocasião estava acordado, insiste, "como estou agora". O Capitão estava "todo fardado, com uma farda de baeta e um boné muito bonito", com



dois outros caboclos, também fardados, ao seu lado. Eram o tio do Capitão Duardo, o Capitão Bernardino, e "outro Capitão, chamado Abrão e Sossego, do tempo dos bravios".<sup>192</sup>

Disseram todos a Mané Caboclo, "Deus louvado seja Nosso Senhor", tendo ele retribuído os cumprimentos. Perguntaram-lhe então se o seu "mais velho"<sup>193</sup> não lhe havia falado a respeito deles. Ao responder negativamente, o Capitão Duardo disse que era irmão do seu avô e que viera, por ordem da madrinha.<sup>194</sup> "entregá a aldeia, para que voce faça dela o que ela era". "Que aldeia?" perguntou-lhe Mané Caboclo, tendo o Capitão respondido: "A da Ilha do Toré que pertence a nós".

Contou Mané Caboclo que discutiu com João Duardo, dizendo-lhe que nunca tendo sido membro do toré, "não sabia como era a aldeia" e, além disso, estava para morrer. O Capitão, então, "fez aquele ar de riso" e disse: "Voce não vai morrer, não! Pode sofrê muito, mas não vai morrer. É ordem de Deus. Mas se não recebê a aldeia, vai piorá". Disse-lhe o Capitão que havia pessoas que podiam ensiná-lo. Finalmente, Mané Caboclo concordou que "se houve gente prá me ensiná, eu faço". O Capitão tirou do bolso um maracá, continuou Mané Caboclo, e fez uma cruz sobre sua cabeça, cantando uma toada de 24 versos que o mestre, fazendo o relato, repetiu. Dias depois, "um índio" veio a sua casa e "eu comecei a aprendê e continuei até sabê como era a aldeia".

Da forma contada por dois outros membros do culto, o relato não difere em detalhe importante, salvo ter dito o contramestre que quando Mané Caboclo foi informado de que "a madrinha ordenou que lhe entregasse a aldeia" e foi perguntado se sabia quem ela era, respondeu: "Sim, ela é Nossa Senhora Rainha dos Anjos".

Logo que concordou em servir, "foi como se tivesse nascido de novo e tirou a sua primeira linha".<sup>195</sup> "O Capitão Duardo enfiou a mão na túnica e tirou um maracá", e depois de cantar com o capitão durante dias e dias até "mesmo a asma de que sofria Mané Caboclo ficou boa com os remédios que os antigos ensinaram." Ouvia especialmente "uma cabocla chamada Dona Joaninha" e quando ficava cansado de cantar, "ela tirava um fichusinho, forrava no chão, e botava a cabeça dele em riba do pano". Mané Caboclo cantou e foi "possado", "e os que chegaram eram da tribo véia da aldeia". Quatro dos colegas de Mané Caboclo "viu ele, pensou que era bonito e dançou, e continuaram a dançá durante trinta dias sem descanso", disse o contramestre. "Gostaram tanto que não tinha mais vontade de dormi" e queriam também "começá a aldeia de novo, como era antes".

192. Isto é, "antes de os índios serem pacificados", explicou ele.

193. Isto é, seus pais.

194. Nossa Senhora da Assunção, a padroeira da igreja que existiu outrora na Ilha.

195. Isto é, entouu um canto sagrado pela primeira vez.



Ao aumentar o grupo para mais ou menos vinte pessoas, Mané Caboclo foi a Rodelas "prá vê", disse, "se eu tive mesmo um encantamento ou se recebi apenas uma mistificação". Foram realizados "trabalhos de mesa" e ele mereceu "aprovação". Informaram-lhe que "o serviço é o mesmo, embora a cantoria e a linguagem sejam diferentes".

Ao serem reiniciadas as cerimônias, os proprietários locais apresentaram queixa à polícia, alegando que o grupo estava "fazendo magia negra." Por ocasião de nossa primeira visita ao Vale, alguns dos moradores da cidade de Sertão Novo queixavam-se, sem fundamento ao que parece, que "os caboclos misturam cachaça com a jurema, bebem muito e ficam bêbados". Segundo se diz, a autoridade policial local deu uma batida e tomou do contramestre um rifle e uma espingarda que ele usava na caça e proibiu o grupo de dançar em frente da capela da ilha. Embora as danças fossem "escondidas, ocultas", disse um dos membros que foi mais tarde chamado pelo novo sargento de polícia, recém-chegado a Sertão Novo, um homem que se mostrou bastante simpático ao grupo e que lhe pediu "prá vê como era o toré." "Depois de verificá que não era magia negra que os caboclo fazia", disse outro membro, o sargento respondeu aos que protestavam que não podia proibi-lo "porque é uma dança dos índios", e disse aos membros que "ia enviá um telegrama ao General no Rio".<sup>196</sup>

Entrementes, os preços no Brasil, incluindo o aluguel da terra, haviam subido com a inflação e quando as rodas d'água começaram a ser instaladas na ilha para irrigação (ver *Irrigação*, Tomo II) o valor e a desejabilidade das terras aumentaram subitamente a ponto de provocar conflito mais declarado e aberto entre os proprietários, de um lado, e de outro os moradores, que os donos consideravam meros posseiros ou, na melhor das hipóteses, arrendatários cujos alugueres estavam sujeitos a subir de acordo com o aumento do valor da terra. Nas cerimônias do toré os moradores encontraram um meio de convocar, como pensavam, os antepassados para ajudá-los na luta. Por ocasião de nossa primeira visita à ilha, os proprietários diziam com alguma amargura que "somente depois que começou esse toré é que essa gente começou a fingir que era índia". Um dos proprietários, um importante líder político, observou, talvez erradamente, que "Há cem anos não havia coisa alguma parecida na ilha — nenhum toré, nenhuma aldeia, índio algum. Somente há alguns anos é que há 'toré, aldeia, e índios'". Com maior exatidão, observou ainda esse líder: "Eu disse aos membros do grupo: 'Você aí, e você, e você, são todos de fora', e eles não puderam responder coisa alguma". Entrementes, observou um membro do culto: "Os donos da terra querem que a gente acabe com o serviço, mas nois não vamo acabá. Os caboclos

196. General Rondon, Chefe, na ocasião, do Serviço de Proteção aos Índios.



(isto é, os espíritos dos antigos) dizem prá nós prá firmá, e nois vamo firmá”.

Os membros do culto, incapazes de compreender o rápido aumento dos alugueres e, ainda mais, a cobrança quando coisa alguma fôra cobrada antes, à medida que a terra se tornava mais valiosa em virtude do desenvolvimento da irrigação, e estimulados também pelos que recordavam que seus antepassados constituíam um grupo índio estabelecido na ilha, bem como humilhados pelo rompimento de relações mais pessoais e íntimas que outrora prevaleceram entre eles e os proprietários da terra, apelaram para o governo federal no Rio de Janeiro, solicitando a proteção da lei para os grupos índios do Brasil, o que aumentou a tensão. Ao ser iniciada a pesquisa, diversos membros contavam histórias da “crueldade e perseguições” que haviam sofrido, dizendo que não apenas tinham que pagar muito mais por metro quadrado pelo uso da terra, mas que suas roças estavam sendo invadidas pelo gado dos donos da ilha, ao passo que eles não podiam deixar que suas cabras e jumentos pastassem livremente como antes. Os proprietários, por sua parte, começavam a procurar meios legais para expulsar pelo menos os residentes mais desabusados da ilha. No contexto dessa situação de conflito, as cerimônias do culto, e especialmente durante a posseção pelos espíritos dos antepassados, claramente fortaleciam a solidariedade do grupo, reforçando ao mesmo tempo a vontade dos membros isolados de resistir.

### *O Ouricuri*

Uma cerimônia muito mais complicada do que qualquer outra realizada na Ilha do Toré ou em Passagem Grande, conhecida como “ouricuri”, é realizada anualmente pelos remanescentes dos grupos ameríndios que vivem na Seção Norte das Corredeiras e parte baixa do Vale e áreas próximas. Um dos membros do culto da Ilha do Toré que residiu em Águas Belas, onde mora um grupo composto principalmente de Fulniôs numa reserva do governo, compareceu a uma cerimônia do ouricuri ali realizada. Disse ele que um estranho só pode comparecer com o consentimento do pagé e que se tentar fazê-lo sem permissão “poderá mesmo ser morto”. Tanto quanto se apurou, nenhum outro membro do culto na Ilha do Toré esteve presente a essa cerimônia. Membros dos centros do culto de Passagem Grande costumavam, às vezes, participar do ouricuri realizado nas proximidades de Porto Real do Colégio<sup>197</sup> por remanescentes ameríndios em uma re-

197. Diz Hohenthal que, na ocasião de sua visita à área, o grupo Shocó de Porto Real do Colégio, acrescido dos Shocós de São Pedro, em Sergipe, deixaram a reserva e acamparam numa clareira no mato a cerca de 6 quilômetros de Porto Real do Colégio. Faziam isso todos os anos em janeiro, época em que as cerimônias foram realizadas durante 16 dias, 8 para cada grupo. Durante o resto do ano, os Shocós economizam dinheiro para comprar porcos e rezes e banquetear-se durante o período.



serva do governo existente no local. "Não recebiam nem brancos nem pretos", disse um informante, "apenas índios". Até mesmo os vaqueiros evitavam passar pelo tabuleiro da aldeia deles porque, se fizessem isso, "ficavam avariados da cabeça". Não obstante, há alguns anos, segundo se informou, o costume foi abandonado, embora indivíduos da reserva de Porto Real do Colégio, segundo diz Estevão Pinto (1956:146), tomem parte nas cerimônias do ouricuri realizadas por outros grupos tribais, especialmente os Fulniôs.

A cerimônia toma seu nome da palmeira muito conhecida (*Cocum coronata*, também chamada de "aricuri"), muito importante na economia e na religião dos aborígenes da área. Segundo Pinto,<sup>198</sup> contudo, esta cerimônia anual não é mais realizada pelos Fulniôs de Aguas Belas as vizinhanças da tradicional palmeira, mas, em vez disso, ao pé de um juazeiro numa localidade diferente, longe da cidade. O pagé teria sido obrigado a mudar o local e a ocasião da cerimônia, enfrentando oposição do grupo, a fim de evitar fácil acesso de parte de estranhos, que insistiam em comparecer. É agora realizada em setembro, outubro e novembro. Nenhum "branco" pode comparecer, mesmo durante o dia, quando os ritos são suspensos até o cair da noite<sup>199</sup> e nem mesmo descendentes de Fulniôs que se casaram com "outras raças", nem tampouco, geralmente, pessoas pertencentes a outros grupos ameríndios, com a única exceção dos de Porto Real do Colégio. Os violadores da proibição correm sérios riscos pessoais e, se um Fulniô estiver envolvido, talvez ocorra "morte prematura ou misteriosa" escreve Pinto.

Poucos dias depois de ter recebido o aviso oficial do pagé sobre a realização de um ouricuri, os membros deixam seus locais habituais de residência levando roupas, utensílios de cozinha, animais domésticos e outras posses necessárias a uma estada prolongada. Um acampamento, conhecido como "aldeia", foi armado no local sagrado designado, no qual, em 1953, disse Pinto, "cerca de 120 mocambos, alinhados em ruelas, uma das quais, a maior, dirige-se diretamente para o juazeiro sagrado". Registrou ele que a área foi dividida em três partes separadas e distintas: além da aldeia, com as residências temporárias, havia o que era conhecido como "terreiro", piriforme, reservado aos dançarinos, com locais pré-determinados para o cacique, o pajé, as mulheres, e a fogueira, e a área imediatamente em volta do juazeiro sagrado, onde apenas homens podiam penetrar e os meninos que haviam sido iniciados ou, como se diz, "batizados".<sup>200</sup>

198. Por esse relato do ouricuri em Aguas Belas o autor manifesta seu agradecimento a Pinto, 1956:145-67.

199. Exceto, naturalmente, por permissão especial, como a obtida por Pinto e seus colegas.

200. Os não ainda iniciados são conhecidos como txai, isto é, mulheres (pág. 150,150n).



A cerimônia a que compareceu Pinto na primeira noite — num domingo — consistiu de uma dança aparentemente realizada apenas por distração, na qual participaram 4 homens e 10 mulheres da sipe Peixe (ver *Remanescentes Ameríndios*, no Capítulo intitulado *Raízes no Passado*, Tomo I). Dois outros participantes tocavam trombeta e, outros dois, maracás. Todo o grupo, contudo, estava presente, incluindo mulheres e crianças. A dança começou mais ou menos às dez da noite, terminando duas horas depois. Nos intervalos entre as danças e em outros períodos de descanso, os membros do grupo tomaram café.

Na noite seguinte, começou a cerimônia ouricuriana propriamente dita. Naquela manhã, um dos membros da sipe do Fumo, geralmente o mesmo homem todos os anos, convidara os maiores das sipes do Peixe, Porco, Pato e Periquito, sucessivamente, para irem à sua choça e pediu-lhes que anunciassem aos demais Fulniôs que a festa do ouricuri começaria naquela noite. Ao anoitecer, visitou as choças da aldeia com a mesma “notícia”. Entrementes, os homens da sipe do Fumo pintaram de preto, com pó de carvão vegetal misturado com mel, doze homens da sipe do Porco. Estes vestiram em seguida saiotas de embira e puseram máscaras também de embira adornadas com um cocar de penas de peru e, às costas, uma fita de chita colorida, da qual pendiam três bolotas de caroá. Depois de serem defumados pelo cacique e pelo pagé, os doze dançarinos mascarados, conhecidos como “Waledaktoás”, liderados por um mestre de dança chamado de “senenêhô”, e todos com um maracá de coité na mão, entraram no pátio para visível deleite da multidão. De seis da noite até cerca do anoitecer da manhã seguinte dançaram quase ininterruptamente sem comer, fumar ou falar com alguém. Nenhum dançarino admitiu estar fatigado. Os passos da dança e a música do canto que a acompanhavam diferiam dos comumente ouvidos em outras ocasiões.

Em raros intervalos, os dançarinos encontravam-se com o pagé no recinto do juazeiro sagrado, onde este último “fazia profecias e conjurações, anunciando chuvas e abundância de viveres”, “profetizando doenças, casamentos, mortes, vinganças, trabalhos agrícolas, e política interna e externa da tribo”. Rituais de defumação são efetuados mediante queima de folhas de fumo, aroeira e baraúna, raspa de imburana-de-cheiro, jurema e, talvez, maconha, embora o uso desta última seja veementemente negado pelos Fulniôs, e contribuem para os fenômenos da possessão.

Na terceira noite, os homens da sipe do Peixe tomaram a vez, usando no terreiro, contudo, tangas de palha de ouricuri e máscaras de caroá, com manchas pretas nos ombros, em torno dos braços, nos cotovelos, nas mãos, pernas, do joelho até os tornozelos e, uma longa faixa, do peito até o umbigo, desta vez aplicados pelos membros das sipes Porco e Pato. A jurema é preparada pelos



homens da sipe do Peixe, posta em coités, e dada de beber aos oficiais, depois do que estes últimos fumam cachimbos feitos de pião-bravo. O número de dançarinos nessa noite aumentou para quase 20. Foram repetidas as cerimônias da noite anterior, embora diferissem o tom da música e o canto.

Nas noites subsequentes, dançaram homens mascarados das outras sipes. Embora um indivíduo possa participar de mais de uma noite, se quiser, isto raramente ocorre. Durante o período de cerimônias homens e mulheres mantêm continência absoluta, podendo os homens entrar nas ocas apenas durante a hora das refeições. Após três meses de cerimônias noturnas, os Fulniôs, da noite para o dia, desmontaram as ocas e partiram. Daí em diante até a nova cerimônia anual no setembro vindouro, contudo, o local é visitado semanalmente pelos líderes do grupo.

Disse Hihenthal que, em princípios de fevereiro, os Shocós, de Olho d'Água do Meio, em Alagoas, realizam cerimônia semelhante, embora mais curta, durando apenas seis dias. Os rituais variam em certos detalhes dos efetuados pelos Fulniôs, bem como dos Schocós de Porto Real do Colégio e não existem sipes, pelo menos agora.

### *Sincretismo*

Não obstante parece haver considerável concorrência entre o toré e o candomblé em todos os casos em que entram em contato imediato.<sup>201</sup> Nota-se também considerável sincretismo, envolvendo o empréstimo recíproco de elementos culturais, bem como o uso, pelo menos em Passagem Grande e na Ilha do Toré, de numerosos elementos do sistema católico romano dominante. A evidência de tal sincretismo é óbvia em numerosos pontos da descrição e análise precedentes. E como foi em parte indicado acima, membros do toré e do candomblé alegam também fidelidade à Igreja Católica Romana, de cujos rituais e cerimônias participam. "Nós todos casamos e nossos filhos foram batizados na igreja", disse um membro na Ilha do Toré, "porque todos nós somos católicos". Declarações semelhantes são amiúde feitas por membros do candomblé de Passagem Grande. O sincretismo varia de pequeno volume nos rituais, cerimônias e crenças encontradas em reservas ameríndias, como as de Águas Belas, Brejo do Padre, Porto Real do Colégio e Rodelas, talvez em maior extensão na Ilha do Toré e nos torés de Passagem Grande e de forma ainda mais acentuada nos candomblés desta última cidade e em Juazeiro.

201. Um membro dos dois torés de Passagem Grande, por exemplo, insistiu em que seu culto não fosse confundido com o candomblé. "O candomblé é pecado", disse. "Só aqueles que estão nos ares, os juremados, é que descem. No candomblé ganham dinheiro, fazem mal, e matam os outros". Para um pai-de-santo local isto constituía um exagero, e mesmo uma calúnia. "A nossa brincadeira não faz mal a ninguém", disse.



O grau de sincretismo característico de alguns centros de culto de Passagem Grande é claramente visível no conhecido como "Terreiro do Castelo". Há mais de vinte anos funciona no mesmo local a cerca de uma légua da cidade e, antes disso, aparentemente ninguém sabe durante quanto tempo na própria cidade, nas proximidades da capela. As cerimônias são hoje realizadas nas noites de sábado numa casa de pau-a-pique com cobertura de telhas portuguesas e chão de areia. O líder é um homem de cerca de 65 anos, que participa "há mais de 45 anos", segundo disse. Em jovem viajou de navio até a África, onde passou seis meses. Ao voltar ao Brasil, procurou um centro de culto "sério" para "trabaiá". O seu principal assistente é um homem de 36 anos, que informou ter começado a participar das atividades do culto aos 6 anos, na cidade de Laranjeira, em Sergipe. Compareceu a cerimônias em várias cidades da região e é assistente do Terreiro do Castelo ou, como se diz aqui, "da batida terrera" há oito anos, antes do que "bateu" num vilarejo do mesmo município.

Alguns dos elementos e complexos culturais do centro dirigido por esses dois homens são de origem africana, certa parte de origem ameríndia e, alguns, de origem européia, européia-asiática, ou européia-ameríndia, ao passo que outros constituem uma mistura de dois ou de todos eles. Outros elementos ou complexos emergiram da interação desses vários caracteres culturais nas circunstâncias do meio ecológico e sociológico brasileiro, estando todos, num centro em funcionamento ativo como o Terreiro do Castelo, interrelacionados de modo dinâmico que não pode, naturalmente, ser revelado pela mera listagem dos respectivos elementos ou complexos, a determinação de cuja origem precisa constitui, amiúde, um empreendimento difícil. Não obstante, talvez seja útil deixar consignado aqui alguns fatos evidentes.

O nome do centro de cultivo, Terreiro do Castelo, é obviamente de origem européia, bem como as palavras que designam as "filhas de santo", ou dançarinas cerimoniais do culto, e os seus líderes. Em dois casos, porém, são também empregados equivalentes africanos. Assim, o líder é conhecido como "pai de terreiros", o principal assistente masculino como "presidente da brincadeira" e a primeira ajudante feminina como "mãe de terreiro" ou "lôxa" (luxa). Outro assistente masculino é chamado de "contramestre" e outra mulher ajudante, filha de santo, como "contralôxa" (luxa). O pai de terreiro é designado por um nome europeu, "Zé Velho", e também por um nome europeu-africano, "Chico do Candomblé". Já o presidente da brincadeira é conhecido por um nome puro, ou de origem africana mista — Jajaba. O pai de terreiro é branco, a mãe de terreiro, sua esposa, preta. O presidente da brincadeira é também preto. Entre as dez dançarinas cerimoniais vistas certa vez, cinco eram de ascendência africana rela-



tivamente pura e cinco de ascendência ameríndia também mais ou menos pura. Um tocador de maracá era de ascendência ameríndia quase pura e outro de origem européia também relativamente pura, como acontecia com o tocador de tambor.

O pai de terreiro disse que “não tem realmente um candomblé porque este requê 7 tambores. O meu é toré, e eu tenho somente um tambô”.<sup>202</sup> Já o presidente diz que “alguns chamam o terreiro de ‘candomblé’, outros de ‘xangô’, e ainda outros de ‘toré’”, mas que em Porto Real do Colégio “é que há um toré e encantado, assim como no Ouricuri, onde os caboclos se reúnem uma vez por ano” (ver acima). As palavras “atabaques”, “candomblé” e “xangô” são de origem africana, o toré, de raiz ameríndia, ao passo que a palavra “encantado” teve origem, naturalmente, na Europa medieval ou em período ainda mais recuado.

Refletindo a influência do sistema dominante de rituais, cerimônias e crenças, um altar, medindo cerca de 3 por 4,5 metros, conhecido como “mesa”, ou “canzoal”, ocupa um canto da sala de frente da casa do pai de terreiro. Coberto com um sobrecofé de papel crepom vermelho, tem sobre ele rosários em forma de estrela de 7 pontas e, no centro da estrela, um copo de água, conhecido como “vitrina”, mantido coberto com uma toalhinha bordada, um maracá, charutos, um pequeno búzio, um cofre de barro em forma de boi, feito em Carrapicho, panos, toalhas, dois vinténs, ou velhas moedas portuguesas, vidros com mel de pau, azeite de dendê, e cachaça, uma quartinha com água, uma palmatória, conhecida como “Leprê”, que é usada para surrar “os que fazem coisas mal feitas”, disse o pai de terreiro, um crucifixo, três velas, mantidas acesas, uma tábua de mais ou menos 25 centímetros de largura por 35 de comprimento, envernizada, numa das faces da qual foi gravada uma estrela judaica, ou “sinal de Salomão”, como é chamada, e alguns presentes trazidos para “os santos”, ou “inquices”, como são também conhecidos no local, além de velas, bananas, ovos, e um vidro cheio de água muito clara, chamada “água sagrada”, “pois é do mar e sagrada”, disse o pai de terreiro. “Se é doente e bebe três goles, sara logo”.

Das paredes da sala pendem quadros de santos, incluindo Santa Barbara, colocada no centro, porque é a principal santa honrada nesse centro, o Senhor do Bonfim, São Jorge, São Cosme e Damião, Santo Antônio de Lisboa, três aventais tricolores, vermelho, rosa e azul, com alças, chamados de “tangas” ou “capanças”.<sup>203</sup> Disse o pai de terreiro que quando “alguém abusa ou quer fazê qualquer mal, eu chamo a serpente e ela vem por aqui se ar-

202. O presidente acrescentou, contudo, que o uso de um único tambor era “devido à perseguição da Polícia”.

203. Numa parede próxima ao altar, em outros centros de culto de Passagem Grande, existe um quadro da artista de cinema Maureen O'Hara. “Ela é de outra aldeia”, disse um informante.

rastando prá qualqué um". Tirou em seguida um quadro com a imagem de São Jorge e mostrou o dragão ao nosso pesquisador. O presidente, usando uma frase comum nos candomblés ortodoxos, informou que os principais santos "para abrí a mesa" são Santa Bárbara, o Senhor São Jorge e São Cosme e Damião, e que "sem eles não pode havê mesa". Acrescentou que no mar, "é todos da mesma família", existem Janaína, Sereia Estrela, Sereia Rosa, Tainha, Peixe Marinho, Ademim e Bêgue, esta última "uma criança encantada". Como se pode ver, é extensa a mistura de objetos e palavras dos sistemas católico romano, do toré e candomblé, bem como idéias e práticas populares da Europa medieval. E é mesmo usado um elemento (a estrela de David) de origem judaica.

Da mesma forma que na Ilha do Toré, os rituais de todas as cerimônias são conhecidos como "trabalhos" e, em cada dança, além dos passos, são entoadas cantigas, agitados maracás, e ocorrem a possessão e a defumação. A mãe do terreiro, ou lóxa, inicia todos os cantos.<sup>204</sup> As palavras iniciais do primeiro foram as seguintes:

Abre-te, mesa do Rio Verde!  
Cidade de Jurema  
é dos Campos Verde.  
Santa Teresa, me acenda esta luz!

Caboclo de Jurema,  
vem guiado por Jesus,  
Meu Deus Sinhô,

Jesus pai criadô.  
Abre os troncos de Jurema!  
Senhores Mestres foi quem mandô.

Em certa ocasião, um canto começando com as palavras "Salvo, salvo", foi também entoado como saudação, sucessivamente, aos "caboclos da aldeia", o "presidente", a "lua", a "mãe d'água", o "Mestre Auxanda", "Dona Lindaura", "Tupiguari", "Seu Capangui", "Caboca Véia", "Xapã", "Sossafã", "Lagiranda", "Senhor da Mata", "Aruanda", "Velho Pixu", "João Sabe-tudo", "Cão da mata", "Axué", "Senhores Mestres", "Ibari", "Quilombá", e "Igasaca" e, mais tarde, "Nosso Laje Grande", "Sete Encruzilhada", "Deus", "Mestra Janaína", "Peixe Marinho" e "Mestre Capuera". As palavras e idéias envolvidas são de origens européia, ameríndia e africana, predominantemente nessa ordem.

204. Para tornar-se mãe de terreiro a mulher precisa "ter o poder de enramação", disse ela, e tomar certos banhos, fazer certas defumações, e submeter-se a algumas proibições, incluindo a abstinência de relações sexuais durante seis meses.



Durante as danças foram usados como instrumentos musicais um maracá (pelo presidente) e um tambor, figurando também no ritual um charuto, incenso, e azeite de dendê. As danças são geralmente executadas com a parte anterior do pé sempre no chão, sendo a batida forte feita quase sempre com o calcanhar. O pé é movido apoiado na ponta.<sup>205</sup> Todas as dançarinas usavam vestidos comuns e, em seguida ao ritual de tirar os sapatos, dançaram descalças. Da mesma forma que na ilha do Toré, os espíritos que "baixam" são chamados de "caboclos". Podem dar consultas sobre problemas que afligem um ou mais membros do grupo, incluindo doenças. É feita a defumação da cabeça da dançarina e, obviamente, isto reflete as três principais fontes da origem do culto.<sup>206</sup> O agente usado para tal fim é uma mistura de jurema, alecrim e incenso, este último obtido "apenas em Sergipe", disse um informante.

O pai de terreiro alegou que no seu centro "nós trabalhamos com caboclos de 27 aldeias", que definiu como "um centro, um tabuleiro, que eles formam no meio da mata onde moram". Acrescentou que existiam aldeias de caboclo, de índio, de africano, de gêge, e de nagô. As aldeias são consideradas principalmente, contudo, como locais de residência de pessoas vivas que "só chegam quando a gente está dormindo", e não de espíritos dos mortos, que vêm às vezes às cerimônias do culto, "mas só raramente". Aparentemente, estes últimos são considerados mais ou menos como os "espíritos brancos" referidos acima e, para expulsá-los, a palmatória, chamada de Leprê, é mantida no altar. "Quando o espírito de morto vem, a pessoa cai", disse o pai de terreiro. "A pessoa que recebe eles cai e outros fica adoentado e é preciso que o dono do terreno arretire". Disse ainda que tal espírito, "depois que leva muita disciplina" fica "juremado" (ver acima) e "manso", não "faz estrago" porque "fica com medo e não faz o que que fazê". Pode ser então acorrentado com rezas, segundo se pensa, "usando o livro de São Crispiniano".

Os espíritos que "baixaram" nas cerimônias sagradas nesse centro, por conseguinte, são de três tipos: os legítimos, "caboclos" vivos, cujo "baixamento" é invocado e apreciado, os espíritos dos mortos, que fazem o mal e devem ser expulsos, e os "juremados".

Os espíritos baixados em determinada cerimônia incluíam Santa Bárbara, os conhecidos como "Caboclo Guerreiro", "Cabo-

205. Iniciando a dança cerimonial em outro centro local, o presidente aproximou-se do altar e colocou sobre o copo d'água, conhecido como "vitruína", 7 pingos de vela, "que é o traço que representa a cruz de Cristo". Realizou-se em seguida um ritual para impedir a aparição de "espíritos brancos" (ver acima). O presidente lançou um pouco de água da quartinha sobre a plana, rezou um "Padre Nosso", uma "Ave Maria", e uma "Salve Rainha" "em intenção dos bons trabalho", persignou-se, e começou a liderar os participantes no canto. Cantando, as filhas de santo dançavam com o corpo curvado para a frente, o tronco quase na horizontal, enquanto faziam o sinal da cruz.

206. Em seguida às defumações, o presidente recolheu cuidadosamente as cinzas que sobram no forninho do cachimbo cerimonial e lançou-as nas águas do São Francisco, "que levará as cinzas para as águas do mar sagrado".

clo Deú", "Caboclo Tupinambá", "Caboclo Capueira", "Herculano" (identificado como "um africano"), "Seu Peixoto", "Zé Bahiano"<sup>207</sup> (um "juremado", durante cuja manifestação o canto entoado contou a lenda de ter ele morrido sob um pé de jurema, assassinado enquanto se encontrava bêbado). "Maria Bonita"<sup>208</sup> (também "juremada", que se manifestou num dançarino e pediu "uma arma — uma peixeira ou um punhal de qualquer jeito"), e "Malunginho" ("o menino de Aruanda", disse um informante, um "espírito de vivo e rei das matas, que vem fechá os trabalhos"). Notam-se nessa conexão idéias ou palavras de origem européia, africana e ameríndia, bem como os nomes de pessoas (Lampião e Maria Bonita) famosas no passado recente da região. Disse um dançarino que "um espírito que aqui baixa e gosta muito de mim é a Francisquinha, neta de Nagô da Costa da África. Cigano Metério é do Egito e só gosta de vinho do Porto. Jurubari é para caboclos índios. Exuquerê é o Cão (demônio), pretinho, e só serve prá fazê o mal. Ele tem medo do rosário". De fato, Exuquerê, às vezes chamado de Exu, não é considerado aqui meramente como travesso, mas sempre "um espírito do mal", que deve ser propiciado sob pena de provocar infortúnios.

Na ocasião em que o "Caboclo Deú", que se diz ser o espírito de um "menino lambão," "baixou" a dançarina em que ele "apareceu" apanhou um ovo, quebrou-o na testa e comeu-o cru, lambuzando-se toda, depois do que começou a lamber as mãos e os dedos. Um dos presentes deu-lhe uma banana. Ela esmagou-a entre os dedos, esfregou-a nas mãos e começou a lambê-las. Entoou uma frase ininteligível e o grupo respondeu, "Oi, Cosme e Damião!" Começaram todos a bater palmas e a entoar um canto que se iniciava com as seguintes palavras:

Cadê, Deú? (solo)

Cosme, Damião (coro)

Deú na Aldeia, (solo)

Cosme, Damião (coro)

Ao baixar o africano "Herculano", falou numa língua que o informante disse ser Nagô. Os seus gestos quando ele passou a cumprimentar os presentes dizendo, "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!" lembraram a um de nossos pesquisadores "um negro velho, capengando".

207. Um do bando de Lampião (Veja *Banditismo* no capítulo *Raízes no Passado*, Tomo II) morto pelos soldados, é dito haver "ferrado mulheres na cara." Toda vez que ele "desce" em cerimônias de culto, é "disciplinado" — diz o pai do terreiro, isto é, apanha de palmatória.

208. Companheira de Lampião, morta com ele (ver "*Banditismo*").



Em seguida a um canto em que o presidente usou apenas sons guturais, o "Caboclo Guerreiro" manifestou-se nele e, apanhando de uma espada com a mão direita e, com a mão esquerda, um quadro com a imagem de Santa Bárbara,<sup>209</sup> executou passos impressionantes, cercado pelos demais participantes, que haviam interrompido a dança para observar, mas que continuaram a cantar. Aumentou o ritmo do canto e "um verdadeiro paroxismo, uma verdadeira histeria", disse nosso pesquisador, "dominou o grupo". Nos seus saltos, o dançarino "parecia prestes a levitar". Ao tocar com a espada na cabeça de um dos presentes, esta pessoa ficou imediatamente manifestada, significando isto para os crentes que "outro da família do guerreiro desceu". A dança terminou de forma "verdadeiramente frenética", disse nosso pesquisador.

### *Atitudes Divergentes*

Não há dúvida que há em todas as localidades estudadas numerosas pessoas religiosas, nem tampouco que muitas delas procuram observar com cuidado as prescrições e proscricções de seus sistemas de rituais, cerimônias e crenças, sejam eles de origem católica romana, protestante, ou espírita, seja africana ou ameríndia, ou ainda uma mistura de dois ou mais deles.

Parece ser evidente, contudo, também certo grau de cepticismo. Tende essa atitude a ser mais acentuada nas cidades do que nos vilarejos e no campo aberto, mais profunda entre a elite do que entre os grupos de status mais baixo, mais firme entre homens do que entre mulheres e, com algumas notáveis exceções, mais extenso entre pessoas cujos contatos com o mundo exterior foram mais amiudados, seja através de viagens, seja de educação formal e leitura. Isto se aplica em especial no tocante aos membros do toré e do candomblé, até certo ponto no que interessa a membros da Igreja Católica Romana e, talvez, em menor grau entre os espíritas mais ortodoxos e, menos do que todos, entre os protestantes. Não obstante, tais hipóteses precisam ser testadas algo mais do que foi possível dentro das limitações do presente estudo.

Em Cerrado foram notados alguns casos de ateísmo, principalmente, se não exclusivamente, entre homens. Nesta cidade como em outras, a participação em rituais e cerimônias religiosas tende a ser maior entre as mulheres. Os moradores recordam-se de que no passado costumava haver festas de Natal "muito bonitas", nas quais crianças tomavam parte em representações e eram executadas músicas de piano, mas que são atualmente raras. Embora grupos de cantores na Folia de Reis possam ser ainda vistos na cidade, as pessoas que os compõem são geral-

209. Com quem este espírito é identificado.

mente de famílias de *status* inferior, que visitam principalmente também famílias do mesmo tipo. Parece que pelo menos o desempenho deste grupo, se não o próprio ritual, veio a ser considerado aos olhos de pessoas de prestígio como meramente pitoresco e, daí, ter passado à esfera do folclore. Embora um homem de meia-idade tivesse observado que “não gosta de perder missa” e que não irá somente “em último caso”, deduz-se facilmente de sua conversação que um dos seus principais motivos é o profundo interesse pela capacidade oratória do padre, interesse este bastante comum no local, onde a habilidade no falar é, como de resto em todo o Vale, bastante apreciada. Disseram alguns informantes que os moradores da cidade não são “tão religiosos” como os de outras cidades da região. Membros de uma família que morava numa dessas cidades queixam-se frequentemente da falta de fervor religioso dos moradores de Cerrado. Durante a Semana Santa pelo menos alguns destoavam aparentemente da atmosfera de solenidade geralmente reinante nessa época. Até mesmo um comentário desrespeitoso sobre o peso do andor foi ouvido ao passar o cortejo do Senhor dos Passos. Alguns dias depois da Semana Santa, uma mulher de meia-idade queixou-se do comportamento desrespeitoso de certas pessoas, vistas brincando ou discutindo na matriz ao sair a procissão. “Seria bom mesmo que Deus castigasse o povo”, disse um rapaz, “porque há muita bagunça nas procissões”. Embora a expressão parecesse a um de nossos pesquisadores exagerar as circunstâncias do caso, era pelo menos parcialmente verdadeira. Em Cerrado, algumas crenças comuns em Retiro não consideradas “supersticiosas” pelos que conhecem as explicações científicas de fenômenos naturais como a chuva, o raio, e as doenças. Os comentários sobre procissões “para pedir chuva” são menos exuberantes e os benzedores gozam de menos prestígio do que nas fazendas de Retiro.

Um informante de Sertão Novo disse que ficou surpreso, ao voltar à cidade depois de um período de trabalho no Sul, vendo “durante a Semana Santa muitas pessoas montadas a cavalo, quando não deviam fazer isso, e um camarada bebendo cachaça e comendo carne assada quando devia estar fazendo jejum.” Na quarta-feira de cinzas de um dos anos de nossa pesquisa, o sistema de alto-falantes da cidade ainda irradiava músicas de carnaval e ninguém parecia ter cinzas na testa. Disse um morador que “o padre viajou desde anteontem e é ele que põe as cinzas”. Naquela tarde, um menino de uns 12 anos saiu à rua fantasiado de careta. Um grupo continuou suas festividades carnavalescas naquela tarde, dançando de 5 às 7 e novamente de 9 até hora bem tardia. O bispo, em duas diferentes viagens a Sertão Novo, pediu que as lojas fechassem nos domingos, mas que “ninguém atende”.



Em Passagem Grande, a observância dos dias santos parece mais espontânea e extensa entre o povo da roça do que entre os moradores da cidade, onde a guarda crescente de feriados nacionais, sob a liderança de funcionários públicos locais, proporciona cada vez mais oportunidades de sociabilidade e divertimentos semelhantes aos propiciados pelas festas religiosas. "Quanto mais atrasado o povo, mais dias santos de guarda", disse um morador da cidade, expressando uma atitude talvez crescentemente comum entre os mais sofisticados. Numa tentativa para resistir à crescente secularização das temporadas de Natal e Ano Novo, o recém-nomeado padre de Passagem Grande rezou missa num dos anos de nossa pesquisa, de 11 às 12 da noite na véspera do Ano Novo, terminando com a bênção do Santíssimo. A 1 hora, celebrou o Santo Santíssimo. Mais tarde, contudo, queixou-se que "é triste lamentar, mas durante a missa do ano a sociedade manteve o baile sem interrupção, e nele figuravam pessoas que ocupam cargos de responsabilidade nas associações religiosas". Apesar disso, ficou satisfeito porque não houve "dança pelo Natal nem jogo propriamente dito, como infelizmente já observei em outras lugares".

No mês de abril, em missas dominicais em Pesqueira, o número de homens variava de 5 a 20, oscilando o de mulheres entre 40 e 70, com, talvez, igual número de crianças. As comungantes durante a missa variavam de 1 a 12, todas mulheres, com exceção de um rapaz, em certa ocasião. O número de homens nas rezas variava de 1 a 5, enquanto algumas dezenas de mulheres estiveram presentes.

A percentagem do número total de rapazes que compareceram à missa em 13 domingos em Passagem Grande foi de apenas 2,6, obviamente percentagem muito inferior ao número deles na população total. Apenas dois rapazes comparecem sempre, um dos quais deseja "estudar para padre", segundo disse. Um funcionário público local observado sempre de pé à porta da igreja, disse ao nosso pesquisador: "Eu venho com a minha mulher porque já me acostumei, não porque acredite nessas coisas. Religião é coisa para mulher. Vê lá se homem vai perder tempo com essas coisas. O homem que lê um pouco não acredita. Eu venho também para dar satisfação à sociedade. Eles, me vendo aqui, não me aborreceram para saber o que penso ou o que não penso. Assim eu tenho sossego. Não preciso fingir que sou religioso. Não sou político. Não preciso de voto do sacristão. Não tenho o que fazer e assim venho com a minha mulher, mas veja como tem poucos homens lá dentro. Religião é para mulher que não tem o que fazer".

Pessoas mais idosas em Pesqueira, como de resto em outras cidades, queixam-se da "atitude desrespeitosa dos jovens de hoje em dia". Na ocasião em que o juiz de direito de Sertão Novo disse a um jovem que não fumasse na calçada em frente à igreja du-

rante a missa, o rapaz, evidentemente muito zangado, aproximou-se de um grupo de homens ao lado da igreja e queixou-se amargamente do que considerava conduta discriminatória. O padre, irritado com o ruído feito por crianças do lado de fora da igreja, que uma mulher local chamou de "magotes de meninos mal educados", ordenou que fosse fechada uma das portas laterais. Um menino que vende pamonha em Passagem Grande e que foi visto certo domingo jogando chimbra com outros garotos de sua idade durante a missa, ao ser perguntado porque não estava na cerimônia, respondeu: "Eu não preciso mais í. Não estou mais na escola e não tem mais professora prá me obrigá a í e na segunda-feira castigá se lá num fô".

O cepticismo completo, no entanto, é raro e o que parece existir afigura-se ser mais aparente do que real. Embora os fazendeiros de Retiro claramente não participem tanto de procissões de pedir chuva como os agregados e meeiros que trabalham em suas terras, uma indagação mais aprofundada revelou que a crença na eficácia desse meio é muito comum, mesmo entre o grupo de fazendeiros, como entre a população geral. Na ocasião em que um dono de loja do Sertão Novo, referindo-se ao costume de colovar ex-votos num fomoso cruzeiro existente na comunidade, observou "Isto é coisa de gente do mato," e acrescentou "As pessoas aqui na cidade não acreditam nessas coisas, pois são mais civilizadas", um espectador, no entanto, observou: "Sim, mas a gente da cidade faz a mesma coisa quando é caso de necessidade." Um homem de Sertão Novo que diz duvidar "do poder das orações", conserva diversas delas numa caderneta de notas. Outro, põe em dúvida a "sobrevivência da alma depois da morte", e que, por esse motivo não quer que os filhos sejam batizados, nenhum esforço fez para impedir que a mulher os levasse à igreja para receberem o sacramento. O que amiúde se nota no Vale, portanto, especialmente entre homens adultos, é uma atitude ambivalente, semelhante à notada em Cruz das Almas (ver Pierson, 1951:184) onde os informantes frequentemente diziam: "Não creio, mas não abuso". O que se observa mais comumente, talvez, é a fé em um ou outro sistema de rituais, cerimônias e crenças, total em algumas pessoas até o ponto de irrestrita convicção e lealdade,<sup>210</sup> menos segura em outras, mas bastante extensa entre a população.

210. Um rapaz que ajudava o padre durante a Semana Santa em Cerrado, local onde é amiúde grande a necessidade de chuvas, disse com convicção: "Choveu aqui todos os anos na hora da procissão do Encontro. Às vezes, era apenas uma chuva fininha, mas chovia".



## capítulo IV

### COMPORTAMENTO POLÍTICO

Conforme indicado acima, a política constitui uma das quatro principais atividades dos habitantes do Vale, sendo as demais relativas ao sustento, à família, às relações familiares, de parentesco e compadrio, e às crenças religiosas. Entre as quatro, o comportamento político, embora não seja o mais importante, tem apesar disso significação considerável no que interessa à atenção e ao tempo que lhe é dedicado e aos seus efeitos sobre a solidariedade social.

#### *O Papel da Política na Vida Local*

Perguntados sobre com quem mais queriam parecer-se quando se tornassem adultos, o maior número de escolares entre visitados em onze cidades do Vale, ou 67 entre 401, escolheu Ruy Barbosa, político, orador, diplomata e jurista baiano do início deste século. Embora cerca de 2/3 das crianças que manifestaram tal preferência fossem originárias de quatro cidades do Estado da Bahia, houve entre elas também um número considerável de naturais dos Estados vizinhos de Sergipe, Pernambuco e Minas Gerais, bem como várias de um Estado não contíguo com a Bahia e Alagoas.

Em todas as localidades estudadas pelos nossos pesquisadores "conversar política" é uma distração geral, especialmente entre os homens. Na verdade, poder-se-ia considerá-la uma das principais atividades dos momentos de lazer. "Pode o mundo virá, pode as água do São Francisco corrê rio acima", disse um homem em Passagem Grande, "mas o que interessa prá gente aqui é falá em política".

As atividades políticas não apenas introduzem na vida local certo grau de excitação e divertimento, mas aumentam também o *status* e o prestígio de certos indivíduos (bem como reduzem-no

em outros), elevam a posição das mulheres como grupo, permitem que numerosas pessoas recebam a necessária assistência, financeira ou não, especialmente por ocasião das eleições e, ocasionalmente, que algumas delas escapam das consequências de atos contrários à lei mediante apelo a líderes políticos, que procuram em busca de "proteção".

Tendem também a aumentar a solidariedade das facções e, concomitantemente, minar a solidariedade da comunidade como um todo. Fazem-no isolando psiquicamente indivíduos pertencentes a uma facção de outros que pertencem a uma segunda com a qual ela está em concorrência e conflito, e ao gerarem mal-entendidos e agravarem tensões entre elas a ponto de forçarem e, finalmente, romperem poderosos laços familiares, contribuem, destarte, para a desintegração de uma das instituições básicas da área. Considerações políticas podem igualmente afetar de forma adversa o processo educacional (ver *Preparação Formal e Informal para a Vida*), bem como o desenvolvimento econômico de áreas cujos habitantes não contam com o favor do grupo político dominante.<sup>1</sup>

A política é, assim, simultaneamente, uma força unificadora e divisiva, unindo na medida em que os grupos se organizam em torno de uma dada personalidade política e de seus companheiros; e divisiva com referência ao vilarejo, à cidade, ou à comunidade em conjunto. Na verdade, a política é, com toda a probabilidade, a força mais divisiva em cada uma das localidades estudadas pelos nossos pesquisadores.

Em Cerrado, ao começar o estudo dessa localidade, situada na bacia do Alto São Francisco, um amigo, desconhecendo que os nossos pesquisadores eram treinados na metodologia das ciências sociais, aconselhou-os a não tomar parte na política local "desde que esta zona é muito perigosa". Numa cidade vizinha existia um clube cujos membros pertencem, sem exceção, ao partido político dominante e outro composto exclusivamente de membros do partido de oposição. Se um membro de um partido entrasse no clube do outro, segundo outro informante, "seria tirado de lá "a pescoção". "Dia de eleição", acrescentou obviamente exagerando um pouco, "é só carabina o que se vê na rua".<sup>2</sup>

Em Rio Rico, certas pessoas, "por causa de política", não falam com outras. No dia em que um rapaz oferecia pão à venda

1. Embora uma ponte próxima a um povoado, a cerca de 35 quilômetros de Rio Rico, no Planalto Ocidental da Bahia, indispensável para levar os produtos agrícolas ao mercado, procedentes do que é talvez a parte mais fértil desse município, geralmente sáfaro, tivesse sido levada pelas águas há alguns anos, a construção de uma nova foi adiada desde que a maioria dos eleitores da área pertencia ao partido da oposição. A viagem a Rio Rico foi, em consequência, aumentada em 6 quilômetros. Os fazendeiros foram, então, obrigados a levar a produção à sede de um município vizinho e lá fazer suas compras.

2. Parece que, no passado, a luta política era também mais violenta em Cerrado do que hoje. Informantes locais recordam-se de um "grande fazendeiro" e chefe político que "mandava matar por questões políticas, com grande crueldade".



a um morador na presença de nossos pesquisadores, o homem perguntou quem o havia feito, assim como uma mulher na presença de outro de nossos pesquisadores, quando o rapaz foi até a sua casa. O motivo das perguntas era que o dono da nova padaria que fôra aberta na cidade pertencia ao partido da oposição aos que faziam a pergunta. Um motorista de caminhão, que passava pela comunidade e adoeceu na pensão onde se hospedara naquela noite, não recebeu tratamento do médico, que é também um dos líderes do partido dominante, porque a dona da pensão era uma mulher do partido adversário. "Foram chamar o médico", disse um morador, "e ele não veio atender".

A participação nas poucas danças realizadas durante nosso período de trabalho de campo tendia também a seguir linhas partidárias: isto é, os membros de um partido compareciam a uma e os do outro frequentavam outra, como ocorreu, por exemplo, durante a festa do Divino Espírito Santo naquele ano. Devido a divergências partidárias entre os empregados do Centro de Saúde local, que haviam sido nomeados pela administração anterior, e a pessoa que, por ocasião de nossa pesquisa, passara a dirigi-lo, a instituição fora fechada. Um rapaz, que namorava havia cinco anos uma moça de uma família do partido de oposição, contou que certa vez recebeu uma carta dela dizendo que não se importava que ele pertencesse àquele partido, mas pedia-lhe que "não fizesse propaganda para ele". O jovem respondeu: "Fiz, faço e farei", e acrescentou: "Nunca mais encontrei com ela". Aqui, também, a escolha do nome de uma pessoa, bem como o compadecimento a enterros, são ligados tradicionalmente a certo partido político. No passado, a comunidade de Pesqueira, como tantas outras, foi amiúde dividida em dois grupos políticos opostos, cada um dos quais possuía sua própria banda de música, se não partidários armados. Fazendo um trocadilho, um funcionário estadual da cidade disse ao autor: "Sendo a política o que costumava ser aqui, a pessoa certamente precisava de um pistolão".

Em Passagem Grande, no Baixo São Francisco, a similaridade de convicção e ação política determina a composição dos grupos de conversação, bem como dos grupos que fazem juntos a romaria anual a um santuário próximo (ver *Rituais, Cerimônias, e Crenças*). Na missa, os membros do partido de Seu Pimpão, líder do partido ora no poder, ocupam certos bancos e os do partido do Coronel Xiriba, líder da oposição, outros. Da mesma forma que em Rio Rico, indivíduos cujas famílias são filiadas a um partido são excluídos de possíveis casamentos com indivíduos de famílias pertencentes a outros.

Ao ouvir falar na vitória de Getúlio Vargas em 1930, o Coronel Xiriba, que liderava a oposição aos correligionários do Presidente em Passagem Grande, desaparecem "até que as coisas serenassem". Parentes e amigos, segundo se soube, procuraram-no em vão;



somente a esposa sabia onde ele se escondia — em casa, debaixo da cama, coberto por uma longa colcha que ela havia feito. Os “interventores” subsequentemente nomeados pelo novo partido dominante no “Estado Novo” descendiam todos de famílias influentes no período do Império que, com a instalação da República, haviam-se tornado o grupo dominante e que, por algum tempo, estava fora do poder. Tão rancorosas se tornaram as “atitudes hostis, perseguições e injustiças” praticadas pelo novo grupo dominante, segundo se diz, que outros membros da família outrora dominante começaram a mudar-se da comunidade. “Eleitor do Coronel Xiriba”, disse um correligionário da família ora dominante, “não encosta o umbigo no balcão de *minha* venda nem pra tomá uma cachaça”.

Essa seriedade de intenção nas atividades políticas caracteriza toda a região onde se situa Passagem Grande. Um rapaz, por exemplo, cuja família se mudara para uma cidade vizinha, tornou-se correligionário do partido de oposição, e proclamou em altas vozes “que não ia votar com o governo”. Em seguida a um período de crescente oposição e conflito sério, foi finalmente preso e espancado pelo sargento, que obedecia a ordens, segundo se disse, do chefe político local. Depois de perder os sentidos, foi levado para fora da cidade e enterrado em pé, ficando somente a cabeça acima do chão. Gritando que a cabeça do rapaz, “grande, cheia de idéias bestas”, era “uma boa bola prá chutá”, o sargento “em sua fúria, chutou a cabeça do corpo inerte e continuou a fazê-lo até que o rapaz foi deixado como morto”. Naquela noite, contudo, parentes e amigos desenterraram-no e levaram-no numa canoa escavada à Passagem Grande, esperando que ele morresse a qualquer momento. Ele sobreviveu, contudo, durante dois anos. Depois de ano e meio de cama, durante os quais a família “tudo que possuía perdeu”, porque o rapaz não podia trabalhar mais e o seu pai era aleijado, o jovem, embora mentalmente débil e frágil, conseguiu melhorar por aproximadamente seis meses até que, certo dia, morreu inesperadamente.

“Os sentimentos partidários são violentos em Ouro Preto”, escreveu Burton (I:373) em 1867, referindo-se a uma cidade na outra extremidade do Vale. Em Carinhanha, mais ao norte, na sua famosa viagem rio abaixo, quando enviou uma carta de apresentação ao delegado de polícia e “o jovem nem mesmo respondeu”, escreveu (II:281) que “possivelmente ele, um liberal, viu-nos caminhando ao lado do médico, um conservador. Mais de uma vez, o estranho sentia vontade de exclamar: ‘O diabo leve as políticas deles’ ”! Na primeira visita deste autor ao Vale, o piloto do vapor em que viajava disse-lhe: “Aqui (isto é, ao longo do São Francisco), a política entra em tudo”.

A preocupação com os processos políticos, contudo, quando os grupos de conversação são virtualmente dominados por discussões



políticas e debates calorosos no dia da eleição ou pouco antes podem gerar violências,<sup>3</sup> tende a apresentar certa periodicidade: ser mais intensa por ocasião das eleições, especialmente quando vão ser eleitos o Prefeito e os vereadores locais e a diminuir um pouco nos intervalos.

### *Atitudes e Concepções Subjacentes*

Simultaneamente, conforme disse Taunay (1929, V:115-16), as povoações portuguesas no Brasil tendiam a ser respeitadoras da lei. A obediência à autoridade investida na família, igreja ou Estado constitui há longo tempo uma tendência quase universal, embora esses vários centros de poder tenham se envolvido em conflitos frequentes entre si. Em Sertão Novo atualmente, por exemplo, o juiz de direito e o promotor público dizem que "todas as ordens dadas pelas autoridades da cidade são sempre acatadas e obedecidas pela população". Simultaneamente, percebe-se certo medo do poder público, especialmente entre a parte menos privilegiada e menos informada da população, atitude esta que pode, ocasionalmente, alcançar proporções exageradas.<sup>4</sup> Entre essas gentes, igualmente, parece que os tipos de governo — municipal, estadual e nacional — tendem a ser identificados com determinado indivíduo, considerado o "dono" da área em causa. Um morador dos Gerais, no Planalto Ocidental da Bahia, por exemplo, referindo-se ao presidente brasileiro disse: "Eu não sei quem é o dono do Brasil." Acrescentou que o "dono de Rio Rico era o Major Franco e, depois, seu filho, Dr. Augustinho, e agora Manel Vieira (Manoel Vieira)" nomeando, em cada caso, prefeitos sucessivos do município. Em Cerrado e outras partes do Vale, e especialmente entre a parte menos favorecida da população, pensa-se que a palavra "governo" é um termo genérico designativo "dos que mandam", sobretudo nas jurisdições estadual e federal.

A concepção mais generalizada na região a respeito do governo, contudo — que, na verdade, é característica do Brasil — traduz uma relação paternalista entre os governantes e os governados,

3. Essa violência, contudo, talvez nunca tenha sido tão grande como em alguns países do Novo Mundo Espanhol. No Império Brasileiro em 1873, notou Wells (I:218), por exemplo, "não existem pronunciamentos, revoluções, ou escaramuças eleitorais para a presidência como nas repúblicas vizinhas. Ocasionalmente, porém, em algumas províncias, ocorrem conflitos locais durante eleições de deputados rivais que às vezes, terminam em incidentes fatais".

4. "A gente está com medo", disse uma mulher dos Gerais, por exemplo, analfabeta e que vivera uma vida muito isolada. "Tamos com medo porque dizem que algum dia os soldados do governo vão vir pra levá todos os home. Deus nos livre!" Quando perguntada para que fim seriam levados os homens, respondeu: "Num sei. É os mais véio que diz. Diz que chegará um tempo em que todos os homens vão ter que ir pra baixo." Não se apurou se essa atitude era uma sobrevivência cultural dos últimos períodos da escravidão, quando escravos da área do São Francisco foram vendidos para trabalhar nas fazendas de café do Sul, ou se refletia influência mais recente. O marido, por exemplo, acrescentou que "dizem que os home vão ficá com sete mulheres", repetindo uma informação ouvida em São Paulo alguns anos antes e atribuída, na ocasião, ao líder comunista brasileiro.



lembrando a organização feudal de sociedade. As forças governamentais são consideradas como meios para solucionar qualquer sério problema local e, conseqüentemente, a permanência dos mesmos é amiúde racionalizada como "devido ao abandono pelo governo" — frase esta com frequência ouvida. Esta concepção pode dar origem em alguns casos a um considerável grau de dependência da assistência do órgão público, sendo pouca ou nenhuma a aceitação de responsabilidades individuais ou locais.

Fortificada por recordações de pelo menos uma ajuda limitada do governo no passado, a concepção conduz à exasperação quando o esperado auxílio demora. Um homem de Sertão Novo, por exemplo, disse que estava "desiludido com o governo" porque "pediu vários auxílios" e não foi "atendido". Outro, uma pessoa idosa, manifestando alguma irritação, disse que pedira ao chefe político local "que lhe desse um pouco de feijão ou um pedaço de carne de bode", e que o chefe respondia sempre: "Daqui a três dias." Em Cerrado, observou-se que as críticas à administração local por ocasião de nossa pesquisa era feita frequentemente com referência ao que se considera distribuição injusta da ajuda governamental recente. Os líderes do vilarejo de Cuscuzeiro, no Baixo São Francisco, perto do mar, disseram que, por várias vezes, haviam pedido certa ajuda ao governo estadual, e que "o governo não mandou". "Tudo são promessas dos políticos", disse outro. "Cumprir, nada."

Amiúde essas expectativas dizem respeito à obtenção de um emprego individual. No interior da Bahia, por exemplo, o autor e seus colegas conheceram um preto velho, acompanhado por um rapaz, seu filho, a caminho de Salvador, ambos viajando em cima da carga de um caminhão. Ele havia pedido ao governador um emprego para o filho. E, orgulhosamente, exibia uma carta que recebera em resposta do governador, prometendo-lhe o emprego "na primeira oportunidade".

Reina ainda a concepção, provavelmente exagerada, de que, como disse certa pessoa, "todos os políticos se metem em atividades políticas para obter vantagens pessoais". Opinou um morador de Sertão Novo, talvez exageradamente, que "todos os prefeitos daqui enriqueceram", e acrescentou que "o último prefeito construiu uma casa logo que assumiu o cargo". Observou um indivíduo em Cuscuzeiro: "Os prefeitos do lugar se contentam mais em defender seus interesses, como no tabelamento dos preços que fazem no próprio benefício, porque geralmente dominam o comércio e a produção". Geral também é a concepção de que as personalidades políticas "empregam todos os meios, legítimos ou não, para atingir seus próprios fins", e que "protegem também as famílias e os compadres". Uma professora em Passagem Grande opinou, com certo exagero: "A política aqui é, como em todo o Brasil, o sinônimo de intriga, desejo de subir, proteção aos afilhados etc."



Quando era delegado de polícia em Piranhas, no Baixo São Francisco, escreveu Bezerra (pág. 63), que o prefeito local era julgado "um chefe de cangaceiros disfarçados em operários de seu curtume". Quando disse ao prefeito que "não admitia 'cabra' algum armado na rua", mesmo que ele, prefeito, "estivesse acostumado a matar soldados e correr com oficiais dali para fora", o político irritou-se profundamente e telegrafou ao governador "pedindo providências". Bezerra telegrafou igualmente comunicando o incidente e sugerindo providências ou sua transferência urgente. Naquela mesma noite foi recebida resposta, ordenando-lhe que entregasse a delegacia ao seu substituto e voltasse ao batalhão no Recife.

O adversário político é considerado amiúde, embora não sempre, como "inimigo", tratado com as atitudes e comportamento do que se poderia chamar de "complexo do inimigo — como, de fato, em todo o Brasil — realidade esta no Vale que mereceria estudo mais extenso do que foi possível dentro dos limites dos presentes volumes. Negam-lhe a menor consideração e ele é mesmo tratado com desprezo. Em Passagem Grande, o lema é: "Para o adversário político — nada!"

### *O Exercício das Relações de Poder*

As atividades políticas refletem não somente certas concepções de governo e do processo político, como também o relativo isolamento da comunidade em questão; uma incidência bastante alta de analfabetismo de parte de uma camada considerável da população; a invasão da vida local por atividades ligadas a unidades políticas mais vastas, como o Estado e a nação, e a resultante competição — que às vezes se transforma em conflito — entre o comportamento costumeiro, de um lado, e a lei codificada dessas unidades políticas mais extensas, do outro; o papel tradicional do fazendeiro, da família e da igreja na região; e o sistema do "protetor" e do "protegido" (ver abaixo), aliado à tradição de relações paternalistas entre os que possuem maiores recursos econômicos e *status* mais alto e os mais pobres e inferiores, bem como a necessidade econômica entre os últimos, que torna ainda mais aceitável a entrega de presentes e a concessão de favores pelos mais bem aquinhoados.

Notou Macedo que o orgulho e a lealdade do vaqueiro por sua ocupação estende-se à fazenda onde trabalha e, destarte, aos conflitos políticos nos quais o patrão, o fazendeiro, se envolve e isto, especialmente no passado, aplicava-se a virtualmente todos os fazendeiros. Alguns deles, os chamados "coronéis", exerceram poder virtualmente total, conforme traduz a expressão amiúde

a eles aplicada de "mandões da terra". A influência não se limitava à fazenda que possuíam, estendendo-se, em vez disso, acima e abaixo do rio e, ocasionalmente, sobre extensas áreas (*ver Raízes no Passado*, Tomo I).

Apoiados por jagunços, ou guarda-costas, geralmente temidos pela facilidade com que assassinavam por ordem do patrão quem quer que a ele se opusesse, como em Cerrado, Rio Rico, Pesqueira, Sertão Novo, Passagem Grande e outras localidades, empregavam meios violentos para "vencer na política" e, assim, manter o poder sobre os "mais fracos", que eram, com frequência, obrigados a pertencer "ao partido do coronel". "Armando é assim", disse um morador de Cerrado, acrescentando com referência a outro fazendeiro: "Às vezes, os filhos ou os empregados procuram barrar a passagem de fulano porque o velho não quer que ele passe pelo terreno dele com o carro de boi, e nem mesmo a cavalo." "O mal aqui é esse coronelismo, o poder desses velhos briguentos", acrescentou outro morador. "E são os mais pobres os que sofrem as consequências."

As lealdades de família e parentesco, juntamente com as de compadrio e, também, ocasionalmente, as rivalidades, desempenham, talvez, o papel dominante nos assuntos políticos. Em Cerrado e outras localidades a estrutura do alinhamento político segue geralmente a estrutura do parentesco e a coesão dos grupos políticos depende quase sempre da coesão dentro da família. Os membros da grande família Ferreira, por exemplo, sempre pertenceram a um único partido. Durante nossa pesquisa, quando um de seus membros quase se persuadiu a votar num candidato de outro partido, foi severamente repreendido pelo tio e padrinho, indicando a maneira da repreensão que a potencial mudança da lealdade partidária do sobrinho era considerada um ato de rebelião pelo grupo familiar.

Em Marrecas, nas proximidades de Pesqueira, no Baixo São Francisco, na mesma ocasião, uma família controlava toda a vida política da comunidade, sendo a limitada oposição, contudo, liderada por um parente dissidente do chefe político no poder. Em Sertão Novo, os membros dos dois maiores grupos de parentesco, agora extensamente interrelacionados por casamentos, eram aliados em questões políticas, ao passo que outro, "não muito numeroso", disse um informante, havia-se aliado a outro grande grupo na oposição. Em Passagem Grande, alguns membros do grupo de parentesco dominante, durante o período inicial da República, aderiram aos novos chefes políticos que emergiram na ocasião. Somente dois resistiram. Estes últimos, contudo, sofreram "toda sorte de aborrecimentos", sendo um deles finalmente assassinado. O segundo, que era o "fazendeiro mais rico do município", e também possuía terras "no sertão do São Francisco", afastou-se durante



algum tempo.<sup>5</sup> Em recente eleição em Cuscuzeiro, em cuja campanha ouviram-se "ofensas, injúrias e ameaças" de ambos os lados, o líder de um dos partidos era membro de um importante grupo de parentesco da classe dos fazendeiros, e, o outro, também membro de um grupo importante e da mesma classe.

São especialmente violentos os conflitos políticos devidos à rivalidades entre grandes grupos. Tais rivalidades, por exemplo, ocasionaram, segundo fomos informados, a mudança da sede do município diversas vezes entre Sertão Novo e uma cidade vizinha em meio, ocasionalmente, de conflito armado.

Em alguns casos, conforme indicado acima, a lealdade política é tão tenaz que o casamento do filho ou filha de uma família aliada a um partido com o descendente de outra ligada a um segundo partido sofre violenta oposição dos parentes. Ao ocorrerem tais casamentos, contudo, a mulher geralmente passa a votar com o marido. Disse, a propósito, uma mulher de Sertão Novo: "Quando era solteira, eu votava no Partido Libertador. Mas, depois do meu casamento, deixei-o para acompanhar meu marido e desde então tenho votado no Partido Social Democrático."

Conforme seria de esperar, dado o alto prestígio atribuído no Vale à idade, os membros mais velhos dos vários grupos desempenham papéis dominantes nas atividades políticas. Em Sertão Novo, quando um jovem filho de um líder político, cunhado de outro e genro de um terceiro quis ser prefeito, foi derrotado porque não teve o apoio "dos velhos habitantes do município", disse um morador, "todos os quais têm de 10 a 12 votos entre filhos, sobrinhos, irmãos e moradores". E acrescentou: "Estes moradores velhos não têm confiança em políticos moços." Um cidadão idoso de Matias Cardoso disse certa ocasião ao autor que "dos 250 eleitores da última eleição", ele "podia contar com certeza com 40" porque "eu tenho muitos parentes, minha família é muito grande — com filhos, genros, noras, cunhados, e assim por diante".

A influência da Igreja, geralmente aliada a líderes locais, estaduais ou nacionais, embora, às vezes, em oposição a eles, é bastante forte em numerosas comunidades. Disse, a propósito, um morador de Passagem Grande: "Eu voto com o governo ou voto em quem seu vigário mandar." O padre de Pesqueira é há muito tempo ativo na política e, durante sua última visita ao Vale, o autor, ao ir visitar este sacerdote, descobriu que ele era agora deputado e estava ausente de Pesqueira, na capital estadual.

Solicitar permissão, nos casos de necessidade, para construir uma casa para si mesmo e a família em terra pertencente ao fazendeiro e cultivar uma roça para uso próprio é, há longo tempo,

5. Com o retorno do país ao regime democrático em 1945, este homem voltou à comunidade. Domina hoje a política local e seus adversários, dizem os moradores, "são agora perseguidos". Não obstante, desde que "os tempos mudaram", disse nosso pesquisador, "não há mais perseguições sangrentas".



considerado um direito no Vale e em outras regiões do Brasil, direito este que, juntamente com os direitos comensuráveis de "protegido" do fazendeiro, que assim se torna o "protetor", há muito tempo implica a obrigação, remanescente da organização medieval da sociedade, de trabalhar para o patrão quando solicitado e ajudá-lo em qualquer conflito que porventura surja de sua rivalidade com outro homem. A obrigação pode mesmo incluir — como em numerosos casos realmente incluía a participação em ataques armados sobre povoados ou a vingança "no silêncio da tocaia", como se diz. Nos ataques, os participantes tinham também o "direito de sebaça", ou pilhagem,<sup>6</sup> e assim amiúde apossavam-se de bens do adversário de seu "protetor" e correligionários de adversário, seja por meio de ato violento seja por terem eles abandonados ao fugirem. Com grande frequência, quanto maior o número dos "protegidos" do patrão, maior o latifúndio que controlava.

Conforme observou Urbino Viana (pág. 93-94), ao se tornar claro que o governo central não podia esmagar esses crescentes quistos, foram feitas tentativas para limitar o direito de propriedade, como na Carta Régia de 20 de outubro de 1753. A criação de Terços de Ordenanças, ou milícia, nas áreas em questão, tendeu a ampliar a importância desses já poderosos líderes "que tudo faziam para obter uma patente, a prova de sua importância para o governo", situação esta que continuou sob o Império e a República com as patentes da Guarda Nacional. Os mais recentes "manda-chuvas políticos", acrescentou Viana, "senhores de vontade soberana a que nada pode opor-se" eram descendentes diretos desses poderosos líderes semifeudais.

As emboscadas, conflitos armados e pilhagens são agora quase que inteiramente coisa do passado, muito embora a relação entre "protetor" e "protegido" continue, ainda que aparentemente se torne mais tênue com a passagem do tempo e o aparecimento de outras mudanças na ordem social. Durante longo tempo, as antigas obrigações do "protegido" foram parcial ou inteiramente substituídas pela obrigação invariável de acompanhar o fazendeiro nas suas convicções e ação política e, em especial, votar com ele nas eleições. Atualmente, em numerosos lugares, ainda prevalece tal situação.

### O "Chefe Político"

O pensamento e a ação política em todas as localidades gravitam em torno do chefe político local, seja no apoio que lhe é dado, seja no de quem ele apóia, ou se opõe a ele ou a eles. Outrora, conforme indicado, ele costumava controlar com mão de ferro, e o faz ainda ocasionalmente hoje, a sua área de ação. "A

<sup>6</sup> O termo "sebaça" é usado no sentido de pilhagem.

<sup>6</sup> Por esse motivo, os membros de grupos de saqueadores armados eram conhecidos como "sebaçeiros".



autonomia comunal decorrente do Código de Processo", escreveu Urbino Viana (pág. 96), "dera muito poder ao chefe político, o que a interpretação do Ato Adicional corrigiu; mas, os chefes máximos tiveram meios de exagerar, dando largas e amplas franquias a seus apaniguados por meio dos presidentes de província, que davam aos de sua facção autoridade policial adrede, como do centro lhes vinha a judiciária, capazes de acobertá-los nos crimes e apoiá-los nos desmandos e atrocidades. Na República, vimos a repetição do fato, mais doloroso pela continuidade dos que se perpetuam no poder à custa de eleições falsas, apoiados pelos governadores".

Percorrendo o Vale o viajante ouve ocasionalmente palavras de adulação extrema ou violenta desaprovação deste ou daquele chefe político. Geralmente, ele é um homem de convicções decididas e ação firme. Não costuma tolerar interferência nas suas ordens e tende a remover, utilizando quaisquer meios, todos os obstáculos que se ergam em seu caminho. Como tais qualidades são admiradas mesmo por adversários, de maneira pelo menos invejosa, este padrão de comportamento veio a ser esperado, se não exigido, de todos os chefes políticos. Um morador de Passagem Grande, por exemplo, referindo-se em termos favoráveis a certo candidato a um cargo, utilizou a respeito dele as seguintes frases descritivas: "Ele é um cabra corajoso", "não tira a peixeira da cintura",<sup>7</sup> "não leva desaforo para casa", "o pessoal da oposição não brinca com ele, pois ele não é de se matar com a unha", "cabra macho está ali". Um informante da área do Médio São Francisco disse que nenhuma casa é construída "ou feita coisa alguma" na comunidade sem aprovação do chefe político local, um homem forte, vigoroso e resoluto, acostumado a mandar. Um homem em Sertão Novo disse que "mesmo hoje, a polícia não penetra nos domínios do chefe político daqui. Um dos seus cabras, acusado de assassinato, homiziou-se aí e a polícia voltou, desistindo da perseguição".

Apesar de tudo, a fim de manter o domínio durante muito tempo, é preciso que ele seja um homem que exiba em palavras e atos ainda outras características de personalidade universalmente respeitadas ou admiradas. Em especial, deve mostrar lealdade não apenas para com os que o apóiam localmente, mas com aqueles com quem, numa configuração que lembra as relações feudais, ele mesmo apóia. O chefe político de Sertão Novo, por exemplo, disse que "tem sido fiel ao atual governador do Estado há 30 anos", e que quando foi visitá-lo recentemente, o governador apresentou-o a outros políticos presentes como "meu homem de ferro do sertão".<sup>8</sup> A respeito do líder político de Pesqueira, disse

7. Isto é, anda sempre bem armado.

8. Conta-se que um chefe político que reside nos limites da área do São Francisco "fez" dois governadores do seu Estado com os votos que possui.



um informante: "Ele num tem cerimônia. Vem à casa da gente, senta-se e toma café. Num tem orgulho." Além disso, à medida em que muda a situação — como vem ocorrendo já há algum tempo (ver abaixo) das relações essencialmente feudais para outras mais democráticas, dois ou mais líderes políticos talvez surjam na mesma comunidade. E embora o que outrora exercia poder monopolista ainda continue a recrutar seus mais fortes aliados na própria família e nas relações de compadrio, os chefes políticos tornam-se mais e mais eficazes em virtude de sua capacidade de argumentar e falar e da disposição e habilidade para levar em consideração os melhores interesses da comunidade em conjunto. Em Passagem Grande, por exemplo, a força do atual chefe político reside não somente em suas vastas alianças como compadre,<sup>9</sup> mas também na sua disposição de ajudar a todas as pessoas da comunidade. Alguns o chamam de "o pai da pobreza". "Ainda não vi uma pessoa necessitada", disse um informante, "bater na porta dele e sair com a mão vazia". Conta-se também que ele adota "uma atitude de camaradagem". Com toda probabilidade o morador mais rico vive de modo simples e costuma tratar democraticamente os empregados e meeiros. Não obstante, embora seja inegavelmente o principal líder político local, raramente ocupa um cargo, exercendo o poder por intermédio dos que elege. Por ocasião de nosso estudo, o filho era o prefeito e ele trabalhava para elegê-lo deputado estadual e, um sobrinho, prefeito.

O outro chefe político, um homem do grupo de parentesco chamado localmente de "tradicional", e que descende dos colonos holandeses do período colonial, exerceu temporariamente o poder político com o surgimento do "Estado Novo" de Getúlio Vargas. É aparentado de um dos interventores dessa época, indivíduo que mais tarde foi eleito governador do Estado. Embora seja limitado seu prestígio pessoal na comunidade, agrupam-se em torno dele não apenas os que "aderiram à revolução de 1930", e que eram adversários do atual grupo de parentesco dominante, mas também os que estão descontentes, por vários motivos, com a administração atual.

A chegada a Marrecas do líder político local, que mora parte da semana na vizinha Pesqueira, constitui ocasião festiva. Numerosas pessoas vão a sua casa, onde ele ouve pacientemente todas as queixas e promete "ver o que é possível fazer". "Aqui todos votam com ele", disse um morador. "Abraça todo mundo e vai dizendo logo, 'Eu não vim pedi os seus votos porque sei que vocês votam comigo!'" Recebe também pedidos de conselhos e mesmo solicitações para arbitrar disputas familiares, servindo, destarte, como serventuário não oficial da justiça.

9. A respeito de seus compadres, conta-se que "não há mão a medi-los".



O prefeito de Sertão Novo, como, de resto, muito outros, evidentemente sente uma grande satisfação pessoal com o papel que exerce. Em Rio Rico e em outros locais, líderes políticos que foram eleitos, e especialmente os que foram repetidamente reeleitos, comentam o fato de terem sido preferidos com evidente satisfação. Exibem também grande alegria por representar o município em ocasiões solenes e acontecimentos oficiais não somente na comunidade, mas no Estado, e mesmo em outros Estados — como na inauguração, em 1951, da estrada de Rio Rico a uma cidade em Goiás, e das relações, ou “conexões”, como são chamadas, que desenvolvem com servidores estaduais e federais, especialmente com os membros da Câmara dos Deputados, relações das quais frequentemente se gabam.

### *Partidos Políticos*

Durante o período do chamado “Estado Novo”, época em que Getúlio Vargas governava por decreto, havia, naturalmente, um único partido, o do governo. Por ocasião de nossa pesquisa, porém, os partidos predominantes na maioria das localidades eram a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrático (PSD), embora houvessem outros em atividades, incluindo nessa ocasião, em Barra, o Partido Republicano (PR), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e o Partido de Representação Popular (PRP, ou Integralista).<sup>10</sup> Em extensão limitada, também, e representado principalmente, segundo se informou, por lemas pintados nas paredes,<sup>11</sup> havia o Partido Comunista.

A participação partidária ativa, contudo, limita-se quase exclusivamente às classes superiores. Geralmente, pessoas das camadas mais baixas e intermediárias não se consideram membros de partido.<sup>12</sup> Em vez disso, votam de acordo com as relações de parentesco, compadrio, amizade ou, como se diz também, “por dívida moral” com um ou outro líder político.

Nem os alinhamentos políticos nem os problemas nacionais têm significação na determinação da filiação ao partido. Em vez disso, foi quase invariavelmente no passado, e é ainda em grau considerável hoje, uma questão de lealdade a determinado indivíduo do local e ao grupo ao qual ele se filia, e que está aliado a personalidades estaduais e, geralmente por intermédio destas,

10. Durante essa época em Barra, por exemplo, o prefeito era da UDN. Na câmara local 9 vereadores eram da UDN e um cada de 3 outros partidos, incluindo o PR, o PTB, e o PRP.

11. Contudo, o líder comunista de Passagem Grande é uma das pessoas da comunidade que mais lêem, não apenas jornais e revistas, mas também livros.

12. Nas lutas pelo controle político, no passado, da área ao longo do São Francisco, que às vezes resultavam em conflito armado, não tomavam parte os pescadores e os agricultores das vazantes. Simplesmente aceitavam o vencedor, que lhes era imposto como chefe político.

a personalidades nacionais. Os nomes de partidos políticos em cada localidade, destarte, refletem de modo geral apenas o uso de legendas de importância nacional pelas facções, geralmente duas, que há longo tempo são adversárias, sendo dado o voto e realizadas outras atividades políticas de acordo com os compromissos com um ou dois líderes, cuja decisão de ingressar num ou noutro partido estadual ou nacional leva para a agremiação seus correligionários.<sup>13</sup> Em tempos relativamente recentes, contudo, a lealdade a personalidades locais foi, até certo ponto, suplantada por lealdade a personalidades nacionais como, por exemplo, Getúlio Vargas e, em menor grau, a outros indivíduos que, auxiliados pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, sobretudo do rádio, que dispensa a alfabetização, atraíram simpatias de caráter mais geral.

Em Cerrado, onde o PSD era o partido majoritário por ocasião de nossa pesquisa, mas que contava também com uma UDN forte, é claro que os nomes dos atuais partidos foram dados a facções cuja oposição data de passado remoto, antes do nascimento das atuais organizações partidárias. Parece que pouco antes de Cerrado tornar-se a sede do presente município, quase todos seus habitantes, inclusive os moradores da cidade e do interior, constituíam uma facção política empenhada em luta com o partido majoritário da vizinha cidade de Coqueiro, que na ocasião era a sede (ver abaixo), e da qual Cerrado desligou-se. Os moradores recordam-se vividamente das lutas entre os "Carunchos" e os "Marimbondos",<sup>14</sup> como eram chamados. Os "Carunchos" eram de Cerrado e, os "Marimbondos", de Coqueiro. É possível que houvesse em Cerrado na ocasião pessoas que fossem adversárias dos "Carunchos", mas eram poucas.

O atual partido majoritário em Cerrado "herdou os líderes e a fama" dos Carunchos, disse um informante. A maioria de seus militantes faz parte de um grande grupo de parentesco tradicional na área, cujos membros possuem dois terços de todas as propriedades do atual município. E sentem orgulho de serem descendentes dos primeiros proprietários da "Fazenda de Cerrado", onde nasceu a comunidade. Conforme indicado acima (Tomo I), os membros de famílias que chegaram depois são menos numerosos e muitos se aliaram por casamento ao grupo dominante.

Não obstante, o partido de oposição em Cerrado é composto hoje principalmente de membros de famílias que chegaram mais tarde à comunidade, muito tempo depois dos colonizadores iniciais,

13. Aquil, como em outros locais, contudo, o líder nunca deve divergir muito das inclinações e crenças dos seus apaniguados. Na ocasião em que o prefeito de uma cidade do Médio São Francisco candidatou-se novamente a um cargo na eleição anterior à nossa visita, ele procurou um velho amigo que, neste caso, era o líder do principal partido de oposição, e conseguiu-lhe o apoio. Contudo, outros membros do partido deste último, vendo no pedido uma admissão de fraqueza eleitoral, recusaram-se a endossar o acordo e, finalmente, o líder teve de renunciar.

14. E, mais tarde, as lutas entre os "Gonçalvistas" e os "Veiguistas".



obtiveram certa independência financeira, adquiriram terras e, em alguns casos, casaram com o grupo de parentesco dominante, juntamente com alguns ramos dissidentes deste último. Considerado "mais progressista", parece ter tido origem na oposição aos "Carunchos."

Nas fazendas da vizinha Retiro, a homogeneidade das lealdades políticas é ainda maior do que em Cerrado. Todos os fazendeiros pertencem ao partido dominante. A lealdade ao fazendeiro entre os empregados dessas grandes fazendas, embora talvez não tão intensa como outrora, é ainda muito forte, e os agregados e suas famílias tendem a votar no partido dos patrões. Não existem absolutamente militantes do partido de oposição e, quando muito, apenas alguns simpatizantes.

Em Rio Rico, onde a história local está inçada de lutas políticas, envolvendo ocasionalmente luta armada, os dois grupos atualmente empenhados na luta pelo domínio político, ambos os quais têm um partido nacional como legenda, são geralmente os mesmos que se chocavam no passado, incluindo o passado recente.

Três homens, em especial, tiveram importante papel nas atividades políticas em Rio Rico no passado: o "Coronel" Maranhão, sobrinho de um dos aparentes fundadores da cidade, e seus dois filhos, o "Coronel" Amaro e o "Coronel" Jacinto. O "Coronel" Maranhão é especialmente lembrado por seus atos durante a Guerra do Paraguai, quando, segundo se diz, reuniu 100 homens e seguiu para o Rio onde se apresentou como voluntário. Embora nem ele nem seus homens jamais tivessem chegado ao campo de batalha, foi armado "Cavaleiro da Ordem da Rosa". E, como disse um informante, "voltou de galão, agalado como Coronel. Ficou sendo o chefe político daqui e foi chefe até morrer, em 1892". "Era muito querido, mas a lei era o "posso e mando". Era o que ele quisesse."

Recordações de uma pendência com o líder rival da cidade vizinha de Santa Vicência são ainda vívidas na comunidade. "No tempo em que inventaram esse negócio de eleição", contou uma informante, "em 1878, o povo do Coronel Maranhão foi pra Santa Vicência e atacou o povo de Faustino, de lá. As mães mandaram os filhos. E quando eles vieram atacar, foi um horror! Jagunços à beça! Foi um saque, foi uma coisa tremenda! Arrancaram os alicerces das casas, abriram os telhados, quebraram as ripas. O povo de Faustino correu". Vários anos depois, o Coronel Maranhão foi levado a julgamento em Santa Vicência, "com a jagunçada dele toda". "Mas ganhou outra eleição", acrescentou a informante "e tomou conta de novo e quando morreu, seu filho ficou no lugar, e então foi assim: numa eleição, Amaro e, noutra, Jacinto, o irmão, durante muito tempo".

Não obstante, a hegemonia subsequente dos filhos do "Coronel" Maranhão não permaneceu sem desafio na comunidade. Em 1923,



de acordo com nossa informante, o Major Franco Almeida "foi se apresentar, tomou o diretório, e entraram em luta. O povo sofreu muito de 1923 a 1926, quando o Major Franco ganhou tudo. Agora, esse pessoal dispersado fugiu para Goiás".

"Quando foi em 1927, eles entenderam, os que tinham perdido, entenderam de atacar aqui! Foi um horror! Era um Dia de Reis. Eu sozinha, sentada na porta mais minha irmã, que era pequena, quando algumas pessoas disseram: 'Hoje entra uma turma de jagunço para atacar Rio Rico' e, nisso, eu já ouvia tiros de todo canto. Apanhei minha irmã pequena, passei pelo quintal, os soldados já estavam atirando, passei pelo meio das balas, fui pra casa do Major Franco. A noite, meu marido foi buscar uns trens. Passamos a noite em pé, esperando um tiro a qualquer hora. Quando amanheceu o dia, disseram: 'Estão na Tamarineira.' Mas eu disse: 'Aqui eu não fico!' Voltei pra casa, tranquei a porta e fomos para o Crato a casa do meu sogro. Quando chegamos lá, qual, tava tudo sentado, ninguém falava, ninguém dizia nada. Todos assombrados, cada um com sua trouxa. Nisso, ouvimos o tiroteio. Meu sogro pegou tudo e abrimos no mato. Uma menina gritava como louca. "Quando vimos, estávamos na beira do rio. Nisso, já ouvia tiros pra o lado de Brejo Velho. Eu pensei e disse: 'Eu vou pra casa. Não vou morar nesses matos pra morrer de cobra!' Mas era Deus que nos trazia: encontramos a mãe do Godofredo que ia nos buscar. Ela disse: 'Daqui você não sai!' Ficamos na casa dela vinte dias. Matava cinco, seis bois, todo dia, veio muita gente do mato. Porém, os jagunços não entraram na cidade, embora, no mato, prendessem muita gente, o povo todo do Major Franco: Ernesto e Antonio, que acabavam de se casá, e Joaquim Bento, um político importante. Quando chegou a notícia que esse povo estava preso, o povo daqui prendeu os deles. Os jagunços, porém, acabaram por perder a luta, saindo vitorioso o Major Franco."

Aparentemente, contudo, a luta continuou com interrupções durante algum tempo. Dois anos depois, em 1929, disse a informante que morava num vilarejo a 18 quilômetros de Rio Rico, "pisando em arames, assombrada de medo. Fui falar com o Major Franco e pedir socorro a ele. Ele disse que não me incomodasse, que se houvesse alguma coisa eu seria a primeira a ser informada. Uma noite, bateram na porta. Eu disse pra meu marido: 'São os jagunços!' Mas perguntamos quem era e foram dizendo: 'É de paz.' Abrimos a porta e entrou um homem. Tinha com ele três animais arreados e um bilhete do Major Franco pra nós ir no mesmo dia. Chovia muito. De manhã nós três montamos, Angelina e as outras vieram na garupa e o camarada veio a pé. Quando chegamos aqui, não vi jeito de nada. Eu disse: 'Mas que diabo, eu vim assim na carreira!' De tarde, fui lavar os pés. Quando cheguei na beira do rio, só via gente pulando atrás das



pedras. Voltei correndo. Quando cheguei aqui e disse: "Tem gente do outro lado do rio, escondida atrás das pedras." Já os tiros iam começando. Foi tiro de cinco da tarde às cinco da manhã, sem parar. Eu não sei de onde saiu tanto homem deste mundo. E o mulhério dentro de casa. Já tinham prevenido e botado adobe por dentro da casa e fardos de algodão, de forma que bala vinha assim, zim, zim, zim e não entrava, batia nos adobes e nos fardos. E todos abrindo trincheiras e buracos na parede de uma casa para outra. E tiros que estava chovendo. Às cinco da manhã, eles correram e, depois disso, não atacaram mais. Logo veio um tenente com muita força de soldados e ficaram aqui muito tempo."<sup>15</sup>

O grupo que em 1927 obteve o poder em Rio Rico exerce-o ainda hoje sob uma das legendas políticas nacionais, ao passo que o da "oposição" funciona também sob a sigla de outro partido político, também de ação nacional. Embora o Major Franco seja ainda o líder do grupo no poder, é um homem idoso, cada vez mais auxiliado por um dos filhos. A administração local, por ocasião de nossa pesquisa, estava nas mãos da família havia 26 anos.

Com a democratização do país em 1945, a oposição ao Major Franco interessou-se por um dos grupos partidários surgidos na ocasião. Ao regressar de Salvador, porém, tendo percebido que tal partido estava prestes a ganhar no Estado, o Major Franco passou a apoiar-lhe os candidatos, enquanto a oposição mudava para a outra agremiação.

A atividade política em Sertão Novo indica também claramente o papel limitado do partido, exceto nos casos em que se o identifica com personalidades locais, e a consequente e frequente mudança de lealdade partidária. Há alguns anos tinha vida ativa em Sertão Novo um único partido — o PSD. Numa eleição, o filho de um advogado local e membro de um grupo de parentesco "numeroso, tradicional e influente", disse um informante, foi eleito senador pelo Estado como candidato desse partido. Mais tarde, porém, ele e o governador do Estado, que pertencia ao mesmo partido, desentenderam-se e finalmente romperam, procurando o grupo local outra legenda para seus candidatos numa subsequente eleição municipal, escolhendo finalmente o Partido Libertador. Enquanto isso, os correligionários locais do PSD cindiram-se também e um grupo, chefiado por um político local importante, fez campanha contra outros correligionários do PSD na eleição, incluindo o prefeito por ocasião de nossa pesquisa, que foi derrotado. Continuou a desinteligência entre o senador de Sertão Novo e o governador. O primeiro, porém, segundo disse um informante, "permaneceu fiel

15. Estão ainda bem vivas nas tradições de Pesqueira as lutas entre os "Marrões" e os "Bundões". O último destes conflitos armados na localidade, contudo, teve início em 1910 ou 1911 e durou até 1915, quando foram buscados reforços em Remanso, Pilão Arcado e Santo Inácio.



ao governo nacional do PSD, embora oficialmente de fora do grupo pernambucano do partido", e recomendou aos seus correligionários que votassem no candidato do partido à presidência da República. Na eleição municipal, porém, foi estabelecida uma coligação entre 5 vereadores do PSD e 4 do PL, usando os candidatos do último a legenda da UDN, partido com o qual este grupo estava aliado no Estado de Pernambuco. Mais recentemente, contudo, um vereador do PL e outro político do mesmo partido desentenderam-se com o senador e aderiram publicamente à ala do PSD do governador.

Em Passagem Grande, igualmente, a política identifica-se com a luta entre duas facções locais, continuamente em disputa. Os membros de um partido incluem os que faziam parte da facção dominante no passado e que, conforme esclarecido acima, foi reprimida durante o "Estado Novo" de Getúlio Vargas, ocasião em que o grupo anteriormente dominado tornou-se dominante. Com a derrubada do "Estado Novo", essas pessoas ingressaram no partido de oposição ao do grupo temporariamente dominante e, assim, introduziram no município a legenda da UDN. Embora os principais partidos no Estado, por ocasião de nossa pesquisa fossem a UDN e o PSD, o Prefeito e a maioria dos membros eram filiados à UDN no Estado e nacionalmente. Se alguém perguntasse a um morador se era da "UDN" ou do "PSD", ele invariavelmente responderia: "Eu sou do partido do Seu Pimpão", ou "Sou do Partido do Coronel Xiriba." Quando um dos líderes estaduais muda de partido, seus correligionários na comunidade, como em todo o interior do Estado, mudam também, de acordo com sua lealdade a essa pessoa.

Não obstante, nesta localidade como na maioria, se não em todas as partes do Vale, é severamente condenado o "vira-casaca", isto é, a pessoa que tendo nascido "no partido de Seu Pimpão", e que se espera que nele morra, passa a apoiar outro grupo local.

A situação em Pesqueira não difere nos pontos básicos, embora seja excepcional em um ponto. A crescente ligação, aqui como em outras localidades em tempos relativamente recentes, do município com a capital estadual resultou na introdução de várias legendas partidárias nacionais, embora tenham pouca significação local. Na ocasião de nossa pesquisa, por exemplo, havia na cidade diretórios da UDN, do Partido Social Democrático, do Partido Libertador, um grupo dissidente da UDN, do Partido Trabalhista Brasileiro e do Partido Republicano. Por ocasião das eleições, os diretórios podem opor-se ou apoiar um ou mais dos outros, de acordo com os compromissos assumidos na capital estadual. Não obstante, aqui, ao contrário das demais localidades estudadas pelos nossos pesquisadores, é leve a concorrência entre as facções. Membros dos principais grupos de parentesco, interrelacionados por sangue ou casamento, distribuem-se por todos os vários diretórios,



de modo que qualquer que seja o partido vencedor do Estado, essas famílias dominantes estarão representadas por um ou mais parentes próximos no governo local.

### *Eleitores e Eleição*

A percentagem da população adulta registrada e em condições de votar varia consideravelmente de lugar a lugar. Isto se deve, em parte, à variação no grau de alfabetização desde que a lei exige como requisito que o eleitor, ao registrar-se na presença do juiz eleitoral, apresente um requerimento escrito assinado pelo próprio,<sup>16</sup> embora talvez se deva mais, pelo menos em numerosos casos, a variações no grau de interesse demonstrado pelos líderes políticos locais em aumentar o tamanho do eleitorado, trabalho este que geralmente se faz acompanhar do aparecimento de oposição ativa, e que assume a forma de ajudar os futuros eleitores a, pelo menos, assinar o nome.<sup>17</sup>

Em Rio Rico, em seguida à "redemocratização" do país, ou após a abolição do denominado "Estado Novo", o número de eleitores era calculado em 8.910 pessoas, apenas 796 das quais, ou 4 por cento, realmente votavam, situação esta que mudou, contudo, de forma acentuada em anos recentes. Em um município não muito distante, algum tempo antes de nossa primeira visita ao Vale, existiam apenas 430 eleitores entre aproximadamente 15.000 habitantes em idade de votar, cifra que representava apenas 2,8 por cento do possível eleitorado. Na eleição realizada pouco antes de nossa visita, contudo, votaram, segundo se informou, "mais de 1.000". O secretário da prefeitura calculava que havia "2.000 prontos para votar".

Em Pesqueira, o principal líder político por ocasião de nossa pesquisa sistemática dois anos depois, calculou a população em condições de votar no município em "cerca de 10.000", ou aproximadamente 30 por cento da população total. Mais ou menos 40 por cento dos eleitores possíveis haviam votado na eleição anterior. Acrescentou esse chefe político que, na sua opinião, se o requisito para votar fosse a frequência à escola primária, o número "não excederia 2.000 porque a maioria de nossos eleitores mal sabe assinar o nome". Em Sertão Novo, na eleição de 1.º de julho de 1951, votaram 1.739 pessoas, ou 42 por cento da população de possíveis eleitores.

Desde a concessão do direito de voto às mulheres, grande parte da votação total tem sido feminina. Em Sertão Novo, por

16. Acompanhado da certidão de nascimento.

17. Embora os líderes locais de determinado partido não exijam expressamente que as pessoas registradas por eles votem no partido, eles raramente, se é que alguma vez, ajudam a registrar pessoas cujos votos não tenham probabilidade de receber.

exemplo, entre os 1.739 votos depositados na eleição mencionada acima, 660, ou 37,9 por cento, foram de mulheres. Numa seção eleitoral da sede, as eleitoras superaram os homens de 57,7 para 42,3 por cento do total. Num vilarejo do mesmo município, depositaram também 55,9 por cento dos votos nesse ano.

O indivíduo pode votar no candidato que livremente e bem informado escolhe, ou seu voto pode ser determinado, com maior probabilidade, conforme indicado acima, pela lealdade pessoal a determinado homem, como o fazendeiro, outro empregador, parente ou compadre, ou como reação a pressões ou promessas de um líder político local. Embora a primeira dessas motivações, ou a que se ajusta mais a procedimentos inteiramente democráticos pareça ter aumentado, especialmente nas zonas menos isoladas, de maneira extremamente lenta no início mas com ímpeto gradualmente maior em anos mais recentes, os padrões há longo tempo dominantes na região ainda prevalecem em numerosas partes do Vale, com poucas se é que houve algumas mudanças nos últimos tempos.

Em Retiro, disse um informante: "Quando o chefe político vinha aqui, o povo era avisado pelo fazendeiro, e todos se reuniam na sede para saber como deviam votar. Aqueles do Brejo para cá reuniam-se aqui na Fazenda do Pequi, e aqueles do Brejo para lá na Fazenda Grande." Em Pesqueira não há muito tempo, quando dois irmãos candidatos a deputado federal visitaram a cidade, realizou-se um comício em que ambos falaram. O povo "entusiasmou-se com um dos irmãos", disse um morador da cidade, "porque cativou-o com sua compreensão dos problemas da região", e queria votar nele, mas o chefe político local "já tinha compromisso com o outro irmão". "E, assim, os votos de todos foram para Duca." Disse outro informante: "Voto em quem Seu Raimundo mandar." Em Sertão Novo, como aliás em numerosas outras localidades, alguns políticos escolhem os candidatos aos cargos de acordo com seus interesses pessoais, compromissos e lealdades. Os eleitores aderem quase invariavelmente a um desses políticos e "they dão o voto" de acordo com as relações pessoais envolvidas. Segundo moradores mais velhos de Cuscuzeiro, o apoio do chefe político local a um candidato de um dos grupos de parentesco dominante na área é suficiente para garantir-lhe a eleição. Referindo-se especialmente às áreas pastoris do Vale, disse Macedo (pág. 50): "... o vaqueiro é um seguidor da orientação traçada pelo seu patrão. Nas ocasiões das disputas eleitorais, o seu voto é previamente comprometido e como tal definitivamente assegurado, permitindo assim que se estabeleçam cálculos bem aproximados sobre os futuros resultados das urnas".

Conforme também sugerido acima, a votação tende não somente a seguir as linhas de parentesco mas também as de compadrio. A propósito, disse um líder político de Passagem



Grande: "Não há eleitores mais fiéis do que os compadres. Esses votam no duro, não falham, vão buscar as cédulas na casa do compadre que é o chefe. Compadre é coisa com que se pode contar." Continua em vigor o padrão de "protetor" e "protegido", trocando o líder político o voto por algum favor ou dando ao eleitor presentes em objetos ou dinheiro. Há alguns anos o líder de uma cidade do Médio São Francisco, por exemplo, arranhou uma casa para um recém-chegado e daí em diante, disse ele ao autor, "o homem sempre me deu seu voto".

Em uma eleição recente em Rio Rico, um dos grupos encomendou a dois artesãos 250 pares de sapatos e distribuiu-os entre os eleitores. Um dos chefes políticos locais observou: "Não faço política para *ganhar* dinheiro. O que eu faço principalmente é *gastar*: 16 contos na última eleição em tecidos, sapatos e chapéus." Ao que acrescentou a esposa: "Ele tem mesmo que pagar o feitiço da roupa depois de dar o pano ao eleitor." Um frade de uma cidade do Médio São Francisco informou que o candidato a vice-prefeito "andou distribuindo pano entre os eleitores antes da última eleição". Um morador de Sertão Novo durante o nosso principal período de pesquisas disse que o prefeito, em época de eleição, "oferece aos eleitores um par de sapatos ou um uniforme escolar para o filho e também manda circular um caminhão vendendo farinha a 16 cruzeiros a cuia,<sup>18</sup> quando o preço nas vendas é de 30". Acrescentou que o prefeito "gastou quase 25 contos na última eleição" e que o líder de uma cidade não muito distante "despendeu 60 contos". Nessa eleição, um candidato a deputado estadual, eleito com o apoio dos eleitores locais, "gastou neste município 60 contos em roupas, sapatos e chapéus".<sup>19</sup> "No sertão", informou o prefeito de outro município da Seção das Corredeiras, "somente quem tem dinheiro ganha eleição. Eu faço como todo mundo, e pingo em todo canto". Na eleição anterior, disse, gastara "somente pouco, não muito, uns 60 contos", e acrescentou que "a despesa não é tão grande como depois de ser eleito, quando a gente tem de ficar sustentando este pessoal o tempo todo".

Numerosos eleitores aprenderam a tirar vantagem pessoal desta situação, além do mero recebimento de um presente. Alguns, disse o frade mencionado acima, "procuram ser sabidos e vendem os votos a *ambos* os partidos". "Disseram que a quem não votasse", observou em Pirapora um informante a um de nossos pesquisadores, "acontecia isso e aquilo. Só conversa. Agora só voto se me pagarem. Pra quem pagá mais é que eu voto."

Na luta travada há alguns anos entre os partidários de Cerrado e os de uma cidade rival sobre a sede do município,

18. Ver *Pesos, Medidas e Outros Padrões*, Tomo II.

19. Outro morador observou certo dia que um dos parentes viera à cidade "vender seu voto e os da sua família por 1.000 cruzeiros". E acrescentou que o vira sair depois de uma bodega, "carregado de coisas".



diz-se que a primeira ficou em desvantagem porque sua gente "se vendia muito", isto é, vendia os votos ao partido rival. Durante uma conversação entre agregados em Retiro, foram ouvidas referências às tentativas de certos chefes políticos "pra comprar nossos votos". Um dos participantes da conversação, muitos dos quais estavam convencidos de que seus votos valiam mais do que o que lhes havia sido oferecido, disse: "Eu vendo meu voto, mas só por 5 contos."<sup>20</sup> Dois homens em Sertão Novo conversavam no dia da eleição quando um terceiro aproximou-se e perguntou se a chapa que ia usar naquele dia, e que trazia na mão, não era a do partido de oposição. Recebendo resposta afirmativa, o indivíduo se rebelou, dizendo em voz alta: "Esse homem me prometeu que votaria apenas na chapa em que estou interessado." E exigiu que o eleitor devolvesse o par de sapatos que lhe havia dado em troca do voto.

Na luta para obtenção de votos, o líder político, especialmente se teme que esteja em jogo seu *status* pessoal, pode recorrer a vários outros meios para vencer e conservar o prestígio. Em Rio Rico, por exemplo, observou-se que o chefe político mandava votar pessoas que, por lei, não estavam legalmente qualificadas para tanto, desde que não sabiam assinar o nome. "As autoridades, os cartórios, tudo está nas mãos deles", queixou-se um membro da oposição. "Eles fazem o que querem." Outro expediente consiste em falsificar a idade do eleitor: "por causa das eleições, minha certidão de nascimento é de 1915. Foi num tempo de eleição, pra mim podê votá". Outro expediente também usado é o de "trocar chapas". "A política aqui é tão quente", observou outro morador, "que nas eleições, as mulheres saem pela rua, bandos delas, trocando as chapas do pessoal."

Aproximando-se uma eleição e a época de registro dos eleitores, intensifica-se a luta política, especialmente pela distribuição de presentes, o estabelecimento de compromissos e, às vezes, de fraude. Alguns militantes passam todo o tempo não apenas cabalando votos, mas também preparando-se para receber, hospedar, alimentar e instruir os eleitores que vêm da roça para votar. Da mesma forma que em Pesqueira, líderes locais fazem visitas periódicas a diferentes zonas da cidade, procurando pessoalmente cada eleitor. Os cabos eleitorais auxiliam-nos registrando os eleitores e conversando com eles. Em Passagem Grande, o cabo eleitoral é geralmente o inspetor de quartelão, cujo emprego como auxiliar de policiamento perderá se houver mudança do grupo no poder. Em Cuscuzeiro, o cabo eleitoral auxilia os eleitores a obter certidões de idade e a preparar os necessários documentos. Ensina-lhes, se necessário, a assinar o nome, fazendo às vezes

20. Da substância da conversação, contudo, nosso pesquisador ficou com a impressão de que esses agregados não tinham o costume de vender o voto, mas estavam algo descontentes com o fato de que "os grandes só se lembram dos pobres, e mesmo assim com magros benefícios, por ocasião das eleições".



do próprio punho o requerimento para o título. Trata-se de época bastante perigosa em numerosas comunidades, sendo fácil surgir inesperadamente um incidente que se transforma em conflito declarado.

As campanhas políticas são efetuadas na maior parte das comunidades, pelo menos até certo ponto, através de comícios. É mínimo o uso de jornais, porque não existem em nenhuma das localidades estudadas. É grande também o analfabetismo e não há o hábito de assiná-los de parte dos alfabetizados, sendo também limitado o uso de jornais publicados em cidades próximas. Numa eleição realizada em Rio Rico antes de nosso período de trabalho de campo, os partidários da UDN realizaram seis comícios, todos na cidade. Não é raro que um comício produza intensificação séria de velhas rivalidades e, às vezes, violência, desde que nessas lutas eleitorais as armas usadas pelos candidatos podem incluir ameaças, calúnias, injúrias e mesmo agressões físicas. Queixou-se um líder da oposição, por exemplo, que o atual prefeito, nos seus discursos, dizia, por exemplo, "esses adversários chatos que venham pra praça pública, que saiam de suas tocaias"! <sup>21</sup> Os comícios, contudo, como talvez em outras cidades, não deixam de apresentar aspectos cômicos. Certa vez, um candidato subiu à tribuna para falar, enfiou a mão no bolso do paletó para tirar o discurso e, não o encontrando, meteu rapidamente a mão em outro bolso e tirou apenas os óculos. Depois de procurar sem êxito nos demais bolsos, disse finalmente à multidão: "Se quiserem rir, podem rir!" e desceu, dando o lugar a outro membro do partido.

Durante a campanha, o acúmulo de excitação pode ser muito intensificado pela chegada de um candidato a cargo estadual ou federal. Certa manhã em São Romão, por exemplo, durante a primeira visita de um de nossos pesquisadores ao Vale, chegou o prefeito de Pirapora, acompanhado de alguns membros do seu gabinete e do procurador geral do Estado, que era candidato a deputado federal. Foram recebidos cerimoniosamente pelo prefeito local, vereadores, funcionários públicos, comerciantes e as duas professoras, e levados à casa do prefeito, onde lhes ofereceram bolos, vinho e cerveja. Depois de sentados os visitantes à mesa, o secretário da Câmara dirigiu-se a eles, em nome do prefeito e dos demais cidadãos dizendo-lhes que os recebiam "de todo o coração" e agradecendo-lhes pela honra da visita. Acrescentou que ali viam uma "cidade velha, sem coisa alguma do progresso de Uberaba ou Juiz de Fora, nada das tradições de Ouro Preto, mas apenas as velhas casas de uma cidade do Sertão". O prefeito de Pirapora e o procurador, por seu turno, agradeceram ao orador pelas

21. Acrescentou o informante que, certa vez, quando o atual prefeito fez uma observação semelhante, um soldado presente levantou o fuzil e gritou: "O senhor é um covarde! Olhe aqui o rifle que eu tomei."

homenagens. O procurador disse também "que recebera a distinção de ter sido escolhido" como candidato a deputado e que, se eleito, "corresponderia à confiança do povo".

Na sala estavam presentes apenas homens, tendo ficado do lado de fora as duas professoras. Os visitantes se despediram. O procurador, depois de sair para o pátio, solicitou ao prefeito local para conhecer-lhe a esposa e voltou com ele a casa. O grupo visitante e os membros da comissão de recepção, juntamente com a esposa do prefeito, foram fotografados, depois do que seguiram todos para "visitar" a escola, a matriz, a coletoria estadual, o abatedouro e a construção, na época, do porto às margens do São Francisco. Ao despedir-se do candidato a deputado federal, o prefeito local, numa conversação separada, "colocou-se a sua inteira disposição", prometendo-lhe ativo apoio. O candidato agradeceu-lhe e pôs-se também "à disposição" do prefeito.

No dia da eleição em Cerrado, como amiúde em outros locais, os cabos eleitorais ou pessoas que eles contratam saem em caminhões para buscar os eleitores da roça. Os centros de atividade mais intensa na cidade são as casas onde outros eleitores da roça foram hospedados na noite anterior e onde estiveram se divertindo com conversas, bailes, e refeições às expensas do partido, enquanto aguardam a oportunidade de votar. Ao serem anunciados os resultados da eleição, o partido vencedor celebra, sob a liderança dos seus chefes, com rojões, bailes e outras festas, enquanto os líderes do partido derrotado costumam desaparecer. Ou, como diz a expressão local, "vão pescar".

Na eleição realizada em Passagem Grande antes de nossa pesquisa, havia dois "viveiros de eleitores" a pouca distância um do outro. No do prefeito do partido foram abatidos três novilhos e um boi e providenciados diversos sacos de farinha.

### *O Município*

O município e sua subdivisão, o distrito, sendo as unidades de governo mais próximas do eleitor, geralmente circunscrevem as áreas de atividade política mais intensa. O prefeito, ou principal administrador do município, e os vereadores, ou legisladores locais, são os principais e, em numerosos casos, os únicos servidores que a maioria dos moradores conhecem ou com quem têm relações políticas pessoais. Os problemas que resolvem em torno deles, sempre de caráter meramente pessoal, são os únicos casos políticos que levam em conta e lhes provoca a ação. Nas localidades menos isoladas isto não é tão verdadeiro como outrora e, mesmo nas mais remotas, o rádio está continuamente derrubando as barreiras às



comunicações. Não obstante, as discussões e atividades políticas no Vale ainda se centralizam em grande parte em torno da prefeitura.

Conforme indicado antes, existem 156 municípios situados inteiramente na bacia do São Francisco e 49 outros parcialmente localizados dentro ou fora da mesma. Os limites do município de Cerrado e dos que o cercam, especialmente na direção oeste e sudoeste, coincidem, como numerosos outros, aproximadamente com os limites de antigas fazendas de imenso tamanho hoje fragmentadas em numerosas propriedades separadas. Tão grandes eram muitas delas no passado que, em anos recentes, 44 novos foram formados como desmembramento dos antigos: 26 no Estado de Minas Gerais, 5 na Bahia, 4 em Pernambuco, 6 em Sergipe e 3 em Alagoas. Apesar de tudo, existem ainda 52 municípios (ou aproximadamente 1/3 dos situados inteiramente dentro do Vale) que têm 100.000 hectares ou mais; 24, de 200.000 ou mais, 10 de 300.000 ou mais, 7 de 400.000 ou mais, 4 de 500.000 ou mais, um deles (Pirapora, em Minas), com 804.207 e um (João Pinheiro, em Minas), com 1.384.333 hectares.<sup>22</sup>

Embora a administração dos distritos dependa legalmente da do município, o prefeito e os vereadores geralmente não lhes dão muita atenção, interessando-se a legislação e o governo local principalmente pelos assuntos da sede. As lutas políticas passadas em Passagem Grande, por exemplo, não foram tão intensas como hoje porque na ocasião era apenas sede de distrito, e não de município. Quando, contudo, os moradores de um distrito sentem-se negligenciados, sobretudo quando o povoado que é a sua sede começa a rivalizar em tamanho ou mesmo ultrapassar a sede, pode surgir uma luta política que, em alguns casos, resulta em a sede do distrito substituir a antiga ou, em outros casos, na divisão em dois do antigo município.

Em fins do século passado, por exemplo, surgiu forte rivalidade entre Sertão Novo e uma cidade vizinha, ambas situadas no mesmo município. Liderava o grupo de Sertão Novo um indivíduo chamado Aristides, ao passo que um tal Valmir chefiava a outra cidade. Disse um velho morador que as eleições naquela época "eram realizadas a pulso, e que como Valmir vinha para aqui com grande número de seus cangaceiros", Aristides requisitava 50 praças de Recife para manter a ordem em cada eleição. Aristides foi certa vez ferido à bala de volta da cidade vizinha, e quando, numa eleição posterior, "Valmir apareceu em Sertão Novo com uma cabroeira assombrada", ele fugiu para Juazeiro. O pessoal da outra cidade ganhou a eleição, tendo sido prefeito o seu candidato e, como disse o informante, "a sede de Sertão Novo acabou" e foi

22. O município de Pesqueira, que variou de tamanho diversas vezes, é ainda imenso, tendo agora 145.342 hectares.



transferida para a outra cidade. Três líderes locais, mais tarde, reuniram forças para trazer de volta a sede. Após muitas manobras políticas e um pouco de conflito armado, finalmente recuperaram a sede "durante o governo de Rosa e Silva." Não obstante, ela continuou a mudar de uma cidade para outra até a divisão final do município em dois, tornando-se a cidade rival a sede do município desmembrado.

Nessas lutas, pode haver recurso a todos os meios possíveis, embora a chicana e o que é conhecido nos Estados Unidos como "influência política" tenham agora substituído, talvez inteiramente, a luta armada. "Há muita política entre esta vila e a sede do nosso município", observou certa vez um indivíduo que mora na sede de um distrito no Médio São Francisco. "A área aqui em volta produz mais do que todo o resto do município combinado. Os promotores públicos e os juizes de direito há muito tempo que querem mudar a sede para aqui. Os dirigentes da sede, porém, com medo que a gente fique mais importante do que eles, não fazem o menor melhoramento nesta parte do município. Uma vez, o governo do Estado pediu-nos que sugerissemos nomes de candidatos para delegado de polícia e juiz de paz. Mas logo que o prefeito, que mora na sede, ouviu falar nisso, foi correndo para Salvador e o governo não nomeou ninguém daqui. Nós nivelamos uma pista de pouso sem ajuda nenhuma e pedimos ao governo federal para vistoriá-la. Eles telegrafaram urgente perguntando se a pista seria segura para aviões pequenos e médios. O telegrama foi retido durante quatro dias na sede e, enquanto isso, o prefeito corria novamente para Salvador. Respondemos ao telegrama logo que o recebemos, mas nunca mais ouvimos falar no assunto".

O prefeito é, sem dúvida, a figura política mais importante do Vale. Amiúde homem não apenas de capacidade política mas também de competência bastante geral e experiência prática, pode ser o principal líder da localidade no que interessa a melhorar realmente as condições de vida locais. "Todos os prefeitos de Cerrado se revelaram homens cumpridores do dever, aos quais o município deve o seu progresso", lê-se na publicação *Municípios de Minas*. Embora, talvez, constitua "um exagero cortês", a declaração é em grande parte verdadeira. "Não é a mudança de regime que melhora o país", disse certa vez o prefeito de Irecê ao autor. "É o trabalho duro".

A respeito do prefeito de um município do Baixo São Francisco, disse um informante: "Ele cumpriu todas as promessas que fez ao povo: construiu um chafariz lá em cima, um novo cemitério, colocou luz elétrica, quando aqui, antigamente, tudo era escuridão, e consertou as ruas que andavam cheias de buracos". O prestígio do prefeito de outro município, cuja sede se localiza às margens do Médio São Francisco, é muito alto, especialmente



entre a população rural. Disse a propósito um jornal semanal: "Ele era agrimensor, tendo, portanto, contato bastante íntimo com o homem do campo. Até hoje, é a pessoa a quem este procura para aconselhar-se sobre os problemas relativos à terra, disputas, por exemplo, e quaisquer questões com as autoridades."

Segundo se informou, o prefeito de uma cidade na Seção das Corredeiras setentrionais concordou em candidatar-se ao cargo "apenas porque os amigos o obrigaram a isso". Neste município, à época em que foi visitado, 35 professoras eram pagas pelo município e 14 pelo próprio prefeito. Disse um morador que o prefeito "tem 2.700 contos fora", tendo pago "remédios, serviços de médicos e dentistas, operações, e coisas assim". "Todo mundo", acrescentou o informante, "pede ajuda a João Cavalcanti".

O prefeito de Sertão Novo, por ocasião de nossa primeira visita, utilizava os recursos que o município recebera dos dez por cento da arrecadação do imposto de renda federal, que estava sendo dividido igualmente todo ano entre os municípios da nação, para construir um novo cemitério, melhorar o sistema de luz elétrica da sede de um distrito e construir um coreto público para danças, bem como o edifício novo da prefeitura, de acordo com uma planta fornecida por arquitetos do governo, em Recife. Mais tarde, outros melhoramentos significativos foram feitos na cidade sob a liderança desse mesmo prefeito, inclusive o alargamento da rua principal, a substituição dos paralelepípedos, a instalação de meios-fios em algumas calçadas, bem como a construção de um mercado público e um matadouro municipal e, fora da sede do município, o melhoramento de algumas estradas de terra e a construção de uma ponte.

Em Passagem Grande, um prefeito providenciara muitos anos antes as instalações de iluminação urbana a querosene. Mais tarde, outro prefeito instalou eletricidade, fornecida por um motor diesel. Outros prefeitos calçaram com paralelepípedos as principais ruas da cidade, construíram matadouros e abriram uma estrada de areia até Pontal da Barra. "Defenderei os interesses do povo", disse o atual prefeito, "porque foi ele que me elegeu. Eu vou pedir um plano ao engenheiro-chefe da Comissão do Vale do São Francisco e ele será o plano urbanístico a ser executado. Apresentarei esse projeto na Câmara por intermédio de um dos vereadores do meu partido e, como temos maioria, será aprovado. O plano será cientificamente feito, e por lei também, e quem lucrará será o povo, e não os gananciosos, entre eles parentes meus "que não comem a unha porque doi".

Conforme se poderia esperar da descrição e análise acima, nem todos os prefeitos, contudo, desenvolveram ainda essa atitude desligada com referência ao seu próprio grupo de parentesco. De fato, na maioria, se não na totalidade dos casos, a tendência con-



siste em conservar-se indefinitamente o cargo dentro do grupo ou dentro de um grupo de aliados e, especialmente, entre a classe de fazendeiros. O pai de um passageiro que o autor conheceu num vapor no São Francisco fôra prefeito de um município do curto Médio durante 17 anos. Embora o seu padrinho fosse prefeito na ocasião, seu pai iria concorrer novamente na eleição seguinte.

Nem ficam todos os prefeitos, como outros chefes políticos em todo o Vale, imunes de empregarem chicana política ou mesmo meios ilegais para se manterem no poder. O prefeito de um município do Baixo São Francisco, por exemplo, segundo se informou, mandou instalar as aulas noturnas do programa de alfabetização do governo federal nas áreas onde contava com mais eleitores, de modo a aumentar, ao máximo, o número de pessoas favoráveis a ele, que poderiam assinar o nome e, consequentemente, serem inscritas como eleitores. Afirma-se que seu pai, o "padrinho de todo mundo", como disse um morador com certo exagero, mas considerável dose de verdade, matriculou nessas classes "seus compadres analfabetos em quatro dos distritos do município".

Visto que o prefeito de Sertão Novo é há longo tempo homem de grande eficiência política, talvez seja instrutivo mencionar com certos detalhes seus antecedentes, característicos pessoais, atitudes e conduta. Homem altamente eloquente, e de personalidade poderosa, começou a trabalhar para o pai fazendeiro da área, como vaqueiro aos oito anos de idade. Continuou como vaqueiro até os 23 anos de idade quando, tendo casado quatro anos antes, mudou-se com a esposa e os filhos para a cidade de Sertão Novo, onde durante seis anos manteve uma casa de comércio e "não ganhando muito dinheiro", como disse, voltou à criação e à agricultura.

Disse um morador que ele fez "muito por Sertão Novo", e admira especialmente o fato de ser ele "um homem de palavra". Tanto, de fato, que se disser que "uma cadeira é uma pedra", insistiu o informante, "dirá sempre daí em diante que é uma pedra, porque não volta com a palavra atrás". Desde 1924 queria ser prefeito. Tendo sido eleito várias vezes e servido vários mandatos, é considerado agora "um velho duro, que põe a política acima de tudo mais". O morador acrescentou que ele lhe disse certa vez em tom de brincadeira que mesmo que fosse obrigado a retirar-se para a fazenda que possui e largar suas atuais atividades políticas, ainda seria candidato a prefeito, "mesmo que fosse eleito e, um dia depois, renunciasse".

Passa grande parte do seu tempo escutando ou atendendo a pedidos dos moradores. Nos dias de feira, em especial, sua casa fica cheia. É visto durante a maior parte do dia sentado conversando numa roda de quatro ou cinco pessoas do interior vizinho ou numa escrivaninha num canto da sala de visita conversando particularmente com um deles. Os visitantes vêm apenas conversar, pedir



um empréstimo de sementes ou de dinheiro, ou queixar-se de um vizinho cujos animais lhes invadiram a roça e pedir garantias de que isso não acontecerá no futuro. O prefeito ouve a todos atentamente.

Este homem “é incapaz de desagradar os que o vão procurar”, disse um de nossos pesquisadores, “e aí está o segredo de seu sucesso”. Os moradores apreciam-no porque ele sempre os recebe cortezmente, dá a todos completa atenção, conversa longamente com eles, deixa que lhe tomem todo o tempo que quiserem, mesmo que tenha negócios a resolver na prefeitura ou na fazenda. Somente ele, entre os líderes políticos locais, pode contar com os votos de um grande eleitorado. A maioria é de “eleitores de pé de boi”, como se diz, isto é, firmes, votando sempre com ele, “tenha ou não razão, seja pelo que for”, como disse um deles.

Embora alegue que é um “homem pobre”, disse também que “gastou muitos contos na última eleição”. Na noite anterior à eleição, providenciou o transporte dos eleitores da área circunvizinha de caatinga e serviu-lhes jantar e ceia naquela noite e almoço no dia seguinte, “incluindo carne, arroz, carne de bode e carne de porco”. Mandou também buscar no Piauí uma meia dúzia de eleitores, todos eles “firmes”, disse, e que “têm gosto em votar comigo”. Ao ser perguntado que vantagem tirava de todas essas despesas, respondeu com franqueza e precisão: “A vantagem de mandar em todos, do juiz de direito ao vaqueiro”. E acrescentou que “faz todo o possível pelo sertanejo”.

Prefeito com interrupções há aproximadamente 30 anos, “está com o governador”, a quem chama de “o dono de Pernambuco”, dizendo que quem quer que o governador apoie para a presidência da República, ele também apoiará. Sendo homem de forte personalidade, como vimos, não é, contudo, meramente um correligionário subserviente quando o governador ordena. Certa vez, segundo se soube, quando candidatos a prefeito estavam sendo escolhidos para uma próxima eleição, pediu-lhe o governador, que era do PSD, e a três outros líderes locais, que pertenciam à UDN, que fossem a Recife, onde sugeriu que entrassem em entendimento a respeito de um candidato único à prefeitura de Sertão Novo. Os homens da UDN aceitaram a coligação e concordaram em indicar um único candidato. O prefeito, todavia, concordaria apenas se fosse escolhido novamente. O governador opôs-se inicialmente a isso e continuou a insistir no entendimento que havia proposto até que o prefeito lhe disse finalmente: “Excelência, concordo com a coligação, mas apenas se o senhor providenciar para que seja mantido meu prestígio”. Finalmente, após muita discussão, o governador concordou que o prefeito se apresentasse novamente, contanto que todos os 7 candidatos a vereador fossem da UDN.



O prefeito, contudo, não aceitou as condições. Após mais discussões, durante as quais o governador irritou-se com o que considerava teimosia dele, "tendo-o chamado de vesânico", <sup>23</sup> disse um informante, por querer concorrer novamente, propôs que o fizesse, mas que 5 dos 7 membros fossem da UDN e 2 do PSD, acordo este aceito por todos. No último momento, porém, o prefeito "fez certos arranjos e conseguiu que a Câmara fosse composta de 4 membros da UDN e 3 do PSD, sem que ninguém esperasse". <sup>24</sup>

Esta capacidade de persuasão é com muita frequência usada eficazmente nos negócios locais. Certa vez, durante o período de nossa pesquisa, o prefeito pediu à Câmara que autorizasse a compra de um caminhão para o município, de acordo com o direito de cada município, que arrecadava certo imposto de rodagem na ocasião, de receber tal assistência do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem. Não obstante, por diversos motivos, o projeto foi combatido por vários moradores. Ao ser condenado numa sessão da câmara, os correligionários do prefeito acharam prudente que ele comparecesse para defendê-lo. Ele o fez, foi "muito bem recebido", elogiado, e todos seus projetos, inclusive este, disse um homem que esteve presente, "foram votados".

Os demais membros do grupo de parentesco a que pertence o prefeito são também indivíduos resolutos, com a reputação local de "dados ao cangaço, embora não tanto agora como antigamente". Conta-se que certa vez, há alguns anos, o prefeito hospedou em casa três cangaceiros que, após certo tempo, "começaram a causar-lhe dificuldades, especialmente porque o povo começou a comentar muito o fato". Ele disse aos cangaceiros que lhes daria 300 cruzeiros se fossem para Petrolina. Eles aceitaram o dinheiro, foram a Petrolina, gastaram-no e voltaram. Não encontrado o prefeito em casa, pediram dinheiro ao seu pai e passaram a ameaçá-lo até que o velho prometeu-lhes que o receberiam depois. Retiraram-se, então. Dois dos irmãos do prefeito e outro parente, contudo, ouvindo falar na ocorrência, resolveram intervir. Um dos irmãos baleou um dos bandidos e os outros fugiram da região.

Os legisladores do município são chamados de vereadores, todos eleitos na mesma ocasião que o prefeito, a fim de servir na câmara municipal durante o mesmo período de tempo, isto é, 4 anos. Com muita frequência, refletem a luta entre facções locais e a introdução na comunidade das várias legendas partidárias. Por ocasião da primeira visita do autor ao Vale, por exemplo, a Câmara de Lapa era composta de 3 da UDN e 5 do PR, a de Barra de 9 da UDN, 1 do PR, 1 do PTB e 1 do PRP, a de Irecê de 5 da UDN e 3 do PSD, a de Petrolândia, na Seção Norte das Corredeiras, de

23. Louco, demente.

24. Outro morador disse que "os prefeitos da região estão todos aborrecidos com nosso prefeito, porque ele consegue tudo e, eles, nada".



6 da UDN e 3 do PSD, um dos últimos dos quais, por ocasião de nossa visita, "tinha aderido ao prefeito", que era da UDN. Pouco tempo depois numa eleição em Pesqueira, 3 dos vereadores eleitos eram do PSD, 3 do PR, em coligação com o Partido Liberal, 2 do PTB, e nenhum da UDN. Destes 8, três eram de um vilarejo do município, 2 de outro, e 1 cada de dois outros, havendo apenas 1 da própria cidade de Pesqueira, embora o vereador de um dos vilarejos morasse na ocasião na cidade.

Frequentemente, os vereadores são escolhidos entre as pessoas mais competentes do município e, geralmente, sabem ler e escrever. Em Sertão Novo, contudo, por ocasião de nosso principal período de pesquisa, pelo menos um vereador, embora soubesse assinar o nome, "não sabia nem ler nem escrever", segundo se disse. Um dos vereadores queixou-se ao nosso pesquisador de que outro, um homem que fora proposto para a presidência da Câmara naquele ano, não devia sê-lo "porque é analfabeto".

Dos 9 vereadores de Petrolândia mencionados acima, 4 eram comerciantes, 1 fazendeiro e comerciante, 1 comerciante e pequeno agricultor, 1 comerciante e dono de um caminhão a frete, e 2 funcionários da agência local do Departamento Nacional de Estradas de Rodagens e do vizinho Núcleo Agro-Industrial (ver *Agricultura*, Tomo II). Um dos vereadores era parente próximo do Prefeito e, outro, distante.

Especialmente nos casos em que o prefeito e a maioria dos vereadores pertencem a facções opostas, surge com frequência conflitos sobre assuntos em que ambos têm responsabilidade. No calor desses conflitos, declarações inexatas, mesmo injustas e, não raro, muito insultuosas, são trocadas entre as partes. Um vereador do partido de oposição ao do prefeito de Sertão Novo, por exemplo, ele também antigo prefeito e figura política importante, certa vez observou, com exagero, naturalmente: "Em todo o sertão do Brasil não existe um coronel mais burro e mais ignorante do que o nosso prefeito".

A Câmara de Sertão Novo geralmente se reúne quatro vezes por ano, em datas pré-estabelecidas, embora possa ser realizada também uma ocasional sessão "extraordinária". A primeira reunião no ano de nossas principais pesquisas estava marcada para as 10 horas da manhã do dia 10 de fevereiro. Foi adiada, contudo, até às 2 da tarde. Às 3, uma hora depois do seu suposto início, estavam presentes apenas dois homens, o presidente provisório, Chico Gusmão, e outro vereador, ambos do PSD. Pouco depois, contudo, chegou o terceiro, sugerindo que os presentes elessem Pedro Lima presidente da Câmara e, como vice, Chico Gusmão. Este último, porém, disse que não poderia aceitar tal arranjo e que deviam seguir o plano adrede traçado, segundo o qual o presidente seria Zé Santos. O recém-chegado vereador respondeu, en-



tão, que Chico Gusmão “queria brigar”, ao que este respondeu que não queria brigar “mas que era seu jeito, quando dita uma coisa, que ela devia ser seguida”.

Pouco depois, Cícero Viana, um vereador da UDN e hábil líder político, chegou aumentando para quatro o número de vereadores presentes. Ele, contudo, propôs imediatamente o adiamento da sessão até o dia seguinte, para que o novo vereador do seu partido, que ainda não tomara posse e morava na área vizinha da caatinga, pudesse estar presente, explicando depois ao nosso pesquisador que assim procedera porque o indivíduo em questão “é muito ignorante e se ressentido à toa”. Chico Gusmão e o terceiro vereador, contudo, objetaram, dizendo que queriam realizar a reunião naquele dia. Algum tempo depois um quinto vereador, o farmacêutico, chegou queixando-se de que não fora informado da hora da sessão e, ainda mais tarde, um sexto e um ex-prefeito, fazendo a mesma queixa.

Presentes oito dos nove vereadores, Cícero Viana, “a personalidade mais forte do grupo”, segundo nosso pesquisador, oficialmente propôs o adiamento até o dia seguinte. A sugestão, em seguida a uma extensa discussão sobre a hora, foi tácita embora nunca formalmente aceita. Todos os vereadores compareceram de paletó a despeito do calor e quatro dos oito usaram gravatas.

Às 10 da manhã do dia seguinte, compareceram oito. Sentaram-se em torno de uma mesa, com Chico Gusmão à cabeceira, na qualidade de presidente provisório e, à sua direita, Cícero Viana, que agiu como secretário e, de fato, presidiu à abertura da sessão. O novo vereador “da caatinga”, um proprietário de cerca de 60 anos de idade, prestou juramento e foi empossado. Em seguida, Cícero Viana abriu o volume da Constituição estadual e mostrou-lhe a passagem que devia ler, ou seja, a que contém o compromisso dos novos vereadores. Começou ele a ler aos arrancões e com grande dificuldade, pois não tivera educação formal. Elegeram-se o presidente, o vice-presidente, o primeiro e segundo secretários, nessa ordem, escrevendo cada vereador o seu voto num pedaço de papel e depositando-o num chapéu. Elegeram-se presidente André Castelo, comerciante, que recebeu 7 dos 9 votos depositados. Chico Gusmão ganhou a vice-presidência com 5 dos 9 votos, cabendo a primeira secretaria a Cícero Viana, contemplado com 7 votos e, a segunda, ao farmacêutico, que recebeu 5. Mais tarde, disse Cícero Viana ao nosso pesquisador que, embora André Castelo, o novo presidente, fosse do PSD, “não era candidato meu e de meus colegas”, mas que votou nele porque ele dissera que se não fosse eleito “abandonaria a Câmara”.

Logo que o novo presidente tomou a cabeceira da mesa, o farmacêutico pediu à Câmara que fizesse um apelo ao prefeito para manter os porcos fora do centro da cidade, proposta esta unanimemente aceita. O farmacêutico propôs, em seguida, que fosse



feito “um veemente apelo” ao prefeito para que se criasse o cargo de “fiscal de estradas e obras” para que as novas casas que estavam sendo construídas na cidade, nessa ocasião em surto de grande crescimento em virtude do desenvolvimento da irrigação na comunidade (ver Tomo II), não fossem construídas fora do alinhamento, e que, em virtude de sua competência e também por ser pessoa necessitada, Mestre Leão fosse escolhido para o cargo. A sugestão mereceu boa acolhida, embora Chico Gusmão dissesse que Mestre Leão é “uma pessoa autoritária, que não ouve ninguém”. Surgiu uma discussão entre ele e o farmacêutico, durante a qual os presentes deram ligeiros apartes. O projeto, todavia, foi finalmente votado.

Cícero Viana propôs então que a ajuda anteriormente dada pelo município a uma velha professora, que morrera recentemente, passasse a um preto velho que fôra suplente de um servidor local e que “trabalhou durante muitos anos carregando sacos pesados e hoje vive de esmolas”. Votada a proposta, encerrou-se a sessão.

Na sessão do dia 10 de agosto daquele ano, estiveram presentes todos os vereadores, com exceção de um. Mais uma vez, Cícero Viana destacou-se. Estudou-se uma solicitação, apresentada por uma viúva, de redução do seu imposto de indústria pastoril, que o “vereador da caatinga”, como era chamado, e os demais consideraram justa, porquanto a viúva não possuía 80 caprinos, como lançada; um pedido de um fazendeiro para terminar seu contrato de arrendamento de terra da prefeitura e sugerindo outro indivíduo em seu lugar, solicitação também concedida; um convite do “Congresso Nacional dos Municípios”, para o envio de uma representação da Câmara de Sertão Novo a uma reunião em São Vicente, no Estado de São Paulo, decidindo os presentes que “um vereador de Sertão Novo não está à altura disso”; e um anteprojeto do prefeito sobre o aumento dos salários do pessoal da prefeitura, incluindo algumas das professoras, durante a discussão da qual Cícero Viana levantou-se, propôs o adiamento da sessão até o dia seguinte, virou-se e deixou a sala, tendo sido a reunião adiada como proposta, numa clara indicação de que esse homem, embora não exercesse cargo na mesa naquele ano, era o líder real do grupo.

Além do prefeito e dos vereadores há em Sertão Novo certo número de outros titulares de cargos, todos eles nomeados, inclusive o delegado de polícia, uma escriturária da prefeitura, um lixeiro, que embora durante a época de nossa pesquisa recebesse 400 cruzeiros por mês, nunca foi visto trabalhando durante os meses que nossos pesquisadores passaram na localidade, e três outros funcionários da prefeitura. Com exceção do delegado de polícia, que era funcionário estadual, todos os demais eram nomea-

dos pelo prefeito para servir durante um mandato de quatro anos. Segundo um informante, nessas nomeações “há muita política-gem”.

O delegado de polícia de Sertão Novo é um terceiro sargento, de uns 60 anos de idade. Disse ele que “de cada dez coisas que lhe pedem, faço uma e procuro resolver as outras com conversa e bons modos”, que não procura “antagonizar ninguém”, e que se dá bem com o chefe político local, de quem gosta. Acrescentou que “ser delegado no sertão é muito duro”, porque se “quiser cumprir a lei, com toda probabilidade, se inimizará até para não permitir certas arbitrariedades”. Os pedidos mais frequentes, disse, são para soltar pessoas que deteve e devolver armas que apreendeu. Nas ocasiões em que o prefeito “pede para soltar um indivíduo preso por algum motivo”, sempre demora um pouco, disse o delegado, pensando que “fica feio soltar assim imediatamente”. Mas, “à noite, volta o prefeito e não tenho outro jeito senão atendê-lo”. Se não atender o prefeito e “cumprir conscienciosamente seus deveres”, o prefeito zanga-se, “dizendo que é o chefe político e que é quem manda”, e “tenta colocá-lo mal por meio de telegramas ao governo”. Disse ainda que quando chegou a Sertão Novo, “tendo tido alguma experiência dessas coisas”, e já convencido de que “a justiça reta só de Deus”, resolveu “acomodar-se à situação do sertão”.

Em Cuscuzeiro, não existe serventuário da polícia no vilarejo e são raramente vistos, salvo quando é comunicado um crime grave. Apesar disso, com o crescimento recente do vilarejo, o prefeito do município resolveu nomear “um representante do delegado”, cuja atividade limita-se geralmente a “repassar” os botecos a fim de evitar “barulhos” e também “olhar” as danças. Como não recebe salário, dedica a maior parte do seu tempo, como os demais moradores, à faina agrícola.

### *Unidades Políticas Maiores*

A política local abre a porta para as influências políticas e administrativas das capitais estadual e nacional, embora, com a exceção talvez do prefeito e das professoras das escolas estaduais — as últimas das quais pleiteiam suas nomeações a autoridades estaduais e são supervisionadas e remuneradas pelo Estado — poucos moradores entram em contato íntimo com o governo estadual e muito menos com o nacional. Representando o governo estadual, contudo, há a coletoria, na qual trabalham o coletor, um escrivão e dois ou três outros funcionários. Tem como principal função a arrecadação de impostos estaduais. Há ainda a agência local dos correios, que além de despachar cartas e telegramas, cobra também o imposto federal sobre rádios.



Talvez a invasão da comunidade local por unidades externas maiores seja mais sentida — e amiúde ressentida — no tocante aos impostos. A luta entre governo e contribuintes sobre impostos é talvez geral e claramente visível em todas as localidades estudadas. Em Cerrado, por exemplo, observou-se que numerosos contribuintes procuram esquivar-se do pagamento dos impostos ou o fazem a contragosto, com evidente descontentamento com o que consideram a indiferença ou inépcia do “governo” no tocante às necessidades da comunidade. O agente dos correios de uma cidade do Médio São Francisco, que tem o dever de cobrar o imposto federal sobre os receptores de rádio, reconheceu que parte considerável dos que existem na localidade não está registrada. “Acontece que a política nesta terra é uma coisa tremenda”, observou, “e os grandes são os primeiros a não registrar seus rádios. Por que vou agir contra esse pessoal, fazer inimizades com eles? Eu sou permanente aqui, estou sempre com eles, não fica bem para mim estar procurando briga. O Inspetor Regional não mora aqui, se quiser, aja quando vier. Ele não é daqui, pode chegar, tratar de fazer a cobrança judicialmente, e depois vai embora, pronto, não perde nada com isso”. Um fazendeiro de Sertão Novo, conhecido como “o maior criador de cabras da área”, disse que quando “paga dízi-mos”, ou imposto de indústria e profissão,<sup>25</sup> comunica menos cabeças do que possui. “Ao chegar o agente fiscal”, queixou-se ao autor um prefeito dessa mesma região do Vale, “o matuto diz que “votou com o prefeito, e, assim, não paga. Às vezes, eu mesmo termino pagando os impostos”.

Em Rio Rico em 1939, foi feita uma tentativa estadual, talvez sem a preparação adequada ou tato suficiente, para medir, para fins de imposto, as propriedades do município. Considerada pelos moradores como motivada por interesses políticos e pessoais do delegado de terras do Estado, que veio a Rio Rico para esse fim com uma escolta policial, prendendo todos os que não queriam fazer o requerimento, a tentativa provocou uma verdadeira tempestade de desagrado e protestos. O delegado de terras tentou também arrecadar impostos. “Quem não podia pagar em dinheiro”, disse um morador da cidade, “teve de pagar de qualquer forma: era galinha, porco, e assim por diante. Foi um horror.” Muita gente saiu de Rio Rico. Esse pessoal da roça deixava a enxada e ia embora”. No dia em que o delegado enviou dois soldados à casa de um dos fazendeiros à procura de armas, o fazendeiro alegou que não as possuía e, quando resistiu à busca, foi preso e levado sob escolta até a prefeitura. “Isso de entrar na cidade entre dois soldados”, observou um habitante, “é a maior humilhação para qualquer fazendeiro! Preferia morrer a sujeitar-se a isso! Preso,

25. Este imposto, por ocasião de nosso principal período de pesquisas (1952-53) era de 1 cruzeiro por cabeça.



apanhava de borracha. Vinha então um soldado, o anjo da paz, e dizia: "Você não seja bobo, peça e ele manda soltá você". O prefeito local, segundo se informou, "foi amarrado" até conseguir um empréstimo de 20 contos sobre seu gado para pagar os impostos. Um telegrama de protesto, assinado por 50 pessoas, incluindo seis criadores de gado, treze lavradores, dez "artistas", dez comerciantes, cinco negociantes, dois práticos de farmácia, um construtor, um industrial, um comerciante e industrial, e um sacristão, foi enviado à capital solicitando providências a respeito da "maneira arbitrária como eram feitas as medições". Esta experiência é ainda lembrada com amargura na comunidade.

Em seguida ao estabelecimento da República em 1889, a tentativa de estender o controle político do Estado a Pesqueira gerou resistência armada e repetidos choques sangrentos. Somente na terceira década do século atual foram estabelecidas relações efetivas entre os governos estadual e municipal, permanecendo o controle dos cargos locais ainda nas mãos da facção dominante. Subsequentemente, a cidade serviu durante algum tempo como refúgio de foragidos políticos de comunidades vizinhas, onde se travaram lutas semelhantes.

Embora certas relações entre indivíduos de cada localidade e o governo federal, tais como as que envolvem o serviço militar,<sup>26</sup> por exemplo, estejam em vigor há muito tempo, nota-se de modo geral pouco interesse pela política nacional, havendo usualmente muito maior preocupação com quem vai ser prefeito ou vereador do que com quem será o presidente do Brasil. Este último como disse ao autor, um morador de uma cidade na parte alta do curso médio, "fica muito distante". Nas localidades mais isoladas, e entre os menos informados em todas elas, talvez seja completa a ignorância não apenas da maneira como funciona o governo federal, mas até mesmo de sua existência. Um homem dos Gerais, por exemplo, marido e pai de família, coisa alguma sabia a respeito do governo nacional e nem mesmo quem era o governador do Estado. Confundindo os nomes dos partidos políticos com os governos, disse, contudo: "Eu sei que há dois governos, o pessedê e a udêne,<sup>27</sup> mas não sei qual é que "tá mandando, não".

Em tempos relativamente recentes, o desenvolvimento de meios mais eficazes de comunicação, em especial do rádio, e os esforços resolutos de parte de certos líderes políticos de importância nacional, conforme indicado, sobretudo de Getúlio Vargas, de sensibilizar a parte menos privilegiada da população, contribuíram para ampliar de certa maneira os horizontes políticos de nume-

26. Algumas pessoas em Cerrado, especialmente os recrutas, consideram o tempo em que "servem o govêrno" como bem empregado, desde que "aprendam alguma coisa, e tornam-se mais bem informados", dizem. Outros, porém, consideram o serviço militar como uma desvantagem pessoal.

27. PSD e UDN.



rosas pessoas nas partes menos isoladas do Vale, como de resto em todo o Brasil. Ao visitar o autor pela primeira vez a bacia do São Francisco em maio e junho de 1950, encontrou forte interesse e apoio a Vargas em todo o Vale. "Alguns dizem que Getúlio vai ser candidato e, outros, que não", disse um pescador em Pirapora. "Mas se alguém vai levá meu voto, é ele". O juiz de direito de Pesqueira contou a estória de um menino que cantara no serviço de alto-falante da cidade "uma canção a Vargas", recebendo um prêmio de 50 cruzeiros. A letra, ajustada ao compasso de uma conhecida marcha carioca, "Daqui não saio", dizia:

Sou brasileiro e também sou eleitor.  
Onde é que eu vou votar?  
O gaúcho ainda tem que governar,  
Presidente só Getúlio!  
Para a vida melhorar!

O vigário local, dizendo que Vargas "tem grande prestígio em Pesqueira", atribuiu este fato, em parte, a "nunca ter ele deixado de responder a uma carta, atender a todos os pedidos de um pescador, artesão, ou mesmo de uma prostituta". O vigário repetiu em seguida a história, cujos detalhes gerais o autor e seus companheiros haviam ouvido em outras localidades. Segundo o relato, "um lavrador local estava fazendo uma queimada na terra certo dia quando o fogo descontrolou-se, pegando fogo e queimando seu paletó, que deixara pendurado numa árvore e no bolso do qual havia cédulas no valor de 1.000 cruzeiros. O prejuízo constituiu uma verdadeira tragédia para esse homem, de posses modestíssimas. Ele, porém, enviou a Vargas uma parte queimada do paletó, juntamente com partes crestadas das cédulas com uma carta que um amigo escreveu para ele. Nessa ocasião, Vargas era o presidente, governando por decreto. Dentro de dias, segundo se conta, o homem recebeu uma carta em resposta, incluindo 3.000 cruzeiros". Acrescentou o vigário: "Estas coisas circulam e dão prestígio ao homem".<sup>28</sup>

"Getúlio aqui é adorado pela gente pobre", disse um homem em Passagem Grande, no governo seguinte de Vargas, desta vez eleito. O vizinho desse indivíduo, idoso e doente, disse que nunca votaria em outra pessoa porque "quando os chefes aqui querem voto, procuram o pobre em todos os cantos, depois os abandonam, não procuram conhecer a miséria da gente. Mas Getúlio ouve".

28. De acordo com um relato ouvido também pelo autor em outra localidade do Vale, ou uma solicitação semelhante em circunstâncias semelhantes foi atendida de modo parecido pelo Presidente Dutra, ou este último, tendo também sido chefe do governo federal, veio a ser identificado pela pessoa que contava a história com o que ouvira a respeito de Getúlio. De qualquer modo, a história espalhou-se.

Outros líderes políticos de importância nacional começam também a ser conhecidos na zona em maior extensão do que outrora. Na parede da sala de refeição de uma pensão em Penedo o autor viu certa vez um cartaz com a fotografia de Ademar de Barros. Mais ou menos na mesma época, as palavras "Viva Ademar!" estavam escritas a giz em grandes letras na parede da igreja de Juazeiro, nessa ocasião em conserto. O mesmo lema, e também o oposto, "Morra Ademar", foram vistos também na parede de uma oficina de automóveis na cidade. Por ocasião de nossa pesquisa em Sertão Novo, diversos moradores pareciam muito interessados em Ademar de Barros, fazendo repetidas perguntas aos nossos pesquisadores, tais como se era "rico ou muito trapalhão", e "qual é a opinião dos paulistas sobre ele". O prefeito de uma cidade vizinha e seu pai disseram que tiveram "boa impressão de Ademar quando ele esteve aqui".<sup>29</sup> Na sua última visita, o autor deparou interesse semelhante e declarações análogas a respeito de Jânio Quadros.

Destarte, em época mais recente, com o aumento das tentativas federal e estaduais de auxiliar as comunidades a construir uma base econômica mais forte para seus moradores, o interesse local acentuou-se também por ambos os governos. O governador de Pernambuco, segundo se dizia em Sertão Novo à época de nossa pesquisa, "está muito interessado em nosso desenvolvimento agrícola, desde que esta é a melhor região do São Francisco para as rodas de água" (Ver *Irrigação*). Certo dia foi oferecido um almoço ao secretário da Agricultura, que viera de Recife visitar a cidade, e ao qual compareceu cerca de uma dúzia dos mais importantes cidadãos do local. Diversos outros procuraram conversar com o secretário na sala de visitas antes do almoço. Pouco tempo depois, o secretário da Fazenda, que assumira temporariamente o cargo de secretário da Viação e Obras Públicas, prometeu em uma visita a construção de uma estrada a partir de Sertão Novo até aquela que, saindo do Recife corta o Estado, passando pelas sedes de dois municípios vizinhos, na construção da qual seria empregada gente faminta e sem trabalho em virtude da grande seca que assolava a ocasião, e que começaria "tão logo quanto possível". Como disse um líder político local: "Isto antigamente era terra esquecida. Então, um e outro começaram a fazer uma ou outra coisa por nós, e agora o governo estadual começa também a olhar um pouco mais nesta direção".

29. Refletindo provavelmente, em parte, críticas feitas por adversários políticos de Ademar de Barros, o homem acrescentou com característica franqueza que o consideram "louco, mas bom", também que "se botar gente de juízo na presidência não trouxe coisa alguma para o Nordeste, talvez um doido traga".



Um vereador de Sertão Novo, refletindo idéias correntes em meados do século passado (ver *Raízes no Passado*, Tomo I) disse que ouvira dizer que “o governo federal está querendo criar o Território do São Francisco, que se estenderá de Pirapora a Paulo Afonso, com capital em Jualina (Juazeiro-Petrolina)”. Parece, contudo, que com a possível exceção da área ao longo do rio na parte Média, não se desenvolveu ainda um pronunciado senso de solidariedade na região. Por ocasião do início de nosso estudo, um deputado federal e dois estaduais da Bahia residiam no Vale. Era grande o prestígio do deputado federal. O presidente da Câmara de Lapa disse que ele é “idolatrado. Prá onde ele meter a cabeça, todo mundo aqui no São Francisco vai”. “Eu via meu pai arranjando votos aqui e ali para gente da Capital, em Salvador”, observou esse líder. “Nunca conseguimos coisa alguma. Um dia, porém, os barraqueiros elegeram um candidato do próprio São Francisco, e esta área começou a crescer. E agora é nosso trabalho mantê-la sempre assim.”

No tocante à invasão de unidades jurídicas estaduais e nacionais na vida local, ver a seção abaixo.

### *Processos Jurídicos*

Por ocasião da visita de St. Hilaire em 1817, as capitânias no Brasil tinham como chefes políticos os Capitães-Gerais, cuja autoridade civil e militar era, como disse ele, “quase ilimitada”.<sup>30</sup> As funções jurídicas, no que interessava a assuntos civis, eram tratadas, em primeira instância, pelos juizes ordinários, ou juizes de fora e, em seguida, pelos ouvidores. Havia um ouvidor para cada distrito judiciário, ou “comarca”, tendo sido dividida na ocasião a enorme capitania de Minas Gerais em apenas cinco delas.<sup>31</sup> Nomeado e pago pelo rei português, ele residia na sede da comarca, conhecida como “vila”.

A comarca era dividida em “termos”, a sede de cada qual se conhecia também como “vila”. Em cada termo havia na época segundo decisão do rei português, um juiz de fora ou dois juizes ordinários, com funções idênticas. O título de “juiz de fora” era derivado, conforme se poderia esperar, meramente do fato de o indivíduo em questão não ser originário da área que presidia. Ao contrário dos juizes ordinários, porém, precisava ter “estudos

30. Nas expedições ao sertão durante os primeiros séculos de exploração e conquista, os chefes de expedição exerciam poderes judiciários no tocante a delitos criminais e civis (ver Taunay, 1929, V:115-16).

31. Villa Rica, Sabará, Rio das Mortes, Serro do Frio, e Paracatu.

especializados das leis". Também nomeados e pagos pelo rei português, eles passavam três anos em cada localidade para onde eram enviados. Sob cada juiz de fora trabalhava um assistente, conhecido como "juiz de vintena",<sup>32</sup> e um escrivão, o último dos quais presidia os inquéritos criminais e submetia-os ao superior.

Os dois juizes ordinários eram naturais do local, escolhidos anualmente sob a supervisão do ouvidor, que periodicamente visitava para esse fim cada termo de sua comarca. Os cidadãos locais habilitados a votar escolhiam seis eleitores, que selecionavam os dois juizes ordinários. Os eleitores davam seu nome e votavam verbalmente perante o ouvidor. Ao serem escolhidos os seis eleitores dividiam-se eles em dois grupos (pautas) de dois eleitores cada e cada grupo, depois de terem os dois indivíduos conferenciado entre si, comunicavam seu voto ao ouvidor, por escrito, embora, segundo se dizia, o resultado fosse sempre antecipadamente conhecido. O ouvidor chamava de volta os eleitores e oficialmente anunciava os resultados. Os juizes ordinários não recebiam salário e, sim, 100 réis por sentença. Por esse motivo, eram eleitos dois em cada termo a fim de servir, em rotação, durante cada mês e, assim, ter tempo de cuidar dos seus assuntos particulares. Desde que eram geralmente proprietários locais que pouco ou nada entendiam de Direito, amiúde procuravam os serviços de um indivíduo conhecido como "assessor", que estudara jurisprudência e por cuja ajuda pagavam do próprio bolso. Todas as vilas tinham uma prisão que era geralmente o andar térreo da Casa da Câmara.

Os ouvidores, conforme indicado acima, não eram apenas juizes mas também funcionários administrativos. De suas decisões, apelações podiam ser feitas ao Tribunal da Suplicação, no Rio de Janeiro,<sup>33</sup> composto de magistrados conhecidos como desembargadores. As apelações podiam ser feitas também diretamente a esse tribunal das decisões dos juizes ordinários e juizes de fora. "Antes da chegada do príncipe", escreveu St. Hilaire, os apelos podiam subir desses tribunais para a Casa da Suplicação, em Lisboa, nessa ocasião chamada "da Relação". Na ocasião da visita de St. Hilaire, contudo, devido pelo menos em parte às distâncias e dificuldades de comunicação, as decisões finais eram proferidas pelos desembargadores no Brasil.<sup>34</sup>

Em pelo menos a parte Média do Vale, ouvem-se ainda anedotas a respeito dos "abortos da justiça" em São Romão há

32. De acordo com St. Hilaire, a palavra *vintena* referia-se a um grupo de 20 casas e, daí, o juiz de vintena, que tinha a tarefa de velar por 20 famílias.

33. Anteriormente, esse tribunal localizara-se em Salvador. Por insistência dos mineiros, que diziam que as distâncias envolvidas lhes prejudicavam os interesses, foi criado no Rio de Janeiro um tribunal semelhante a fim de servir a "uma enorme área que se estendia da província do Espírito Santo até Mato Grosso".

34. Ver St. Hilaire, 1938b, I:300-23.



alguns anos. Tão extensa era a "corrupção da aparelhagem judiciária" que Rocha (pág. 214) acreditava ter sido uma das principais causas do declínio dessa cidade.<sup>35</sup>

Atualmente, as comarcas descritas por St. Hilaire ainda permanecem como sedes do juiz de direito, assistido por um promotor público, ambos nomeados pelo governo estadual. As comarcas são ainda divididas em termos. Em Cerrado, por exemplo, que é sede de comarca, há um juiz e um promotor público.<sup>36</sup> Juntamente com os advogados locais, são pessoas de fora da comunidade. E parcialmente em virtude das funções que exercem, permanecem geralmente afastados ou pelo menos à margem das lutas políticas locais. Espera-se, contudo, que estimulem medidas que procurem beneficiar a comunidade em conjunto. As autoridades judiciárias locais, por exemplo, foram elogiadas pelos moradores pela ajuda que deram na organização de uma companhia de eletricidade municipal e na criação recente de um ginásio.

Os julgamentos são decididos por voto de um júri. Os processos judiciais, contudo, nem sempre são tratados com rapidez ou previstos seus resultados pelos moradores. Ao ser iniciada nossa pesquisa sistemática em Sertão Novo, por exemplo, a comarca da qual a cidade era sede estava sem juiz de direito havia quatro meses. O bacharel que exercera essa função fora transferido para outra comarca. As petições precisavam ser enviadas ao juiz de direito de uma comarca vizinha, um homem de cerca de 35 anos de idade, que estivera uma única vez em Sertão Novo. Diversos meses depois, visitou a cidade, onde permaneceu cinco dias. O promotor público, que estava na cidade havia três anos, passava a maior parte do tempo na capital do Estado e vinha a Sertão Novo, diziam os moradores, "apenas no fim do mês para receber o ordenado". Cinco meses depois do início de nossa pesquisa, foi transferido para outra cidade.

35. Diz Rocha que São Romão foi outrora o centro, nesta área ao longo do São Francisco, de arrecadação das grandes moedas de cobre, gravadas com números romanos e conhecidas popularmente como "chem-chem", que circulavam no Brasil desde os tempos coloniais. Escreveu ele (pág. 215) que o governo decidira cunhar novas moedas, de menor peso, e recolher ao tesouro o cobre extra obtido na troca. Ao ser reunida quantidade considerável das moedas, conta-se que as autoridades de São Romão coseram-nas em grandes couros de bois semelhantes aos usados no transporte de cereais. A fim de evitar as dificuldades de uma viagem por terra, o dinheiro deveria descer o rio até um ponto onde poderia alcançar mais facilmente a costa, nas proximidades de Cachoeira. Um grande ajoujo foi construído e batizado de "Montanha", embarcando-se nele os couros que presumidamente continham as moedas. Mas, como diz Rocha, "O Montanha... escolheu o local mais profundo do rio e lá desapareceu com todo o seu carregamento, sem que se conseguisse salvar coisa alguma, a não ser a tripulação. Os piratas haviam enchido os surrões de areia e pedra, deixando as moedas para o seu próprio uso. Pedro II, ao que dizem, cassou os foros da vila, e só assim desapareceu uma aparelhagem judiciária que foi impossível de outra maneira corrigir".

36. Nesta cidade, como em numerosas outras em todo o Vale, existem também um Cartório do Registro Civil, que se encarrega de casamentos, nascimentos e mortes, e um Cartório de Ofício para registro de escrituras, hipotecas e documentos semelhantes.



"Ignorância e a influência dos chefes políticos", disse um morador, "frequentemente determinam como os jurados votam, mesmo antes de ouvirem o promotor público ou o advogado da defesa e a despeito do que for apurado no processo". E acrescentou que os moradores levam sempre vantagens sobre o promotor porque "a gente da terra conhece os jurados e pode influenciá-los antes de fazerem parte do júri". O juiz de direito local disse, talvez exageradamente, que de modo geral os jurados costumam absolver os acusados, "qualquer que seja o crime".

Na cidade de Pesqueira coincidem as sedes da comarca, do município e da paróquia, centralizando-se na cidade as funções judiciárias, administrativas e religiosas. A área da comarca e a do município são idênticas. A paróquia, porém, estende-se além do município para o norte e o sul, e um pouco menos para leste, onde seus limites são demarcados por um afluente do São Francisco, deixando dois distritos do município de fora. Certos controles administrativos da comarca e do município concentram-se em Salvador, ao passo que o das paróquias centraliza-se numa cidade vizinha, um pouco mais acima no rio.

Um dos nossos pesquisadores observou, com muita perspicácia, e em detalhe, que a imposição à comunidade local de um sistema político externo é sentida principalmente na aplicação forçada de normas jurídicas nacionais que entram em choque com o direito costumeiro e tradicional da região.<sup>37</sup> "Os pais armados de clavinotes", escreveu ele, "são substituídos por um piquete da polícia; o direito de vingança de sangue nos casos de honra ultrajada por processos judiciais e eventual prisão do agressor; e a decisão verbal dos líderes locais é substituída pela cerimônia simbólica do voto secreto". São subvertidas normas locais desenvolvidas sob as circunstâncias ecológicas, históricas e sociológicas da região, e especialmente sob o grau considerável de isolamento em que seus habitantes viveram durante um longo período de tempo, na base de normas introduzidas por Portugal na era colonial e influenciadas, em alguns casos, por concepções de origem ameríndia e africana. Sobre esse corpo de idéias e costumes locais vieram a pesar crescentemente, em anos mais recentes, leis estaduais e nacionais, bem como prescrições canônicas, na medida em que são aplicadas no Brasil.

A complexidade desta situação e, em especial, a contínua falta de harmonia, em alguns casos, entre as idéias e práticas costumeiras, de um lado, e os conceitos e controles legais introduzidos de fora, do outro, refletem-se em certo número de considerações legais. Em Pesqueira, por exemplo, pelo menos na

37. Ver o incisivo ensaio do professor Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1952), baseado em cuidadosa observação *in loco*, que pode ser de valor considerável, especialmente para os legisladores que passaram a vida nas grandes cidades e confinaram seu pensamento sobretudo a considerações legislativas e jurídicas, sem levar em conta as realidades sociológicas do interior.



ocasião de nossa pesquisa, a venda ou compra de imóveis na cidade e na área rural vizinha frequentemente não seguiam os preceitos legais constantes das leis brasileiras. Geralmente, não tinham lugar mediante escritura pública, mas simplesmente por meio de um acordo verbal ou, na melhor das hipóteses, de um recibo. A legislação referente aos condomínios das grandes áreas rurais raramente era seguida, permanecendo indivisas muitas grandes propriedades. As partilhas eram geralmente de fato: por posse e uso, independente de ajustes legais. A legislação a respeito da propriedade do subsolo era ignorada na maior parte. O dono de uma propriedade "se entendia", conforme se diz, com os garimpeiros que iam lavrar o cristal, concedendo-lhes, mediante acordo oral, certa parte, geralmente de 10 a 20 por cento, do que encontrassem. Os garimpeiros utilizavam também em suas relações com o trabalho e as descobertas certos procedimentos de origem apenas costumeira. As relações entre trabalhador e patrão eram estabelecidas e reguladas de acordo com circunstâncias sociológicas e econômicas locais, e não de conformidade com a "legislação trabalhista" federal. A lei do salário mínimo não era observada nem, de modo geral, outras leis federais referentes ao pagamento em dinheiro por serviços, férias, repouso remunerado, estabilidade, aviso prévio e indenização por despedida injusta. A forma predominante da relação entre patrão e empregado era paternalista, e não empregatícia, como gostam de dizer os advogados. E refletiam a divisão do trabalho local, o tipo rudimentar das técnicas de produção e, sobretudo, as idéias e atitudes tradicionais a respeito desta relação e das obrigações e direitos que acarreta. A legislação a respeito de transações comerciais, bancárias e títulos de crédito era, de modo geral, aplicada somente na forma a mais rudimentar. Não era observada a lei do inquilinato, não tendo sido "congelados" os alugueres que, em vez disso, subiram com a inflação.

De acordo com o mores local, conforme indicado no Capítulo intitulado *Família, Parentesco e Compadrio*, o casamento religioso era considerado mais "válido" do que o civil, não sendo este comum aqui, como nas demais localidades do Vale. A aplicação da lei que permite "a habilitação que trará consequências civis" aos casamentos religiosos não havia sido feita ainda por ocasião de nosso estudo. Além disso, conforme sugerido acima, existiam numerosas uniões informais sancionadas pelo costume, mas nem pela lei civil nem pela canônica. Embora as famílias locais evidenciassem alto grau de estabilidade, sendo claramente definidas as obrigações de cônjuges e crianças pelo mores e quase universalmente aceito o controle informal das expectativas costumeiras de comportamento, o mores fomentava também um tipo de família, em todos os casos, em que a poligamia masculina era tolerada.



e os direitos e prerrogativas do marido predominavam sobre os da esposa, mesmo nos casos em que haviam sido casados em cerimônia civil. Eram praticamente desconhecidos os desquites<sup>38</sup> e pedidos de alimentos. E, conforme também indicado num capítulo anterior, o número de crianças registradas da forma determinada pela lei era pequeno em proporção ao número das nascidas.

### *Mudanças*

Já há algum tempo processa-se, em graus variáveis em diferentes partes do Vale, conforme sugerido acima, o declínio do papel político da classe de fazendeiros e dos grupos de parentesco, bem como um declínio correspondente do poder e influência de certos líderes políticos mais idosos, identificados com eles. Os fatos ocorridos em 1935, segundo disse um informante de Irecê, alteraram profundamente as atitudes dos mais jovens da área, como talvez também em outras, em relação à geração mais velha, em alguns casos levando a um verdadeiro rompimento entre elas. Pela primeira vez, alguns jovens deixaram de seguir nos assuntos políticos a orientação do chefe da família, como haviam feito quase invariavelmente no passado, mesmo que, como disse nosso informante, um membro da geração mais jovem, "nós frequentemente enfrentássemos problemas para os quais não estávamos preparados".

Esta diminuição do papel da família e do parentesco na obtenção e manutenção do poder político fez-se acompanhar também da desintegração de alguns dos chamados grupos de parentesco "tradicionais" à medida que os mais idosos faleciam e os membros mais jovens desenvolviam as atitudes mencionadas acima ou se mudavam da comunidade, deixando o lar talvez para estudar nas grandes cidades e subsequentemente ingressar nas profissões liberais ali. Em consequência, à medida que morriam os velhos chefes políticos, sobraram poucos, ou absolutamente não sobraram, indivíduos com os traços de personalidade que contribuíam para fazer, dos pais e avós desses migrantes, líderes políticos e de grupos de parentesco, capazes de assumir seus papéis dominantes e exigentes, e de obter o prestígio de que se faziam acompanhar.

No caso de um grande grupo de parentesco de Cerrado, por exemplo, ocorreram mudanças de opinião e alinhamento político que, disse um morador referindo-se a um fazendeiro capaz, ora falecido, "nunca teriam ocorrido quando o 'velho' estava vivo". A tendência de formação de novos alinhamentos políticos, os atuais membros mais idosos dos grupos de parentesco em Cerrado opuseram uma resistência tão forte quanto inflexível. Os membros

38. Somente um fôra registrado na comarca durante a época de nossa pesquisa.



mais jovens, contudo, muito embora às vezes agissem na base de velhas lealdades de família, amiúde encontravam apoio para ação mais independente no prestígio que eles próprios granjeavam ao completar, ao contrário dos membros mais idosos, o curso num ginásio, participando da organização e direção da companhia que ora fornece luz e energia à cidade, ou exercendo liderança no clube recém-organizado.

O poder dos "coronéis" locais, como são chamados, todos os quais são hoje velhos, principalmente inativos e quase todos membros do partido dominante, está, em consequência, sendo gradualmente solapado. Os seus filhos ou parentes mais jovens que permanecem na comunidade, e que, geralmente, viajaram muito, e em consequência adquiriram novas atitudes e idéias — como, por exemplo, o atual prefeito, um dos professores do ginásio e o médico local — estão emergindo como novos líderes. Nota-se uma crescente tendência para considerar o sistema do coronelismo, durante tanto tempo característico da área, como uma evidência de "atraso", julgando já alguns moradores da cidade os velhos chefes como "retrogrados e pretensiosos", que não vale a pena seguir, em assuntos políticos ou não, e também para submeter o velho sistema ao ridículo, situação esta sempre característica do penúltimo estágio de qualquer instituição. Os "coronéis" procuram ainda exercer influência por intermédio das antigas relações paternalistas, incluindo a concessão de favores e proteção pessoal e da família, sobre os eleitores considerados como "pobres e submissos", mas a tendência não é mais a de insistir em lealdade incondicional nem de recorrer à violência quando desejos são contrariados. Em algumas famílias, o marido vota num partido e a mulher em outro.

O declínio do poder político dos "coronéis" e da classe de fazendeiro como grupo na região reflete-se em Pesqueira nos arranjos atuais a respeito do uso de certas terras. Durante longo tempo, as ilhas do rio nas proximidades da cidade, que são de propriedade da prefeitura, eram disputadas por certos fazendeiros, que nelas apascentavam seus rebanhos, e considerável número de moradores da cidade, lavradores muito pobres, que plantavam sem acordo formal pequenas roças de milho e mandioca nos lameiros criados pelas cheias sazonais do São Francisco. No passado, essas roças eram frequentemente invadidas pelo gado dos fazendeiros, às vezes por acaso e, ocasionalmente, por ter sido propositadamente solto para pastar pelos próprios criadores. As disputas, contudo, terminaram em 1939 quando a prefeitura, não mais sensível, como no passado, à vontade dos fazendeiros, reservou oficialmente para plantio as ilhas que haviam sido antes arrendadas aos criadores. As terras foram arrendadas a taxas meramente nominais, e com grantias de plantar e colher as culturas nelas plantadas, aos lavradores da cidade.



A diminuição da violência política acompanhou também o declínio do "coronelismo". Embora surja ainda grande tensão em Cerrado por ocasião das eleições, por exemplo, não houve conflito físico na cidade por questão de política em anos recentes. Em Retiro é ainda menor a tensão. Tampouco a contagem fraudulenta dos votos — que durante algum tempo substituiu em alguns casos a antiga violência, especialmente durante o período de conflito entre as cidades de Cerrado e Coqueiro, comentada acima — é tão comum como outrora.<sup>39</sup> Em Pesqueira, igualmente, os resultados de uma eleição no passado tinham poucos efeitos desde que o partido derrotado raramente aceitava derrota, recorrendo em vez disso às armas que, ocasionalmente, conseguiam inverter a decisão das urnas. O grupo vitorioso nas urnas, assim, terminava por submeter-se ao poderio armado dos adversários. "Esses velhos 'chefes de capoeira' que vinham fazendo eleições", recordou-se um velho morador da cidade, "quando via que perdia, anulava tudo a tiro". Hoje, contudo, o "jaguncismo" que durante muito tempo caracterizou a região está extinto e é revivido apenas nas recordações dos moradores mais velhos.

Essas mudanças em direção a uma ordem mais democrática refletem-se na personalidade e comportamento dos líderes políticos que ora emergem em numerosas localidades. O atual prefeito de Cerrado é querido por virtualmente todos na comunidade, mesmo pelos adversários políticos, desde que, em seu caso, a lealdade à cidade e à área circundante começa a suplantar a lealdade ao grupo de parentesco e ao partido. Em Passagem Grande, por ocasião de nossa pesquisa, dizia-se que o prefeito era de "mentalidade nova", e que "procurava fugir dos moldes antigos", sendo um líder político "que não persegue". Em vez disso, procurava deliberadamente evitar desforras. "Fazer o máximo e o melhor possível por este lugar", era seu lema. De início, teve uma grande luta com membros do grande grupo de parentesco a que pertence e que procuraram, sem êxito, obter nomeações e tratamentos preferenciais.<sup>40</sup> Ao assumir a prefeitura, não dispensou dos seus cargos membro algum do partido da oposição, aumentando, em vez disso, a responsabilidade de todos seus subordinados. E, embora não insistisse em que ingressassem no seu partido, muitos o fizeram. Desde então foi eleito deputado estadual.

As seis horas da manhã do dia de uma eleição pouco antes de nossa visita a uma das cidades da Seção Norte das Cordeiras, um homem foi até a casa do prefeito e, de acordo com antigo costume, perguntou se poderia comer alguma coisa. "Eu vim aqui

39. "Na eleição a gente ganhava aqui", disse um antigo líder político, "mas quando chegava lá em Coqueiro, na apuração, nós perdíamos sempre. Teve uma eleição que tava ganha, mas por fim perdemos por 80 ou 100 votos".

40. Os favores concedidos pelo prefeito a membros do seu partido, contudo, são assuntos de conversações políticas locais.



porque fui à casa do compadre Juca (citando o adversário do prefeito na eleição em causa) e ele disse que não tinha mais comida." Depois de comer, o homem disse ao prefeito: "Eu estava danado de fome. Eu ia votar com o compadre Juca, mas agora vou votar no senhor." Contrariando velhos costumes nessas circunstâncias, conta-se que o prefeito respondeu: "Não, obrigado pelo seu voto, mas desta vez vote no seu compadre."

Quando, durante a visita do autor e seus colegas a outra cidade da mesma área, o principal chefe político, membro do PSD, teve de partir a negócios para o Recife e apareceu para despedir-se de nós, foi acompanhado pelo prefeito, da UDN, e pelo subprefeito. No curso da conversação, o subprefeito observou que, embora ele e o prefeito fossem adversários políticos do chefe do PSD e que durante a campanha "fosse assim" (e fez o gesto de apontar e disparar uma arma), "nós agora somos todos amigos". Já fôra, aliás, observada grande jovialidade e camaradagem entre esses homens de diferentes filiações políticas, mesmo quando discordavam a respeito de vários assuntos. O chefe do PSD levantou-se da cadeira e apontando para o prefeito e o subprefeito disse: "Eles são meus inimigos políticos. Eu sou do PSD e eles são da UDN, mas", acrescentou talvez com um pouco de exagero, "em nenhuma outra terra há tanta democracia como aqui".

A medida em que as eleições são crescentemente importantes na escolha de quem exercerá o controle político local, a necessidade de um apelo eficaz, a eleitores menos facilmente controlados do que outrora, traduz-se não apenas em atitude mais democrática em relação a eles de parte dos líderes, mas, também, na maior influência sobre os chefes por parte de toda a população, mesmo dos humildes. Em Pesqueira, por exemplo, observou-se que o controle sobre os líderes políticos é agora exercido até certo ponto por organizações das classes menos favorecidas, como a Sociedade Beneficente de Operários. O presidente da Câmara de uma cidade do Médio São Francisco disse ao autor que "se o prefeito daqui mandar prender um porco que corre solto pelas ruas, o dono diz que não vota mais nele. E o porco não é preso".

Embora não compreendam ainda bem a extensão do seu real poder político, o número de eleitores que se tornam descontentes com a política parece crescer dia a dia. Alguns eleitores estão começando a pensar que algo mais lhes é devido. "Política num enche barriga de ninguém", ouviu-se um homem de Pesqueira observar e, ocasionalmente, outros dizem que não dão mais atenção a promessas eleitorais, porque "sabem que não serão cumpridas".

Notou-se em Cerrado que parece estar crescendo o número de pessoas que preferem permanecer alheias a todas as atividades políticas e evitar o menor compromisso "definitivo" com qualquer facção. Alguns indivíduos, bem como todos os membros de algumas

famílias, influenciados pelas idéias e atos de líderes de outros movimentos políticos nacionais em outros Estados ou na nação em conjunto, não votam em nenhum dos dois principais partidos.

Em Sertão Novo, e igualmente em Passagem Grande, havia em cada cidade, por ocasião de nossa pesquisa, um indivíduo que era comunista militante. Nas paredes de Pirapora, ponta da linha férrea que vem do Rio, e na cidade de Juazeiro, terminal da estrada de ferro que se inicia em Salvador, e incluindo as paredes da matriz nesta última cidade, foram vistos vários cartazes comunistas.<sup>41</sup> Estes e outros movimentos políticos recentemente surgidos provavelmente sensibilizarão os que são indiferentes ou estão descontentes com os líderes políticos locais e procuram evitar compromissos com eles.

41. Não foram mais observados esses dísticos, contudo, ao descer novamente o autor o Rio São Francisco em fins de 1959.



## B — CICLO VITAL DO INDIVÍDUO

## capítulo V

### NASCIMENTO E INFÂNCIA

O ciclo vital do indivíduo no Vale, como de resto em outras regiões, começa obviamente com o nascimento e termina com a morte. São estas as duas experiências básicas de todos. Nos casos dos que ultrapassam a infância, outra experiência de suma importância assume a forma da socialização, ou absorção, completa ou parcial, das experiências acumuladas do grupo, iniciada nos primeiros minutos da vida e realizada espontaneamente ou com ajuda de preparação formal e informal. No tocante à maioria dos indivíduos, os demais eventos básicos durante a vida são o namoro, o casamento e a paternidade.

#### *Nascimento*

Em todo o Vale, com poucas exceções, o nascimento de uma criança constitui evento importante na família e no grupo de parentesco em todas as classes da população. Embora o nascimento de um menino seja preferido, especialmente pelo pai, e sobretudo se primogênito ou se não existem filhos na família, e somente um ou mais filhos, uma menina é também bem recebida. Diversos informantes em Passagem Grande, no Baixo São Francisco, disseram que existem certas condições pré-natais pelas quais podem saber antecipadamente o sexo da criança. Pensa-se que se a mãe engordar muito, ficar “quartuda” ou “cadeiruda”, a criança será menina, ao passo que se sentir dores no estômago, sofrer tonturas, ou “tontice”, se lhe aparecerem manchas roxas, conhecidas como “panos”, ou se a “caroa” em torno dos bicos de seios ficarem escuros demais, a criança será menino.

Embora em Belo Horizonte e, crescentemente agora, nas cidades maiores, o médico e o hospital desempenham um papel mais importante do que no passado, a maioria dos nascimentos no Vale



ocorre na casa dos pais e não conta com o atendimento de médico ou enfermeira. Geralmente, contudo, o nascimento é assistido por outra mulher, que pode ser a mãe da parturiente ou, com menos frequência, a sogra, outra parenta, ou uma parteira, conhecida amiúde como "curiosa", "entendida", ou "assistente", quando não meramente por uma vizinha. Um idoso informante de Passagem Grande, por exemplo, disse que ajudou a esposa no nascimento de todos os cinco filhos, "pois nessas ocasiões não existiam assistentes aqui, a não ser uma velha e muito trêmula".<sup>1</sup> Em todos os casos cortou o cordão umbilical e banhou a criança.

A esposa do prefeito local por ocasião de nosso período de pesquisa sistemática, porem, deu à luz na Maternidade de Penedo, onde dois irmãos seus são médicos, um deles obstetra. Algumas esposas dos fazendeiros locais começavam também a procurar o hospital de Penedo por ocasião do parto. Outra mulher considerava-se de sorte porque, na ocasião do nascimento do primeiro filho, foi para a casa da mãe em Penedo, onde havia uma parteira formada, com a qual "aprendeu muita coisa", disse "e me tratou muito bem". À época de nossa pesquisa, um médico abria consultório em Passagem Grande, embora velhos costumes não tivessem mudado muito ainda a esse respeito e o facultativo nem sempre tivesse à mão os recursos da medicina moderna. Não obstante, um programa de educação fôra lançado pouco antes no Posto de Saúde para as parteiras locais.

Na vizinha Cruzeiro, embora a maioria dos nascimentos ocorra em casa, as esposas dos fazendeiros procuram geralmente uma cidade vizinha, onde podem obter os serviços de uma parteira profissional. Sabe-se que pelo menos as esposas de dois meeiros procuraram a Maternidade de Penedo para dar a luz. Em Pesqueira, na parte baixa do Médio São Francisco, igualmente, pelo menos uma pequena parte das classes alta e intermediária começara, à época da pesquisa, a abandonar velhos costumes a esse respeito. Especialmente entre as famílias mais abastadas, a mãe estava sendo atendida no parto por um dos dois práticos de farmácia ou, ocasionalmente, pelo médico residente do recém-reativado Posto de Saúde, ou pelo enfermeiro do mesmo. Em Rio Rico, no Planalto Ocidental, localizada num tributário da zona alta do Médio São Francisco, passara-se a contar com os serviços de uma moça local que fora treinada como parteira profissional.<sup>2</sup>

Alguma atenção às características e papel da parteira já foi dada no capítulo intitulado *Divisão do Trabalho*, no Tomo II. Ge-

1. Disse ele que somente uma vez sua esposa "teve uma complicação": a criança "nasceu atravessada". Fez massagem no abdomen dela "até que a criança ficasse em posição normal".

2. Uma mulher de Passagem Grande ficou surpresa ao descobrir que uma parteira treinada que veio morar na cidade, e que mais tarde se tornou boa amiga sua, fosse "só uma mocinha", embora tivesse ouvido dizer que "lá no Sul todas as parteiras são mocinhas".



ralmente, ela é uma mulher de idade e experiência, mãe também de vários filhos. Em Passagem Grande, como amiúde ocorre em outros locais, quase sempre é uma "benzinheira" de doenças infantis (ver *Doenças e Seu Tratamento*, Tomo II). Uma das parteiras que recebeu recentemente instrução a respeito da profissão nos termos do novo programa do Posto de Saúde local, é considerada especialmente competente para "benzer" ou "rezar" futuras mães. E acredita também convictamente no antigo resguardo (ver *Dietas do Parto*), abaixo. Outra parteira local não "prática", mais, disse, e "apenas extrai placentas". Os seus conhecimentos e habilidade, disse, "não aprendi com ninguém", embora posua um pequeno livro, intitulado "Manual da Parteira". O que aprendeu com a experiência, contudo, com a exceção de extrair a placenta, ensinou às demais parteiras. Embora o marido fosse contra ela trabalhar como tal, costumava ir quando chamada e somente depois de abandonada por ele começou a cobrar pelos seus serviços. Uma mulher recordava-se que, certa vez, quando se encontrava em trabalhos de parto, chegou uma das parteiras locais, usando roupas encardidas, "que foi pra cima da cama, sujando com os pés todas as roupas que estavam todas limpas", e que outra chegou também com "um caco cheio de brasas, querendo que eu ficasse de cócoras sobre o mesmo, recebendo toda aquela quentura para facilitar o parto".

Essa sujeira, contudo, provavelmente constituiu caso extremo e a prática de "ficar de cócoras" não é aparentemente seguida por todas as parteiras. Em Sertão Novo, na Seção Norte das Correiras, embora a parteira entrevistada não usasse instrumentos cirúrgicos, "apenas minhas mãos", como disse, ao começar o parto ela as desinfetava com álcool. Em Pesqueira, igualmente, em numerosos casos as parteiras lavam as mãos com álcool, embora o façam somente durante o parto. Caso se alimentem enquanto esperam a hora do nascimento, processo em que os dedos são levados diretamente à boca de acordo como é hábito geral na região (ver *Hábitos Alimentares*, Tomo II), as mãos não são novamente lavadas. Aqui, como em outras partes do Vale, as relações subsequentes são íntimas entre a parteira, a criança, e demais membros da família. Em Passagem Grande, por exemplo, observou-se que o "tratamento" entre a parteira e os pais da criança torna-se como o de compadres. A criança chama-a de "madrinha" e "pede-lhe a bênção".

Em Passagem Grande, como aliás em outros locais, o cordão umbilical é geralmente cortado com a tesoura da mãe a "dois dedos" de distância do corpo da criança e amarrado duas vezes com um barbante passado em sebo de carneiro, ou mais comumente hoje, com um fio comprado na farmácia. Antes da expulsão da



placenta, disse uma informante, "o sexo da criança não deve ser conhecido". porque "não faz bem a ela". O cordão é em seguida limpo, usando-se para esse fim um pedaço de algodão, sabonete e água ou, ocasionalmente, álcool, colocando-se nele talco, óleo de amêndoa, ou óleo de rícino.<sup>3</sup> Antigamente, usava-se óleo bento trazido da igreja. Em Pesqueira, igualmente, o cordão umbilical é cortado com a tesoura da mãe logo que expelida a placenta, neste caso, a uma distância de três ou quatro dedos do abdomen, e amarrado com "qualquer cordinha que estiver à mão". A fim de fechar a ferida, as parteiras locais usavam costumeiramente raspas de certas raízes, terra do telhado ou pó do chinelo do pai. E como não era de surpreender, ocorriam casos frequentes de gangrena do cordão umbilical. Na vizinha Marrecas, costumava-se tratar o umbigo com cinza de cachimbo e barro da parede da casa "pra sará depressa". Em Cerrado, na área do Alto São Francisco, são geralmente usados algodão e azeite doce. Em Sertão Novo, utiliza-se um pedaço de pano queimado embebido num pouco de azeite doce e amarrado sobre o umbigo com uma faixa ou, em casos raros, uma touca.

Em Passagem Grande, mesmo que a família tenha tomado emprestada uma tesoura para cortar o cordão umbilical (desde que muitas casas não a possuem) ela é subsequentemente conservada sob a cama, enfiada no chão ou espetada aberta num rolo de fio à cabeceira da criança deitada, "de modo que ela não sofra complicações no umbigo". Em ambos os casos, conforme indicado no capítulo *Doenças e Seu Tratamento*, no Tomo II, ela assume a forma aproximada de uma cruz. Em Pesqueira, igualmente, a tesoura é conservada aberta sob a casa. "Isso é ciência das partera", disse uma informante. "Se num guardá assim, tem ofensa prá criança".

Em Marrecas, uma "entendida" disse que costuma tratar o umbigo com óleo de rícino até que ele "cai", enquanto parteiras de Pesqueira, a fim de secar a ferida, ainda usam sola de um velho sapato, queimada e peneirada através de um pano fino. Em Cuzcuzzeiro, observou-se que durante esse período toma-se cuidado para que a criança não chore, porque se pensa que pode "prejudicar-lhe o umbigo". Após desprender-se a parte externa, ou cerca de três semanas após o nascimento, as parteiras de Passagem Grande geralmente tratam o umbigo com pó de quina, canela em pó ou, às vezes, atualmente, um antisséptico comercial conhecido como "Anaseptil".

Em Passagem Grande, o umbigo, após ter "caído", é enterrado na porteira do curral, "para ter sorte na fazenda com plantação

3. Este processo é conhecido como "curar umbigo".

ou gado",<sup>4</sup> na porta da igreja, ou lançado no São Francisco, "prá ter sorte" em questões ligadas ao rio. Nunca é lançado em outros locais porque, segundo se diz, "se um rato o roesse, a criança se tornaria ladra".<sup>5</sup> Esta crença é também comum em Pesqueira, onde uma informante disse que sua mãe "tomou todo o cuidado" com os umbigos de todos os filhos, "porque tinha medo que o rato comesse".

No banho do recém-nascido a parteira em Sertão Novo utiliza apenas água morna se a família é pobre, ou água morna com água de colônia se mais abastada. Um antigo costume notado em Passagem Grande, e em alguns casos seguido ainda hoje, é manter o recém-nascido sobre um vaso com brasas, onde se queima alfazema.<sup>6</sup> Logo que a fumaça começa a envolver o corpo, deve-se repetir seguidamente:

Nossa Senhora passou seu filho para cheirar.  
Boto o meu para ser feliz.

Até cair o umbigo, a criança toma "banho de meio corpo" e, depois, um "banho completo até a cabeça", disse uma informante. As mães de Cuscuzeiro banham inicialmente os filhos numa bacia e, mais tarde, no Rio São Francisco.

Depois de lavada, a criança recém-nascida em Passagem Grande é vestida com uma camisa e, se inverno, com um casaquinho de flanela, sapatinhos de lã e, talvez, uma touca feita geralmente de uma das meias de algodão da mãe. São usadas também velhas roupas para enrolar-lhes as pernas. São geralmente preparadas antes do nascimento pela mãe, outra pessoa da família, uma amiga, embora possam ser ocasionalmente compradas. Uma informante de Sertão Novo disse que uma capa, conhecida como "enxugador", é amiúde usada no local para cobrir o recém-nascido dos pés à cabeça. Mais tarde, ele pode ser vestido com uma camisa de algodão de manga curta até os tornozelos, e um casaco de flanela, mas não touca ou sapatos. As fraldas são usadas somente durante um mês após o nascimento. Em Pesqueira, é comum que os recém-nascidos, especialmente se meninos, usem apenas camisa de algodão até os sete anos. Com muita frequência, uma mulher prestes a dar a luz não prepara roupa alguma para a criança.

Poucos pais em Passagem Grande, bem como alguns em outros locais, com exceção cada vez maior agora entre as classes

4. Como geralmente ocorre quando o povo procura explicar um costume herdado do passado, as razões variam. Em Pesqueira, por exemplo, disse um informante que quando o umbigo é enterrado na porteira do curral, isso é feito "para que a criança fique inteligente".

5. É por esse motivo que quando alguém é preso por roubo, os moradores dizem: "O rato roeu o umbigo dele".

6. *Lavandula spica*.



superiores, registram a criança por ocasião do nascimento. Quando, porém, o filho mais velho entra na escola e precisa de certidão de idade, o pai pode não somente registra-lo, mas também aos irmãos e irmãs mais moços. Conforme indicado, os registros de nascimentos dos cartórios locais raramente merecem confiança. Em Pesqueira, por exemplo, como aliás em outros locais, observou-se que, num determinado ano, somente fôra registrada parte limitada dos nascimentos ocorridos e, com grande frequência, os registros no ano corrente diziam respeito a nascimentos ocorridos em anos anteriores. Com frequência, o registro ocorrera devido à necessidade de algum documento oficial. Entre os 385 nascimentos registrados em 1951 na cidade, por exemplo, somente 37 por cento haviam ocorrido realmente naquele ano.

Em Passagem Grande, conforme esclarecido no capítulo intitulado *Doenças e Seu Tratamento*, Tomo II, a Legião Brasileira de Assistência, que abriu uma agência na cidade em 1945, fornece leite, e assistência médica, farmacêutica e judiciária, bem como enxovais. Durante o ano de nossa pesquisa, 130 crianças receberam leite, 9 pessoas foram medicadas, distribuíram-se 668 remédios, registraram-se 54 nascimentos e forneceram-se 176 enxovais no valor aproximado de 48.000 cruzeiros.

#### *Alimentação e Outros Primeiros Cuidados com a Criança*

Em Pesqueira, como em outros locais do Vale, observou-se que, entre as famílias da elite local, pelo menos, foram adotados alguns dos costumes mais recentes das cidades grandes no tocante à alimentação das crianças. A maioria das populações das pequenas cidades estudadas pelos nossos pesquisadores, contudo, segue práticas mais antigas, como quase todas as que residem nas áreas circunvizinhas mais rurais, exceto entre parte da classe dos fazendeiros. Em Sertão Novo, pensa-se que se a criança não for alimentada durante 24 horas após o nascimento, não será "chorona". Nesta localidade, como aliás em todo o chamado "sertão de Pernambuco", segundo um informante que conhece bem a área, bem como em outras zonas, o primeiro leite da criança, assim como o que recebe durante três dias após o nascimento, não deve ser o da mãe, porque, segundo se diz, "o leite dela ainda não está bem", mas de outra mulher que esteja amamentando. Se não houver mulher disponível, pode ser dada garapinha.

Varia consideravelmente o período de aleitamento da criança. A menos que nasça entrementes outro filho, numerosas mães em

Passagem Grande amamentam-na até 15 meses ou mais. Disse uma delas que amamentou a filha mais velha "até os quatro anos, dois meses e dias". Amamentou também outro filho até quase a mesma idade, mesmo que, disse, "todas as pessoas mangassem (caçoassem) dele", antes de interromper o costume, amamentando-o à noite — mas somente à noite — por mais algum tempo, até terminar virtualmente, embora a criança fosse ainda ocasionalmente amamentada à época em que a mãe foi entrevistada, quando tinha cinco anos e meio. Ao precisar desmamar a primeira filha, disse-lhe que certa preta, de quem a criança tinha medo, havia mamado nela, depois do que, disse a mãe: a "filha não quis mais mamá, cuspiendo de nojo".

Em Pesqueira, embora algumas crianças sejam desmamadas no sétimo mês, a maioria das mães amamenta, a menos que tenha outro filho, até 2 ou 3 anos de idade. "O meu caçula mamou até três anos e meio", disse uma mãe, e não foi desmamado até chegar outro filho, que logo morreu. "Eu estava com febre de impaludismo", lembrou-se ela, "e disse a ele que a menina tinha morrido porque tinha chupado leite de febre. Ele viu a menina ser enterrada, jogarem terra em cima dos olhos dela e ficou com medo. Então deixou de mamá, mas dormia cheirando o peito".

Uma mãe da elite local de Sertão Novo disse que amamentava os filhos até os seis meses e que começava então a dar-lhes "sopa feita de caldo de carne de cabra, bananas, cenouras e tomates". A época em que foi entrevistada, ela, devido à falta de leite, dava a um filho de cinco meses, em mamadeira, leite engrossado com maizena e adoçado. Em Cuscuzeiro, segundo várias informantes, as crianças tomam, além do leite da mãe, ou substituindo-o se insuficiente, começando três dias após o nascimento, farinha de mandioca em leite adoçado de vaca, cabra ou, às vezes, de ovelha se a família podia comprá-lo. Em caso contrário, farinha de mandioca em água adoçada.

Da mesma forma, em Passagem Grande, especialmente se o leite da mãe é deficiente em quantidade, a criança toma o que é amiúde chamado de "engrossante", consistindo de maizena ou tapioca com leite e um pouco de açúcar. Uma pequena quantidade de água é amiúde acrescentada "para não dar diarreia". Observou-se que uma mãe residente numa das ilhas próximas do São Francisco e que estava ainda de resguardo (ver *Dieta do Parto*) dava ao filho polvilho cozido em leite de cabra misturado com um pouco de água, pondo-o na boca da criança com o dedo. Disse também que leite de égua e de ovelha "servem como alimento por serem igual ao da mãe".



*Primeiros Meses*

Em Marrecas, na parte baixa do Médio São Francisco, e até o umbigo cair, a criança raramente é levantada, exceto para mamar, da esteira ou cama onde é colocada depois do nascimento. Depois de cair o umbigo, porém, dorme em rede. Em Cuscuzeiro, quando muito nova, geralmente dorme com os pais. Ao completar um ano, estando a mãe amiúde grávida novamente, pode dormir com outra criança, ou mesmo sozinha, numa rede ou esteira se nascida numa das famílias menos favorecidas economicamente ou, se filho de um fazendeiro ou outra pessoa de nível mais alto, numa cama.

A noite, após o jantar, pode ser posta a dormir, ninado pela mãe num tom monótono. Em Passagem Grande, isto ocorre nas casas das famílias mais pobres, onde a mãe, sentada numa esteira, aconchegava o filho nos braços, ou nas casas dos mais abastados, onde o embala no regaço de uma rede. Nesta localidade, as canções de ninar são de dois tipos: as que embalam mas não amedrontam a criança bastante grande para compreender as palavras, e aquelas em que bichos, como o pavão, o boi e o tatu são sempre mencionados para assustá-la deliberada, se bem que ligeiramente. Uma do primeiro tipo, na qual embora haja menção de surra, isto é feito em voz suave que não alarma a criança, é a seguinte:

Dorme, filhinho,  
qu'eu tenho o que fazê:  
vô lavá e gomá  
camisinha prá você,

Á...á...á...,  
á...á...á...,  
filhinho, vá apanhá,

í...í...í...,  
í...í...í...,  
filhinho, vá dormi.  
Dorme, filhinho,  
qu'eu tenho o que fazê;  
vou lavá e gomá  
camisinha prá você.

É...é...é...,  
filhinho é um bebê

í...í...í...,  
filhinho, vá dormi.

Entre o tipo mencionado por último, ou o usado para assustar ligeiramente a criança, foi anotado o seguinte:

Á...á...á...  
Nenê qué apanhá!  
Ê...é...é...  
o Nenê é um bebé.

Boi, boi,  
boi do meu sertão,  
pegue o Nenê,  
qu'ele não qué dormi não!

Nenê que não dorme,  
gatinho vem comê!  
Ũ...u...u...  
Nenê vá dormir...

Á...á...á...  
Nenê qué apanhá!  
Ê...é...é...

O Nenê é um bebé.  
Boi da cara preta,  
pegue o nenê  
quando chora faz careta!

Á...á...á...  
Suzana qué apanhá!  
Ê...é...é...  
A Suzana é um bebé.

Chô... chô, pavão,  
de cima do telhado:  
deixe a Suzana  
dormi o sono socegado.

Pelo menos durante os primeiros meses, o cuidado da criança em todas as classes da população cabe principalmente à mãe, que a amamenta, dá-lhe outros alimentos, lava-a, veste-a, leva-a de um lado para o outro durante o dia e a põe para dormir, especialmente à noite. Contudo, desde que a maioria das mães tem outros filhos para cuidar ou, em muitos casos, trabalha nos campos para ajudar no sustento da família, as crianças são entregues, com frequência, muito novas ainda, aos cuidados de uma irmã mais velha ou de outro parente. Em Passagem Grande e Cuscuzeiro, por exemplo, é comum que a deixe, depois de ter ele, pelo menos um ano de idade, em companhia de uma irmã, em muitos casos ainda muito jovem, enquanto em companhia do pai e dos irmãos mais



velhos trabalha nos arrozais,<sup>7</sup> ou, se não existirem outras crianças na família, deixa-a com uma avó, tia ou outro parente e, às vezes, com uma vizinha, especialmente quando a criança fica mais velha. Talvez seja deixada dormindo numa rede ou esteira. Quando acorda, a pessoa a cujos cuidados foi entregue levanta-a nos braços e anda com ela pela casa enquanto faz o trabalho doméstico. Ao atingir talvez cinco anos, a criança pode ser levada às lagoas de arroz e deixada praticamente abandonada enquanto os pais trabalham.

Em alguns casos, talvez cuide dela um irmão mais velho. Em Rio Rico, no Planalto Ocidental, na parte alta da bacia Média, por exemplo, observou-se um menino de 9 anos carregando o irmão de 8 meses. Ou pode ser deixado aos cuidados de vários outros irmãos, todos os quais compartilham da responsabilidade de tomar conta dele. A medida que o irmão cresce, espera-se que ele, de acordo com o mores local, que pode ter sido de origem muçulmana, mantenha de olho as irmãs que crescem, mesmo que elas sejam mais velhas do que ele. Um pai em Pesqueira, por exemplo, cujo filho de seis anos fôra buscar a irmãzinha da calçada da casa, disse com uma ponta de orgulho: "Ele já toma conta da irmã". Uma mãe na mesma localidade falou com prazer de um filho de nove anos que tomava conta de uma irmã mais velha, de 12 ou 13 anos. Disse ela com evidente aprovação: "Ele sempre diz que não quer que a irmã ande com essas meninas que já querem ser moças e que só falam em namorado". O menino, que estava presente, disse com uma considerável exibição de orgulho: "Eu não deixo mesmo. Eu vou buscá ela."

Observou-se que uma mãe em Sertão Novo, que ganha a vida levando água do rio para algumas das casas da cidade, deixa o filho de 5 meses, quando vai ao rio, num buraco que cava no chão e no qual a criança pode rolar mas de onde não pode sair. Este sistema, disse ela, é comum "em toda a área da caatinga por aqui". Na localidade, como em outras zonas do Vale, contudo, as crianças de braço de famílias das classes superiores são ocasionalmente entregues aos cuidados de uma pajem. Em Rio Rico, observou-se que elas podem ser crianças da localidade ou filhas de famílias de passagem pela cidade a caminho de novos lares em Goiás (ver *Mobilidade*, Tomo II) e que cuidam de crianças em troca de alimento e de um "agrado".

O uso de chupetas pelas crianças parece ser um dos costumes mais gerais da região, em todas as classes. Numerosas mães, como uma delas conhecida em Sertão Novo, dá chupeta à criança quando chora porque "dessa maneira eu entupo ela logo", disse. Aparentemente, poucos pais fazem objeção, como o marido de outra

7. Em tais casos, ocorrem às vezes acidentes, como o da criança que foi deixada numa esteira numa casa em Passagem Grande e teve um dos olhos bicado por um pato. Agora, com seis anos, é cega desse olho.

mulher em Sertão Novo, que também dá chupeta ao filho, embora ele "não goste muito quando eu faço isso". Algumas crianças em Passagem Grande usam chupeta até os 6 anos de idade.

Durante o dia, se absolutamente possível, a mãe, ou quem quer que cuida do filho, leva-o de um lado para outro, conservando-o sempre consigo, pelo menos até que ele possa gatinhar. Em Pesqueira, pensa-se que a criança pequena precisa de muito exercício "prá endurecê o espinhaço". Na maioria dos casos, a criança senta-se e gatinha por volta do quarto ou quinto mês. A fim de ajudar a criança a andar, pensa-se geralmente que se deve lavar todas as manhãs e à noite as pernas da criança na água do moco-tó de um veado, crença esta aparentemente relacionada, no início, com concepções de magia simpática. A esposa de um enfermeiro do Posto de Saúde local, por exemplo, disse que esse tratamento "fez meu filho aprender a andar quando estava passando da idade e não podia ainda".

Alguns pais procuram enrijecer as crianças fisicamente contra os rigores do clima e da doença. Uma mãe em Sertão Novo, por exemplo, ao segurar uma criança nos braços, movia-a ocasionalmente para conservar-lhe o rosto voltado para o sol, embora fossem 2 da tarde e o sol estivesse, conseqüentemente, causticante, desde que, disse: "O bichinho nasceu no sertão e deve, desde pequeno, se acostumar com o calô do sol". Em Pesqueira, a fim de fazê-la forte, "dura", acreditam muitos moradores que se deve medir com um barbante a cauda de um gato (se menina) e de uma gata (se menino) e amarrá-lo em torno do pescoço da criança. Entre as doenças e males que a maioria das mães temem destacam-se, em especial, os conhecidos como "mal-dos-sete-dias", "quebranto", "olhado-nas-tripas", "ar-do-tempo", e "ventre caído", todos os quais esperam curar com rezas e simpatias (ver *Doenças e Seu Tratamento*, Tomo II). Em caso de doença, ela procura geralmente um "benzedor",<sup>8</sup> ou uma "benzinheira", como são conhecidos esses especialistas de folk em Passagem Grande ou ela mesmo realiza certas práticas consideradas capazes de debelar o mal. Antes, contudo, proteção de ordem sobrenatural é procurada para o filho por meio de "benzimento", amiúde realizado pela parteira por ocasião do nascimento. Logo que chega, a parteira pode iniciar tais medidas preventivas com chás, óleos bentos, gotas de água trazidas da igreja, e outros meios medicinais ou mágicos. A fim de evitar que ela "apanhe" quebranto (ver também *Doenças e Seu Tratamento*, Tomo II), uma figurinha ou fita avermelhada é, com frequência, amarrada em torno do pescoço e braço da criança, tomando-se ainda numerosas medidas acauteladoras, especialmente na ocasião da dentição.

8. Há na comunidade um mendigo cego cujas "rezas" são muito procuradas em casos de presumidas "bichas assustadas".



Especialmente entre a parte menos favorecida da população, contudo, nota-se, conforme indicado acima, certo conformismo fatalista com a doença. Em Cuscuzeiro, por exemplo, os pais de um menino doente de três meses não davam sinal de muita preocupação nem tampouco o pai comprou os medicamentos receitados pelo médico de uma cidade vizinha, aonde levou finalmente o filho. Ao sugerir um professor local, ao pai, que a criança corria o perigo de morrer, ele respondeu com aparente indiferença: "Já tá em caminho". Conforme observado também pelo autor em Cruz das Almas, no Estado de São Paulo, é amiúde muito pouca a preocupação, especialmente entre as famílias pobres, com a morte de criança pequena que, de acordo com a crença comum, "transforma-se em anjo".

Apesar de tudo, as crianças são em toda parte acariciadas desde os primeiros dias. Em Pesqueira, por exemplo, observou-se que crianças de apenas alguns meses eram agradadas com beijos ou chupões em partes sensíveis do corpo, como os ouvidos, a barriga e, frequentemente, as zonas erógenas, incluindo os seios e órgãos sexuais.<sup>9</sup> Em Passagem Grande, a forma de carinho mais comum para com a criança é o "cheirinho". O nariz do pai, mãe ou outra pessoa entra em contato com o pescoço, a nuca ou a cabeça da criança, tomando uma forte aspiração. Uma moradora disse que o cheirinho era "uma forma de carinho mais higiênica do que o beijo".<sup>10</sup> Especialmente entre as famílias mais pobres, o cafuné é também considerado com um sinal especial de carinho. Supostamente de origem africana, consiste de estalidos na cabeça com as unhas, como quem cata e mata piolhos. Raramente é dado em crianças, a menos que ele custe muito a dormir.

### *Tolerância com as Crianças*

A tolerância com a criança, especialmente de parte da mãe e da avó, é muito grande e aparentemente vem de longa data. Wells, em Porteira em 1875, escreveu (I:362-63) a respeito de uma família: "A menor das crianças estava deitada de costas no chão, berrando a plenos pulmões, enquanto duas outras se puxavam pelos cabelos. Esperei que acabasse a barulheira, mas isso foi uma tolice, pois, quando... (uma criança aqui) começa a berrar, tem inteira liberdade de continuar enquanto quiser, embora possa lhe ser tranquilamente sugerido: 'Não chora, meu bem!' O volume de ruído que... uma criança pode fazer, e o tempo em que pode mantê-lo, terá, tenho certeza, sido visto e

9. Numerosos moradores acreditam, contudo, que se alguém bater no pé de um menino, ele se tornará ladrão ao crescer.

10. No momento em que nosso pesquisador se despedia de uma conhecida, disse ela: "Quando o senhor for para São Paulo, dê um cheiro no seu filho por mim".

lembrado por todos os viajantes... (que andaram por essas zonas). A mãe finalmente perdeu a paciência e disse: 'Cale a boca, meu bem!' Isto, porém, serviu apenas... para dar-lhe novo vigor e fazê-la berrar ainda mais."

Burton conta uma experiência semelhante. Um indivíduo que conheceu em Januária "colocou sua casa à nossa disposição", escreveu (II:261). "Preferi a balsa", contudo, escreveu "para escapar dos gritos das crianças que através de toda (a região)... formam a música terrivelmente persistente do lar".

Em Pesqueira, um de nossos pesquisadores observou que crianças de todas as classes da população tomavam parte nas conversas dos mais velhos, "interrompendo os pais a todo o instante", disse um observador, talvez com certo exagero. Não obstante, quando uma mãe da parte mais pobre da população contava certo dia uma operação de extirpação de um tumor de seu abdômen, o filho pequeno continuava a interrompê-la, perguntando: "O que foi que aconteceu depois?" "O que é um ponto?", e perguntas semelhantes. A mãe parava sempre para uma longa explicação e o menino dava um palpite. Certa vez, quando uma de nossas pesquisadoras entrevistava outra mulher da mesma parte da cidade, a filha pequena dela continuava a abrir e a fechar a carteira da visitante, perguntando-lhe qual a sua idade, se tinha dinheiro, ou lhe passava a mão pelo rosto, cabeça e vestido. A mãe aparentemente considerava o comportamento da criança como motivo de distração, observando de vez em quando entre risos: "Esta menina é levada, é muito esperta!" Um menino de seis anos foi visto "dar um tapa" no pai, um homem da classe superior.

Uma mãe em Sertão Novo disse que não gosta de ouvir bebê chorar e que nunca deixará que o faça se puder evitá-lo, "mesmo que a criança fique estragada". E acrescentou que o marido "também não gosta de ver criança chorar". Os filhos de outra família da elite local pediam continuamente dinheiro para comprar bombons, pedido geralmente atendido. O farmacêutico local disse que, desde que seu filho era pequeno, abria a gaveta da farmácia e lhe dava todo o dinheiro que ele pedia. Crescendo o filho, o pai não se queixava quando "ele chegava tarde da noite e todas as luzes estavam apagadas,<sup>11</sup> embora não fosse dormir, disse, até que o filho chegasse. Ao deixar o filho a cidade para matricular-se no ginásio em Recife, deu-lhe dinheiro para todas as despesas e também "para ir à zona (bordéis)".

Uma tolerância toda especial para com as crianças, porém, é típica das avós. Uma mãe em Rio Rico, por exemplo, queixou-se certa vez da tolerância de sua mãe com os netos, acrescentando:

11. O motor diesel que acionava o sistema de energia elétrica local, na ocasião, era desligado todas as noites às 10 horas.



"O médico disse que não podia dar nada para a menina comer entre as refeições, mas a mamãe não pode ouvir ela pedir. Se a gente não esconder a bolacha, ela dá mesmo".

Não obstante, os pais, como as professoras locais (ver *Preparação Formal e Informal para a Vida*), comumente falam na presença das crianças a respeito do que consideram não apenas suas virtudes, mas também seus defeitos e travessuras, elogiando e diminuindo a criança na presença de terceiros. Mães de Pesqueira, por exemplo, foram ouvidas fazendo observações como as seguintes na presença dos filhos: "Ela é muito feia", "este é muito levado", disse uma delas certo dia, "aquele vive chorando. Esta é alegre, está sempre cantando e sabe dançar".

### *Batizado*

Tão logo seja possível após o nascimento, a criança é batizada. Em Pesqueira, observou-se que o medo do "mal-dos-sete-dias", ou tétano umbilical, comum na região, e de outros males e doenças, geralmente apressa a realização da cerimônia. A crença comum no sistema religioso dominante, de que antes do batismo a criança é pagã, tem aceitação praticamente geral e, sobretudo, entre as famílias menos educadas, contando com o forte apoio de outras crenças de origem folk ou primitivas. Mesmo os pais que alegam "não ter religião" raramente, se é que algumas vezes, são contra o batismo dos filhos. Algumas pessoas em Passagem Grande, por exemplo, especialmente entre as famílias mais pobres, dizem que se a criança não fôr batizada transforma-se em serpente e também que quando morre pagã chorará no sétimo aniversário no local onde foi enterrada. Se não houver alguém ali para batizá-la, ela repetirá o choro cada sete anos até ser feito o batismo. Disse um homem idoso que ouviu uma criança chorar certa noite ao passar por uma moita, mas que, infelizmente, não pôde batizá-la porque não sabia como.

No batismo, a criança, conforme indicado, ganha dois padrinhos na cerimônia e os pais, concomitantemente, dois compadres. Por esse motivo, as famílias de Passagem Grande que dependem dos proprietários das lagoas para ganhar o sustento, geralmente os convidam para lhes batizarem os filhos. Conforme sugerido em detalhes anteriores, são mutuamente vantajosos os laços daí resultantes.

Se existe padre, a cerimônia é oficiada por ele na igreja ou capela. Os padrinhos vão geralmente à casa dos pais e, de modo geral, sem acompanhamento destes,<sup>12</sup> levam o afilhado à igreja.

12. Embora todos, menos um de nossos informantes em Sertão Novo, digam que os pais não comparecem à cerimônia batismal dos filhos, este disse que podem ir ou não. Numa cerimônia presenciada por um de nossos pesquisadores, o pai esteve presente.

Pagam as despesas da cerimônia e, em seguida, voltam com a criança a casa dos pais, onde se realiza uma pequena festa. Em Passagem Grande, entregam-na aos pais dizendo mais ou menos o seguinte: "Compadre, aqui está o nosso afilhado. Nós levamos um pagão e agora batizado está." São trocados abraços e servidos alimentos e bebidas aos presentes, ajudando os padrinhos nas despesas.

Não obstante, conforme esclarecido algures, a população residente em certas partes do Vale não vê com frequência o padre e, mesmo que um deles resida na sede, talvez não possa visitar as comunidades do município mais de uma vez por ano e, com frequência, ainda menos. Entrementes, se a criança adoecer seriamente e corre o perigo de morrer, o avô, a avó, ou outro parente que não seja pai ou mãe da criança, desde que estes são os responsáveis pelo nascimento, podem batizá-la em casa. Em virtude da falta de recursos financeiros da família, ou de um amigo, esta forma de batismo pode ser ocasionalmente praticada, em Passagem Grande como em outros locais, pouco depois do nascimento. É empregada um pouco de água, colocada talvez numa tijela, um ramo de arruda, guiné ou, mais raramente, juremeira, com o qual a água é espargida sobre o recém-nascido, enquanto o pai entoia: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo."

Em alguns casos, mesmo essas possibilidades são negadas pela circunstância, como aconteceu certa vez no caso de um casal que morava numa roça nas proximidades de Passagem Grande. A mãe dera à luz gêmeos e um deles estava para morrer com apenas duas semanas de idade. Não havia nem padre nem parentes próximos. Os pais ficaram em dúvida como o batismo da criança poderia ser realizado em tempo. Teria o batismo algum valor se o pai pronunciasse as devidas palavras? Ou seria melhor para ele ajudar o outro gêmeo a realizar a cerimônia? Escolhida a última orientação, o pai pronunciou as palavras enquanto guiava a pequena mão da criança na aspersão do irmãozinho.

Nos Gerais, no Planalto Ocidental da Bahia, a presença de um padre, conforme dito acima, é difícil. O filho mais novo de um informante em Garrafão não havia sido ainda batizado por ocasião da visita de nosso pesquisador, embora as demais crianças tivessem sido levadas a Posse, em Goiás, para receberem o sacramento. "Há dois padres lá", disse o informante. "Qualquer dia em que a gente chegue, pode fazê o batismo." Mas numa cidade a leste, disse, "Não há padre há três anos, agora", e acrescentou: "Meu sobrinho que mora a seis léguas da cidade ouviu dizê que o padre tinha chegado e levou os dois filhos dele prá serem batizados. Mas quando estavam a ainda alguma distância do lugá, encontrou o carteiro de volta prá Posse e ele disse que o padre já tinha ido embora".



Nos batismos em casa nos Gerais, o pai ou a mãe realizam o ritual se não existe ninguém por perto. Mas "precisa sair primeiro da casa e grita três vezes o nome de uma pessoa em que ele ou ela pensa". Se não houver resposta, continua com o batismo. Contudo, a criança precisa ser chamada, se menino, de João, Joaquim, ou Manuel, "que", acredita o informante, "são as três pessoas da Trindade" e, se menina, Ana ou Maria. O ritual, da forma descrita pelo nosso informante, desenrola-se da seguinte maneira: "José (ou qualquer outro nome permitido) eu te batizo no nome das três santas pessoas, que são o Pai (levando a mão direita à testa), o Filho (pondo a mesma mão no peito) e o Espírito (pondo a mão no ombro esquerdo) Santo (pondo a mão no ombro direito), Amém" (levando a mão aos lábios). A cabeça da criança é então umedecida com um pouco de água, e passado um pouco de sal na sua cabeça e boca. Contudo, se a criança sobreviver, precisa ser batizada novamente na igreja por um padre, embora o mesmo nome, disse o pai, deva ser usado novamente.

### *O Processo de Dar Nome à Criança*

Nada obstante, numerosos batizados, em especial nas cidades, são realizados na igreja, oficiando um padre. Nessa ocasião, a criança recebe um nome de caráter oficial, que pode ou não ser comumente usado depois pelos amigos. Em alguns casos, pode vir a ser preferivelmente conhecido durante toda a vida por um apelido (ver abaixo).

O nome próprio pode ser escolhido durante os últimos meses da gravidez da mãe, embora nem sempre. Em Passagem Grande e em outras localidades, os padrinhos amiúde exercem considerável influência na escolha. Às vezes, os pais escolhem o nome, ajudados, talvez, pelos padrinhos, ou ocasionalmente somente a mãe ou o pai,<sup>13</sup> quando não pela parteira sozinha ou em consulta com a mãe ou alguém mais. Em quatro batismos presenciados em Rio Rico, por exemplo, duas das crianças receberam nomes escolhidos pelos respectivos pais e nenhuma das duas outras mães sabia que nome teria o filho antes da cerimônia, porque estava esperando a decisão das respectivas madrinhas. Disse uma mãe que queria "um nominho bonito como Benjamin", mas que cabia à madrinha escolher, e o que "ela escolheu, esse é o nome".<sup>14</sup> Os nomes próprios

13. Às vezes, mãe e pai não concordam com o nome. Em pelo menos um caso, o de uma mulher de Rio Rico que queria chamar a filha de "Helena", embora o pai preferisse "Anastácia", em homenagem à sua mãe, a preferência da mãe finalmente venceu.

14. Ocasionalmente, contudo, a mãe e a parteira não concordam. Uma parteira de Sertão Novo, por exemplo, que auxiliou o nascimento do filho de uma mulher que vivia amancebada, queria que ele se chamasse "Damião" porque fizera uma promessa a São Damião no nascimento dele. A mãe, porém, objetou, chamando-o de "Marcos Luiz", depois do que, segundo se soube, a parteira "ficou desgostosa".

de três filhos de outra mãe local, contudo, foram escolhidos por ela com a ajuda da parteira, enquanto que os de cinco crianças de outra família o foram todos pelo pai. "Quando estava prá batizá um de nós", disse uma menina, "meu pai saiu e o nome que achava, botava".

Com muita frequência, todavia, não há necessidade de que alguém escolha o nome desde que, de conformidade com costumes muito antigos, diz-se que a criança mesmo "trás o dia", isto é, tendo nascido no dia consagrado à memória de um dado santo, automaticamente lhe recebe o nome. Um informante em Garrafão, nos Gerais, por exemplo, disse que o nome é escolhido pedindo-se a uma pessoa que sabe ler que "procure no almanaque ou na cartilha e encontre o nome do santo do dia". Em Pesqueira, observou-se que caso não se "gostasse" do nome do santo, poderia ser usado o nome listado no dia *seguinte*.<sup>15</sup> Se, como amiúde ocorre, os pais são analfabetos, alguma outra pessoa — por exemplo, em Passagem Grande, o farmacêutico — é geralmente solicitado a prestar esse serviço.<sup>16</sup>

A criança pode receber o nome de determinado santo, contudo, não somente porque nasceu no dia a ele consagrado, mas por outros motivos, como, por exemplo, porque o pai ou a mãe lhe têm particular devoção, ou em consequência de uma promessa.<sup>17</sup> Disse um informante do Retiro que se uma mãe perdeu diversos filhos, deve "fazê promessa de pôr nome na criança de Adão e Eva prá não morrê". "E dá certo mesmo", disse outra mulher presente: "Lá em casa eu e meu irmão temos nomes de promessa." Predominante entre os nomes de santos usados para essa finalidade em Passagem Grande figura o de José, desde que, nesta região de chuvas escassas, São José é considerado o "controlador da chuva".<sup>18</sup> Disse também um informante de Passagem Grande que se a criança nasceu com o cordão umbilical em volta do pescoço, deve ser chamada José, "prá que São José proteja ele". Antônio é também nome favorito para meninos. Em Passagem Grande, por exemplo, entre os 67 nomes masculinos constante dos cartões de registro do Posto de Saúde local, começando com a letra "A", Antônio aparece 33 vezes.

15. A mãe de uma criança de 3 meses não a batizara ainda porque não gostava do nome "que a criança trouxe" (Veronice), considerando-o nome feio.

16. Uma mãe em Retiro, perguntada qual seria o nome do filho recém-nascido, respondeu que estava em dúvida, "desde que a *Folhinha* comum dava um santo do dia e a *Folhinha Mariana* dava outro". Disse ainda que o nome escolhido seria um dos dois, provavelmente o da segunda folhinha "porque deve estar mais certa".

17. Em pelo menos um caso, disto resultaram duas irmãs com o mesmo nome. Ao nascer a mais nova em Rio Rico, a mãe adoeceu gravemente e fez uma promessa a São Raimundo, aparentemente não se lembrando que a outra filha era também chamada de Raimunda. As irmãs foram registradas com o mesmo nome (Raimunda Barbosa Pereira) no cartório e na igreja, e ambas o assinam da mesma maneira. A fim de distinguir entre elas, os demais membros da família usam um apelido para a mais velha.

18. Tão comum é este nome que um morador, especialmente se da parte menos favorecida da população, ao aproximar-se de uma pessoa desconhecida, diz-lhe, por exemplo: "Ó, Seu Zé, o senhor qué engraxá o sapato?" Ou, na feira: "Ó, Seu Zé, me dê um cruzado disso".



Ocasionalmente, a criança pode receber o nome de outro membro da família ou de um amigo. Uma criança em Rio Rico, por exemplo, recebeu o nome do pai, dado pela mãe, e outra de Cerrado o de "Paula Avelina", em homenagem às avós. Às vezes, também, a criança pode ganhar o nome de uma ou mais personalidades políticas favoritas. Em Passagem Grande um menino foi chamado pelo pai de "Eduardo Arnon", em honra do Brigadeiro Eduardo Gomes, antigo candidato à presidência do Brasil, e Arnon de Melo, líder estadual do mesmo partido. Em casos raros em Passagem Grande, são usados nomes de profetas ou outras figuras bíblicas.

Especialmente entre a classe alta, as crianças são às vezes contempladas com nomes que um, ambos os pais, ou parentes e amigos consideram meramente agradáveis ao ouvido ou desejáveis por outro motivo, como, por exemplo, uma mulher de Cerrado que julga Jorge Luiz "um nome bonito". Nas famílias mais cultas, os romances podem ser origem de nomes. Um costume recente entre pessoas da elite local em Passagem Grande e outras localidades é dar à criança o nome de um ator ou atriz favoritos do cinema.<sup>19</sup> Nomes de heróis antigos, especialmente gregos, são ocasionalmente usados, especialmente por pais ansiosos para aumentar seu *status* e o dos filhos. Referindo-se em tom de desaprovação a um desses homens, disse um informante em Passagem Grande: "Basta o pai ter umas fumacinhas de conhecimentos para botar no filho o nome de Tucídides ou Pitágoras. Pobre dos coitados dos parentes mais velhos, que nunca chegam a aprender direito o nome dos pequenos. Conheço uma mulher que jamais aprendeu a dizer o nome do neto, 'Pitágoras.' Para ela o menino é sempre 'Epitaza!'"

Em Cerrado, Pesqueira e Sertão Novo, observou-se que algumas famílias gostam de dar aos filhos nomes que começam com a mesma letra. Uma mulher de Cerrado, por exemplo, deu aos filhos nomes de origem inglesa ou alemã que começam com "W", incluindo Wander, Walker, Weber e Walkiria,<sup>20</sup> ao passo que os pais de seis moças em Sertão Novo chamaram-nas respectivamente de Noêmia, Nilda, Nilta, Neuma, Nomilde Maria e Maria Nomilde, sendo as duas últimas gêmeas, enquanto quatro filhas e um filho de outra família de Sertão Novo são, respectivamente, Selson Mário, Sônia Maria, Silvia Dolores, Solange Maria e Selma Lúcia. Conjuntos semelhantes de nomes foram notados em seis outras famílias do local, sendo as letras, respectivamente, A, E, L, V e W (em dois casos) alguns dos quais incomus na região embora

19. A maioria dos moradores, contudo, amíúde tem dificuldade com a pronúncia de nomes de atores e atrizes estrangeiras. "William", por exemplo, transforma-se em "Vilão".

20. Uma das filhas, contudo, chama-se "Normanda" porque, disse a mãe, quando o pai foi registrá-la esqueceu o nome "Waine", que ela sugerira e, lembrando-se que ela dissera certa vez que gostava de "Normanda", deu-se esse nome.

conhecidos no Brasil e outros deliberadamente forjados. Em uma dessas famílias, os nomes dos quatro meninos começam com A e os das três meninas com O. As oito irmãs de outra família são todas chamadas de Maria, em cada caso com um segundo nome diferente.<sup>21</sup> Um total de 27 outros nomes pouco conhecidos em São Paulo foram notados em Sertão Novo pelos nossos pesquisadores, enquanto pelo menos cinco — Dorgival, Epílogo, Pafúncio, Pancrácia e Propércio — comuns em Passagem Grande, raramente são usados em São Paulo.

Virtualmente todos os nomes próprios, com exceção dos poucos deliberadamente formados ou tirados de romances e outras fontes, são de derivação portuguesa, embora às vezes, com um prefixo árabe, como por exemplo, *Al*. Mesmo na Ilha do Toré, na Seção Norte das Corredeiras, e onde a população descende na maior parte de indígenas, raramente, se é que alguma vez, é dado um nome de derivação ameríndia. E mesmo em áreas de influência afroameríndia, como Passagem Grande, somente de raro em raro, ou talvez nunca, é encontrado um nome de derivação africana. Em Retiro, nas proximidades de Cerrado, na bacia do Alto São Francisco, contudo, entre os nomes próprios anotados pelos nossos pesquisadores figuraram Dengo e Gonde, bem, como lembrando a época da escravidão, Nhonhô.

Conforme esclarecido no capítulo intitulado *Família, Parentesco e Compadrio*, a criança usa às vezes o sobrenome da família ou grupo de parentesco do pai ou da mãe. Em outros casos, o arranjo a este respeito pode ser muito diferente. Na Ilha do Toré, por exemplo, é costume que rapazes usem como sobrenomes o nome do pai e, as moças, o da mãe, embora este costume não seja mais seguido em todos os casos. Pelo menos ocasionalmente, também, o nome próprio de um avô pode ser acrescentado. Dando um exemplo, um menino agora com 12 anos, cujo pai se chama José e cujo avô é chamado Raimundo, foi chamado pelo pai como Antonio José Raimundo", e assim está registrado no cartório local, sem sobrenome. O costume, entretanto, não é seguido na vizinha Sertão Novo. Em Cerrado, no Alto São Francisco, a pessoa pode ser chamada no trato diário apenas pelo nome próprio ou seguido pelo nome próprio do pai, se vivo, ou pelo da mãe, especialmente se o pai morreu, ou do grupo de parentesco a que pertence, como, por exemplo, "Geraldo dos Miranda", ou "Rita desses Barbosa do Buriti Queimado." Um rapaz cujo nome próprio é Geraldo, é conhecido como Geraldo Cristiano, este último nome de batismo do pai, e como Geraldo Cordeiro, pois pertence ao grupo de parentesco Cordeiro.

Em Passagem Grande, observou-se que o nome próprio do pai pode ser acrescentado ao do filho juntamente com um sobrenome.

21. Todas têm também apelidos diferentes.



Os filhos de Lourenço dos Santos, chamados Porfírio e Sabino, são conhecidos como Porfírio Lourenço dos Santos e Sabino Lourenço dos Santos. Este costume, pelo menos em forma algo alterada, pode estender-se também, como no caso de uma moça, ao nome da mãe e mesmo da avó. A neta de uma mulher conhecida como Dona Genoveva era conhecida como "Vevinha da Dona Vavá da Dona Genoveva." Outro costume ocasionalmente observado consiste em dar ao filho parte do nome próprio do pai, combinado com parte do nome próprio da mãe.

Uma mulher em Cerrado, aparentemente refletindo uma atitude relativamente nova no local e bastante incomum, disse que numerosas pessoas velhas, "por volta de 70 anos de idade", tendem a "dar importância demais a nomes de família". Acha que todo mundo devia ter apenas o nome próprio, que o nome da família não tem importância, e que todos deviam "ser conhecidos pelo nome que eles próprios escolhessem". Dois dos seus filhos têm seu nome de solteira, e não o do pai, embora uma das crianças use os sobrenomes de ambos.<sup>22</sup> No uso diário, contudo, é raro em todo o Vale chamar uma pessoa pelo nome completo.

*Apelidos.* Em todo o Vale o uso de apelidos, especialmente entre a parte mais pobre da população, mas em extensão considerável também entre a elite, é muito comum. "Aqui, a gente pergunta pelo nome certo da pessoa", observou o coletor estadual de Cerrado, "e ninguém conhece, mas se pergunta pelo apelido, todo mundo sabe quem é". Em vários locais, vários informantes disseram que "todo mundo aqui tem apelido". Um cidadão ilustre de Rio Rico conta a história de um juiz de direito, natural da capital, Salvador, que foi nomeado "para certa comarca no interior". Ao ser informado que no lugar para aonde fora designado todo mundo recebia um apelido, o juiz disse que a ele não fariam isso ou, se fizessem, processaria o autor. Mal havia descido do navio que o trouxera à cidade, contudo, perguntaram ao carregador que lhe levava a valise de quem era aquela mala. Na resposta, o carregador botou logo um apelido no juiz. Um rapaz de Couro de Porco, nos Gerais, chamado sempre de "Tião", não sabia seu nome próprio quando interrogado. Respondeu: "Às vezes, eu me esqueço." Uma mulher de Sucuriu, na mesma área, ao lhe ser perguntado o nome próprio da filha pequena, respondeu que não sabia e que ninguém sabia, porque "ninguém oiô o nome dela". Em Pesqueira, observou-se que crianças e adultos chamam numerosas pessoas pelos apelidos. Em Petrolândia, o coletor estadual disse ao autor que um rapaz local chamado Ajamar é apelidado de "Masinho."

22. St. Hilaire, em 1817(1938 b, II-53), escrevendo sobre essa região disse que (na ocasião) os semi-civilizados Macumís davam aos filhos "os nomes dos santos e um nome de família, português", além de um nome nativo, pelos quais eram subsequentemente chamados. O último era geralmente "a primeira coisa em que pensavam ou que se apresentava aos seus olhos no momento do nascimento da criança", como, por exemplo, "Batata cozida".

“Ele não atende por ‘Ajamar’.” disse o informante, “só se a pessoa usa ‘Masinho’.” Em Cuscuzeiro, o uso de apelidos é mais comum do que o de nomes próprios e, em Passagem Grande, são tão comuns que se os usam ocasionalmente em assinaturas de documentos legais.

Os apelidos surgem de uma grande variedade de circunstâncias. Podem ser pespegados no indivíduo em virtude de fatos de sua vida, especialmente se de caráter dramático, de algum hábito ou atitude característicos, em razão de um ou mais traços físicos, psicológicos ou pessoais que possui ou se pensa que possui. Talvez derivem de sua ocupação, ou do seu local de origem. Com maior frequência, talvez, são meramente diminutivos, refletindo afeição paternal ou abreviações e corruptelas de nomes próprios.

Deste último tipo foram observados em uso em Passagem Grande e Cuscuzeiro, por exemplo, os seguintes: Bezinho, Bebê, ou Beбето, para Alberto; Chiquinho, ou Chico, para Francisco; Cirico, por Ciríaco; Ditinha, por Benedita; Lula, ou Lulu, por Luís; Marinho por Mario; Né, Maneco, Malula, ou Manduca, por Manoel; Tião, por Sebastião; Toinho, Totonho, Tonho, ou Totó, por Antônio; Tonha, ou Totonha, por Antônia, e Zezinho, Zé, Zezé, Dé, Dezinho, Juca ou Zeca, por José. Em Rio Rico, ouviu-se Zuza por José, enquanto outros apelidos usados no local deste tipo incluíam os seguintes:

| <i>Apelido</i> | <i>Nome Próprio</i> | <i>Apelido</i> | <i>Nome Próprio</i> |
|----------------|---------------------|----------------|---------------------|
| Bela.....      | Jubelina            | Milu.....      | Camila              |
| Betinha.....   | Arabela             | Mirinha.....   | Almida, Zulmira     |
| Bezinha.....   | Izabel              | Miro.....      | Altemiro, Casemiro  |
| Bia.....       | Maria               | Mundinha,      |                     |
|                |                     | Nina.....      | Raimunda            |
| Canô.....      | Nicanor             | Narinha.....   | Donária             |
|                |                     | Nena.....      | Melânia             |
| Ceça.....      | Conceição           | Nenzinha.....  | Aldegundina         |
| Cinha.....     | Rodesina            | Noi, Noinha..  | Ináuria             |
| Deca.....      | Angélica            | Noquinha....   | Joana               |
| Detinha.....   | Bernardete          | Quinca.....    | Joaquim             |
| Dió.....       | Deodeciano          | Sussu.....     | Ursulina            |
| Florzinha..... | Floripes            | Té.....        | Walter, Vaterlina   |
| Guilé.....     | Guilhermina         | Tias.....      | Martiniano          |
| Gundes.....    | Aldegundes          | Vandinha,      |                     |
| Lena.....      | Almerinda           | Vanda.....     | Vanderlina          |
| Lili.....      | Astrolides          |                |                     |
| Lôro.....      | Lourenço            |                |                     |
| Lôra.....      | Lourença            |                |                     |
| Mariinha,      |                     |                |                     |
| Marocas.....   | Maria               |                |                     |

De tipos semelhantes é a maioria dos apelidos de oito irmãs de Sertão Novo, todas as quais têm o nome próprio de Maria (ver acima): Izinha, por Maria Luiza, Belinha, por Maria Isabel,



Detinha, por Maria Expedita, Assonha, por Maria Sônia, Silu, por Maria Auxiliadora, Dé, por Maria Zélia, Miminha, por Maria do Carmo, e Xu, por Maria de Lourdes.

Características físicas ou hábitos pessoais que lembram aos amigos animais ou comportamento animal constituem fontes comuns de apelidos. Em Passagem Grande, por exemplo, um homem é chamado de "Papagaio" por causa de seu estilo de falar, que os colegas consideram "como o do papagaio"! Outro é chamado "Zé Periquito" devido ao seu estilo de andar, ao passo que diversos são apelidados em virtude de sua presumida grande semelhança com certas características físicas de certos peixes ou outros animais aquáticos, como por exemplo, Chica Boca de Bagre, João Bagre, Manoel Bagre, Sr. Camarão, Zé Camurim, Mandim, Pedro Peixinho, Piau, e Pongê. Um homem em Retiro é apelidado de "Anta" porque, segundo se diz, "come um bocado", e um padre não muito popular numa das localidades estudadas era chamado de "Ararão", devido ao seu "nariz de papagaio, que chega primeiro".

Uma moça em Retiro é chamada de "Canela" porque tem "pernas finas e delicadas", outra de "Garotinha Gire (Gir)", "porque tem uma testa parecida com essa raça de gado bovino", e uma terceira como "Cunija", "porque é miúda". Conforme indicado por este último caso, o tamanho determina com frequência o apelido. Um homem de Passagem Grande, por exemplo, é alcunhado de "Mané Grande", "porque é o mais alto da região", enquanto a outro chamam de "Zé Pequeno." O apelido "Pipoca" é dado às vezes a mulheres de pequena estatura, "Zé Cocó" a um homem porque "ele tem cabelo cacheado, que faz cocó". O farmacêutico de Sertão Novo é conhecido por razões mais do que evidentes como "João Boca Grande" e dois homens de Pesqueira respectivamente como "Zé Cara Azeda" e "Chico Feio."

Os apelidos nascem com frequência da cor da pele da pessoa, como por exemplo, um homem em Cerrado que é chamado de "Moreno" por ser o mais moreno da família e, uma moça de Rio Rico, de "Rapa-pau" pela irmã de cinco anos (e muito loura) porque também é morena. Uma moça de Retiro é chamada de "Manga Rosa" devido à sua cor rosada e, um garoto, de "Fumo", porque é preto.<sup>23</sup> Um homem de Pesqueira é alcunhado de "Chico Branco" e, da mesma forma que em Sertão Novo, várias pessoas muito louras são apelidadas de "Galego."

Em Passagem Grande, pelo menos dois homens, conhecidos na comunidade respectivamente como "Pedro Cego" e "João Saci",<sup>24</sup> são assim chamados em virtude de defeitos físicos. Algu-

23. Além disso, dizia-se também que ele gostava muito de um cão preto que tinha esse nome.

24. O homem em questão tinha uma única perna como, segundo se pensa, aconteceu também com o ser mítico chamado saci.

mas pessoas recebem os apelidos em virtude de um defeito físico dos pais, como, por exemplo, "Pedro da Nhana Cega" e "Zé da Muda."

Conforme referido antes, o comportamento habitual dá às vezes origem a apelidos. Um rapaz de Retiro, por exemplo, é alcunhado de "Pedro Chorão", porque, disse, "vive chorando. Se não consegue o que quer, abre no berreiro". Um morador de Sertão Novo muito conhecido por pedir emprestado cinco cruzeiros sem nenhuma intenção de pagar a dívida é alcunhado de "Pedro Cinco Mi-réis". A um homem de Cuscuzeiro chamam de "Cravinho" porque "gosta de andar de roupa branca",<sup>25</sup> enquanto outro é conhecido como "Luiz Gonzaga",<sup>26</sup> "porque tem o hábito de cantar e tocar o acordeão". Um indivíduo de Passagem Grande que quando xinga uma pessoa, animal, ave ou mesmo planta geralmente usa as palavras "Esse filho da gota serena",<sup>27</sup> mereceu o apelido de "João da Gota Serena" e outro, conhecido por manter relações sexuais com mulheres idosas, é chamado de "Rasga Véia" e também de "Come Mãe." Um bispo que residiu outrora na área foi distinguido com o apelido de "Pente Fino" porque, disse um informante, "por onde passava, não deixava nada".

Ocasionalmente, o apelido chama a atenção para a *falta* de alguma desejada característica na pessoa em questão. Um morador de Rio Rico que "falava muito em satisfação" era conhecido como "Satisfação", ao passo que um rapaz de Cerrado que "não gosta da folia", era chamado de "Zé Nossa Senhora."<sup>28</sup>

Conforme também sugerido, um fato na vida da pessoa, especialmente se dramático e que causa surpresa aos amigos, pode dar origem a um apelido. Um homem de Rio Rico chamado Joaquim, por exemplo, ao ver certo dia "uns cabra mole" tentando sem êxito domar um garrote o suficiente para atrelá-lo a um engenho, "com a força e sob a influência do álcool", agarrou o animal e atrelou-o. Perguntando aos cabras, "Quer que eu monte no garrote, também?", montou-o. Daí em diante passou a ser conhecido como "João Garrote" e assina mesmo "Garrote" e recebe correspondência com esse nome.<sup>29</sup> Um morador de Passagem Grande que, certa vez, durante um período de sêca viu uma nuvem e apregoou: "Lá vem chuva!" e choveu mesmo, passou a ser conhecido como "João Profeta", ao passo que um de Pesqueira é conhecido, muito vulgarmente, como "Caga-na-pistola", porque, segundo se diz, "tirou uma vez a pistola e cagô nela mesmo" (isto

25. Também chamado "Durinho".

26. O nome próprio do homem é Luiz. Luiz Gonzaga é um conhecido artista de rádio brasileiro.

27. Expressão local para blenorragia.

28. Mais tarde, quando outro rapaz passou a ser visto amiúde em sua companhia, veio a ser conhecido como "Menino Jesus".

29. A irmã é conhecida como "Joana Garrote". Um irmão, porém, disse que quando crescer, "Quero ver me chamarem de garrote! Eu não sou garrote!"



é, não atirou). Um morador de uma das localidades estudadas é alcunhado de "Côco", porque, em menino, foi enviado do campo, onde a família trabalhava, para buscar um copo em casa e, quando não voltou quando esperado, os demais membros foram ver o que acontecera e, encontrando-o no quarto, perguntaram-lhe porque estava ali. Quando respondeu que "estava procurando um côco debaixo da cama", disse o irmão: "Botei nele o apelido de 'Côco' e pegou." Um indivíduo de Pesqueira é chamado de "Gringo Preto", porque, quando um amigo que ele azucrinava chamou-o certa vez de "Charuto", ele respondeu "Você é muito alvo, por isso você é um gringo."<sup>30</sup> Outro de Rio Rico é chamado de "Providência" porque, certa vez, ao passar pela casa de um amigo e ser chamado diversas vezes e solicitado a entrar, respondeu de cada vez: "Não posso. Volto depois. Vou ali tomar umas providências." Uma mulher recebeu o apelido de "Santa" porque nasceu no Dia de Todos os Santos.

Ocasionalmente, o apelido é consequência da ocupação da pessoa. Um ferreiro de Passagem Grande, por exemplo, é chamado de "Pempem", e um rapaz que viajou para estudar como "Estudante", enquanto três outros homens são alcunhados respectivamente de "João Padeiro", "Zé Rapadura", e "João Sacristão". Diversos outros moradores são apelidados com os nomes das canoas-de-toldo que possuem, entre eles, "Zé Baiano", cuja canoa chama-se "Baiano", "Pedro Carapotó", que tem um barco batizado de "Carapotó", e "Maria Canadá", cuja embarcação chama-se "Canadá". Um homem é conhecido como "Manoel da Grotá" porque trabalhou vários anos num curteme localizado no interior de uma caverna. Já um padre de Sertão Novo é alcunhado, aparentemente por amigos lá não muito íntimos, de "Bicho Papão."

Manoel Brejão, de Passagem Grande, é assim chamado porque veio de Brejão, um vilarejo situado na foz do São Francisco e, um morador de Retiro, de "Quito de Itapecerica",<sup>31</sup> porque seu pai, que chegara à área muitos anos antes, procedia de Itapecerica. Mesmo antes de saber o nome do pai, os moradores descobriram que vinha daquele lugar e, quando seu nome veio a ser geralmente conhecido, era ainda chamado de Itapecerica, passando o apelido finalmente para o filho.

Alguns apelidos são muito pitorescos, refletindo bem a tendência característica dos moradores, tanto entre os analfabetos como entre os cultos, de empregar na conversação frases apropriadas, altamente descritivas e capazes de prender a atenção,

30. A pessoa em questão é um abastado comerciante e não parece aborrecer-se em ser chamada pelo apelido.

31. É ainda conhecido por três outros apelidos: *Pescocinho Enterrado*, *Quitocheque*, "porque está sempre dando um cheque, mesmo por 20 cruzeiros", e *Xingador de Filho da Puta*, porque "é louco para chamar os outros por esse nome".

como, por exemplo, em Retiro, *Chupá-ovo*, em Cuscuzeiro, *Quatro Ventos*, e em Passagem Grande, *Venta Grossa*, *Quebra-Costa*, *Urubu-de-bombico*, *Treme-Terra*, e *Bunda de Aço*.

Em alguns casos, os apelidos refletem o período da escravidão no Brasil ou origens africanas ou ameríndias, como, por exemplo, Sinhô, Caburé, Caôio,<sup>32</sup> Catumbi, Ioiô, Jajaba, e Maromba, em Retiro; Sinhá e Sinhazinha em Rio Rico e Pesqueira e, em Passagem Grande, Caborje e Calanga-cega. Somente no dia em que um conhecido de nossos pesquisadores em Passagem Grande, chamado de Ciprianinho do Cipriano casou-se, foi sabido seu nome legal: José Martins Fontes. Seu avô fora escravo de um indivíduo chamado Coronel Cipriano e, embora batizado como "Florival", fora sempre conhecido como o "Negro do Coronel Cipriano." O filho deste escravo recebeu o nome de "Deodoro" na pia batismal, mas era variadamente chamado de "Dó do Cipriano", "Cipriano", ou "Caboco Supriano." Entre os quinze filhos de Deodoro, um deles, o indivíduo conhecido pelos nossos pesquisadores, foi batizado como "José", mas veio a ser conhecido, em vez disso, como "Ciprianinho do Cipriano." Alguns homens são conhecidos pelo nome da esposa e assim se referem a si mesmos, como por exemplo, "Benedito Marta", cuja esposa se chamava Marta.

Algumas pessoas são designadas por mais de um apelido ao mesmo tempo. Um homem em Cerrado ocasionalmente chamado de "Chico Muqueca" por motivo desconhecido, era também apelidado de "Buxexa de Calanga" em virtude de seu pequeno físico. Outro é alcunhado de três formas diferentes: em Cerrado, como "Chico Batata", porque vende batatas na cidade; na sede do município vizinho como "Chico dos Ovos", porque os vende ali; e na sede de outro município como "Chico Ferrão", por motivo desconhecido de nosso informante. Uma moça nos Gerais, embora batizada como "Ana", é chamada de "Nega" pelo pai e "Amara" pela mãe, sendo o último o nome que ela sugeriu ao padre na hora do batismo mas que este recusou, dizendo que "Isto não é nome."

Apelidos dados em casa ou por amigos e conhecidos durante a infância "pegam" frequentemente pelo resto da vida. Em alguns casos, contudo, outros são dados por amigos de acordo com circunstâncias modificadas ou algum fato dramático. Um rapaz de Cerrado, por exemplo, conhecido anteriormente como "Nenê", embora se chamasse Antenor, brigou certa vez na rua e ficou uma fera, passando a ser chamado de "Tenório." Em alguns casos, tais mudanças ocorrem mais de uma vez na vida. Em Passagem Grande, por exemplo, um homem alcunhado inicialmente de "Sergio do Cabo Chico", porque o pai era soldado de polícia, mais tarde veio a ser conhecido como "Sergio Cachaça" em virtude

32. O indivíduo em questão tem um único olho.



das bebedeiras que tomava, e, mais tarde ainda, como "Sergio Quinca", do nome da professora com quem casou. Durante nossa pesquisa, algumas pessoas começavam a chamá-lo de "Sergio Contrabandista", porque se dizia que ele andava fazendo contrabando e que também misturava água com a cachaça que vendia. Este último apelido, contudo, nunca era pronunciado em sua frente. Ocasionalmente, um filho herda o apelido do pai e mesmo do avô, ou uma filha o da mãe. Pelo menos um caso foi observado em Passagem Grande no qual a esposa ganhou o apelido do marido em seguida à morte dele, embora, naturalmente, em forma feminina.<sup>33</sup>

Sobretudo entre as elites locais depara vez por outra o observador com pessoas, especialmente as que em alguma ocasião da vida moraram em grandes cidades e que conhecem as atitudes dos demais a esse respeito, que não consideram "boa educação" o uso de apelidos. Não obstante, o número delas parece ser relativamente pequeno. É encontrada também uma ou outra pessoa entre as classes menos favorecidas que não gosta de apelidos nem os aprova, pelo menos para si mesma ou um ou mais de seus filhos. Um informante de Cerrado, por exemplo, não os suporta, especialmente o costume local de usar nomes engraçados. Ao ser perguntado se os moradores eram contrários a serem chamados por apelidos, disse o informante que seu irmão, Zé, objetava violentamente a ser chamado de "Zé Ferrujo", porque houve certa vez um homem com esse nome que era maluco. E ele mesmo matou um papagaio que tinha esse nome. Em Couro de Porco, nos Gerais, um garoto não gosta de seu apelido. Foi ouvido dizer: "Meu nome é Francisco, e a primeira pessoa que me chamá de 'Chico', eu brigo."

Ocasionalmente, um pai manifesta-se contra o apelido de um dos filhos porquanto a criança em questão teve o nome consagrado a um santo por uma promessa. Uma mãe em Rio Rico, por exemplo, não admitia que a filha, chamada "Raimunda", tivesse apelido porque, no nascimento, uma promessa fora feita a São Raimundo. "Promessa, não é?" disse a mãe. Em Passagem Grande, observou-se que pessoas que recebem apelidos em virtude de algum defeito físico ficam às vezes ressentidas "mas que finalmente se conformam", disse um morador, exceto um em casos excepcionais. Um homem que gagueja habitualmente é chamado, com grande desgosto seu, de "Viu-viu", porque, antes de pronunciar uma palavra difícil diz às vezes "Viu? Viu?" Se distraidamente chamado pelo apelido por algum novato na comunidade, porém, dirige-lhe "uma infinidade de impropérios", notou um observador.

33. "Camaroa", dado à viúva do "Sr. Camarão".

## capítulo VI

### PREPARAÇÃO FORMAL E INFORMAL PARA A VIDA

Estudiosos observaram há muito tempo que os membros de determinado grupo conseguem manter sua cultura relativamente intacta porque geralmente morre um único deles, ou apenas uns poucos de cada vez, e não todos numa única ocasião. As gerações, assim, se superpõem, de modo que a mais jovem recebe da mais antiga quase completo em alguns casos e em certas circunstâncias, e imperfeitamente em outros e em diferente conjuntura, o conjunto de atitudes, idéias, crenças, pontos de vista, valores, técnicas e conhecimentos acumulados pelo grupo ao longo dos anos. De sua parte, os membros da geração mais antiga herdaram quando eram crianças a maior parte da cultura de membros dos de uma época anterior.

Esta transmissão é possível mediante comunicação, de uma forma ou outra, e ocorre, diariamente, em todas as partes do mundo. Talvez se faça na maior parte sem que se perceba, de maneira informal, como subproduto natural e espontâneo da associação humana, muito embora ocorra, entre todo os povos, pelo menos até certo ponto, de forma mais formal e deliberada.

#### *Treinamento Informal*

Numa sociedade essencialmente rural e de folk como a de grande parte do Vale, a interação da qual emerge a maior parte do treinamento informal da criança ocorre principalmente no seio da família e nas relações de compadrio; em meio das atividades da ocupação diária dos pais e amigos; na casa da fazenda, não somente no que interessa aos filhos do fazendeiro, mas também, e talvez mais importante, aos filhos de outras famílias que residem na mesma ou em fazendas vizinhas; nas ruas do vilarejo ou pequena cidade, e no trabalho nos campos; em atividades religiosas,



especialmente em festas e missas, incluindo, em algumas comunidades, a presença ou a proximidade dos cultos dos penitentes, do candomblé ou do toré (ver *Ritual, Cerimônias e Crenças*); em grupos de conversação quando a criança está presente; crescentemente agora por meio do rádio e, em alguns casos, mas em grau relativamente limitado, considerando o Vale como um todo, por meio de jornais, revistas e livros; na escola, pois lá muito se aprende de modo casual e informal, especialmente dos colegas e em atividades extra-curriculares, tais como cerimônias especiais, incluindo, ocasionalmente, o teatrinho, talvez mesmo mais em alguns casos do que como reação a esforços formais dos professores para transmitir a herança cultural.

Conforme indicado alhures, uma das funções básicas da família é o treinamento informal da criança, no qual pais, irmãos, tios, tias e avós desempenham geralmente os papéis mais importantes. É em contato com eles que as crianças passam a maior parte da vida até crescerem, especialmente as moças que, tanto no interior como nos vilarejos e pequenas cidades, geralmente permanecem na casa paterna mais tempo do que os rapazes, e com algumas pessoas que se orgulham do fato de seus filhos pequenos, incluindo meninos, raramente saírem de casa. Um rapaz em Cerrado, na área do Alto São Francisco, por exemplo, disse que seu pai nunca permitiu que ele brincasse na rua quando criança.

Os principais instrumentos do treinamento informal são, portanto, os membros da família, o compadrio, os brinquedos, os grupos ocupacionais, conversacionais, religiosos e recreativos, juntamente com os colegas de escola. A esses principais agentes são ocasionalmente acrescentados um ou outro viajante ou visitante de fora ou, nos casos de crianças que costumam acompanhar pais e parentes em viagens, outras pessoas e lugares estranhos e, no caso de algumas crianças em algumas das cidades, o cinema, o clube, ou um palco onde são realizados espetáculos teatrais de amadores.<sup>1</sup>

Do treinamento informal dependem principalmente a instilação de hábitos corporais, incluindo os referentes à alimentação, maneira de andar, falar e o tratamento de doenças; a transmissão de geração à geração de técnicas empregadas para ganhar a vida, especialmente as relativas às atividades agrícolas e caseiras, de modo que, ao crescer, a criança já possui um considerável repertório do tipo de habilidades e informações necessárias à sobrevivência nas condições ocasionalmente ásperas do meio físico; a absorção do mores e a inculcação da disciplina; a transmissão da etiqueta de instituições familiares, religiosas e políticas, as manei-

1. Disse um morador de Rio Rico, cidade situada no Planalto Ocidental da Bahia, que "aprendi muito foi no palco". Quando era criança, um grupo local patrocinava espetáculos teatrais de amadores na cidade.

ras de empregar o lazer, e outros elementos da herança cultural, como os provérbios, os ditos habituais, os mitos, as lendas e as anedotas, bem como as idéias e atitudes do grupo em questão a respeito desses vários aspectos da herança cultural.

Geralmente, o treinamento informal é irregular, sem premeditação, espontâneo, sem padrão fixo. Às vezes, porém, e habitualmente durante curtos períodos de tempo, pode tornar-se deliberado e intencional e, destarte, assumir algumas das características do treinamento formal. Isto ocorre, sobretudo, pela aplicação de sanções negativas, como, por exemplo, o controle de hábitos corporais, como os ligados à urina e às fezes.

Em Cuscuzeiro, no Baixo São Francisco, nas proximidades do mar, por exemplo, a criança é severamente repreendida se, depois dos três anos, urina nas roupas ou na cama, ou defeca no interior da casa. Se o comportamento continua, pode ser castigada ou, como se diz, “chega a apanhar”. Entrementes, é ensinada a comer, geralmente pela mãe, que na vizinha Passagem Grande, por exemplo, faz um mingau de farinha e o coloca na boca da criança com o dedo indicador. O velho costume de manducar o alimento da criança é encontrado também em Passagem Grande nas casas dos chamados “grandolas”, bem como nas choupanas de parte menos favorecida da população. São inculcados também outros hábitos alimentares, como o uso de “papinhas” e “engrossantes”. A medida que a criança cresce, insiste-se com ela em tom de brincadeira que se equilibre sobre os pés e que caminhe em direção à mãe, pai, ou outra pessoa. As primeiras palavras que pronuncia são geralmente festejadas com entusiasmo e comentários e ela é encorajada a adquirir este meio quase indispensável de comunicação. O significado de certas coisas, como chás feitos com as diferentes ervas encontradas na vegetação nativa próxima da casa (ver *Doenças e Seu Tratamento*, Tomo II) é-lhe transmitido quando ela mostra sinais de desconforto ou dor — como também o significado de todos os demais objetos — pela maneira como as pessoas em volta agem em relação a eles.

Simultaneamente, quando ainda muito jovem, a criança começa nas brincadeiras a imitar as atividades que se desenrolam em volta, usando no cinto, em Cuscuzeiro, por exemplo, um pedaço de madeira lembrando um machete, uma peixeira, ou um cutelo, todos os quais são usados diariamente pelos adultos; brincando no rio e pondo a flutuar paus como se fossem canoas; fazendo caneiros no solo arenoso e “plantando” arroz nele; montando em varas como se fossem cavalos; e empenhando-se em “lutas” de sabugos de milho com “membros” dos outros “bandos de cangaceiros”.<sup>2</sup>

2. Contribuindo, dessa maneira, para manter vivas as recordações das façanhas de Lampião e outros indivíduos do mesmo tipo (ver “Cangaço”).



Entrementes, as meninas brincam de preparar refeições, fazem pequenos pães de barros ou "pelam" o arroz e outros alimentos; cuidam de bonecas, que chamam de filhas; ou fingem plantar e cortar o arroz.

Certo dia, em Passagem Grande, foram observadas crianças transformando sementes de mamona ou manga e quatro palitos num "boi", caixas de fósforos em "carros de boi", enquanto outras construíam pequenos barcos veleiros ou jangadas para lançar nas poças d'água ou mesmo no rio. Durante o dia, enquanto os pais trabalham nos arrozais, as crianças podem permanecer em casa com os irmãos mais velhos ou, talvez, com a avó ou mesmo — nesta tranqüila cidade onde ela não corre o perigo de ser atropelada por um veículo — brincar na rua, "a escola sem paredes e... de céu aberto", como observou inteligentemente um de nossos pesquisadores, "onde as crianças aprendem muito". À noite, com os pais sentados à porta da casa, escutando uma roda de moças cantando à luz da lua, aprende sem esforço ou planejamento folguedos cantados e tradicionais, com pequenas variações, em todo o Brasil, ao passo que outras, principalmente meninas, podem brincar "de roda" nos quintais ou mesmo nas ruas. Em Cerrado, notam-se amiúde grupos de meninos brincando juntos, correndo às vezes pela rua, quando não construindo uma fogueira. Numerosos rapazes que são hoje companheiros de grupos de conversação, de festas, bailes ou jogos de futebol, costumavam ser membros do mesmo grupo de folguedos, cujas aventuras relembram com certo orgulho e satisfação.

Pela mera observação dos pais e outras pessoas nas tarefas diárias, as crianças começam aos poucos, espontaneamente, a imitá-las. É assim transmitida a maior parte das técnicas de ganhar a vida, com pouco ou nenhum treinamento da criança, pela geração mais antiga à mais jovem. Em Cerrado, por exemplo, um lavrador que parara para descansar na roça, disse ao filho de 6 anos que ele podia "capinar um pouco." Embora o trabalho estivesse obviamente acima das forças do menino, ele pareceu contentíssimo em lhe ser dada oportunidade de fazer o mesmo tipo de trabalho que observara o pai realizar. Em Pesqueira, na parte inferior do Médio São Francisco, crianças de 3 ou 4 anos são vistas frequentemente ajudando a girar, pelo menos durante curto espaço de tempo, os carretéis enroladores dos fios de caroá até que se cansam e a mãe lhes diz para parar, observando: "Vovês ainda não sabem trabalhar direito". Ao chegarem aos 7 anos, os meninos começam a ajudar os pais e outros homens na pesca, puxando as redes com tanta força quanto lhes permitem os pequenos músculos. Entrementes, as meninas aprendem, sobretudo ao observarem as mães, como processar e enrolar caroá e mesmo tecer redes e fazer

renda de bilro. Em Sertão Novo, na Seção Norte das Corredeiras, como de resto em outras localidades, as meninas começam desde cedo a ajudar as mães a trazer água do rio, seja para suas casas seja para casas na cidade, equilibrando na cabeça, como viram as mães fazerem, pequenas vasilhas de água. Uma menina de 4 anos foi vista certo dia cuidando da irmã de 1 ano, como vira a mãe fazer. Crianças pequenas em Passagem Grande e Cuscuzeiro acompanham frequentemente os pais às lagoas de arroz, onde permanecem durante todo o dia, às vezes brincando ou observando o trabalho dos mais velhos. Aos 6 anos, os meninos começam a ajudar na colheita do arroz, a remar, a manejar o leme da canoa, a iscar anzóis, ou catar maçunim, enquanto as meninas, além de cuidarem das crianças mais jovens, como aliás em todo o Vale, ajudam a preparar as refeições da família e, às vezes, trabalham nas lagoas de arroz e na cata de maçunim.

Finalmente, a criança aprende certos trabalhos, seja por sugestão dos pais seja, como acontece com mais frequência, por sua própria iniciativa e mesmo insistência. Uma mãe em Rio Rico, no Planalto Ocidental da Bahia, disse a respeito das filhas, de 10 e 11 anos de idade, respectivamente: "Cada uma tem uma obrigação: cuidam da roupa dos irmãos, dão banho neles, fazem compras, e assim por diante". Netinho, um menino de Rio Rico, de 13 anos de idade, é "muito trabalhador", disse a mãe, "traz a vaca, tira leite, molha as plantas, bota água, como nós". Em Retiro, na área do Alto São Francisco, os rapazes começam a fazer o trabalho de homens "na enxada" aos 15 anos mais ou menos e, às vezes, um pouco antes. As mocinhas ajudam ocasionalmente a colher feijão ou algodão. Nestas e em situações semelhantes, as crianças aprendem técnicas que foram desenvolvidas pelos antepassados em determinadas tarefas, incluindo o manuseio de ferramentas simples e outros equipamentos. Conhecem pessoas estranhas à família e aprendem a trabalhar em concorrência e colaboração com elas, bem como a tratar com pessoas relacionadas com as ocupações que exercerão como adultos, tais como empregadores, compradores e vendedores.

Na cidade vizinha de Cerrado, os garotos aprendem a ajudar os caixeiros nos armazéns, a trabalhar como ajudante de barbeiro, a lustrar sapatos, a vender jornais,<sup>3</sup> ou a carregar as valises dos viajantes. Alguns meninos<sup>4</sup> em Pesqueira, Passagem Grande e numerosas outras cidades, ao chegarem aos cinco anos, começam a vender de porta em porta doces ou rendas-de-bilro feitos pelas mães ou outras pessoas da família. Nestes locais, as crianças que trabalham são não apenas estimuladas pelas vantagens materiais

3. Um menino da localidade é ajudado pela irmã nessa tarefa.

4. Embora as meninas possam ocasionalmente ajudar a vender tais artigos, geralmente ficam em casa auxiliando a mãe em outras tarefas.



trazidas pelo trabalho, mas, talvez mais, pelo desejo "de ser como gente grande", quando não pelo elogio aos seus esforços feitos por pessoas mais velhas, dentro e fora da família.

As idéias e atitudes religiosas são transmitidas à nova geração principalmente pela imitação inconsciente, de parte da criança, dos atos dos mais velhos, especialmente no seio da família, mas também em cerimônias e festas religiosas. Em numerosas residências, as crianças vêem amiúde estampas de santos nas paredes ou no oratório no canto de um cômodo, decoradas com fitas e flores e outras manifestações de respeito e apreciação dos membros mais velhos da família. Semelhantemente, em outros lares, as crianças podem adotar de modo espontâneo e não propositado as atitudes, práticas e crenças de seitas protestantes ou do espiritismo. Na Ilha do Toré, nas proximidades de Sertão Novo, na Seção Norte das Corredeiras, em Pesqueira e onde quer que o culto dos penitentes seja praticado, podem observar pelo menos partes do ritual e serem levadas a imitar, inconscientemente, ou talvez por insistência, as atitudes e costumes dos pais e amigos, seja em apoio seja em oposição ao mesmo. De forma análoga crianças na Ilha do Toré e em outros locais, como um menino de 5 anos que foi visto certa vez imitando os cantos e danças deste culto, podem absorver, principalmente por imitação inconsciente ou, às vezes, por participação real, as atitudes, práticas e crenças do toré, enquanto que em outras localidades, como em Juazeiro e Passagem Grande, podem adotar, juntamente com elementos de outras heranças, as atitudes, crenças e práticas do candomblé.

O uso do ócio constitui também um padrão da geração mais antiga absorvido em grande parte sem esforço consciente. Conforme sugerido acima, as crianças aprendem informalmente em casa a participar de jogos infantis e gradualmente começam também, sem orientação consciente, a participar de grupos de conversação e, aos poucos também, dos jogos dos mais velhos, como por exemplo, dos em que são usadas cartas. Em festas religiosas e seculares, crianças pequenas observam e, às vezes, participam de diferentes diversões. Em um baile numa casa de Rio Rico na véspera de São João, por exemplo, dançaram dois pares de crianças, os rapazes e as meninas de 11 e 12 anos cada. Numa reunião da recém-fundada Sociedade Culto-Recreativa de Sertão Novo, numerosas crianças, a maioria meninas, foram observadas sentadas acompanhando a dança até às 9 horas da noite. Meninos e meninas de 12 anos ou mais dançaram também, sendo considerável, certa noite, o número de pares dessa idade.

Em todo o Vale, os meninos estão frequentemente presentes quando homens conversam, escutando-lhes as observações, participando às vezes da risadaria geral ou mostrando interesse, espanto, prazer ou medo, de conformidade com o tema da conver-



sação. As meninas, sob o olho atento da mãe, participam com frequência também dos grupos de conversação de mulheres e, em alguns casos, especialmente quando se tornam adolescentes, moças e rapazes podem ter permissão para participar.

Em Retiro, observou-se que numa das casas de fazenda locais os filhos<sup>5</sup> dos agregados amiúde acompanham os pais quando estes procuram membros da família do fazendeiro para combinar trabalhos, tratar de vários negócios, simplesmente conversar, descansar um pouco da faina, ouvir o rádio do patrão ou, às vezes, mesmo fazer uma refeição. Diariamente, durante todo o dia, alguns dos filhos dos agregados mais íntimos do fazendeiro e de sua família brincam em volta da casa de fazenda ou no terreiro.

As crianças frequentemente escutam também, nas cidades e vilarejos do Vale, quando um ou mais caixeiros viajantes, que periodicamente visitam a área, conversam com pessoas mais velhas da cidade. Em Cerrado e outras localidades, não é raro encontrar crianças que sentem mais interesse por jornais e revistas do que os pais. As de dez anos ou mais, que moram perto do centro da cidade, sempre vão ao cinema, especialmente nas tardes de domingo. Nas suas conversações, notam-se idéias, atitudes e gestos copiados dos filmes. Como os frequentadores do cinema nas tardes de domingo são quase exclusivamente crianças e adolescentes, o controle dos adultos sobre o comportamento da geração mais jovem nessa ocasião é, obviamente, menos eficaz do que se as crianças estivessem em casa ou mesmo na rua.

Em bora grande parte do mores local seja absorvido inconscientemente pela criança por mera observação e participação no comportamento de outras pessoas com quem entra em contato, ela é também geralmente orientada nisto, de modo informal, pelos pais e amigos. Na verdade, os pais estão sob obrigação de parte dos seus respectivos grupos, de criar os filhos de acordo com o mores local, para que eles "andem direito", conforme se diz.

Quando em torno de uma fogueira noturna certa noite, numa casa nos Gerais, no Planalto Ocidental da Bahia, nas proximidades de Rio Rico, um de nossos pesquisadores cantou a música intitulada "Peguei um Ita no Norte", de Dorival Caymmi, o verso que atraiu maior atenção foi o referente à mãe que diz ao filho prestes a viajar: "Meu fio, ande direito, que é prá Deus lhe ajudá". A mãe da família observou que "a mãe deve sempre dar conselhos ao filho", ao passo que o marido observava: "É isso mesmo. Quem anda direito, tá certo, tem Deus e o mundo".

Crescendo as meninas, "dão mais trabalho", disse uma mãe em Rio Rico, "pois a gente tem mais responsabilidade com elas",<sup>6</sup>

5. Raramente, também as mães.

6. "Além disso", acrescentou outra mãe, "precisamos ensinar a elas muitas outras coisas, como costurar". "Os meninos, não. Correm para a rua e aprendem em outros lugares."



isto é, o mores exige maior cuidado, especialmente no tocante ao comportamento sexual. Por esse motivo, os irmãos, mesmo muito jovens, são encorajados a assumir responsabilidades para com as irmãs. Um pai em Pesqueira, por exemplo, referindo-se a um filho de 6 anos que saíra para ir buscar a mais nova que se encontrava na rua, disse orgulhosamente: "Ele já olha a irmã". Observou-se também em Cerrado que muitos dos pais "mais cuidadosos" levam também em conta a provável influência da própria conduta sobre a das crianças. Um indivíduo, em conversação com outros homens, observou, por exemplo que, "o homem casado precisa ser mais controlado nos costumes para dar exemplo aos filhos".

A educação sexual, contudo, amiúde incompleta e mesmo inexistente é feita geralmente apenas por meio de conversações ouvidas ou informações transmitidas por outras crianças. O farmacêutico de Sertão Novo disse que "orienta" o filho "em tudo, mesmo na conduta com as moças". Mas acrescentou que é extremamente raro que os pais tomem no local uma atitude tão deliberada e constante em relação aos filhos. Maria Luzia, contudo, uma mãe também da elite local, não permite que os filhos escutem o que considera observações indiscretas feitas em conversação por ela e outros adultos, porque, diz, "é feio para uma criança aprender certas coisas numa idade imprópria". Acrescentou que quando os filhos lhe perguntam, "como é que a comadre (a parteira) traz um nenê?" ela respondeu: "É à noite e o nenê chega num caixão". E que quando perguntam, "Como é que são feitos os nenês?" faz como se não tivesse ouvido. Sabe que "há livros que insistem em que se expliquem esses assuntos às crianças", mas julga "a idéia absurda".<sup>7</sup> Por outro lado, alguns adultos não têm tanto cuidado. Uma mãe em Rio Rico, por exemplo, falou sobre a "desonra" na presença e mesmo com o auxílio de uma filha de dez anos. Numa cidade do Médio São Francisco, três professoras conversavam certo dia na presença de escolares quando uma delas observou, em tom de brincadeira, que uma das outras estava grávida. A conversação prosseguiu durante algum tempo na mesma veia brincalhona.

Embora este costume aparentemente não seja comum, a mãe pode dar à filha, antes do casamento, conselhos baseados na sua própria vida de casada. Uma informante em Cuscuzero, por exemplo, contou que a mãe aconselhou-a na véspera do casamento dizendo: "Se seu marido vai prá rua, voce não deve seguí-lo. Se se encosta bêbado em você, deixe que ele faça sua vontade 'prá não brigá'. O rapaz recebe também ocasionalmente conselhos antes do casamento, embora isto provavelmente também não seja co-

7. As crianças, contudo, colhem amiúde informações sexuais numa idade muito precoce. Uma menina de 3 anos de Passagem Grande põe em dúvida a alegação dos pais de que as crianças "vêm no bico de um pássaro", embora nem o pai nem a mãe tenham mencionado em sua presença, segundo disseram, coisa alguma relativa ao nascimento.

mum. Um informante local relembra que, quando estava para casar, um tio procurou-o em casa e disse-lhe "muito cerimoniosamente: 'Homem, tenha juízo! Casamento não é brincadeira! Não maltrate sua mulher e cuide bem dos filhos quando eles vierem!'"

Estreitamente relacionada com o mores e, em alguns casos, constituindo parte integral dele é a etiqueta. Ouviu-se uma mãe em Cerrado instruir a filha pequena a "dizer 'Muito obrigada!'" todas as vezes que você ganha alguma coisa de outra pessoa". Um pai aconselhou ao filho: "Não responda 'Ahn?' quando uma pessoa mais velha chamar. Diga, 'Senhor?'" Na ocasião, em Rio Rico, em que uma filha entrou na casa onde a mãe recebia uma visita e não a cumprimentou, à primeira chamou-lhe imediatamente a atenção para a necessidade de "dizer 'Bom dia!'" todas as vezes em que há visita.

Em Pesqueira e em outras localidades, o respeito pelas pessoas mais idosas constitui uma característica cuidadosamente inculcada nos jovens pelos pais. Ensina-se geralmente à criança a ceder o lugar a uma pessoa mais velha. À chegada de um visitante adulto, os pais "mais cuidadosos" chamam os filhos e mandam que lhes peçam a bênção. Na ocasião em que, durante uma conversação, um menino de cinco anos referiu-se a certa senhora dizendo "aque-la mulher", a avó interrompeu-o dizendo que ele não devia usar uma expressão daquelas falando "de uma senhora", e aduziu "uma mulher casada é sempre uma senhora".

Os provérbios, muito usados na área, são frequentemente empregados em casa pelos pais, especialmente quando dão conselhos a filhos e filhas. Um indivíduo em Passagem Grande, por exemplo, ao insistir com o filho em que adotasse certa forma de conduta, observou: "Quem não sabe rezar, xinga a Deus". Quando outro filho entrou chorando, depois de brigar na rua, o pai lembrou-lhe que "devia evitar a rua", acrescentando: "Cobra que muito caminha leva pau".

*Disciplina.* Conforme indicado no capítulo anterior, viajantes estrangeiros que andaram pelo Vale no passado, especialmente os ingleses, fizeram repetidas observações sobre a falta de disciplina das crianças. Infelizmente, não identificaram de modo específico a classe social dos pais em questão nem sua herança cultural, se principalmente portuguesa, ameríndia ou africana, ou se uma mistura delas nas vicissitudes do novo conjunto de circunstâncias ecológicas e sociológicas do meio brasileiro.

Não há dúvida de que atualmente a disciplina é exigida no lar por numerosas famílias no Vale, em geral pelo pai ou avô, às vezes por um irmão ou irmã mais velha, ocasionalmente com rigor, sobretudo por infração do mores e menos por infrações mais leves. Em Pesqueira, por exemplo, foi observado uma avó dar ta-



pas no neto que cometera uma pequena infração. Outra mulher bateu no filho porque ele não queria escovar os dentes e quebrara a escova. Outros motivos de castigo observados incluíram: falta de respeito pelo pai ou avô, sendo tal conduta definitivamente contrária ao mores em todo o Vale, acarretando mesmo sanções sobrenaturais, desobediência a uma ordem do pai, "briga" com um irmão, e "traquinagens". Na ocasião em que um menino pequeno começou a chorar sem motivo, uma mãe de Sertão Novo ameaçou-o de dar-lhe uma "peia" se não se calasse. E disse que o faria porque "de outra maneira, quando você crescer, não vai mostrar respeito pelos pais". Outra mulher de Sertão Novo pediu às professoras que a informassem de qualquer trela dos filhos na escola e disse que, como os pais do autor lhe disseram em outra parte do mundo, quando voltassem para casa "receberiam na certa o castigo", medida esta que os filhos conhecem e temem. Um pai, chamado João de Deus, distingue-se por exigir que todos os filhos trabalhem porque, disse, "o filho que não trabalha e passa o tempo vagueando com um cigarro pendurado no canto da boca termina arrombando casas". Fazendo comentários elogiosos a Possidônio, um militar cujos filhos não podem correr pelas ruas, disse um velho morador: "Aquele homem sabe como educar os filhos". Uma moça, cujos pais lhe delegaram autoridade para exigir disciplina dos irmãos e irmãs mais jovens, castiga-os em todas as ocasiões em que considera isso necessário. A principal parteira da cidade, uma mulher corpulenta de uns 50 anos de idade, muito respeitada pelas crianças, quando vê uma delas que, pensa, não está "andando bem", ameaça-a imediatamente de "metê-la na cafua". Certo dia colocou uma menina, que não estava usando calcinhas, num desses quartos e que "chorou a não mais poder", disse um dos nossos pesquisadores, depois do que outras meninas aproximaram-se da mulher e levantaram os vestidinhos para mostrar que *elas* as estavam usando, "como deviam".<sup>8</sup> Em Passagem Grande uma mãe de 17 filhos precisava, quando eram pequenos, "só olhar com severidade e eles compreendiam". Nos raros casos em que não o faziam sentava-se, chamava-os e castigava-os mesmo que "eles pedissem desculpas pelo amor de Deus e de Nossa Senhora".

A forma de castigo usada para manter a disciplina varia consideravelmente. Em Cerrado, os pais aplicam às vezes um verdadeiro castigo; noutras, meramente ameaçam, ou podem procurar estimular a obediência apelando para as qualidades que a criança tem, ou espera ter, e que o grupo valoriza. Ocasionalmente, privam-na de certos alimentos de que ela gosta, forçam-na a perma-

8. Esses arranjos mais informais foram forçados em anos recentes por controles mais formais. Se os pais de Sertão Novo não impedem que as crianças frequentem bodegas e o clube, o próprio juiz de direito procura-as e envia-as para casa.

necer sentada ou de joelhos durante um demorado período de tempo, ou batem-lhe com uma vara, cabresto, taca,<sup>9</sup> laço, chicote ou — especialmente se o castigo é aplicado pela mãe — com um chinelo. Uma menina de uns 12 anos contou que havia muito tempo não levava uma surra. A última ocasião ocorrera quatro anos antes quando um vizinho a convidara e aos irmãos e irmãs para chupar mangas num quintal. Havião chupado mangas verdes contra as instruções do pai. Disse ela: “Mas a última vez todos nós apanhamos, mesmo a minha irmã mais velha, que estava com um irmãozinho de meses no colo. Ela disse: ‘Papai, não me bata que tô com o menino!’ Mas papai mandou ela pôr o menino no chão e ela apanhou do mesmo jeito. Célia e Vitor tiveram que deitar às 4 horas da tarde e comeram só no outro dia. Na hora da janta tinha arroz, feijão, ovo cozido e não sei mais o quê. Papai fez a gente comer arroz e feijão puro”. “Mas papai falou”, continuou a menina, “que bater deixa os meninos sem-vergonha. Ele bota a gente de castigo de outra maneira. Faz a gente ficar sentada umas duas horas sem fazer nada na sala onde ele trabalha (na alfaiataria). Um dia quando o Mario estava de castigo, pegou uma revista para ver, mas papai tomou a revista e disse que não era para fazer nada”.

Um homem de Januária, a cidade onde ocorreu o incidente descrito por Burton e mencionado no capítulo anterior, disse ao autor e a seus colegas que castiga o filho quando “ele não anda direito”, não lhe dando algo de que gosta muito, fazendo-o ficar em pé em frente à parede de um cômodo e dando-lhe ordem para olhá-lo diretamente durante algum tempo, puxando-lhe as orelhas e, às vezes, mas somente em casos raros, batendo-lhe nas pernas com uma correia “até doer”. Em Pesqueira, não é comum o espancamento. Por pequenas infrações, podem ser dadas palmadas com a mão, beliscões, ou batidas com os nós dos dedos e, por trelas mais sérias, uma surra com um chinelo, sapato, tiras de cipó, vara, ou tábua ou, no caso de “grandes traquinagens dos meninos”, com chicote, ou “correião”.

O meio mais comum de castigo no local, contudo, à parte talvez o chinelo, é a palmatória. Castiga geralmente a mãe, agindo o pai apenas no caso das grandes infrações, ocasiões em que se empregam meios mais severos. Raramente isso ocorre, contudo, no caso de meninas. Se ocorre, a punição é geralmente aplicada com um cinto de couro. Uma mãe disse que bate muito nos filhos “com vara, relho, chicote, o que quer que eu encontre à mão quando preciso”. Embora os poucos casos em que os pais apliquem o que é considerado como castigo excessivo possa provocar comentário dos vizinhos, não há interferência ativa de fora da família,

9. Um tipo de correia curta feita de couro.



desde que o controle do comportamento dos filhos pelos pais é considerado de suprema importância. O receio de castigo futuro, contudo, é muitas vezes suficiente para impedir a criança de violar gravemente qualquer tradicional norma de comportamento.

Na Ilha do Toré, quando um menino de 5 anos recusou-se a imitar por ordem da mãe os cantos e a dança do toré, ela deu-lhe 6 "bolos" na mão com uma palmatória e castigou-o, ainda, privando-o da sobremesa durante 6 dias e proibindo-o de sair de casa durante o mesmo período de tempo. Em Passagem Grande, os castigos incluem o puxão de orelhas ou do cabelo, beliscões, uma ou mais palmadas,<sup>10</sup> o pescoção, o cocorote (croque), o trompaço, a batida com o chinelo, um mulambo de cipó rodilha, a palmatória,<sup>11</sup> o cinto, o relho, ou a tabica.<sup>12</sup> Em Passagem Grande, contudo, na manutenção da disciplina são usados mais amiúde gritos,<sup>13</sup> proibições de sair de casa, uma conversação enérgica com a criança, corrigindo-a, orientando-a, ou admoestando-a, conhecida como "carraspana", ou "chamar a brios" ou, talvez com mais frequência, sustos, especialmente durante a primeira infância, quando se diz à criança: "Não faça isso porque o boi da cara preta, o pavão que está em cima do telhado, a visagem, a assombração, ou o papa-figo vem pegá você".<sup>14</sup>

A maioria dos castigos no Vale, contudo, quando de fato ocorre, é leve, especialmente quando aplicados pela mãe, conforme se traduz na seguinte quadrinha ouvida numa roda de crianças em Passagem Grande:

Minha mãe me deu uma surra  
de mulambo de rodilha;  
chorei, foi de dengosa,  
que mulambo não doia

A menina de Cerrado cujo relato de uma surra aplicada pelo pai foi transcrita acima, disse que "mamãe só dá beliscão, e mesmo assim não dá com força. Ela depois se arrepende e adula e, assim, a gente consegue aquilo que ela não quis dá e que foi pelo que agente apanhó". Laurita, uma moça de Sertão Novo, quando se encontra em casa de férias da escola, que se situa em outra cida-

10. Conhecidas comumente como "enxugar a mão no corpo da criança" ou "bater nelas com o lenço de cinco pontas".

11. A palmatória é também usada na escola (ver abaixo) e pela polícia local.

12. Uma vareta de madeira flexível, ou talo de palmeiras.

13. Alguns pais, embora nunca batam nos filhos, não apenas gritam com eles, mas xingam-nos ocasionalmente usando expressões como "bobão", "cara de jumento", "boca de burro", "cavalão", "criança sem educação", "sem vergonha", ou "descarado".

14. Disse uma mãe que quando um dos filhos não quer comer ou dormir, ameaça-o de "chamar o rato que vive em cima do telhado, para vir comê-lo". Outras prometem chamar "o bicho que vem do rio", ou "a bruxa que chupa o sangue".

de, não pode por determinação do pai ir a bailes exceto em companhia da mãe e do irmão mais velho.<sup>15</sup> Mas facilmente obtém permissão da mãe quando o pai está ausente. Disse que sabe que a mãe sempre a apóia quando ela briga com o pai e que, embora não goste que ela tome parte em esportes, ela o faz todas as vezes que o pai viaja. Embora, ao voltar para casa possa ser repreendida pela mãe, “não se incomoda”, disse.<sup>16</sup>

Se levarmos em consideração todas as crianças do Vale, qualquer que seja a família ou classe a que pertencem, o castigo, especialmente de caráter corporal é, com toda probabilidade, relativamente raro. Em alguns casos em Cerrado, certos pais aparentemente não davam importância à falta de obediência dos filhos. Uma mãe de Rio Rico disse que nunca bateu nos filhos e que o marido só bateu em um único dos meninos quando soube que ele desobedecera à avó. Uma mãe em Sucuriu, nos Gerais, deixou que o filho pequeno chorasse no colo enquanto torrava farinha de mandioca e nenhum esforço fez para calá-lo. Além disso, o controle da conduta do rapaz, conforme já indicado, sobretudo quando cresce, é em toda parte menos rigoroso do que no caso da moça. Uma mãe em Rio Rico, expressando um fato comum a todas as localidades estudadas, disse que o rapaz “pode ir pra onde quiser — o homem é livre, já nasce liberto. Com 18 anos, até menor, pode sair como quiser. Mas a moça, não”.

São encontrados também, pelo menos em Cerrado, um ou mais pais que deliberadamente procuram reduzir o controle no comportamento do filho na expectativa de que “ele aprenda com a vida”, isto é, com os próprios erros. Em alguns casos pelo menos, isto se deve à convicção, às vezes firme, às vezes frouxa, de que “a preparação da criança para a vida moderna exige que ela tenha maior liberdade”.<sup>17</sup> O farmacêutico de Sertão Novo procura ser “o maior amigo” do filho para que ele “se sinta à vontade” quando em sua companhia e “não em falar comigo a respeito de qualquer assunto”. Algumas pessoas em Cerrado tampouco gostam de castigar os filhos, com receio de que “eles fiquem desorientados na vida” depois da morte dos pais. Além disso, observou-se pelo menos em Cerrado a crença de que os pais que castigam os filhos sem razão são punidos mais tarde.

15. O pai raramente deixa que ela saia com as amigas quando elas pedem, dizendo que ela mesma deve pedir permissão o que, disse ela, não faz nunca.

16. A moça, contudo, está preocupada com dois dos irmãos. “Em todo lugar aonde vou”, disse, “mesmo em brincadeiras em casas de famílias, João fica observando tudo o que faço e depois vai contar a meu pai. Dedé é o pior de todos, pois inventa o que não aconteceu. Viana é muito bom, não conta nada. Diz, porém, que se me vir dançando, ‘fará brincadeiras’ na presença de papai. Valmir pede a meu pai para deixar eu ir às festas e me leva. Quando somente ele me acompanha, sei que posso dançar e brincar à vontade. Mas se eu fizer alguma coisa de que ele não goste, ele conversa comigo sobre isso depois”.

17. Esta convicção é ainda extremamente rara no tocante às moças. Contudo, uma mãe em Cerrado disse que “dá asa” às filhas e que “as moças precisam sair um pouco”.



### Preparação Formal

O treinamento consciente do filho prossegue, assim, até certo ponto no lar, geralmente de forma casual e informal e, às vezes, de maneira mais persistente. Um homem em Cerrado mostrou ao nosso pesquisador com evidente orgulho, por exemplo, como sua filha de três anos de idade sabia fazer o sinal da cruz. Uma mãe disse em Passagem Grande que ensina aos filhos a rezar quando acordam pela manhã e vão dormir à noite. As orações incluem o Padre Nosso, a Ave Maria, e o "Anjo do Senhor." Os filhos aprendem também a rezar pela saúde dos pais, dos avós, irmãos e irmãs e pelo avô recentemente falecido. Em algumas partes do Vale, conforme esclarecido no Tomo II, vigora ainda o sistema de aprendizado. Em Pirapora, por exemplo, o autor conheceu um rapazola de 14 anos que trabalha como aprendiz de alfaiate, sem pagamento, "para que eu possa aprendê a sê alfaiate", disse ele. Além do lar e do sistema de aprendizado, entre outros agentes do treinamento formal incluem-se os líderes de culto, entre eles, em diferentes casos, os da Igreja Católica Romana, da seita Protestante, do grupo Espírita, ou de um torê ou candomblé (ver *Rituais, Cerimônias e Crenças*). O principal instrumento do treinamento formal, contudo, é a escola.

Entre as diversas localidades estudadas pelos nossos pesquisadores, talvez Cerrado reflita mais do que qualquer outra a presença da escola ao longo de um período de tempo. Segundo o censo de 1950, naquela ocasião o município contava com 952 pessoas, ou 10,7 por cento da população de 10 anos de idade ou mais que completaram as classes da escola secundária, e 8, ou 0,1 por cento dos indivíduos de 10 anos ou mais, que haviam recebido treinamento posterior à escola secundária. A distribuição dessas pessoas por sexo e pela instituições educacionais mais avançadas onde haviam se formado era a seguinte:<sup>18</sup>

| Sexo      | Só Elementar | Secundária | Superior | Total |
|-----------|--------------|------------|----------|-------|
| Masculina | 425          | 15         | 7        | 447   |
| Feminina  | 466          | 38         | 1        | 505   |
|           | 891          | 53         | 8        | 952   |

*Atitudes em relação à escola.* O funcionamento de qualquer instituição é obviamente muito influenciado pelo caráter das atitudes que a seu respeito são adotadas, em qualquer determinado local pelas várias pessoas implicadas. No caso da escola, incluem: 1) na escola, 2) as atitudes dos professores, a) nas relações recíprocas, b) em relação aos alunos, c) em relação ao processo

18. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *VI Recenseamento Geral do Brasil — 1950*, Série Regional, Vol. XXI, Tomo I, 1954.

de aprendizagem, d) em relação aos pais dos alunos, e e) em relação à comunidade em conjunto. Uma investigação detalhada dessas várias atitudes, além dos limites do presente estudo, seria amplamente justificada.

Até certo ponto, contudo, tais atitudes são evidentes, às vezes explicitamente, ocasionalmente por inferência, em todos os dados constantes do restante deste capítulo. Poder-se-ia observar também que, de parte de pais e crianças, em todas as localidades estudadas, as atitudes variam, com toda probabilidade, da aceitação quase completa da escola, do professor e do processo de aprendizagem até a quase completa rejeição, e que as atitudes predominantes oscilam, pelo menos em certo grau, de acordo com a comunidade, classe e filiação religiosa. Aparentemente, é maior a aceitação da escola, do professor e do processo em cidades como Barra,<sup>19</sup> na parte Média do São Francisco, e nas cidades que mantêm contato mais estreito com centros metropolitanos, como Belo Horizonte, ao sul, entre membros da elite local em todas as comunidades, e entre as famílias protestantes. Essas hipóteses, naturalmente, requerem mais evidência para comprová-las do que foi possível obter dentro das limitações do presente estudo. E existem também exceções óbvias, que se revestem de notável significação.

Em Cerrado, a escola local é evidentemente uma instituição de prestígio aos olhos de grande número dos moradores. Nas festas de formatura durante nosso período de pesquisa, por exemplo, as pessoas consideradas como as principais "autoridades", incluindo o padre, o juiz de direito, e o promotor público não apenas compareceram mas participaram ativamente do programa, fazendo discursos ou entregando diplomas. Os pais dos formandos, juntamente com outros pais, não apenas estiveram presentes mas mostraram estar possuídos de grande orgulho pelas realizações dos filhos. A maioria escutou como visível satisfação as exaltações retóricas da escola, dos professores e do processo educacional. As mães comparecem às festas dadas pelas classes onde estão matriculados os filhos.<sup>20</sup> Uma mãe da classe menos privilegiada, que recentemente se mudara da área rural do município para a cidade, examinou os livros de leitura usados pelos filhos no Grupo Escolar e referiu-se a eles elogiosamente. Para talvez mais pessoas aqui do que nas demais localidades estudadas, a educação dos filhos além da que pode ser obtida localmente constitui motivo suficien-

19. Um filho nativo desta cidade recorda-se (ver Rocha, pág. 220) que há muitos anos Barra "orgulhava-se" de ter filhos alfabetizados. Conta que um barão daquela cidade, ao visitar um hospital no Rio de Janeiro na qualidade de chefe do Corpo de Saúde do Exército brasileiro, ao encontrar internado um soldado também de Barra, "sem outras indagações, mandou-o assinar o nome, porque não podia admitir que houvesse nativo da vila de Barra que não soubesse ler e escrever".

20. Nessa ocasião são convidadas a sentar na mesa principal com a professora e outros visitantes adultos.



temente forte para levá-las a pagar aulas particulares ou enviá-los a um colégio interno numa cidade distante, pequena ou grande, ou mesmo mudar o local de residência (ver abaixo).

Algumas pessoas em Cerrado atribuem valor utilitário à educação. O proprietário de uma das pensões da cidade, por exemplo, observou certa vez para o filho de 8 anos, a respeito de um rapaz da cidade: "Silvino perdeu hoje uma grande oportunidade por não saber ainda escrever. Se soubesse, podia ter feito um requerimento e conseguido um dos lotes de terreno da prefeitura."<sup>21</sup> Algumas pessoas, convencidas de que quanto mais instrução tem uma pessoa mais fácil para ela ganhar a vida, consideram a educação como "outro trunfo" na luta pela vida, uma indicação do sucesso do indivíduo. De fato, sobretudo nas áreas mais rurais, como também na vizinha Retiro, alguns dos moradores costumam considerar a educação como uma porta para escapar do duro trabalho manual. Logo que dois rapazes em Retiro, por exemplo, fizeram "um curso rápido complementar" oferecido pelo Estado, algumas pessoas, inclusive os pais de ambos, começaram a considerá-los "livres agora da necessidade de trabalhar na roça". "É até judiação", disse o pai, "pôr esses meninos na enxada. Eles podem conseguir agora ocupação mais leve". Outros lavradores de Retiro foram ouvidos quando diziam que a educação "é muito útil para os pobres", desde que de outra maneira, "não têm outro modo de ganhar dinheiro, a não ser o serviço bruto da enxada".

Contudo, nem em Cerrado e, em especial, nem em Retiro, são muitas as pessoas que consideram a educação suficiente em si para garantir o sucesso do indivíduo na luta pela vida. O pai em Retiro mencionado acima pôs os filhos "a trabalhar na enxada" mesmo depois de terem feito o curso rápido, também referido acima, fato este que racionalizou dizendo: "Quero que eles experimentem um pouco mais da vida dura da roça para saberem quanto custa ganhar dinheiro." Tampouco são numerosas as pessoas que consideram a instrução como uma vantagem na luta pela vida.

De fato, em Retiro e Cerrado, mais importantes do que a "proficiência em noções elementares", são consideradas atividades tais como "aprender a viver", tornar-se "bem considerado" e prestigioso, aprender a ganhar dinheiro e a namorar. Embora a instrução possa agora aumentar o prestígio de determinado indivíduo aos olhos de outros, poucos dos moradores que desfrutaram de maior prestígio tiveram, no máximo, mais de três ou quatro anos de educação elementar.

21. A prefeitura doou recentemente lotes em certas partes da cidade com a finalidade de estimular a construção de casas em alguns locais.



A aprendizagem da língua e de alguns maneirismos, e a adoção de certas atitudes, opiniões, e do que se consideram localmente "boas maneiras" — todas as quais adquiridas quase exclusivamente fora da escola — são julgadas indispensáveis. E quando essas atitudes, opiniões e formas de etiqueta comuns à comunidade não são adotadas ou seguidas, os infratores podem ficar sujeitos a sanções negativas, porque a falta de treinamento refletida no que se chama de "má educação" é geralmente condenada com severidade. Por outro lado, na opinião da maioria dos moradores, mesmo de Cerrado, a instrução é talvez algo apenas desejável, sendo julgada a competência adquirida apenas como vantagem adicional a ser acrescentada a outras de importância ainda maior. Um cerradense não pareceu muito perturbado e nem mesmo decepcionado quando, por exemplo, durante uma conversação com amigo, reconheceu que o filho, como disse, "Não quer saber de escola. O que ele quer é vaquejar no sítio do tio." Embora esse pai fizesse algum esforço para encorajar o filho a estudar, não pensa que o futuro dele dependa em qualquer grau apreciável da educação. Alguns pais mantêm ocasionalmente os filhos fora da escola durante algum tempo, parcialmente porque precisam de sua ajuda na roça ou em outras tarefas familiares, mas também, até certo ponto e, em alguns casos, talvez inteiramente, porque não dão muito valor ao processo educacional em si. Ao contrário, acreditam que em casa, ou no trabalho em algum local eles aprenderão coisas mais úteis e mais necessárias.

A diretora de um Grupo Escolar numa cidade de mais ou menos 1.500 habitantes, na parte superior do Médio São Francisco, juntamente com outra professora, ao serem perguntadas quantos pais da localidade manifestavam interesse evidente pela educação dos filhos, contaram cuidadosamente, um por um, sem pressa, dando o nome de cada família lembrada, num total de 9 chefes de família. Uma mulher em Rio Rico disse que não recebera educação formal em moça porque "os pais não queriam mandar os filhos para a escola. Filha mulher, então, não ia porque vinha um e dizia: 'Não mande sua filha à escola. Não presta mulher aprender a ler!'" Disse uma professora que embora agora "alguns pais gostem que os filhos estudem, há outros que não ligam". Uma professora em Pesqueira queixou-se que muitos pais não se interessam, ou se interessam muito pouco, pela educação dos filhos. Outra professora confirmou tal opinião, aduzindo: "Muitos dos nossos alunos não sabem a lição porque, quando vão para casa, os pais não se interessam pelo estudo deles", e queixou-se ainda de que não conseguira organizar o que queria, isto é, uma reunião, "pelo menos uma vez por mês", de pais e professores. Acrescentou que quando castigou recentemente a filha de uma família local "porque ela não estudava", o pai "veio e tirou a menina da escola", e agora está "esperando que seja apresentada queixa contra mim".



Uma professora de um vilarejo vizinho disse que lá os pais, quando se interessam em matricular os filhos, "querem que aprendam apenas a ler, escrever e contar".

A diretora da escola de Sertão Novo disse que o interesse dos pais pelo estabelecimento "é pequeno". No vilarejo de Cuscuzeiro, no Baixo São Francisco, poucos, se é que alguns pais, mostram qualquer interesse pelos trabalhos escolares dos filhos. Dizem alguns que os filhos "aprendem mais trabalhando do que, lá 'brincando' na escola". Os alunos raramente fazem deveres em casa nem outros membros da família parecem interessar-se em estimulá-los. Alguns moradores dizem também, a respeito do curso supletivo, inaugurado para adultos (ver *Tipos de Escolas*, abaixo): "Gente velha, pra que quer escola?"

Que alguns pais em Pesqueira, porém, não são indiferentes à educação, é evidenciado pelo fato de que o número de escolas particulares é quase igual ao das públicas, embora o número total de vagas em ambas seja consideravelmente inferior ao número de crianças em idade escolar. Yvete, uma escolar, por exemplo, disse que sua mãe quer que ela estude "muito", e que se ela não souber a lição, a mãe "puxa meu cabelo". Disse também que se a tia pede-lhe para "dizer a lição" e que não sabe, "Eu sempre apanho." Um preto de aparência distinta e de escassas posses, conhecido nesta área quando ia de caminhão de Pesqueira a Salvador, mostrou estar muito orgulhoso do filho, que estuda medicina nesta última cidade. O homem estava também evidentemente orgulhoso dos outros três filhos, "todos os quais sabem ler, escrever e contar", disse. Certa ocasião, durante nossa pesquisa, o "diretor técnico" do Serviço de Alto Falantes de Pesqueira entrevistava todos os domingos escolares no Serviço, submetendo-os à prova e criticando as escolas locais. Um homem dos Gerais disse que um dos motivos de querer deixar aquela área é "dar instrução aos meus filhos, que já são todos uns hominhos", acrescentando que, "Eu não quero que eles fiquem 'cegos' como eu." Um morador da cidade de Sertão Novo estava preocupado com a educação dos filhos e logo que os mais jovens crescerem o suficiente, pensa mudar-se com a família para uma cidade vizinha, onde a filha mais velha já está na escola e onde, disse, "há melhores oportunidades de educação do que aqui". Uma mãe de família, embora goste de Sertão Novo e não admita que ninguém fale mal da cidade em sua presença, gostaria também de encontrar "um meio melhor" para educar os filhos. O filho do farmacêutico local estuda em Recife e o pai recusou um emprego para ele no Banco do Comércio e Indústria, do qual é correspondente, porque quer que "ele tenha tempo de ir à escola". Disse ao rapaz que "o maior desgosto" que poderia dar-lhe seria "não querer estudar". Outro filho mais jovem está também estudando numa cidade da parte



inferior do Médio São Francisco. O pai considera o rapaz "muito inteligente", opinião compartilhada, disse, "pelos padres do colégio onde ele está estudando". E acrescentou com evidente orgulho que, na festa de encerramento no ano anterior, o garoto "foi o mais aplaudido dos sete alunos oradores". A esposa de um vizinho, que estava presente, "interrompeu os comentários elogiosos" de pessoas próximas a ela, observando que o rapaz era "de minha terra", e que, quando lhe perguntaram: "Que terra?" Respondeu: "Sertão Novo", e que a resposta "causou admiração".

Um rapaz de Passagem Grande, membro da família local dominante e entre cujos irmãos existem dois médicos e um farmacêutico, lamenta não ter estudado quando criança. "Fui cabeçudo, disse, "não quis estudar, hoje me arrependo". Observou-se que as pessoas de Cusuzeiro cujos parentes migraram para o Sul sentem ocasionalmente a necessidade de ler uma carta recebida e de poderem responder. Outros moradores, porque precisam manter registro de empréstimos e de juros sobre eles, ou porque foram "enganados", dizem, por certos comerciantes de arroz, sentem necessidade de conhecer pelo menos alguma coisa de aritmética.

Em Cusuzeiro, como em outras localidades, notou-se que as atitudes favoráveis ou desfavoráveis em relação à escola amiúde refletem o desenvolvimento de um sentimento de aprovação ou desaprovação de certa professora ou professoras, atitude esta projetada sobre a própria escola. Este fato destaca o papel no processo educacional de professoras que não apenas sejam competentes no que interessa ao conhecimento das matérias que ensinam, mas que sejam capazes também de entrar em contato íntimo com outras pessoas da comunidade e obter delas não apenas aceitação para suas pessoas, como pessoas, mas também um grau mensurável de prestígio e respeito.

Em Cerrado e Retiro, um alto valor tende a ser atribuído, pelo menos por alguns dos moradores, ao professor. As professoras que trabalhavam por ocasião de nossa pesquisa costumavam ser consideradas por algumas pessoas não somente como especialistas no tocante às disciplinas que ensinavam, mas também, por serem professoras, no tocante a outros assuntos. Em Irecê, ao ouvir o autor um menino pequeno dizer que certa professora era "ruim", uma negra de meia idade imediatamente repreendeu-o, dizendo: "Você nunca deve tratar uma professora dessa maneira." Apesar disso, a atitude mais comum em relação a elas, levando em conta todas as localidades e todas as classes no Vale, foi a expressada por um informante de Sertão Novo, que se queixou de que "o interesse das professoras locais não é ensinar as crianças nem sair e vir conversar com os pais sobre elas, mas meramente receber o salário todos os meses".



As atitudes das crianças com relação à escola refletem com frequência, embora nem sempre, as atitudes dos pais, e é muito provável que as atitudes desfavoráveis de muitos, se não na maioria dos casos, superem de longe as favoráveis. Em Cuscuzeiro, as professoras se queixavam de que os alunos "preferem pescar ou trabalhar a ir à escola". A atitude desfavorável, contudo, pode ser influenciada por certas considerações pessoais. Um garoto de Rio Rico, por exemplo, que engordara tanto que "com 14 anos parecia um homem", não queria estudar absolutamente, observou um vizinho, acrescentando que "ele ficou com vergonha de ir à escola." Diz: "Eu, desse tamanho, na escola, no primário!" e esconde os livros sob o braço durante todo o caminho". Um menino em Sertão Novo que frequentou as aulas durante apenas dez dias no ano e desistiu, disse que não tinha desejo de estudar porque "os que sabem ler mais do que eu nunca vão embora daqui nem arranjam emprego melhor". Por outro lado, uma menina de dez anos de Rio Rico informou que gostava tanto de ir à escola que "vai mesmo quando minha mãe está doente, ou muito ocupada, e não quer que eu vá". Em Passagem Grande, observou-se que, a despeito de várias circunstâncias locais impróprias, estuda-se ocasionalmente não somente como obrigação imposta à criança, mas como resultado de um verdadeiro desejo.

*Alfabetização.* Observou Gardner em 1840 (págs. 511, 512) que, em Ouro Preto, na ocasião uma cidade de "mais ou menos 8.000 almas" e capital de Minas Gerais, havia "muitas boas lojas, mas nenhuma dedicada à venda de livro". Embora circulassem quatro jornais, "dois dos quais são ministeriais e dois da oposição", eram apenas de "pequeno fólio", tendo por conteúdo "quase inteiramente matéria de natureza política".<sup>22</sup>

Segundo o censo de 1950, aproximadamente um terço, ou 34,6 por cento da população de mais de 5 anos que vivia nos municípios situados inteiramente dentro do Vale, era alfabetizado na ocasião. Entre os meninos de mais de 5 anos, 37,7 por cento eram listados como alfabetizados e, entre as meninas, 31,7 por cento.<sup>23</sup> Segundo dados fornecidos pela Comissão do Vale do São Francisco e baseada no mesmo censo,<sup>24</sup> a distribuição variava de

22. Em princípios desse ano, contudo, consignou Gardner que um colégio, de preparatórios, fora estabelecido por lei votada pela assembléia provincial, no qual numerosos e diferentes professores ensinavam Latim, Francês, Inglês, Filosofia, Matemática e Farmácia.

23. Fontes: VI Recenseamento Geral do Brasil — 1950, Série Regional: Vol. XVI, Censo Demográfico do Estado de Pernambuco, Tomo I, 1955, págs. 72-73; Vol. XVIII, Censo Demográfico do Estado de Alagoas, Tomo I, 1955, pág. 68; Vol. XIX, Censos Demográfico e Econômico, Estado de Sergipe, 1956, pág. 68; Vol. XX, Censo Demográfico do Estado da Bahia, Tomo I, 1955, págs. 76-78; Vol. XXI, Censo Demográfico do Estado de Minas Gerais, Tomo I, 1954, págs. 96-103.

24. Os cálculos da Comissão do Vale do São Francisco deram como alfabetizados 32 por cento dos moradores da Bacia, de 5 anos ou mais. A variação nos dois cálculos se deve a um esforço da Comissão para calcular as partes pertinentes do município que não se situam inteiramente dentro do Vale (ver *Características da População*, Tomo II).

46,5 por cento no 1.º Distrito da Comissão, compreendendo a área das cabeceiras e incluindo a capital, Belo Horizonte, a 19,7 por cento no 3.º Distrito, que tem sede em Bom Jesus da Lapa, no Estado da Bahia, e que abrange grande parte da secção central do Vale.

Em 24, ou 29,2 por cento dos municípios na zona de Minas do Vale, o número de alfabetizados supera o dos analfabetos. A proporção em que isto ocorre, contudo, cai visivelmente e a percentagem de analfabetos aumenta correspondentemente à medida que se desce o rio e penetra-se na parte norte do Estado. No Município de Belo Horizonte e na capital, 76,7 por cento da população de mais de 5 anos de idade foi listada como alfabetizada, bem como 68,9 e 64,5 por cento, respectivamente, dos municípios vizinhos de Nova Lima e Contagem, ao passo que apenas 14,8 por cento são assim considerados no Município de Manga, 11,2 por cento no de Espinosa, e 8,1 por cento em São João da Ponte, todos no norte de Minas.

Segundo o mesmo censo, em nenhum município dos Estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, o número de alfabetizados supera o de analfabetos e somente em alguns casos os dois grupos se aproximam da igualdade numérica: no município de Propriá, em Sergipe, por exemplo, onde 41,3 por cento da população de mais de 5 anos é listada como alfabetizada, no de Juazeiro, Bahia, com 38,2 por cento e no Jatinã, em Pernambuco, com 34,6 por cento. A tendência geral é representada mais por Correntina, na Bahia, onde apenas 13,1 por cento foram contados como alfabetizados, em Águas Belas, Pernambuco, com 12,5 por cento, e por Igreja Nova, em Alagoas, com apenas 9,9 por cento.

Em todos os municípios de Minas Gerais, com exceção de quatro,<sup>25</sup> as pessoas do sexo masculino alfabetizadas superam as do sexo feminino. Em três das quatro exceções, as mulheres superam também os homens na população geral.<sup>26</sup> Contudo, no quarto município, ou o de São Gonçalo do Pará, existem 95 pessoas *mais* de mais de cinco anos de idade do sexo feminino do que do masculino listadas como alfabetizadas, ao passo que existem 12 meninas *menos* de mais de cinco anos de idade na população geral. A proporção entre pessoas do sexo masculino e feminino alfabetizadas é aproximadamente igual em 9 outros municípios. Em nenhum município da Bahia, em apenas 2 em Pernambuco, e em somente 7 de Alagoas, o número de pessoas de mais de 5 anos do sexo feminino alfabetizadas supera as do sexo masculino que não o são. E em todos esses casos as meninas superam conside-

25. Belo Horizonte, Curvelo, São Gonçalo do Pará e Paraopeba.

26. No município de Belo Horizonte, são citadas como 53,7 por cento do total. Em Curvelo, como 52,3 por cento e, em Paraopeba, como 52,4 por cento.



ravelmente os meninos na população total. Talvez o município em que a proporção mais se aproxime da igualdade seja o de Batalha, em Alagoas, onde há mais 230 meninas do que meninos alfabetizados, enquanto existem apenas 399 meninas mais na população total. No município de Pedras, em Pernambuco, apenas uma pessoa mais do sexo feminino é citada como alfabetizada. Contudo existem 573 meninas de mais de cinco anos de idade na população geral.

Conforme seria de esperar, os moradores das cidades tendem a ser mais alfabetizados do que os do interior. Em todo o município de Bom Jesus da Lapa, por exemplo, 3.692, ou apenas 25 por cento das 14.978 pessoas de mais de 5 anos de idade, contadas no censo de 1950, são capazes de ler e escrever, ao passo que 1.778, ou 42 por cento desta cidade de 4.202 habitantes, que é a sede do município, foram listados como alfabetizados.<sup>27</sup> No município de Irecê, que se situa na mesma área geral, um pouco distante do Rio São Francisco, embora ainda no Vale, e se localiza também dentro do perímetro de influência de um centro protestante em que, durante muitas décadas, houve um persistente esforço para fornecer instrução aos moradores, 6.645 pessoas, ou apenas 38 por cento das 17.551 de mais de 5 anos, segundo o censo de 1950, eram alfabetizadas,<sup>28</sup> ao passo que na cidade-sede deste município, 720, ou 59 por cento dos seus 1.227 habitantes, foram assim contados.<sup>29</sup>

Com referência a esses e semelhantes dados estatísticos, é preciso lembrar que a menos que o agente censitário conheça pessoalmente cada indivíduo entrevistado e faça um relatório bastante realista do que descobrir, a exatidão dos dados oficiais fica sujeita a considerável dúvida. Não é provável que o agente submeta os entrevistados a testes de alfabetização e, especialmente nos casos em que é um estranho, e numa cultura como esta onde a cortesia constitui elemento básico da etiqueta, reflète-se provavelmente nas respostas às perguntas a tendência bastante humana de apresentar-se tanto quanto possível como se pensa que o entrevistador gostaria que a pessoa fosse. Mesmo nos casos em que o agente conhece intimamente a família entrevistada, há também, contanto que as relações envolvidas sejam (como geralmente ocorre) cordiais, a tendência também muito humana, fortificada pela etiqueta local, de "forçar a verdade", por assim dizer pelo

27. Entre estes, no município 59,6 (2.202) foram citados como do sexo masculino e 40,4 por cento (1.490) como do feminino, ao passo que na própria cidade 53,5 por cento (951) eram do sexo masculino e 46,5 por cento (827) do feminino.

28. Dos quais, 3.909, ou 58,8 por cento, eram homens, e 2.736, ou 41,2 por cento, mulheres.

29. Dos quais, 392, ou 54,4 por cento eram homens, e 328, ou 45,6 por cento, mulheres.

menos ligeiramente, para que o entrevistado apareça sob uma luz tão favorável quanto possível. É preciso recordar também que ao responder à pergunta se sabe ou não escrever, o respondente pode replicar afirmativamente quando sua proficiência a esse respeito resume-se na mera capacidade de assinar o nome, talvez mesmo com grande dificuldade, por insistência (e às vezes com a ajuda) do cabo eleitoral local, para tornar-se legalmente habilitado a votar. O que um de nossos pesquisadores chama de "alfabetização fragmentária" da população eleitoral em numerosas localidades foi conseguido, em grau considerável em anos relativamente recentes (ver *Comportamento Político*). O erro que possa ocorrer nas estatísticas oficiais, por conseguinte, provavelmente *superestimar*á a alfabetização e, correspondentemente, *subestimar*á o analfabetismo.

Levando em conta tais limitações, continuemos, então, a examinar os registros oficiais e a notar a extensão em que se apurou a alfabetização nas localidades estudadas pelos nossos pesquisadores. Em Cerrado, por exemplo, a distribuição por sexo e por residência na cidade, vilarejo ou interior dos alfabetizados consta do Quadro 2 e, a de crianças de 5 a 14 anos nas mesmas condições, por idade, do Quadro 3. Demonstram os Quadros que o grau de alfabetização aumenta progressivamente à medida que o indivíduo se dirige ao interior para o vilarejo e a cidade: que se torne inicialmente apreciável entre as crianças de 8 anos de idade e aumenta com cada subsequente grupo etário até que, com os de 11 anos, torna-se maior do que na população em conjunto, e que continua a aumentar progressivamente com cada grupo etário subsequente de escolares.

#### QUADRO 2

*Pessoas alfabetizadas de 5 anos ou mais, distribuídas por sexo e residência, município de Cerrado, 1950<sup>a</sup>*

|                   | Masculino  |             | Feminino   |             | Totais             |             |
|-------------------|------------|-------------|------------|-------------|--------------------|-------------|
|                   | N.º        | Porcentagem | N.º        | Porcentagem | N.º                | Porcentagem |
|                   | de meninos |             | de meninas |             | da população total |             |
| Cidade de Cerrado | 567        | 60,5        | 604        | 53,9        | 1,171              | 56,9        |
| Vila da Pau Terra | 59         | 48,8        | 64         | 43,0        | 123                | 45,6        |
| Zona "Rural"      | 1,467      | 34,1/       | 1,266      | 30,9        | 2,733              | 32,6        |
| Município         | 2,093      | 39,1/       | 1,934      | 36,0        | 4,027              | 37,6        |

a. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *VI Recenseamento Geral do Brasil — 1950, Série Regional* (Rio de Janeiro, 1954), Vol. XXI, Tomo I.



## QUADRO 3

*Crianças de 5 a 14 anos de idade que sabem ler e escrever,  
município de Cerrado, 1950<sup>b</sup>*

| Idade | Total | Alfabetizadas |             |
|-------|-------|---------------|-------------|
|       |       | N.º           | Porcentagem |
| 5     | 426   | 0             | 0,0         |
| 6     | 382   | 8             | 2,1         |
| 7     | 362   | 24            | 6,6         |
| 8     | 340   | 65            | 19,1        |
| 9     | 353   | 114           | 32,3        |
| 10    | 394   | 136           | 34,5        |
| 11    | 323   | 139           | 43,0        |
| 12    | 381   | 168           | 44,1        |
| 13    | 298   | 135           | 45,6        |
| 14    | 320   | 149           | 46,6        |
|       | 3.759 | 938           | 26,1        |

b. Fonte: *Ibid.*

Entre as 16.708 pessoas de 5 anos de idade ou mais no município de Rio Rico, 2.197, ou 13,2 por cento, segundo o censo federal de 1950, sabiam ler e escrever. Destas, 1.419, ou pouco menos de dois terços (64,6 por cento) eram do sexo masculino, e 778, ou pouco mais de um terço (35,4 por cento), do feminino. Entre as 1.467 pessoas residentes na própria cidade de Rio Rico, 39,6 por cento eram analfabetas, ao passo que entre as 15.241 da área circundante, o grau de alfabetização chegava a apenas um quarto, ou 10,6 por cento. Dos moradores alfabetizados da cidade, 55 por cento eram do sexo feminino,<sup>30</sup> ao passo que, na área rural, apenas 3 por cento. Entre as famílias entrevistadas nos Gerais, nenhum dos moradores de Couro de Porco, Sucuriú, Garrafão e Passaroto sabiam ler ou escrever,<sup>31</sup> embora a filha mais velha de uma família de Sucuriú, como o pai, tivesse contado, em certa ocasião, 13 peixes numa linha.

Mesmo nas partes mais isoladas do Vale é provável que tenha havido um progressivo, embora relativamente lento, aumento da alfabetização no passado recente. Em 1872, o número de alfabetizados no município de Pesqueira, por exemplo, era de 1.298, ou 8 por cento da população total. Somente 6 por cento das 7.609 mulheres sabiam ler e escrever e apenas 11 por cento dos 8.137 homens.<sup>32</sup> O censo de 1940, contudo, menciona como alfabetizados

30. Indivíduos do sexo feminino superavam os do masculino na cidade por 58,5 a 41,5 por cento.

31. Nenhum dos quais vota.

32. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Car. Dem., págs. 329, 331.

21 por cento das 19.563 pessoas que naquela ocasião residiam no município. O censo realizado dez anos depois, em 1950, menciona 22,4 por cento das 33.044 pessoas residentes no município na ocasião. Se excluirmos dos totais de 1950 os moradores da cidade de Pesqueira e das vilas sedes de distritos, 19 por cento das pessoas restantes figuram como alfabetizadas. A taxa mais alta de alfabetização no município, contudo, não é a da cidade de Pesqueira, mas de um dos vilarejos do município, que se encontra sob forte influência protestante, 43 por cento de cujos habitantes são alfabetizados. A taxa seguinte mais alta é a da própria cidade de Pesqueira, com 35 por cento, enquanto outros vilarejos do município possuíam taxas de 33, 30, 29 e 27 por cento, respectivamente.

De acordo com o censo federal de 1940, 13 por cento da população total do município de Sertão Novo sabiam ler e escrever, ao passo que, segundo o censo de 1950, a percentagem subira para 21 por cento. No ano anterior, os analfabetos em três municípios vizinhos foram mencionadas como sendo, respectivamente, de 77 por cento de um total de 7.366, 76 por cento de um total de 12.083 e 75 por cento de um total de 6.292, enquanto que no tocante a outros municípios do Vale no mesmo Estado, eram citados as taxas seguintes de analfabetismo: Triunfo, 78 por cento de um total de 18.162, Palmares, 74 por cento de 25.995, Salgueiro, 74 por cento de 10.878, Petrolina, 71 por cento de 16.409 e Floresta, 67 por cento de 12.222.<sup>33</sup>

A situação geral do analfabetismo em Passagem Grande era refletida pelo fato de uma das canoas-de-toldo local ter pintado num dos lados o seu nome, que era "Maria Inez" e, no outro lado, letras onde se lia inversamente "Zeni Airam. Em Cuscuzeiro, embora tivesse havido alguma redução do analfabetismo em anos recentes, em seguida à inauguração da Escola Rural no vilarejo e também de classes noturnas para adultos (ver *Escolas Rurais e Educação de Adultos*, abaixo),<sup>34</sup> 35,4 por cento dos 642 moradores de mais de 7 anos de idade, segundo um censo pessoal realizado pelo nosso pesquisador, consideraram-se analfabetos. Alguns adultos, que em criança frequentaram a escola durante curto espaço de tempo, dizem que esqueceram ou mesmo que nunca aprenderam a assinar o nome. Nota-se alguma variação na alfabetização por sexo entre os habitantes deste vilarejo. O grupo etário em que parece haver maior número de pessoas que não sabem ler ou escrever é o de 30-34, somente 7 por cento dos quais se declara-

33. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, *Estado de Pernambuco (Informações Estatísticas)* Rio de Janeiro, 1949, págs. 66-7.

34. A frequência às aulas de partes de jovens convocados para o serviço militar na capital estadual, voltando depois às suas comunidades, reduziu também o analfabetismo.



ram alfabetizados. Nos grupos de 40-44 e 45-49, a percentagem é de aproximadamente 17 por cento. Estes e outros dados constam do Quadro 4.

#### QUADRO 4

*Percentagem de analfabetos, por grupos de idade, vila de Cuscuzeiro, 1953<sup>a</sup>*

| Grupo etário     | Homens | Mulheres | Ambos os sexos |
|------------------|--------|----------|----------------|
| 7-14             | 20,4   | 23,9     | 22,1           |
| 15-19            | 69,6   | 50,0     | 57,4           |
| 20-24            | 60,0   | 65,2     | 62,1           |
| 25-29            | 50,0   | 62,1     | 57,9           |
| 30-34            | 89,5   | 95,8     | 93,0           |
| 35-39            | 43,8   | 73,1     | 56,9           |
| 40-44            | 87,5   | 82,6     | 84,6           |
| 45-49            | 77,7   | 93,3     | 84,4           |
| 50-54            | 72,7   | 100,0    | 83,3           |
| 55-59            | 100,0  | 27,2     | 62,0           |
| Mais de 60       | 57,9   | 82,5     | 71,4           |
| Todos habitantes | 52,0   | 58,0     | 55,4           |

a. Fonte: Censo pessoal feito por nosso pesquisador.

*Alunos.* Na ocasião em que escrevíamos, a informação mais recente sobre o número de escolares no Vale era a publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 1948, e provavelmente extraída do censo de 1940, não tendo sido ainda divulgados dados semelhantes com base no censo de 1950. Além disso, a despeito do esforço diligente e da assistência de pessoas situadas em posições de responsabilidade, só foi possível obter informação dessas antigas fontes no tocante a 104 municípios dos 156 situados inteiramente no Vale.<sup>35</sup> Nesses 104, contudo, a matrícula geral totalizava 156.957 e, a efetiva, 134.555. Precisamente que proporção de crianças em idade escolar esses totais representam nos municípios em questão foi também impossível de verificar à vista das informações disponíveis, porque a informação do censo geral é dada apenas por grupos etários, nos quais são incluídas crianças em idade escolar e outras mais velhas.

Segundo o censo de 1950, havia na ocasião no município de Cerrado 3.579 crianças de 5 a 15 anos de idade. Visto que a criança geralmente não frequenta aqui a escola até os 7 anos, este número é, com toda probabilidade, consideravelmente mais alto do que o das crianças em idade escolar, embora não incluía as

35. Faltaram 2 dos 29 municípios da Bahia, 1 dos 6 de Sergipe, 8 dos 26 de Pernambuco, 28 dos 82 de Minas Gerais, e todos os 13 de Alagoas.

que ocasionalmente se matriculam na escola primária depois dos 15 anos. No que interessa ao município de Rio Rico, o censo de 1950 menciona 6.016 crianças entre as idades de 5 e 15 anos. E estavam matriculadas nas escolas do município por ocasião de nossa pesquisa, segundo o Inspetor das Escolas Municipais 447 alunos.<sup>36</sup>

Em 1950, um total de 1.980 crianças matriculadas nos grupos escolares de uma amostra de seis cidades do Vale, localizadas em quatro Estados, foram distribuídas por grau e sexo, da forma indicada no Quadro 5. Nessa amostragem, deve-se notar que, começando com o primeiro grau, o número de alunos, sem exceção, declina progressivamente de ano em ano e que as meninas tendem a superar os meninos em todos os anos e, em especial, nos últimos, embora tivessem sido notadas algumas exceções, especialmente em Irecê.

Na maioria dessas escolas, a faixa de idade dentro do mesmo ano é bastante extensa. Embora a idade habitual de matrícula seja de 7 anos, a de algumas crianças no primeiro ano é mais do que o dobro. Em Cuscuzero, por exemplo, em 1951, 1952 e 1953, as idades dos meninos da primeira série variaram de 7 a 12 anos e as das meninas de 7 a 15. Nesses mesmos anos, os meninos no 2.º ano variavam em idade de 9 a 13 anos e as meninas de 10 a 13. A variação de idade dos alunos no 4.º ano, em 11 escolas de 10 cidades do Vale em 1950, bem como a idade modal e a média, foram as seguintes:

| <i>Cidades</i>   | <i>Anos</i>  |             |              |
|------------------|--------------|-------------|--------------|
|                  | <i>Faixa</i> | <i>Moda</i> | <i>Média</i> |
| Pirapora         | 10-15        | 11          | 11,7         |
| Manga            | 9-16         | 12          | 12,4         |
| Lapa:            |              |             |              |
| Escola Pública   | 10-15        | 10          | 12,0         |
| Escola Paroquial | 11-16        | 12          | 12,7         |
| Xique-Xique      | 9-14         | 12          | 12,1         |
| Irecê            | 11-15        | 12          | 12,8         |
| Juazeiro         | 10-15        | 11          | 11,9         |
| Cabrobó          | 11-13        | 13          | 12,2         |
| Petrolândia      | 11-15        | 13          | 12,5         |
| Propriá          | 10-16        | 13          | 13,0         |
| Penedo           | 10-17        | 14          | 13,6         |

Entre 401 escolares entrevistados em onze cidades do Vale, 246, ou apenas dois terços (61,3 por cento), haviam nascido na cidade onde se encontravam no momento de iniciar os estudos. A distribuição era a seguinte:

36. Dos quais 234 eram meninos e 213 meninas.



QUADRO 5  
*Distribuição, por grau de curso e sexo, de 1980 escolares  
 em seis cidades, vale do São Francisco, 1950*

| Grau         | Xique-Xique |      | Irecê |      | Cabrobó |      | Petrofândia |      | Propriá |      | Penedo |      | Number |       | Percentage |      |
|--------------|-------------|------|-------|------|---------|------|-------------|------|---------|------|--------|------|--------|-------|------------|------|
|              | Mas.        | Fem. | Mas.  | Fem. | Mas.    | Fem. | Mas.        | Fem. | Mas.    | Fem. | Mas.   | Fem. | Mas.   | Fem.  | Mas.       | Fem. |
| Pré-primário | —           | —    | —     | —    | 28      | 32   | 54          | 51   | —       | —    | 20     | 25   | 102    | 108   | 48,6       | 51,4 |
| 1.º ano      | 35          | 52   | 54    | 42   | 11      | 10   | 37          | 42   | 91      | 123  | 181    | 219  | 409    | 488   | 45,6       | 54,4 |
| 2.º ano      | 18          | 36   | 16    | 13   | 10      | 9    | 20          | 17   | 40      | 48   | 85     | 92   | 189    | 215   | 46,8       | 53,2 |
| 3.º ano      | 22          | 23   | 9     | 9    | 5       | 9    | 12          | 16   | 21      | 27   | 42     | 83   | 111    | 167   | 40,0       | 60,0 |
| 4.º ano      | 6           | 16   | 9     | 8    | 3       | 10   | —           | —    | 24      | 20   | 19     | 51   | 61     | 105   | 37,0       | 63,0 |
| 5.º ano      | 5           | 10   | 5     | 5    | —       | —    | —           | —    | —       | —    | —      | —    | 10     | 15    | 40,0       | 60,0 |
| Totais       | 86          | 137  | 93    | 77   | 57      | 70   | 123         | 126  | 176     | 218  | 347    | 470  | 882    | 1 098 | 44,5       | 55,5 |

| <i>Cidades</i> | <i>Nascidos na mesma cidade</i> |                    | <i>Nascidos em outros locais</i> |                    |
|----------------|---------------------------------|--------------------|----------------------------------|--------------------|
|                | <i>N.º</i>                      | <i>Porcentagem</i> | <i>N.º</i>                       | <i>Porcentagem</i> |
| Pirapora       | 23                              | 70,0               | 10                               | 30,0               |
| São Romão      | 13                              | 68,4               | 6                                | 31,8               |
| Manga          | 20                              | 47,6               | 22                               | 52,4               |
| Lapa           | 23                              | 59,0               | 16                               | 41,0               |
| Xique-Xique    | 27                              | 69,2               | 12                               | 30,8               |
| Irecê          | 16                              | 66,7               | 8                                | 33,3               |
| Juazeiro       | 31                              | 54,4               | 26                               | 45,6               |
| Cabrobó        | 15                              | 62,5               | 9                                | 37,5               |
| Petrolândia    | 14                              | 51,9               | 13                               | 48,1               |
| Propriá        | 27                              | 58,7               | 19                               | 41,3               |
| Penedo         | 37                              | 72,6               | 14                               | 27,4               |
|                | 246                             |                    | 155                              |                    |

Entre os alunos que haviam nascido fora da cidade na qual frequentavam a escola, e a respeito dos quais foi possível obter informações, um pouco mais de 10 por cento nela residiam havia mais de 1 ano; 20 por cento, entre 1 e 2 anos; 37 por cento entre 3 e 5 anos; 27 por cento entre 6 e 10 anos; e apenas um pouco mais de 6 por cento entre 11 e 14 anos. Esses fatos evidentemente refletem uma alta taxa de mobilidade e de instabilidade na composição das populações locais (ver *Mobilidade*, Tomo II).

No tocante a 386 escolares em onze cidades do Vale que responderam a um inquérito a respeito da ocupação dos pais, quase a metade listou as cinco seguintes ocupações em ordem de frequência:

| <i>Ocupação</i>        | <i>Frequência</i> |
|------------------------|-------------------|
| Lavrador (trabalhador) | 52                |
| Negociante             | 45                |
| Funcionário Público    | 36                |
| Comerciante            | 26                |
| Fazendeiro             | 17                |
| Total                  | 176               |



Menos comuns foram as seguintes ocupações: <sup>37</sup>

| <i>Ocupação</i>         | <i>Frequência</i> | <i>Ocupação</i>         | <i>Frequência</i> |
|-------------------------|-------------------|-------------------------|-------------------|
| Motorista de caminhão   | 9                 | Maquinista              | 3                 |
| Pedreiro                | 8                 | Prático de vapor        | 3                 |
| Alfaiate                | 8                 | Padeiro                 | 2                 |
| Carpinteiro             | 7                 | Barbeiro                | 2                 |
| Sapateiro               | 7                 | Açougueiro              | 2                 |
| Escrivão (vários tipos) | 7                 | Pintor                  | 2                 |
| Mecânico                | 6                 | Vaqueiro                | 2                 |
| Soldado                 | 6                 | Eletricista             | 2                 |
| Trabalhador             | 5                 | Sargento da aeronáutica | 2                 |
| Guarda-livros           | 4                 | Sargento de polícia     | 2                 |
| Operário                | 4                 | Farmacêutico            | 2                 |
| Comprador de gado       | 4                 | Hoteleiro               | 2                 |
| Viajante                | 4                 | Bancário                | 2                 |
| Ferreiro                | 3                 | Proprietário            | 2                 |
| Carroceiro              | 3                 | Advogado                | 2                 |
| Pescador                | 3                 |                         |                   |

Listado uma única vez em cada caso, figurou o maior número de ocupações, entre as quais constaram as seguintes:

|                                                 |                               |
|-------------------------------------------------|-------------------------------|
| Marinheiro                                      | Topógrafo                     |
| Contra-mestre de vapor                          | Prático de farmácia           |
| Maquinista de vapor                             | Jardineiro                    |
| Comissário de vapor                             | "Artista"                     |
| Agente de vapor                                 | Ajudante de guarda-livros     |
| Chefe da Seção de Pessoal, companhia de vapores | Vendedor de selas             |
| Empregado de companhia de vapor                 | Livreiro                      |
| Mestre-do-cais                                  | Comprador de cristal          |
| Canceiro                                        | Agente de estação ferroviária |
| Vendedor de peixe                               | Condutor                      |
| Relojoeiro                                      | Pastor                        |
| Marceneiro                                      | Professor                     |
| Soldador                                        | Dentista                      |
| Carvoeiro                                       | Promotor público              |
| Fazedor de rapadura                             | Escrivão do júri              |
| Ambulante                                       | Tabelião                      |
| Empregado de frigorífico                        | Despachante                   |
| Empregado de companhia de gasolina              | Delegado de polícia           |
| Vigia                                           | Guarda                        |
| Servente                                        | Empregado do Banco do Brasil  |
| Carteiro                                        | Agente de seguro de vida      |
| Telegrafista                                    | Passador de bicho             |
|                                                 | Mecânico de aviação           |

O fato de que, evidentemente, não lidamos aqui com qualquer coisa sequer remotamente relacionada com uma fixa e rígida organização de casta da sociedade, traduz-se na variação entre a ocupação do pai e as preferências das crianças no tocante a uma

37. Também mencionado na resposta: "A bordo", "mexer com gado", duas vezes; e "fornecedor da Leste", também duas vezes.

profissão para elas mesmas. Ao serem perguntadas o que mais queriam ser (ver abaixo), 72 de 401 escolares dessas onze cidades informaram o que consideravam ocupação favorita, listando, mais de uma vez em ordem de frequência, poeta, governador, senador federal, doutor, juiz de direito, frade, mecânico, professor, ator de cinema, cantor de rádio, aviador, enfermeira e datilógrafo e, listadas uma única vez, as seguintes: vaqueiro, soldado, torneiro, declamador, comandante de vapor, motorista de caminhão, telegrafista, viajante comercial, padre, advogado, médico, engenheiro, diretor de escola, delegado, presidente da República, parteira, dançarina de balé, general, pintor famoso, patriota, "comerciante como meu irmão", "uma pessoa ilustre", "uma princesa imperial" e "imperatriz".

Conforme indicado no capítulo intitulado *Vestuário, Higiene e Outros Hábitos Corporais*, no Tomo II, os escolares, quase sem exceção, usam uniformes. As meninas em Sertão Novo, Pesqueira e Irecê, por exemplo, vestem blusa branca e saia azul-marinho e, os meninos, camisas brancas e calças azul-marinho. Em algumas escolas pelo menos, fornecem-se uniformes às crianças das famílias mais necessitadas. No Grupo Escolar de Cerrado, uma refeição por dia é servida aos alunos das classes menos privilegiadas, sendo o alimento fornecido pelos vários fazendeiros.

*Frequência à escola.* A frequência à escola nos 104 municípios do Vale mencionados acima, conforme consta dos dados disponíveis, era de 69 por cento e variava, na ocasião, de 85,8 por cento no município de Darcilena, no Estado de Sergipe, a 48,4 por cento no de Coripós, em Pernambuco. Os municípios seguintes com percentagens mais altas de frequência foram o de Abaeté (83 por cento) e Nova Lima (82 por cento), no Estado de Minas Gerais e Correntina (81 por cento), no Estado da Bahia e, com as seguintes mais baixas, os de São Francisco (50 por cento), em Minas e Palmas do Monte Alto (51 por cento), na Bahia. A maior frequência citada no tocante ao Estado de Pernambuco ocorria no município de Petrolina (77 por cento), ao passo que a mais baixa em Sergipe tinha lugar no município de Porto da Folha (70 por cento). Estes dados e outros semelhantes, contudo, estão, com toda probabilidade, sujeitos a numerosas ressalvas no que toca à precisão.

Em Cuscuzeiro, por exemplo, observou-se que algumas páginas nos livros de frequência à escola haviam sido rasgadas ou tinham desaparecido.<sup>38</sup> Os registros são amiúde mal cuidados, sendo impossível qualquer cálculo exato da frequência passada. Usualmente, nem era feita a chamada. Entre os 26 alunos matriculados na escola pública desse vilarejo, a frequência diária observada por

38. Em uma escola visitada numa comunidade vizinha várias folhas haviam sido usadas como papel de embrulho.



ocasião de nossa pesquisa foi de aproximadamente 5 ou 6. As professoras atribuíam esse fato ao "descuido dos pais dos alunos". Alguns "vêm uma vez e, depois, em 15 dias ou um mês, só aparecem uma vez", disse uma delas. Nos demais dias, ajudam os pais na roça ou cuidam dos irmãos mais moços em casa enquanto a mãe trabalha nos arrozais com o genitor. A mesma professora informou que um menino frequentou a escola durante três meses no primeiro semestre, "e então saiu para a safra de arroz, e não voltou no segundo". Outro garoto, de 10 anos de idade, "só assistiu às aulas durante quatro meses, saiu para ajudar no corte do arroz e não voltou mais". Outra professora disse que "quando começa o trabalho com o arroz, as crianças frequentemente não vêm mais à escola", aduzindo que "muitos pais matriculam os filhos apenas para poderem dizer que estão na escola". Epidemias periódicas de cachumba, sarampo, varíola e gripe reduzem também a frequência em Cuscuzeiro, bem como, em alguns casos, segundo se informou, o medo da "palmatória" (ver abaixo).

Segundo informações reunidas por um de nossos pesquisadores, a frequência em Cerrado, em 1952, foi de aproximadamente 80 por cento (79,9) no que interessa a todos os alunos, ou 80,6 por cento de meninas e 79,1 por cento dos meninos. Variou segundo os meses, nos casos de todas as crianças, de 71 por cento em junho a 85 por cento em outubro. O secretário da prefeitura de uma cidade da parte superior do Médio São Francisco, porém, julga necessário ameaçar alguns pais, dizendo "que os mandarão prender até". Embora as aulas no novo ano escolar comecem em fevereiro, as crianças aparecem na escola, disse, "somente uns dois meses depois, em abril, dizendo que precisam vigiar a lavoura do pai". Durante a derrubada e queimada no mês de setembro, numerosos pais tiram novamente os filhos da escola para ajudá-los. Disse ainda o informante que "explicou aos pais porque os filhos devem ir à escola", ouvindo em resposta que "livro do pobre é enxada".

Ao ser iniciado o trabalho de campo em Rio Rico, nossos pesquisadores ficaram impressionados com o número considerável de crianças locais em idade que, evidentemente, não estavam estudando. Três crianças encontradas brincando na rua no dia seguinte a dois dias de festas, ao serem perguntadas porque não estavam na escola, responderam, respectivamente: "Não sei se tem escola hoje, não", "Esses dias não tenho ido, não", "Estou com tosse", e "Não tenho roupa, só tenho o vestido de primeira comunhão." Uma mãe queixou-se de que "as posses não dá, especialmente pra o apontamento", observando outra informante que as crianças às vezes não vão à escola "porque as professoras fazem questão de sapatos e uniformes e as crianças não os possuem". Em Pesqueira, crianças em idade escolar deram os seguintes motivos da ausência às aulas: falta de uniforme, inexistência de



vagas na escola pública, impossibilidade de os pais pagarem as mensalidades das particulares, a distância de casa à escola. Aqui, como em outros locais, notou-se que considerável número de crianças deixam de frequentar a escola por doença e motivos do mesmo tipo, incluindo indisposições leves ou bastante vagas. Uma professora disse que “os alunos servem-se de todos os pretextos para faltarem às aulas”.

Dizem os professores da escola pública de Sertão Novo que “há muitas crianças de 7, 8 e 9 anos que deviam estar na escola e não estão”. A frequência, segundo informações, é sempre menor no primeiro semestre do que no segundo, pois o primeiro é “a época do cultivo” e numerosos pais mantêm os filhos em casa para ajudá-los no trabalho. É menor o comparecimento em abril e maio, quando está no auge o plantio da cebola. Outros alunos, dizem as professoras, permanecem em casa para brincar, ao passo que uma menina de 9 anos não vai as aulas porque “é muito pegada com a mãe”, segundo disse. O pai informou que pretende enviá-la à escola “mas só quando ela pegá mais ‘assentamento’”. Nos sábados, dia de feira local, somente uma ou duas crianças vão à escola “porque os pais precisam delas”, dizem as professoras.

*Professores.* Os 481 alunos do Grupo Escolar da cidade de Cerrado contam com 16 professores regulares e dois substitutos, todos do sexo feminino. A maioria das professoras regulares, mas nenhuma das substitutas, concluiu o curso na Escola Normal de alguma cidade da região e pelo menos uma estudou na capital estadual. Dos dois professores de Retiro — um homem e uma mulher — a última completou parte do curso ginásial, ao passo que o primeiro recebeu apenas educação primária, embora tenha estudado em dois dos chamados cursos “intensivos” — de um mês o primeiro e o segundo de quatro de duração — patrocinados pelo governo estadual para dar maior treinamento aos mestres das escolas rurais. Um antigo aluno, agora com 18 anos de idade, que foi persuadido por esse professor a continuar além do primário, fez o primeiro curso intensivo patrocinado pelo Estado e, mais tarde, substituiu uma das professoras, ausente para fazer o segundo curso.

Como tantas professoras no Vale, contudo, as das escolas municipais e particulares de Passagem Grande são “leigas”, isso é, não têm diploma de pedagogia. Raramente concluíram mesmo os quatro anos da escola primária. Às vezes, pouco mais são do que “alfabetizadas”, segundo se diz. Diversas delas, das escolas rurais do município, impressionaram um de nossos pesquisadores como pessoas “de boa vontade, mas que deixam muito a desejar quanto à educação e mesmo aos conhecimentos de higiene”. Em Cuscuzeiro, a professora nomeada pelo prefeito para reger as aulas matutinas no Grupo Escolar e a professora da classe de educação de



adultos ministrada à noite (ver abaixo) receberam apenas educação primária. Por ocasião de nossa pesquisa, contudo, chegara recentemente ao vilarejo uma nova professora formada pela Escola Normal de Penedo.

São evidentes, porém, as atitudes favoráveis ao ensino eficaz, a dedicação à tarefa e mesmo a abnegação de parte de numerosas professoras do Vale. Uma professora de Pesqueira, por exemplo, disse: "Gosto de lecionar, sou filha de Pesqueira e quero bem a esta terra". "Precisamos de professores, disse ela", que trabalhem com o coração e não só olhando o relatório, só para receber o dinheiro no fim do mês". Durante as férias no ano de nosso principal período de pesquisa ela preparava algumas meninas para os exames de admissão em Salvador. "Sinto muito", disse ela mais tarde, "que não pudesse ter ajudado tantas crianças inteligentes que conheci e que não podiam continuar os estudos". Nesta altura da conversação, um garoto chegou, querendo comprar um côco. Depois de dar ordem à empregada para que lhe desse um deles, a professora chamou o garoto e perguntou-lhe: "Ó menino! Quem está pagando a escola para você?" "Dona Zita", respondeu ele, citando-a. Mostrando considerável satisfação, a professora esclareceu que o menino era seu carregador de feira, que conhecera três ou quatro semanas antes. Ao perguntar-lhe se estava na escola e recebendo resposta negativa, indagou-lhe se "queria aprender". Tendo ele "mostrado interesse", ficou "com pena dele", disse, e enviou-o à escola particular de Santinha Pezinho (ver abaixo). No seu primeiro ano como professora, fora designada para lecionar no pequeno vilarejo de Gentio do Ouro, onde o número de alunos era tão grande (80) e as idades tão diferentes que "algumas pessoas instruídas" convenceram-na a dar aulas supletivas, o que fez, durante dois anos, sem a menor remuneração adicional. Outra professora de Pesqueira disse que as principais necessidades da mestra são o "amor pelos alunos, o gosto pelo próprio ensino, e o preparo".<sup>39</sup> Uma antiga professora ora aposentada porque "começou a sofrer da vista", depois de trabalhar durante 17 anos no vilarejo de Gameleira e treze anos em Pesqueira, sempre ensinou durante dois períodos, "ou duas vezes o que devia", sem pagamento extra. Outra antiga mestra, agora inspetora escolar, providenciava pessoalmente os uniformes de filhos de famílias necessitadas quando ensinava numa das escolas locais. Elogiou uma das atuais professoras da cidade pelo orgulho da mesma em exigir que os cadernos dos alunos se apresentem limpos, bem cuidados e escritos à tinta, acrescentando que essa professora "não apenas é muito inteligente, mas conhece bem as matérias e tem boa vontade". "Eu tenho agora dezessete anos de experiência de ensino", obser-

39. Pensa também que a professora "deve ensinar a matéria de que mais gosta e na qual é mais competente".

vou outra mestra, "ou o suficiente para saber que, especialmente no interior, nossa missão é árdua e espinhosa, embora nobilíssima pelo que podemos realizar em benefício da Pátria e da cultura de seus filhos".

Nem todas as mestras, porém, são tão diligentes e abnegadas como essas parecem ser. A professora de uma escola rural nas proximidades de Sertão Novo, por exemplo, é acusada de "demonstrar falta de interesse pelo ensino" e de ter-se recusado a dar aulas quando apenas dois ou três alunos vinham à escola. Quando chegavam e descobriam que não haveria aula, "não voltavam mais, ao passo que, no dia seguinte, chegando outras crianças e não havendo também aula naquele dia, tampouco voltavam, de modo que, finalmente, a professora conseguiu o que queria, foi transferida, e o vilarejo ficou sem escola. "Uma das famílias atingidas enviou dois dos filhos para a casa de uma parenta, de modo que pudessem frequentar a escola próxima à casa da mesma. A filha de um fazendeiro de Sertão Novo, ora em Recife estudando para professora primária, disse que não queria ser mestra e que preferia estudar agronomia, "mas meu pai diz que eu não posso estudar isso e, assim, vou ter que ensinar contra minha vontade". Uma das professoras de Cuscuzeiro, durante nosso período de pesquisa, estava pensando em mudar-se com a família "por achar a vila um lugar muito atrasado".

Nestes e em outros casos, observou-se que algumas professoras que vinham de fora da comunidade continuavam quase como estranhas no novo meio. Algumas que procediam de cidades maiores costumavam ressentir o fato de terem sido designadas para escolas de vilas ou rurais e a fazer pouco ou nenhum esforço para ajudar a vida da comunidade. Algumas, igualmente, em virtude de circunstâncias sociais infelizes ou inadequação pessoal, sentiam-se inseguras e eram, em consequência, ineficazes na sala de aula. A professora de uma escola municipal na área da caatinga nas proximidades de Pesqueira, por exemplo, embora desse ao nosso pesquisador a impressão de ser "inteligente e esforçada", parecia também "pouco à vontade, muito pálida, mãos molhadas de suor, a blusa manchada também de suor". Moça de Juazeiro, estava hospedada durante o ano escolar na casa de uma conhecida porque "não queria morar no Prédio Escolar", disse uma informante, "porque não se deu bem com a outra professora — brigaram. Um dia fez feio, perdeu o controle e xingou a outra professora na rua — discutiram etc".

Observou-se em Sertão Novo, como de resto em outras localidades, que nenhuma tentativa é feita pelas professoras para entrar em contato com os pais, cujas crianças não comparecem às aulas e que, embora às vezes conversem com os pais de uma criança que não está indo bem nos estudos, este fato é, com maior



frequência, comunicado publicamente aos responsáveis pelos alto-falantes locais. Em Pesqueira, as professoras, embora elogiassem na frente dos colegas os "portentos" das classes, foram também ouvidas chamar outros, na presença dos próprios, de "burros" ou "tapados". Um funcionário público lotado em Passagem Grande disse que as professoras da localidade, "embora boas", às vezes "não são bem compreendidas" pelos pais dos alunos porque "elas são moças que procuram não se misturar com o povo. Vêm de um meio muito mais adiantado para este e chegando aqui assim procedem, ou são ricas que não querem mesmo qualquer aproximação com esta gente ignorante".

É amiúde claramente evidenciado, embora nem sempre, a ligação entre influências políticas e educacionais na nomeação, remuneração, transferência, promoção e dispensa de professoras. Um morador de uma das cidades do Médio São Francisco, por exemplo, disse que "nas escolas aqui há muita proteção política". "O senhor sabe como é", disse uma professora que fôra afastada no ano anterior de uma escola na mesma área, "chega o deputado, faz o que quer. Pode mesmo tirar pessoas que têm competência, colocar outras, piores. É preciso agradá-lo, como a todos os outros políticos". Outra professora da mesma área, ora procurando transferir-se para outra cidade, disse que "tudo depende do pistolão". Ela e a inspetora escolar informaram que "muitas professoras estão fazendo concurso para efetivação, mas isto é só proteção". Em Rio Rico, observou-se que as professoras costumam também obter seus cargos por meio de influência política, especialmente as que ensinam no "curso supletivo" (ver abaixo) e, de maneira análoga, em Cuscuzeiro, pelo menos até certo ponto, as professoras são nomeadas no cumprimento de favores políticos ou por amizade com o político que tem poderes para nomear.

Em Cuscuzeiro, como frequentemente ocorre em outras localidades, os salários são baixos e as professoras vêm-se forçadas a aceitar outro trabalho para cobrir as despesas de sustento.<sup>40</sup> Uma professora faz e conserta camisas e calças e escreve cartas e requerimentos para analfabetos, enquanto outras plantam e cuidam de suas roças. Uma delas, queixando-se de que o que ganha "não dá para nada", pediu demissão do cargo, porém como o Prefeito do município é seu compadre, concordou, a seu pedido, em esperar um pouco. A respeito das professoras das escolas para adultos em Passagem Grande, escreveu um de nossos pesquisadores: "Heroínas anônimas que ensinam à noite, à luz bruxuleante de "candeeiros a gás", das lamparinas de querosene, fazendo trabalho que as moças da cidade, armadas de diplomas, nem sequer pensam em fazer".

40. Três professoras recebem vencimentos da Prefeitura e uma do Estado: as primeiras, em 1953, 450 cruzeiros mensais e, a última, 750.



Em Cerrado, e em outras localidades observou-se grande apego emocional de alunos à professora, especialmente no caso de diversos alunos que, tendo sido transferidos de uma classe excessivamente numerosa, suplicaram para voltar a ela “porque gostavam da professora”, segundo disseram, e também nos casos de outras crianças que embora matriculadas no curso “Preparatório para o Ginásio”, compareceram a uma festa da classe ensinada pela antiga mestra primária. Em todas as classes das escolas públicas foi notado também que ocasionalmente um ou mais alunos — geralmente meninas — apegam-se mais à professora do que às colegas, fato que se reflete em visitas que lhe fazem fora da escola e em lhe darem pequenos presentes. As professoras parecem orgulhar-se de serem bem consideradas pelos alunos e o afeto que lhes demonstram parece ser, por seu lado, em grande parte espontâneo e um fim em si mesmo.

Em uma classe visitada, as crianças tinham grande liberdade de movimento, podiam mesmo deixar a sala sem pedirem permissão e demonstravam também certa familiaridade com a mestra. Tendo esta observado casualmente, por exemplo, a um aluno que fazia contas no quadro-negro: “Está errado aí, sem hesitação o aluno respondeu: Não pode ser”. A observação posterior de que “Pode muito ser, né?” pareceu ao nosso pesquisador simplesmente a opinião de uma pessoa mais velha e mais culta do que uma recriminação por presumida falta de respeito ou teimosia de parte do aluno. Apesar de tudo, esta relativa liberdade de fala e movimento não alcançou em qualquer momento as proporções de desordem.<sup>41</sup>

Os métodos empregados variam dos tradicionais em muitos casos aos em outros casos mais modernos e tão novos que a maioria se não todos os membros da comunidade, nutrem sérias dúvidas sobre sua eficácia ou os rejeitam por completo. O cultivo da memória é talvez o objetivo mais comum visado pelas professoras das localidades estudadas pelos nossos pesquisadores e a repetição o meio mais comum empregado, situação esta há longo tempo característica da área. Em 1875, por exemplo, a respeito de Coração de Jesus, escreveu Wells (I:375) que “o silêncio da rua ensolada ao meio-dia é quebrado pela entonação gritada das crianças que repetem suas lições”. Em Jacaré, algum tempo depois, notou novamente (II:10) “o canto agudo e aflautado da escola do vilarejo”. Um som parecido recebeu o autor quando, durante sua primeira visita ao Vale, deixou o vapor no qual viajava e, enquanto esperava que se descarregasse e carregasse a carga, passeou por um vilarejo no Médio São Francisco.<sup>42</sup> Em Retiro e na cidade de Cerrado, a

41. Na classe mais conhecida pelos nossos pesquisadores, a chamada era feita também de maneira casual, com ajuda dos próprios alunos. A professora perguntava: “Que meninos e meninas faltaram hoje?”

42. Da mesma maneira que ocorria no Rio de Janeiro em 1935, embora esta cantoria monótona não seja mais característica das escolas locais.



repetição pelas crianças, em grupos e em voz alta, de exercícios de leitura e conjugação de verbos foi frequentemente observada. Em considerável número de escolas visitadas num município cuja sede é uma das maiores cidades do Médio São Francisco, as crianças também estudam em voz alta na escola — lendo cartilhas, soletrando ou decorando a tabuada. Em Passagem Grande, os métodos de ensino empregados lembraram a um de nossos pesquisadores “os do Império”. São às vezes velhas cartilhas em que aparecem trechos como: “Pa-ra a se-mana te-nho que ir a Cor-te”, refletindo uma situação política obsoleta há muito tempo no Brasil. Em certas escolas rurais deste município é atualmente usado o “argumento”, uma espécie de sabatina realizada entre a professora e os alunos, ou, com maior frequência, entre os alunos sob a supervisão da mestra. Uma pergunta é feita. Se o aluno não consegue responder satisfatoriamente, é aplicado a ele ou a ela pelo colega sabedor da resposta o “argumento”, isto é, um “bôlo” com a palmatória. Ao chegar um visitante a uma escola de vilarejo nas proximidades da foz do São Francisco, a professora chamou os “melhores alunos”, como os chamava, para serem submetidos à “prova do argumento”, e mandou-os repetir a “Lição XII”, uma lição outrora muito usada, na qual são repetidas parselhas de versos de nomes começando com as letras do alfabeto e passando de “Antonio — Andarilho”, através de “Bernardino — Bordoada”, “Casimiro — Carneirada”, até “Xenofante — Xicórea”, e “Zebedeu — Zacarias”. Outro aluno da escola cantarolou a tabuada com evidente medo de cometer um erro e receber um “bôlo” (ver abaixo) e repetiu, quase cantando, a “Carta Mandadeira”.<sup>43</sup> Em numerosas outras localidades, igualmente, os métodos refletem os usados quando as professoras aprenderam a ler e escrever, e mesmo um período anterior. Numerosas professoras ignoram o programa oficial prescrito pelas autoridades escolares do Estado e da Nação. E algumas dizem mesmo que não sabem o que são. Em vez dos manuais recomendados, qualquer texto disponível ou mesmo cópias manuscritas de velhos textos podem ser usados. As professoras mais antigas tendem a resistir à mudança nos velhos métodos de ensino e a sustentar que “o que é realmente importante é apenas ensinar a ler, escrever e contar”.<sup>44</sup>

As expectativas com referência às técnicas de ensino empregadas pelos mestres de parte de numerosos pais, especialmente, mas não exclusivamente da parte menos privilegiada da população,

43. Um morador de Passagem Grande, de mais ou menos 70 anos, lembra-se de ter usado quando menino as “Cartas Mandadeiras do ABC”. E ainda pode recitar, em tom rítmico e monótono, “Amizade, Brincadeira, Cortesia” etc.

44. Nem sempre. Um homem que o autor e seus companheiros conheceram na Seção Norte das Corredeiras do Vale, mencionou um menino que ao ser perguntado se havia aprendido alguma coisa na escola, respondeu: “Não sei, mamãe. Foi lá e a professora mandou a gente fazer uma gaiola e decorar alguns paus. Não sei se isso é escola ou não.” Disse ainda o informante que “a mãe finalmente tirou o filho da escola”.



transparecem nas palavras de uma mãe em Pesqueira a respeito de certo professor: "Ele, sim, que é bão. Ele bate bastante í a gente tem que istudá. Quem num istudá, cai fora logo. Num aguenta. Ele bate e a gente aprende". O professor em causa era elogiado por numerosos pais, sobretudo pelo fato de que "ele puxa pelos alunos, amansa, como diz". Uma mulher que ensinara num vilarejo do município disse que "os pais da roça, desses lugarejos por aí, que têm interesse pelos filhos, dizem à professora para bater neles, porque querem que os filhos aprendam e, na frente dos filhos, dizem: "Pode batê, professora, prá desasná direito". Acrescentou ela que "as crianças a quem eu ensinava ficavam apavoradas e eu tinha às vezes de acalmá-las dizendo que, "Eu não vou bater mais em vocês porque não é necessário. Hoje eu não vou bater em mais ninguém!"

O meio mais comum usado localmente para esse fim é o "bôlo" da palmatória, variando o número de golpes, ou a "dose", como é chamada, de talvez uma a várias dúzias. Como em Passagem Grande e outros locais, são de fato aplicados, contudo, geralmente por alunos que sabem as respostas às perguntas não respondidas pelos colegas, e não pelas próprias professoras. Outros meios empregados, e rotineiros com as professoras incluem beliscões, puxões de orelha, tapas e reguadas, ou o aluno pode ser obrigado a ajoelhar-se durante certo período de tempo sobre caroços de milho. Uma professora de uma escola particular possuía uma bolinha de cera presa numa corda, com a qual eram aplicados golpes na cabeça.<sup>45</sup> Nenhum comentário desfavorável a respeito desses meios se ouve na comunidade, uma vez que o castigo físico é considerado aqui, como, aliás, geralmente na área, "o caminho mais curto para aprender".

Em Pesqueira e em outras localidades do Vale observou-se que algumas professoras procuram modificar a rotina de ensino, embora geralmente não consigam obter apoio para esses esforços das autoridades públicas ou de membros da comunidade local. A fim de melhorar a instrução, sugere uma professora, por exemplo, que "as matérias devem ser apresentadas como histórias", e que o "volume de memorização deve ser diminuído", a fim de não preocupar tanto o juízo das crianças, pois, mais tarde, serão incapazes de conservar qualquer frase, em vista da perda de fosfato. "Uma das professoras fez os alunos se vestirem de índios e um deles como Cabral a fim de ilustrar a história da descoberta do Brasil". Organizou também um "pequeno museu", para o qual as crianças fizeram flores e outros enfeites de penas. Certa vez eles encontraram e trouxeram uma casinha de joão-de-barro. Disse que não compreende porque as outras professoras não fazem a

45. Outra professora mandava às vezes o aluno ficar de frente para a parede ou permanecer de joelhos com um banco na cabeça e uma pedra em cima do banco.



mesma coisa. Em Cerrado e Retiro, os exercícios de aritmética preparados em casa são corrigidos na classe, desenvolvendo um dos alunos os problemas no quadro-negro sob a supervisão da professora, enquanto os demais comparam-no com os seus. Concursos dentro da classe entre os meninos, de um lado, e as meninas, de outro, ou entre alunos de diferentes fileiras, são ocasionalmente usados como expedientes pedagógicos, especialmente em aritmética.

Algumas professoras dramatizam a matéria. Um Inspetor escolar e antigo professor, ao visitar periodicamente as escolas em Rio Rico e vizinhanças, conta às crianças a história que leu certa vez num livro antigo que alguém lhe emprestou. Segundo a história, que ele considera "muito bonita", morou certa vez no município de Macaúbas um homem "tão bruto que na casa dele não recebia quem sabia ler. Mas ele tinha um filho com muita vontade de aprender. E esse menino ia para a feira e lá pedia para um, pedia para outro, e comprou um livro, mas tudo escondido do pai. Um dia dormindo na rede e preocupado com o livro, que estava escondido, sonhou e falou alto: 'Não, pai. Não é meu!', e acordou assustado. O pai estava perto e ouviu. Perguntou pro filho: 'Que é que você falou? O que é que você tem, e diz que não é seu?'. O menino respondeu: 'Não é nada, não, pai!' Mas o pai ficou muito desconfiado, e continuou a fazer perguntas ao filho. Finalmente, começou a procurar pela casa até achar o livro. Quando achou o livro, bateu muito nele, maltratou muito, continua o inspetor. "A mãe, sendo uma pessoa muito dócil, não pôde fazer nada".

"Finalmente, o menino cresceu e ficou homem. Certo dia, foi com um velho da mesma localidade trabalhar numa fazenda no Estado de São Paulo. Aí encontrou uma professora que ao ver que ele tinha muita vontade de estudar, ensinou-lhe a ler. Finalmente, certo dia, ele e a professora se casaram. O rapaz escreveu ao pai, falando-lhe do casamento e, de vez em quando, enviava-lhe dinheiro pelo correio. O pai, porém, nem recebia as cartas nem o dinheiro".

"Alguns anos depois, o velho com quem o rapaz tinha ido para São Paulo voltou a Macaúbas e descobrindo que o pai nunca tinha recebido as cartas nem o dinheiro que o filho enviara, foi até a agência dos correios para averiguar. Foi informado de que as cartas haviam realmente chegado, que haviam sido entregues a um homem chamado André que, todas as vezes, tinha dito ao agente que viera buscar as cartas 'das pessoas que moram perto de mim'. O velho foi procurar a polícia, arranjou um destacamento, e forçou André a entregar as cartas e pagar o dinheiro ao pai do rapaz".

O inspetor termina a história dizendo: "Mas a maior tristeza do pai foi não ter podido ler as cartas que o filho tinha escrito para ele".

Referindo-se a problemas disciplinares, uma professora de Cerrado disse, com bastante discernimento: "A principal coisa é a criança gostar da professora". Aparentemente, o castigo por infrações mais usado no local é conservar o aluno "preso" depois das aulas. Não obstante, quaisquer formas de castigo são raramente usadas e, tanto quanto foi possível apurar, nunca há castigo físico.<sup>46</sup> Nem parece sejam usados também em Pesqueira no que interessa à inculcação da disciplina, embora, conforme já indicado, seja empregado quando o aluno não aprende a lição que lhe foi passada. Na principal escola local, as professoras batem com a régua "com toda força" em suas escrivatinhas e gritam: "Fiquem quietos!" Certo dia, um menino atirou alguma coisa contra uma menina, que "fez fitinha", fingindo que ia chorar. O menino foi castigado, sendo posto de pé com o rosto para a parede. Em outra sala de aula visitada nesta escola, um menino estava sentado com uma menina porque, disse a professora, "Ele é muito vadio. Não estuda. Fica com as meninas para ver se faz!"

Uma professora de Rio Rico mantém a disciplina obrigando a criança a escrever certa palavra grande número de vezes ou ficar de pé num canto com o rosto virado para a parede, ou privando-o do recreio. Ao serem vistas duas meninas cochichando durante a aula, a professora de Sertão Novo apanhou um lápis e fez uma marca junto de seus nomes no "livro de chamada", dizendo-lhes, enquanto isso, que essas marcas significariam redução na nota de "comportamento" naquele mês. Em Passagem Grande, uma criança foi vista receber dois "violentíssimos bolos" numa escola. O uso da palmatória para castigar os que brincam durante as aulas ou se comportam mal de outra maneira, ou que não aprendem suas lições, é bastante geral e frequente nas escolas da localidade. Este e outros castigos, tais como ficar de pé ou ajoelhado de frente para a parede, são também empregados em Cuscuzeiro. Em numerosas escolas visitadas em várias partes do Vale, comentários elogiosos a respeito dos alunos mais inteligentes, e depreciativos para os mais atrasados e levados, foram feitos pelas professoras na presença das crianças em questão e dos colegas. Uma mulher em Manga disse que sua filha, que ensina numa escola mantida pelo fazendeiro e que é frequentada por diversos homens, alguns dos quais casados, tem uma "negrinha",<sup>47</sup> que usa para "apavorar até mesmo esses rapazes". Acrescentou a mãe que a filha "trabalha tanto, dia e noite, que está emagrecendo", e que lhe pediu que não batesse nos rapazes, "mas ela disse que se não bater, eles tomam conta de tudo".

46. Consciente da má vontade de alguns pais para com a escola, a professora toma, em Retiro, um cuidado especial no caso de brigas entre os alunos. Se tem dificuldades em manter a disciplina nessas ocasiões, diz: "Vão brigar na rua. Não aqui na escola. Não quero me aborrecer com as perguntas dos pais, que depois vêm pedir explicações."

47. Régua.



*O programa escolar.* Por ocasião de nossa primeira visita ao Vale, numerosas escolas ministravam apenas três anos de educação primária e nenhuma mais de cinco anos. Cinco anos são comuns atualmente. Havendo professoras em número suficiente, a mestra costuma, em numerosas localidades, acompanhar os alunos à medida que passam o primeiro para os anos subsequentes até completarem o primário.

Em Cerrado, o ano escolar é dividido da seguinte maneira: aulas de 1.º de fevereiro a 15 de julho, férias de meio do ano de 15 de julho a 31 de julho; aulas novamente de 1.º de agosto a 30 de novembro, férias mais uma vez de 1.º de dezembro a 31 de janeiro. Visto que não são dadas aulas nos sábados ou domingos, há em média cerca de 20 dias de estudos em cada mês civil. Além disso, as escolas fecham também frequentemente nos feriados nacionais e religiosos, cujo número varia muito de comunidade à comunidade. Em Rio Rico, por exemplo, observou-se que embora as lojas estivessem abertas, não houve aula no "Dia de São José", e no local como em toda parte, nenhuma aula na Semana Santa. Em Sertão Novo, as aulas foram suspensas durante toda a semana do carnaval.

Devido ao número de alunos em relação às instalações escolares disponíveis, o dia escolar em Cerrado é dividido em dois turnos de quatro horas cada, um pela manhã e o outro à tarde. Um grupo diferente de alunos estuda em cada turno. O mesmo sistema é também observado em outras localidades do Vale.

O programa da escola primária de Cerrado inclui, principalmente, Português falado e escrito, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Desenho, e "Idéias Elementares sobre Ciências Físicas". São ministradas também aulas de canto e artes manuais, incluindo escultura em barro. As características, recursos e história do município e da cidade são ensinados com uma considerável exibição de orgulho local. As professoras são também encarregadas de liderar a classe num curto período de ginástica diária. A lealdade ao Estado de Minas Gerais e ao Brasil é fomentada pela comemoração de acontecimentos da história estadual e nacional. Além disso, as professoras sentem-se na obrigação de ensinar "virtudes morais", especialmente honestidade, benevolência e gratidão, bem como regras simples de higiene e certas "boas maneiras", tal como a sugerida na admoestação, "A criança não deve sair de casa sem licença". Certo dia, depois de terem os alunos lido uma lição, uma das professoras perguntou: "O que foi que vocês aprenderam na lição?" E ela mesmo respondeu à pergunta: "A boa ação do príncipe", e acrescentou: "Não devemos maltratar os animaizinhos. Como eu disse na aula de religião, os animais são seres criados por Deus. Vendo a ação do filho, o rei começou a compreender o quanto era mau. Seu próprio filho, uma crian-



cinha, foi quem deu ao rei uma lição de moral". Disse, a propósito, uma professora de Retiro: "Temos obrigação de fazer ver às crianças o que está certo e o que está errado".

Nas escolas de Pesqueira são ensinados também rudimentos da Leitura, Escrita, Aritmética, História, Geografia e Ciências Físicas, bem como dadas lições simples de desenho, educação física, religião e comportamento, de conformidade com o mores local. Nos 1.º, 2.º e 3.º anos, por exemplo, a professora ensina "Língua Pátria", Gramática, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Ciências Naturais, Catecismo, Desenho, Ginástica e Educação Moral e Cívica. As ajudas visuais usadas no ensino incluem mapas do Brasil, Ásia e África e informações impressas a respeito de assuntos geográficos e da fauna brasileira.

Em Sertão Novo, foi observada que os 3.º e 4.º anos tomavam ditados, com correção posterior das frases escritas, noções matemáticas elementares, incluindo números primos, e estórias da anunciação do Anjo Gabriel a Maria, o nascimento de Jesus e a adoração dos pastores e dos Reis Magos. Durante esses relatos, foram feitas referências ao "mistério da Encarnação" e também "à necessidade de que sejamos humildes, desprendidos das riquezas terrenas, pois Jesus, com todo seu poder, nasceu num curral". Sugeriu-se aos alunos que preparassem com palha, para serem usados na época do Natal, presépios, ou "lapinhas" como são chamadas, "mas não colocando um Jesus crucificado, como fazem alguns". As crianças foram também advertidas contra "briguinhas" durante o recreio e contra o hábito que a professora disse que estava nascendo em crianças mais velhas, isto é, de "apelidar os menores — um hábito muito feio".

Na ocasião da visita a uma classe, a professora do 2.º ano em Sertão Novo corrigia as sentenças que os alunos haviam copiado de um livro nos cadernos. Queria também que passassem revista ao que haviam estudado durante o primeiro semestre. Escrevera no quadro-negro: "Substantivo próprio é empregado para designar um só ser da espécie. Exemplos: João Maria. Substantivo comum é empregado para designar muitos seres da mesma espécie. Exemplos: livros, carteiras". Durante o dia, a professora insistiu também em que os alunos tivessem "cuidado com a ordem" no tocante a uniformes, cabelos, unhas, e dentes e acrescentou que "todos deviam demonstrar pontualidade, aplicação, obediência e assiduidade".

Entre 363 escolares de 405 entrevistados em 1950 em onze escolas do Vale a respeito de suas preferências entre as matérias, o maior número ou quase um terço (104) respondeu: "Aritmética".

48. Durante algum tempo a escola teve uma professora especial de educação física.



ca".<sup>49</sup> As demais preferências, juntamente com a ordem de frequência, foram as seguintes: História do Brasil (85), "Língua Pátria" (59), Ciências Físicas (50)<sup>50</sup> e Geografia (42). Três crianças responderam, "Catecismo" e 3 outras, "Educação Moral e Cívica".<sup>51</sup> A uma pergunta sobre a matéria de que *menos* gostavam, a maioria respondeu: "Aritmética"<sup>52</sup> ou "Língua Pátria", em aproximadamente iguais números, em cada caso quase uma terça parte do grupo. As outras matérias mais antipatizadas foram, em ordem de frequência, Ciências Físicas (71),<sup>53</sup> Geografia (62), e "Educação Moral e Cívica". (11).

Os exames realizados durante o ano em Sertão Novo incluem a 1.<sup>a</sup> prova bimestral, mais ou menos em fins de março ou princípios de abril, a 2.<sup>a</sup> bimestral, em fins de maio ou princípios de junho, a 3.<sup>a</sup>, mais ou menos no final de julho ou começo de agosto, e a 4.<sup>a</sup>, em fins de novembro. Para cada exame as questões são recebidas pelo correio da capital estadual e apresentadas pelas professoras, que se revezam na tarefa. Os exames duram 2 a 3 horas. No 1.<sup>o</sup> ano, disse uma professora, cada pergunta "tanto quanto possível" é lida para os alunos, uma de cada vez, lentamente, e repetida "até 3 vezes". No caso dos outros anos, as questões são escritas no quadro negro ou em papel pautado, rubricado por autoridade escolar. A atribuição das notas é feita pelas professoras, que devem enviar uma "relação nominal", consistindo do ano de cada aluno e número de respostas certas e cada questão, acompanhada do que a mestra considera as "melhores" e "piores" provas. No exame final, não se permite o uso de borracha, sendo o aluno solicitado a deixar as respostas como foram escritas, mesmo que compreenda que cometeu um erro. No caso de a prova mostrar indícios de uso da borracha, a resposta à pergunta não é levada em conta.

Além disso, são ocasionalmente realizadas provas orais. Numa realizada em fins de julho do nosso principal ano de pesquisas, por exemplo, à qual estiveram presentes 5 meninos e 5 meninas do 3.<sup>o</sup> ano e 5 meninos e 10 meninas do 4.<sup>o</sup> ano, a professora pediu-lhes que respondessem aos "pontos" que lhes foram dados por escrito durante o período anterior de férias, de 20 de junho a 20 de julho daquele ano. A uma menina do 4.<sup>o</sup> ano de 11 ou 12 anos de idade, "uma das mais aplicadas da classe", segundo a professora, foi dado o "ponto", "A abolição da Escravatura". Levantando-se e apoiando-se na carteira, a menina falou em voz baixa, repetindo

49. Incluindo 39 que escreveram: "Matemática".

50. Incluindo 9 alunos que escreveram: "História Natural".

51. Aparentemente, algumas professoras destacam outros campos dos conhecimentos ignorados no currículo regular, desde que 15 alunos — 10 em Petrolândia, 4 em Penedo e 1 em Cabrobó — responderam: "Ciências Sociais."

52. Incluindo 49 alunos que responderam: "Matemática".

53. Incluindo 19 alunos que responderam: "História Natural."



os nomes das leis relativas à escravidão imediatamente anteriores à abolição, os nomes dos seus patrocinadores e datas de todas elas. A outros alunos foram feitas perguntas a respeito das leis do ventre livre, dos "sexagenários", e da "áurea", bem como dados biográficos da vida de Rio Branco. Responderam também a perguntas tais como: "Estavam os escravos felizes e contentes? Recebiam salários e eram bem alimentados?" As respostas foram todas negativas, acrescentando-se que "os escravos eram tratados como animais", "que carregavam os senhores em cadeirinhas", e que "trabalhavam de sol a sol", e que "se chovesse, continuavam trabalhando". Os alunos do 3.º ano receberam o "ponto", "Capitanias Hereditárias", e foram perguntados quais delas prosperaram mais, bem como dados biográficos relativos aos respectivos donatários.<sup>54</sup>

Numa prova escrita realizada no dia seguinte, o título do "ponto", "A Velha Capital de Pernambuco, Sua Opulência e Sociedade", foi escrito no quadro negro, a ser copiado e respondido por escrito pelos alunos do 3.º ano.<sup>55</sup> Aproximadamente na mesma ocasião, os alunos do 4.º ano tiveram a resolver problemas de Aritmética, um dos quais foi o seguinte: "Dois irmãos depositaram 9.800 na Caixa Econômica. O irmão mais velho depositou 5.200 cruzeiros. Quanto depositou o outro irmão? Quanto o irmão mais velho depositou que o mais moço?" Mais tarde o 3.º ano foi solicitado a "fazer uma descrição de um menino e seu cachorro, correndo atrás de uma bola". Ao serem corrigidas as respostas aos problemas de Aritmética, os alunos do 4.º ano passaram à análise da sentença, "Maria é linda". Houve outras questões apresentadas pela professora a respeito da sentença, "Este menino tem uma bola", depois do que ela deu o sinal, batendo palmas. As crianças levantaram-se, disseram uma Ave Maria e cantaram uma canção patriótica. Despediram-se da professora com um "Obrigado, Professora!" e saíram em duas filas.

Nestes e em outros exames e testes do mesmo tipo, exige-se um vocabulário que, conforme já deve ter sido ficado claro, situa-se além da competência verbal de muitas crianças na idade da série em questão. Num exame de "História Natural" em Pesqueira, por exemplo, à pergunta "O que é um fruto?" a resposta esperada era: "O fruto é o ovário da flor, depois de fecundado e desenvolvido". Perguntou-se, em seguida: "O fruto tem quantas partes?", com a esperada resposta de: "O fruto tem 2 partes: o epicarpo e a semente". Logo depois foi perguntado: "O que é epicarpo?" "O que é mesocarpo?" e o "O que é endocarpo?"

54. Quando o aluno não conseguia responder a uma dada pergunta, ela geralmente debruçava-se sobre a mesa e esbofeteava-o.

55. No dia seguinte, o 4.º ano recebeu na prova de História o "ponto" seguinte: "A Invasão dos Holandeses: Matias de Albuquerque." A professora observou que os "pontos" referentes à história de Pernambuco "entusiasmam muito os alunos". E acrescentou que "certa vez quando dei o 'ponto', 'A Insurreição Pernambucana', os alunos bateram palmas".



Em algumas escolas pelo menos, além das atividades escolares regulares, são realizados programas especiais, na preparação e execução dos quais as crianças recebem instrução além da prevista no currículo regular. Em Cerrado, num desses programas em comemoração de um fato histórico, incluiu-se a recitação de poemas, a leitura de composições curtas, apresentação de uma cena com elementos muito simples de coreografia e caracterização, outra cena com dramatização mais rebuscada, um breve concurso em forma de perguntas e respostas, cantos corais e outros números de canto, e uma exposição de trabalhos manuais. Em todos os casos, foi muito grande a participação dos alunos. A maioria dos textos usados é de natureza informativa e educativa, embora as idéias transmitidas, com exceção de referências ao fato histórico comemorado no dia, fossem mais fragmentárias do que nas aulas comuns.

Em Pesqueira, na ocasião em que uma professora mandou os alunos cantarem, apanhou uma régua e dirigiu o Hino Nacional com tanto entusiasmo, que uma de nossas pesquisadoras, presente na ocasião, observou: "Confesso que fiquei comovida com o entusiasmo de Dona Zita e das crianças. Fiz força para não chorar". Em Sertão Novo durante um dos anos de nossa pesquisa, foi realizada uma "festa cívica" na escola pública por ocasião do aniversário da Independência do Brasil. Pela manhã, foi hasteada a bandeira nacional com os alunos em pé, de frente para o mastro, e cantando o hino nacional, seguido de um serviço comemorativo e passeata pelas ruas da cidade. A bandeira foi hasteada em dois outros locais: na agência dos Correios e Telegrafos e na prefeitura, sendo o hasteamento seguido neste último local de recitação de poesia por um dos alunos. À tarde teve lugar uma "sessão cívica" com a presença do prefeito e vereadores na sala principal da escola, previamente decorada com flores, plantas em vasos (palmeiras), ilustrações usadas no ensino da História, e duas bandeiras brasileiras. O programa incluiu o canto pelas crianças do "Hino da Independência", e mais tarde, o hino "Glória ao Pavilhão", com o hino nacional no encerramento da festa, bem como um recital de poesia, dois discursos, o primeiro da professora e o segundo de um representante do prefeito. As crianças marcharam em seguida pela cidade, permaneceram em posição de sentido quando as duas bandeiras previamente hasteadas foram arriadas e, de cada vez, cantaram o "Hino à Bandeira" e o "Hino Nacional". Antes, uma comissão de professores e alunos havia visitado o prefeito, o coletor, o juiz de direito e o promotor público convidando-os para as cerimônias. O público fôra convidado pelo sistema de alto falantes da cidade, que também tocou músicas patrióticas durante o dia e irradiou as cerimônias.



*Escolas.* Com exceção das classes instituídas pelo governo federal para reduzir o analfabetismo (ver *Educação de Adultos*, abaixo) todas as escolas nas localidades estudadas pelos nossos pesquisadores por ocasião de nosso principal período de pesquisas eram primárias. À parte as mantidas por verbas públicas, havia, especialmente nas cidades maiores, mas ocasionalmente também nos vilarejos, escolas particulares, organizadas por um homem ou mulher que ensinavam uma ou mais classes e cobravam certa anuidade por aluno. Vez por outra, foram encontradas escolas paroquiais e, nas fazendas das zonas mais isoladas, outras instituídas e mantidas pelos fazendeiros para seus filhos. Conforme indicado (ver *Divisão do Trabalho*, no Tomo II) funciona ainda em limitada extensão em algumas localidades — como por exemplo, em Rio Rico — o antigo sistema de aprendizagem. Em limitado número de cidades, especialmente mas não somente na parte sul extrema da bacia do São Francisco, existem escolas além do nível primário.

Atendendo às 3.579 crianças do município de Cerrado entre as idades de 5 a 15 anos, segundo o censo de 1950, existiam por ocasião de nossa pesquisa um "Grupo Escolar" na cidade de Cerrado, uma "Escola Reunida" na vila de Pau Terra, e 14 "escolas rurais". O Grupo Escolar e a Escola Reunida eram mantidos pelo governo estadual e as rurais pelo município. No ano de nossa pesquisa em Cerrado, 481 crianças estavam matriculadas no Grupo Escolar, havendo apenas duas ou três carteiras vagas em cada classe. Nosso pesquisador calculou que a Escola Reunida de Pau Terra, usada pelas crianças do vilarejo e da área rural vizinha, podia acomodar de 200 a 300 crianças e, embora não apurasse a capacidade de todas as "escolas rurais" do município, é provável que as duas de Retiro, cada uma das quais acomodavam de 40 a 50 alunos, não fugissem à regra.

Os 6.016 alunos do município de Rio Rico entre as idades de 5 a 15 anos, segundo informa o censo de 1950, estudavam por ocasião de nossa pesquisa em duas escolas primárias na cidade e 15 no resto do município, 14 das quais criadas e mantidas pelo governo municipal e 1 pelo estadual. Outra "escola primária rural" estava sendo construída pelo Estado. Nas 14 mantidas pelo governo municipal, a matrícula variava de 15 a 64 por escola, com uma média de 32.

Os 9.353 alunos do município de Pesqueira na faixa de 5 a 15 anos, segundo dados do censo de 1950, contavam por ocasião de nossa pesquisa com 14 escolas primárias mantidas pelo Estado e 20 de responsabilidade de particulares: 2 no vilarejo próximo de Marrecas, uma estadual e outra particular; 1 em quatro outras vilas do município, 6 delas estaduais e 1 particular; além de 21 nas zonas mais rurais, 5 delas estaduais e 16 particulares. No



município de Sertão Novo, à época de nosso principal período de pesquisas, existiam 31 escolas mantidas pelo Estado, incluindo uma na própria cidade, uma na vila de Ouricuri, uma em cada uma das 29 fazendas e, além disso, duas "escolas primárias rurais" mantidas pelo governo municipal, uma na vila de Icatu e a outra numa fazenda.

Em Passagem Grande eram 18 as escolas públicas, 1 mantida pelo Estado e 11 pelo município, 1 paroquial, 3 particulares, mantidas pela própria professora, geralmente em sua residência,<sup>56</sup> e sustentada pela Colônia de Pescadores local, outra num vilarejo que se desenvolvia em torno de uma fábrica têxtil recentemente construída na periferia do município, e mantida por um sindicato. Uma escola paroquial, um Grupo Escolar e 3 particulares localizavam-se na própria cidade de Passagem Grande e, na sua periferia, outra mantida pelo município e outra pela colônia de pesca.

Todas as escolas têm nome, geralmente de uma notável figura nacional ou local, frequentemente um político ou — especialmente no caso de escolas particulares — um santo e, nos Grupos Escolares maiores, também todas as salas. Entre os nomes anotados numa cidade, por exemplo, figuravam os seguintes: "Castro Alves", "Rui Barbosa", "Princesa Isabel", "Santo Dumont", "Duque de Caxias", "Carlos Gomes", "Joaquim Nabuco", "Humberto de Campos", "Joana Angélica", "Rafael Xavier", "Teixeira de Freitas", "Getúlio Vargas", "Eduardo Gomes", e "Cesar Zama". Os salões da principal escola da cidade eram chamados de "Salão Rui Barbosa", "Castro Alves", e "Carmem Ribeiro".

Embora, conforme indicado, a maioria das escolas públicas seja mantida por um dos três governos cujas atividades afetam a localidade, a iniciativa nesse sentido nem sempre é de órgão público. Em Cerrado, por exemplo, a esposa de um fazendeiro fundou, em 1840, a primeira escola no arraial que se transformou na cidade de Cerrado. Por ocasião de nossa primeira visita ao Vale, a umas sete léguas de Manga, uma moça de Carinhonha ensinava a crianças e adultos num acordo com um fazendeiro local, cujos dez netos eram seus alunos. Recebia 10 cruzeiros por mês por cada aluno, fornecidos também alimentação e alojamento. Ao voltar para casa de visita, ia a cavalo. Um prefeito na Seção das Cordeiras pagava na ocasião, de seu próprio bolso, os salários das professoras de 14 escolas fundadas pelo município.<sup>57</sup> Conforme esclarecido acima, nessa ocasião 17 escolas eram mantidas pelos fazendeiros do município de Sertão Novo. Com outras exceções

56. Além da mensalidade que ela fixava e cobrava, as professoras das escolas particulares estavam recebendo, na ocasião, um pequeno salário (Cr\$ 150,00 mensais) da prefeitura local.

57. As professoras ganhavam de 80 a 200 cruzeiros mensais (em 1950), além de alimentação e pousada num sítio local.



do mesmo tipo, contudo, e também das escolas particulares, a iniciativa de criação de instituições educacionais sempre foi governamental.

*Escolas estaduais.* A escola pública da cidade de Cerrado foi estabelecida e é mantida pelo governo estadual. O edifício ocupado, ao contrário de prédios semelhantes no Vale, foi construído expressamente para esse fim. Possui água corrente e instalações sanitárias e todas as seis salas de aula contam com teto e assoalho de madeira. Nos fundos do prédio existem um galpão coberto e campo de recreio ao ar livre. As duas escolas de Retiro são também estaduais. A mais antiga localiza-se na maior das três enormes fazendas da área, na sala principal da casa de tijolos da professora. Duas fileiras paralelas de dez carteiras cada, são alinhadas de frente para um quadro-negro de mais ou menos um metro quadrado. A segunda escola de Retiro tem instalações muito acanhadas. Dispondo de uma janela apenas e sem teto, constitui um de uma longa série de cômodos ligados lado a lado, sendo os demais usados como silos ou oficinas de artesãos, todos localizados nos fundos da casa do fazendeiro, na sede da fazenda (ver *Habitação e Mobiliário*, Tomo II). De um dos lados da sala de aula há um pequeno cômodo usado como sapataria e, do outro, um semelhante, que serve como depósito de objetos imprestáveis. Na sala de aula são poucas as carteiras semelhantes às existentes em outras escolas de Retiro, projetadas para duas crianças, mas colocadas tão juntas que tornam difícil o movimento na sala.

Os nossos pesquisadores foram recebidos à porta de uma das escolas estaduais de Rio Rico. Ao entrarem, as crianças, de acordo com o padrão de etiqueta comum à área (e em todo o Brasil) levantaram-se e permaneceram de pé até que um dos visitantes dissesse-lhes que se sentassem. Na mesma sala recebiam aulas alunos dos 2.º, 3.º e 5.º anos. Na ocasião da visita, estavam presentes 3 meninos e 1 menina do 2.º ano, 7 meninos e 16 meninas do 3.º, e 4 meninos e 6 meninas do 5.º, num total de 37 alunos, dos quais 14 meninos e 23 meninas. A sala possuía três fileiras de bancos escolares, com duas ocupadas por meninas e uma por meninos, enquanto seis ou sete alunos aglomeravam-se em volta de outro que escrevia no quadro-negro, pendurado próximo à porta. Nossos pesquisadores acharam que as crianças "tinham boa aparência". A professora observou que "faz questão disso", acrescentando: "As crianças podem vir à minha escola mesmo descalças, mas limpinhas". Não exige que possuam livros, porque, disse, "os pais são pobres e não podem comprar". Os livros usados nos trabalhos de classe são muito variados, constituindo na maior parte livros de antigos alunos. De modo geral foram escritos também para alunos mais adiantados do que para os alunos em questão, sendo mesmo alguns para o primeiro ano do ginásio. Havia uma biblioteca



escolar de 113 livros, todos de Monteiro Lobato,<sup>58</sup> com exceção de quatro exemplares de *Uma História e Depois Outra*, de Rafael Grisi, e um livro de Hildebrando de Lima. A biblioteca, contudo, “não está em funcionamento”, disse a professora, porque quando fornecidos pela Secretaria de Educação, “não vieram acompanhados de instruções sobre o uso dos mesmos. Por isso, nada foi feito nem sabemos como vai ser”. A professora esclareceu também que pensa que “talvez a melhor maneira de funcionar seria permitir às crianças que levassem os livros para casa, obrigando-se as mesmas a terem cuidado com eles. Caso os estraguem, aí daremos uma punição, como eu sempre faço aqui: copiar diversas vezes, “Devo ser cuidadoso, devo ser cuidadoso!”

Informou também que “sigo o antigo programa rigorosamente”, pois embora saiba que “há uma reforma, não recebemos nada aqui”. Acrescentou que os alunos em Rio Rico, em comparação com outros locais onde lecionou, “são mais indisciplinados, mais traquinas”, embora “agora sejam melhores do que nos primeiros anos em que ensinei aqui. O bispo (de Barra) tem também influenciado muito o prefeito”.

Outra das professoras que lecionam neste edifício disse que embora as aulas devam começar às 8 da manhã, “espero até às oito e meia porque aqui não se pode ser muito exigente. Tenho alunos que vêm de uma légua, até de mais, e antes os meninos vão botar água (trazer água do rio) para a mãe, outros vão pisar”. Alegou, contudo, que “a frequência aqui é quase igual à matrícula” e que as crianças que faltam à escola o fazem “porque têm que ajudar os pais ou por falta de roupa e alimentação”. Aduziu que embora a Secretaria de Educação exija aulas nos sábados, “se vêm uns 10 alunos vêm muito porque é hábito aqui no lugar não ir à aula no sábado. É dia de feira. Muitos vêm à feira. Além disso, são pobres, coitadinhos, é dia em que lavam a farda (uniforme). Só têm uma”. Além do programa regular, ela ensina bordado e catecismo nas quintas-feiras. Disse que manda os alunos do 5.º ano ajudar os mais atrasados.

A terceira professora desta escola leciona em Rio Rico “há 8 ou 9 anos”, depois de ter ensinado durante 2 meses num vilarejo vizinho. Tem 46 alunos matriculados nas suas classes. Disse ainda que “não posso matricular mais, e meu marido não que eu faça”, embora “saiba que vai haver inimizade porque vou ter que fazer voltar muitos”. Quando não há mais carteiras disponíveis, os alunos trazem banquinhos de casa.

Os lavatórios e sanitários do prédio não funcionavam por ocasião da visita. “Quando foram inaugurados”, disse uma das

58. Havia, em quase todos os casos, três exemplares de cada título.



professoras, "havia água. Depois a água não veio mais. Há um defeito nos canos, não fizeram o serviço direito. E ninguém mandou mais consertar".

Embora as classes devam começar às 8 da manhã, alguns alunos, como os de Rio Rico e outras localidades, têm permissão para chegar mais tarde porque moram a uma grande distância da cidade, não possuem agasalho para tão cedo assim no dia, especialmente durante o "período do frio", ou porque os pais pediram licença para que viessem depois em virtude de trabalho que precisa ser feito em casa, especialmente no caso da maioria das meninas, mas também de meninos, que ajudam a entregar leite na cidade todas as manhãs. Por solicitação dos pais, duas irmãs do primeiro ano, cujas aulas são ministradas somente à tarde, acompanham a irmã mais velha, cujas aulas do 4.º ano são dadas pela manhã, "porque as crianças moram muito longe". A despeito da distância, disse a professora que as irmãs raramente faltam, fazendo a viagem diariamente a cavalo. Se um aluno morador na cidade descobre ao chegar que esqueceu algum material escolar necessário, pede permissão para ir em casa buscá-lo. A professora esclareceu que "nós aceitamos aqui alunos até dez da manhã porque, se não o fizéssemos, não teríamos mais de 10 no total". Acrescentou, contudo, que "algumas crianças têm uma excelente folha de comparecimento" e que em todos os casos em que um ou mais alunos faltam, envia outras crianças ou sua empregada para buscá-los.

Por ocasião da visita de nossos pesquisadores aos Gerais, estava funcionando havia quatro anos uma escola em Buriti, com 21 meninos e 24 meninas matriculados. Um dos alunos vinha de uma distância de uma légua. Embora o professor, um fazendeiro, que usa um linguajar semelhante ao dos demais moradores, dissesse que "é bom o comparecimento", os livros de chamada desmentiam essa asserção. Na manhã da visita à escola, quatro meninas chegaram às 8:05, e, às 8:55, três outras e três meninos. Às 9:20, apareceram três outros meninos e, às 9:55, quatro meninas. Quase todos os alunos traziam uma espécie de maletinha de madeira, que usavam como banco. As aulas foram dadas no primeiro de dois cômodos, de mais ou menos 4 por 3,5 metros, que fôra construído em um dos lados da casa do fazendeiro. As paredes eram caiadas de amarelo escuro por fora e branco por dentro, com duas janelas de madeira na frente, sem pintura. O chão era de barro batido. Por ocasião da visita, havia na sala 3 mesas e 6 bancos de madeira. As decorações incluíam ramos de arbustos floridos, uma pequena bandeira brasileira de papel, tiras de bandeirinha de papel de seda colorido e, nas paredes, litografias de santos, figuras cortadas de velhas folhinhas, diversas das quais reproduziam obras famosas de pintores como Goya, Renoir e Rubens, um cartaz polí-



tico com um retrato de Clemente Mariani, e laços de papel de seda colorido. Os meninos sentam-se de um lado e as meninas do outro. Disse o professor que "os meninos, quando chegam aos 12 anos, deixam a escola. As meninas, porém, são mais firmes".

A escola estadual de Pesqueira, a principal da cidade, é do tipo "Escola Reunida". O prédio pareceu superior ao de outras escolas da área, sendo bastante espaçoso, arejado, com grandes salas e numerosas janelas. Apesar disso, é bem pequeno para o número de alunos — 216 — ora matriculados. Em alguns casos, alunos de séries diferentes têm aulas em salas diferentes e, em alguns casos, igualmente, são separados por sexo. Os registros escolares indicam que pertencem, na maioria, à elite da população: entre 192 mães, por exemplo, 179 foram listadas como sabendo ler e escrever e, dos 176 pais, 174. As lições são ditadas porque nem todos os alunos possuem livros.

A professora do 1.<sup>o</sup> ano, que compreende meninos e meninas e que considera a turma "grande demais e heterogênea demais para uma única mestra", desde que inclui como "ouvintes" alunos que estiveram na classe no ano anterior, alguns repetentes, e que entraram na escola pela primeira vez naquele ano, é ajudada por outra mulher, a professora local de ensino supletivo de adultos. Ela chama o aluno à sua escrivaninha, um de cada vez, e pede-lhe que leia. A criança aponta as palavras com o dedo, ou tenta fazê-lo enquanto lê. A respeito de um dos meninos, disse a professora em sua presença que ele "é um Rui Barbosa", de outro que "é muito preguiçoso e não estuda", e de um terceiro, "que é repetente". No momento em que vários alunos começaram a conversar entre si, ela bateu na mesa com toda força com a régua, olhou-os irritada, ameaçou-os com a mão e disse: "Nós temos dívidas para depois". Chamou em seguida uma menina do 3.<sup>o</sup> ano, sua sobrinha, e disse-lhe que desse a volta à sala "tomando nota dos barulhentos que estavam conversando havia pouco".

A professora do 2.<sup>o</sup> ano tinha também meninos e meninas na sua classe, num total de 42 alunos. Os livros usados e os cadernos encapados onde os alunos tomam ditados e fazem exercícios eram mantidos em boa ordem. A professora chamou a atenção para um aluno que lia na ocasião, um garoto bastante taludo para principiantes, dizendo que "Ele é o vovô da classe — um repetente. Devia ao menos usar calça curta". A respeito de uma pretinha de uns quinze anos, com cabelo longo e liso e feições delicadas, observou: "Essa menina já está há dois anos no segundo ano, é meio atrapalhada, não aprende". Comentando outro menino, disse também em sua presença: "Ele também não aprende, é vadio, parado". A respeito de um menino de 12 anos cuja mão fôra deformada por queimaduras, disse ao alcance de sua voz: "Veja, que horror! Ele ficou com a mão aleijada!"

Todas as professoras desta escola dão aulas sentadas à escrivaninha. Enquanto ela tomava a lição, os demais alunos prestavam pouca atenção ou nenhuma, comportando-se como se estivessem “à vontade”, embora a professora batesse frequentemente na mesa com a régua e os ameaçasse. A maioria dos alunos pareceu ao nosso pesquisador “muito indiferentes e desinteressados do que acontecia, alguns conversando entre si, outros sentados com olhos vazios, com um dedo na boca, ao passo que outros quase se estiravam nas carteiras”. Não havia período de recreio. A Diretora da escola, uma mulher de 34 anos que parecia doente e bastante apática, era quase ignorada pelos alunos e professoras. O atual delegado de Ensino, um antigo professor desta escola, é tratado pelas atuais professoras como “simplesmente outro professor”, como disse uma delas.

Como não existe prédio escolar num vilarejo próximo, a moça nomeada para ensinar na Escola Estadual local alugou uma casa particular, na qual dá aulas. Estão matriculados 44 alunos, todos do mesmo grupo de parentesco. A maioria dos pais vive da lavoura e são muito pobres. Durante a “temporada das chuvas” e da colheita da mandioca, numerosas crianças são tiradas da escola para ajudar em casa. Apesar de tudo, o pesquisador julgou as crianças locais “mais comportadas na classe, mais interessadas no estudo, e mais atentas” do que as da cidade de Pesqueira”.

A professora da escola estadual de outro vilarejo no mesmo município disse que não pode continuar a dar aulas por muito mais tempo no prédio ora em uso porque ele está caindo e que “procura uma casa para alugar e servir de escola”. O edifício ora usado é um antigo casarão de abóbe, erigido sobre uma muralha de pedra, com uma calçada inclinada de lajes à frente. Um morador disse que é o prédio mais antigo da vila, tendo pertencido a uma firma que negociava com algodão. Não existem carteiras e os alunos usam caixotes e bancos, que trazem de casa. Alguns livros e mapas foram fornecidos pela Delegacia Escolar.

A principal escola pública de Sertão Novo, na qual são ministradas aulas dos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos e também um curso pré-escolar para crianças mais novas,<sup>59</sup> é também estadual. São dadas aulas durante seis dias da semana, para alguns alunos pela manhã e para outros à tarde. Os lápis pretos e vermelhos usados nas aulas, as giletes para apontá-los, e os cadernos de ponto são vendidos a preços inferiores aos do comércio pela “Cooperativa Escolar”, organizada pelas professoras. Aos alunos que não podem comprar cadernos, as professoras dizem que tomem algumas folhas de papel, dobrem-nas, e façam uma capa, imitando um caderno.

59. A professora desse curso pré-escolar, contudo, recebia vencimentos do município.



Ao iniciar-se o expediente escolar, as crianças marcham em filas para o interior do edifício, os menores à frente e os maiores atrás. Dirigem-se diretamente para seus assentos e ficam de pé até a professora chegar à sua mesa, quando dizem: "Bom dia, professora!" Ela responde: "Bom dia!" Convida-os, então, a rezar. Eles fazem o sinal da cruz, enquanto repetem: "Em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, Amém!", seguido de uma Ave Maria, rezada também pela professora.

A professora do 1.º ano informou que o método adotado por ela é "fazer os alunos aprenderem em primeiro lugar o alfabeto, em segundo, o soletrar e, em terceiro, o substantivo. Trabalha em sua escrivaninha diretamente com cada aluno, geralmente segurando-lhe a mão. Sente "grande dificuldade em despertar nas crianças o desejo de aprender", disse. "Tenho que deixá-los à vontade durante muito tempo, conversando com eles ou deixando que conversem entre si". A leitura na 2.ª série é feita de pé pelos alunos, encostados à carteira, balançando-se, apoiados sobre uma das pernas, oscilando o menino para a frente e para trás, falando geralmente em voz baixa. Pouca atenção prestam à pontuação. A professora dos 3.º e 4.º anos cabe o trabalho adicional de ministrar aulas de catecismo. Nas segundas e quintas dá também aulas de desenho, canto, e religião e, nos sábados, aulas de trabalhos manuais, "mas as crianças não aprendem coisa alguma disso", comentou. Pensa que a escola precisa "de duas outras 'cadeiras': a primeira de pré-orientação e, a segunda, de educação física", e ainda mais de uma biblioteca e de um museu.

Numa escola estadual localizada na fazenda de Zuza Pavão, nas proximidades de Sertão Novo, estão matriculados seis alunos, todos eles filhos do proprietário e de fazendeiros vizinhos. Algumas das crianças, contudo, moram a uma distância de uma légua a uma légua e meia. E somente quatro, dois dos quais filhos de Zuza Pavão, encontravam-se na escola por ocasião da visita. Disse a professora que alguns pais estão conservando os filhos em casa, "embora não precisem realmente deles", ao passo que não deixam os menores vir "com medo das onças na caatinga". Antigamente, a escola era mantida pelo município. Ao ser eleito prefeito, todavia, Zuza Pavão "pediu uma escola estadual e conseguiu-a", disse um informante. Implicita nas palavras do informante estava a sugestão de que isso ocorreu por motivo político, porque a "escola não é bem localizada".

*Escolas municipais.* Em anos relativamente recentes grande número de escolas foram abertas pelos municípios. Durante os quatro anos anteriores à nossa visita ao Vale; por exemplo, o prefeito de Petrolândia usara, na construção de escolas e estradas, os fundos produzidos pela parcela do imposto de renda federal concedida ao seu município. E como a professora poderia se casar "e



assim causar inconveniente à família com que se hospedava”, observou ele, estava construindo também, como parte de cada escola, uma residência para a mestra. No município de São Romão, dezesseis escolas municipais foram abertas durante os dois anos anteriores. No município de Rio Rico, dois anos depois, havia 23 escolas municipais. Duas destas, contudo, estavam sem professoras, que haviam partido para Goiás. As escolas funcionavam em prédios já existentes antes da sua abertura e alugados pela prefeitura. Havia planos, contudo, para construir cinco escolas municipais, todas elas com acomodações para a professora, além de uma sala de aula. O prefeito pretendia também substituir mais tarde os prédios de “instalações medíocres”.

Os alunos de uma escola municipal de uma cidade de cerca de 1.500 habitantes, no Médio São Francisco, reúnem-se na casa da professora, numa sala de mais ou menos três metros quadrados, com paredes caiadas e chão de tijolo. Além de ser muito pequena para os 40 alunos matriculados, a sala fica exposta a grande barulho externo, porque dá frente para um beco de grande movimento. Não dispõe de escrivadinha e o restante do mobiliário é evidentemente insuficiente, consistindo de apenas 8 carteiras e 2 bancos. A professora não é formada nem segue o programa oficial. “Entregaram um aqui na escola”, disse, “mas ninguém me disse coisa alguma sobre o que fazer com ele. Eu simplesmente ensino como minha professora me ensinou”. São ministradas aulas de leitura, “como fazer contas”, e aos 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> anos, de História e Geografia, “exceto que essas aulas têm que ser meramente práticas porque não temos livro”, disse ela. “Digo-lhes o que é uma ilha, quantos continentes existem no mundo, como o Brasil foi descoberto — essas coisas”. E aduziu que como apenas 7 das 40 crianças podem comprar os necessários livros, conseguiu alguns com sua mãe, que recebeu recentemente um suprimento para a classe de ensino de adultos, que ensina à noite. Entre esses livros figuram a “Cartilha do Povo”, de Lourenço Filho, a “Cartilha Para Todos”, de Renato Seneca Fleury, e “Uma História e Depois Outra”, de Rafael Grisi.

Em outra escola municipal na mesma cidade são ministradas aulas das 8 às 12 da manhã, seis dias por semana, mesmo que “poucas crianças venham no sábado”, esclareceu a professora. Jovem e também não formada, ela passa ditados de Aritmética diariamente, nas segundas-feiras dá Gramática, nas terças, Geografia, nas quartas, História do Brasil, nas quintas, Aritmética, e nas sextas, “argumento (arguição) da tabuada”. “Esse povo por aqui era muito ignorante”, explicou. “Era, e ainda é. Quando fui ensinar em Gambá, em 1929, eles lá diziam que eu e o major (o chefe político da região) éramos a mesma coisa: que eu tinha ido prá fazê ‘reculuta’, como dizem, isto é, que eu ia pegar gente prá servir



o governo, recruta. Foi naquele tempo da revolta aqui (ver *Comportamento Político*). O major mandou prá lá três soldados na mesma ocasião. E de tarde, como os soldados não tinham o que fazer, iam fazer exercícios com os meninos. Os meninos atravessavam o rio, iam dormir do outro lado, com medo dos soldados. Ninguém queria mandar os filhos para a escola, eu fiz eles virem, dizendo que quem não soubesse ler era que ia ser "recruta". E quem é que fazia essa gente calçar um sapato e vestir paletó? Diziam: "Que gente, que luxo! Essa professora não serve prá qui, não!"

*Escolas rurais.* Por ocasião de nossa primeira visita ao Vale, o governo federal estava construindo grande número de prédios de escolas rurais, todos de projeto idêntico e localizadas fora das cidades, como, por exemplo, em Caraíbeiras, um vilarejo nas proximidades de Tacaratú, em Pernambuco, que acabara de ser terminado. Dois anos depois, ao ser iniciada nossa pesquisa sistemática, quatro escolas desse tipo haviam sido construídas no município. Uma delas localizava-se logo depois dos limites da cidade e, as demais, em partes ainda mais rurais do município. Como a já conhecida em Caraíbeiras, eram todas de tijolos. Dividiam-se em duas partes, uma para as aulas, e a outra para residência da professora, separadas por um galpão de telha vã. O chão era de cimento e o telhado possuía beirais.

Uma "escola rural" deste tipo, localizada num pequeno vilarejo no Médio São Francisco, ocupa uma área total de 100 metros quadrados. O salão de aulas tem um pouco mais de 8 metros de comprimento, por 6 metros de largura e 5 de altura. Possui uma grande porta e, num dos lados, 4 janelas. Em frente ao galpão coberto, usado como local de recreio, situa-se a residência da professora, composta de sala e quarto de dormir, ambos com janelas, uma cozinha com fogão de chapa e pia, um banheiro com chuveiro e pia, e um pequeno cômodo, onde fica o sanitário. Ao lado da parede externa da residência havia dois pequenos cômodos, ambos com sanitário e pia, para uso dos alunos. A água era conservada em potes de barro, embora devesse ser canalizada à caixa d'água para distribuição do líquido a cada parte do prédio. Estava seca por ocasião da visita à escola. A professora disse que "não pude encontrar ninguém para botar os canos". Os seus aposentos, contudo, também ocupados pela empregada que a servia, estavam limpos e arrumados.

Estavam matriculados cinquenta alunos, incluindo 7 meninos e 9 meninas no 1.º ano, variando em idade de 7 aos 11 anos; 15 meninos e 11 meninas no 2.º ano, com idades que variavam entre os 9 e os 12. A frequência média era de 9 alunos no 1.º ano, 15 no 2.º, e 7 no 3.º. Alguns alunos vêm de longe até de uma légua de distância. Chegam frequentemente tarde, disse a professora e, em



alguns dias, "a frequência cai completamente enquanto eles ajudam os pais na lavoura". Dos matriculados no ano anterior, 24 haviam-na deixado por ocasião da visita à escola, alguns "por causa da idade", outros "por causa da pobreza em que vivem, que não lhes permite continuar, e ainda outros porque os pais se mudaram da comunidade. Entre os 16 alunos do primeiro ano, 10 eram repetentes. Desde que não havia carteira para os alunos, alguns usavam banquinhos, que traziam de casa.

No dia da visita à escola, estiveram presentes 27 alunos. Os do 1.º ano copiavam as letras do alfabeto, à tinta, de pé junto à mesa da professora; os do 2.º ano haviam acabado de tomar um ditado; e os do 3.º ocupavam-se na análise léxica da sentença: "O canto dos passarinhos é mais agradável do que o zumbido dos mosquitos." Mais tarde, a professora chamou cada segundo ou terceiro aluno à sua escrivaninha para escrever, enquanto os demais continuavam a copiar letras e palavras no papel, ou estudavam em voz alta a soletração e a tabuada de multiplicar. Todos os alunos estavam muito limpos e arrumados. Alguns usavam uniformes, saia azul-marinho e blusa branca com mangas curtas para as meninas, e calças azul-marinho e camisa branca com manga comprida para os meninos. Todos calçavam sandálias comuns e grosseiras. Como em tantas outras escolas visitadas, a professora, na presença dos alunos, embarçou nosso pesquisador ao identificar e comentar "os mais" e os "menos inteligentes", apontando para cada aluno e ordenando-lhe que se levantasse para ser visto melhor.

A professora de outra escola rural, localizada a curta distância de outro vilarejo no mesmo município, disse que os terrenos deviam ser cercados "a fim de evitar a invasão dos animais". Muito moça, a professora parecia não sentir muito interesse pelo ensino, utilizava métodos antiquados, parecia desanimada e demorava-se, na conversação, nas dificuldades de conseguir transferência.

No vilarejo de Cuscuzeiro, uma escola rural construída pelo governo federal ocupa uma ligeira elevação no terreno. Embora escolas semelhantes da área, por ocasião de nossa pesquisa, contassem com apenas uma professora em cada caso, esta possuía dois mestres, um deles homens. Duas turmas de crianças, de 29 e 27 alunos, respectivamente, frequentavam as aulas, um grupo pela manhã, com aulas dadas pela professora, e o segundo à tarde, pelo professor. O mestre morava com a família na parte residencial do prédio: a professora vivia em outro local do vilarejo.

As aulas começam no local diariamente com uma oração, repetida pelo professor e alunos, em voz alta, todos de pé. São ministradas lições de leitura e escrita. A leitura é feita por memorização das sílabas, que as crianças pronunciavam para si mesmas, em voz alta, e a escrita pelos alunos mais adiantados, de pé junto



à escrivadinha da professora. No dia em que a escola foi visitada, durante o período de leitura e caligrafia, numerosos alunos moviam-se de um lado para outro na sala e, em certa ocasião, começaram a brincar ou a brigar. Numa tentativa parcialmente bem sucedida para impor a ordem, a professora bateu violentamente com a régua na mesa. Foi dada também uma lição de Aritmética, durante a qual a professora usou uma cartilha. A fim de responderem às perguntas da professora, os alunos foram divididos em dois grupos. Os que erravam eram castigados com a palmatória, aplicado o bôlo, em todos os casos, por um colega que respondera corretamente. O professor marcou também passagens em livros de Geografia e História para serem decorados em casa.<sup>60</sup>

*Escolas particulares.* Além das escolas públicas há também, especialmente nas cidades, uma ou mais escolas particulares, limitados principalmente seus programas à alfabetização e à leitura, escrita e aritmética elementares. Foram todas organizadas por um professor ou professora, geralmente pessoas de educação muito limitada, conhecidas como "leigas", que raramente passam do 3.º ou 4.º ano primário. Habitualmente as aulas são dadas na residência dos mesmos. Embora essas escolas não concedam certificados são geralmente mais acessíveis às classes menos privilegiadas da população, porque não insistem nos requisitos mínimos da maioria das escolas públicas no tocante ao uso de sapatos e fardas escolares. São aceitos alunos de todas as idades.

Os professores das três escolas particulares de Passagem Grande cobram certa soma de cada aluno e, além disso, por ocasião da nossa pesquisa, uma pequena soma mensal da prefeitura, o que constitui um arranjo local. Têm todas elas uma sala para 25 ou 30 alunos e, como funcionam durante todo o ano, contam entre seus alunos, durante os períodos de férias das escolas públicas, com um considerável número de estudantes que as frequentam durante a época regulamentar.

A escola particular mais conhecida de Passagem Grande é a de uma viúva de cerca de 75 anos de idade, que ensina desde os 17. Desde que nenhum dos seus filhos sobreviveu por muito tempo depois de nascidos, ela criou oito filhas adotivas, com uma das quais mora agora. Afirma-se que é "uma professora muito boa", sendo alguns de seus alunos meninos que "não aprendiam com outras professoras". O método de ensino é o mesmo que se usava

60. O excelente programa do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, que estava sendo executado em Sergipe, em 1950, foi descrito e avaliado pelo Professor Robert King Hall, da Universidade de Columbia ("Observações e impressões sobre o ensino rural no Brasil", *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Vol. XIV, N.º 38, janeiro-abril, 1950, págs 110-125). O trabalho contou com fotografias de prédios escolares que estavam sendo construídos nas áreas rurais.

há meio século, ensinando-se a soletração pelo grupamento de letras e formação de sílabas e a tabuada pela recitação cantada. A professora de outra escola particular da localidade é também uma senhora idosa, veterana de 40 anos de ensino. As aulas são dadas em sua casa de pau-a-pique, chão de terra batida e telha vã. Na sala de aula existem 13 tripés feitos de tábuas de caixão, algumas cadeiras, de construção semelhante, e uma pequena escrivaninha, mas não quadro-negro. As idades dos alunos variam de 5 a 14 anos. Alguns deles já concluíram o quinto ano na escola pública local.

A "Escola de Santinha Pezinho" é uma escola particular numa cidade do Médio São Francisco, cujas aulas são ministradas numa casinha de pau-a-pique de chão de terra batida. A professora, uma "branca pobre de pé aleijado", de meia idade, como a descreveu o nosso pesquisador, "é uma mulher desdentada, de cabelos despenteados, muito mal vestida, mais ou menos suja, igual às demais mulheres da parte da cidade onde se situa a escola". Na sala de aula existe uma mesa e alguns tamboretos e banquinhos todos de construção rústica. Na mesa há geralmente lápis, algumas canetas, tinteiros, peças de cadernos, folhas de papel almaço e livros "muito velhos". A época em que foi visitada a escola, um aluno lia num livro velho, rasgado e sem capa. Perguntada que livro era aquele a professora respondeu que era um antigo livro de leitura, "mesmo condenado agora, mas os alunos não têm coisa melhor". A criança leu meio cantando, sem prestar atenção à pontuação, "e com muitos erros". Apesar disso, uma professora da escola pública local disse que embora Santinha Pezinho seja "apenas leiga", e "não saiba muita coisa", tem "boa vontade", é "muito esforçada e trabalhadeira", e pode "pelo menos alfabetizar crianças". Acrescentou que "querem fechar a escola porque Santinha é leiga e não segue método algum, mas isto é bobagem! O que importa que ela seja leiga e não siga método algum quando o que precisamos aqui, onde há tanta criança sem instrução alguma, é alfabetizar o maior número possível? Embora uma criança tenha que se vestir bem na escola pública, em escolinhas como a de Santinha Pezinho ela pode ir de qualquer jeito, mesmo sem sapatos — e ainda aprender".

Talvez a mais conhecida escola particular da cidade, contudo, seja de um indivíduo conhecido como Mestre Zuzu, muito comentado pela sua habilidade em "puxar" pelas crianças, especialmente com a ajuda generosa da palmatória. Preto e filho nativo da área, é alto, magro, parecendo ter menos do que seus 28 anos. Anda sempre escrupulosamente limpo, embora sua camisa branca de algodão possa ser ocasionalmente velha e remendada. As aulas são dadas em sua residência, uma casa de pau-a-pique, caiada de branco, com chão de terra batida, "já condenada pelo município",



disse ele. A sala da frente, onde existem alguns banquinhos e duas cadeiras, é reservada para as meninas e um quarto e a sala de jantar para os meninos. Além das mesas e dos banquinhos existe um pequeno quadro-negro, uma bandeira brasileira feita de papel, pregada na parede, um pote e uma canequinha de folha. Ensina ele leitura, escrita, Aritmética, História do Brasil e Geografia, embora, das duas últimas, "apenas noções gerais", segundo informou. Por ocasião da visita, estavam matriculados 40 alunos, 30 meninos e 10 meninas, variando em idade dos 7 aos 15 anos. Vestiam-se todos muito pobremente e andavam descalços, exceto algumas meninas, que usavam velhas e rústicas sandálias. Alguns estavam "bem sujos", com os cabelos despenteados. À hora da chegada de nosso pesquisador, Mestre Zuzu havia saído. Muitos dos alunos, contudo, aplicavam-se seriamente ao estudo. Alguns faziam contas em pequenas lousas, outros estudavam a tabuada em voz alta, enquanto alguns liam cartilhas ou livros e uns tantos rabiscavam ou soltavam risadinhas escondendo o rosto nas mãos. Um menino, contudo, sem olhar para a tabuada, repetia rapidamente a de multiplicação. Nos casos em que um aluno que lia não conhecia certa palavra, outro chamava a atenção para o fato e perguntava a um aluno próximo o que era. Os que faziam contas ou escreviam nas lousas sentavam-se em banquinhos ou tamboretas, curvados, tortos, alguns com as lousas sobre os joelhos, na perna, sobre o peito, ou outra parte do corpo. Os que estavam em pé junto à mesa copiavam alguma coisa de um livro ou de uma folha de papel. Alguns continuavam a ir e vir de um cômodo para o outro, à vontade, carregando com eles o banquinho ou o tamborete. Ao voltar, Mestre Zuzu mostrou-se encantado com a visita. Um pouco tímido, fala pouco e ri muito. Disse que ensinava havia 11 anos e que os alunos "dão muito trabalho, pois não estudam". Cobra apenas alguns cruzeiros por mês, por cada um, "e mesmo menos de acordo com sua situação econômica", disse, acrescentando: "Às vezes, até dispenso o meu trabalho voluntariamente pelo simples motivo de ensinar a quem não sabe."

Num vilarejo do mesmo município, o professor de outra escola particular é um homem de mais ou menos a mesma idade, e também conhecido por usar muito a palmatória. Disse que "os pais pedem para eu bater, puxar pelos meninos. Bato muito, mas de acordo com o aluno. Se é mais pequeno, bato menos". E acrescentou que "ensinando, estou também me instruindo".

Ocasionalmente, uma professora da escola pública local leciona também numa escola particular, suplementando o salário mensal relativamente pequeno. Uma professora da escola pública de Cuscuzeiro, por exemplo, ensina alguns meninos numa escola particular que mantém em sua própria residência. Em Rio Rico,

igualmente, uma das professoras públicas ensina a alguns alunos à tarde em casa, a maioria dos quais frequenta também a escola pública.<sup>61</sup>

*Escolas paroquiais.* Existem algumas escolas paroquiais no Vale. A de Passagem Grande, por exemplo, funciona num cômodo de uma grande e velha casa, não mais usada como residência e conhecida como "o Sobrado". Por ocasião de nossa pesquisa, estavam nela matriculados 40 alunos, variando em idade de 6 aos 14 anos. A professora, uma moça da família local dominante, não é formada. O hino nacional, o "Hino à Bandeira" e o "Hino da Independência" são cantados todas as manhãs e rezadas orações pouco depois de chegarem os alunos e, mais uma vez, na hora da saída. No dia da visita à escola, uma das alunas, uma menina que a professora classificou como "a mais adiantada", foi solicitada a ler o hino. Leu aos trancos, soletrando inicialmente numerosas palavras, lendo-as, disse o pesquisador, "sinteticamente, engasgando sempre". O nosso pesquisador anotou também que durante as aulas "havia uma barulhada tremenda, com a professora dando reguadas na mesa e gritando, 'Pelo amor de Deus, fiquem quietos! Pelo amor de Deus, cale essa boca Fulano!'" Era a única escola paroquial existente nas localidades estudadas pelos nossos pesquisadores, embora haja uma muito mais eficiente, por exemplo, em Bom Jesus da Lapa.

*Equipamentos.* Evidentemente, o equipamento escolar não é, em absoluto, essencial ao processo de aprendizagem. A melhor escola, sugeriu certa vez James A. Garfield, é "uma cabana de troncos, com um único e simples banco, (e) Mark Hopkins<sup>62</sup> numa extremidade e eu na outra. E se quiserem, fiquem com todos os edifícios, equipamentos, e bibliotecas, sem ele".

Não obstante o conforto físico, a iluminação adequada e as ajudas ao ensino apropriadas podem claramente contribuir para o processo de aprendizagem. Já foi dada acima alguma informação sobre o equipamento escolar existente no Vale, mas caberia recordar aqui que numerosos prédios usados como escolas não foram construídos para tal finalidade e que, com exceção das escolas rurais construídas pelo governo federal em anos relativamente recentes, e também algumas das da área em volta de Belo Horizonte, mesmo entre estas poucas foram construídas levando-se em conta os modernos conceitos de iluminação. Além disso, o equipamento existente nos prédios raramente é suficiente para as tarefas empreendidas e, mesmo neste caso, nem sempre estão em condições de uso.

61. Além disso, por ocasião de nossa pesquisa, ela ensinava a algumas crianças que se preparavam para fazer o exame de admissão no ginásio de Januária ou Petrolina, bem como a duas moças, enfermeiras do posto de Saúde, que "queriam se aperfeiçoar". Durante o período de férias, ensinava a alunos em outra cidade da mesma área.

62. Um professor extremamente eficaz.



Uma das principais queixas das professoras do município de Pesqueira, por exemplo, é a falta de equipamento escolar.<sup>63</sup> Como a maioria dos prédios usados como escolas no Vale, o de uma delas no município, embora em boas condições, não foi construído para esse fim. Precisava também de nova mão de tinta dentro e fora, incluindo paredes, portas e janelas. Numerosos ladrilhos estavam quebrados. A sala de aula, embora ampla, nem era bem ventilada nem bem iluminada. O mobiliário, fornecido pela prefeitura local, consistia de apenas 6 carteiras para 24 alunos. Na maioria das escolas particulares, o número de matrículas excede de muito as possibilidades de instalação de classes. É comum verem-se três ou quatro alunos ocupando um assento em que só cabem duas pessoas ou alunos sentados em bancos trazidos de casa. Numa escola particular nos limites do vilarejo de Cuscuzeiro, por exemplo, os alunos põem os cadernos no colo enquanto escrevem sentados em caixotes ou banco fornecidos pela professora ou trazidos de casa, com exceção de dois pequenos bancos doados pela prefeitura. O quadro-negro é muito pequeno. Na escola local de ensino supletivo (ver abaixo), cujas aulas são realizadas à noite, a iluminação é fornecida por lâmpões e "placas". Os alunos ficam tão perto quanto possível da mesa da professora, onde há uma dessas "placas".

As escolas mantidas pelos governos estadual e federal são, de modo geral, consideravelmente superiores às demais no que interessa a edifício e a material didático. Na principal escola de Pesqueira, por exemplo, não existem mais de dois alunos por carteira, todas as professoras têm mesa e cadeira e, todas as salas, um quadro-negro. A "Biblioteca dos Alunos" consiste de um armário com porta de vidro, onde são guardados alguns livros de Monteiro Lobato; a "Biblioteca das Professoras" dispõe de um armário semelhante com algumas revistas de ensino e vários livros escolares, a serem distribuídos aos alunos, nos casos de necessidade. O material de ensino inclui vários quadros de leitura publicados pela Cia. Melhoramentos, de São Paulo. Há também um armário contendo equipamento de *volley-ball*, alguns sapatos de tênis, e itens semelhantes. Raramente, contudo, é visto um mapa. As vidraças deste edifício estão quase todas partidas. Uma das professoras disse que "os meninos não deixam um vidro inteiro". As instalações sanitárias, porém, funcionam e são limpas.

Uma professora da escola estadual de cidade de Sertão Novo queixou-se de que ela e as colegas "lutam com a falta de material escolar", pois a escola tem atualmente apenas um quadro-negro e duas mestras, e como "não existe nem mesmo um 'tímpano' (sinal), temos de bater palmas para chamar os alunos de volta

63. Na maioria das escolas locais, contudo, o equipamento didático, composto principalmente de mapas e quadros explicativos, praticamente não é usado, sendo guardado em armários empoeirados ou na casa das professoras.



às aulas". Nos sábados, "como não há quadro de avisos" ela lê as notas atribuídas aos trabalhos escolares, comportamento e aplicação durante a semana. As notas de exame são lidas e publicamente divulgadas pela difusora local. Na escola estadual localizada numa fazenda das proximidades de Sertão Novo, mencionada acima, não existe quadro-negro, giz ou mapas. Os livros de leitura, que seriam fornecidos pelo Estado, não haviam chegado ainda por ocasião de nossa visita.

A mobília da escola rural construída pelo governo federal, num local não muito distante de um dos vilarejos do mesmo município, inclui uma escrivaninha e duas cadeiras para a professora, 20 carteiras para os alunos, em excelentes condições, e um armário. Entre o material didático existem 11 mapas, incluindo um mundial, um cada da América do Sul, América do Norte, Europa e África, dois mapas do Brasil, gráficos contendo ilustradas informações sobre o sistema métrico, geografia, a fauna brasileira, e alimentação. Existem dois quadros-negros, um de madeira e o outro de cimento, uma régua de 100 centímetros, e uma bandeira brasileira.

A escola estadual da cidade de Cerrado é mais bem equipada do que muitas visitadas no Vale. Em cada uma das seis salas de aula existem de 20 a 30 carteiras para dois alunos cada, uma mesa e cadeira para a professora, um porta-mapas, um ou mis armários para cadernos, um pequeno "museu" e uma "biblioteca". Estendendo-se do porta-mapas ou pendurados das paredes, além de diversos mapas, foram vistos quadros com diagramas usados no ensino de higiene e rudimentos de Ciências Físicas. Havia também uma sala separada para a Diretora da escola. As professoras acrescentaram ao equipamento fornecido pelo Estado recortes de revistas que encadernaram em albuns para a "biblioteca". As peças do pequeno "museu" foram colecionadas pelas próprias crianças. As professoras copiaram ou prepararam outros materiais para peças teatrais simples, diálogos, recitação e outras representações feitas nas festas escolares.

Nem todas as escolas mantidas pelos governos estadual e federal, contudo, têm todo o equipamento ou o têm nas condições que as professoras desejam. Das 30 carteiras de cimento da escola rural federal do vilarejo de Cuscuzeiro, por exemplo, aproximadamente um terço estava quebrado por ocasião de nossa visita e os alunos não tinham lugar onde colocar os cadernos quando escreviam. Esse exercício tinha de ser feito, como ocorre com tanta frequência no Vale, de pé à mesa da professora. O quadro-negro era pequeno, de apenas 1,20m por 1,5m. Embora a escola possuísse sanitários, eles não funcionavam por ocasião da visita, uma vez que não haviam sido colocados os encanamentos da caixa e a bomba instalada para fornecer água à escola carecia também de peças. Embora durante algum tempo os sanitários fossem usados



sem descarga, as professoras, sem meios de pagar uma pessoa para cuidar deles, resolveram fechá-los. A água de beber era trazida diariamente do rio para a escola num pote.

*Ensino fora da escola.* Embora o ensino da leitura, escrita e aritmética às crianças seja deixado quase exclusivamente à escola pública, em uns poucos casos — muito raros atualmente — a própria família se encarrega da tarefa. Um morador de Couro de Porco, nos Gerais, por exemplo, onde a escola mais próxima situa-se a muitos quilômetros de distância, disse que “fáis força” para ensinar as crianças, acrescentando: “Nóis é fraco, mais o que podemos, nóis ensina”. Uma mulher de Pesqueira disse que quando a neta foi para a escola à idade de sete anos, já sabia ler, pois ela mesma lhe havia ensinado as letras do alfabeto e o pai da menina lhe trouxera um jogo de leitura de Salvador.<sup>64</sup> A informante ensina agora a dois netos que, disse, “quando forem para a escola, não darão mais trabalho à professora”. Um barbeiro da mesma cidade disse que ensina aos filhos porque “não confio nas escolas daqui, não”, aduzindo que, “no meu tempo, o ensino aqui era muito melhor do que agora, quando os meninos só fazem brincar”.

Numa residência em Sertão Novo, uma mãe de 27 anos de idade ensina o filho de oito anos a soletrar. No momento em que ele mostrou dificuldade com certa palavra, ela exclamou: “Vejam só como este menino é burro! Ele diz ‘b’ como ‘beu’! Eu vou chamá seu pai e então você vai vê...!” Momentos depois entrou o pai, um homem de cerca de 30 anos de idade. Depois de fazer algumas perguntas ao filho sobre a lição, disse-lhe: “Você não responde porque não quer ou porque é burro! Está dizendo isso só para brincar. Mostre-me como é que se escreve p-a-i, p-a-i, pai! Mostre, menino!” Ficando o menino calado, disse ele ainda: “Você não mostra porque você não presta mesmo”, e, de acordo com o costume geral, o pai apanhou uma palmatória e deu-lhe 3 “bolos” na mão, e disse-lhe ainda: “Mas também comigo você não mora, não! Desaba logo!”

Ocasionalmente, conforme indicado acima, um fazendeiro pode contratar uma pessoa para vir morar com sua família e ensinar a seus filhos. Ocasionalmente, são encontrados ainda no Vale pelo menos vestígios do antigo sistema de aprendizagem, com o qual o menino aprende um ofício. Uma mulher de Rio Rico, por exemplo, disse que o filho “aprendeu a arte de marcenaria” com o marceneiro local. “Aqui é assim, conforme o contrato, o menino vai trabalhando ali na tenda mais o mestre, e depois que já sabe tudo, trabalha um ano de graça pô mestre. Depois, como

64. A menina, agora no 4.º ano, disse que “sempre quis aprender cedo”, e que “precisa estudar muito”, acrescentando que acorda às 6 da manhã “para recordar as lições”.

o meu filho, começa a trabalhá sozinho, abre sua própria tenda." Não obstante, em Santana e Bom Jesus da Lapa, disseram os informantes, "quando entra na tenda, já entra ganhando, ao menos uns cruzeiros por semana" (ver também *Divisão do Trabalho*, Tomo II). Em Rio Rico, igualmente, por ocasião de nossa pesquisa, o sacristão local dava lições de aritmética a uma menina, cobrando alguns cruzeiros por mês, a fim de melhorar-lhe os conhecimentos e habilitá-la a trabalhar numa loja da cidade.

*Disposições especiais, cursos especiais e escolas especiais.* Um morador de Rio Rico, cujo filho de 13 anos, segundo ele, "gosta de brincar demais", e se encontra ainda no 1.º ano, obriga-o a estudar na escola pública pela manhã e à tarde e, à noite, a tomar lições particulares com uma das professoras na residência da própria. A respeito da filha mais velha, disse que "ela era do mesmo jeito: quando fez os exames, também não passou". Agora que tem 14 anos e o pai precisa dela na loja, contratou uma das professoras locais para dar-lhe lições nas horas vagas.

Conforme esclarecido acima, as professoras dão, com frequência, aulas não exigidas pelo currículo. Em Cerrado, algumas professoras ministram aulas de religião nos domingos na escola ou na Igreja. Em Rio Rico, durante nosso período de pesquisa, era dada uma aula de catecismo todos os domingos, começando mais ou menos às 3 da tarde. A ela comparecia um número considerável de crianças, trinta das quais estavam sendo preparadas para a primeira comunhão durante a Festa do Divino naquele ano. No dia em que a aula foi visitada, 12 meninos e 30 meninas, dos 3 aos 13 anos de idade, compareceram. A catequista era a presidente da Pia União das Filhas de Maria local.<sup>65</sup>

Um garimpeiro escocês, conhecido localmente como "João Inglês", começou a ensinar inglês a algumas pessoas pouco depois de ter chegado a Rio Rico em 1943, embora não tivesse ensinado em outros locais do Estado onde residira anteriormente, tendo o trabalho de mineração lhe ocupado todo o tempo, segundo disse. Na ocasião, três homens e uma mulher estavam estudando com ele havia seis meses cada, outra mulher por três meses, e o telegrafista local por dois meses. À época de nossa pesquisa muitos anos depois, um rapaz e seis moças de uma família local, de 15 anos ou mais, tomavam aulas com ele.

Em Pesqueira, uma escola é mantida pelo Centro Espírita Agostiniano. As aulas, dadas por uma antiga professora da escola pública local e outra que leciona na sua escola particular, são realizadas à noite. O presidente da Câmara de Bom Jesus da Lapa

65. Em um anúncio publicado nesta cidade há trinta anos, nota-se que, além do ensino primário, eram dadas na ocasião aulas de música às moças no "Instituto de Letras" local, que não está mais em funcionamento.



disse ao autor e aos seus colegas na primeira visita ao Vale que estivera pensando em abrir escolas para os itinerantes nessa meca de romeiros.<sup>66</sup>

Em 1949, por iniciativa de Manoel José de Almeida, havia sido criada no Estado de Minas Gerais uma série de instituições educacionais para a recuperação de menores das áreas rurais conhecidas como "Escolas Caio Martins".<sup>67</sup> A primeira escola foi inaugurada no município de Esmeraldas em 1949, bem como cinco outras por ocasião da última visita do autor ao Vale, uma delas no município de Pirapora, em 1952, a segunda próxima à fronteira entre Minas e Bahia, não muito longe de Carinhanha, em 1953, a terceira e a quarta nos municípios de São Francisco e Januária, em 1959, e a quinta na área do Urucuia, tributário do São Francisco, em 1957. Esta última, que serve a uma área maior do que os Estados de Alagoas e Sergipe combinados, fora estabelecida por 12 jovens treinados em Esmeraldas numa escola rural normal, também inaugurada por iniciativa de Manoel de Almeida a fim de formar professores para o desdobramento do plano.

Nos cursos de preparação de técnicos e líderes rurais dessas sete escolas estavam matriculados, em 1959, aproximadamente 800 crianças. Cerca de 2.000 haviam completado o curso de dois anos. Em todas as escolas funciona um núcleo de escoteiros. Os meninos moram juntos, em grupos de 25, "como uma família", disse um informante e, além de aprenderem a ler, escrever e contar, "plantam, fazem pão, roupas etc., aprendem um ofício qualquer". "Os garotos, quando são recrutados para a escola", acrescentou a mesma pessoa, "vão às vezes medrosos e chorosos. Vê-se o pai à frente e o menino atrás, com uma mala amarrada à sela. Depois de terminar o curso, porém, observa-se o contrário: alunos chorando porque têm que deixar a escola".

66. Uma das professoras públicas informou em Pesqueira que as crianças em idade pré-escolar, que podem agora frequentar a escola comum, "constituem um problema todos os anos, pois ficam atrapalhando as aulas". Mas, ao mesmo tempo, seus pais e "muitas professoras" insistem também em que venham "porque serão os alunos de amanhã". Em consequência, organizou "um plano de jardim de infância", a ser apresentado ao prefeito, no qual recomenda que o prédio construído para o Centro de Puericultura seja usado até que o estabelecimento comece realmente a funcionar, e que uniformes especiais sejam adotados. Como carteiras e mesas, propõe o uso de caixões.

67. Nome dado em homenagem a um escoteiro que perdeu a vida num desastre na Mantiqueira em 1938. "Como se sabe, 20 escoteiros", escreve a respeito, Vaistman (1959) — o mais velho tinha 16 anos — desciam de Belo Horizonte, a caminho de um ajuri em São Paulo, quando em plena madrugada o noturno em que viajavam colidiu com um cargueiro que subia a serra. Dois meninos... morreram no local. Quando chegaram os primeiros socorros de uma cidade próxima, armaram uma padiola para recolher um dos feridos mais graves. Era Caio Martins, que, no entanto, recusou o socorro, dizendo:

"Não. Há muitos feridos aí. Deixem-me, que irei só. Um escoteiro caminha com as próprias pernas."

Caio tentou caminhar, mas caiu desfalecido, para nunca mais se levantar. E é oportuno lembrar que... ao ser inaugurado em Juiz de Fora um monumento a esse bravo escoteiro... o coronel Léléo Graça, exaltando a memória do valente menino, disse:

"... o Brasil será o mais admirável país do mundo quando tivermos muitos jovens educados no verdadeiro escotismo."



*Escolas de graus superiores ao primário.* Somente em uma das dez localidades estudadas pelos nossos pesquisadores, Cerrado, começara a ser ministrada instrução além das séries elementares por ocasião do término de nosso principal período de pesquisa. Fora recentemente inaugurado um ginásio. O prédio onde funcionava era um pouco maior do que geralmente requerido, na expectativa de poderem ser atendidas futuras necessidades. Alguns artigos haviam sido acumulados para um projetado laboratório e mapoteca. Estavam matriculados uns 60 alunos, 31 dos quais no "curso de admissão" e os restantes na 1.<sup>a</sup> série. Dos três professores, um deles era o promotor público, bacharel em direito outro um homem que completara a escola secundária, e o terceiro uma professora do grupo escolar local. Durante algum tempo, o juiz de direito lecionou também no ginásio. Na parte Alta do Vale havia mais escolas secundárias do que em todo o restante da bacia do São Francisco. Dando um exemplo, no município atípico de Belo Horizonte existiam, na ocasião, 79 estabelecimentos desse tipo e, em outras partes do Estado de Minas situadas no Vale, 54, das quais 43 eram particulares, 9 oficiais e 2 eclesiásticas. Em grandes áreas do Vale, contudo, nenhuma existia.

Em Barra, por ocasião do início da nossa pesquisa, havia uma escola normal, bem como um colégio, tendo este último como professoras cerca de 15 freiras da Ordem da Imaculada Conceição, que tem sede em New York. Contava na ocasião com 350 estudantes. Mais uma vez, a parte Alta do Vale é mais bem servida do que as demais. Ao terminar nossa pesquisa, estavam em funcionamento 20 escolas normais na parte de Minas situada no Vale, 5 oficiais e 15 particulares, mas poucas em outros locais.

Em 1840, a Assembléia Provincial de Minas Gerais, conforme antes referido, estabeleceu em Ouro Preto uma escola preparatória, dando cursos de Latim, Francês, Inglês, Filosofia, Matemática e Farmácia. Em 1876, inaugurou-se ali a Escola de Minas de Ouro Preto, ainda em funcionamento. Embora não existam escolas superiores em outras partes do Vale, em Belo Horizonte que se situa na sua borda, existem várias, incluindo uma ou mais Faculdades ou Escolas de Medicina, Direito, Engenharia, Odontologia, Farmácia, Filosofia, Ciências e Letras, e Ciências Econômicas.

Em 1950, foi fundada em Pirapora, cidade onde se inicia a navegação no São Francisco, uma Escola Média de Agricultura, com o objetivo de treinar especialistas agrícolas, ensinar aos fazendeiros a aumentar e melhorar a produção agropecuária e elevar os níveis de vida rural. Eram ministrados os seguintes cursos: Agricultura, Horticultura, "Noções de Botânica e Zoologia", Zootecnia, Silvicultura, "Doenças e Pragas das Plantas", "Máquinas Agrícolas e Mecanização da Agricultura", Higiene Rural, Indústria Rural, "Artes e Construção Rural", Administração Rural, Prática Veterinária, Contabilidade Agrícola, Matemática,



Educação Física e Português. Esperava-se que os alunos estudassem durante dois anos, depois dos quais, se tivessem aproveitamento satisfatório, era-lhes conferido o diploma de "Técnico Agrícola". Naquele ano, estudavam 20 alunos sob a supervisão de 6 professores. Essa escola, contudo, não mais funciona.

*Os que vão estudar fora da comunidade.* Alguns pais nas localidades estudadas pelos nossos pesquisadores enviam um ou mais filhos para estudar fora da comunidade, especialmente para fazer o curso secundário ou, às vezes, estudar para as profissões liberais. Ocasionalmente, enviam também um ou mais filhos, ainda no primário, para morar com um parente e estudar em outra localidade.

Por ocasião de nossa primeira visita ao Vale, um rapaz de doze anos, de Pirapora, na ocasião no 3.<sup>o</sup> ano primário, queria ser mecânico. Logo que terminou o curso, foi enviado a Belo Horizonte, onde o pai conseguira lugar para ele na casa do indivíduo de quem seria aprendiz.<sup>68</sup> O pai era natural da Bahia e voltara apenas cinco meses antes após um período de trabalho em São Paulo. Um colega de 14 anos do rapaz disse que também queria ir para Belo Horizonte "ser mecânico".

A primeira pessoa a deixar São Romão para estudar fora, nessa ocasião, foi o secretário da prefeitura, que voltara posteriormente à comunidade. Era filho de um comerciante e escrevera de paz local; a mãe dirigia o Grupo Escolar. O jovem quisera estudar medicina, mas desde que o pai era comerciante e queria que ele se dedicasse ao comércio, fizera um curso de contador em Belo Horizonte. Foi para a capital sozinho e lá permaneceu durante dez anos. Por ocasião de nossa visita, algumas moças da localidade estavam também ausentes, fazendo o curso normal como requisito para se tornarem professoras.

Em Rio Rico, uma mocinha de 14 anos de uma cidade vizinha estava morando, por ocasião de nossa pesquisa no local dois anos depois, com a cunhada durante o período escolar "porque a escola lá perto de casa é muito atrasada". O farmacêutico mandara três filhos estudarem fora, dois em Januária e um em Santana. "Que dificuldades a gente tem aqui para educar os filhos!" exclamou ele. "Precisa um pai trabalhar muito, ter muito gosto mesmo, para mandar os filhos estudar! Só essa viagem pra Januária! Os meninos viajaram a cavalo, com dificuldade, e também de caminhão. Já houve ocasião em que tiveram de ficar nove dias em Lapa, esperando o vapor e pagando pensão. Com os dois em Januária, gasto uns 20 contos por ano."<sup>69</sup> O filho que estudava em Januária, na ocasião com 18 anos, devia terminar o ginásio

68. Ganhavam 110 cruzeiros por mês, "lívres" (em 1950).

69. Em 1952.

naquele ano. A filha, já formada pelo ginásio, fazia dois cursos na mesma ocasião, o "comercial" e o "normal". "Ela tem muito gosto pelo estudo", disse o pai com muito orgulho. "Quer estudar coisas mais altas, quer estudar farmácia ou medicina. O rapaz acho que vai continuar a estudar também. No começo, ele não estudava, era preguiçoso, era como a minha outra filha que está em Santana. Depois de passar seis meses no ginásio de lá, não quis mais continuar, disse que não dava pra ginásio, mas que gostava de corte. Agora está aprendendo corte e costura. Ela vem agora, pode ensinar aqui. Aqui não tem escola de corte."

Outro pai em Rio Rico, que sabe ler e escrever um pouco e que assinava um jornal, embora não pudesse compreender grande parte do que lia, enviou o filho para o ginásio em Januária; a filha encontrava-se também ausente, estudando em Belo Horizonte (onde se casou mais tarde). Disse outra mãe que "agora é menos difícil, porque existe um colégio em Barra, do que antes, quando a gente tinha de mandar o filho até Salvador para estudar. Esclareceu ainda que na ocasião sete moças e dois rapazes estavam ausentes de Rio Rico e que "a razão por que há mais moças que rapazes estudando fora é que os pais pensam mais nas filhas". "Os rapazes, em qualquer lugar, em qualquer serviço se arranjam. Pra moça é mais difícil, não é qualquer coisa que serve." A mãe de uma das moças que, na ocasião, estudava em Barra, disse que "a despesa de minha filha lá é de três a quatro mil cruzeiros por ano<sup>70</sup> — colégio, lavagem, e gomagem de roupa, e algum extraordinário". "E, também, ela leva daqui sabonete, pasta, pó de arroz. Leva para o ano todo." Acrescentou, contudo, que a filha "não é extravagante, não gasta muito, e sabe que a mãe é pobre".

Uma família de um vilarejo próximo enviou todos os cinco filhos para estudarem fora. Três deles, respectivamente de 8, 13 e 14 anos de idade, estão morando com os avós em Cocos, onde a professora é formada. Uma filha de 18 anos está internada na Escola Normal de Barra e um rapaz de 20 anos, num internato em Florestal, em Minas, onde faz o curso de Técnico de Agricultura. Uma família de Pesqueira, por ocasião de nossa pesquisa, tinha quatro filhos estudando em Salvador ou Belo Horizonte. Uma professora, cuja filha de 11 anos ia concluir o primário, tinha esperança de levá-la no ano seguinte à Barra e matriculá-la no colégio dessa cidade, depois do qual a menina deveria cursar a Escola Normal local. A mãe pensava "com tristeza" na separação. Outra família de um dos vilarejos deste município enviara três filhos, dois rapazes e uma moça, para estudar em Salvador. Dizia-se que era a primeira família do vilarejo a mandar os filhos estudarem longe de casa.

70. Em 1952.



Três moças de Sertão Novo estudavam, por ocasião de nosso principal período de pesquisas na cidade, na capital do Estado, Recife, e quatro outras em escolas localizadas em outras cidades do Estado. Uma das moças fazia um "curso rural" em Petrolina, num colégio de freiras. Disse que "detestava-o", mas que os pais não queriam tirá-la porque "consideram bom o curso". Oito rapazes estudavam também fora. O farmacêutico, cujo filho estudava em Recife, temia que ele não passasse nos vestibulares de medicina. Ele "dá a impressão", de que "apenas os protegidos conseguem passar, os filhos dos ricos do Estado". O pai pensava em "mandar seu filho para a casa do tio em São Paulo a fim de estudar medicina lá". Outro morador planejava enviar os dois filhos para uma escola em Palmares.

Em Passagem Grande, constitui motivo de orgulho para alguns pais poderem mandar os filhos estudar numa cidade onde existem colégio ou ginásio. Ouvem-se queixas, contudo, de que quando os filhos voltam a Passagem Grande de férias, "olham de cima para baixo os outros do lugar". "Simplesmente porque estiveram estudando na capital", observou um morador, "parece que têm o rei na barriga. Nem se lembram que nós fomos colegas na escola daqui, aprendendo o ABC juntos". Um pai queixou-se também que "para nós pobres aqui no interior a educação de um filho é extremamente difícil". "Na verdade, é quase um privilégio dos ricos, pois somente eles podem enviar um filho para estudar nas capitais e pagar uma grande soma todos os meses para sustentá-lo lá."

*Educação de adultos.* Em 1947, foi inaugurado no Brasil um programa de educação de adultos por iniciativa do Professor M. B. Lourenço Filho, diretor, na ocasião, do Departamento Nacional de Educação, durante a gestão de Clemente Mariani como Ministro de Saúde e Educação.<sup>71</sup> A finalidade principal era ensinar pessoas de mais de 14 anos de idade a, pelo menos, ler e escrever. Mas deviam aprender também rudimentos de nutrição, higiene, moral e cívica, e meios de aprimorar as técnicas de trabalho e vida no lar. Seriam distribuídos cadernos e publicações apropriadas àqueles que acabavam de aprender a ler, bem como gráficos de parede e três "guias de leitura", intitulados respectivamente, "Leia", "Saiba", e "Viva". Ajuda financeira e técnica ao programa seria dada pelo governo federal aos governos dos Estados onde cada escola fosse localizada, os contratos para as quais seriam renovados anualmente.<sup>72</sup> Nada obstante, deveria ser buscada não somente a colaboração dos governos estaduais, mas também de municípios e de cidadãos isolados. Seria procurado também obter

71. Ver Carneiro Leão, "The Evolution of Education in Brazil", in T. Lynn Smith e Alexander Marchant, *Brazil: Portrait of Half a Continent* (New York, 1951), págs. 313-33.

72. Em 1947, o governo federal votou 30.000 contos para esse fim: em 1948, 41.000 contos; e em 1949, 52.000 contos.



a ajuda de associações privadas, das forças armadas, e de organizações beneficentes, religiosas, industriais, comerciais, agrícolas, recreacionais e estudantis. O lema adotado pela campanha era: "Leia para saber e viver melhor."

Conhecidos nas localidades onde foram abertos como "curso supletivo", ou de "alfabetização de adultos", geralmente as aulas eram ministradas à noite. No município de Rio Rico, por ocasião de nossa pesquisa, existiam quatro deles. A diretora, uma mulher que ensina também num deles, disse que todas as professoras fizeram o primário, "mas que apenas duas o haviam terminado". Embora as aulas devam ser dadas à noite, de 7:30 às 9:00, a diretora ensina mais meia hora, começando as aulas às 7 da noite. A maioria dos alunos é composta de mulheres e moças, embora uma professora no município tenha nas suas classes mais homens e rapazes do que mulheres e moças. A diretora aceita rapazes até de 12 anos de idade porque, como disse, "aqui a vida é muito dura e esses meninos que trabalham o dia todo só podem frequentar a escola à noite". Um dos homens tem 42 anos de idade e, entre as mulheres, algumas mães. Embora se espere que os adultos tomem aulas durante 2 anos, pensa a diretora que esse período não é suficiente, "porque esse pessoal trabalha o dia todo e vem para a escola, à noite, muito cansado". Consequentemente, deixa que continuem durante um terceiro ano, "sem prejudicar a matrícula dos outros de qualquer maneira", esclareceu.

Em Pesqueira, havia por ocasião de nossa pesquisa 3 escolas desse tipo na cidade, 4 em vilarejos próximos e 8 nas partes mais distantes do município. Em uma da cidade estavam matriculados 12 homens e rapazes e 36 mulheres e moças, no total de 55 pessoas. As idades em uma das escolas variavam de 14 a 20 no grupo masculino e de 14 a 38 no feminino; em outra, de 15 a 24 no masculino, e de 15 a 28, no feminino. Em uma delas, com apenas 11 dias de funcionamento por ocasião da visita, as aulas estavam sendo ministradas de 7 às 11 da noite. O material incluía uma grande mesa, alguns bancos, um quadro-negro, cartilhas, quadros de leitura e lousas. A professora não passara do primário. O governo estadual estava fornecendo livros e quadros de leitura à outra escola supletiva e a prefeitura, giz, lápis, papel e (quando necessário), querosene. A professora, uma mulher que na ocasião criava quatro sobrinhas abandonadas pela mãe, ensinava também numa escola particular durante o dia. Além disso, fabricava flores artificiais para vender. Somente 4 alunos estiveram presentes por ocasião da visita à escola onde ela ensinava. Uma das alunas, uma mulher que disse que desde a infância, quando frequentou a escola durante menos de um ano, "só pegou na pena duas vezes: pra casá no civil e pra votá na última eleição", abandonou a escola supletiva porque o marido, disse ela, "chega do trabalho muito cansado e ainda tem de vir me buscar". Uma mulher que criava



um sobrinho, na ocasião com 18 anos de idade, aconselhou-o a desistir "porque eu achava muito perigoso ele vir tão tarde para casa". Disse ainda que "a escola só acabava quando a luz dava os siná pra apagá, e por aí existe muita roda de samba e muita cachaça".

Em Sertão Novo, existiam 8 escolas supletivas, 2 das quais localizadas na cidade e 6 no resto do município. Uma na cidade, por ocasião de nosso principal período de pesquisa, funcionava de 8 às 10 da noite no prédio da escola pública. A professora, filha do chefe político local, estava de licença de maternidade e arranjara uma substituta, que ela mesmo pagava. Havia "mais ou menos 20" pessoas matriculadas, "embora poucos compareçam", disse. Tão poucos, de fato, que "há sempre a possibilidade de que a escola deixe de funcionar". Atribuía a falta de comparecimento "ao cansaço à noite depois de um dia inteiro de trabalho". No município de Passagem Grande, havia 12 por ocasião de nossa pesquisa, a maioria das quais funcionava em edifícios usados por outras escolas. Destas, a única a possuir duas classes localizava-se na cidade, que tinha mais 3 na periferia. Oito situavam-se em vilarejos espalhados pelo município. Num pequeno povoado não muito distante da cidade, 27 pessoas estavam matriculadas no curso supletivo, com aulas à noite, à luz de um candeeiro, na residência da professora, uma casa de barro caiado, coberta de folhas de coqueiro, e chão atijolado. O equipamento incluía 4 cadeiras, 2 bancos, uma escrivaninha, e uma esteira. O marido da professora, que vive da plantação de arroz, era um dos que estavam sendo alfabetizados pela esposa.

Em Cuscuzeiro funcionavam na ocasião duas supletivas, uma à noite no prédio da escola rural (ver acima) e a outra na residência do professor. Neste último curso estiveram matriculadas no primeiro ano de funcionamento 34 pessoas, variando as idades de 14 a 32 anos; no segundo ano, 50, com idades de 13 a 33. No primeiro ano, o grupo era constituído de 15 homens e rapazes e 19 mulheres e moças; e no segundo, 26 homens e rapazes e 24 mulheres e moças. Destas pessoas apenas 5 eram casadas, incluindo um homem numa classe no segundo ano e duas mulheres na classe de cada ano. "Antes, não estudei", disse uma mulher que estava fazendo o curso, "porque naquele tempo não tinha escola na vila e meus pais eram pobres, não tinham dinheiro pra me mandá estudá em outro lugá". "Não aprendi a lê", disse um homem que também fazia o curso, "porque naquele tempo o meu povo era muito atrasado", ao que acrescentou outra mulher: "Fui criada em tempo muito atrasado. Naquele tempo não havia nem mesmo professora." O curso, dado à noite no prédio construído para a escola rural, e no qual estavam matriculadas 28 pessoas, era regido por uma mulher que ensinara no vilarejo por mais tempo do que as atuais professoras da escola rural e que,

de fato, residira anteriormente na parte residencial do prédio. O homem que ensinava também na "escola rural" fora nomeado pelo prefeito. Por ocasião de sua nomeação, a professora e sua família foram solicitadas a desocupar e ceder-lhe e à família a parte residencial. As relações entre as duas famílias eram muito tensas. De fato, censuravam-se e mesmo insultavam-se publicamente e, certa vez, irrompera uma briga entre o marido da mulher e o professor por uma questão banal.

*Problemas.* Os problemas que surgem na experiência daqueles que procuram aumentar a eficácia de qualquer sistema escolar será talvez melhor compreendido e enfrentado se visualizarmos a escola como um órgão de transmissão cultural, como um dos principais meios de comunicar a uma nova geração as idéias, atitudes, pontos de vista, valores, técnicas e conhecimentos de uma geração mais antiga.

Visto a esta luz, o papel da escola transforma-se meramente num prolongamento das funções da família, do parentesco, do compadrio e dos grupos de companhia, residindo a principal diferença em que a preparação dada pela primeira é principalmente — embora, em absoluto, inteiramente — formal, ao passo que o treinamento recebido pela criança às mãos da família, do parentesco, do compadrio e dos grupos de companhia é basicamente — embora nem sempre — informal. O que temos, na realidade, é uma criança em interação com as pessoas com que entra em contato, incluindo pais e irmãos, tios, tias, primos, avós e outros parentes, o padrinho e a madrinha, os companheiros de brincadeira e de estudo, o padre, o bispo, o pai-de-santo ou o pagé e, em alguns casos, talvez em maior extensão, mas, com toda probabilidade, na maioria dos casos muito menos, a professora ou professoras. No curso dessa interação a criança tende a absorver e a incorporar à própria experiência, com certas alterações, as idéias, atitudes, pontos de vista, valores, técnicas e conhecimentos das pessoas que a cercam. Trata-se de um processo normal e natural que se desenvolve de maneira ordenada e, em grande parte, previsível.<sup>73</sup>

Ao ser o ensino considerado como uma transmissão cultural, surge naturalmente a pergunta: *que cultura?* A dos pais e parentes que talvez façam parte da elite local? A das empregadas, originárias, quem sabe, da parte menos privilegiada da população local, onde são comuns idéias de folk, atitudes e valores da Europa medieval ou de origem africana ou ameríndia? A dos companheiros de folguedos da mesma classe social ou de outra ou, talvez, especialmente nas cidades, de outra nacionalidade? Do padre, do pastor, do pai-de-santo, do médium, ou dó pagé? O que a escola

73. Ver, por exemplo, Pierson, "O que torna 'humano' o indivíduo", 1957, Cap. XIX, págs. 247-64.



procura transmitir? Obviamente, o processo de transmissão cultural desenvolver-se-á mais facilmente e com menos atritos e incertezas quando todos os transmissores de cultura com que a criança entra em contato provêm da mesma subcultura, bem como da mesma cultura, e onde, conseqüentemente, nenhum conflito ou, pelo menos, conflitos mínimos são introduzidos na sua experiência pelos diferentes contatos. E ocorrerá com maior dificuldade e o resultado final poderá assumir variadas formas se as culturas que os membros de vários grupos envolvidos, incluindo a escola e as autoridades educacionais, procuram consciente ou inconscientemente transmitir à criança, divergem e entram em choque.

Em Retiro, por exemplo, observou-se que, em algumas famílias pelo menos, as idéias, atitudes, valores e conhecimentos transmitidos às crianças na escola tendiam a gerar certo grau de conflito em sua mente e impor certa tensão aos laços familiares tradicionais em virtude da discrepância entre o que a professora ensinava-lhes e o que os pais diziam-lhes a respeito do mesmo assunto. Assuntos relativamente simples como a alimentação e o abrigo entravam ocasionalmente em choque. "Na escola ensinamos que ovos, tomate e chuchu são bons alimentos", disse a professora. "Em casa, porém, dizem que esses alimentos 'fazem mal'. Dizemos que frutas têm vitaminas, ao passo que os pais dizem em casa que frutas cruas também 'fazem mal'. Na escola, ensinamos que quando há perigo de raios, a pessoa não se deve esconder debaixo de uma grande árvore. Já os pais dizem que, nessa ocasião, é justamente o que se deve fazer."

Alguns pais ficam ofendidos se a professora insiste em que seus filhos tomem mais cuidado com a higiene pessoal, mostram ressentimento e falam mal dela, "por trás". "Se a professora quer os meninos limpos na escola", disse uma mãe, "que compre roupas para eles!" Uma professora queixou-se de que alguns pais dizem aos filhos, quando vão ser castigados na escola, que se defendam dizendo: "A senhora me castiga porque sou pobre", ou "a senhora me castiga porque sou preto".

Talvez a escola constitua um exemplo tão claro como possa existir do fato de que os estranhos à comunidade que procuram alterar um aspecto da situação social local — sobretudo o processo educacional — poderiam muito bem levar em consideração, se querem ser eficazes no trabalho, as possibilidades de alterar todos os demais aspectos da situação social que não a apóiam. Isto porque, a longo prazo, a escola será permanentemente eficaz somente na medida em que fôr respaldada por todos os aspectos da cultura local e, em especial, pelas atitudes de pessoas da comunidade que gozam de prestígio aos olhos da criança. Nesta conexão, caberia recordar que no Brasil, especialmente nas áreas rurais, embora existam por certo notáveis exceções, pouco há de semelhante àquela tradição de ensino julgada como essencial ao



funcionamento da democracia que levou os patriarcas dos Estados Unidos a insistirem, e a implementarem, com apoio efetivo da tradição religiosa, em um sistema de educação universal, cuja iniciativa cabia aos cidadãos de *cada comunidade local*, e não a qualquer governo ou órgão governamental; um sistema que, a despeito dos seus evidentes e numerosos defeitos, resultou em proporção maior da população total obter não apenas mais educação primária, mas secundária e universitária do que em qualquer outro país. Os líderes do processo educacional, especialmente se estranhos à comunidade local, não podem nutrir a esperança de elevar permanentemente as crianças a que ensinam como que por si mesmas. Esses esforços precisam finalmente encontrar apoio eficaz e permanente na cultura local para que sobrevivam durante longo tempo.

Nos casos em que o processo educacional é interpretado da maneira sugerida acima, adquirem significação outros problemas que afligem as escolas do Vale — tais como a falta de equipamento adequado e, em especial, de prédios confortáveis e bem iluminados, ajudas educacionais eficazes, a ausência de um quadro de professores suficientemente preparado, e o controle sobre o processo educacional, em seu prejuízo, por políticos e pela política. Até mesmo as dificuldades que os recursos financeiros insuficientes criam à educação dos filhos podem ser vistos numa perspectiva mais realista se compreendermos que a vida de qualquer dado organismo social é uma unidade, na qual os aspectos ecológicos, econômicos, políticos, religiosos e educacionais se interligam e condicionam mutuamente.

A escola será também permanentemente eficaz apenas na medida em que a cultura que procura transmitir tiver valor utilitário na comunidade em questão, e talvez apenas nessa medida. Em Pesqueira, por exemplo, observou-se que os alunos, após aprenderem a ler, às vezes com grande dificuldade, frequentemente esqueciam num tempo relativamente curto o que haviam absorvido na escola por falta de oportunidade de usar os conhecimentos adquiridos na vida diária. Aqui, igualmente, como de resto em outras zonas do Vale, a alfabetização é, não raro, considerada apenas como um fim em si mesmo, e não como meio para outros fins, desde que o ideal de ensino transmitido pelos líderes locais no passado recente foi apenas o de formar eleitores capazes de rabiscar o nome.

Talvez o adulto mais ligado ao sistema educacional, da forma geralmente administrada numa dada comunidade, seja o professor. Ocasionalmente, ele ou ela, por ser estranho à comunidade, seja capaz de assumir em relação ao sistema e processos educacionais pelo menos parte daquela objetividade e desligamento que Simmel salientou como inerente ao “estranho sociológico”,<sup>74</sup> ou “aquele

74. Ver Georg Simmel, 1908, págs. 685-91.



que chega hoje de fora e fica amanhã". Levando em consideração, então, este papel íntimo do professor, bem como sua tendência para a objetividade quando vindo de fora, mas descontando também a natural tendência humana de procurar fora de si mesmo explicação das próprias falhas, bem como a propensão muito geral de criticar os demais que caracteriza as pessoas criadas na cultura sob estudo, poderíamos listar aqui os problemas que os professores ou professoras citam como típicos das escolas onde ensinam.

Com poucas, se é que com algumas exceções, um dos principais assuntos mencionados por virtualmente todo o grande número de professores entrevistados em diferentes partes do Vale no curso de visitas sistemáticas a um número relativamente grande de escolas, é o que foi comentado da seguinte maneira por uma mestra em Pesqueira: "Embora meus alunos sejam todos inteligentes, muitos deles não desenvolvem mais a mente porque não estudam. E a falta de estudo se deve, principalmente, à falta de interesse de parte dos pais — tão comum nesta área." Relacionado com este problema existe o da frequência irregular à escola de numerosos alunos, o que torna crescentemente difícil para eles, à medida que o tempo passa, acompanhar os colegas, cuja maior assiduidade os faz adquirir continuamente maiores conhecimentos e habilidades. Desta maneira são levados a experimentar um crescente senso de frustração e fracasso pessoal que finalmente, talvez, torna-os ressentidos em relação à professora, à escola e a todo o processo educacional.

Entre outros problemas citaram-se a heterogeneidade de idade e experiência de crianças agrupadas na mesma sala e mesmo na mesma classe, o que "torna o ensino muito difícil", disse uma professora; a dificuldade de transporte e comunicação nas áreas rurais; a falta de equipamento, incluindo prédios adequados e auxílios ao ensino; a inaplicabilidade, em alguns casos, de parte do programa oficial da escola às circunstâncias locais; a falta de contatos adequados entre os professores, em diferentes localidades, para que possam compartilhar de experiências e aprender com os êxitos e fracassos recíprocos; e a situação econômica geralmente baixa de parte considerável da população, com alimentação inadequada de numerosas crianças para um trabalho escolar eficaz, bem como a privação de livros, papel, lápis e outros materiais didáticos e, às vezes, em serem mantidas mesmo fora da escola por falta de uniformes, sapatos e outras peças exigidas de vestuário.

A este inventário de problemas, uma antiga delegada de ensino residente em Pesqueira acrescentou as deficiências, em alguns casos, das próprias professoras. Disse ela que "não adianta mandar professoras das capitais para a roça, pois elas não ficam, ou ensinam olhando o relógio, enquanto pensam nos namorados e na falta de conforto. Não se acostumam à vida aqui". E disse ainda que "enquanto o governo não formar professoras da terra, acostumadas à



água salobra, ao pó, à casa de sapé, ao chão batido, a passar fome, a sofrer, não resolverá o problema do ensino neste município de Pesqueira, tão grande, que é do tamanho de um Estado mesmo". Sustentou que aconselha as professoras de sua jurisdição "a ter paciência e não faltar às aulas", mas que, às vezes, tem de desculpar-lhes as ausências "para não desagradar". Dando voz a impressões semelhantes, um morador observou que algumas das professoras foram formadas em Salvador, "ou em outro centro mais adiantado, para ensinar alunos de cidade, e não do interior", e que "quando vêm ensinar aqui, demonstram logo que consideram o interior um desterro. Especialmente se são designadas para lecionar na zona rural, muitas vezes não escondem o descontentamento, declarando claramente que o consideram 'como um castigo' que lhes foi imposto". Essa atitude, acrescentou ele "reflete-se tanto no ensino que a juventude aprende a considerar sua terra como um lugar sem remédio, passando a julgar Salvador ou outra capital como "a terra prometida".

Em Marrecas, observou-se que a escola mantida pelo Estado funciona apenas esporadicamente por ocasião da volta ao vilarejo, de visitas feitas a parentes em Pesqueira, da jovem professora. Visto que a única escola local em funcionamento por ocasião de nossa pesquisa era a supletiva, cujas aulas se ministravam à noite, numerosos moradores queixavam-se de que seus filhos não podiam ser mais "desasnados", como diziam, "pois não há lugar para as crianças na supletiva e a estadual não funciona". Uma professora do Grupo Escolar de Passagem Grande sustentou também "que o maior problema aqui é a fixação das professoras jovens que vêm de cidades mais adiantadas, como Maceió", acrescentando que "em virtude da influência política de suas famílias, ensinam apenas por reduzido período, havendo algumas que já foram transferidas com apenas quinze dias de estágio". Por ocasião de nossa pesquisa estavam vagos três cargos de professoras, que haviam sido transferidas para Penedo, cargos esses que, disse a professora em questão, permaneceriam desocupados "durante o ano todo".<sup>75</sup>

Em Cuscuzeiro, o professor da escola rural local dirigiu-se aos alunos certo dia enquanto tomava café em sua residência, situada em frente ao galpão da escola, e disse-lhes que teria preferido que não tivessem vindo naquele dia, porque não sentia vontade de dar aula, pois se encontrava muito cansado de uma viagem a uma cidade vizinha. As aulas começaram com meia hora de atraso e, logo depois, o professor dispensou-os dizendo: "Podem ir embora. Por hoje, chega." Com grande frequência, observou-se também que as professoras chegam tarde às aulas e se retiram "quando

75. Ela e uma colega sugeriram que "as professoras primárias deveriam ser remuneradas de acordo com a distância em que se encontram da capital, concedendo-se-lhes ainda uma ajuda de custo para viagens e tratamento da saúde".



julgam conveniente". Somente uma professora local possuía relógio, cuja exatidão era duvidosa. Ao ser perguntado o professor citado acima como sabia a hora de encerrar as aulas, respondeu: "O melhor relógio é a minha barriga. Quando sinto fome, boto os alunos pra fora." Parecia haver também na localidade falta de compreensão dos problemas locais por parte dos professores.

A diretora da Escola Reunida de Pesqueira condenou o "ensino decorativo" "muito usado nas escolas aqui", bem como o costume de a professora acompanhar os mesmos alunos do primeiro ao quinto ano, porque "isto prejudica os alunos: eles pegam do primeiro ao quinto ano o fraco da professora". Acrescentou ainda que no ano anterior tentara, sem êxito, fazer com que cada uma delas "lecionasse apenas a matéria de que gostasse". "Assim, poderiam especializar-se, acumular material, dar aulas interessantes, motivadas." Um morador de Passagem Grande observou que não gostava de ver as crianças locais "tão tenras ainda, sentadinhas nas carteiras, com um aspectozinho triste e submisso". E acrescentou que "a escola parece mais um castigo do que um lugar para aprender alguma coisa".

Numerosos informantes deploraram a intrusão da política no sistema escolar. Em Rio Rico, por exemplo, observou-se que vilarejos do município, como São Lourenço e Morro Baixo, que são redutos do partido de oposição ao que domina há muito tempo a área, tendem a receber menos assistência em matéria de educação do que outras localidades. À época de nossa pesquisa, Morro Baixo ainda não dispunha de escola. "Não adianta escola lá", disse o prefeito. "Os filhos dessa gente não querem estudar." Um indivíduo que se instalou em Rio Rico, procedente de outra zona, contudo, afirmou: "Isso não é verdade! Eu já estive lá, conversei com eles, e sei que não é assim!" Este indivíduo, que é estrangeiro, contou que o "velho Felipe" e "Dona Sinhá", ambos de Morro Baixo, pediram-lhe que abrisse uma escola particular no vilarejo, e que estivera pensando seriamente nessa possibilidade porquanto seus filhos já estavam bastante crescidos para cuidar da roça nos oito meses em que se ausentaria todos os anos. "Mas o chefe político de Rio Rico 'assoprou' o prefeito", continuou, "que veio falar comigo. 'O senhor não pode ir para Morro Baixo'", disse ele, "e me deu diversas razões para que eu não fosse. Eu disse a ele que não conhecia coisa alguma que me proibisse a ida. Diante disso, porém, dessa oposição, pensei bem e resolvi que seria conveniente informar o Velho Felipe e Dona Sinhá de que, para não agravar ainda mais a situação entre os dois partidos, eu desistia e seria melhor não ir". Logo depois, o prefeito convidou-o para o cargo de assistente técnico da prefeitura.

Um informante dos Gerais contou que havia uma escola em Sucuriu e outra em Cana Brava, "mas que o prefeito mandou fechá-las porque a massa do povo nessas localidades era contra



ele". O mesmo indivíduo alegou que "há muitos professores ignorantes nos matos que são 'protegidos' dos políticos". Uma professora em Sertão Novo informou que a escola local, por ocasião de nosso principal período de pesquisas não tinha diretora, mas apenas uma "responsável", mas que a teria quando a filha do prefeito se formasse na Escola Normal no ano seguinte, "porque o prefeito quer que ela seja e, de acordo com seus cálculos, ela seria a nova diretora". Embora a informante estivesse ensinando na cidade havia quase cinco anos e, conseqüentemente, "tivesse o direito de ocupar o cargo", não ia pleiteá-lo ou requerê-lo porque "não tenho pessoa alguma que me proteja politicamente". Disse também que novas "cadeiras" serão criadas e que as sobrinhas do prefeito, residentes em Petrolina, iriam ocupá-las ao completar o curso nessa cidade.

A antiga delegada de ensino de Pesqueira, mencionada acima, sugeriu também que o governo escolhesse "5 ou 10" dos alunos mais inteligentes, meninos ou meninas, em cada município, "que quisessem verdadeiramente estudar, porque só inteligência não basta", segundo estava convencida,<sup>76</sup> e as educasse em colégios de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades, para que se tornassem professoras na volta a casa. "Acostumadas às condições deste meio", prosseguiu, "poderiam servir eficazmente como educadoras das crianças de sua terra". Depois de formadas, "dentro de 5 anos", deveriam ser obrigadas a ensinar", sugeriu, "por um período de dez anos no lugar onde nasceram. Poderiam, então, deixar de ensinar se quisessem, porque outras já estariam formadas para lhes ocuparem os lugares". E acrescentou que "isto seria realmente progresso: seria um estímulo para os alunos e para os pais e todos haveriam de gostar!"

Uma professora de uma cidade do Médio São Francisco sugeriu que o governo distribuisse material didático a todos os alunos de famílias pobres e que também lhes fornecesse merenda escolar,<sup>77</sup> e que com a finalidade de desenvolver "interesse e vontade firmes", "presenteasse todos os anos um aluno pobre, que cada escola pudesse taxar de realmente estudioso, um aluno exemplar, com um prêmio de aplicação, comportamento e assiduidade", tal como uma bolsa de estudos para um colégio, e que se formassem "cooperativas de pais e professores, unidos pelo mesmo laço — o aluno, e visando a um único ideal — o bem do ensino".

*Outros estudos que podem ser feitos.* Uma investigação ulterior, que não foi possível dentro das limitações deste estudo, poderia assumir caráter mais sociológico e procurar definir mais

76. A antiga delegada de ensino acrescentou que "grande cuidado teria que ser tomado para que os ricos não providenciassem para que seus filhos fossem escolhidos e educados às custas do governo, e, os pobres, esquecidos", desde que "aqui, a política entra em tudo".

77. Nota-se aqui a atitude comum na área (como em todo o Brasil) de esperar de um governo paternalista a solução de muitos, se não de todos os problemas.



especificamente, pelo menos no tocante a uma amostragem de algumas escolas do Vale, o sistema de relações sociais envolvido, especialmente os papéis de diferentes conjuntos de indivíduos e as concepções a respeito dos mesmos. Poder-se-ia muito bem estudar, por exemplo, e em detalhe, o papel esperado e real dos alunos com referência aos colegas, à professora ou às professoras, pais, à comunidade em geral na medida em que dizem respeito a sua participação nas atividades escolares e ao *status* e prestígio que isto lhes poderá trazer ou não; ao seu papel na sala de aula, nos seus aspectos esperados e reais, e a inter-relação desse papel com os demais dos colegas, dando-se especial atenção a um possível conflito entre o mesmo e um ou mais papéis; ao papel do professor com referência aos alunos, aos alunos de outras professoras da mesma escola, aos pais e aos alunos de outras professoras, às outras professoras e à comunidade em conjunto, pelo menos na medida em que sua atividade de ensino pudesse ou não conferir-lhe *status* e prestígio; o dos pais no tocante aos filhos e filhos de outrem, como alunos, no que diz respeito à professora ou professores e à própria escola; e à função das autoridades escolares, dentro e fora da comunidade, no que interessa ao estabelecimento local, à respectiva professora ou professoras, aos alunos, pais, e ao *status* e prestígio que poderiam adquirir dentro e fora da comunidade com o exercício de tal papel.

Paralelamente a cada uma das sugestões acima, poderiam ser estudadas também as *concepções* que os indivíduos em questão nutrem a respeito de cada um desses papéis e a maneira como elas mudam ou já mudaram. Seria preciso levar em consideração não somente a concepção do papel que cada pessoa em questão tem de si mesma, mas também a que abriga sobre os vários papéis de todos os demais indivíduos com quem se encontra em interação, e não apenas a esperada em cada caso, mas também o seu desempenho real. Este estudo poderia revelar que a geralmente não comprovada e inexplorada, mas amplamente nutrida suposição de percepção uniforme do papel é tão errônea como a suposição de desempenho uniforme do mesmo. Em tudo isto, deveria ser dedicada especial atenção não apenas às expectativas de comportamento mas também ao consenso a respeito de seus diferentes aspectos.<sup>78</sup>

Poder-se-ia, igualmente, estudar em maior detalhe o recrutamento e seleção de professoras; a maneira como desenvolvem as carreiras, tanto as esperadas como as realmente cumpridas; o padrão do progresso do aluno da forma prescrita por autoridades escolares estranhas à comunidade, esperado localmente e efetivamente desempenhado; e o grau de coincidência, variação, conflito e acomodação de objetivos educacionais com as realidades sociológicas do Vale.

78. Ver Pierson, 1957, especialmente o Capítulo XVIII.

Em todas essas indagações dois poderiam ser os principais objetivos: 1) contribuir, se possível, para a teoria sociológica e 2) dar uma possível cooperação ao aprimoramento da prática educacional real. Tal estudo da escola como sistema social, no qual os papéis, as concepções a seu respeito, o *status* e o prestígio constituem as considerações básicas, seria naturalmente difícil e complexo, mas proporcionaria uma compreensão mais profunda das realidades sociais e, conseqüentemente, não apenas concorreria para o conhecimento geral da natureza e associação humanas, mas também criaria uma base firme e realista da qual se poderia avaliar e eficazmente lidar com os problemas práticos atinentes.



## capítulo VII

### NAMORO, CASAMENTO E PATERNIDADE

Conforme sugerido no capítulo intitulado *Família, Parentesco e Compadrio* acima, o casamento no Vale constitui um meio importante para manter, fortalecer e ampliar a solidariedade social em todas as comunidades. Criando novos laços entre indivíduos, famílias e, amiúde, grandes grupos de parentesco e, mais tarde, os laços de afeto e integração que normalmente se formam entre pais e filhos, netos e avós, crianças e outros parentes, bem como entre eles e padrinhos, e também entre compadres, o casamento tende a enfeixar grande número de indivíduos nessas áreas relativamente isoladas e transforma-los em unidades grandes e permanentes.

É sem dúvida alguma devido ao fato de contribuir tão poderosamente para a solidariedade social que, no tocante ao casamento, os interesses do indivíduo nesta e em numerosas culturas semelhantes se subordinam aos do grupo. O comportamento do indivíduo, no particular, é definitivamente circunscrito e mantido sob rigoroso controle social. Com o gradual desenvolvimento do individualismo e da democracia pessoal, contudo, e a difusão de concepções de amor romântico que, com frequência, contrasta e, ocasionalmente, choca-se com as lealdades de família ou de parentesco, a situação mudou ou está mudando no Vale e em numerosas outras partes do mundo. As partes individuais num contrato matrimonial escapam mais e mais dos controles dos respectivos grupos familiares e de parentesco e vêm a exercer papéis mais dominantes no estabelecimento e manutenção de novos lares. Vestígios persistentes da antiga situação, todavia, afloram ainda aqui e ali no Vale.

Segundo o censo de 1950, das 1.004.699 pessoas do sexo feminino de mais de 15 anos de idade que residiam nos 156 municípios situados inteiramente na bacia do São Francisco, 527.236 ou 52,4 por cento, eram casadas e, das 910.552 do sexo masculino, também

de mais de 15 anos, 507.360, ou 55,6 por cento, haviam contraído matrimônio. A desproporção reflete obviamente não apenas a ausência de numerosos homens que foram trabalhar em outras partes do Brasil (ver *Mobilidade*, Tomo II), como também a presença no Vale de homens casados que, para melhorar de sorte, chegaram à área procedentes de outras menos favoráveis, na esperança de conseguir uma situação mais promissora e trazer mais tarde as famílias.

Os dados oficiais, contudo, indicam grande variação entre os municípios, e até mesmo dentro do mesmo Estado. Dando um exemplo, no município de São João da Ponte, em Minas Gerais, 62,3 por cento das mulheres de mais de 15 anos eram casadas por ocasião do censo, ao passo que a percentagem em Paraopeba caía para apenas 43,7; no município de Monte Azul, 68,2 por cento dos homens de mais de 15 anos eram também casados, enquanto que, em São Romão, a percentagem descia para 48,3.<sup>1</sup> Todos esses municípios se situam no mesmo Estado.

### *Puberdade*

Embora o casamento seja indubitavelmente uma instituição social, a sua função biológica é também óbvia e raramente se a perde de vista no Vale. Em toda a área, a puberdade tende a assinalar a ocasião em que a moça é considerada apta para o casamento pelos membros da família, pelos amigos, membros da comunidade, e a própria interessada.

Numerosas moças alcançam a idade da puberdade sem sabermos de sua chegada e muito menos de seu caráter. Ocasionalmente, sofrem grande choque psicológico com o início da menstruação, amiúde pensando, de início, constituir evidência de doença grave. Em Pesqueira, na parte inferior do Médio São Francisco, porém, o mesmo na vizinha Marrecas e em outros locais, observou-se que pelo menos algumas mães previnem as filhas de dez anos mais ou menos a respeito do aparecimento desse fenômeno fisiológico.

Aqui, como de resto em outros locais, a chegada da primeira menstruação, ou das "regras", como são chamadas, é considerada pelos pais e outros adultos como indicação de que um cuidado especial deve ser tomado com a moça. Prescreve-se uma dieta especial, com proibição de alguns alimentos: em Pesqueira, a carne do tatu-bola e todos os tipos de caça, certos peixes, como o mandí

1. Fontes: VI Recenseamento Geral do Brasil — 1950; Série Regional, Vol. XVII, Tomo I, 1955, *Censo Demográfico do Estado de Pernambuco*, págs. 68-69, Vol. XVIII, Tomo 1, 1955, *Censo Demográfico do Estado de Alagoas*, pág. 66, Vol. XIX, 1956, *Censo Demográfico e Econômico, Estado de Sergipe*, pág. 66, Vol. XX, Tomo I, 1955, *Censo Demográfico do Estado da Bahia*, págs. 70-72, Vol. XXI, Tomo 1, 1954, *Censo Demográfico de Minas Gerais*, págs. 80-87.



e o matrinchá, e algumas frutas, como a manga, o limão, e o tamarino. Não obstante, outros alimentos são especialmente recomendados, incluindo a carne de vaca, o surubim, o jerimum e a melancia. Em cada subsequente período menstrual, a moça deve abster-se de realizar todo e qualquer serviço pesado, e não tomar outro banho que o de "assento",<sup>2</sup> desde que está "em estado de perigo", com o corpo muito "aberto" (ver *Doenças e Seu Tratamento*, Tomo II) nessa ocasião.

Outras proibições e prescrições semelhantes de alimentos, bem como outras durante a menstruação, são comuns em todo o Vale, embora os detalhes variem até certo ponto de lugar a lugar e, talvez em parte, de acordo com a família. Em Passagem Grande, no Baixo São Francisco, por exemplo, a mulher menstruada, disse um informante, não deve tomar leite porquanto se pensa que, nessas condições, serão produzidas flores brancas, ou "funções", nem, como se pensa também em Pesqueira, comer limão, laranja, abacaxi, mamão, quiabo, maxixe e pinha, ou ainda, ao contrário do que se espera em Pesqueira, jerimum. Além disso, conforme indicado no Capítulo sobre *Doenças e Seu Tratamento*, não deve costurar à máquina (máquina de pé) nem montar a cavalo.

Em Sertão Novo, na Seção Norte das Corredeiras, onde é corrente a expressão "está de boi", usada para descrever a mulher nesse estado, as proibições, segundo um informante, "são as mesmas que durante o resguardo do parto" (ver abaixo). Acredita-se tanto que o limão atrasa o período menstrual que moças que desejam ir a uma festa, e que temem o início das regras, chupam limão para evitá-las.<sup>3</sup> Durante a menstruação, contudo, nenhuma mulher, como se pensa também em Pesqueira e Passagem Grande, deve chupar limão, nem, nesta última cidade, laranjas, nem comer peixe de qualquer qualidade. Da mesma forma que em Passagem Grande, não deve "de modo algum" costurar à máquina, limitando-se ao trabalho de mão, não fazer caminhadas a pé nem, em quaisquer circunstâncias passar sobre a rédea de um burro ou por cima de um homem. É por causa dessas duas últimas proibições que a mulher que andando por uma calçada vê as rédeas no chão prendendo o burro levanta-as e passa por baixo a fim de evitar "o mesmo que se quebrasse o resguardo", e também que o marido durma no lado da cama voltado para a parede para que a esposa não passe por cima dele e evite uma "enorme má sorte", não apenas para ela mas para ele, também, disse um informante, citando experiência pessoal em apoio de suas palavras.

2. Algumas mulheres sustentam que quando tomaram banho durante esse período sofreram subsequentemente de forte dor de cabeça "e tiveram o incômodo suspenso".

3. Não obstante, são ocasionalmente encontradas aqui, como de resto em outras localidades, pessoas cépticas a respeito dessa crença.

Em Rio Rico, no Planalto Ocidental na Bahia, as proibições alimentares durante a menstruação incluem, como em todas as demais localidades mencionadas acima, o limão, como em Passagem Grande, o abacaxi e a pinha; em Passagem Grande e Sertão Novo, laranjas e, como em Pesqueira, mangas. Contrariamente ao que se pensa em Pesqueira, contudo, a mulher não deve comer surubim nem carne de porco, ovos, fígado, miolos, abóbora, lima, ou goiaba. Também como em outros locais, não deve costurar à máquina. Pode bater roupa ou lavar pratos em pé na água do rio, mas não tomar banho frio. Alguns pensam também que não deve ir ao cemitério pois "se cair uma gota no chão, não acaba mais".<sup>4</sup>

A parte os remanescentes de grupos tribais ameríndios que ora residem em reservas do governo (ver *Raízes no Passado*, Tomo I) é duvidoso que em qualquer parte do Vale sejam agora observados os "ritos de passagem", mesmo nos casos de crianças do sexo masculino, semelhantes aos efetuados pelos Fulniô, por exemplo, quando "atingem a idade", que varia entre 10 e 11 anos, segundo Pinto.<sup>5</sup> Na puberdade, contudo, os pais em Pesqueira e em outros locais podem reconhecer que o filho atingiu tal estágio de desenvolvimento, fazendo-lhe ligeiras concessões a respeito da conduta, como permitindo que fume em sua presença (ver *Etiqueta*) ou chegue tarde em casa.

### *Atitudes Relativas ao Casamento*

O casamento é assunto a merecer muita atenção, pensamentos, e conversações, especialmente de parte das moças, desde que a mulher que não casa até certa idade perde definitivamente *status*. Em Cerrado, na área do Alto São Francisco, observou-se que as predições mais desejadas pelas pessoas que consultam as "ledoras de mão" são as que se referem ao casamento. Fazem-se perguntas se a moça em apreço vai casar ou não, quando, que tipo de pessoa, e se terá ou não filhos. Se o muito desejado cônjuge demora-se, a moça pode invocar a ajuda de Santo Antônio, considerado em toda parte "o santo casamenteiro", dirigindo-lhe orações e fazendo promessas. Certos atos devem ser também evitados, tal como dar as costas a um santo, desde que tal comportamento pode retardar ou impedir o casamento.<sup>6</sup> De fato, o ideal de "casar cedo e ter muitos filhos" está tão enraizado na mente das jovens que se não ocorrer como esperado, ela pode apelar a Santo Antônio e, se

4. Não obstante, pelo menos algumas mulheres põem em dúvida tal proibição. "Quantas vezes eu tenho ido", disse uma delas, "e nunca me fez mal".

5. A cerimônia é realizada sob a liderança de membros das sipes Porco e Periquito, sempre por ocasião do *ouricuri* (ver Pinto, 1956: 128-33), e também "Toré", neste trabalho.

6. Muitos moradores acreditam que a moça que ajuda a noiva a vestir-se para o casamento deve ajudar outras seis da mesma maneira ou corre o risco de ficar solteira.



ainda demorar, recorrer a medidas extremas como a mencionada por informantes em Cuscuzeiro e Passagem Grande, no Baixo São Francisco, isto é, colocar uma imagem de Santo Antonio num saco, fechar a abertura com um barbante, colocá-la num pilão e fingir pisá-lo com a mão. E como disse uma informante, "É sempre depressamente ficar sem casar".

Além de considerarem o casamento como meio de assegurar o *status*, as moças de Cerrado e outros locais julgam-no como maneira de obter um lar próprio, de ter e cuidar de filhos, garantir o sustento financeiro e, talvez em menor extensão, de ter uma oportunidade de encontrar um companheiro para toda vida.<sup>7</sup> Para as mulheres, embora não para os homens, o casamento proporciona a única situação socialmente reconhecida de relações sexuais permissíveis.

Embora o casamento seja considerado por muitos como uma restrição à sua liberdade, espera-se geralmente em Cerrado e outras localidades que quando alcança a idade apropriada o jovem deixe o que se julga de vida "desorganizada e irresponsável" do solteiro, case-se e se transforme em chefe de família. A "organização da vida", para usar uma frase local, trazida pelo casamento é também considerada condição indispensável para o progresso econômico do jovem. Além de aceitar o que pessoas mais velhas chamam de "necessidade" de estabelecer família e ter numerosos filhos, o homem vem a considerar o casamento como ligado à própria segurança durante seus anos produtivos e na velhice.

Em Sertão Novo e outras áreas, a expressão "moça velha" é aplicada à que ultrapassa os primeiros anos da idade casadoira sem ter contraído matrimônio. Disse uma moça que "há uma porção de moças velhas nesta cidade, que o povo chama de 'santas' porque passam tanto tempo na igreja, mas que dariam tudo que têm para casar". Pensava ela que uma moça nessa idade que não casou ainda "deve avançar para arranjar" um marido.

*Características que se esperam dos cônjuges.* Em toda parte, espera-se que a escolha do cônjuge seja feita, e geralmente é, entre pessoas de níveis econômico e psicológico aproximadamente iguais. Em Cerrado, por exemplo, embora essa expectativa possa tender a ser ignorada pelo jovem casal, as famílias fazem todos os esforços para evitar sério desnível a esse respeito.<sup>8</sup> Uma pessoa "de boa família", conforme se diz, que namora outra de uma família não prestigiosa com o intento de casar descobre que seu próprio pres-

7. Ao ser perguntada o que esperava do casamento, uma moça de Cerrado respondeu: "Ter a minha casa, ter o que é meu." Indagando-se também se não esperava carinhos do marido, respondeu: "Ora, isso ele faz uns tempo, mas despôs acabou!"

8. Os namoros em Cerrado entre homens da elite local e mulheres dos grupos de *status* inferior pareciam ter como objetivo principal, se não o único de parte do homem, o prazer sexual e, de parte da mulher, a possibilidade de uma relação afetiva íntima com um indivíduo capaz de proporcionar-lhe vantagens materiais que não poderia de outra forma obter. Tais namoros raramente culminam em casamento.

tígio cai, fato este refletido no humor local, desde que um meio de depreciar jocosamente uma pessoa consiste em atribuir-lhe uma namorada (ou namorado) que ele ou ela não querem porque pertencem a uma classe considerada inferior.

Em Rio Rico e outros locais, todavia, a fim de ser considerado pelas famílias da elite como um "bom partido", o rapaz não somente deve ter nascido no seio de uma "boa família", mas ser também mais velho do que a possível noiva, bem como inteligente e sério, estar empregado e possuir educação julgada adequada, gozar de boa saúde, não ser viciado em bebidas alcoólicas nem "dado a farras", e construir uma casa para a esposa. Quanto à moça, espera-se em primeiro lugar que seja virgem. Trata-se de uma consideração imperativa. Deve estar também disposta, sem cavilações, a assumir as responsabilidades do lar, não ser o que se chama de "boneca de vitrina", isto é, pessoa que dedica atenção principalmente à aparência pessoal e "a seguir a moda". Como qualidade desejável de um futuro marido para suas filhas, um morador dos Gerais, nas proximidades de Rio Rico, citou, em primeiro lugar, a capacidade de sustentar a família. Consequentemente, esperava que o jovem fosse "muito trabalhador" e "de boa paz". Tais as expectativas vigorantes neste e em outros locais.

Contudo, com exceção da virgindade, considerada absoluta e inequivocamente essencial, nem todas as expectativas podem, naturalmente, ser exigidas do futuro cônjuge. De fato, ocorrem com frequência casamentos sem que, pelo menos, um dos esposos possua uma ou mais das esperadas características. Mas são os objetivos ideais que se esperam que pais e noivos procurem atingir.

### *Namoro e Noivado*

Já há algum tempo estão em processo de mudança os costumes de namoro e noivado que outrora prevaleciam, especialmente nas cidades e entre as elites locais. Uma senhora idosa de Rio Rico, por exemplo, recorda-se da época quando "a moça ficava à janela, o moço ficava na esquina, os dois se olhando". Numerosos informantes mais velhos do vilarejo de Cuscuzeiro dizem que, atualmente, é muito diverso do que era no passado.

É talvez exato, contudo, que o "namoro de olhar", ou a troca de "olhares provocadores e de entendimento", como disse alguém, seja ainda habitualmente a primeira fase. Uma das principais ocasiões durante a qual se os praticam é, como no passado, o *footing*, ou passeio, ainda comum em numerosas cidades do Vale, como aliás em outras partes do Brasil. Nos casos em que a população é grande demais para que as pessoas se conheçam pessoalmente, e as moças



são mantidas em virtual reclusão em casa até o casamento, ou onde estranhos costumam aparecer ocasionalmente na comunidade, o *footing* constitui um meio eficaz para permitir pessoas de idade casadoira de ambos os sexos examinarem cônjuges possíveis, eventualmente trocarem olhares diretos com os que mais lhes atraem a atenção e, mais tarde, sorrisos e conversação.

Em Cerrado, por exemplo, dois quarteirões do centro da cidade são ocupados quase todas as noites, embora especialmente nos sábados, domingos e dias de festas, por rapazes e moças da cidade. Estas últimas, em pares ou pequenos grupos, andam preguiçosamente pelos quarteirões, fazem a volta e retornam lentamente, conversando entre si, rindo ocasionalmente e, de tempos em tempos, observando discretamente os rapazes, que se postam em grupos ou sozinhos ao longo do caminho. Às vezes, os jovens — embora mais raramente as moças — caminham também lentamente, em pares ou pequenos grupos, subindo e descendo os dois quarteirões.

Embora, com o desenvolvimento da educação mista, a reclusão das meninas e moças em casa seja agora obstáculo menos sério à formação de conhecimentos com o sexo oposto do que outrora, frequentemente apenas no *footing* podem elas examinar os rapazes de fora que chegaram recentemente à cidade. Os rapazes do local podem, igualmente, examinar qualquer moça de fora cuja família tenha se mudado recentemente para a área.

Um dos critérios da seleção do companheiro referidos acima, isto é, a identidade de classe, reflete-se no fato de que as moças das famílias da elite local de Cerrado, como em outros locais, mais bem vestidas do que as dos grupos de *status* mais baixo passeiam pelas calçadas e os rapazes de famílias da mesma classe alinham-se nos passeios, enquanto as moças mais pobres andam pelo meio da rua, entre filas de rapazes também de grupos inferiores, de pé no centro da rua. Embora esforço algum seja conscientemente feito para evitar uma quebra deste procedimento costumeiro, ele é, de modo geral, escrupulosamente seguido desde que pelo menos por uma coisa, o rapaz das classes inferiores não “encontrará correspondência” aos seus olhares entre as moças que passeiam pelas calçadas.

Em Pesqueira, igualmente, quase todas as noites, grande número de jovens acostumou-se a “fazer o passeio” ao longo da rua principal. Pouco antes e depois da sessão de cinema, o passeio alcança o auge e, nos domingos, aumenta muito. A “moda da terra” como a chama Proença (pág. 112), aqui como em outros locais, é que as moças girem para a direita e os rapazes para a esquerda. Durante os passeios, olhares amorosos são talvez trocados, depois dos quais o rapaz e a moça podem, durante um *footing* dias depois,

separarem-se dos respectivos grupos e pararem para uma prosa, simbolizando assim um passo mais avançado no costume do namoro. Finalmente, podem passear juntos, indicando ainda mais claramente o progresso da ligação. Estes dois últimos atos, porém, implicam certo compromisso, e muito raro são iniciados levianamente.

São considerados também especialmente apropriadas para os namoros em Cerrado e outras cidades as festas religiosas, de casamento, aniversário e os bailes realizados ocasionalmente em casas particulares ou no clube local. Nessas ocasiões, parece que o interesse de rapazes e moças, e mesmo de meninas e meninos que podem também participar,<sup>9</sup> reside pelo menos em grau considerável em iniciar e aprofundar o namoro.<sup>10</sup> Observou-se em Cuscuzeiro que além das festas religiosas e uma ou outra dança, rapazes e moças em idade núbil têm oportunidade de se encontrarem nos batalhões para cortar arroz, em viagens de canoa à feira da cidade mais próxima, ou em "cozinhados", que é uma espécie de piquenique.

Em Rio Rico, notou-se que o namoro não mais indica irrevogavelmente que duas pessoas casarão mais tarde, como acontecia com certeza no passado. Um rapaz de 25 anos deu os nomes de quatro moças com as quais havia namorado em ocasiões diferentes, uma delas durante 6 anos, e um companheiro lembrou-lhe outras que ele esquecera. Pelo menos uma moça é considerada "muito namoradeira". Esta mudança nas expectativas reflete-se na distinção ora feita em Cerrado entre "namoro para casar" e "namoro de brincadeira". Este último, embora às vezes se transforme em "namoro sério", como é chamado, geralmente, contudo, tem caráter transitório, ao passo que o objetivo do "namoro para casar" é, naturalmente, o noivado e, por fim, o casamento. Algumas famílias não permitem ainda que as filhas sejam visitadas pelo namorado até que se noivem. Eles se vêem e elas se encontram com os rapazes apenas em passeios na avenida, festas públicas ou em residências particulares ou, em alguns casos, nos bailes do clube local. Alguns pais não permitem que as filhas, mesmo depois de noivas, namorem fora de casa. Espera-se que conversem com o namorado na sala e, em algumas famílias, sempre na presença de uma terceira pessoa. Ao mesmo tempo, algumas pessoas acham que tais restrições traduzem "caipirismo" ou "carrancismo" isto é, apego ao passado.

9. Embora a ocorrência não seja comum, vêem-se ocasionalmente nas vizinhas Cerrado e Retiro pares de adolescentes passeando nos dias de festa. Em uma festa de campina em Retiro, por exemplo, notou-se ocasionalmente um menino de 12 ou 13 anos conversando no terreiro ou num canto da sala com uma menina, geralmente mais moça.

10. Embora algumas pessoas em Cerrado gostem de "caçoar" com meninos pequenos, dizendo que mesmo aos 4 ou 5 anos de idade "já namoravam", o namoro infantil é geralmente ridicularizado porque, como disse um informante, os adolescentes e crianças pequenas "são imaturos mental, como também física e economicamente".



A mudança, entretanto, não é tão evidente em outras comunidades. Em Pesqueira, por exemplo, encontros repetidos entre o rapaz e a moça são ainda considerados de maneira geral como "noivado quase formal", mesmo se ambos são de classes diferentes.<sup>11</sup> Conversar durante a dança é julgado "quase um compromisso", disse um informante. Dançar duas vezes seguidas com o mesmo rapaz ou moça, mesmo que não haja conversação, "é também compromisso". Numerosos rapazes que deixam a vizinha Marrecas para trabalhar no Sul, voltam para cumprir um compromisso tacitamente assumido.

Em Rio Rico há agora menos separação entre os noivos antes do casamento do que no passado. Podem conversar no interior da casa, à porta, ou mesmo na esquina, e isto à noite. Mas que há ainda resistência a tais mudanças é confirmado pelo fato de que o líder religioso local, ao ver certa vez uma moça e um rapaz conversando à porta de uma casa, "disse em alta voz, não só para eles, mas para que todos pudessem ouvir", contou um informante: "Onde já se viu uma moça conversando com o namorado no portão, numa noite tão escura?" Como não teve muito êxito nos seus protestos, contudo, deixou gradualmente de falar. Mesmo em Pesqueira, numerosos casais conversam na parcial escuridão de uma rua mal iluminada, desviando-se assim do comportamento esperado em especial, da parte do mesmo que exige a presença de uma terceira pessoa.

"Quando a mocinha começa a namorar fica muito religiosa. Não perde reza, toda noite está rezando e, já se sabe, antes dela, uma prosinha, um aperto de mão, um cheiro apressado,<sup>12</sup> e às vezes um pouco mais... Bem, isso a gente não vê porque namorado gosta é de escuro. Aos domingos, antes e depois da missa, passeiam, conversam, e após a sesta, novo encontro que se prolonga até a noite. Não há bancos nem escuridão nos jardins, nem sombra acolhedora, mas, sob as árvores do cais, alguns casais de namorados conversam, ou muitas vezes se dirigem à casa de alguma família conhecida, em geral de condição social inferior a deles. É um prazer para tais pessoas terem ali aqueles filhos de gente boa da cidade. Quando o namoro já se torna mais seguro, sendo do agrado dos pais, o moço vai namorar na casa da eleita, onde fica à vontade, transitando dentro de casa como se fôra um membro da família. Com o fortalecimento dos laços afetivos, a moça pode finalmente visitar os pais do namorado".<sup>13</sup>

11. Após ter um moço de uma das famílias dominantes passeado e ido ao cinema com uma moça da classe menos privilegiada durante vários meses e saído de viagem, um morador observou: "Depois de empatar a moça tanto tempo, agora vai deixá-la assim! Isso não é direito!"

12. Nesta área, o namoro pode desenvolver-se com a ajuda de discretos *cheiros* (ver *Etiqueta*), e não de beijos, fato este refletido em cantos populares locais, onde se fazem referências a cheiros dados em "caboclas bonitas, verdadeiras flores do sertão".

13. Entrementes, os amigos do casal comentam o namoro. Os comentários darão prestígio ao cônjuge, aqui como em outras localidades, contanto que o outro seja considerado "bom partido".



Entre os grupos de status mais baixo da cidade, as idas das moças até o rio para buscar água e a viagem de ida e volta para trabalhar nos arrozais das ilhas fornecem as principais oportunidades de namoro. Nas sextas feiras encontram-se na feira. Nas noites de sábado, até mais ou menos 9 horas, podem dar um passeio no "Quadro" em frente à igreja ou descer a Rua Nova até o cais. Ou podem encontrar-se nos domingos, no fim da tarde, embora por período mais curto, separando-se pouco antes do anoitecer, desde que, na segunda-feira pela manhã, precisam acordar antes do amanhecer "para a travessia do rio até as lagoas de arroz". Entrementes, o moço pode levar-lhe alguns presentes. Se trabalha nas lagoas, onde geralmente conserva um covo, pode dar-lhe os maiores ou melhores peixes e camarões que pescar ou, se trabalha num coqueiral, um côco com água fresca. Ou, quem sabe, arma uma arapuca e apanha rolinhas e pombas para ela. A família da moça fica geralmente satisfeita com tais presentes, que com toda probabilidade se tornarão mais frequentes à medida que continuar o namoro. "Pelo estômago o moço chega mais depressa ao coração da namorada", disse certo dia um rapaz "e amolece as exigências dos pais".

Na área rural circundante e na cidade, a festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens (ver *Ritual, Cerimônias e Crenças*), que conta com o comparecimento de muitos milhares de pessoas, proporciona oportunidade de namoro. Pouco depois do anoitecer, grupos de famílias conhecidas entre si partem a pé ou a cavalo para o vilarejo de Areia Solta, a 7 léguas de Passagem Grande, a fim de ir buscar a imagem na igreja local. Ao começar a esquentar o sol, param para uma refeição sob os coqueiros. Alguns moços, se possuem ou podem conseguir um cavalo, levam as namoradas na garupa. Em Areia Solta, após a reza naquela noite, grupos cantam bailados populares, com acompanhamentos de ternos de zabumba e, se o padre consente, são realizados bailes em uma ou mais casas do local. Em quase todos os cantos sob amendoeiras, cajueiros, oitizeiros, ou meramente à luz das estrelas, na areia — casais conversam. Terminada a missa de manhã bem cedo, o povo percorre novamente as 7 léguas até Passagem Grande, trazendo a imagem em procissão. Devido à extensão da jornada, revesam-se conduzindo a santa, ajudando os namorados às vezes, lado a lado.

Nas áreas rurais de Passagem Grande, as oportunidades de namoro são criadas pela feira semanal, as festas religiosas, as novenas, mesmo os velórios. Em Cuscuzeiro, além de uma ou outra dança, rapazes e moças em idade núbil têm também oportunidade de se encontrarem nos batalhões para o corte do arroz, em viagens de canoa à feira da cidade mais próxima, e em "cozinhados" (uma espécie de piquenique). Durante a "época dos caju", como é chamada, ou época de amadurecimento do fruto, o rapaz tímido



pode encher um samburá com os mesmos e deixá-lo no chão onde o encontrará a moça cuja atenção quer atrair. Mais tarde, passando um pouco a timidez, pode entregar-lhe diretamente um samburá cheio e conversar um pouco com ela. O namoro pode também continuar por meio de conversações ocasionais enquanto a moça vai ao rio lavar roupas ou, em companhia de outras moças, procurar lenha ou palha para fazer chapéu de ouricuri. Durante as curtas conversações, a mão da moça pode ser segurada disfarçadamente pelo rapaz, sem que outras pessoas percebam.

Em Cuscuzeiro e outras áreas rurais, observou-se que os rapazes procuram ocasionalmente demonstrar força na presença das moças para atrair-lhes a atenção. Se moças casadoiras estão por acaso num rancho, por exemplo, os jovens que trabalham perto podem iniciar algum tipo de competição física, como uma ligeira briga. Alguns casais, se sabem ler e escrever, podem trocar bilhetes de amor, embora isto seja raro.

A expectativa tradicional é que o namoro conduza a um pedido de casamento, depois do qual, se o cônjuge é aceitável, começa o noivado oficial. Na cidade de Rio Rico, espera-se geralmente que o rapaz peça ao pai da moça permissão para casar com ela, indo procurá-lo pessoalmente ou escrevendo-lhe uma carta. Nas áreas mais rurais, contudo, o pedido pode ser feito pelo pai da moça, que ventila o assunto com algum jovem que deseja como marido da filha, embora a geração mais nova pareça estar mudando na fidelidade ao que, aparentemente, era um costume geral. "Uma vez, uma mulé daqui mandou me chamá", disse um moço de uns 25 anos de idade. "Eu fui a casa dela, onde ela começou a dizê que, em casa de um conhecido, começaram a falá de um rapaz para a filha e o meu nome foi lembrado. Se o pai dela chamá, você vai falá com ele?" Eu podia ter dito logo que não — sou muito moderno ainda e nem tenho casa nem com o que vivê, mas, não sei por que, disse, 'vô'. E ficou por isso mesmo. No domingo à tarde, encontrei a mulé novamente e ela perguntou: 'Você não recebeu carta nenhuma sexta-feira?' 'Eu, não?', respondi. 'Pois procure que mandei uma carta prá lá'. Chegando em casa, perguntei para a velha, e ela disse: 'Oh!, meu filho, chegou sim, mas eu me esqueci de lhe entregá'. Eu li a carta e era do pai da moça que queria falá comigo. Mas já era 4 horas, e não dava prá pegá o animal e ainda ir naquele dia. Na segunda-feira, peguei o cavalo e fui. Chegando lá, a casa estava cheia de gente porque era antes da festa do Divino e a bandeira do Divino estava lá. Logo saiu o pessoal e o velho gritou: 'Ó moço traga duas cadeiras aqui!' Sentamos e o velho começou: 'É, falando em casá no outro dia sobre rapais, seu nome surgiu em primeiro lugá'. E começou a fazer elogios que eu até não merecia. 'E então', disse ele, 'resolvi falá com você pra casá com minha filha'. Ai é que estava duro o negócio



prá mim. Mas fui logo dizendo: 'Não quero casá agora, eu sou muito moderno ainda!' 'Mas cedo começa-se a vida', disse o velho. Depois eu disse também que não tenho casa. 'Mas ela tem uma casinha onde vocês pode morá até arrumá outra'. 'E tem mais', disse eu, 'Não vô casá e deixá mulhé pra í passeá, que eu também quero vê o mundo porque nunca sai daqui. O senhor sabe: quem nasce aqui e nunca sai, não vive, vegeta'. Aí o velho coçou a cabeça e eu então peguei o ponto fraco dêle. 'Ah, eu pensei que você não quisesse viajá, por isso que 'tava achando um bom rapaz'. 'Ah, eu quero, disse'. 'É, se é assim, não acertamos nada, não é?' 'É, nada feito', eu falei prá ele".

Em Pesqueira, especialmente entre as classes superiores, o noivado formal constitui um procedimento bastante complicado. Espera-se tradicionalmente que um pedido por escrito seja enviado pelo moço ou pai da moça, depois do que, procura-o e repete pessoalmente o pedido. No passado, empregava-se sempre um intermediário, geralmente o pai do rapaz. Este sistema, contudo, nem sempre é seguido atualmente.

Em Cerrado, da mesma forma, o pai ou um parente mais idoso fazia outrora o "pedido" de casamento em nome do rapaz ao pai da moça. Hoje, porém, na maioria dos casos, o moço mesmo o faz, embora em um caso conhecido de nossos pesquisadores, o tio da moça, ele próprio solteirão, tenha apresentado o pedido ao pai do rapaz. Ocasionalmente, em vez de aparecer em pessoa, o moço envia uma carta, embora este costume não seja "muito comum", segundo um informante.

A moça geralmente sabe em que dia será "pedida em casamento". Embora ela e a mãe preparem habitualmente bolinhos e outros acepipes para o rapaz ou seu representante, a reunião entre ele e o pai, mesmo quando o pedido é aceito, constitui ordinariamente experiência embaraçosa em razão da distância social que normalmente separa pessoas jovens e idosas.<sup>14</sup> Se a resposta for negativa, o moço sentir-se-á seriamente reprovado e, com toda probabilidade, perderá prestígio na comunidade. Em consequência, ele, de habitual, faz uma sondagem antecipada por intermédio da namorada ou outra pessoa sobre a atitude dos membros da família e, sobretudo, se o pai e os irmãos da moça, como se diz, "têm-no ou não em boa conta".

Na vizinha Retiro, na mesma área do Alto São Francisco, o costume antigo prevalece ainda, embora esteja em processo de mudança. O moço é geralmente representado no pedido pelo pai, tio ou amigo "mais velho e mais desembaraçado", como um homem de quem se diz, "ele tem pedido muito casamento. É 'especial para isso". Contudo contou um informante que certo dia foi a casa do

14. Esta distância social parece estar diminuindo, embora existam certos velhos que, segundo dizem, "não gostam de conversar com moços".



futuro sôgro fazer o pedido, mas que, embaraçado, "fez apenas uma visita". Dias depois, conseguiu que seu pai pedisse por ele. Neste caso, a hesitação de parte do moço teve mais origem na indisposição de agir contra um velho costume do que por motivo da distância social envolvida, porque seu pai era fazendeiro e sua mãe professora primária, ao passo que o futuro sogro não passava de um agregado e tivera menos instrução quando moço.

Na área de Pasagem Grande, igualmente, embora outrora o pai do rapaz ou alguém dele conhecido agisse como intermediário na formalização do noivado, a iniciativa é hoje tomada geralmente pelo rapaz, fazendo-se o pedido em presença da moça. Se for aceito, o noivado torna-se "mesmo mais oficial" se o rapaz, contanto que disponha de meios, presenteia a noiva com uma aliança, talvez comprada numa loja da cidade ou a mascate de quinquilharias ou ciganos que ocasionalmente percorrem a região. Se os pais têm meios, aqui como em outras localidades, a noiva recebe recursos para preparar o enxoval. Numerosos dias são passados em costuras e bordados, sendo a futura esposa auxiliada nessas agradáveis tarefas pelas amigas solteiras. Talvez faça mesmo uma viagem a uma cidade maior da região a fim de comprar material. Se os pais são pobres, o noivo talvez dê à noiva todos os meses, ou semanalmente, parte de sua renda para tal fim. Não obstante, são consideráveis os números de noivas na área e em outras do Vale que não preparam o enxoval, casando-se com as roupas que já possuem.

Uma vez formalizado o noivado, é possível que o moço, como em Cerrado e outras localidades, comece a visitar periodicamente a noiva em casa, onde o casal fica sob vigilância de pelo menos uma das irmãs mais moças da noiva. Não saem sozinhos. De idêntica maneira, em Rio Rico a noiva tem permissão de sair com o noivo apenas se acompanhada por uma irmã ou amiga.<sup>15</sup> Caso surja entre os noivos um grau de intimidade julgado excessivo, a moça poderá adquirir "má reputação". Espera-se também que ela, sem exceção ou equívocos, desencoraje todas as atenções amorosas de outros homens. Não deve nunca "dar linha", como se diz no local, ou "flertar", como se prefere dizer algures. Aqui, igualmente, é costume que os noivos usem na mão direita os anéis adquiridos pelo rapaz, embora os moradores da área mais rural talvez não o façam devido à falta de recursos ou, como disse o informante, "porque nem mesmo conhecem essas coisas". Em Cerrado e outros locais as normas de etiqueta a serem observadas em bailes e outras festas tornam-se ainda mais rigorosas para os comprometidos. As danças locais servem também para reforçar os laços do compromisso público.

15. Disse uma informante que quando a irmã mais velha ficou noiva, "papai fazia eu, mais a minha irmã, ficar sentada perto dos noivos. Minha irmã dava um jeito de fugir. Eu, com aquele frio, tinha que ficar sentada no banco aqui fora. Se entrava um pouco, papai dizia, zangado: Volte pra lá!"

Em Cuscuzeiro, o período do noivado dura geralmente um pouco menos de ano, tempo durante o qual o rapaz procura "se estabelecer", isto é, trabalhar "com seriedade" e, destarte, reunir recursos suficientes para o casamento. No local, como de resto em outras partes do Vale, o aluguel ou a construção da casa do casal constitui responsabilidade do futuro marido, bem como a compra do necessário mobiliário. O moço amiúde assume gostosamente essas obrigações que lhe indicam a maturidade e a capacidade de estabelecer e dirigir um lar. Não obstante, numerosos casais formam um lar sem que essas peças tenham sido reunidas antecipadamente.

Entrementes, a noiva permanece em casa trabalhando em tarefas domésticas. Não deve mais aparecer em festas, a menos que acompanhada da família ou passear sozinha com outro homem. Poderá fazer o enxoval, costume este novo aqui e que parece ter sido introduzido por pessoas que residiram em Penedo, Maceió, ou alguma outra grande cidade da área. A troca de presentes entre noivo e noiva, costume também aprendido nas cidades, parece estar aumentando. Disse uma informante, por exemplo, que o noivo lhe deu dois presentes: um vidro de óleo perfumado e 40 cruzeiros para comprar uma toalha de mesa. Os pais, contudo, sentem-se ainda pouco à vontade com tais presentes e costumam insistir com a filha para que não os aceite, dizendo: "Vocês ainda não são marido e mulher". No fim, apesar de tudo, tendem a aceitar isto como costume recém-adquirido em virtude das precárias condições econômicas em que vivem.

Em Passagem Grande, entre a elite local, como aliás em outras cidades, vigora ainda o costume de o pai da noiva entregar ao futuro marido, mediante um documento pré-nupcial, uma parte de seus bens inalienáveis, cuja renda servirá para ajudar a pagar os encargos do casal. Se o casamento não se realiza ou é subsequentemente dissolvido,<sup>16</sup> os bens são devolvidos. Em Pesqueira, porém, não parece comum o costume de oferecer dotes às filhas.

### *Idade para o Casamento*

Escreveu Burton (I: 396-97), comentando a situação de Minas há cerca de um século, que "as moças casam como nossas avós, aos quatorze e têm filhos até muito tarde na vida. As uniões entre 'o dezembro' dos setenta e o 'maio' dos quinze são comuns (sendo a esposa), contemporânea de seus netos pelo casamento". Em-

16. Moradores locais disseram, contudo: "O melhor é casá por amor do que casá por causa do dote." "O dote que dou pra minha filha", observou um homem, "é o meu nome, um nome de família honrado. Hoje o bom nome vale mais do que alqueires de terra".



bora seja rara hoje uma diferença de idade tão grande entre os esposos, a tendência de pensar que a moça deve casar tão cedo quanto possível parece predominar ainda em todo o Vale.

Em Passagem Grande, por exemplo, elas começam a pensar seriamente em casamento logo que atingem a puberdade, ou pelo menos aos 13 ou 14 anos e, os rapazes, logo que chegam aos 17 ou 18. Da moça que passa dos dezoito sem casar, diz-se que está "no barricão", isto é, uma solteirona, cujas possibilidades de casar diminuem a cada mês. Uma quadrinha popular, aparentemente de origem portuguesa porque a palavra "rapariga" é usada com o antigo (ou português) e não o mais recente significado no Brasil, reflete bem esta situação:

"Minha mãe, me case logo,  
enquanto eu sou rapariga;  
porque milho plantado tarde  
dá palha, não dá espiga."

As moças geralmente casam até os 16 anos e nossos pesquisadores conheceram 8 casos em que o fizeram aos 14 anos. Os homens não casam geralmente antes dos 18, embora em alguns casos o façam aos 16 ou 17, e raramente 15 (somente 5 casos apurados pelos nossos pesquisadores). Parece que as moças residentes nas roças e vilarejos na área em volta de Passagem Grande casam geralmente entre os 14 e os 18 e os rapazes entre os 17 e os 20, ao passo que na própria cidade a idade habitual é de 16 a 18 para as primeiras e de 18 a 22 para os segundos. São poucos os casos de casamento entre pessoas cujas idades variam muito, como, por exemplo, um homem de 45 e uma moça de 17, e um viúvo de 50 e uma moça de 19. Comentários depreciativos, porém, são ouvidos sobre tais casamentos, especialmente entre as mulheres, sendo a frase mais comum que "burro velho gosta de capim fresco". Dizem algumas pessoas que, "Moça nova que se casa com homem velho não é por amor. É por interesse e já está pensando no enterro dele." "Essa história de homem maduro casá com mocinha nova", observou uma moradora local referindo-se ao último casamento mencionado acima, "não dá certo. É pra ele vivê remoendo de ciúme a vida inteira".

Da mesma maneira em Rio Rico, as mulheres casam geralmente mais jovens do que os homens. De um total de 1.391 casamentos para os quais havia dados nos vinte anos transcorridos de 1932 a 1951, no caso das cerimônias civis, e nos 6 anos de 1937 a 1939 e de 1945 a 1947,<sup>17</sup> nos casos de casamentos religiosos, a idade mais precoce dada por uma moça foi de 12 anos (1 caso) e para o rapaz, 15 anos (1 caso). Entre os que fizeram casamento

17. Os dados relativos aos casamentos religiosos em 1939, 1945 e 1947 estão incompletos, conforme indicado em capítulo anterior.

religioso, 37 mulheres, mas nenhum homem, casaram-se antes dos 16 anos e 441, ou 53,4 por cento das mulheres, mas apenas 80, ou 9,6 por cento dos homens, antes dos 20 anos. Todas, menos 6,4 por cento das mulheres, mas não 17,7 por cento dos homens que se haviam casado à idade de 30 e todas as mulheres de 51 anos, mas não 34 dos homens. A moda era de 18 anos para as mulheres e 20 para os homens.

Em Pesqueira, considera-se a idade apropriada para a moça a de 14 aos 15 anos. Algumas casam-se até aos 12, mas tal união cria o problema de legalizar o casamento no que interessa à Igreja e ao Estado. Segundo se diz, várias moças falsificaram a idade nos documentos legais para casar no civil em Marrecas. Em Sertão Novo, uma informante que disse que "Aqui, as moças casam cedo", contraiu matrimônio aos 16 anos e, a filha, aos 14. Falou também nas filhas de um vizinho que casaram aos 15 e 16 anos, respectivamente.<sup>18</sup>

### *A Cerimônia do Casamento*

Segundo costume outrora vigente em Cerrado, o moço marcava o dia do casamento por ocasião do "pedido". Geralmente, os pais aqui e em outros locais, não são favoráveis a um noivado longo nem o permitem. Uma informante, cuja filha está na idade casadoira, disse que no seu próprio caso o casamento foi marcado para dois meses depois do pedido. "O casamento um ano ou dois depois não serve", acrescentou, refletindo um padrão antigo. Com mais frequência atualmente, contudo, a data é deixada em aberto, sendo o pedido feito pelo moço mais para regularizar a relação de namoro e fazer o noivado definido, assumindo um compromisso, em especial, com o pai da moça, de modo a ter mais liberdade de visitá-la em casa e levá-la a passeios pela avenida e outros locais. A data definitiva é marcada quando o rapaz termina os necessários preparativos materiais.

Aqui como em outros locais, os casamentos em agosto são extremamente raros, considerado como é azarento este mês. Durante o ano de nosso trabalho de campo, somente um casamento ocorreu em agosto e foi devido, segundo um informante, a "um descuido". A maioria dos casamentos em Cerrado ocorre em julho ou setembro, principalmente porque esses meses caem imediatamente antes e depois de agosto.

18. Algumas pessoas em Sertão Novo, contudo, pensam que a idade dos cônjuges deve ser maior. A esposa de um homem importante na cidade, por exemplo, que casou aos 22, pensa que uma moça deve casar-se aos 25 e o rapaz aos 36. Outra mulher e sua filha, comentando casamentos precoces, citou o caso do filho de um vizinho que casou aos 16 e a moça com 12 ou 13 anos e que, "sendo sem juízo e dinheiro para sustentá-la teve que morar com os pais dele desde então. Hoje, "ele tem por ela indiferença". Citou-se também o caso de outro jovem casal que casou em circunstâncias parecidas, e agora "faz poucos meses que estão casados e até surras de cinturão a mulher já levou do marido".



Em numerosas localidades do Vale, todavia, não é possível realizar a cerimônia religiosa em qualquer data marcada em virtude da falta, conforme já indicado, de padre residente na área. Visto que o padre visita os vários vilarejos e povoados do interior do município de Pesqueira, por exemplo, somente por ocasião da desobriga, os moradores geralmente aproveitam a visita anual para solenizar os casamentos, que não raro ocorrem simultaneamente (ver *Família, Parentesco e Compadrio*). De modo parecido em Cuscuzeiro, onde o padre só periodicamente visita o vilarejo, a data do casamento é em geral escolhida pelo casal para coincidir com as visitas. Os casamentos geralmente ocorrem, em consequência, por ocasião de uma festa religiosa importante, em seguida à missa do dia. Poucos são os casais que vão a cidades vizinhas para serem casados pelo padre residente.

Em Cerrado, as famílias das classes superior e intermediária mandam ocasionalmente imprimir convites e enviam-nos aos amigos alguns dias antes da cerimônia, embora, com frequência, como na maioria das comunidades do Vale, os convites sejam feitos apenas verbalmente. Num casamento observado em Rio Rico, os convites foram feitos com antecedência de três dias, ao passo que, em Cuscuzeiro, notou-se que os noivos e os pais convidam quase sempre os amigos, verbalmente, uma ou duas semanas antes.

É de hábito, dois padrinhos servirem como acompanhantes e testemunhas da cerimônia. De modo geral, são escolhidos padrinhos de grande prestígio local, embora talvez não sejam sempre da classe dos fazendeiros, como frequentemente ocorre no batismo dos filhos. A sua esposa torna-se automaticamente madrinha. Em Cerrado, observou-se que os acompanhantes são escolhidos com muita antecedência e que participam até certo ponto dos preparativos do casamento. A escolha apenas minutos antes da cerimônia constituiu uma das características que tornaram certo casamento, segundo os informantes, "de baixa classe".

No dia da cerimônia, o noivo e a noiva geralmente tomam um banho e se vestem especialmente na casa dos pais ou de outro parente. Em toda parte, a noiva veste branco como símbolo de virgindade. Em Pesqueira, é há longo tempo tradicional, especialmente entre as famílias da elite, que use vestido branco longo e véu branco, bem como botinas brancas de cano curto. O noivo veste um terno de casimira com um grande bolso (algibeirona) "onde cabe mais de um quilo de farinha", disse um informante, e botinas de cano longo de marroquim branco e amarelo. Em Cuscuzeiro, a noiva veste geralmente vestido branco de seda e sapatos brancos. É acrescentado um véu branco se a família pode comprá-lo e, se também possível, uma grinalda. O noivo geralmente veste branco embora este costume não seja de observância rigorosa. São usadas frequentemente outras cores, especialmente o azul marinho.



Em um casamento na cidade de Rio Rico, a noiva vestia um longo de seda branca, véu branco, trabalhado, com flores de tecido opaco aplicadas com bordado à máquina sobre o filó, tendo em volta uma rendinha branca, grinalda, consistente de uma armação de arame revestida de tecido, formando desenhos e ornamentada com pedrinhas brancas, luvas de pelica branca, sapatos altos brancos e um buquê de crisântemos artificiais, entremeados de raminhos verdes e pequenas flores naturais. O noivo vestia um terno de côr creme.<sup>19</sup>

Em Cerrado, observou-se que, como provavelmente ocorre em outras localidades, quanto mais altos a posição social e os recursos financeiros das famílias, maior o cuidado tomado com o traje dos noivos. Eram considerados indispensáveis preparativos adequados a esse respeito. Mais importância, contudo, era dada à maneira como a noiva vestia do que ao noivo. O traje é sempre diferente do usado em outras ocasiões, o que não ocorre com os homens. Além disso, ela nunca mais usa o vestido, enquanto o terno do homem pode ser depois usado no diário. Somente em casos raros, e invariavelmente entre a elite, é usada cauda. A noiva usa também véu e grinalda, sapatos e meias brancas. O noivo geralmente veste um terno escuro, camisa branca, gravata, e sapatos escuros. Se não pode comprar um terno de casimira, enverga a melhor roupa de brim, geralmente de cor clara.<sup>20</sup>

Em Passagem Grande, a aliança que o moço, em especial, se da elite, deve comprar e dar à noiva no dia do pedido, é usado na mão direita até o dia da cerimônia, quando se a muda para a esquerda, onde permanece. Invariavelmente é de ouro e constitui sempre presente do noivo, pois, de outra maneira, se fosse comprado pela sua família, pensa-se que traria azar.

Em Cerrado e outras cidades, e nos casos possíveis, o noivo deve procurar um padre e cumprir as necessárias formalidades para que os "proclamas" sejam lidos na igreja alguns dias antes do casamento. Desde que o padre local exige que, antes do casamento, o noivo e a noiva conheçam pelo menos o resumo do catecismo, o noivo tem frequentemente de estudar "no último momento". São exigidas também a confissão e a comunhão quando o casamento se realiza na Igreja Católica Romana e embora os moradores raramente recebam esses sacramentos durante a vida, quase invariavelmente o fazem nessa ocasião.

No dia da cerimônia de casamento em Cuscuzzeiro, o noivo deixa a casa de seus pais em companhia de parentes e amigos e vai para

19. Entre seis noivas casadas numa única cerimônia, uma delas não usava traje nupcial, mas vestido comum de seda desde que tinha casado "no civil" no mês anterior e vivido já com o marido. Apesar de tudo, o vestido era branco, indicando assim, aparentemente, alguma alteração nas concepções antigas.

20. Refletindo a gradual adoção de novas atitudes na comunidade, um rapaz que se considera "viajado" e "moderno" disse que quando casar não quer que a noiva use vestido comprido, véu ou "coroa". Outro homem, de uns 40 anos de idade, disse: "Esse negócio de vestido de cauda é bobagem."



a casa da noiva, onde se juntam à noiva e seus parentes e amigos, e todos se dirigem, conjuntamente, à igreja local. Ao longo do caminho este espetáculo tão inusitado na vida rotineira local atrai a atenção de todos os habitantes, o que igualmente acontece no subsequente retorno. Na igreja, o casal toma posição face ao padre, em frente para o altar, a madrinha permanecendo ao lado do noivo e o padrinho ao lado da noiva. O padre então lê o cerimonial do casamento, depois do que dirige uma preleção alusiva, na qual é enfatizada a significação do casamento. Observando o mores local, as alianças são usadas e o padre abençoa o casal. Retornando à porta da igreja, os noivos recebem abraços, cumprimentos e os melhores votos, algumas vezes entre lágrimas dos parentes e amigos, depois do que todo o grupo volta para a casa que o noivo comprou ou construiu para sua noiva. Chegando lá, pede-lhe para entrar, seguidos pelos padrinhos e outras pessoas, e os abraços, cumprimentos e bons votos continuam. Em Passagem Grande, a cerimônia religiosa particularmente entre os membros da classe superior, é invariavelmente realizada na igreja local ou em uma das capelas particulares das casas-de-fazenda, embora seja agora cada vez menos usada.<sup>21</sup>

Em Pesqueira, um costume muito antigo diverge do observado em Cuscuzeiro, pois a família e os amigos da *noiva* vão buscar o noivo e sua família para trazê-los à casa da noiva, de onde todo o grupo parte para a igreja, a noiva pelo braço do padrinho e a madrinha pelo braço do noivo. Em um casamento realizado durante nosso principal período de trabalho de campo e no qual os cônjuges eram membros de duas das principais famílias da cidade, a cerimônia "revestiu-se de grande pompa", disse um de nossos pesquisadores, embora casamentos tão rebuscados não sejam comuns hoje, tendendo, na maioria dos casos, a ser mais simples. Na área circundante, se as famílias dos noivos são abastadas, como teve o autor oportunidade de observar em Sertão Novo, o grupo geralmente vai a cavalo para a cerimônia nupcial, depois do que voltam ao local de residência para a festa (ver abaixo).

Às três da tarde do dia marcado para um casamento em Rio Rico, foguetes foram soltados. Disse um morador: "Tá na hora!" Os convidados dirigiram-se à casa de onde saíria o cortejo, neste caso dos padrinhos de batismo do noivo, onde cadeiras haviam sido colocadas em volta das paredes da sala de entrada. A noiva já se encontrava presente, enquanto o noivo, juntamente com outros convidados à cerimônia, aguardava na casa dos pais, não muito distante na mesma rua. Os convidados, alguns dos quais da área rural e que haviam vindo de uma grande distância a cavalo, sentaram-se nas cadeiras em torno da sala ou permaneceram de

21. O seu uso tende a ser considerado, segundo um informante, "um costume do passado".



pé dentro ou fora da casa. Num quarto de dormir, a noiva completava os preparativos, enquanto mais foguetes eram soltados.

Logo que ela se aprontou, duas amigas foram buscar o noivo. Voltaram logo depois de braços dados com ele e acompanhados por outros convidados. Juntamente com seu padrinho de casamento e duas meninas pequenas vestidas de branco, uma delas conduzindo uma almofada de cetim bordado em cores, e a outra uma pequena cesta de flores de papel, a noiva deixou a casa. Formou-se o cortejo composto de todos os parentes e amigos dos nubentes, em direção à igreja, com a noiva e o padrinho à frente, seguidos ou quase cercados por moças e meninas que, em todas as ocasiões, permaneceram entre a noiva e o noivo e outros homens e rapazes que os seguiam, ele ainda de braço dado com as duas moças. O cortejo compunha-se de cerca de 120 pessoas, incluindo mais mulheres do que homens, estes últimos mais ou menos uns 35. Ao chegar o cortejo à igreja outras pessoas haviam ali se reunido. Tomando a porta principal, o grupo desceu a coxia central e deixou o noivo e a noiva sentados sozinhos, lado a lado, no banco mais perto do altar.

Oficiou este casamento o bispo de Barra, que se encontrava na cidade. Chegando à igreja, cerca de dez minutos depois do cortejo, entrou também pela porta principal, dirigindo-se ao altar, onde permaneceu alguns minutos em oração, parte do tempo de joelhos. Finalmente, levantou-se, abriu um missal, leu algumas orações, voltou-se para os presentes e pediu aos noivos que se aproximassem do altar. Depois de ler uma peroração sobre a natureza e finalidade do casamento e de realizar a cerimônia segundo o ritual da Igreja Católica Romana, pronunciou um sermão, no qual chamou a atenção para a santidade e indissolubilidade do casamento, salientou a importância do ato sacramental em contraste com o caráter meramente contratual do casamento civil, e sugeriu que a paciência constitui uma condição necessária às relações harmoniosas entre os esposos. Em seguida à cerimônia, os recém-casados foram cumprimentados à porta da igreja pelos parentes e amigos, em meio a apertos de mão, abraços, e votos de felicidade.

Não é incomum nesta comunidade que vários casamentos sejam realizados simultaneamente, em geral envolvendo pessoas da área rural circundante que aproveitam a visita periódica do sacerdote à cidade. Certo domingo durante nossa pesquisa em Rio Rico, foram realizados seis casamentos simultâneos. Uma das noivas viera à cidade uma semana antes para perguntar a uma amiga se podia usar sua casa para vestir-se, pedido imediatamente concedido. No dia anterior à cerimônia, veio novamente à cidade, trazendo o vestido do casamento, que deixou na casa da amiga. Voltando à cidade pela terceira vez no dia seguinte, vestiu-se na residência da amiga e, acompanhada pelo noivo, dirigiu-se à



igreja, onde já se haviam reunido quatro outros jovens casais que seriam casados naquele dia. Pouco depois chegou o sexto. Entrando o sacerdote minutos depois, chamou os casais ao altar e, pedindo às noivas que se postassem ao lado dos noivos, pôs o grupo num semi-círculo, de maneira diferente do que ocorreu no casamento mencionado antes, e por trás do qual se reuniram os presentes. Com duas ou três rodadas no semicírculo, realizou a cerimônia, simultaneamente. Um homem de Sucuriu, nos vizinhos Gerais, contou que no dia do seu casamento "o padre fez 58 casamentos de uma só vez".

Nos casos em que são realizadas cerimônias civis em Pesqueira, elas geralmente ocorrem, disse um informante, na residência dos noivos, embora uma fosse realizada na casa da mãe da noiva, como geralmente ocorre em Passagem Grande. As famílias não gostam que a cerimônia seja realizada em cartório porque, como disse um informante, "os casamentos feitos lá são reparos de defloramentos".<sup>22</sup>

A cerimônia de uma terceira forma de casamento muito comum nas áreas rurais em volta de Passagem Grande (ver *Família, Parentesco e Compadrio*) consiste simplesmente em oferecer-se um pequeno jantar ou almoço aos parentes e amigos em seguida à obtenção, pelo noivo, da permissão dos pais da noiva para o casamento.

Especialmente entre as classes superiores, a cerimônia do casamento constitui ocasião de realizarem-se uma ou mais festas rebuscadas e, mesmo na parte menos favorecida economicamente da população, o casal e suas famílias fazem um esforço para dar, pelo menos, uma festinha, mesmo modesta. Em Pesqueira, costumava a elite local dar três festas: a primeira na casa dos pais da noiva, a segunda na dos pais do noivo, e a terceira na dos recém-casados. Poderia mesmo haver uma tocata. Mesmo hoje, em algumas famílias, talvez haja festa na casa dos pais da noiva e, no dia seguinte, outra na casa dos pais do noivo. Em um caso observado, e em seguida à cerimônia civil, doces e bebidas foram servidos e realizado um baile que se prolongou até o amanhecer.

Mesmo no vilarejo de Marrecas, os mais abastados comemoram a ocasião com o abate de bois e fornecem aos convidados doces de côco, buriti e ovos. As famílias mais pobres talvez ofereçam biscoitos de tapioca aos presentes à cerimônia e um jantar mais tarde para alguns convidados. Se a família tem meios, sanfoneiros podem ser convidados em cidades vizinhas para tocar num baile à noite, onde, segundo se disse, "a cachaça corre em abundância".

22. Nosso pesquisador compareceu a um casamento deste último tipo, envolvendo um homem de 23 anos e uma moça de 16. O primeiro, cabisbaixo, sem gravata, sentado entre dois soldados — pois estava preso — assinou os papéis "para livrar sua responsabilidade", conforme se diz. Em seguida à cerimônia, a noiva, de cor preta, descalça e pobremente vestida, foi com a mãe para casa. O homem, acompanhado de um primo, partiu para a outra margem do rio. Um dos parentes do noivo observou: "Isto não tem importância, pois ainda há possibilidade de casamento na igreja."



Mesmo entre os lares humildes em Cuscuzeiro, e outros locais, é feito um esforço para forrar a mesa com uma toalha limpa, decorá-la com flores e, podendo a família, servir doces, balas e bebidas, incluindo, em diferentes casos, cachaça, vinho, cerveja e guaraná. Ao casarem simultaneamente vários casais numa única cerimônia, como ocorre aqui também, as várias festas são combinadas numa única e realizadas numa mesma residência.<sup>23</sup>

### *Ter Filhos*

"Ter filhos é uma bênção." Esta frase é ouvida comumente em todo o Vale, e as crianças são consideradas em toda parte, como disse certa pessoa, "dávias do céu, enviadas por Deus". São desejadas em si mesmas, como pessoas e, se sobrevivem, asseguram a continuação da linha familiar e garantem a pai e mãe segurança na velhice. Em Passagem Grande, a esposa sem filhos é chamada de "maninha" e mencionada com certo desprezo, sendo evidentemente ignorada a possibilidade de que a responsabilidade seja também do marido. "A mulher dele é 'maninha', coitado!" observou um morador. "Não deixará geração." Ocasionalmente ouve-se no local, com certa aprovação, ou pelo menos não com muita desaprovção, dizer-se que "como a mulher dele é 'maninha', ele teve um filho com fulana".

O homem que se sabe com certeza que é estéril, contudo, merece também certo desprezo. Dele pode-se dizer: "Ele é carunchado. Nem filho é capaz de fazer." A esterilidade provavelmente será atribuída a excessos sexuais e, em especial, a doenças venéreas. Com toda probabilidade, ele recorrerá a remédios receitados por curandeiros ou a outros meios num esforço para readquirir a presumida antiga capacidade. Pode também lançar-se arduamente a aventuras extraconjugais, "procurando testar sua capacidade procriadora". E se tem êxito e a esposa ouve falar em seu sucesso, ela provavelmente redobrá as promessas aos santos, em especial à Nossa Senhora Mãe dos Homens e à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Ao ser perguntado a uma mulher quantos filhos espera ao casar, a resposta habitual em Cerrado, como aliás em outros locais é: "Quantos Deus quiser." Uma mãe em Passagem Grande que possui 17 filhos disse que sempre teria "quantos Deus determinasse", acrescentando: "Sempre tive um filho dentro e outro fora e houve época em que havia em minha casa três mamadeiras." Certa vez, engravidou quatro meses depois do nascimento do último filho.

23. Numa reunião de família e amigos, em seguida a um casamento em Pirapora, envolvendo a filha brasileira de um imigrante libanês e um rapaz de importante família local, a noiva sentou-se à mesa, "simbolizando hospitalidade", como disse um informante, enquanto aos convidados eram servidos fatias de um enorme bolo de casamento, numerosos outros alimentos brasileiros e libaneses, champanha e cerveja. Em seguida, os convidados foram levados a conhecer a casa dos recém-casados construída pelos pais da noiva na mesma propriedade, nos fundos da casa. Ao chegar a noite, houve dança, sendo servidas grandes quantidades de mais alimentos e bebidas até tarde.



Entre as mães em precária situação financeira, porém, notam-se crescentemente em alguns casos em Cerrado, por exemplo, preocupações com o ônus financeiro que os filhos acarretam até que possam ganhar a vida ou os que os nascimentos múltiplos produzem aos pais. Ocasionalmente, são encontradas mães que se preocupam com o fardo biológico que qualquer nascimento acarreta.

O controle da natalidade, contudo, choca-se definitivamente, em toda parte, com o mores. "Ninguém tem o direito de barrar a vida de um semelhante", disse o vigário de Cerrado, reafirmando a proibição durante uma prédica. "O que vai nascer tem ainda mais direito à vida do que o que já nasceu." Em Passagem Grande, igualmente, na outra extremidade do Vale, considera-se pecado mortal evitar filhos. "Tenho muita facilidade para engravidar", disse uma mãe, "mas, mesmo assim, não evito. Eu só peço a Nosso Senhor que tenha compaixão de mim".

Apesar de tudo, o controle da natalidade é ocasionalmente praticado, sobretudo, talvez, entre as famílias da classe superior nas cidades, cujos membros mantêm contatos com as cidades maiores. O aborto de mulher solteira, embora fortemente condenado pelas autoridades religiosas, é tolerado até certo ponto em Cerrado, por exemplo, pelos que consideram trágica a situação da mãe solteira e do filho ilegítimo. Usa-se às vezes em Sertão Novo uma infusão de pau-de-leite a fim de provocar o aborto. Uma mulher, esposa de um marceneiro, tomou pau-amargoso para esse fim. Fosse ou não eficaz o remédio, ocorreu um aborto. A mãe enterrou o feto no quintal, onde os cachorros depois o desenteraram e comeram. Coisa alguma foi dita às autoridades, comentou um informante, "porque ninguém a denunciaria". Em Passagem Grande, a gordura da jibóia é eventualmente usada para evitar filhos. "Caso os intestinos se dêem com a gordura, ela terá os tempos certos. Do contrário, pode até morrer." Uma moradora que participa dos rituais do candomblé (ver *Candomblé*) disse que provocou certa vez um aborto tomando macela, anil e raiz de coqueiro. Ao engravidar novamente, manifestou o desejo da "dar fim ao filho". Numa sessão de candomblé, porém, Iemanjá, uma das divindades africanas que "baixou" naquela noite, disse-lhe que se o fizesse "morreria dentro de 24 horas".

Tais casos, porém, são raros. Uma observação brincalhona comumente feita a recém-casados em Passagem Grande e em volta é: "Então, está tudo bem. Me convide para o batizado que logo vem aí." Depois do casamento, a esposa torna-se objeto de observação constante de pessoas ansiosas para espalhar a notícia de que "ela está esperando", o que geralmente provoca satisfação evidente nos demais membros da família e nos amigos. Em todo o Vale nota-se preferência muito pronunciada pelo filho homem, embora os pais e outros membros da família estejam dispostos a aceitar sem queixa "o que Deus enviar", como disse um pai.



Durante a gravidez, as mulheres em Sertão Novo e outras localidades usam roupas soltas. Algumas preferem vestidos com pregas presas à cintura, que soltam gradualmente à medida que aumenta o abdômen, enquanto outras escolhem um vestido de duas peças, incluindo uma saia ampla e um casaco curto, de metade ou três quartos do comprimento habitual. Uma parteira local disse que algumas mulheres a procuram durante a gravidez pedindo massagens no abdômen "para que a criança fique na posição normal", pedido esse que ela considera "uma bestage".

Certas prescrições e proscricções de folk a respeito da conduta durante a gravidez são comuns a todas as localidades estudadas. Em Pesqueira, por exemplo, pensa-se que a mulher grávida não deve sentar-se num pilão ou num batente de porta porque, se o fizer, o parto será difícil. Não deve colocar coisa alguma, salvo as roupas habituais, sobre os seios, para evitar que o filho nasça "com a marca do que a mãe colocou". Deve tomar cuidado também, quando come melão, para que sementes não caiam sobre os seios, pois se caírem, a criança nascerá com a marca da semente na perna. É preciso cuidado também para evitar quedas ou acidentes semelhante. Acredita-se que o menino de uma das mais importantes famílias da cidade é imbecil e quase surdo porque a mãe amedrontou-se e caiu durante o último mês da gravidez. Geralmente, não se observa dieta durante a gravidez, salvo evitar alimentos "pesados", tais como certos peixes e frutas, inclusive manga. A futura mãe deve também tomar cuidado, segundo se acredita, para não comer alimento que tenha pregado no fundo da panela, pois não só o parto será difícil, como a criança morrerá. É comum também no local tomar todas as manhãs, antes do café, uma pedrinha de sal, "para evitar que a placenta se desenvolva muito". Pensa-se também que o miolo da folha do cacto em água garantirá a expulsão da placenta após o parto.

Acredita-se geralmente em Pesqueira que os abortos são devidos a acidentes, como quedas, "à impureza do sangue", nos casos de sífilis, ou por medo ao ver-se uma cobra ou qualquer animal ameaçador. Entre as 396 mulheres do vilarejo de Cuscuzeiro, 26, a maioria das quais relativamente jovem, entre 19 e 30 anos, tiveram um aborto. Outras 8 mulheres perderam filhos dessa maneira, sendo os números, respectivamente, de 7, 4, 4, 3, 3, 3, 2 e 2.

Em Passagem Grande, alguns homens tomam cuidado especial com as mulheres durante a gravidez. "A minha mulé está cheia de vontades, por isso preciso satisfazê os desejos dela." "Ela qué comê isto, qué bebê aquilo, e a gente num pode sacrificá ela, mode o inocente que vem aí." A fim de estarem à mão, alguns trabalhadores da zona rural e alguns homens na cidade adiam certas atividades, dizendo: "Minha mulé tá cheia, depois disso...", ou "enquanto minha mulé não se desocupá, não farei tal". Se a



mulher enjoa, acredita-se no local, o marido deve dar-lhe para cheirar, e isto especialmente entre a parte menos favorecida da população, uma cueca que usou, servir-lhe água de côco ou uma infusão feita com certas folhas.

As parteiras em Passagem Grande há longo tempo atam uma faixa em torno da barriga da futura mãe antes do parto "para a criança não subir". Aproximando-se a hora do parto, algumas mães em Pesqueira tomam emolientes que, acreditam, ajudam o parto. Mães em Sertão Novo usam amiúde goiabada na dieta "como fortificante" e também infusões de maniçoba, juntamente com jatobá, jericó, ou joaninha, para "limpar o sangue". A fim de facilitar o parto, uma antiga parteira de Passagem Grande diz que costumava dar café com uma colher de chá de manteiga à mãe, e chá de macela, a menos que "houvesse sinais de sangue", caso em que "poderia causar hemorragia, pulsatila, e um remédio comercial, "Gotas Salvadoras", adquirido na farmácia, bem como, algumas vezes, injeções de "Pituitrina". Informou também que algumas mulheres tomam "Água de São Pelegrino", que é "bom para o parto e para a gravidez".

Uma parteira de Passagem Grande informou que, embora agora seja comum à mãe ter o filho na casa ou, se a família não o possui, numa esteira no chão, não era assim antes. Elas costumavam parir sentadas sobre a boca de uma gamela na qual fora colocada uma rodilha de pano. O enfermeiro de Pesqueira disse que muitas mães sentam-se geralmente de cócoras durante o parto, com os pés sobre dois tijolos colocados no chão.

O santo mais invocado durante o parto em Passagem Grande é Nossa Senhora do Bom Parto, cuja "reza" a parteira talvez leia no livro *A Cruz de Caravaca* enquanto a criança nasce. Um breve composto de uma "reza" a essa santa, ou a São Vicente, é às vezes cozido pela mãe ou a parteira num pequeno saco, a ser usado pela parturiente no pescoço, preso num cordão. No interior do saco, segundo se diz, devem estar sempre escritas as palavras: "Ajude-me com sua capinha me despachar."<sup>24</sup>

24. Uma parteira local utiliza a seguinte "reza" falada que, segundo disse, lhe foi ensinada por uma velha:

"São Miliano se vestiu,  
E amarrou seu cordão.  
Perguntou a Virgem Nossa Senhora:  
— Onde vai, Miliano?  
— Vou à terra, Senhora.  
Livrar as mulheres do parto,  
Que na casa em que eu entrar  
Mulher de parto não morrerá.  
Que não morrerão  
Nem bois abismados,  
Nem crianças abafadas.  
Os meninos nascerão para o pirão  
E as mães contentes ficarão."

Em seguida ela rezava o Padre-Nosso e a Ave-Maria.

Algumas mães em Sertão Novo vão para cama ao sentirem as primeiras dores, contou uma parteira, enquanto outras o fazem apenas "no último momento". Algumas parteiras usam azeite doce para massagear o abdômen durante o parto, costume que esta parteira condena porque, disse, "não faz bem e suja tudo". Nessa época, pensa-se em Passagem Grande que a mãe não deve falar com pessoa alguma "ou mesmo ter preocupações", porque isto reduzirá a frequência das contrações necessárias ao nascimento e à expulsão da placenta. Em Pesqueira, ocasionalmente, o abdômen da mãe é sacudido, pela parteira ou por ela mesma "para despregar a criança". Da mesma forma que em Sertão Novo, o marido está geralmente presente, ajudando a parteira. A fim de reduzir as dores, uma de suas meias é enchida com arruda e amarrada ao pé da barriga da parturiente.

Outrora em Passagem Grande, ao notar-se que o parto seria inusitadamente difícil, uma corda era passada pelos caibros da casa e sob os braços da mãe, suspendendo-a. Atualmente, ela pode tomar uma infusão de macela, gabirola ou coqueiro. Em Sertão Novo nas mesmas circunstâncias, talvez lhe seja servida uma infusão de pau-piranha e de coentro, muito forte. Uma parteira local disse que pede ajuda nessas ocasiões a Nossa Senhora, usando as seguintes palavras: "Virgem do parto, virgem depois do parto, ficando ela sempre virgem, Senhora Santa Maria." Repete também: "Santa Margarida, nem está pé nem és tu parida." Certos outros costumes que numerosas mães pensam que são eficazes nessas ocasiões críticas, disse ela, embora "nem siga nem as impeça de segui-los", incluem o uso do chapéu do pai ou sua camisa virada pelo avesso, a amarração da parte inferior do abdômen, no "pé da barriga", de um pé de meia com um pedaço de arruda e alho, pisados, e o sentar-se a mãe, amparada de um lado pelo marido e do outro pela parteira, ambos segurando-lhe os braços sobre uma camisa, calças e outras peças de roupa do pai, transformadas num "amarrio", como é chamado sob a forma de um caramujo.

Se ocorre hemorragia, uma parteira de Passagem dá à mãe uma xícara de uma infusão feita de folhas ou da casca do cajueiro ou uma infusão forte e fria de "cinco olhos de goiabeira". "Porém, estes remédios não podem ser tomados", disse ela, "quando a mulher ainda não se despachou porque todos eles contêm tanino que lhes apertará as carnes". Em tais crises, as mães que moram "nos matos", continuou a parteira, tomam geralmente um "chá" feito com um pedaço do pano usado da mortalha de uma criança pequena, especialmente "a peça recortada para passar a cabeça do anjo". Sobrevindo dificuldade extrema na expulsão da placenta, a mãe talvez seja vestida, de conformidade com um velho costume, com a camisa do marido virada de trás para a frente, costume este comum também em Cuscuzeiro, Carrapicho e Pôrto Real do



Colégio. A mesma parteira acrescentou que “hoje as assistentes fazem uma coisa que não acho certa: o cordão umbilical é cortado só depois de ter a mulher se despachado”.

Uma mãe em Pesqueira disse que a placenta é geralmente enterrada na casa, próxima à porta da rua, enquanto que em Cuzuzinho, conforme indicado, às vezes enterra-se ou lança-se no rio.

Uma mãe em Passagem Grande contou que no nascimento do primeiro filho a parteira “tomou meu pé direito, colocou-o sobre a placenta e fez o sinal da cruz três vezes, e daí num tive dó uterina”. O costume aparentemente não é mais seguido no local, contudo, embora em algumas famílias, alho, arruda e quitoco, aquecidos, sejam colocados numa meia do pai e picados, depois do que a meia e o conteúdo são colocados sobre o umbigo da mãe, em forma de caracol, e presos com uma faixa. Segundo um velho costume de Sertão Novo, o pai, pouco depois do nascimento, senta-se três vezes, levemente, sobre cada lado da mãe, em primeiro lugar à direita e depois à esquerda, “para fechar-lhe o corpo” (ver *Doenças e Seu Tratamento*, Tomo II). Em Pesqueira, numerosos maridos, após o parto, sentam-se, ou melhor, largam o peso do corpo sobre as cadeiras da mãe a fim de, segundo se diz, “pôr os ossos no lugar”. Em Sertão Novo, muitas mães usam também, durante cinco dias após o parto, uma cinta muito apertada, de pano grosso, “para ajudar o útero a voltar para o tamanho normal”.

Imediatamente após o parto e nos dias seguintes, uma parteira de Sertão Novo dá na mãe um banho de “meio corpo”, acrescentando à água álcool ou cachaça e casca de aroeira. Em banhos, em circunstâncias semelhantes em Passagem Grande, deve ser lançada à água, que é aquecida, a casca do cajueiro-vermelho ou da goiabeira, uma pequena folha de quitoco e um pedaço de pedra-ume. Esta última, disse o raizeiro da feira local, é “para fechá a vagina”. Não obstante, a parteira de Sertão Novo usa um pedaço de pedra-ume apenas para fazer o sinal da cruz sobre a bacia ou outra vasilha na qual foi colocada a água, “a fim de fechá o corpo”. Por volta do décimo quinto dia dá na mãe um banho mais geral, “lavando-lhe mesmo a cabeça”, disse.

Observou-se em Pesqueira que pouco depois do nascimento da criança a mãe começa a receber visitas. “Os conhecidos vão dá satisfação”, disse um informante, “pra perguntá do resultado da paridura e olhá a criança se é feia ou se é bonita”. Algumas visitas podem levar alguma coisa para fazer “papinha” para o bebê, embora tais presentes nem sempre sejam feitos. Entre a elite local, como também em Sertão Novo, e outras localidades, não se espera que a mulher trabalhe no primeiro mês. Em outras famílias, contudo, especialmente quando não há pessoa alguma para ajudar na lida da casa, a mãe logo depois começa a preparar os alimentos



e lavar as roupas das crianças. Em Sertão Novo, algumas mães permanecem na cama durante três dias após o parto, outras cinco e, algumas, uma semana. Já em Passagem Grande, se o parto foi normal, a mãe, se de família menos privilegiada pode levantar-se em cinco dias ou, de família mais abastada, numa semana. No primeiro mês em ambos os casos, todavia, não se espera que ela suba ou desça escada. Enquanto isso, geralmente fiscaliza a alimentação da criança, amamentando-a depois dos primeiros dias e, mais tarde, dando-lhe "papinhas".

Em Passagem Grande, a fim de aumentar a quantidade de leite, a mãe pode tomar leite de vaca ou de cabra depois do terceiro ou quarto dia, bem como mungunzá e, em seguida ao "resguardo" (ver abaixo), chupar melancia com o mesmo objetivo, da mesma forma que uma mãe em Sertão Novo talvez beba mel e coma doces.

*Dieta do parto.* É comum após o parto em todo o Vale que a mãe observe a "dieta do parto", conhecida geralmente como "resguardo". O período do tempo e os alimentos recomendados e proibidos, todavia, aparentemente variam segundo a família, mesmo numa única localidade. Ocasionalmente, não se a segue com rigor. Apesar de tudo, no que interessa à maioria das famílias, são observadas poderosas sanções que lhe garantem a observância.

Em Passagem Grande, a dieta do parto prolonga-se por trinta dias, durante os quais, segundo um informante, a alimentação deve consistir de caldo de galinha e alguns peixes não "carregados", como o piau, a traíra e a xira. A mãe de um menino não deve comer carne de frango, nem a de menina a de franga, nem ambas alimentos "quentes" (ver *Alimentação e Hábitos Alimentares*, Tomo II) pois se os consideram "perigosos". Entre estes figuram os mariscos, laranjas, jerimum, quiabo, maxixe e limão. Deve-se, igualmente, evitar o vinagre.<sup>25</sup>

Na maior parte da zona pernambucana das Corredeiras Setentrionais, segundo um informante bom conhecedor da região, a dieta dura quarenta dias, período em que a mãe não deve "nem cheirar" laranja ou mamão. A respeito das verduras, pode comer apenas folhas de coentro, sendo a abóbora considerada "um verdadeiro veneno". Pode comer feijão-de-corda somente no 15.<sup>o</sup> dia. Uma parteira de Sertão Novo informou que durante os primeiros três dias após o parto as mulheres tomam apenas sopa ou caldo de galinha e, do terceiro ao quinto, pirão ou caldo de carne de bode, engrossado com farinha de mandioca. A dieta é geralmente observada, como em Passagem Grande, durante trinta dias, época em que a mãe deve comer apenas carne de bode, de vaca e farinha sob perigo de ficar louca. De fato, um informante pensava que a loucura de uma mulher do local ocorreu porque "ela não observou as proibições depois de um parto recente". Em especial, a mãe

25. Acrescentou uma informante local que a mãe não deve ler ou escrever até passar um mês.



de recém-nascido não deve comer fígado “porque a enfraquece”, nem carne de porco, peixe, com exceção da traíra e do piaui,<sup>26</sup> pois, se o fizer, “será atacada pela tuberculose”. O curimatã é o peixe “mais perigoso” a esse respeito. A mulher que comer surubim durante esse período, dizem os moradores, “ficará pintada como ele”, e se tomar leite de vaca ou cabra o ato a predisporá às purgações, ao passo que o uso de laranjas, limão ou abóbora provocará tuberculose. Durante o período, a mãe deve usar muito pouco, se é que algum, sal na comida, “quanto menos melhor”, disse uma informante. Numerosas mulheres não adoçam as comidas “com medo de quebrar o resguardo”, usando, em vez disso, o mel de mandassaiá. Algumas, contudo, depois da primeira semana, comem feijão-de-arroz preparado com toucinho e mesmo carne de porco.

Em Pesqueira, a mulher geralmente segue a dieta do parto durante 30 a 40 dias. Durante este tempo é proibida de comer comida requentada e refervida e frutas azedas. Considera-se desaconselhável o uso de ovos de galinha ou o peixe pirá, porque “provocam a catanga do parto”, segundo se informou. Pode comer certas partes de galinha, como a coxa e o peito, contudo, mas não as pontas, como o pé, as asas, e o pescoço. Não há restrição à farinha de mandioca e à carne, “mas apenas carne mansa”, disse um informante, “de boi enfezado, boi matado, judiado, não pode”. Depois da primeira semana são permitidos os peixes considerados mais leves, como a curimatã, a corvina e a piranha. Uma moradora, contudo, disse que “na minha família nós guardamo o resguardo, pois tenho muito medo de doença de mulé parida”, acrescentando que algumas conhecidas suas “mal seguem o resguardo” depois dos primeiros 8 a 12 dias. Outra mãe, porém, insistiu em que mulheres que “não guardam resguardo”, têm “doenças feias”, pois a “quebra do resguardo provoca a queda do útero”.

26. Outro informante abriu também uma exceção para o mandim.

## capítulo VIII

### MORTE, FUNERAIS E LUTO

O ciclo vital termina obviamente com a morte e, em todo o Vale, a família e os amigos procedem ao sepultamento. A cremação e outras formas de dar destino final ao corpo não são praticadas. Na maioria dos casos, são desconhecidas. A recordação do falecido é mantida viva, contudo, em quase todos os casos, pelo luto.

#### *Morte*

Em Pesqueira, na parte inferior do Médio São Francisco, a notícia da morte de uma pessoa é tradicionalmente transmitida aos moradores da cidade pelo dobrar dos sinos da igreja. O compasso será mais rápido e menos triste se o morto for criança, e mais lento e mais solene se adulto. Se a família pode custear as despesas — desde que o dobrar de sinos é pago à razão de cinco cruzeiros por chamada<sup>1</sup> — podem tocar periodicamente durante todo o dia. Nos casos de famílias pobres, talvez toquem uma única vez, na hora do enterro, ou não absolutamente. Desde a instalação do atual serviço de auto-falantes, pouco depois de nossa primeira visita ao Vale, algumas famílias dão a notícia por este circuito.

Refletindo o respeito em que é tido geralmente o falecido, a banda de Passagem Grande, no Baixo São Francisco, que ensaiava certa ocasião, parou imediatamente ao receber a notícia da morte de um morador. Nesta cidade, porém, como em Pesqueira e outras localidades, a atitude predominante é de paciente aceitação do inevitável. Diz-se que o falecido “foi chamado por ordem divina, porque assim era melhor”. Pensa-se especialmente que os pais não devem chorar pela morte de um filho pequeno para não molhar, conforme se diz, as asas do anjo da guarda que vem buscá-lo.

1. Em 1952.



Em Pesqueira, na parte inferior do trecho Médio do Vale e em outros locais, parentes, amigos e colegas, ao ouvirem a notícia, vão logo que possível à casa do falecido. Visto que as casas raramente têm cadeiras suficientes para tanta gente, as mulheres saem pela rua carregando suas próprias cadeiras ou bancos em direção ao velório. Geralmente, as mulheres de parentes e amigos fazem a guarda do falecido. O papel dos homens é reservado para o enterro.

Os moradores da Ilha do Toré, situada na Seção Norte das Corredeiras e em certos outros locais e, em especial, entre a parte menos favorecida da população, organizam um velório, ou "sentinela", como é chamada, por ocasião da morte. Uma forma de "encomenda", consiste em entoar rezas e benditos durante toda a noite enquanto se vela o corpo. Na vizinhança de Passagem Grande, contudo, a "sentinela" raramente é realizada agora, exceto em locais distantes da cidade, em virtude da repressão severa da polícia, por insistência do padre.

Quando realizada, é sempre em intenção de um adulto, nunca de uma criança. Espera-se que a família do morto ofereça cachaça e alguma comida. As rezas são conduzidas, ou "puxadas" por um capelão leigo, homem ou mulher, que conhece as apropriadas à ocasião. Como todos os cantos semelhantes, foram transmitidos oralmente de um rezador analfabeto a outro e de uma geração à seguinte, de modo que, embora a melodia original tenha sido retida na maior parte, as palavras alteraram-se gradualmente e algumas são hoje ininteligíveis. Apesar disso, mostra-se grande respeito durante o canto, participando todos de joelhos ou de pé. Nenhum dos presentes senta-se ou deita-se durante a noite. Se uma pessoa passar perto do local onde se realiza a "sentinela", os participantes chamam-no: "Chegai, irmão das alma!" Podem, então, entoar um canto especificamente dirigido ao transeunte, pedindo-lhe que o ajude na "sentinela". Desde que se acredita que o morto que é sepultado sem que lhe tenha sido cantado o número prescrito de rezas não ganhará a salvação, e uma vez que se considera dever do cristão participar, ninguém, segundo se diz, deixa de atender ao convite.

Cerimônias semelhantes são realizadas em Rio Rico, no Planalto Ocidental da Bahia, cidade situada num tributário do São Francisco, bem como em São Romão, localizada às margens do próprio São Francisco, neste mesmo enorme trecho Médio. Nas áreas rurais nas proximidades desta última cidade, uma fogueira é geralmente acesa à porta da casa. As rezas, porém, são apenas faladas, e não cantadas. Outrora, as "sentinelas" eram, no local, de caráter muito diferente, desde que, segundo um informante, "o prefeito proibiu o canto, devido ao barulho e à cachaça das mulheres".

Em Pesqueira, observou-se que se toma o cuidado de fechar as pálpebras dos mortos, a menos que seja criança. "Criança inocente vai com os olhos abertos", diz-se, "mas, pecador, com os olhos fechados". O morto é vestido com a melhor roupa e colocado num caixão,<sup>2</sup> de tal maneira, invariavelmente, que os pés apontem sempre para a porta da casa. A cor do caixão varia aqui com a idade e *status* marital do morto: para criança e mulher solteira é azul claro; para jovens, incluindo mulheres moças casadas, de cor púrpura; e para adulto de idade mais avançada, preto.<sup>3</sup>

Nem todas as famílias, no entanto, podem pagar as despesas de um caixão e existe para tais casos em Pesqueiro, Passagem Grande e outras localizadas, um caixão público, conhecido como "caixão de misericórdia", fornecido gratuitamente pela prefeitura e conservado para esse fim. Depois de ser usado para levar o corpo até o local do enterro, é devolvido para uso posterior.

### *Funerais*

Burton, em Ouro Preto, em 1867, observou (I:373) que "esta capital da Província do Ouro e dos Diamantes não tem ainda um cemitério público e os seus filhos são enterrados nas igrejas". Particularmente no caso das classes superiores, o costume de enterros em jazigos nas igrejas locais prevaleceu durante muito tempo na região. Diversos epitáfios nos túmulos localizados nos corredores laterais da igreja, agora velha e mal cuidada de uma cidade ribeirinha da parte inferior do Médio São Francisco, segundo notou o autor, são em verso, como, por exemplo:

"Na mansão pura dos anjos,  
Onde habitas, querida criança,  
Meigo lírio, doce amor dos meus sonhos,  
Aceite esta singela lembrança".

Somente em tempos muito recentes as famílias mais importantes de Passagem Grande deixaram de enterrar seus mortos na igreja local. Na ocasião em que certo padre, fazendo reformas, transferiu um dos corpos para o cemitério, segundo se diz, houve "tal descontentamento e tão grande e forte reação política" de parte da família que o padre teve de sair da cidade e "ir pregar noutra freguesia". Existem ainda 14 corpos dessas famílias mais

2. Antigamente, era costume que os homens conservassem o terno preto do casamento para serem enterrados com ele.

3. Em um vilarejo do interior do município, contudo, a cor, neste último caso, talvez não seja apenas preta, mas púrpura ou azul marinho.



importantes enterrados na igreja. Os parentes de outro importante cidadão bem como um padre e sua mãe, estão enterrados na capela local de Santo Antônio.

Em Passagem Grande, igualmente, embora criança batizada seja enterrada no cemitério local — que é “lugar santo”, tendo sido abençoado pelo padre — se não o foi, é enterrado na biqueira da casa para que o “pagão”, como é chamado, possa ser ajudado caso chore (ver *Batismo*) ou nos menos preferidos “Cemitérios dos Pagãos”, como chamados esses locais, nas encruzilhadas das estradas. Nenhuma cruz é colocada sobre a sepultura. Da mesma maneira, nenhum suicida é enterrado na terra santa do cemitério local nem dobram os sinos para anunciar-lhe a morte.<sup>4</sup>

É costume em Pesqueira que o caixão, acompanhado por mulheres e homens, seja levado à igreja para bênção final do falecido antes do enterro. Não obstante, o costume nem sempre é seguido. Em Passagem Grande era hábito outrora levar o corpo de um membro da parte de *status* mais baixo da população até a frente da igreja, embora não se o mandasse encomendar. Certo prefeito, contudo, disse um informante, “usando habilmente suas relações políticas com o padre”, conseguiu que este último proibisse o costume.<sup>5</sup>

Na parte sul da cidade de Pesqueira, nas proximidades da caatinga circundante, existe um velho cemitério em desuso, com os portões fechados. Mais adiante, nos limites da cidade, com muros caiados, ergue-se o “novo cemitério”, como chamado, maior e já lotado em grande parte. Como em geral ocorre em outros locais, o corpo é costumeiramente acompanhado no enterro apenas por homens, exceto no caso de criança, quando outras crianças podem seguir também o cortejo. Tradicionalmente, não comparecem mulheres.<sup>6</sup> Se a morta é criança, o caixão é conduzido aberto, embora a tampa seja recolocada antes do enterro. Na vizinha Marrecas, igualmente, o morto é acompanhado apenas por homens, exceto no caso de criança, aparecendo as mulheres apenas para fazer a “visita de cova”, sete dias depois (ver abaixo). O cemitério local situa-se em terreno alto e a uma grande distância, a mais ou menos cinco léguas do vilarejo, em virtude do baixo nível das terras ao longo da margem do rio nesta área. Se o enterro tem lugar durante as cheias sazonais, o corpo é levado em canoa. Nas fazendas da área da caatinga em volta de Pesqueira e Marre-

4. Um informante de Cerrado disse que, “O padre antigo não encomendava a alma das mulheres da vida. Ele era bruto e num gostava delas, não. O padre de agora é bonzinho. Vai até na casa de mulher atoa, confessa, encomenda a alma dela quando morre. Elas também são filhas de Deus, não são?”

5. Foi mais ou menos por essa época, segundo informações, que o padre pediu também ao delegado de polícia que proibisse as “sentinelas” no local, como mencionado acima.

6. Contudo, nossos pesquisadores notaram que este costume está, aparentemente, em processo de mudança.

cas, o corpo é transportado em rede.<sup>7</sup> Vários homens se revezam conduzindo-a, "fortificando-se", como se diz por aqui e ocorre também na Ilha do Toré e em outras localidades, com goles de cachaça ao longo do caminho. Na zona em volta de Passagem Grande e no vizinho vilarejo de Marrecas o corpo é também conduzido em rede à cidade, se a jornada é feita por terra, ou em barco se a viagem se faz pelo rio de um povoado localizado nas margens ou de uma das ilhas.<sup>8</sup> Durante a jornada, os que conduzem ou acompanham o corpo entoam as rezas apropriadas e, de tempos em tempos, especialmente se a viagem é por terra e o peso torna-se demais na travessia de um riacho,<sup>9</sup> o corpo pode ser surrado com uma vara ou cipó.

Com frequência, os membros do cortejo em Pesqueira e em outros locais, especialmente entre os grupos de baixo *status*, não se apresentam todos muito circunspectos. Numerosos homens conservam os chapéus, conversam e dizem piadas sobre vários assuntos a caminho do cemitério. As coroas de flores são levadas em bandejas, logo atrás do caixão, bem como duas cadeiras ou bancos sobre os quais se deposita o ataúde enquanto o coveiro, parando vez por outra para refrescar-se com um gole de cachaça, termina de abrir a cova.<sup>10</sup>

Ao aprontar a sepultura, o coveiro dá um sinal. As alças de metal são removidas e o esquife é baixado à sepultura com ajuda de cordas, tendo-se cuidado para que a cabeça do morto aponte sempre na direção da porta da igreja local. Aqui, como em Passagem Grande e outros locais,<sup>11</sup> costumam os parentes e amigos atirar punhados de terra sobre o caixão antes de ser coberto pelo coveiro, sendo os parentes mais próximos os primeiros a fazê-lo. Visto que os jazigos raramente são perpétuos, na maioria dos casos a sepultura é aberta em local onde vários enterros foram feitos antes. Os ossos retirados com as pás de terra são reunidos pelo coveiro ao encher novamente a cova e devolvidos ao local de descanso anterior. Se sobram alguns depois de cheia a sepultura, são fincados nela. A areia é deixada de forma abaulada, imitando aproximadamente a forma de um caixão, espalhando-se pela ca-

7. Os paus roliços de mais ou menos 2,5 metros por 10 cm de grossura que foram observados no chão da sepultura de três irmãos enterrados ao lado da estrada próxima da vereda de Pau Terra, nos Gerais, nas proximidades de Rio Rico, foram usados, segundo um informante, para levar os corpos em redes até o local do enterro.

8. A menos que o enterro seja feito localmente, como ocorre às vezes, sobretudo em casos de afogamento e se o corpo não for logo recuperado.

9. Conta-se que o peso é sentido mais nessa ocasião porque "o defunto não quer atravessar as divisas de sua moradia". Não obstante, o costume de "surrar o defunto", como chamado, parece ter sido geral e muito antigo na região. Foi observado também em Pesqueira.

10. O preço de abrir a cova é combinado antecipadamente. Em 1952, variava entre 15 e 30 cruzeiros, além de uma garrafa de cachaça. Incluindo também o preço do caixão e as despesas de cartório, o dispêndio total na ocasião oscilava entre 200 e 250 cruzeiros, uma soma não insignificante para famílias de meios mais modestos.

11. Cf. com a Lamina 18, f, em Pierson, 1951.



beceira as flores trazidas no cortejo. A maioria dos homens presentes dá os pêsames aos parentes do morto, despede-se e vai embora, acompanhando somente os amigos mais íntimos a família até a casa.<sup>12</sup>

Em Passagem Grande, a igreja tocou o dobre de finados por uma mulher da elite local pouco depois das 6:30 de certa manhã. Tempos depois, o corpo foi levado à Igreja e encomendado, depois do que, cerca de 30 homens, com o padre à frente, acompanharam o corpo até o cemitério. Embora os homens não usem geralmente gravata no local, todos a tinham na ocasião, algumas das quais pretas. Mais ou menos à mesma hora, foi enterrada uma mulher da classe baixa. Neste caso não houve missa. Na noite anterior, amigos tinham ido à casa da morta rezar e cantar a "sentinela". Pela manhã, os homens, que não haviam dormido durante a noite, conduziram o corpo ao cemitério no caixão público fornecido pela prefeitura.

No enterro de uma mulher idosa, de mais de 70 anos, em Sertão Novo, na Seção Norte das Corredeiras segundo um de nossos pesquisadores "o caixão foi feito na caatinga vizinha". "Coberto de pano preto, que alguém comprara mais cedo no mesmo dia e adornado de pano prateado, foi carregado por quatro homens, que seguravam em alças de caroá. Acompanharam-nos apenas outros homens, no total de 35, todos de alpercata e com o chapéu de couro à mão. Andaram depressa, um e outro cumprimentando ocasionalmente pessoas à janela das casas por onde passavam, ou lhes dando notícias. Ao entrarem no cemitério, detiveram-se por um momento e deixaram os chapéus à porta. Descido o caixão à cova, por dois homens que utilizaram cordas nas alças, começaram a cobri-lo. Trabalhou o coveiro, e os acompanhantes, se não todos, pelo menos vários, jogaram areia com a pá ou com as mãos, um após o outro. Todos os homens ficaram até o fim e, depois, se retiraram num só grupo sem se persignarem ou qualquer outra cerimônia".

Entre os demais enterros a que compareceram nossos pesquisadores nas várias localidades estudadas houve o de uma criança em Rio Rico e de um importante cidadão e chefe político de Cerrado, cidade da bacia do Alto São Francisco. O enterro da criança foi descrito pelo nosso pesquisador da seguinte maneira: "O sino do 'anjo' tocou uma vez. Daí a pouco, vi uma fila de meninos e meninas, em ordem de altura, atravessando a praça. Na frente ia um rapazinho de mais ou menos quinze anos. As crianças iam conversando e brincando. 'Vamos ao enterro, mandaram convidar

12. Durante um enterro em Passagem Grande, observou-se que alguns dos acompanhantes não entraram no cemitério. Conforme indicado algures, acredita-se que a pessoa que tem uma ferida, arranhão, ou problema semelhante não deve entrar. Se o fizer, nunca ficará boa.



escola', informou-me uma menina. Ao chegar à ponte da rua do riacho, a fila juntou-se ao enterro que vinha em sentido contrário. Tudo foi tão rápido que não percebi como os meninos de cá se arrumaram nas filas de lá, já formadas. Na frente, ao lado dos dois primeiros da fila, que eram os menores, vinham duas meninas maiores, de mais ou menos quinze anos, uma em cada fila. Numa das filas só havia meninos; noutra, a fila começava com meninos, mas como só havia dezesseis deles, foi completada com meninas. Algumas levavam um ramalhete de flores, porém mais folhas do que flores. Atrás, ao lado de uma das filas, andavam um homem e três rapazes — os únicos adultos que acompanhavam o enterro. Um era tio e, o outro, irmão do 'anjo'; os demais não eram parentes".

"Entre as duas filas, logo à frente, vinha o caixãozinho, carregado por quatro meninas, das maiores. Cada uma das quatro levava uma lanterna, isto é, uma vela protegida por uma folha de papel em forma de funil. O caixão era de lamê azul, com enfeites de lamê prateado; vinha aberto, a tampa conduzida por um menino que seguia ao lado, fora da fila. O 'anjinho' de olhos abertos bem redondos, estava vestido de lamê cor de rosa com rendinhas brancas. Na cabeça tinha uma espécie de touca, de fazenda, e enfeites iguais aos do vestido. Sobre a touca havia um simulacro de coroa, encimada por uma cruz — tudo de papel prateado e, no meio do peito, uma almofada vermelha, com enfeites amarelos, em forma de coração. 'Os anjinhos levam sempre esse coração'? perguntei a uma das meninas que carregavam o caixão. 'Não, é porque ela vai vestida de Coração de Jesus'".

"A maior parte das crianças não entrou na igreja. Ficou esperando em fila junto à porta lateral. As meninas que carregavam o caixão, o menino da tampa e o tio do 'anjinho' entraram pela porta principal; entrou também um menino que subiu correndo as escadas do coro e começou a tocar o sino. O caixão foi depositado numa cadeira e as meninas se ajoelharam diante do altar-mor; e quando o sino parou, levantaram-se, pegaram nas alças do caixão e saíram".

"O cortejo subiu em direção ao cemitério, as meninas e os meninos sempre conversando; e, no cemitério, dirigiram-se para o lado em que estava aberta a cova. O caixão foi colocado em cima de um túmulo, ao lado, e uma das meninas, por nome de Eliete, arrumou a coroa, fechou o caixão e disse, rindo: 'Guarda um lugarzinho bom lá pra mim! Diga a Deus que guarde um lugar que daqui a uns tempos eu vou!' Uma menina perguntou: 'Os pés não estão amarrados' 'Não estão, e se estiver...' respondeu Eliete. 'Faz mal', disseram uma duas ou três meninas. 'Faz mal é a superstição', respondeu rindo Eliete. O coveiro pegou o caixão e pulou com ele para dentro da cova e, apoiando-se com as mãos de um



lado e do outro da cova, saltou para fora. As meninas atiraram os remalhetes de flores sobre o caixão, e algumas jogaram punhados de terra sobre ele. A criançada saiu logo, algumas entretanto, querendo demorar-se. Quando o coveiro acabou de cobrir a cova, isto é, quando deu por terminada a elevação de terra que constituía sepultura, o irmão do 'anjinho' colocou quatro velas sobre a sepultura e acendeu-as, dizendo: 'Guarde um bom lugar para mim lá!'"

O enterro de um adulto em Cerrado por esta época, um cidadão importante, foi descrito por um de nossos pesquisadores da seguinte maneira: "Ontem às 21 horas mais ou menos, quando assistíamos ao ensaio da banda de música, um rapaz chegou ao regente, disse qualquer coisa a ele e imediatamente o ensaio terminou. Soubemos depois que havia falecido o chefe político da UDN. em Cerrado. O enterro foi realizado hoje às 13 horas, mais ou menos. Quando o sino da igreja tocou pela primeira vez (é a hora em que o padre chega à casa do morto), vi que, à casa do chefe político, estavam parados oito carros. Dentro da casa, o padre estava se preparando para rezar e benzer o defunto. Após a reza, dirigiu-se ao pessoal e disse que as mulheres já podiam ir saindo. O caixão foi fechado, aumentando nessa hora o choro das pessoas da família e procurando os amigos consolá-las. O féretro formou-se: eram mais ou menos 150 pessoas, em fila dupla, tendo no início de cada uma uma menina, carregando uma coroa de flores roxas e artificiais. Logo em seguida, vinham os homens e, depois, as mulheres. No centro estavam o padre e o sacristão, que trazia o incenso, e o caixão, este último carregado por 6 homens. Atrás do caixão estavam mais alguns homens (20 mais ou menos) que se revezavam no transporte do caixão, e o pessoal da família. O padre vinha rezando, e os acompanhantes em silêncio. Algumas moças estavam com vestidos de cores mais discretas (azul marinho, por exemplo), mas em geral usavam vestidos azuis, cor de rosa e estampados. A frente do féretro vinha um homem carregando um crucifixo na mão esquerda. Quando o féretro passava, os homens no lugar paravam de trabalhar e tiravam o chapéu".

"Ao chegar o féretro à igreja, os sinos tocaram novamente. Na igreja, à espera do caixão, havia aproximadamente 30 pessoas. O defunto foi benzido, e de lá seguiu para o cemitério. Algumas pessoas foram até lá. De vez em quando, o pessoal parava um pouco a fim de que os que levavam o caixão alcançassem as duas filas. Alguns homens não ajudaram a carregar o caixão e só as pessoas da família estavam chorando ou muito tristes. Ninguém tinha o chapéu na cabeça. No cemitério, perto da cova, o padre realizou a cerimônia fúnebre. Depois, tiraram fotografia do caixão aberto e, então, puseram sobre o corpo algumas fitas que estavam presas às corôas. Um dos sobrinhos do morto ajudou a pôr o caixão na



cova; o filho do morto segurou as coroas para pô-las sobre a cova quando a tivessem fechado. Algumas das pessoas que lá foram, ajoelhadas, rezaram perto de outras sepulturas. Descido o caixão à cova, alguns jogaram punhados de terra, com a mão, dentro dela; depois disso, quase todos se retiraram. Só ficaram os três filhos mais velhos do defunto, um dos seus sobrinhos e mais dois homens; conversaram sobre a morte enquanto os coveiros enchiam a cova de terra. Os coveiros contam que houve reclamação quando eles abriram esta cova porque Fulano disse que um parente dele estava enterrado ali havia pouco tempo. O coveiro diz que já faz cinco anos e que Fulano só poderia reclamar se houvesse ali uma placa indicando que haviam comprado aquele terreno no cemitério; uma placa ou uma cerca em volta. Cheia a cova, o filho pôs as coroas sobre o monte de terra".<sup>13</sup>

Especialmente nas cidades, costuma-se mandar rezar missa pela alma do morto no sétimo dia seguinte ao enterro, depois do que a família e os amigos vão ao cemitério fazer a "visita da cova". Entre as famílias que não podem pagar a missa, contudo, ou nos casos onde a cerimônia é impossível por falta de padre residente, a "visita da cova" é feita, mas sem missa. Em Marrecas, por exemplo, onde não reside padre, é costume nesse dia que a família e os amigos do morto, incluindo mulheres, partam da casa do morto em cortejo em direção ao cemitério, geralmente carregando uma cruz para marcar o local do enterro. Ao chegar ao cemitério, o grupo se reúne em frente à sepultura e reza o terço e alguma outra oração, como a "Salve-Maria".

### *Luto*

Embora o luto seja em toda parte simbolizado pelo uso de roupas pretas, o seu uso varia ligeiramente nas diferentes localidades estudadas, provavelmente refletindo mudanças no que foi outrora, aparentemente, um costume idêntico na região. Em Passagem Grande impressionava o visitante o número de pessoas de todas as idades, incluindo homens, mulheres e crianças, que se vestiam de preto. Em seguida à morte de um membro da família, todos os demais membros, incluindo crianças de colo nos casos em que o morto é pai ou mãe da crianças, deviam tradicionalmente usar preto, incluindo a roupa de baixo. Recentemente, contudo, homens da elite local começaram a usar uma simples fita de pano preto na lapela, em torno do chapéu ou no braço e, as mulheres

13. Um informante recordou-se em Rio Rico de um cortejo fúnebre em Catolé, nos Gerais, onde os participantes "iam cantando, aquele canto que só vendo". "Tinha umas vinte pessoas, mais crianças e até crianças de colo. O cadáver ia numa rede, enrolado num pano branco, carregado por quatro varas. Uns homens iam atrás, a cavalo, levando crianças na garupa. Tem uns que carregam a rede com duas varas, mas lá parecia que era quatro mesmo. Iam cantando e rezando a ladainha: 'Orais por ela'".



da mesma classe, vestidos de cores diferentes em casa. Na vizinha Cuscuzeiro, o uso de luto é obrigatório na morte dos pais, mas, no caso de marido ou mulher, parece depender da força dos laços afetivos e dos recursos econômicos. Poucos moradores mandam confeccionar roupas especiais, tingindo meramente as roupas comuns. No caso de parente distante, usa-se apenas uma faixa preta no braço ou pregada na camisa, sobre o coração.

A duração do luto em Passagem Grande e em outras localidades varia de conformidade com a relação com o morto. Nos casos de mãe, pai, marido ou mulher, o luto fechado é usado durante um ano; de filho ou filha crescidos, casados ou não, durante seis meses; de filho mais novo, três meses; de irmão, seis meses; de avós, tio ou tia, três meses; e de um querido compadre ou padrinho, também três meses. Em Sertão Novo, os períodos de tempo são idênticos aos observados em Passagem Grande, salvo no caso de avós, quando o luto é de seis meses, em vez de três. Certa ocasião, durante nosso período de pesquisa, a difusora suspendeu as irradiações durante dois dias em sinal de respeito pela esposa de um cidadão importante da cidade. Na vizinha Ilha do Toré, costuma-se usar luto por filho pequeno durante um ano. Em Pesqueira, igualmente, os períodos são idênticos aos de Passagem Grande, salvo que, como em Sertão Novo no caso de avós, é usado por seis meses e, por filho ou filha, não se costuma usá-lo absolutamente. Outrora, esperava-se no local que as viúvas usassem "luto pesado", incluindo cortar o cabelo rente, durante o resto da vida. Este costume, contudo, desapareceu agora e desde que a compra de roupas pretas para todos está além dos recursos de muitas famílias, o costume é mandar tingir os vestidos e ternos.

C — SUMÁRIO E SUGESTÕES  
PARA PESQUISAS FUTURAS



## capítulo IX

### O HOMEM NO VALE DO SÃO FRANCISCO

O que, então, poderemos dizer em termos ainda mais gerais no tocante ao homem no Vale do São Francisco? E quais pareceriam ser os problemas fecundos a focalizar para pesquisa ulterior? Antes de tentar uma resposta a essas indagações, seria talvez útil considerar, pelo menos em curtas palavras, o ponto de vista subjacente a este estudo.

#### *Ponto de Vista*

No interesse da análise, e na esperança de que tal orientação contribua para uma compreensão mais profunda, a vida do homem em qualquer meio pode ser subdividida em vários aspectos e focalizada a atenção, por exemplo, nas dimensões geográfica, biológica, histórica, econômica e sociológica, entre outras. Isto porque, sem uma base geográfica obviamente vida alguma, incluindo a do homem, poderia existir no Vale, ou em qualquer outro meio. E, sem os processos biológicos que o relacionassem a este ambiente físico, o homem, bem como sua economia e vida associativa e cultural desapareceria naturalmente da face da terra se, de fato, para começar, nela pudesse ter surgido. Analogamente, o passado histórico arma o palco, por assim dizer, para o presente do homem — ou aquele em que estamos aqui mais interessados — nutrindo e fortalecendo as suas raízes em todos os momentos, mas igualmente limitando as instituições e o comportamento presentes. Embora menos fundamental do que o geográfico e o biológico, os processos econômicos constituem tal ajuda na luta do homem pela existência que devem ser sempre levados em consideração, ao passo que, sem os aspectos associativo e cultural, ou aqueles que aqui nos interessam especialmente, o homem seria um ser muito diferente do que é.

O ponto essencial aqui é que qualquer estudo da vida associativa e cultural do homem no Vale do São Francisco, ou em qualquer outro meio, deve dedicar, pelo menos, certa atenção a estes aspectos (e talvez a outros) para que não fique limitado em idéia e execução. Nosso principal interesse aqui é, naturalmente, o homem como ser sociológico, isto é, imerso numa vasta e intrincada rede de relações *pessoais*, de laços com outros membros dos grupos sociais de que faz parte — família, clã, nação, seita religiosa — influenciados todos pelo comportamento tradicional que se desenvolveu no passado e transformou-se em sua atual herança cultural. Não obstante, é sempre aconselhável, num estudo exploratório como este, dedicar pelo menos alguma atenção à realidade subjacente que possibilita essa vida associativa e cultural.

Levamos em consideração nestes volumes, por conseguinte, pelo menos de maneira breve e preliminar, cinco aspectos da vida do homem no Vale: suas relações com o meio físico; seu processo demográfico; seu passado neste meio; o substrato econômico imprescindível à sua existência; e, por fim, sua vida associativa e cultural.

Atenção especial foi dada ao aspecto *ecológico*, ou àquela integração<sup>1</sup> do geográfico, do biológico e do econômico que permite ao homem sobreviver na luta pela vida. Todo o Tomo II, por exemplo, foi reservado à tentativa de formular, e tentar responder, à pergunta: "Como puderam esses indivíduos, vivendo em tal habitat, existir, sobreviver, reproduzir-se, sustentar os filhos e, destarte, dar prosseguimento a uma vida associativa e cultural?" Em outras palavras, quais as técnicas de sustento que esses indivíduos desenvolveram neste *habitat* ao longo dos anos? E de que modo a luta pela vida afetou-os como grupos populacionais?

Em segundo lugar, a tarefa do cientista social, pelo menos como o autor está disposto a encará-la, consiste, acima de tudo, em descrever e analisar e, mais tarde, se possível, tentar explicar, embora este último processo seja extremamente difícil, sobretudo nestes dias pioneiros de nossa ciência. Não constitui tarefa do cientista social *avaliar*, falar em termos de normas, comentar favorável ou desfavoravelmente a vida que estuda ou estudou, seja para louvá-la, seja para criticá-la. Isto ultrapassa o papel que lhe cabe.

Destarte, o antropologista social, ao investigar a vida no Vale do São Francisco, emprega apenas conceitos descritivos e analíticos, e nunca avaliativos ou normativos. Aliás, esta é uma das diferenças fundamentais entre o cientista social e outros que estudam a vida coletiva.

1. Pelo menos como o autor está disposto a conceber o ecológico (ver 1957, págs. 107-22).



Avaliar, em nossa opinião, é papel legítimo do moralista, do padre, do pastor, e, aliás, de todos nós *como simples cidadãos*. Não é, porém, o papel do cientista social. Permita-nos o leitor que repitamos — o cientista social observa, descreve, analisa e, se possível, tenta explicar, nas circunstâncias de um conhecimento atual ainda bem limitado.

Nenhum comentário apresentado em nosso estudo, por conseguinte, deve ser considerado como “a favor” ou “contra” todo ou qualquer aspecto da vida do homem no Vale do São Francisco. Em outras palavras, não tomamos partido. Tentamos, tão-somente, descrever e analisar, apresentar a realidade como ela nos pareceu efetivamente ser, exibi-la de maneira imparcial, realista e — acreditamos — não sem certo grau de compreensão e simpatia.

Em terceiro, este estudo é extensa — e deliberadamente — de natureza *empírica*.<sup>2</sup> Conforme sugeriu o autor a respeito de outras de suas pesquisas no Brasil (1966, pág. XVII), ele e seus colegas neste estudo procuraram, na medida do possível, deixar que as próprias pessoas do Vale orientassem os pesquisadores na tentativa de conhecê-las, e não implantar sobre a vida dos mesmos, mais do que poderia ser evitado, qualquer sistema descritivo ou analítico preconcebido que os próprios estudiosos pudessem ter trazido a tais estudos. Em outras palavras, procuramos evitar meramente *ilustrar*, em nossas investigações, aquilo que já se encontrava em nosso pensamento.

De certo, isto não significa, em absoluto, que tenhamos iniciado nossa pesquisa sem quadros de referência ou hipóteses, ou que nosso interesse tenha se resumido em simplesmente empilhar “fatos” separados, discretos, e sem relação mútua. Muito ao contrário, julgávamos que, na medida do possível, a organização dos dados deveria *emergir* da realidade, e não ser a ela imposta, especialmente porque trabalhávamos com sistemas coletivos e culturais que, em extensão considerável, eram previamente desconhecidos com qualquer grau de profundidade, pelo menos de parte do autor. Em outras palavras, procuramos deixar que a vida diária do Vale assumisse o papel dominante na coleta dos “fatos”, assim como em nossos esforços para tornar tais fatos compreensíveis e comunicáveis.

Sejamos perfeitamente claros. O autor está tão convencido como quem mais o esteja de que nós, nas ciências sociais, devemos fazer todo o esforço para empregar, e contribuir para desenvolver ainda mais, métodos científicos, isto é, devemos finalmente tornar nossa principal tarefa a de formular hipóteses, cada uma delas de alcance limitado e, em seguida, submetê-las a teste num mundo

2. Ver, por exemplo, neste contexto, bem como em outros ainda mais fundamentais, Herbert Blumer, *Symbolic Interactionism: Perspective and Method* (Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1969), e especialmente o capítulo I.

vivo, contínuo, real, para que possam ser verificadas, modificadas ou rejeitadas à luz do que o teste revelar. Durante muitos anos o autor insistiu nesse ponto de vista na cátedra e em seus trabalhos.<sup>3</sup>

Tampouco é o autor insensível à crítica daqueles que, impacientes com o detalhe concreto, procuram avidamente, embora em vão, encontrar em nossas pesquisas as generalizações de grande alcance por que anseiam. Não obstante, também está convencido de que não dispomos ainda de um conjunto suficiente de dados descritivos e analíticos concretos sobre os sistemas associativos e culturais para tornar frutíferos, neste estágio do desenvolvimento das ciências sociais, métodos rigorosamente científicos. Necessitamos, sim, como precondição insubstituível, de grande número daquilo que o Professor Robert E. Park chamou de "estudos exploratórios", como os que agora começamos a obter no Brasil, isto é, investigações detalhadas, *empíricas*, que lancem a imprescindível base para fazermos, nas hipóteses que afinal viermos a formular, indagações com possibilidade de serem suficientemente férteis para tornar aconselháveis procedimentos rigorosamente científicos, e não perguntas que apenas reflitam nossas idéias preconcebidas — e, amiúde, nosso "bias" e preconceito, interrogações que não ponham meramente de lado, ou pelo menos retardem, a obtenção final de uma compreensão básica, acurada e duradoura da vida sob estudo.

Neste contexto, poderíamos recordar com proveito uma experiência do reputado antropologista, Clyde Kluckhohn. Durante uma de suas últimas visitas de pesquisa aos Navahos, o seu amigo Bidaga, membro deste grupo ameríndio, finalmente exasperado com a falta de compreensão desse antropólogo bastante competente a respeito de certo aspecto da vida da tribo que procurava esclarecer, repreendeu-o e disse: "Há trinta anos venho tentando explicar-lhe estas coisas, mas o senhor *nunca me fez as perguntas corretas* (grifos nossos)".<sup>4</sup>

Em outras palavras, precisamos de conhecimento mais íntimo e mais esclarecedor dos detalhes concretos da existência diária de homens, mulheres e crianças que vivem e atuam nos sistemas associativo e cultural brasileiro antes de podermos formular fecundas indagações teóricas a respeito das vidas de cada um; perguntas que desnudem o aparente e revelem o real da forma que efetivamente existe no Brasil; interrogações que — repetamos mais uma vez — não reflitam mais os interesses do investigador do que a vida do grupo, ou grupos sob estudos, como são.

3. Ver, por exemplo, 1957 (bibliografia).

4. Clyde Kluckhohn, Prefácio a *The Structure of a Moral Code: A Philosophical Analysis of Ethical Discourse Applied to Ethics of the Navaho Indians*, por John Ladd. Harvard University Press, 1956.



Somente o prezado leitor poderá julgar se o presente trabalho deu ou não os primeiros passos nesta direção. Mas deve ficar claro que deliberadamente, o autor procurou deixar que a própria gente do Vale o orientasse na tentativa de conhecê-la melhor antes de tentar formular generalizações outras que não as mais óbvias a respeito dela e de sua vida.

Isto porque, generalizar implica violentar a realidade em maior ou menor grau, desde que, pela própria natureza do processo de generalização, o pesquisador é obrigado a selecionar entre grande variedade de exemplos individuais, aceitando aqui, descartando ali. Por isso mesmo, é muito fácil chegar a conclusões que talvez sejam parcial ou mesmo inteiramente errôneas. E reside aí também o motivo da existência de tanto "lero-lero", como diz tão apropriadamente a gíria, nas chamadas "ciências" sociais. Demais disso, esta tendência perfeitamente natural da mente humana é pelo menos aumentada e, às vezes, bastante ampliada, quando se começa armado de certos "biases" como, por exemplo, do determinista geográfico, ou do racial — ou, como é moda tão comum hoje, dos deterministas histórico ou econômico — encarando a vida do homem à luz de uma visão parcial, selecionando fatos que se ajustam bem a teorias preexistentes, mas negligenciando, e mesmo faltando ver por completo, aqueles que não o fazem.

Grande parte disto constituiu, de certo, um processo inconsciente. E tanto é assim que aqueles que nele se empenham negam, não raro veementemente, que suas conclusões sejam deformadas por uma visão parcial da realidade, tornando ainda mais lamentável uma situação já de si infeliz.

O que é indispensável em tudo isto é pelo menos a *consciência* do problema do "bias", que se apegue a todos nós, a determinação de fazer um esforço definido para superá-lo na medida em que isto for humanamente possível, e a percepção de que uma maneira de realizar este desiderato é levar na devida conta a natureza, a extensão, e a emergência fácil demais de nossas generalizações.

Desta maneira, as declarações de natureza geral aqui feitas a respeito do Vale devem ser consideradas *meramente como hipóteses*, sujeitas a teste mediante pesquisa sistemática nestas e em outras comunidades da região.

### *Ecologia Humana*

É rara no Brasil uma relação tão clara como a que existe entre o homem e o *habitat* no Vale do São Francisco, fato este que se reflete na densidade da população, na natureza seminômada da

ocupação humana, antes do contato com os europeus e nas gerações sucessivas, e na economia prevalecente no passado e que ainda predomina na maior parte da região (ver Tomo II).

Estendendo-se sobre um platô bastante plano que cai suavemente em direção norte até que o São Francisco vira para leste em busca do mar, a bacia varia, na topografia, da área montanhosa das cabeceiras no sul para terras que se estendem por muitos quilômetros quase ao nível do mar após ter o rio passado pelo curso da Seção Setentrional das Corredeiras, com ocasionais, embora muito limitadas zonas como o alto e regularmente molhado tabuleiro em torno de Tacaratú, em Pernambuco. A paisagem em geral, por conseguinte, é com frequência plana, aparecendo baixas colinas ocasionais de cada lado do rio, que aos poucos crescem em altitude até os limites relativamente baixos que delimitam a bacia. Existem zonas de solo muito fértil, especialmente em torno dos afloramentos de calcário no curso Alto e Médio superior, e em algumas áreas de argila, como a do vale do Preto, a zona em torno da embocadura do Rio das Velhas, e outras, enormes, muito arenosas e ainda algumas cobertas de pedregulhos ou mesmo pequenas rochas, ou sáfaras por outro motivo, possuindo algumas até mesmo salinas. Grande parte da bacia é coberta pela caatinga; outras áreas são de campos abertos ou bem descampados, de cerrados bem planos ou suavemente ondulados, com algumas áreas limitadas de florestas, em geral agora somente em faixas estreitas, contudo, ao longo do rio principal, seus tributários ou outros cursos de água. Algumas zonas são razoavelmente servidas de chuva, especialmente nas duas extremidades do Vale e também nas elevações mais altas, sobretudo durante o inverno. Ao mesmo tempo existem outras áreas, mais extensas, onde as chuvas são escassas durante todo o ano e, por vezes, faltam inteiramente.

Com exceção da parte Alta extrema em torno do centro industrial em rápido crescimento de Belo Horizonte, contudo, e em certas outras áreas dotadas de condições climáticas e de solo variável, grande parte do Vale é uma região semi-árida de solo amiúde arenoso, ocasionalmente de mato muito ralo, coberto por vegetação baixa e raquítica, flagelado o todo pelas secas periódicas, mas com um rio perene a atravessá-la. Alguns tributários são também perenes, especialmente na zona alta do Vale, ao passo que outros, especialmente na parte inferior das áreas Média e das Corredeiras Setentrionais, têm caráter apenas intermitente. Entre os obstáculos naturais da região figuram o calor, o terreno arenoso e de trechos de cascalho e rochas, enchentes em certas ocasiões do ano,<sup>5</sup>

5. Escrito antes da construção da represa de Três Marias.



os agudos espinhos da vegetação de caatinga, as cobras venenosas, os insetos nocivos e, ao longo dos cursos de água, piranhas e jacarés.

Na região desenrolou-se uma história de ocupação, inicialmente por ameríndios nômades; de descoberta, exploração e colonização européias; principal (mas não exclusivamente) de origem portuguesa; de contatos entre os europeus e seus descendentes e os indígenas, seguidos de amalgamação e assimilação dos últimos, e sua dizimação por doenças ou conflitos armados, quando não sua expulsão cada vez mais para o interior adentro. Com os europeus vieram também, naturalmente, as instituições européias, sobretudo as existentes em Portugal nos séculos XVI e XVII incluindo a Igreja e o Estado; os animais de criação, principalmente o gado bovino, com o desenvolvimento subsequente de currais, mercados e trilhas de gado, pousadas e cidades que cresceram, em muitos casos, em volta destas últimas.

Pouco depois do primeiro contato, igualmente, mediante doações de terras feitas pela Coroa Portuguesa imensos trechos de partes do Vale passaram à posse legal cada um, de uma família só, muito embora, em geral, essas enormes áreas fossem substancialmente reduzidas em tamanho a cada geração que se sucedia em virtude do princípio de herança derivada do Direito Romano. Apesar disto, esta redução está longe de prevalecer em todas as zonas do Vale, devido, em parte, à necessidade de grandes áreas para pastagem do gado na terra predominantemente semi-árida e de forragens limitadas.

Durante o período colonial, também houve a descoberta e exploração de ouro e diamantes, especialmente nos limites superiores do Vale e, em extensão mais limitada, em outros locais muito dispersos; e, mais tarde, a luta com os holandeses pelo controle da costa nordeste, que se estendeu profundamente pela parte baixa do Vale. O estabelecimento da ordem em áreas de fronteira, como grande parte da região, longe da costa e nas circunstâncias das comunicações e transporte da época e isoladas em grande parte dos centros de controle policial, constituiu durante longo tempo uma preocupação característica.

A atual população aglomera-se em torno de quatro pontos de concentração: 1) nas proximidades do canal principal do Rio São Francisco e, em menor extensão, nas proximidades de outros cursos de água, cada um dos quais fornece o suprimento indispensável de água para o homem, animais e agricultura nesta terra geralmente semi-árida e, às vezes, desértica; 2) nas serras mais elevadas, onde é maior a precipitação pluviométrica; 3) nas vizinhanças dos afloramentos de calcário, com existência de solo mais fértil; e 4) ao longo das velhas estradas-de-tropa e de-boi, que tomaram as rotas mais vantajosas no que dizia respeito à água e terreno, e nas



proximidades das quais sedes de fazenda cedo apareceram, bem como, em alguns casos e em anos relativamente recentes, nas proximidades das vias férreas.

De modo geral, por conseguinte, a densidade demográfica reflete em grau considerável o abastecimento de água. Nas áreas das caatingas secas, por exemplo, as habitações são poucas, ao passo que nas zonas de beira-rio e serrana a densidade é maior. São encontrados pequenas cidades, vilarejos e sedes de fazenda relativamente próximos ou em contato relativamente fácil com o grande centro urbano de Belo Horizonte; outras são muito distantes e, por isso mesmo, quase não mantêm contato com qualquer grande centro. Algumas cidades, vilarejos e sedes de fazenda situam-se ao longo das margens do São Francisco e seus principais tributários, com transporte relativamente fácil por água entre elas, enquanto que outras se localizam muito longe, sobretudo nas dimensões tempo-distância do rio e de seus principais tributários e sem estradas facilmente transitáveis. Outras ainda se ligam entre si por estradas facilmente passáveis, em geral apenas de terra, mas que permitem contato relativamente fácil e regular, pelo menos até certo ponto, com o mundo exterior.

Embora sejam ainda encontradas no Vale algumas famílias de ascendência européia, ameríndia ou africana relativamente pura, a atual população é predominantemente de origem racial mista, em cuja composição entraram as três raças básicas da humanidade. Não obstante, a origem varia consideravelmente, sendo mais caucasiana em certas comunidades, mais indígena em outras, como a Ilha do Toré, por exemplo, e mais africana em algumas, como no caso de São Romão. Apesar disso, não é provável que exista qualquer comunidade de extração exclusivamente européia, africana ou, mesmo nas poucas reservas da região, ameríndia. Em algumas áreas inclusive certas bem acima do rio, efeitos residuais da ocupação holandesa da costa do Nordeste durante o período colonial transparecem nos olhos azuis e cabelos louros de atuais habitantes; ao passo que, em tempos relativamente recentes, a imigração, principalmente de origem européia, mas também até certo ponto levantina ou de outra procedência, aumentou, de maneira limitada, a população local.

São altas as taxas de nascimento e mortalidade infantil e é grande a concentração da população nas faixas de baixa idade. Outrora, e em considerável extensão ainda hoje, a doença é tratada por meio de práticas e especialistas de folk, embora haja concorrência crescente do sistema de idéias, atitudes, práticas e especialistas de origem urbana e mais sofisticada do mundo externo.

Os mesmos tipos ocupacionais são vistos em diferentes comunidades espalhadas por todo o Vale, embora maior proporção de



vaqueiros, por exemplo, seja encontrada em algumas localidades, como Coripós; em outras, como Juazeiro, maior concentração de remeiros; e ainda em outras, como Xique-Xique, maior número de pescadores; em lugares como Sertão Novo, maior quantidade de fazendeiros que empregam a irrigação; em alguns locais, como Passagem Grande e Cuscuzeiro, maior contingente de plantadores de arroz; e em certas localidades, como Petrolina e nas cidades da área Alta extrema do São Francisco, um número muito maior de motoristas de caminhão, proporção esta em crescimento. Em toda a Bacia a mobilidade é relativamente alta, embora varie até certo ponto conforme a área, sendo, contudo, especialmente pronunciada entre os grupos menos privilegiados destituídos de terras, que poderiam contribuir para enraizá-los ao solo.

Além da criação de gado bovino, mencionada acima, a agricultura de subsistência desenvolveu-se também no Vale principal (mas não exclusivamente) nas vazantes ao longo dos cursos d'água, exportando-se ocasionalmente parte da produção excedente, sobretudo nas áreas onde a irrigação foi iniciada ou nos casos em que a coleta de alimentos no meio natural é suficiente. Em consequência, é encontrada hoje, além das grandes áreas reservadas principalmente à criação — em especial de gado bovino (por exemplo, em Minas Gerais e Bahia) o gado caprino (por exemplo, em Pernambuco), em grandes e pequenas propriedades — pelo menos uma “dispersão” de agricultura em todos os municípios. Esta distribuição pode alcançar em certas ocasiões (embora raramente) o virtual monopólio do uso da terra, como em Arapiraca, em Alagoas, por exemplo. A pesca fornece grande parte (embora não toda) dos meios de vida em algumas áreas, como, por exemplo, Xique-Xique, e a mineração especialmente do cristal, no presente, em lugares isolados. Outras atividades coletoras, especialmente de frutas silvestres, ervas, caça e ainda outros produtos da mata contribuem em graus variáveis para as economias locais. A fabricação, contudo, excluída a manual, é ainda limitada.

O sistema mais comum de aluguel da terra é o de “meias”, embora, ocasionalmente, sejam encontradas também outras combinações, incluindo gratificação (crescentemente agora) e aluguel a dinheiro. É considerável o número de proprietários ausentes da terra, embora hajam direitos costumeiros e legais aos posseiros. É em geral limitada a especialização de funções nas áreas mais rurais. Nas cidades, porém, a variedade, em especial no tocante aos artesãos, é extensa. O beneficiamento doméstico, outrora quase exclusivo na região, está sendo suplementado e, em alguns casos, substituído agora pela produção fabril importada. Persiste ainda em numerosas comunidades, contudo, o emprego de velhos pesos, medidas e outros padrões tradicionais da região e que desapareceram em numerosas regiões do País.



A atual economia é em geral, por conseguinte, de relativa escassez. À parte o ouro, os diamantes e o cristal extraídos em partes do Vale e a antiga utilização de certos depósitos limitados de sal e salitre, os recursos minerais da região mal foram tocados, embora a extração de petróleo esteja começando no momento em que estas palavras são escritas. O beneficiamento é limitado e estão ainda na infância outras formas de fabricação que não a artesanal. Embora existam óbvias exceções, pode-se dizer que grande parte da população do Vale que não possui terras vive à beira da pobreza.

Provavelmente, são cinco as realidades ecológicas básicas do Vale. Em primeiro lugar, a atual economia é pastoril e agrícola, com uma considerável ajuda em algumas áreas, e menos em outras, de atividades coletoras (ver Capítulo IX, do Tomo II) e beneficiamento e fabricação limitados. Em segundo, embora as condições climáticas e de solo em extensas áreas, com numerosas e, às vezes, notáveis exceções, sejam relativamente desfavoráveis à economia agrícola e, em grau algo menor, à pastoril, apesar de tudo, com exceção das atividades coletoras, estas eram os únicos tipos de economia possíveis nas circunstâncias do passado, mais uma vez com certas e limitadas exceções esparsas aqui e ali. Parcialmente por esses motivos e, até certo ponto, devido também aos limitados recursos populacionais existentes em comparação com o imenso tamanho do Vale, a atual densidade demográfica é, em média e em terceiro lugar, correspondentemente baixa, um fato que a torna, como disse Crist a respeito de grandes regiões (pág. 588) "mais ocupada do que colonizada". Em parte também (mas não inteiramente) em consequência dessas condições relativamente desfavoráveis de clima e solo, um número considerável dos habitantes, em quarto lugar, vive próximo ao mero nível de subsistência. E, parcialmente em consequência desta última circunstância, mas devido também a outras, uma extensa migração, em quinto lugar, está ocorrendo com ponto de partida no Vale. Estas outras circunstâncias incluem o limitado volume de terras em mãos da camada menos abastada da população, que poderia contribuir para radicá-lo ao solo; a abertura de terras novas e mais acessíveis em Goiás e no Paraná; e a forte tendência para industrialização já iniciada há algum tempo em outras regiões do Brasil, em especial nas áreas em volta de São Paulo e Rio de Janeiro, ao Sul, mas também em outros centros mais próximos, incluindo Belo Horizonte, Salvador e Recife. Até certo ponto esta tendência migratória foi compensada no passado, e ainda é hoje, pela migração para a região com origem em áreas contíguas. Houve, demais disso, movimento considerável de lugar para lugar dentro do próprio Vale, configurando-se um quadro total de movimento demográfico bastante extenso, que aparentemente retroage na escala temporal aos



ameríndios nômades que contribuíram para a atual população e cultura, muito embora, naturalmente, com toda probabilidade não se deva apenas a esta ascendência e tradição.

Os índices da luta pela vida em qualquer *habitat* são as taxas de nascimento, fertilidade e mortalidade, incluindo a mortalidade infantil, a quantidade da imigração e da emigração, e o consequente aumento ou decréscimo da população num dado período de tempo. Havendo alta incidência de imigração e baixa de emigração a luta no habitat aparentemente transcorre bem,<sup>6</sup> mas quando a incidência da imigração é baixa, como no Vale, e alta a de emigração, como foi até certo ponto no passado e dá impressão no presente de agravar-se ainda mais, a luta pela existência aparentemente não vai bem.

Analogamente, se são altas as taxas de natalidade e fertilidade, como ocorre no Vale, e baixas as de mortalidade adulta e infantil, a última das quais, pelo menos, não o é no presente, a luta pela existência, do ponto de vista estritamente ecológico, vai bem. Mas quando as taxas de mortalidade adulta e infantil são altas, e baixas as de nascimento e fertilidade, vai mal. Em ambos os casos, contudo, outros índices precisam ser levados em conta a fim de definir precisamente a situação.

### *O Sistema Associativo e Cultural*

Conforme foi em parte sugerido acima, o atual sistema associativo e cultural no Vale deriva de quatro fontes: os importados para a região pelos europeus, principalmente de origem portuguesa; os dos vários grupos ameríndios residentes na área por ocasião do contato com os europeus; e os importados para as áreas costeiras e de mineração do Brasil por escravos africanos, que pessoalmente ou por seus descendentes emigraram para o Vale. Mas, talvez ainda mais importante, o atual sistema associativo e cultural emergir do contato desses sistemas diversos e da subsequente acomodação dos mesmos nas circunstâncias do novo meio físico.<sup>7</sup> O contato, a atração ou a repulsão experimentados pelos elementos envolvidos, a seleção feita entre eles, sua reinterpretação, diluição ou fortalecimento, e a transmissão de alterações ulteriores através de sucessivas gerações, produziram a atual configuração do Vale.

Esta configuração, contudo, é algo mais do que uma mera combinação de elementos diversos. Em vez disso, nota-se, com algumas

6. É claro, naturalmente, que quando usamos a expressão "ir bem", neste sentido, referimo-nos à existência e sobrevivência biológicas. A situação no que toca à vida associativa e cultural pode, naturalmente, ser outra questão.

7. Para os membros de, pelo menos, dois desses grupos.



exceções, alto grau de utilidade associativa e cultural no Vale, na qual, contudo, foi predominante a contribuição portuguesa. O fato de a maioria dos mesclamentos terem ocorrido há muito tempo, no período colonial, e de terem se sucedido numerosas gerações, constitui um dos motivos da atual unidade. Outro, a plasticidade e qualidade absorvente da própria cultura portuguesa, alicerçada em longa experiência com culturas estranhas antes de chegar ao Brasil. Temos um terceiro motivo no fato de ser a miscigenação uma velha realidade no Brasil. E a fusão racial pode ser (embora nem sempre) uma ajuda importante para a fusão cultural.

Há uma estrutura de classe claramente definida na maioria (mas não em todas) das comunidades brasileiras. Existem áreas no Vale (Penedo, por exemplo) onde as classes são bem definidas, ao passo que há muitas outras onde, como em Cruz das Almas, em São Paulo (ver Pierson, 1951), é duvidoso que o conceito "classe" seja de qualquer maneira um instrumento analítico útil, ou em Marreras, onde, conforme verificaram nossos pesquisadores, líderes e liderados pertencem a uma classe única, bem como em todos os vastos Gerais e em numerosas outras áreas rurais do Vale, incluindo grande número de vilarejos.

É muito mais provável que seja encontrada estrutura de classe nas cidades; e, nos casos em que existe, ela fica hoje, quase em toda parte, como existiu há gerações, isto é, encontram-se duas classes sociais claramente definidas: a elite local e um grupo de *status* mais baixo conhecido como "o povo", divisão atestada no linguajar popular pelas palavras "ricos" e "pobres", em toda parte frequentemente ouvidas. Sobretudo nas maiores cidades, porém, (mas nem sempre limitadas a elas), existem pelo menos algumas famílias que, no referente à ocupação, recursos financeiros e realizações, não pertencem realmente a qualquer dos dois estratos, embora não constituam ainda o que se poderia considerar, na Europa e nos Estados Unidos, como uma classe "média".<sup>8</sup> Essas pessoas e famílias, contudo, geralmente se identificam em interesses, atitudes e aspirações com a elite local.

Esta última, geralmente possuidora de terras ou outra forma de riqueza, mantém de certo modo e até certo ponto, contato com o mundo externo, embora o grau varie consoante o tempo e o local. Em particular, é provável que mantenha contato com pessoas da própria classe na capital do Estado e, mesmo, às vezes, em outras crescentes metrópoles do Brasil ou, em alguns casos, com pessoas da mesma classe no exterior. Os membros dessas elites locais são com frequência (embora não em todos os casos) alfabetizados e têm frequentado, pelo menos, a escola primária ou, ocasionalmente, a secundária, ainda que só em raros casos uma instituição educa-

8. Com exceção, naturalmente, do centro metropolitano, Belo Horizonte, que, a este respeito e em numerosos outros, é atípico.



cional acima desse último nível. Com frequência, contudo, enviam os filhos e, ocasionalmente agora, as filhas, a escolas fora da comunidade local, pelo menos em seguida à educação primária.

Daí serem encontradas pelo menos nas cidades maiores do Vale e até certo ponto também nas menores, e mesmo, às vezes, nas áreas mais rurais, duas subculturas coexistentes, parcialmente se interpenetrando, mas com os respectivos membros isolados até certo ponto entre si, e em grau considerável, costumeira e psiquicamente. Um grupo é em grande parte alfabetizado; o outro, na maior parte, se não inteiramente não-alfabetizado, embora algumas mudanças a este respeito comecem a surgir.

É preciso frisar, contudo, que em virtude da justaposição no tempo e no espaço e das relações humanas que normalmente se desenvolvem nessas circunstâncias, as elites locais — e mesmo até certo ponto as pessoas mais cultas entre elas — participam também, em graus variáveis, da subcultura do estrato inferior, que outros pesquisadores, em outras partes do Brasil (ver, por exemplo, Emilio Willems, 1952) chamaram de "cultura do caboclo". Divisões por área a este respeito não parecem existir no Vale, hipótese esta, contudo, que obviamente requer comprovação ulterior.

A maioria das características típicas da cultura de folk centraliza-se em torno de atividades dedicadas ao sustento mediante tecnologia relativamente simples; e isto em volta de uma organização social na qual a família, o parentesco e o compadrio e, até certo ponto também, as relações de vizinhança, são as principais determinantes da interação; e isto em derredor de um extenso, intrincado e relativamente complexo sistema de rituais, cerimônias e crenças; e em roda do que Willems chamou também (1952:232) de "divertimento social", às vezes relacionado com o comportamento religioso e familiar, nas ocasionalmente, não.

O sistema de rituais, cerimônias e crenças é basicamente de origem Católica Romana, embora inclua, com frequência, elementos que transcendem do ortodoxo. Em alguns casos, variando consideravelmente com o tempo e o lugar, origina-se também de fontes culturais ameríndias ou africanas, ocasionalmente muito misturadas bem como, crescentemente agora, de origem espírita e protestante. Em algumas áreas existe ainda, de forma muito parecida como no passado, o culto dos penitentes. Ocasionalmente, surge uma nova seita religiosa, desenvolvendo-se em torno de uma figura profética local. As festas religiosas, amiúde de origem mista Católica Romana e de folk, são comuns. Geralmente é dado também um tratamento bastante familiar aos santos que, nas crenças e práticas de folk (embora, naturalmente, sem aprovação eclesiás-

tica) constituem, na realidade, um panteão. Nota-se também extenso recurso às promessas; e alguma feitiçaria e magia negra, sobretudo (embora não exclusivamente) entre os grupos de *status* mais baixo; e algum cepticismo, que parece estar aumentando, de preferência entre os homens.

Na ordem social em todo o Vale, ou aquela compartilhada de modo mais completo por ambas as classes da população, é atribuído alto valor à observância da etiqueta prescrita. A monogamia é o padrão esperado, embora eventualmente violado, pelo menos em algumas áreas, se bem que de modo discreto. O *status* e o prestígio baseiam-se na competência e nas realizações pessoais, na idade,<sup>9</sup> experiência de vida, linhagem e situação econômica (especialmente a posse de terras), embora seja influenciada também até certo ponto pelo grau de alfabetização e de educação e, talvez, outros critérios. Prevalece um alto senso de ordem e de controle pessoal e, em todas as comunidades, grande solidariedade contra o mundo externo.

Provavelmente, então, as realidades associativas básicas no Vale são três. Em primeiro lugar, nota-se em todas as ocasiões uma forte interação entre os vários membros dos grupos que se encontram intimamente ligados pelas relações de famílias, parentesco e compadrio. Isto produz alto grau de solidariedade social e alto grau também de satisfação humana, e pode inibir a mudança social. Em segundo, uma extensa parte do pensamento e comportamento do indivíduo, da família e da comunidade relaciona-se com a crença em Deus e outros seres e forças naturais e sobrenaturais; e, em terceiro, com atividades e interesses políticos, das quais participa mais direta e extensamente a elite, mas que tende também a envolver ambas as classes e, vez por outra, alcançar uma intensidade que levou, em alguns casos no passado, a conflito armado e que hoje pode produzir segregação parcial ou mesmo quase completa dos partidários de outros grêmios não somente no que interessa a esta vida, mas em alguns casos extremos pelo menos, mesmo depois da morte (ver Capítulo IV, do Tomo III). A política, por conseguinte, pode ser tanto uma força integradora como desintegradora, talvez a maior deste tipo no Vale.

### *Mudança*

A circunstância principal a facilitar a mudança na região é o crescente rompimento, nos dias atuais, do isolamento tradicional

9. O emprego da tradicional bênção em numerosas comunidades, com evidência de profunda seriedade e respeito mútuo, reflete a importância da idade e do parentesco na investidura do *status* e do prestígio.



que existiu em graus variáveis em diferentes partes do Vale,<sup>10</sup> sendo amiúde, contudo, extenso. Isso acontece em especial devido ao melhoramento dos transportes e das comunicações no próprio rio, à construção de estradas no Vale pelos governos federal, estadual e municipal, ao crescente número de caminhões que rodam pela área, e à extensão relativamente recente (no momento em que isto é escrito) de serviço aéreo regular a várias cidades ao longo do rio.

Mas talvez o fato mais importante entre todos a este respeito tenha sido o advento do rádio, que abriu um novo mundo a um crescente número de pessoas nas cidades e maiores fazendas, pessoas que estiveram outrora isoladas em graus variados não apenas geográfica, mas costumeira e psiquicamente.<sup>11</sup>

O isolamento psíquico está sendo também aos poucos reduzido pela volta de emigrantes que se transferiram temporariamente para outras áreas; pela presença, numa determinada comunidade, de outros forasteiros; e, talvez, de um cinema, jornais, revistas, tudo isto variando muito, contudo, de uma comunidade à outra; e também da ampliação de outros serviços de comunicação. Durante sua última visita ao Vale, por exemplo, observou o autor que uma rede de rádio havia sido instalada pela CVSF para enfeixar em fácil comunicação com os centros externos de Salvador e Rio de Janeiro, trinta cidades do Vale.

Nota-se também gradual disseminação no Vale de artigos manufaturados fora, que já há algum tempo, mas em graus variáveis conforme as diferentes áreas, vêm aos poucos substituindo os produtos das artes manuais.<sup>12</sup> Significativa também foi, sobretudo na área das Corredeiras Setentrionais, a influência da irrigação, aumentando de maneira acentuada os excedentes de diversos produtos agrícolas exportáveis, atraindo cada vez mais compradores e fornecedores estranhos à área e, destarte, ampliando os meios e a extensão dos contatos com o mundo externo, enquanto aumenta a riqueza local e as oportunidades educacionais tornam-se mais comuns nas próprias regiões.

Entre outros meios de mudança que ora surgem, figuram a construção da Represa de Três Marias, com o grande objetivo de

10. Dando um exemplo, Juazeiro há longo tempo mantém ligação direta por estrada de ferro com a capital, Salvador, ao mesmo tempo que, ao serem iniciados nossos estudos, numerosas outras localidades mesmo à margem do rio ou de seus tributários — como, por exemplo, São Romão, Morpará, Santa Maria da Vitória, Marrecas, Pilão Arcado, Coripós — estavam ainda muito isoladas das influências metropolitanas. Outras comunidades (como, por exemplo, pequenos povoados nos Gerais) eram ainda mais isoladas.

11. Ver Pierson, 1957, págs. 147, 325.

12. Apesar de tudo, estas últimas ainda desempenham extenso papel em numerosas comunidades do Vale em todos os casos em que o uso de habilidades herdadas para fabricar artefatos de uso diário é ainda econômico. Em Passagem Grande e Cuzcuzero, por exemplo, como em numerosas outras localidades, há especialistas que dedicam todo seu tempo, ou quase todo, à fabricação de artigos como canoas, redes de pesca, esteiras, cestas, pilões, chapéus, "cochado" de fio e renda de bilro.



controlar as inundações periódicas do rio; projetos hidrelétricos como o da Cachoeira de Paulo Afonso, que não somente fornece energia a centros fora do Vale, mas pode dar origem a indústrias dentro da própria região; a descoberta de novos recursos naturais, como o petróleo em torno da foz do São Francisco; o gradual crescimento das cidades e os contatos crescentes de suas elites com o mundo externo;<sup>13</sup> o trabalho governamental para elevar o nível de vida, estendendo as oportunidades educacionais às crianças locais e aumentando a alfabetização de adultos; e a penetração no Vale de novas ideologias políticas, especialmente de origem estrangeira, mediante campanhas cuidadosamente planejadas que põem em dúvida atitudes e atividades tradicionais e estimulam a reflexão.

Enquanto isso, muitos dos filhos da elite possuidora de terras — e, mais recentemente, as filhas também — que foram enviados para ampliar fora seus estudos, não mais voltaram, pelo menos permanentemente, à comunidade de seus pais, de modo que este processo, junto com o sistema de herança antes mencionado, bem como também a emigração dos próprios pais, em numerosos casos, para cidades maiores e, talvez, para a capital estadual ou algum outro grande centro populacional, têm contribuído para o declínio significativo desta elite nas comunidades locais, tanto em influência econômica quanto política, especialmente à medida que as gerações se sucedem. Acompanhando em parte esta mudança, a orientação e o controle político mudam também, do exercício pelos outrora todo-poderosos chefes políticos para os novos líderes, possuidores do que poderia ser chamado nos Estados Unidos de imagem populista, ou de carisma. Restam apenas alguns vestígios do sistema de aprendizagem e está desaparecendo também o sistema anteriormente importante de trabalho coletivo em certas circunstâncias, ou mutirão.

É de lamentar que a falta de tempo e recursos e, talvez ainda mais importante, a longa doença do autor num momento crucial do trabalho de campo, tornasse impossível executar em maior extensão o plano original de comparar e contrastar, com referência à mudança ecológica e social, duas localidades dentro de cada uma das cinco áreas estudadas como amostras no Vale (ver o Prefácio, Tomo I). Isto porque a mudança começava a aparecer aqui e ali, embora ainda limitada em extensão, ao longo das linhas de contato, mais direto e contínuo com os centros metropolitanos do país. Era,

13. Em Xique-Xique, por exemplo, um de nossos pesquisadores, Professor Fernando Altenfelder Elva, observou que "à estrutura social relativamente simples de uma comunidade originalmente de pescadores, foram se sobrepondo novas camadas de população, compostas de fazendeiros e comerciantes... Passaram, então, comerciantes e fazendeiros, a atuar como elementos de contato entre a estrutura social local e as estruturas sociais externas; por meio delas é que se foram introduzindo as modificações e que se impuseram os padrões culturais das estruturas mais simples. A classe inferior apresentará, assim... um maior conservantismo, função de seu próprio isolamento..."



talvez, mais visível nos limites extremos da parte Alta do Vale, onde a influência da florescente metrópole de Belo Horizonte fazia-se sentir cada vez mais, conforme foi documentado em alguma extensão naquela área do Vale pelo Professor Esdras Borges Costa e seu grupo de pesquisadores em Cerrado e Retiro (ver a Bibliografia deste Tomo e, também, o Prefácio, Tomo I).

Embora a cidade de Cerrado seja mais isolada e mais rural do que algumas cidades maiores situadas entre ela e o centro metropolitano de Belo Horizonte, e conquanto não possuísse indústria importante, começava a refletir, em maior extensão do que a vizinha área de fazenda de Retiro, por exemplo, o impacto gradual, embora ainda ténue, da influência de Belo Horizonte e de outros centros metropolitanos brasileiros. À medida que o antigo grau relativamente alto de isolamento cedia aos crescentes contactos urbanos, a mudança de uma base rural da ordem econômica e social para outra mais urbana começava a dar os primeiros sinais. A economia outrora quase toda auto-suficiente tornava-se mais diversificada, acompanhada de crescente diferenciação ocupacional e de *status*. Novos estabelecimentos retalhistas e de serviço apareciam na cidade, havia crescente frequência e volume destas e de outras transações comerciais e uma especialização cada vez maior de funções ao surgirem novas ocupações a que se lançavam indivíduos com ou sem meios. O dinheiro tornava-se dia a dia mais importante. Notava-se, também, aumento do individualismo e correspondente diminuição da homogeneidade.

Na área rural imediatamente vizinha à cidade, observava-se que o antigo sistema de cultivo da terra a meias tornava-se insatisfatório para números sempre maiores de trabalhadores rurais. No passado, a maioria das necessidades dos trabalhadores de armazenamento dos alimentos que produziam, de vestuários, assistência em ocasiões de doença ou crises econômicas, proteção contra os que os poderiam prejudicar e mesmo de divertimento eram atendidas pelo patrão e sua família. Agora, as relações íntimas entre empregado e empregador implícitas nestes costumes estavam-se tornando, mais e mais, meras recordações, e as mudanças estavam sendo aceleradas, por ocasiões de nossa pesquisa, pelo movimento dos emigrantes para a comunidade, procedentes de outras áreas.

Na área mais rural de Retiro, essas íntimas relações pessoais entre trabalhador agrícola e patrão prevalecem ainda em grau considerável, chegando mesmo ao direito de os primeiros comerem, ocasionalmente, na mesa dos segundos. Apesar disso, as unidades econômicas outrora quase inteiramente auto-suficientes que as grandes fazendas de Retiro representaram durante longo tempo, e que ainda representam hoje em extensão considerável, começam também a sentir o impacto da mudança vinda de fora. Ferramentas e equipamentos outrora de grande importância faziam



em desuso, como, por exemplo, os teares e outros implementos empregados até tempo relativamente recente de modo regular na fazenda em trabalhos de couro, madeira e ferro, produtos estes que estão sendo fabricados hoje por especialistas ocupacionais, seja na cidade próxima de Cerrado, seja em outras cidades.

A escola secundária que fôra recentemente inaugurada em Cerrado na época de nossa pesquisa abria novas perspectivas e novas oportunidades de progresso individual, bem como criava novas fontes de *status* e prestígio, embora o clube social, inaugurado também pouco antes, na mesma ocasião, tivesse ainda existência bastante precária.

Como talvez lembre o leitor, dissemos no Tomo I que a comunidade de Cerrado era, de início, habitada por uma única família que se transformou em um grande grupo de parentesco, sendo a ordem social subsequentemente determinada pela colaboração, ou competição e conflito das suas várias partes nucleares. Não obstante, por ocasião de nossa pesquisa, o tradicional "orgulho de família" outrora tão característico desta área, como de resto de todas as demais do Vale, começava a ser contestado em nome da igualdade. O afrouxamento dos laços tradicionais que outrora ligavam os grandes senhores de terra e seus empregados rurais, bem como a migração para cidade de trabalhadores de áreas vizinhas — e onde seus filhos desfrutavam agora de maiores oportunidades educacionais — contribuíam para mudar a ordem social local que fôra, tradicionalmente, rural, pastoril e agrícola, e orientada em termos de hierarquia, para outro tipo, baseado em princípios mais igualitários, com maior diferenciação econômica, política e sociológica. Ao mesmo tempo, pouca evidência havia de ter-se desenvolvido entre os trabalhadores rurais e outros membros da parte menos favorecida da população qualquer grau de consciência de classe, embora pudesse ser notado certo descontentamento com os níveis de vida e salário, manifestado ocasional e reservadamente e apenas a certos indivíduos.

### *Sugestões para Pesquisa Ulterior*

Embora as informações sobre o Vale consignadas nestes volumes sejam bastante extensas, uma parte muito grande permanece ainda em nossas volumosas notas. O autor lamenta que as circunstâncias o tenham impedido de completar pelo menos cinco outros capítulos que nutrira a esperança de incluir aqui. Um deles trataria de um dos aspectos da base ecológica, isto é, "Comércio e Crédito", abordando, os demais, aspectos pessoais, associativos e culturais, incluindo "Isolamento e Contacto", "*Status* e Prestígio", "Conflito" e "Mundo Mental". Talvez esses dados possam vir a aparecer, oportunamente, em outro contexto.



A pesquisa ulterior poderá, acima de tudo, colocar a pergunta: Até que ponto o Vale do São Francisco é uma única área ecológica, distinta das demais? Ou em que extensão é, talvez, composta de certo número de áreas ecológicas, seja no todo seja em parte?

A *área natural* é aquela cujas características físicas são comparativamente homogêneas e que, por isso, pode ser com facilidade distinguida de outras. As fronteiras são claramente definidas por um ou mais fenômenos naturais, como oceanos, lagos, rios, montanhas, pradarias, desertos, florestas tropicais. O clima é relativamente uniforme, com solo e vegetação semelhantes em toda sua extensão. A *área natural* torna-se *área ecológica* quando, a essas características físicas relativamente homogêneas, é acrescentado um grupo populacional com características semelhantes e técnicas também relativamente homogêneas de sustento.

Seria preciso fazer um estudo mais exaustivo e completo do que foi possível aqui do regime de chuvas, temperatura e outros aspectos do clima, da topografia, do solo e subsolo, da vegetação nativa, recursos minerais e de outra natureza, do grau de utilização pelo homem, na luta pela vida, de cada um desses aspectos do *habitat* bem como do grau do seu isolamento, da forma geograficamente definida. Poder-se-ia, então, comparar e contrastar esta área ou áreas ecológicas com outras do Brasil.

Seria o estudo realizado com o entendimento de que, embora clima e terreno *estabeleçam os limites* da capacidade do homem de existir e multiplicar-se num dado meio, ou em outras palavras, embora as características físicas definam as fronteiras, por assim dizer, da economia que pode desenvolver, não a *determina*. Ao contrário, verifica-se amiúde, em última análise, que os problemas locais de subsistência não são basicamente nem geográficos nem econômicos, mas, sim, humanos e culturais, evoluindo do comportamento tradicional e da vida coletiva.

A solução de qualquer um desses problemas, por conseguinte, requer, em primeiro lugar, *consciência da existência* de tais problemas humanos e culturais. Reside aí, com toda probabilidade, não apenas o problema principal, mas também o mais difícil de resolver e, daí, o mais frustrador. E, em segundo, a solução de qualquer problema prático exige também uma análise cuidadosa do papel, numa dada situação, destes problemas humanos e culturais. Em terceiro, demanda uma tentativa realista de alterar essas circunstâncias subjacentes, determinantes, causativas, humanas e culturais, ou ajustar-se efetivamente a elas.

Com referência aos retirantes que ora deixam o Vale em números crescentes (ver Capítulo II, "*Mobilidade*", Tomo II), poder-se-ia não somente formular a pergunta: "Por que esses indivíduos deixam essas localidades?" Mas a pergunta igualmente significativa: "Por que outros nelas permanecem?" Com excessiva frequência, infelizmente, esta pergunta correlata, necessária e, de



fato, indispensável, não é feita — tenha a indagação a ver com as migrações ou com outro fenômeno social, como, por exemplo, o crime e a delinquência juvenil — embora tal estudo pudesse concebivelmente lançar uma clara luz sobre os problemas envolvidos.

Se passarmos dos problemas ecológicos para os de pesquisa de qualidade mais estritamente sociológica ou social-antropológica, poderia ser útil indagar, em primeiro caso, em que extensão o Vale do São Francisco constitui também uma área *cultural* distinta de áreas contíguas ou outras do país? Ou em que extensão é talvez composta de certo número de áreas, cada uma delas existente em parte ou inteiramente no Vale?

Poder-se-ia começar perguntando em que extensão a atual cultura, sobretudo a dos grupos de *status* inferior, é de origem européia do século XVII e, daí, reminiscentemente medieval; ou de origem européia mais recente, como, por exemplo, na área em volta de Belo Horizonte; em que medida deriva de culturas americanas, especialmente em áreas tais como a Ilha do Toré, na fronteira entre Pernambuco e Bahia; ou em que grau tem origem africana, sobretudo em áreas como, por exemplo São Romão e Juazeiro; ou se é ainda de outra fonte, como a trazida, por exemplo, pelos libaneses à Pirapora. Dado o grau atual de fusão e a dificuldade óbvia de apurar grande parte das respectivas contribuições com precisão em data tão recente como agora, tal inquérito seria, talvez, uma tarefa extremamente árdua, de modo que seu valor teórico e prático talvez não justificasse o tempo e o esforço necessários.

Com referência, no entanto, à contribuição portuguesa à cultura do Vale, poder-se-ia indagar com maior possibilidade de sucesso, em que extensão hipóteses formuladas por aquele em geral percuciente (embora, nem sempre) observador do século XIX, Richard Burton, são válidas no presente. "Portugal, a extremidade ocidental das conquistas de Roma", escreveu Burton (I:208-209) "continua a ser até hoje o mais romano dos países latinos. A sua língua é a que mais se aproxima da fala da antiga soberana do mundo. O seu povo conserva ainda a robustez e a perseverança, ocasionalmente degenerando em obstinação; o turbulento amor à liberdade; o materialismo e o espírito-não-artístico; o conservantismo e o amor à rotina... que distinguiram os antigos conquistadores do mundo. Mesmo nos dias atuais (cerca de 1860) o viajante vê, atônito, em Portugal, a vida doméstica de Roma, sua poesia e literatura, suas artes e ciências. E a forma arcaica de civilização estendeu-se mesmo ao Brasil. Aqui, embora tão distante de seu centro étnico e misturado com uma variedade de elementos conflitantes, é facilmente reconhecida". Deve ficar claro, naturalmente, que estas conclusões não são, em nenhum sentido, as do presente



autor. Mas podem ser hipóteses úteis para confirmação, modificação ou rejeição à luz de estudo ulterior. E a sua comprovação poderia lançar uma significativa luz sobre a natureza e função do atual sistema ou sistemas associativos e culturais no Vale.

De qualquer modo, parece ao autor que o problema básico prático de natureza sociológica ou social-antropológica no Vale pode ser a assimilação incompleta na ordem social brasileira, pelo menos da forma em que isto é representado nos centros metropolitanos de hoje, dos membros da camada não-alfabetizada e de baixo *status* da população local, acrescida de uma aculturação incompleta, quanto à cultura destes centros, situação esta compartilhada em graus variáveis e, às vezes, em extensão considerável, também pelas elites locais; a assimilação e aculturação incompletas que deixaram em funcionamento, na cultura de que participam os indivíduos do presente, elementos parcial ou inteiramente derivados de fontes medievais européias, ameríndias, africanas ou outras e transmitidos de geração à geração por habitantes não-alfabetizados, parcial ou quase completamente isolado durante um considerável período de tempo.

Isto porque, com algumas exceções limitadas, mesmo os moradores das cidades da maior parte do Vale viveram especialmente muito isolados e, em grau apreciável, também costumeira e psiquicamente. Os residentes de vilarejos e da área rural circunvizinha sofreram um isolamento ainda mais completo. Não se trata, naturalmente, de uma questão de isolamento *absoluto*, mas de graus variáveis, todos os quais, contudo, foram consideráveis em grandes áreas do Vale, variando, naturalmente, das cidades e vilarejos muito distanciados dos centros, como Brejo da Serra, a outros que mantinham contatos bastante diretos com as capitais, como Belo Horizonte; das localidades ribeirinhas em contraste com outras, afastadas do rio; e das sem estradas, como Correntina, e de outras ainda com transporte terrestre diário. É grande também a variação quanto a contatos anteriores durante longo período de tempo, de maiores contatos, por exemplo, de Montes Claros, de um lado, a em menor grau como em Abaeté; e com referência a tipos de cidades, por exemplo, uma meca como Bom Jesus da Lapa em contraste com Morpará e Coripós. Não se trata tampouco de uma questão de falta *absoluta* de aculturação a uma ordem tecnológica e cultural do século XX, mas, sim, de graus variáveis, a maioria dos quais, contudo, é considerável.

Caso se deseje êxito em qualquer tentativa de introduzir mudança social dirigida, é preciso compreender as raízes das atuais relações sociais, que mergulham profundamente no passado. Seria, por conseguinte, frutífero para finalidades práticas e teóricas estudar mais do que foi possível aqui outras questões de importância histórica, como, por exemplo, as características sociais e psíquicas dos europeus colonizadores, incluindo os bandeirantes



e seus descendentes no Vale; as formas e a intensidade dos contatos entre os colonos que chegavam, os ameríndios nativos e os africanos; a extensão em que os padres missionários, especialmente os jesuítas, estimularam os processos de assimilação e aculturação; o papel do "padrão da vingança" no fortalecimento da solidariedade grupal etc. O objetivo aqui seria obter conhecimento mais íntimo da natureza e funcionamento do atual sistema associativo e cultural.

Poder-se-ia dedicar também maior atenção do que foi possível, durante nosso estudo, à natureza e função da diferenciação social no Vale, especialmente na delimitação das linhas precisas de camadas de classe, onde existem, e aos critérios pelos quais foram determinadas. Nos estudos atuais sobre classe de autoria de numerosos intelectuais nota-se um alto grau de ambiguidade e irrealidade. Uma investigação detalhada, exaustiva e imparcial desses fenômenos no Vale poderia, por conseguinte, revestir-se de considerável significação teórica e prática.

Especial atenção poderia ser dada à identificação mais precisa e completa dos critérios exatos que determinam o *status* e o prestígio nesta e noutras conexões, bem como a ordem relativa de importância entre esses critérios, entre, por exemplo, idade, sexo, competência pessoal, afiliação familiar, grau de educação, conhecimentos acumulados, extensão dos recursos econômicos, maneiras, uso da etiqueta "apropriada", vestuário e aparência pessoal (incluindo a textura do cabelo e a cor da pele) e, possivelmente, outros critérios.

Neste contexto, mas também como estudo frutífero em si, poder-se-ia focalizar mais atenção nas características pessoais e sociais do indivíduo, derivadas da dedicação, durante um período de anos, à mesma ocupação em qualquer parte do Vale. Poder-se-ia com vantagem descrever e analisar mais amplamente tipos ocupacionais como o vaqueiro, o tropeiro, o boiadeiro, o pescador, o garimpeiro, o remeiro, o comandante de vapor fluvial, o marinheiro, o carregador, o lavrador, o fazendeiro, o curandeiro, o "curador-espírita", o benzedeiro, o farmacêutico, o lenhador, o carregador de água, o carreiro, o artista manual (incluindo os fabricantes de cerâmica, cestos, redes, chapéus, rendas, esteiras e carvão), o carvoeiro, o seleiro, o sapateiro, o carpinteiro, o marceneiro, o trabalhador em ferro, o calafate, o pedreiro, o ourives, o escultor e o pintor popular, o padeiro, o açougueiro, o alfaiate, o barbeiro, o mascate, o chefe político, a professora, o padre, o pastor protestante, a parteira, a lavadeira, a costureira, a doceira, o sacristão, o coveiro, o mendigo profissional, bem como tipos de ocupações relativamente novas e que ora aparecem em considerável parte da área como o motorista de caminhão, o dentista, o advogado, o eletricitista, o médico e a enfermeira formada.

A rede de relações pessoais, íntimas, que ligam os membros da família nuclear, o grupo de parentesco e o sistema de compadrio,



juntamente com a interação que se faz sentir dentro desses grupos, figuram entre os mais importantes fenômenos de natureza sociológica no Vale. É provável que todos os aspectos da vida no passado — incluindo o econômico, o político e o religioso — tenham sido integrados em volta dessas três unidades básicas da coesão social, e ainda o são em grau considerável, embora em gradual diminuição. Seria frutífero, por conseguinte, investigar mais do que foi possível dentro dos limites de nosso estudo, a natureza precisa e a função desta intrincada, extensa e determinante rede de relações, juntamente com a interação que a produziu e a mantém.

O domínio numa comunidade de imenso grupo de parentesco, como em Irecê, contrasta acentuadamente com a proliferação de diferentes famílias, muitas também de origem diversa, em certas outras comunidades do Vale, especialmente na parte extrema alta, ao passo que outros elementos de solidariedade e controle social em cada localidade variam algo, como por exemplo, em Rio Rico, de um lado, e Barra, do outro. Poder-se-ia estudar, por conseguinte, em maiores detalhes do que aqui foi possível, a natureza da solidariedade e controle social na vida comunitária local, com especial atenção a possíveis mudanças a este respeito que estão ocorrendo, ou ocorreram recentemente.

Poder-se-ia também, naturalmente, estudar questões que se encartam em campos da ciência social *aplicada* como o direito, a política, a educação e os serviços sociais. Uma vez, contudo, que existem hábeis especialistas nesses campos e desde que a competência que o autor possa possuir diz respeito a outros aspectos do quadro total, seria aconselhável deixar esses campos a mãos mais competentes.

Como ilustração, contudo, do tipo de estudos de natureza estritamente *sociológica* que poderiam ser empreendidos com referência a esses campos das Ciências Sociais aplicadas, o prezado leitor talvez queira consultar as sugestões referentes à educação, da forma consignada na parte final do Capítulo VI deste volume, intitulado *Preparação Formal e Informal para a Vida*. Os comentários aí contidos são meramente sugestivos. Mas talvez indiquem indagações significativas que, embora de caráter absolutamente fundamental, não são com frequência feitas. Com referência ao campo aplicado do Direito, o leitor talvez queira consultar o perspicaz e estimulante estudo de um dos nossos pesquisadores, o Prof. Cândido Procópio Ferreira de Camargo, sobre o direito popular (1952), isto é, as práticas legais comuns surgidas do contato humano numa área relativamente isolada, em circunstâncias de fronteiras, e que, em alguns respeitos pelo menos, concorrem agora com leis estaduais ou nacionais subsequentemente introduzidas; ou poderia estudar, como observa também nosso pesquisador, “a complexa e rica organização jurídica dos garimpeiros e pescadores”.

## D — APÊNDICE



## ALGUMAS SUGESTÕES SOBRE O PLANEJAMENTO SOCIAL

Oferecer conselhos sobre a solução dos problemas sociais observados no Vale do São Francisco seria, talvez, presunçoso de parte do autor que foi hóspede do Brasil durante as duas décadas em que viveu nesse grande país e, por isso, não tem o direito de dizer aos seus hospedeiros o que devem fazer.<sup>1</sup> Mas talvez fosse útil sugerir, pelo que merecem, algumas "diretrizes" para o planejamento social em geral.

Se algo se aprendeu no extenso planejamento social e, de modo geral, bastante eficaz, que vem sendo executado nos Estados Unidos há mais de meio século, foi que a introdução deliberada da mudança social constitui empreendimento difícil e, não raro, precário. Poucos, se é que alguns planos funcionam realmente na prática como seus patrocinadores, por mais entusiastas e competentes possam ser, prevêem no início.

É naturalmente possível tentar "solucionar" um problema social, como os dirigentes dos sistemas absolutistas ou totalitários extremamente organizados procuram fazer, aplicando a força bruta, como houve, por exemplo, na tentativa prussiana, no século XIX, de abolir a língua polonesa; no esforço realizado em seguida à I Guerra Mundial para solucionar um problema "racial" na Turquia mediante expulsão de uma minoria inteira, a grega; ou pelo aniquilamento sistemático de pessoas ou mesmo de grupos completos, envolvendo milhares e mesmo milhões de indivíduos como lamentavelmente aconteceu em nossa época.

1. Por solicitação de seus hospedeiros, o autor ofereceu há alguns anos, juntamente com dois colegas brasileiros, certas sugestões específicas no tocante ao processo educacional, esfera esta de especialização sua e deles (ver, 1952, no Bibliografia). E ampliou um pouco essas sugestões no final do Capítulo VI, intitulado "Preparação Formal e Informal para a Vida", constante deste volume.

As "soluções" desse tipo, porém, são na melhor das hipóteses temporárias, da maneira como a história encara tais assuntos. Raramente ou nunca são permanentes. Durante algum tempo podem parecer duradouras, mas os assuntos humanos têm uma maneira própria de informar-nos, no fim, que aparência não é realidade. Os poloneses curvaram-se durante algum tempo sob o peso dos exércitos prussianos, é verdade. Mas ainda falam hoje polônês.

Demais disso, essas "soluções" não devem, naturalmente, ser toleradas por povos que vivem segundo princípios democráticos, por aqueles cujo interesse pelos seus concidadãos vai além daquele do fanático que acredita, complacente e farisaicamente, que aquilo que considera melhor para seu povo é a *única* maneira para ele e que está resolvido a fazê-lo gostar do que gosta, mesmo que tenha de matá-lo no processo. O que essas desorientadas pessoas descobrirão afinal, se viverem o suficiente, é que a força nos assuntos humanos — excluído, naturalmente, o aniquilamento completo de todo o grupo em questão — coisa alguma soluciona permanentemente, mas, apenas, talvez, por pouco tempo.

A introdução deliberada da mudança social é em toda parte difícil e, às vezes, precária em virtude da tenacidade da tradição, elemento este constante em nossas vidas e cujo ímpeto tende a levá-la a ultrapassar o presente e se projetar no futuro. É também difícil e ocasionalmente precária porque a cultura de qualquer povo, num determinado momento, é um todo orgânico cujas partes são interdependentes numa unidade ativa. Se a mudança vem em uma das partes, ela finalmente, mais cedo ou mais tarde, influenciará todas as demais. Destarte, a fim de alterar eficaz e permanentemente uma parte é necessário introduzir pelo menos alguma mudança em todas as demais. Se tal não puder ser feito, a mudança inicial poderá ser invertida.

Mesmo que haja certo desequilíbrio entre as variadas partes da vida de uma comunidade, como amiúde acontece nas áreas metropolitanas, onde a mudança não apenas ocorre extensamente mas aumenta de intensidade e em taxa, a interdependência restante das partes não constitui, por isso, influência menos vital sobre as fases subsequentes da mudança.

Por todos esses motivos é imperativo que aqueles que procuram introduzir programas que alterarão costumes antigos, se querem que sejam permanentemente eficazes, têm que levar em conta, acima de tudo, o papel da tradição nos assuntos humanos. Precisam também entender a natureza e a função da cultura em questão, identificar os elementos correntes de prestígio na comunidade e procurar usá-los para que seus esforços sejam corroborados por forças poderosas existentes dentro da própria cultura. E durante todo tempo devem compreender que a pressa máxima somente poderá ser obtida adicionando-se alguns e pequenos



incrementos de cada vez, avaliando com cuidado, entretantes, a situação em desenvolvimento, agindo sempre com cautela e por tentativas, em vez de querer avançar "aos saltos".

Talvez mais importante ainda do que o conhecimento da cultura e de sua função, contudo, bem como o esforço deliberado para levar em consideração essas realidades culturais, seja a necessidade de compreender os elementos *humanos* envolvidos, conhecer bem as pessoas que se procura ajudar, e entender-lhes os desejos, esperanças, aspirações e motivação, bem como a disposição, e a capacidade, de granjear-lhes não somente apoio mas também ajuda ativa ao novo projeto. Quando falha o planejamento social, isto muitas vezes acontece porque os próprios trabalhadores nem revelaram possuir inteligência nem informações. Pensaram principalmente em termos abstratos. Careceram do cáldido interesse pelos seres humanos, como pessoas reais, que constitui uma das melhores garantias do sucesso, para não falar dos obstáculos que desnecessariamente criam por não compreender desde cedo a origem de qualquer forma de oposição que surja e — pior que tudo — por procurar removê-la violentamente.

Poderia ser útil relembrar a experiência de um funcionário de campo das Nações Unidas há alguns anos na Coréia do Sul. Em 1953, segundo anunciou *The New York Times* em 30 de janeiro de 1958, devolveu ele a uma aldeia a pequena soma de U.S.\$ 37,50 que os moradores haviam pago pelo cereal que não queriam aceitar como caridade. O funcionário utilizou este dinheiro para melhorar a irrigação nos arrozais dos aldeões a fim de aumentar-lhes o rendimento. Embora pequena a importância em dinheiro, foi grande o investimento dos próprios aldeões em tempo e trabalho. No fim, o procedimento surtiu efeito. O rendimento do arroz sextuplicou em comparação com o do ano anterior, com um lucro de 800 a 1 sobre o investimento original. A luz dessa experiência, a Federação de Ajuda às Crianças do lugar adotou este procedimento como política definitiva. Em todos os casos, o trabalho local real tornou-se a chave da concessão da ajuda subsequente.

Comentou a propósito *The New York Times*: "O importante a considerar aqui é que o investimento em dinheiro foi insignificante. Mas houve investimento de outras coisas. Houve compreensão do povo que iria ser ajudado. Houve capacidade de granjear-lhe o apoio e a cooperação. Houve um apelo à sua lealdade e iniciativa. E houve um elemento invariável de cáldido interesse humano. Nem todos os investimentos apresentam um lucro de 800 a 1. Talvez se os investimentos espirituais acompanhassem os econômicos a taxa de lucratividade subisse. Este caso parece demonstrar esse fato."

Com referência ao planejamento social, da forma especialmente encarada pelo antropologista social ou cultural, poder-se-ia



também recordar que, há algum tempo, um grupo de professores e alunos de pós-graduação da Universidade da Califórnia, após se reunirem várias vezes num período de doze semanas a fim de discutir maneiras de aumentar a eficácia do planejamento social, preparou uma lista de sugestões a serem seguidas quando se procurasse introduzir programas dirigidos de mudança social.<sup>2</sup>

A maioria dos membros deste grupo tivera "experiência de campo" em vários países, incluindo o Brasil, Chile, Peru, México, El Salvador, Irã, Índia, Ceilão, China e Estados Unidos. Todos os oito professores do grupo eram experientes quanto à pesquisa, administração ou magistério de saúde pública, figurando entre eles um antropologista cultural, o Dr. George Foster, antigo diretor do Instituto de Antropologia Social da Instituição Smithsonian, e, mais tarde, colaborador, durante vários anos, na avaliação e planejamento de programas de saúde pública, especialmente na América Latina. Entre os estudantes de pós-graduação contavam-se o Dr. Nilo de Brito Bastos, do Serviço Especial de Saúde Pública, e Hortênsia de Holanda, do Ministério da Saúde do Brasil.

Houve acordo geral em que todos os procedimentos sugeridos — 12 ao todo — pareciam aplicar-se à maioria, se não a todos os casos conhecidos de tentativas de planejamento social no mundo. As sugestões em si, contudo, levaram os membros do grupo a apressar-se a observar que não deviam ser considerados substitutos de "análise exaustiva e acurada da comunidade antes de ser o programa inteiramente planejado e iniciado". Nem tampouco as sugestões se aplicavam a todas as situações. A algumas, sim, a outras, não. Apesar de tudo, foram consideradas de valor prático para todas as pessoas interessadas em programas de mudança social orientada. Ao que parece ao autor em fraseado algo mais preciso e numa ordem mais lógica, foram as seguintes:

1. Conheça a cultura na qual vai ser introduzida a mudança.
2. Pense em termos do potencial verdadeiro da comunidade em questão, e não em termos de um programa ideal a ser executado numa comunidade ideal.
3. Quaisquer que sejam as esperanças a longo prazo, comece com um projeto pequeno e sem complicações, que ofereça possibilidade de resultados óbvios dentro de um período de tempo relativamente curto.
4. Procure apresentar um programa que seja integrado, e não uma série de projetos separados, sem relações entre si.
5. Selecione com extremo cuidado o local de introdução da projetada mudança.
6. Dedique atenção especial à escolha da pessoa ou pessoas de fora que vão introduzir a mudança.

2. Ver George M. Foster, "Guidelines to Community Development Programs", *Public Health Reports*, Vol. 70, N.º 1 (janeiro de 1955), págs. 19-23.



7. Não peça a pessoa alguma na comunidade que faça algo que possa ameaçar-lhe a margem talvez já estreita de segurança material.

8. Aproveite a natureza pragmática de todas as pessoas, em toda parte, apelando para os valores pragmáticos já adotados pelos moradores.

9. Siga a melhor sequência possível no lançamento do programa.

10. Utilize em todos os casos possíveis a liderança existente na comunidade.

11. Envide todos os esforços para evitar que alguma pessoa da localidade se manifeste *contra* o projeto.

12. Exija pelo menos um pagamento simbólico por serviços e materiais prestados ou entregues à comunidade.

Tais sugestões, nessa forma curta e abstrata talvez não sejam tão úteis como se fossem ampliadas algo mais. Consequentemente, com a bondosa permissão do autor e do editor, alguns dos comentários do Dr. Foster a respeito das sugestões são transcritos abaixo em forma algo modificada e, ocasionalmente, ampliada:

1. Desde que a finalidade da mudança social dirigida é acrescentar algo ou alterar de outra forma alguma coisa já existente, isto é, a cultura local, é claro que se precisa saber o que é esse "algo" antes de tentar mudá-lo. Não há, infelizmente, atalhos para esse conhecimento imprescindível. É preciso trabalho, o que requer tempo e paciência. Na maioria dos casos, é realizado melhor pelo antropologista social ou cultural treinado ou o sociólogo que procuram interpretar a cultura da localidade como um todo, que está familiarizado com os motivos de introdução do novo elemento e que levará também em conta as necessidades do administrador local do projeto. Às vezes, é difícil ao administrador compreender a necessidade de encarar a cultura como um todo. E o motivo é que, no início, não é frequentemente fácil descobrir quais são as circunstâncias culturais mais importantes que influenciam a nova proposta. As crenças sobrenaturais de um povo a respeito de sementes de milho, por exemplo, podem ser aquilo que impeça a adoção de uma variedade híbrida, ou um ponto obscuro no sistema de prestígio talvez constitua a chave para a adoção vitoriosa de algum outro elemento de mudança.

2. Os novos programas terão de ser eventualmente executados, em grande parte, pela própria gente local. O excesso de planejamento, ou um programa ambicioso demais, digamos, para um pequeno centro rural, pode sobrecarregar indevidamente o povo com um compromisso de manutenção cujos custos somente seriam suportados por uma comunidade mais próspera, industrial.



3. É difícil, se não impossível, manter o entusiasmo invariável dos habitantes a respeito de qualquer novo elemento cultural se os resultados não surgirem logo. Os líderes locais que se identificam com o novo programa e o defendem entre seus concidadãos podem pôr em risco sua posição se não exibirem resultados definidos dentro de um período razoável de tempo. Colaboradores potencialmente úteis na comunidade foram frequentemente perdidos, ou mesmo despertada sua oposição ativa, simplesmente porque os resultados não puderam ser mostrados com suficiente rapidez, ou porque a ajuda externa prometida, e com a qual talvez contassem, custou a ser concretizada.

4. Na medida do possível, é geralmente aconselhável pensar em termos de desenvolvimento da comunidade total, e não de uma única área de melhoramento. Em primeiro lugar — e mais importante — tipo algum de projeto funciona num vácuo. Um programa de saúde eficaz numa área rural depende do volume da produção agrícola, do grau de educação dos habitantes, de um governo municipal honesto e eficiente, e igualmente, de excedentes econômicos. Demais disso, em segundo lugar, a ampliação do programa dissemina de modo mais geral os investimentos de capital, reduzindo assim os custos unitários.

5. Paradoxal como possa parecer, neste estágio de nossos conhecimentos é geralmente aconselhável escolher para o novo programa uma comunidade que, em virtude de progresso anterior e do espírito avançado de seus membros, ofereça alguma garantia de progresso futuro. Com grande frequência, a comunidade é escolhida na base da pobreza absoluta de seus membros, isto é, na base da necessidade gritante de ajuda. Selecionar uma comunidade em melhor situação, argumenta-se, indicaria desprezo fundamental de parte dos planejadores sociais pelos princípios humanitários. Um número muito grande de projetos de outra maneira válidos foi condenado ao fracasso mesmo antes de ser lançado, simplesmente porque se escolheu o local mais difícil. Uma vez obtido certo sucesso numa comunidade, e tão logo tenha sido estabelecida a confiança do pessoal que vai introduzir a mudança que pudesse enfrentar com eficácia a situação local, será mais fácil ser eficaz em comunidades econômica e socialmente mais atrasadas. Com frequência, o exemplo bem sucedido de um vilarejo progressista fará toda a diferença entre o êxito e o fracasso numa comunidade próxima, mais necessitada.

6. A delegação de autoridade a indivíduos psicológica ou sociologicamente inadaptados ao trabalho a realizar, deu origem a tantos fracassos como talvez qualquer outra circunstância. É melhor não lançar um programa do que tentar executá-lo com pessoal incapaz. A falta de pagamento de salários suficientes constitui ocasionalmente uma das deficiências a esse respeito. O pagamento ra-



zoavelmente adequado é essencial por, pelo menos, dois motivos: atrair pessoas de inteligência e treinamento suficientes para compreender os problemas envolvidos; dar a essas pessoas suficientes *status* e prestígio dentro de sua própria organização burocrática para que elas se identifiquem com as metas da alta administração, e não as leve a sentir-se meramente como fracassados, mal pagos e menosprezados. O pessoal escolhido deve merecer o respeito de seus superiores e das pessoas entre as quais vai trabalhar.

7. De modo geral, o progresso será conseguido mais facilmente se o grupo onde a mudança está sendo introduzida situar-se entre os extremos mais baixo e mais alto da situação econômica do *status* social. Uma vez tenha sido demonstrado progresso com esse grupo, os benefícios obtidos provavelmente se disseminarão para cima e para baixo. O lavrador mais pobre não é geralmente o primeiro a experimentar um tipo melhorado de semente. Por mais urgente que sejam suas necessidades econômicas, ele conhece com base na experiência pretérita os perigos e limitações inerentes aos métodos tradicionais. Não é provável que ponha em jogo essa margem estreita, mas previsível, de segurança conhecida, arriscando-se à luz do que lhe diz um estranho.

8. Um fato significativo que emergiu de estudos recentes de mudança social dirigida é que as pessoas tendem a ser pragmáticas em um notável grau. Se podem ver pessoalmente os resultados que elas próprias reconhecem como benéficos, não importando se compreendem ou não os motivos envolvidos, quaisquer que sejam as próprias tradições, numerosas pessoas renunciam ao velho e adotam o novo. O problema, naturalmente, consiste em convencê-las de que algo será realmente benéfico.

9. As partes de um programa social devem ser adaptadas às demais, bem como ao meio cultural geral. Dando um exemplo, um destaque excessivo à medicina *preventiva* em programas de saúde pública, terá pouco sucesso até que a necessidade sentida de medicina *curativa* seja pelo menos parcialmente atendida. Ou, mais uma vez, livros e salas de leitura não podem ser eficazmente introduzidos numa comunidade até que a capacidade de ler tenha-se tornado um valor aceito pelo menos por parte significativa do grupo local e esta parte realmente clame por mais conhecimentos.

10. A evidência indica, de modo geral, que os líderes da comunidade, atuando através das suas instituições, tais como, a igreja, o governo municipal, as associações escolares, e assim por diante, constituem os instrumentos mais eficazes da mudança social. Indivíduos mediocremente ajustados à própria cultura e cujo descontentamento pode, por isso mesmo, levá-los rapidamente a auxiliar os inovadores estranhos, não serão, na maioria dos casos, os líderes mais eficientes dos novos projetos.

11. Quase sempre existem pessoas em todas as comunidades prontas e dispostas a se expressarem negativamente, sobretudo se o seu conselho não fôr buscado no tocante ao que se procura introduzir. E tão logo essas pessoas se manifestem *publicamente* contra um projeto, é difícil para elas mudar de atitude, pois isso implicaria "perda de prestígio". Se a cooperação positiva não puder ser obtida, deve-se pelo menos procurar evocar uma atitude neutra.

12. Em numerosas partes do mundo, o fato de algo ser dado gratuitamente contém uma forte implicação de ser destituído de valor. Até mesmo um pequeno pagamento, ajustado à capacidade do contemplado ou dos contemplados de pagar, amiúde contribui para criar a consciência de valor e despertar a cooperação, ao passo que o mesmo artigo ou serviço, se dados gratuitamente, seriam objeto de pouco caso ou recusados.



## BIBLIOGRAFIA\*

### TOMO III

Alves, Raul

- 1936 *O Canastra: romance regional dos sertões do norte*. Rio de Janeiro.

Ambrosio, Manoel

- 1934 *Brasil interior: Palestras populares, folk-lore das margens do São Francisco*. Editora Nelson Benjamin Monção. São Paulo.

- 1945 *A ermida do planalto*. Editora Monção. São Paulo.

Andrade, Mário de

- 1941 "Danças dramáticas iberobrasileiras", págs. 41-79 do livro, *Música do Brasil*. São Paulo. Originalmente publicada em *Lanterna Verde*.

Araújo, Alceu Maynard

- 1955a "A família numa comunidade alagoana", *Sociologia* (São Paulo), Vol. XVII, n.º 2, págs. 113-31.

- 1955b "Literatura de cordel", *Vida Rotária*, Ano VII, n.º 67 (outubro), págs.

- 1957a *Canta Brasil*. Editora Ricordi. São Paulo.

- 1957b "Sincretismo toré-candomblé", *Unitas*, Vol. XIX n.º 5 (maio), pág. 15 e seg.

\* Ver também as bibliografias dos Tomos I e II.

- 1957c "Considerações sobre a literatura oral em duas unidades brasileiras", *Sociologia*, Vol. XIX, n.º 4 (outubro), págs. 259-324.
- 1961 *Populações ribeirinhas do baixo São Francisco*. Ministério de Agricultura. Rio de Janeiro.
- 1962 *Escôrço do folclore de uma comunidade*, Editora Gráfica Municipal. São Paulo.
- *Passagem Grande: Cidade ribeirinha do Baixo São Francisco*. Manuscrito inédito.
- Barroso, Gustavo Dodt
- 1930 *Terra de sol*. 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro.
- Bezerra, Capitão João
- 1940 *Como dei cabo de Lampeão*. Rio de Janeiro.
- Boudin, Max H.
- 1949 "Aspectos da vida tribal dos índios Fulniô", *Cultura* (Rio de Janeiro), Ano X, n.º 3, págs. 47-76.
- Brandão, Theo
- 1953 "O reisado alagoano", *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), n.º CLV, págs. 7-225.
- Camargo, Candido Procópio Ferreira de
- 1952 "Alguns problemas jurídicos em Xique-Xique", *Sociologia*, Vol. XIV, n.º 4, págs. 293-309.
- Carvalho, Orlando M.
- 1937 *O rio da unidade nacional*. Companhia Editora Nacional. São Paulo.
- Casal, Aires do
- 1945 *Corografia brasílica*. Fac-simile da edição de 1817. 2 tomos. Tomo I, Ministério da Educação e Saúde; Tomo II, Imprensa Nacional. Rio de Janeiro.
- Cavalcanti, José Cordeiro
- 1948 *Maravilhas do santuário da Lapa*, São Paulo.



Costa, Esdras Borges

- 1955 "Relações de família em Cerrado e Retiro", *Sociologia*, Vol. XVII, n.º 2, págs. 132-46.
- 1960 *Cerrado e Retiro: Cidade e fazenda no Alto São Francisco*. Rio de Janeiro.

Costa, Francisco Augusto Pereira da

- 1905 *Contradicta às pretensões do município bahiano de Curaçá sobre a passagem da Bôa Vista no Rio São Francisco*. Recife.
- 1907 "Folk-lore pernambucano", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (Rio de Janeiro), Tomo 70, Parte 2.

Cruz, Levy

- 1954 "Aspectos da formação e desintegração da família em Rio Rico", *Sociologia*, Vol. XVI, n.º 4, págs. 390-412.
- *Rio Rico e os Gerais: Estudo de dois grupos humanos no Platô Ocidental do Vale do São Francisco*. Manuscrito inédito.

Cunha, Euclides da

- 1933 *Os Sertões*. 12.ª ed. rev. Rio de Janeiro. Edição norte-americana: *Rebellion in the Backlands*. University of Chicago Press, 1944.

Duarte, Nestor

- 1939 *A ordem privada e a organização política nacional*. Cia. Editora Nacional. Rio de Janeiro.

Freyre, Gilberto

- 1946 *Casa Grande e Senzala*. 2 vols. 5.ª edição. Rio de Janeiro.

Gardner, George

- 1846 *Travels in the Interior of Brazil, principally through the Northern Provinces, and the Gold and Diamond Districts, during the years 1836-1841*. Reeve Brothers London.

Gomes, Antonio Osmar

- 1953 "Tradições populares colhidas no Baixo São Francisco", *Anais do 1.º Congresso Brasileiro de Folclore*, Vol. II, págs. 151-299. Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura. Rio de Janeiro.

Hall, Robert King

- 1950 "Observações e impressões sobre o ensino rural no Brasil", *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (Rio de Janeiro), Vol. XIV, n.º 38, págs. 110-25.

Hohenthal, Jr., William D.

- 1954 "Notes on the Shucuru Indians of Serra de Ararobá, Pernambuco, Brasil", *Revista do Museu Paulista* (São Paulo), Vol. VIII, Nova Série, págs. 93-166.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

- 1949 *Estado de Pernambuco (Informações Estatísticas)*. Rio de Janeiro.
- 1954 *VI Recenseamento geral do Brasil — 1950, Série Regional: Vol. XXI, Censo demográfico de Minas Gerais, Tomo I*. Rio de Janeiro.
- 1956 *Ibid.: Vol. XIX, Censos demográficos e econômicos, Estado de Sergipe*. Rio de Janeiro.

Instrução

- 1898 "A instrução pública e particular em Minas Gerais, nos anos de 1824 e 1825", *Revista do Archivo Público Mineiro* (Belo Horizonte). Ano III, Fascículos III e IV, págs. 639-73.

Kidder, Daniel P.

- 1845 *Schetches of Residence and Travels in Brazil*. 2 vols. London.

Leão, A. Carneiro

- 1951 "The Evolution of Education in Brazil", Capítulo 14, págs. 313-333 em *Brazil: Portrait of Half a Continent*, Organizado por T. Lynn Smith e Alexander Marchant. New York.



Lourenço Filho, M. Bergström

s.d. *Joaseiro do Padre Cícero*. Comp. Melhoramentos. São Paulo.

Lowie, Robert H.

1946 "The Pancararu", pág. 561 do Tomo I do Livro *Handbook of South American Indians*, organizado por Julian H. Steward. Government Printing Office. Washington, D.C.

Melo, José Maria de

1950 *Enigmas populares*. Editora "A Noite". Rio de Janeiro.

Pereira, Demonsthenes Guanaes

1949 *Carnaubal: Nos barrancos do Rio São Francisco*. São Paulo.

Pierson, Donald

1942 *Negroes in Brazil: A Study of Race Contact at Bahia*. University of Chicago Press. Chicago. Edição brasileira: *Branços e Pretos na Bahia: Estudo de Contato racial*. São Paulo, 1945. (2.<sup>a</sup> edição brasileira revista, São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971).

1951 *Cruz das Almas: A Brazilian Village*. Smithsonian Institution. Washington, D.C. Edição brasileira: *Cruz das Almas*. José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1966.

1954 "The Family in Brazil", *Marriage and Family Living* (National Council on Family Relations), Vol. XVI, n. 4, págs. 308-13.

1955a "Race Relations in Portuguese America", em Andrew W. Lind (organizador), *Race Relations in World Perspective*, págs. 433-62. Editora da Universidade de Havai.

1957 *Teoria e Pesquisa em Sociologia*. 5.<sup>a</sup> edição, Comp. Melhoramentos. São Paulo. (13.<sup>a</sup> edição, 1971).

Pierson, Donald, Octavio da Costa Eduardo e Levy Cruz

1952 "Hipóteses e sugestões sobre o ensino no Vale do São Francisco", *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Vol. XVII, n.º 46 (abril-junho), págs. 22-37.

Pinto, Estevão

1935 Os indígenas do Nordeste. Vol. I. São Paulo.

1938 *Ibid.* Vol. II. São Paulo.

1953a *As máscaras-de-dança dos Pancararus de Tacaratu*. 5.<sup>a</sup> edição, Recife.

1953b "Os Fulniô: uma cultura em transição", *Diário de Pernambuco* (Recife), 1 de novembro.

1956 *Etnologia brasileira: Fulniô — Os últimos Tapuias*. São Paulo.

Pompeu Sobrinho, Thomaz

1935 "Índios Fulniôs: Karnijós de Pernambuco", *Revista do Instituto do Ceará* (Fortaleza), Vol. LXIV, págs. 31-58.

Prado, José Nascimento de Almeida

1951 "Baile pastoril no sertão da Bahia", *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), Vol. CXLIV, págs. 7-160.

Proença, M. Cavalcanti

1944 *Ribeira do São Francisco*. Biblioteca Militar, vol. LXXVI. Rio de Janeiro.

Ramos, Arthur

1948 "O folk-lore do São Francisco", págs. 277-88 do livro, *A aculturação negra no Brasil*. Cia. Editora Nacional. São Paulo.

Rego, José Lins do

1938 *Pedra Bonita*. Ed. José Olympio. Rio de Janeiro.

Requerimento

1902 "Requerimento dos moradores de São Romão, pedindo a restauração das justiças de seu Julgado (1805)", *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Anno VII, Fascículos III e IV (julho a dezembro), págs. 973-77.

Rocha, Geraldo

1940 *O Rio de São Francisco*. São Paulo.



Rodrigues, Raymundo Nina

- 1932 *Os africanos no Brasil*. Cia. Editora Nacional. São Paulo
- 1935 *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro.

Saint-Hilaire, Augusto de

- 1937 *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goyaz* (tradução do tomo I, *Voyage aux sources du Rio de San Francisco et dans la province de Goyaz*, 2 vols.: Paris, 1837). Tomo I. Cia Editora Nacional. São Paulo.
- 1938a *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goyaz* (tradução do tomo II, *Voyage aux sources du Rio de San Francisco et dans la province de Goyaz*, Paris, 1848). Tomo II. Cia. Editora Nacional. São Paulo.
- 1938b *Viagem pela províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*, (2 vols.: Paris, 1830). 2 tomos. Cia. Editora Nacional. São Paulo.
- 1944 *Viagens pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil* (tradução do *Voyage dans le district des diamans et sur le littoral du Brésil*, Paris, 1833). Cia. Editora Nacional. São Paulo.

Sales, Herberto

- 1952 "Sangue para as almas: flageladores de Xique-Xique, um rito da idade média", *O Cruzeiro* (Rio de Janeiro), 26 de abril, págs. 11-24, 124. (Com fotografias de Flávio Damm.)

Sampaio, Theodoro

- 1906 "Rio de São Francisco", Parte I, págs. 5-91, de *O Rio de São Francisco e a Chapada Diamantina, 1879-80*. São Paulo.

Santos, Rubens Rodrigues dos

- 1955 "Roteiro de Paulo Afonso", *O Estado de São Paulo*, 15, 22, e 29 de janeiro; 5, 9, 12 e 26 de fevereiro; 5, 12, 19, e 29 de março; 5, 12 e 20 de abril; 1, 12 22 de maio.

Segura, Padre Turíbio Vilanova

- 1943 *Bom Jesus da Lapa*. Editora Mensageiro de Fé Ltda. Salvador.

Silva, Fernando Altenfelder

- 1958 "A educação em duas comunidades do São Francisco", *Sociologia*, Vol. XX, n.º 1, págs. 3-17.  
1961 *Xique Xique e Marrecas: Duas comunidades do Médio São Francisco*. Rio de Janeiro.

Simmel, Georg

- 1908 *Soziologie*. Leipzig.

Smith, T. Lynn

- 1954 *Brazil: Peoples and Institutions*. Edição revista. Louisiana State University Press. Baton Rouge.

Stone

- 1955 "Stone Prophets", *Time*, 26 de setembro.

Taunay, Affonso de Escragno

- 1929 *História geral das bandeiras paulistas*. Tomo V. Tip. Ideal. São Paulo.

Trigueiros, Ediberto

- *A língua e o folk-lore do Vale São Francisco*. Manuscrito inédito.

Trinidade, Washington Luiz da

- 1951 "O casamento religioso e a lei 1.110 de 23 de maio de 1950", *Revista dos Tribunais* (Salvador), Vol. 43, n.º 1.

Trujillo Ferrari, Alfonso

- 1955 "A Família em Potengi", *Sociologia*, Vol. XVII, n.º 2, págs. 147-62.  
1960 *Potengi: Encruzilhada no Vale do São Francisco*. São Paulo.



Valverde, Orlando

- 1944b "Dois ensaios de geografia urbana: Pirapora e Lapa", *Revista Brasileira de Geografia* (Rio de Janeiro), Ano VI, n.º 4 (outubro-dezembro), págs. 509-26.

Viana, Urbino

- 1935 *Bandeiras e sertanistas bahianos*. Cia. Editora Nacional. São Paulo.

Vianna, F. J. Oliveira

- 1933 *Evolução do povo brasileiro*. Cia. Editora Nacional. São Paulo.

Wells, James W.

- 1886 *Exploring and Travelling Three Thousand Miles through Brazil from Rio de Janeiro to Maranhão*. 2 vols. Sampson Low, Marston, Searle, and Revington. London.

Willems, Emilio

- 1948 *Cunha: Tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*. Rothschild Loureiro. São Paulo.
- 1952 "Caboclo Cultures of Southern Brazil", págs. 231-43 em *Acculturation in the Americas*, Tomo II da obra, *Proceedings of the 29th International Congress of Americanists*, organizado por Sol Tax. 3 vols. Chicago.

## ÍNDICE ANALÍTICO



Abaeté, 70, 115, 351, 465.  
 Abraço, 13; função do, 13; "incompleto", 13; ocasiões em que se dá o, 13; sua variação com sexo, 13.  
 Aculturação, 455, 465, 466.  
 Acolites, 87, 90.  
 Ademar de Barros, 188, 282.  
 Adjá, 199.  
 Afilhado, 63; de batismo, 62; "de fogueira", 63; as obrigações do, 62.  
 Africanos, 42, 54, 67, 239, 240.  
 Agôgô, 199, 203.  
 Aguardente ("cachaça", "quente", etc.), 210, 230, 237; loas da, 10.  
 Água sagrada, 126.  
 Águas Belas, 61, 72, 198, 205, 232, 235, 341.  
 "Ajuça", 223.  
 Aleijadinho (Antônio Francisco Lisbôa), 78, 99.  
 Alfabetização, 263, 272, 340, 391; grau de, 263, 343, 344, 395.  
 Alfazema, 220, 299.  
 Almas santas benditas, 146, 148, 157, 158.  
 Aluá, 135.  
 Alunos, 6, 346; sua frequência à escola, 351, 370, 396; livros velhos usados por, 358, 369; ocupações de pais de, 349, 350; roupa de, 351; seu número no Vale, 346, 347; sua distribuição por ano escolar e sexo, 348, 372, 392; sua mobilidade ecológica, 347; repetição em voz alta de lições por, 358; variação de sua idade no mesmo ano escolar, 347, 372. Ver também "Educação", "Escolas".  
 Ameríndios, 38, 42; remanescentes de, 67.  
 Amigação, 40, 41.  
 Aneotas, 62, 284, 323.  
 Antônio Conselheiro, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198.  
 Antônio Guedes de Brito, 79.  
 Apelidos, 22, 374; duração do seu uso, 319; largamente usados, 314; mais de um para a mesma pessoa, 319; origens de, 315.  
 Aprendizagem, remanescentes do antigo sistema de, 334, 367, 379, 460.  
 Arapiraca, 453.  
 Areia Solta, 76, 108, 115, 126, 127, 134, 412.  
 Aroeira, 234, 429.  
 Arruda, 309, 247, 428.  
 Assimilação, 67, 68, 460, 465, 466.  
 Atabaques, 199, 203, 204, 236.  
 Atitudes, *passim*; para com apelidos, 320; para com o candomblé, 198, 200; para com a criança, 51, 321, 326; para com o culto dos Penitentes, 71, 157, 170; para com a doença, 424; para com a educação, 334; para com Espiritistas, 181; para com filhos naturais, 46; para com governo e governadores, 248, 268; para com ilegitimidade, 425; para com Maçonaria, 180; para com a Missa, 117, 118, 243; para com a "moça velha", 406; para com a morte, 244, 433; para com o padre, 69, 88; para com a parteira, 305, 310, 330; para com a paternidade, 425; para com os Penitentes, 157; para com a política, 246, 250; para com

a professora, 337; de professoras frente ao trabalho, 334; para com os Protestantes, 71, 178, 179; para com os santos, 93, 242; para com o toré, 207, 208, 230; quanto à amigação, 40, 41; quanto ao casamento, 35, 406; quanto ao casamento religioso, 37; quanto ao cruzeiro da igreja, 84; quanto ao defloramento, 37; quanto à esterilidade, 424; quanto ao possuir casa própria, 31, 416; quanto a ritual, cerimônia e crença, 67, 244; realísticas quanto aos problemas de Educação, 393; referentes ao cruzeiro religioso, 84; referentes a imagens, 93; refletidas na etiqueta, 244. Ver também "Etiqueta".

Atividades principais no Vale, 245.

Bailados populares, 412.

Bailes, 25, 51, 135, 144, 268, 324, 410.

Bailes pastoris ("bailes", "báles"), 142; lugares no Vale onde havia, 142, 143; natureza dos, 143; nomes das danças nos, 144.

Bandeirantes, 102.

Barra, 68, 80, 150, 180, 257, 335, 387, 389, 421.

Bata, 202.

Batismo, 62, 66, 147, 308; da criança, 62, 66, 308, 309, 310; por pessoa que não é padre, 309.

Belém, 151.

Belo Horizonte, 17, 39, 70, 129, 173, 181, 295, 335, 341, 386, 387, 388, 389, 450, 452, 461.

Benção, 20, 88; como dada por pessoa de maior idade, 21, 329; de padrinho (ou madrinha), 20, 24, 62, 297; do pai, 20, 51; gestos usados em dar a, 20; o pedido de, 20, 88, 329.

Benzedeiro (benzedeira), 47, 242, 297, 305.

Betim, 70, 71, 181.

"Boa educação", 5, 320; no que consiste a, 5; sua relação com prestígio, 6.

Bom Jesus da Lapa, 97; festa do, 96; igreja do, 100; "cabaças" do, 107.

Bom Jesus da Lapa (cidade), 96, 100, 110, 142, 144, 147, 341, 342, 347, 381, 385, 465.

Bom Sucesso, 86.

Brejo dos Padres, 151, 235.

Budistas, 69; seu número no Vale, 69.

Buriti dos Gerais, 371.

Búzios, 161, 162, 202, 237.

Cabo eleitoral, 343.

"Caboclicação", 217.

Cabrobó, 347, 364.

"Cacique" ("mestre")-de-toré, 199, 208, 234.

Caité, 70.

Cafuné, 306.

Caixão-de-misericórdia, 438.

Cajueiro, 412, 428, 429.

Cana Brava das Caldeiras, 142, 144.

Canções-de-berço, 302, 303.

Candomblé ("Xangô"), 198, 200; cantos sagrados do, 199; características gerais do, 199; dançarinas cerimoniais do, 199, 202; descrição de um, 202; desintegração de um, 204; divindades do, 199, 200; fusão cultural e o, 199, 236; líder do, 200, 201; "possessão" no, 199; supressão do, 199; trajes especiais usados no, 199, 202.

Cangaceiros, 251, 269, 274, 323.

Canudos, 104, 191, 192, 195.

Características pessoais e sociais, 7, 16, 408.

Carinhanha (cidade), 115, 173, 248, 368, 386.

Cariri, 150.



Carmo do Cajuru, 70.

Carrapicho, 237, 428.

Casa da Ponte, 103.

Casa-de-candomblé, 200.

Casamento, 295, 403; "de contato", 38; "na fogueira", 135; "ligeiro" "improvisado", 31, 38, 423; "em Uruguai", 38; em grupos, 422; como alvo universal, 39; anel de, 415; arranjado pelos pais, 34, 413; cerimônia de, 418; convites para o, 419; forma de, 37, 418; no civil em contraste com o religioso, 37, 287; entre primos carnais, 36, 54, 65; entre tios e sobrinhas, 36, 65; evitado no mês de agosto, 418; meses principais para o, 418; festas de, 9, 419, 423; idade para o, 416; mudanças quanto ao, 403; padrinhos para o, 63; pedido, 414; persistência de antigos controles da família sobre o, 34, 414; virgindade da mulher como pre-requisito para o, 408; como meio de garantir o *status* da mulher, 49, 407; como meio de manter e ampliar solidariedade grupal, 54, 58, 407; como "reparo" para defloração, 37, 422.

Casa-de-milagres, 99.

Católicos, 69; seu número no Vale, 69, 70.

Cavallhada, 141; como parte integral da cultura local, não tendo se tornado ainda "*folklore*", 141; e a festa do Divino, 141; em Bom Jesus da Lapa, 141.

"Cela-dos-antigos" ("festa-dos-antigos", "banquete-dos-maracas"), 222, 225, 226; "batismo-das-guias"), 222, 225.

Cemitério, 82, 86, 147, 148, 152, 153, 155, 166, 180, 182, 194, 270, 271, 406, 435, 438.

Cerrado (cidade), 6, 9, 12, 13, 17, 25, 36, 40, 49, 51, 54, 60, 61, 69, 71, 74, 76, 80, 87, 91, 96, 116, 120, 123, 124, 173, 241, 246, 268, 290, 312, 316, 324, 330, 335, 336, 337.

Ceticismo, 241; limite do, 241, 243, 458.

Chefe político, 254, 289, 291; satisfações derivadas do papel do, 255, 257.

"Cheirinho", 26, 306, 411.

Ciclo-de-vida, 295, 433.

Cinema, 72, 113, 270, 312, 322, 327, 409, 411, 459.

Classe social, 22.

Clube, 246, 289, 322, 330, 410.

Coentro, 428, 430.

Comarca, 68, 197, 283, 285, 286, 314.

Comerciante, 178, 189, 267, 275, 280, 349, 388, 460.

Compadres, 20, 22, 60, 61, 62, 63, 64, 246, 250, 252, 257, 309.

Compadrio, sistema de, 60; costumes indígenas que apoiam o, 61; função social do, 61, 62, 393; ocasiões em que se estabelece o, 62, 64, 66, 308; sanções supernaturais do, 61, 64; sua contribuição para a solidariedade grupal, 61; sua relação com a política, 62, 246, 250, 252, 257.

Comportamento político, 245, 252; em comícios, 267; em eleições, 179, 561; em reduzido porém aumentado grau quanto à política nacional, 251; e os "coronéis", 251, 259, 289; e os mais idosos, 60, 253, 288; e a Igreja, 251, 253; lealdade para com a família, para com o grupo de parentesco e para com o comrade, 60, 246, 250; e a violência, 56, 248, 252; líder do, 250, 265; mudanças quanto ao, 254, 288; nos municípios, 60, 261, 268; nas unidades políticas maiores do que o município, 251, 278; como meio de aumentar o *status* e prestígio do indivíduo, 59, 245, 249, 281; como meio de às vezes aumentar, outras vezes minar, a solidariedade grupal, 60, 252; como meio de aumentar o *status* e prestígio da mulher, 246; como determinante da escolha do nome do indivíduo, 247; como diversão, 245; como meio de garantir "proteção", 246, 253, 265; como uma das quatro principais atividades no Vale, 245; seus efeitos econômicos, 60, 246; seus efeitos quanto ao bem estar do indivíduo, 60, 250; seus efeitos sobre o processo de educação, 246, 376, 393.

- Conflito cultural, 67, 226, 393, 394; entre atuais "brancos" e "índios", 227; entre grupos de parentesco, 57, 60, 177, 394; referente à política, 227, 246, 249, 253, 260, 290; referente à religião, 67, 177, 217, 251, 394.
- Confrarias religiosas, 91.
- Congonhas do Campo, 77, 98, 108, 125.
- Cônjuges, 49, 407; expectativas de comportamento quanto aos 49, 408; relações entre, 49, 407.
- Contagem (Passagem), 341.
- Contacto racial e cultural, 67, 394.
- "Contra-mestre" (de toré), 37.
- Contrôle social, 29, 395, 403, 467; desenvolvimento do, 395; da etiqueta, 5; na família, 29, 54, 395, 403, 424; formas de, 5; quanto ao namoro, 409, 410.
- Coqueiro, 258, 289, 428.
- Coração de Jesus (cidade), 357.
- Coripós, 351, 453, 459, 465.
- Cordisburgo, 71.
- "Coronéis" ("mandões-da-terra"), 259, 289.
- "Corpo aberto", 405.
- Corredor, 466.
- Correntina (cidade), 341, 351, 465.
- Cortesia, 5, 6, 7, 8, 16, 20, 342.
- Couro do Porco (povoado), 12, 17, 20, 81, 120, 314, 320, 344, 384.
- Coveiro, 437, 438, 440.
- Criança, 295; batismo da, 62; canções para a, 302, 303; escolha do nome da, 310, 311; cuidados com a, 299; e a disciplina, 306, 307; papel da mãe quanto a, 49, 303; papel de outros membros da família quanto a, 303, 304.
- Crianças, 32; mortalidade, 33, 452; seu número por família, 33.
- Crias, 44; limitado número de, 45; relações entre pais adotivos e, 45, 51.
- Crisma, 63, 66.
- Cruzeiros (religiosos), 84, 122; atitudes para com os, 85, 86; de particulares, 85; descrição de alguns, 84, 85; localização de, 85, 86, 122, 123, 130.
- Curso supletivo, 355.
- Curvelo, 68, 341.
- Cuscuzero (povoado), 20, 21, 22, 26, 30, 31, 37, 39, 42, 63, 83, 86, 90, 92, 96, 108, 110, 121, 200, 250, 264, 266, 278, 296, 298, 299, 301, 315, 317, 323, 328, 338, 345, 347, 355, 356, 361, 377, 380, 382, 392, 397, 406, 410, 412, 416, 419, 423, 428, 453.
- Danças, 133, 135, 151, 177, 199, 202, 205, 214, 215, 216, 219, 220, 230, 234, 238, 247, 410, 411.
- Defloração, 37, 422.
- Defumação, 210, 238.
- Delegado-de-policia, 160, 171, 248, 251, 270, 277, 278, 350, 436.
- Despacho, 203, 226.
- Dias sagrados, 72; gradação entre os, 74.
- Dieta-do-parto (resguardo), 430.
- "Direito-a-sebaça", 286.
- Disciplina, 306, 329; sua inculcação na criança, 329, 361, escolar, 361; (instrumento usado pelos Penitentes), 153, 156, 157, 161, 167, 170.
- Ditados populares, 323, 329.
- Divinópolis, 71.
- Dotes, 416.
- Educação, 340; de adultos, 340, 390; áreas de interação em que se processa a, 340; atitudes para com a, 335; dois tipos de, 401; fora da comunidade em que residem os pais dos alunos, 388; fora da escola, 337, 384; grau de, 337; de iniciativa governamental, 367; de iniciativa



- particular, 367; interesse dos pais na dos filhos, 337, 338, 396; por meio de cursos especiais, 385, 386; por meio do sistema antigo de aprendizagem, 367, 379; necessidade de sua maior acomodação às realidades sociológicas, 390, 395, 400; seus problemas vistos por professores, 357, 396, 397, 398, 399; seus problemas vistos por um delegado-doensino, 396; seus problemas vistos de uma nova abordagem, 393, 400; programas de, 362; como transmissão cultural, 393. Ver também "Alunos", "Escolas".
- Eleições, 246, 249, 263, 290.
- Eleitores, 246, 263; número de, 263.
- "Encantados", 213, 215, 217, 236.
- Enchentes, 460.
- Engrossante (papinha), 323, 429.
- "Enramação", 214, 216, 222, 227, 238.
- Entérro, 435; assistido só por homens, 436; assistido só por meninos, 436, 439; cuidado quanto à posição da cabeça do defunto no, 437; de suicídios, 436; na biqueira da casa, 436; na igreja, 435; no cemitério, 436; nos "cemitérios-dos-pagãos", 436; em lugares onde os jazigos não estão perpétuos, 437; Missa-de-sete-dias depois do, 441; processo de, 437; sem Missa, 438; visita-de-cova depois do, 436, 441.
- Enxoval, 415, 416.
- Eremitas andarilhos, 99, 102, 103, 172.
- "Escola Rural", 345, 367, 376.
- Escolas, 334, 367; assuntos ensinados nas, 358; atitudes referentes às, 334, 340; como meio de transmissão cultural, 393; como sistemas sociais, 393, 400; em fazendas, 367; especiais, 368; municipais, 367, 374; normas estaduais, 369; paroquiais, 367, 381; particulares, 367, 378; "Reunidas", 367, 372; "Rurais", 367, 376; secundárias, 387; supletivas, 391; "Caio Martins", 386; descrição de algumas, 369, 371; equipamento das, 370, 381; frequência às, 351, 370, 376; exames nas, 364; vocabulário necessário para os exames nas, 365; nomes de algumas, 368; o papel predominante do governo no estabelecimento das, 367, 376; problemas quanto às, 395; programas das, 362, 370; e a política, 368.
- Escoteiros, 386.
- Escravos, 7, 53, 67, 102.
- Escrivão, 192, 278, 284, 313, 388.
- Esmeraldas, 386.
- Espinosa, 341.
- Espiritistas, 181; atitudes para com os, 190; descrição de algumas cerimônias em que participavam, 183, 185; diferentes ramos de, 182; função do culto de, 188; fusão de seu ritual, cerimônia e crença com às de outros cultos, 182; Kardecistas, 181; seu número no Vale, 69, 70, 181.
- "Espíritos Brancos", 217, 218, 238.
- Esposa, 18, 288; expectativas quanto à, 288; responsabilidades da, 408.
- Estado, 278; resistência local ao poder do, 278, 279, 280.
- Estudar em voz alta, 358.
- Etiqueta, 5; definição da, 5; nos bailes, 25; de fazer visitas, 20; de pedir (e dar) a bênção, 20; de pedir (e dar) esmolas, 27; de pedir (e dar) favores, 23; de saudar, 7, 10; quanto a espirrar, 26; quanto a fazer (e receber) presentes, 25, 329; quanto ao fumar na presença do pai, 26, 50, 62; quanto à hospitalidade, 8; quanto a oferecer (e aceitar) café, 7, 9, 18; quanto à roupa, 7; função social da, 5.
- Expectativas de comportamento, *passim*; quanto ao afilhado, 61; quanto à bênção, 206; quanto às características pessoais e sociais do indivíduo, 6, 322; quanto ao casamento, 34, 413; quanto aos cônjuges, 49, 407;

quanto ao compadre e comadre, 65; quanto a dar e receber presentes, 25, 62; quanto à dieta-do-parto, 430; quanto à etiqueta, 329; quanto ao filho, 22, 50; quanto aos noivos durante o noivado, 411, 415; quanto aos padrinhos, 62, 63, 64; quanto aos pais, 22, 50; quanto ao penitente, 150, 151; quanto ao papel da mulher, 408; quanto ao cumprir promessas, 106, 107; quanto às relações dentro da família, 49; quanto às saudações, 10; quanto às visitas, 11; sua variação de acordo com o subgrupo, 59.

Ex-votos, 85, 99, 106, 113.

Família, 29; do tipo conjugal, 29, 33; formação da, 40, 403; função econômica da, 30; funções da, 29; matrilocal, 31; patrilocal, 31; nomes de, 52, 312; número de filhos por, 33; relações dentro da, 56; variado uso popular do termo, 29. Ver também "Grupos de parentescos".

Fazendeiro, 243, 244, 251, 252, 253, 263, 272, 275, 277, 288, 289, 290, 302, 327, 349, 361, 369 415, 460.

"Fechar o corpo", 201, 429.

Feira, 172, 194, 202, 353, 354, 411, 412, 429.

Festa do Divino, 112, 117, 139, 140, 247; elementos seculares na, 134, 139.

Festa religiosa, 124; da Coroação de Nossa Senhora, 129; do Bom Jesus da Lapa, 96, 104, 125; da Mãe dos Homens, 126, 412; de Nossa Senhora de Conceição, 128; de Santo Antônio do Pambu, 97, 128, 130, 133; da Santa Cruz, 81, 85; de São Sebastião, 128; do Matozinhos, 78, 98, 108, 125. Ver também "Festa do Divino", "Festa de São Gonçalo".

Festas religiosas, 72, 124; adesão de elementos seculares às, 73; atividades nas, 74; de maior importância, 74, 124; ocasiões em que se têm, 73; juninas, 63, 117, 134; sua predominância sobre festas seculares, 73, 124; seu papel em estabelecer e manter coesão social, 75, 124, 410.

Festas seculares, 9, 69, 124, 133, 309, 324, 423.

Festa de São Gonçalo, 134, 135; cantos para a, 136, 137, 138; coreografia das danças, da 137; proscricões associadas, 135; sua parcial natureza religiosa, 135.

Festeiros, 87, 125, 140.

"Filhas-de-santo", 199, 201, 203; "preparo" das, 199.

Filhos, 295; disciplina dos, 229, 230, 232; naturais, 45, 51; seu número por família, 33; relações entre pais e, 50.

Flagelação (ver "Penitentes"), 161, 162, 163, 164, 167.

Fogueira de São João, 63, 64, 66, 97, 134, 135, 194.

Foguetes, 97, 107, 109, 119, 126, 127, 133, 141, 144, 194, 421.

"Footing", 129, 408, 409.

Franciscanos, 152, 170.

Frei Francisco de Soledade (Francisco de Mendonça Mar), 102, 103, 104.

Freiras, 178, 387, 390.

Fulniô, 61, 205, 210, 232, 233, 406.

Funcionário público, 180, 243, 247, 267, 278, 284, 349.

Funcionários sagrados, 87, 91.

Fusão cultural, 68, 235; quanto ao candomblé, quanto ao culto dos Espiritistas, 198, 182; quanto ao toré, 226.

Gabirola, 428.

Garrafão (povoado), 81, 96, 107, 117, 309, 311, 344.

Gerais (os), 12, 20, 26, 34, 43, 52, 81, 88, 96, 107, 117, 309, 310, 311, 314, 320, 327, 333, 338, 344, 384, 396, 408, 422, 441, 456, 459.

Gestos de conversa, 327.

Getúlio Vargas, 247, 256, 257, 262, 280.

Goiabeira, 185, 426, 428, 429.

Governo, 249; concepção mais generalizada a respeito do, 249, 280; obediência à autoridade do, 249, 286.



- Gravidez, prescrições e proscricções durante a, 425, 426.  
 Grupos-de-conversa, 19, 247, 248, 271, 324, 327.  
 Grupos-de-parentesco, 41, 52, 252, 373; desintegração de antigos, 30, 288.  
 Guardas, 350.  
 "Guias" (de toré), 137, 155, 189, 199, 211, 213, 226.  
 Guiné, 309.
- Herança cultural, 30, 39, 322, 323, 329, 446.  
 Hospitalidade, 7, 9, 18: convites de receber a, 7; refeição de convites de receber, 8, 423; como padrão universalmente esperado, 7, 8; como padrão seguido às vezes mais pela forma do que quanto à substância, 7; termos empregados em convites de receber a, 7, 8;
- Igê-sha, 201.  
 Igreja Nova, 96, 132, 341.  
 Igrejas, 77; antigas, 77; que são pontos de peregrinação, 77, 98, 99, 100; em Ouro Preto, 77, 78; em Sabará, 77, 78; de Protestantes, 71, 80, 84;  
 Ilha do Toré, 15, 20, 35, 72, 83, 130, 133, 135, 153, 154, 155, 159, 160, 161, 168, 185, 190, 198, 205, 211, 214, 225, 232, 235, 237, 313, 332, 434, 442.  
 Imagens, 76, 94; caminhanças, 98, 126; de casa, 95, 96; legendas sobre a origem de certas, 96, 97.  
 Imigrantes: espanhóis, 39; italianos, 39.  
 Imitação inconsciente, 324, 326.  
 Infância, alimentação durante a, 300; primeiros cuidados na, 300, 303.  
 Inimigo, complexo cultural quanto ao, 251.  
 Instrumentos musicais, 205; do candomblé, 205; do toré, 205, 211.  
 Interação, *passim*; da criança com as pessoas que a circundam, 321; de indivíduos de raças e culturas diferentes, 393, 458; e a transmissão da herança cultural, 322, 323, 329, 393.  
 Intercasamento, 59.  
 Irecê, 85, 122, 173, 174, 270, 339, 342, 347, 467.  
 Itacambira, 68.  
 Itacuruba, 151, 153.
- Jahn, Heinrich, 80.  
 Jânio Quadros, 282.  
 Januária, 7, 108, 307, 381, 388, 389.  
 Jatinã, 341.  
 Juazeiro (cidade), 12, 39, 55, 70, 71, 76, 80, 150, 180, 181, 184, 188, 195, 196, 198, 213, 269, 292, 326, 341, 347, 355, 386, 453, 459, 464.  
 Juça, 210.  
 Judeus, 69; seu número no Vale, 69, 70.  
 Juiz-de-direito, 8, 60, 69, 243, 249, 270, 273, 281, 284, 285, 286, 314, 330, 335, 366, 387.  
 Juiz de paz, 270.  
 Juizes-ordinários, 283, 284.  
 "Juremados", 217, 235, 239.  
 "Jurubari", 210, 240.
- Lagos sagrados, 86.  
 Lamentação ("alimentação") das almas, 146, 150; lugares no Vale onde ainda existe, 146; cânticos da, 149; chefe (ou "dono") da, 148; número de participantes numa, 148; os sete passos da, 149; a penalidade para interromper participação na, 148; separação dos sexos na, 148.  
 Lavrador, 155.  
 Lazer, 245, 323.  
 Ledores-de-mão, 406.

- Lendas, 97, 102, 104, 323.  
 Língua, primeira tentativa para falar a, 323.  
 Livro de São Cipriano, 239.  
 Loas: de "cachaça", 10; de maconha, 10.  
 Lugares sagrados, 72, 86.  
 Luto, 441; costumes antigos de, 441; duração do, 442; mudanças quanto aos costumes de, 441; novos meios de simbolizá-lo, 441; uso de roupa preta para simbolizá-lo, 441.  
 Macaúbas, 142, 360.  
 Maçonaria, 180; atitudes hostis para com a, 180, 181.  
 "Mãe-de-santo", 199, 201, 202, 203.  
 Malhação de Judas; 145; "testamento" para a, 145.  
 Malhada, 84.  
 Manducação do alimento da criança, 300, 301, 302.  
 Manga (cidade), 21, 53, 180, 341, 347, 361, 368.  
 Maometanos, 69; seu número no Vale, 69.  
 Maracá, 106, 199, 205, 211, 214, 218, 219, 220, 224, 225, 226, 237, 238.  
 Marcela, 425, 426, 428.  
 Marido, expectativas quanto ao, 40; responsabilidades do, 40.  
 Marmeleiro, 223.  
 Marrecas (povoado), 21, 30, 34, 63, 82, 107, 121, 147, 252, 256, 298, 396, 404, 418, 423, 436, 437, 441, 456, 459.  
 Marujada, 144.  
 Mastro, 140.  
 Matias Cardoso, 53, 79, 253.  
 Matosinhos, 109.  
 Matraca, 75, 146, 148, 149.  
 Menstruação ("regras", "estar-de-boi"), 404, 405; "choque" psicológico da, 404; dieta especial para a época da, 404; o prevenir sobre a, 404.  
 Miscigenação, 68, 456.  
 Missa, 87, 88, 116, 140; assistência à, 116; atitudes para com a, 117, 118; de tipo especial, 116; foguetes usados na, 119; horas para a, 116; improvisada, 117; ocasiões em que se celebra a, 117; separação dos homens, mulheres e crianças para a, 116, seu papel preeminente no Vale, 116.  
 "Modelos" para a vida, na opinião de escolares, 394.  
 Modéstia, 16; meios de mostrar a, 17.  
 Monte Azul, 404.  
 Montes Claros, 70, 143, 173, 465.  
 Morrinhos, 68, 79.  
 Morte, 295, 433; sua notícia anunciada pelos sinos da igreja, 433; atitude geral para com a, 433; papéis diferentes quanto ao sexo dos assistentes na ocasião de, 434; variação com sexo e idade no caixão usado em ocasião de, 435; visitas na ocasião de uma, 434.  
 Mudanças sociais, 288, 458, 460; quanto ao casamento, 403; e as cidades, 459, 460; quanto aos costumes de luto, 441; referentes à crença, 68; e o declínio em prestígio dos fazendeiros, 254, 288, 289, 290; seus efeitos sobre a política, 254, 288, 290; e as elites, 288, 289, 290; quanto à etiqueta, 322; quanto ao culto dos Penitentes, 169; quanto à família, 288; entre gerações, 393; quanto ao namôro, 408; e os Protestantes, quanto ao status e papel dos "coronéis", 286, 288; quanto aos status e papel da família e do grupo-de-parentesco, 33, 52, 252, 288.  
 Municípios, 268; como as unidades de maior atividade política, 268; desmembramento de, 265, 269; rivalidade quanto à sede de, 265; seu número no Vale, 269.  
 Mutirão (batalhão etc.), 124, 411, 412, 460.  
 Nagô, 201, 208, 239.



- Namoro, 124, 295, 403, 408; antigo, 408; considerado noivado, 410; "de olhar", 408; e classe, 409; nas festas, 409; fora da casa, 409; infantil e adolescente, 410; mudança no, 410; oportunidade para o, 409; "para casar" e "para brincadeira", 410.
- Nascimento, 295; banho do recém-nascido depois do, 299; predizer o sexo da criança antes do, 295; em casa, 296; preparos para o, 296; registro do, 300, 313; tratamento do umbigo depois do, 297.
- Negociante, 280, 349.
- Noiteiros, 130.
- Noivado, 408; duração do período do, 416; expectativa quanto aos noivos durante o, 411, 413.
- Nome para o recém-nascido, 310; escolha do, 310, 311; quem escolhe o, 310, 311.
- Nomes de família, 312, 314; variação quanto ao seu uso pelo filho, 312, 314.
- Nossa Senhora: Aparecida, 96; da Corrente, 80; das Candeias, 75; das Dores, 97, 132; das Graças, 97; das Mercês, 78; da Conceição, 74, 75; de Piedade, 74; do Rosário, 78, 80; do Bom Parto, 95; do Carmo, 75, 78, 96; do Matosinhos, 128; do Perpétuo Socorro, 96, 121; do Pilar, 77; Mãe dos Homens, 75, 76, 97, 108, 424.
- Nosso Senhor do Bomfim, 96, 123, 237; Bom Jesus da Lapa, 75; Bom Jesus da Misericórdia, 75; Bom Jesus dos Navegantes, 75, 77, 96, 128; dos Passos, 96, 131; Morto, 96.
- Nova Lima, 173, 341, 351.
- Novenas, 104, 116, 122, 412; ocasiões em que há, 104, 122; significados ortodoxo e popular do termo, 122.
- Oratórios, 76, 82, 91, 193, 326.
- Orixá ("inquire"), 199, 200, 205, 237; Exu, 200, 203, 240; Imelê, 204; Locô, 203; Ogun, 201; Oxum, 202, 203; Xangô, 202; Yemanjá (Janaina), 202, 204.
- Ortodoxos, 69; seu número no Vale, 69, 70.
- Ouricuri (cerimônia), 205, 232, 233, 234, 236, 406; palmeira, 47, 413.
- Ouro Preto, 77, 99, 248, 267, 340, 387, 435.
- Ouvidores, 283, 284.
- Padre, 68, 82, 87, 308, 309, 310, 335; papel do, 64, 87.
- Padre Cícero Romão Batista ("Padrim Cirço"), 77, 89, 98, 108, 158, 189.
- Padrinhos, 61; "de apresentação", 64; de batismo, 62, 308, 310; de casamento, 63, 419; de consagração, 64; de crisma, 63, 66; "de fogueira", 63, 66; a benção dos, 62, 63; as obrigações dos, 61, 62; a seleção dos, 62.
- Padrões ideais, 458; não sempre seguidas, 458.
- Pageu (vila), 151.
- "Pai-de-santo", 199, 235; descrição de um, 200, 201, 202, 203.
- Palmas de Monte Alto, 351.
- Palmatória, 331, 332, 358, 359, 361, 379.
- Pambu, 109, 214.
- Pancararu (Pancarú), 151.
- "Pano-da-costa", 202.
- Pão de Açúcar, 67.
- Papel social, 455; concepções de, 455; de "chefes políticos", 254, 288; de cônjuges, 49; de pais, 322; de professoras, 322, 339, 400.
- Paraopeba (cidade), 71, 84, 98, 341, 404.
- Paratinga (Urubu, Rio Branco), 79, 103.
- Parteira ("curiosa", "entendida", "assistente"), 47, 190, 296, 297, 298, 305, 310, 330, 426, 428.
- Partidos políticos, 247, 252, 257, 273; ligados a facções, 252; ligados a pessoas de prestígio, 60, 252, 257.

- Parto, 405, 426; assistindo a mãe durante o, 428; banhos depois do, 429; descanso depois do, 429; dieta depois do, 430; meios empregados para ajudar, 427; proscricões durante o, 428; "rezas" usadas para o, 427; tratamento da placenta depois do, 427, 428; visitas depois do, 429.
- Passagem Grande (cidade), 8, 9, 10, 15, 23, 25, 26, 31, 36, 37, 38, 40, 43, 46, 48, 59, 63, 72, 86, 90, 92, 94, 96, 107, 114, 118, 121, 122, 125, 126, 127, 129, 133, 134, 145, 172, 177, 182, 198, 199, 205, 207, 210, 214, 216, 225, 235, 247, 252, 256, 269, 271, 290, 296, 297, 303, 308, 310, 311, 312, 316, 324, 325, 329, 330, 340, 345, 353, 378, 390, 397, 398, 405, 416, 422, 426, 429, 433, 441.
- Passaroto, 344.
- Paternidade, 403, 423.
- Pau-piranha, 428.
- Pedra-de-raio, 202.
- Pedra-ume (planta), 429.
- Penedo, 55, 80, 107, 177, 181, 182, 198, 296, 347, 396, 456.
- Penitentes, 146, 150; atitudes para com os, 157; características pessoais dos, 151; circunstâncias que favorecem o culto dos, 152, 169; de diferentes classes sociais, 150, 155; curação da flagelação dos, 152; lugares em que se flagelam os, 146, 151, 152; meios de flagelação dos, 151; tratamento dos cortes dos, 152; líder de, 152, 156; lugares no Vale onde há, 151, 152, 155; mudança quanto ao culto dos, 157; número de, 152, 155; origem do culto dos, 151, 158; "preparo" dos, 157; proscricões quanto ao comportamento dos, 152, 156, 160, 169; razões dadas para se tornar um dos, 156; repressão do culto dos, 152, 155; requisitos para entrar no grupo dos, 156; rezas dos, 154, 155, 163; roupa dos, 151, 158; sigilo e os, 153, 154, 159, 160.
- Pesqueira, 14, 19, 21, 30, 34, 37, 40, 46, 51, 54, 63, 71, 96, 97, 107, 112, 117, 132, 135, 139, 146, 147, 150, 154, 155, 161, 171, 174, 182, 252, 256, 262, 263, 286, 289, 291, 298, 304, 311, 314, 316, 318, 324, 325, 331, 337, 338, 344, 345, 354, 355, 359, 366, 372, 374, 384, 389, 391, 395, 396, 404, 405, 409, 411, 423, 425, 433, 435, 436, 456.
- Petrolândia, 55, 274, 314, 347.
- Petrolina, 80, 108, 119, 229, 274, 381, 453.
- Piranhas, 251.
- Pirapora, 17, 40, 55, 95, 100, 173, 180, 265, 267, 269, 281, 283, 292, 347, 386, 387, 388, 464.
- Poetas, 351.
- Porto da Folha, 351.
- Porto Real do Colégio, 72, 198, 232, 235, 236, 428.
- Português, 67.
- Prece para pedir chuva, 112, 123.
- Prefeito, 45, 54, 57, 69, 131, 179, 249, 250, 251, 256, 257, 265, 267, 269, 270, 271, 273, 274, 275, 290, 368, 370, 374, 393, 398.
- Presentes (agrados), 23; em que se consistem os, 23; etiqueta de oferecer e receber, 25; entregando os de outros, 24; ocasiões em que se dão, 23, 24, 265, 266, 411.
- Presépio, 143, 145, 363.
- Prestígio, 246, 400; e "boa educação", 320.
- Primo: carnal, 54; colateral, 54.
- Processos jurídicos, 283; seu conflito com práticas populares de longa duração, 286.
- Procissão, 69, 85, 123, 128, 131; de longo comprimento, 106, 412.
- Professoras, 278; suas atitudes frente ao trabalho, 354, 359, 395; carreiras de, 353; estranhas ao meio onde ensinam, 355, 395; "leigas", 353, 379; número de, 353; e os pais de meninos que não frequentam a escola, 355; seus papéis como extensão dos da família, 357; e a política, 267, 278, 356, 397; preparo de, 353; seleção de, 356, 397, 400.
- Programa escolar, 362, 366, 378; divisão do ano de acordo com o, 362.



- Promessas, 91, 110; necessidade de cumprir, 109, 110, 113, 114, 137; ocasiões em que se fazem, 103, 109; casos de, 108, 109, 110, 111, 112.
- Promotor público, 69, 174, 249, 285, 335, 350, 366, 387.
- Propriá, 47, 55, 132, 341, 347.
- Proscrições: quanto aos alimentos, 226, 288, 394, 405, 429; quanto aos banhos, 208, 429; quanto ao comportamento do penitente, 157; quanto à conduta do filho na presença do pai, 50; na época da menstruação, 405; durante a gravidez, 425; no noivado, 411, 415; durante o parto, 427, 428; quanto à festa de São Gonçalo, 135; quanto à presença de estranhos na cerimônia do ouricuri, 206; quanto às relações sexuais entre compadres, 65; durante a Semana Santa, 160, 196, 242.
- Protestantes, 37, 69, 173, 326; concepções populares quanto às características dos, 175, 178; hostilidade para com os, 174, 175, 178; primeiras igrejas de, 173; uma reunião de, 176; seu número no Vale, 69, 70, 173; e a mudança social, 173.
- Provérbios, 323, 329.
- Puberdade, 404.
- Quebra-faca-(caatinga-branca), 223, 225.
- Queito, 201.
- Quitoco, 428, 429.
- Rádio, 268, 278, 280, 322, 459.
- Relações: entre cônjuges, 30, 49, 407; entre crias e pais adotivos, 30, 51; entre irmãos, 51; entre padrinhos e afilhados, 60; entre pais e filhos, 30, 50, 328; entre "protetor" e "protegido", 251, 253, 254, 265, 289; entre governador e governado, 249, 280; de poder, 251, 257, 280; sociais, sistema de, 321, 400.
- Religião, 67; de origem afro-brasileira, 67; de origem indígena, 67; mudança de atitudes e comportamento com referência às anteriores práticas de, 68; números de praticantes no Vale das várias formas de, 69; um símbolo no meio do Rio São Francisco da, 67; sua forma predominante no Vale, 70, 71.
- Remanescentes: culturais, 67, 72, 321; de indígenas, 72, 205, 232, 406.
- Resguardo, ver "Dieta-do-parto", 430.
- Respeito para com os mais velhos, 58.
- Retiro (localidade), 14, 40, 42, 54, 61, 62, 74, 76, 88, 91, 117, 121, 123, 128, 145, 259, 265, 289, 311, 324, 336, 339, 353, 361, 369.
- Rezas, 92, 93, 116, 120; diferentes significados para o termo, 95, 120.
- Rio Branco, ver "Paratinga", 79, 103.
- Rio Rico (cidade), 24, 31, 34, 38, 42, 54, 96, 107, 111, 113, 173, 180, 246, 257, 259, 263, 304, 310, 316, 324, 327, 328, 337, 369, 375, 385, 388, 410, 411, 413, 421, 434, 438.
- Rodas de "bater-papo", 10.
- Rodelas, 72, 198, 208, 212, 216, 228, 230, 235.
- Romarias, 99, 247; para Congonhas do Campo, 99; para Bom Jesus da Lapa, 100, 104, 106, 125; para Juazeiro "de meu Padrim Cirço", 98, 108; outros pontos de, 106, 107, 108, 124, 126, 128.
- Rui Barbosa, 245.
- Sabará, 7, 77, 78, 86, 283.
- Sacristão, 87, 90, 91, 120, 243, 280, 385, 440.
- Salgado, 68.
- Salitre (cidade), 150, 157, 159, 160, 162, 170.
- Santa: Bárbara, 202, 207, 237; Cruz, 74, 91, 95, 128, 129; Luzia, 75, 76; Quitéria, 7; Rita, 111; Tereza, 207.
- Santana do Ipanema, 73, 385, 388, 389.
- "Santa Missão", 86.

- Santo: Antônio, 74, 94, 128, 406; Antônio de Lisboa, 207, 237; Onofre, 207.  
 Santo "casamenteiro", 94, 406.  
 Santos, 93; falta de distinção popular entre imagens e, 94, 98; inclusão de Jesus e a Virgem Maria entre os, 95; juninos, 97; padroeiros, 96, 128, 131, 132; prediletos, 96; variado comportamento referente aos, 95, 97.  
 São: Benedito, 77; Bento, 95, 163; Cosme e Damião, 96, 207, 237; Francisco de Assis, 82; Francisco de Borja, 76, 96, 128; Francisco de Paula, 78; Jerônimo, 207; João, 74, 128; Jorge, 207; José, 74; Longuinho, 94, 207; Lourenço, 94; Paulo, 75; Pedro, 74, 75, 76, 232; Sebastião, 74, 76.  
 Saudações, 10; e *status*, 10; expectativas quanto às, 12; variados meios de fazer, 11; versos usados às vezes em, 15, 16.  
 Sebastianistas, 197.  
 Seitas incipientes, 191, 326.  
 Senhor do Bomfim (cidade), 71, 173, 181.  
 "Sentar-mesa" ("serviço-de-mesa", "trabalho-de-ciência"), 223, 225.  
 Sentir-se ofendido, 9.  
 Sertânia, 70.  
 Sertão Novo (cidade), 14, 19, 20, 67, 71, 72, 75, 76, 85, 91, 94, 96, 108, 110, 111, 115, 117, 119, 130, 132, 133, 145, 146, 150, 155, 174, 190, 229, 249, 252, 255, 270, 273, 274, 282, 298, 300, 312, 345, 355, 361, 373, 384, 390, 392, 405, 429.  
 Sete Lagoas, 70.  
 Shocó, 232, 234, 235.  
 Shucuru, 205, 209, 210, 217.  
 Significados, o meio pelo qual a criança os obtém, 323.  
 Sinal-da-cruz, 91, 428, 429.  
 Sincretismo, 201, 202, 208, 212, 217, 235.  
 Sipe, 61, 233, 234, 235, 406.  
 Sistema de "protetor" e "protegido", 251, 286.  
 São Francisco (município), 180, 386.  
 São Gonçalo do Pará, 341.  
 São João da Ponte, 341, 404.  
 São José do Egito, 71.  
 São Romão, 267, 284, 285, 375, 388, 404, 434, 452, 459, 464.  
 Socialização da criança, 295, 394.  
 Solteira, 48; *status* da, 48.  
 "Sombreação", 214.  
*Status* dos mais velhos, 58, 253; e a professora, 400; e saudações, 10; da solteira, 48, 406; e termos de tratamento, 22.  
 Sucuriu (povoado), 12, 111, 120, 173, 314, 333, 344, 398, 422.  
 Tamoleiro Grande, 26.  
 Tacaratu, 72, 151, 198, 376, 450.  
 Termos de tratamento, 22.  
 Termos (jurídicos), 283.  
 Toré, 86, 198, 236; "batismo" de maraca ou cachimbo para usar no, 211; cantos sagrados do, 207, 212; características gerais do, 205; danças cerimoniais do, 206, 213, 216, 222; descrição de um centro do, 207, 213; e desejo de segurança, 206; e solidariedade grupal, 206; divindades do, 211; sua função principal na ilha do Toré, 205, 213; horas das cerimônias de um, 222; infusão de jurema usada no, 209, 210; instrumentos sagrados do, 205, 211; líder do, 207; posseção no, 213, 221, 232, 234; sua revivescência na Ilha do Toré, 206, 226; trajes especiais para o, 208; terreiro de um, 207; uso de alface no, 220; uso de fumo no, 214; sua variação como se pratica entre os Fulniôs de Águas Belas, 205, 232.  
 Tradições arábicas, 7.



Transmissão cultural, 321, 393, 394, 446.

Umburana (imburana), 210.

Valores, 394.

Velório, 412, 434.

Vereadores, 249, 257, 268, 269, 366; descrição de uma reunião de, 275, 277.

Vestígios, de cicatrizes tribais, 232; de culturas indígenas, 68, 232, 393; de linguagem africana, 71, 393; de religião africana, 68, 71, 205 (V. *Remanescentes*).

Virgem Peregrina de Fátima, 108.

Visitas, 8, 18; expectativas quanto às, 18; sua variação quanto ao sexo, 19.

Viúvas, 46, 47; número das, 46; sua proporção na população total do Vale, 47.

Xangô (seita), veja *Candomblé*, 198, 202, 203, 204, 236.

Xique-Xique (cidade), 71, 180, 196, 347, 456.

Zabumba, terno de, 122, 133, 134, 205, 412.

Zeladoras, 87, 90, 132.

800004-6

CODEVASF

DPIB - PATRIMÔNIO

N.º 23.1.073.003.00

Preço:

Data:

N. FISCAL



em português, pela José Olímpio Editora em 1966. Ainda em 1945, por iniciativa do Prof. Lourenço Filho, a Cia. Melhoramentos de São Paulo inseriu, em volume, sob o título de *"Teoria e Pesquisa em Sociologia"*, uma série de artigos e estudos que o autor escrevera para revistas brasileiras, do qual, para se avaliar sua aceitação, já saiu a 14ª edição em 1972. Em 1950, em colaboração com outros especialistas, fez uma viagem de levantamento social ao longo do Rio São Francisco, parando, durante os dois meses desta viagem, em onze cidades, para fazerem breves inquéritos. Baseados nesses estudos preliminares, ao regressarem a São Paulo, escolheram cinco pares de localidades situadas no Vale para os estudos sistemáticos subsequentes. Assim foi que nasceu o presente livro, em três tomos, intitulado *"O Homem no Vale do São Francisco"*.

A antiga Comissão do Vale do São Francisco firmara convênio com a Escola de Sociologia e Política de São Paulo, através do qual, seria realizado "sob a supervisão e coordenação direta do Professor Donald Pierson, membro de seu corpo docente, e representante, no Brasil, do *Institute of Social Anthropology da Smithsonian Institution*, um inquérito ecológico e sociológico no Vale do São Francisco". A leitura desta obra, cuja publicação se deve aos esforços da atual direção da Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE) — em que se transformou aquela Comissão, basta, por si mesma, para atestar sua importância e a de seu eminente autor. Nos anos de 1960 e 1961, o Prof. Donald Pierson lecionou na cidade do México em curso instituído pela OEA para bolsistas latino-americanos de pós-graduação em ciências sociais aplicadas. De 1963 a 1964 como "Guggenheim Fellow" fez pesquisas em Portugal e Espanha sobre elementos mais característicos das duas culturas, voltando, em 1966, a Portugal, como "Fulbright Lecturer" junto ao Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina da Universidade Técnica de Lisboa.

Além das obras citadas, o Prof. Donald Pierson é também autor de *"Survey of the Literature on Brazil of Sociological Significance Published up to 1940"* (Harvard University Press, Cambridge, 1945); *Race Relations in Portuguese America* (University of Hawaii Press, 1955); *Estudos de Ecologia Humana* Livraria Martins Editora, 2ª ed., 1970; *Estudos de Organização Social*, Livraria Martins Editora, 2ª ed., 1970, além de muitos artigos sobre pesquisa, método e teoria sociais publicados em revistas eruditas especialmente do Brasil e dos Estados Unidos.

Com o lançamento de mais esta importante obra a SUVALE registra o primeiro quinquênio de sua existência administrativa, e apresenta, sem dúvida alguma, a maior e melhor contribuição até o momento incorporada à já extensa bibliografia de estudos sobre o Vale do São Francisco.